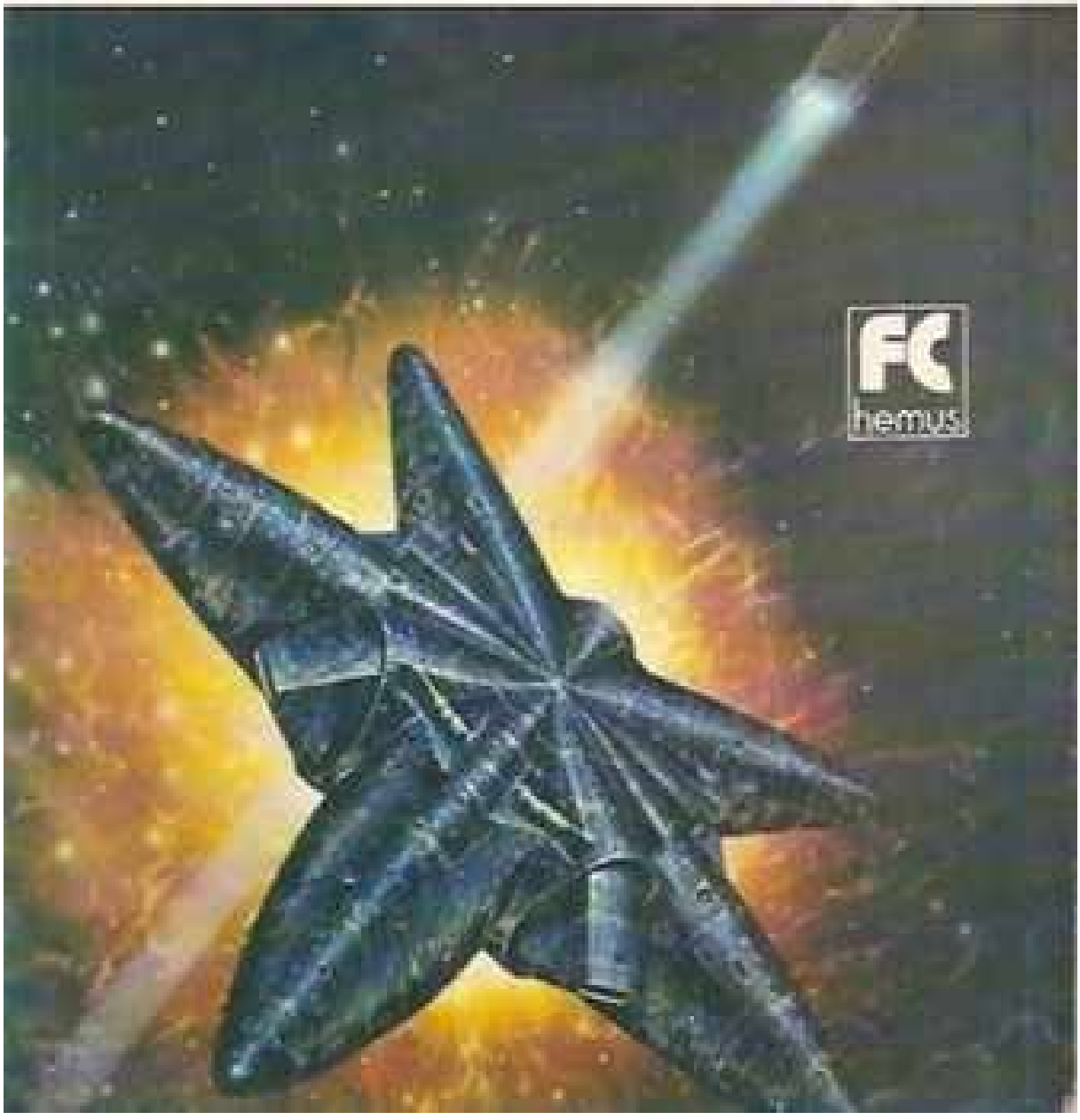
# ISAAC ASIMOV

## O CAIR DA NOITE



# O Cair da Noite

A constrangedora história de um mundo com sol eterno subitamente lançado à escuridão total e loucura absoluta; um robô purista; uma máquina que deseja aperfeiçoar-se... Coletânea organizada pelo "Bom Doutor" contém aquele que é considerado O Melhor Conto de Ficção Científica de Todos os Tempos, O Cair da Noite.

*Título Original:* ***NIGHTFALL AND OTHER STORIES***
*Copyright © **1969** by **Isaac Asimov***

*A John W. Campbell Jr.*
*por ter tornado "O Cair da Noite" possível,*
*e por trinta anos de amizade;*

*e*

*À memória de Anthony Boucher*
*e Groff Conklin*

O Cair da Noite (“Nightfall”) foi um divisor de águas em minha carreira profissional. Quando o escrevi, acabara de completar vinte e um anos. Estivera escrevendo profissionalmente (no sentido de estar apresentando minhas obras a revistas e, ocasionalmente, vendendo-as) por dois anos e meio, mas ainda não criara volume. Publicara então cerca de doze contos e não conseguira vender uma dúzia de outros.

Então, John W. Campbell Jr., editor de *Astounding Science Fiction*, mostrou-me a citação de Emerson que começa com O Cair da Noite. Nós a discutimos; então fui pala casa, e no decurso das semanas seguintes, escrevi a história.

Agora, vamos esclarecer uma coisa. Não escrevi esta história de modo diferente de todas as anteriores - ou, sequer, do modo como escrevi minhas últimas histórias. No que se refere a escrever, sou um completo e acabado primitivo. Nunca recebi nenhum treinamento formal para isto, e até hoje não sei Como Escrever.

Simplesmente escrevo do modo e tão depressa quanto me vem à mente escrever.

E foi assim que escrevi O Cair da Noite.

O Sr. Campbell nunca envia cartas de aceitação. Ao invés disso, envia cheques, e muito prontamente, o que é um modo excelente de tratar do negócio. Sempre achei isto excitante. Recebi um cheque por O Cair da Noite, mas meu choque inicial de alegria foi quase instantaneamente afogado pelo fato de o Sr. Campbell ter se enganado.

O pagamento normal naquele tempo era de um magnífico centavo por palavra. (Não estou me queixando, amigos, eu gostava de recebê-lo). A história tinha 12.000 palavras e, portanto, eu esperava US$ 120,00, mas o cheque era de US$ 150.00.

Gemi e resmunguei. Seria tão simples retirar o cheque sem fazer perguntas, mas os Dez Mandamentos, como pregados para mim por meu severo e inamovível pai, faziam absolutamente necessário chamar o Sr. Campbell imediatamente e providenciar um cheque novo e menor.

E afinal, não havia engano. A história pareceu tão boa para o Sr. Campbell que ele me concedeu uma bonificação de 1/4 por palavra.

Nunca, até então, tinha recebido tamanho pagamento por qualquer conto, e aquilo era apenas o começo. Quando a história foi publicada, recebeu o lugar principal e a capa.

E o mais importante, subitamente fui levado a sério, e o mundo da ficção científica começou a perceber que eu existia. Com o passar dos anos, de fato, tornou-se evidente que eu havia escrito um “clássico”. Já apareceu em dez antologias, que eu saiba - incluindo uma inglesa, uma holandesa, uma alemã, uma italiana e uma russa.

Devo dizer, porém, que com o tempo, comecei a sentir alguma irritação quando me diziam, repetidamente, sempre, que O Cair da Noite era minha melhor história. Parecia-me, afinal, que, muito embora eu não saiba mais sobre Escrever agora do que então, a simples prática deveria ter-alie feito mais proficiente, tecnicamente, a cada ano.

A coisa me atormentou, de fato, até que a ideia date livro me veio à mente.

Nunca Incluíra O Cair da Noite em nenhuma de minhas coleções de coleções de contos, porque me parecia ter sido tantas vezes reproduzida em antologias que deveria ser familiar a todos os meus leitores. Talvez ainda não aconteça assim. A maioria dos meus leitores ainda nem tinha nascido quando a história foi publicada

pela primeira vez, e talvez muitos deles nem viram aquelas antologias.

Além do que, se é minha melhor história, então eu a quero numa de minhas próprias antologias. Também posso incluir outras histórias minhas que tiveram sucesso de um modo ou outro, mas que ainda não apareceram em nenhuma de minhas próprias coleções.

Assim, com a gentil permissão da editora Doubleday, preparei O Cair da Noite com todas elas na ordem de publicação. O Cair da Noite é a primeira, e você poderá constatar por si mesmo como meu estilo evoluiu (ou involuiu) com o tempo. Então você poderá decidir sozinho por que (ou se) O Cair da Noite é melhor que as outras.

Não sei o suficiente sobre Escrever para dar uma opinião.

*O Cair da Noite. Publicado pela primeira vez em Astounding Science Fiction, setembro de 1941. Copyright 1941 por Street & Smith Publications, Inc. Copyright renovado, 1968, por Isaac Asimov.*

# O Cair da Noite

*"Se as estrelas aparecessem uma noite em mil anos, como poderiam os homens acreditar e adorar e preservar por muitas gerações a lembrança da cidade de Deus?"*

*Emerson*

Aton-77, diretor da Universidade Saro, estendeu um agressivo lábio inferior e encarou fixamente, com ar de fúria, o jovem jornalista.

Theremon-762 enfrentou essa fúria sem hesitação. No começo de sua carreira, quando a sua coluna, agora amplamente conhecida, era apenas uma ideia louca na cabeça de um repórter, ele se especializara em entrevistas "impossíveis". Isso lhe custara ferimentos, olhos roxos e ossos quebrados; mas lhe dera uma grande dose de sangue-frio e autoconfiança.

Assim, baixou a mão que estendera ao velho diretor e que fora tão acintosamente ignorada e aguardou calmamente que passasse a tempestade. Os astrônomos eram tipos esquisitos, sem dúvida, e mesmo que as atitudes de Aton nos dois últimos meses nada significassem, ele era, sem dúvida, o mais estranho de todos os astrônomos.

Aton-77 recuperou a voz e, embora tremesse de emoção contida, a terminologia cuidadosa e um tanto pedante que lhe era característica se manteve.

- Meu jovem - disse - você demonstrou uma coragem infernal ao me procurar com essa proposta atrevida.

O robusto telefotógrafo do Observatório, Beenay-25, passou a ponta da língua pelos lábios secos e interferiu nervosamente:

- Bem, senhor, afinal de contas...

O diretor voltou-se para ele franzindo as sobrancelhas brancas.

- Não se intrometa, Beenay. Estou certo de que você teve a melhor das intenções trazendo este homem aqui; mas não tolerarei qualquer insubordinação.

Theremon percebeu que chegara a sua vez.

- Diretor Aton, se o senhor permitir que eu acabe de falar o que comecei, penso que...

- Não creio, meu jovem - interrompeu Aton que qualquer coisa que você possa dizer agora tenha muita importância se comparada à sua coluna diária dos dois últimos meses. Você gastou toneladas de papel numa campanha contra os esforços feitos por mim e por meus colegas para levar o mundo a se organizar contra a ameaça que, agora, é tarde demais para evitar. Você fez o que pôde, com seus violentos ataques pessoais, para ridicularizar a equipe deste Observatório.

O diretor apanhou de sobre a mesa um exemplar da "Crônica" da cidade de Saro e agitou-o, furioso, no nariz de Theremon. - Até mesmo uma pessoa de sua notória imprudência teria hesitado em me procurar solicitando permissão para cobrir os aconte-

cimentos de hoje para o seu jornal. Ora, de todos os jornalistas, teria que ser você!

Aton atirou o jornal ao chão e caminhou para a janela, cruzando as mãos às costas.

- Fora daqui! - resmungou por sobre os ombros. Olhou pensativamente para o horizonte, onde Gamma, o mais brilhante dos seis sóis do planeta, estava se pondo. Ele já se tinha esmaecido e se tornara amarelado na névoa do horizonte, e Aton sabia que jamais voltaria a vê-lo como um homem são.

Voltou-se rapidamente: - Não, espere, venha aqui! - Fez um gesto decidido. - Eu lhe darei sua história.

O jornalista não tinha feito qualquer movimento para sair. Aproximou-se vagarosamente do velho. Aton apontou para fora. - Dos seis sóis, apenas Beta permanece no céu. Pode vê-lo?

A pergunta era inteiramente desnecessária. Beta estava quase no zênite; sua luz avermelhada inundava o céu com um alaranjado incomum, enquanto os brilhantes raios de Gama desapareciam. Beta estava no afélio. Parecia pequena, menor do que jamais Theremon vira, antes e no momento era o senhor inconteste do céu de Lagash.

O próprio sol da Lagash, Alfa, em torno do qual ele girava, estava em posição diametralmente oposta, assim como seus dois distantes pares. A anã vermelha, Beta - companheira imediata de Alfa - estava só, terrivelmente só.

O rosto de Aton, voltado para cima, tingia-se de vermelho com a luz solar. - Exatamente em quatro horas - disse - a civilização, tal como a conhecemos, chegará ao fim. Isso acontecerá porque, como você vê, Beta é o único no céu. - Sorriu tragicamente. - Publique isso! Não haverá ninguém para ler.

- Mas se essas quatro horas passarem - e mais quatro - e nada acontecer? - perguntou suavemente Theremon.

- Ora, não se preocupe. Muita coisa acontecerá.

- Está bem. Mas eu insto. E se nada acontecer?

Pela segunda vez, Beenay-25 falou:

- Acredito, senhor, que deveria ouvi-lo.

- Vamos pôr o assunto em votação, diretor Aton - interveio Theremon.

Os outros cinco membros da equipe do Observatório, que até então tinham permanecido em atitude de cautelosa neutralidade, agitaram-se.

- Não - disse Aton - não será necessário. Olhou para o relógio de pulso. - Uma vez que seu bom amigo, Beenay, insiste tanto, eu lhes concederei cinco minutos. Podem falar.

- Certo! Sendo assim, que diferença fará se o senhor me autorizar a fazer um relato pessoal sobre o que está para acontecer? Se as suas previsões se confirmarem, minha presença não terá a menor importância, pois nesse caso minha coluna jamais será escrita. Por outro lado, se nada acontecer, o senhor só terá a esperar o ridículo ou coisa pior. Seria inteligente colocar esse ridículo em mãos amigas.

Aton fungou. - Você se refere a si mesmo quando fala de mãos amigas?

- Sem dúvida! - Theremon sentou-se e cruzou as pernas. Minhas colunas podem ter sido um tanto rudes, mas sempre dei a vocês o benefício da dúvida. Afinal de contas, não estamos num século em que se possa afirmar: "O fim do mundo está próximo" em Lagash. O senhor tem que compreender que as pessoas já não acreditam no Livro das Revelações e que as aborrece ver que cientistas dão um passo atrás ao afirmar que, apesar de tudo, os Cultistas estavam certos...

- Isso não, rapaz - interrompeu Aton. - Embora grande parte de nossos dados nos

tenha vindo do Culto, nossos resultados não contém uma só parcela de misticismo. Os fatos são fatos, e a chamada mitologia do Culto tem certos fatos como fundamento. Nós os expusemos e desvendamos o seu mistério. Asseguro-lhe que, neste momento, o Culto nos odeia mais ainda que você.

- Eu não o odeio. Estou apenas procurando dizer-lhe que o público está de péssimo humor. Irritadíssimo.

Aton torceu a boca com desprezo. - Que se irrite!

- Sim, mas e amanhã?

- Não haverá amanhã.

- Mas, e se houver? Admitamos que haverá... apenas uma hipótese. Essa irritação poderá se transformar em algo mais sério. Afinal de contas, você sabe, os negócios registraram uma curva violentamente descendente nos dois últimos meses. Os investidores não acreditam, realmente, que o mundo vai acabar, mas justamente por isso, querem ser cautelosos com o seu dinheiro até que a história chegue ao fim, O "Zé Povinho" não acredita nas suas previsões sem dúvida, mas a nova linha de móveis de primavera quer esperar alguns meses... por via das dúvidas. Veja bem! Assim que tudo isso tiver passado, os homens de negócios cairão em cima do senhor. Dirão que se qualquer maluco - perdoe-me a expressão - pode ameaçar a prosperidade do país sempre que o desejar, com simples previsões malucas, cabe ao planeta evitá-lo. A coisa vai pegar fogo, senhor!

O diretor olhou o jornalista com expressão dura. - E como você se propõe ajudar?

- Bem - resmungou Theremon. - Estou propondo que me encarregue da publicidade. Posso manipular as coisas de tal forma que se perceba apenas o seu lado ridículo. Não será muito fácil para o senhor, admito, pois eu terei que apresentá-los como um bando de tagarelas idiotas. Mas se eu conseguir que o povo ria, poderei fazer com que esqueça sua ira. Em compensação, meu jornal deseja apenas exclusividade.

Beenay concordou com um aceno de cabeça. E explodiu:

- Senhor, todos nós pensamos que ele está certo. Nestes dois últimos meses examinamos tudo como maior cuidado; mas temos que levar em conta a possibilidade única em um milhão de que tenhamos cometido um erro em qualquer ponto de nossa teoria ou de nossos cálculos. Devemos pensar nisso também.

Um murmúrio de aprovação se fez ouvir entre os homens agrupados em torno da mesa. A expressão de Aton tornou-se a de alguém que tem a boca cheia de algo amargo e do qual não pode se livrar.

- Pode ficar, se quiser. Mas, por favor, contenha-se, e não perturbe nosso trabalho. Não se esqueça também de que aqui sou eu o responsável por todas as atividades e, apesar das opiniões manifestadas em sua coluna, quero contar com toda a sua cooperação e respeito...

Mantinha as mãos cruzadas nas costas e o rosto, sulcado de rugas, projetava-se para a frente com determinação enquanto ele falava. Teria continuado indefinidamente, não fosse a intrusão de outra voz.

- Salve, salve, salve! - exclamou, em tom de tenor o recém- chegado, as bochechas rechonchudas distendendo-se num sorriso satisfeito. - Que ar de necrotério é este? Ninguém está perdendo a calma, espero.

Aton fitou-o com olhar consternado e respondeu com irritação: - Que diabo! Que é que você está fazendo aqui, Sheerin? Seu lugar é na retaguarda, no Abrigo.

Sheerin riu, acomodando o corpo rubicundo numa poltrona.

- O Abrigo que vá para o inferno! Aquele lugar me aborrece. Quero ficar aqui onde as coisas estão esquentando. Eu também sou curioso. Quero ver essas Estrelas de

que os Cultistas estão sempre falando. - Esfregou as mãos e acrescentou com voz entrecortada:

- Lá fora está gelando. O vento acumula gelo no nariz. À distância que está, Beta não fornece nenhum calor.

O velho diretor rangeu os dentes em inesperada irritação. - Por que você faz essas loucuras, Sheerin? Para que serve você aqui?

- Para que sirvo aqui? - Sheerin estendeu as mãos abertas em cômica resignação. - Um psicólogo não vale o que come, no Abrigo. Eles precisam de homens fortes e de ação, de mulheres sadias que possam ter filhos. Eu? Eu tenho uns 50 quilos a mais para um homem de ação e não seria precisamente um sucesso para ter filhos. Assim, por que sobrecarregá-los com mais uma boca? Sinto-me melhor aqui.

Theremon perguntou vivamente: - O que é exatamente o Abrigo?

Só então Sheerin pareceu ver o jornalista. Encheu e esvaziou as amplas bochechas. - E quem é você, cabeça vermelha?

Aton contraiu os lábios e murmurou de mau humor: - É Theremon.762, o tal jornalista. Já deve ter ouvido falar dele.

O jornalista estendeu a mão: - Sem dúvida, você é Sheerin-501 da Universidade de Saro. Já ouvi falar de você. - E insistiu: - O que é o Abrigo?

- Bem - disse Sheerin - conseguimos convencer algumas pessoas da validade de nossas previsões sobre o fim, e essas poucas pessoas tomaram medidas apropriadas. Trata-se principalmente membros das famílias da equipe do Observatório, alguns da universidade Saro e uns poucos de fora. Ao todo, chegam a aproximada mente 300, sendo três quartos de mulheres e crianças.

- Percebo! Suponho que eles estejam ao abrigo quando as Trevas e... que as Estrelas não possam atingi-los e eles possam aguentar quando o resto do mundo explodir.

- Se puderem. Não será fácil. Com toda a humanidade enlouquecida, as grandes cidades em chamas, o ambiente não será propício à sobrevivência. Mas eles têm alimento, água, abrigo e armas...

- Têm ainda mais - disse Aton. - Têm todos os nossos registros, com exceção dos que vamos fazer hoje. Esses registros significam tudo para o próximo ciclo e é isso que precisa sobreviver. O resto pode ir pro diabo.

Theremon deu um longo e baixo assobio e sentou-se pensativo por alguns minutos. Os homens ao redor da mesa tinham trazido um multi-xadrez e começado um jogo de seis parceiros. Os movimentos eram rápidos e silenciosos. Todos os olhos se concentravam furiosamente no tabuleiro. Theremon observou-os atentamente e então levantou-se, aproximando-se de Aton que se mantinha à parte, cochichando com Sheerin.

- Ouça - disse ele. - Vamos para algum lugar onde não incomodemos os outros. Quero fazer algumas perguntas.

O velho astrônomo franziu o cenho, mas Sheerin adiantou-se:

- Sem dúvida falar me fará bem. Sempre faz. Aton estava me expondo suas ideias sobre a reação do mundo se falharem as profecias; concordo com você. Diga-se de passagem que leio regularmente a sua coluna e, de modo geral, agradam-me suas opiniões.

- Por favor, Sheerin - resmungou Aton.

- Está bem. Passemos para outra sala. Afinal, tem cadeiras mais confortáveis.

Na outra sala havia poltronas macias, pesadas cortinas vermelhas nas janelas e um carpete castanho no assoalho. Com a luz alaranjada de Beta infiltrando-se, o efeito geral era de sangue seco.

Theremon arrepiou-se. - Eu daria dez créditos por uma boa dose decente de luz branca, mesmo por um segundo. Gostaria de ver Gama ou Deita no céu.

- Quais são suas perguntas? - interrompeu Aton. - Por favor, não se esqueça de que nosso tempo é limitado. Em pouco mais de uma hora e quinze minutos subiremos as escadas e, depois disso, não haverá tempo para conversar.

- Pois bem. - Theremon inclinou-se para trás e cruzou as mãos sobre o peito. - Vocês falam com tanta seriedade que já estou começando a acreditar. Por que não me explicam tudo de uma vez?

Aton explodiu: - Você quer dizer que esteve a nos cobrir de ridículo sem ao menos procurar entender o que estávamos tentando dizer?

O jornalista sorriu com timidez. - Eu apreendi a ideia geral. Vocês afirmam que em algumas horas as Trevas envolverão o mundo e toda a humanidade será tomada de violenta loucura. O que eu quero agora é a ciência que está por trás disso.

- Não, não queira! Não queira! - interrompeu Sheerin. - Se você pedir isso a Aton e supondo-se que ele esteja com disposição para falar, ele o esmagará com páginas de números e volumes de gráficos. Você não entenderá coisa alguma. Mas se você fizer perguntas a mim, eu lhe darei uma explanação leiga sobre o assunto.

- Está certo, então fale você.

- Bem, mas antes de mais nada quero um drinque. Esfregou as mãos e voltou-se para Aton.

- Água? - grunhiu Aton.

- Não seja tolo!

- Não seja tolo você! Álcool hoje não, Eu estaria em maus lençóis se os meus homens se embriagassem. Não posso permitir que você vá tentá-los.

O psicólogo resmungou sem dizer palavra. Voltou-se para Theremon, examinou-o com um olhar agudo e começou:

- Você sabe, com certeza, que a história da civilização em Lagash tem um caráter cíclico... insisto, cíclico!

- Sei - replicou Theremon cautelosamente - que esta é a teoria arqueológica corrente. Mas já foi aceita como um fato?

- Há pouco tempo, Neste último século, em geral, concordou-se com isso. Este caráter cíclico é - ou melhor, era - um dos maiores mistérios. Localizamos séries de civilizações, nove das quais com certeza, e indicações sobre diversas outras que atingiram graus comparáveis à nossa sendo que todas, sem exceção, foram destruídas pelo fogo no ponto máximo de sua cultura e ninguém pôde explicar por quê. Todos os centros de cultura foram completamente devorados pelo fogo sem que restasse qualquer vestígio para indicar a causa.

Theremon seguia com a maior atenção as palavras de Sheerin. - Não houve também uma Idade da Pedra?

- Provavelmente. Contudo, praticamente nada se sabe dela, exceto que os homens dessa Idade eram pouco mais que macacos inteligentes. Podemos deixar isso de lado.

- Percebo. Adiante!

- Sobre essas catástrofes cíclicas, são diversas as explicações, todas de natureza mais ou menos fantástica. Alguns dizem que houve chuvas periódicas de fogo, outras, que Lagash passa por vezes através de um sol; e outras ainda mais fantásticas. Mas há uma teoria, diferente de todas, transmitida por vários séculos.

- Eu sei. Você está falando do mito das "Estrelas" que os Cultistas incluíram em seu Livro das Revelações.

- Exatamente - disse Sheerin com satisfação. - Os Cultistas afirmam que a cada período de duzentos e cinquenta anos Lagash entra em uma imensa caverna, de forma que todos os sóis desaparecem e uma completa escuridão envolve o mundo, Acrescentam que coisas chamadas Estrelas aparecem, privam os homens de sua alma e os transformam em animais irracionais que destroem a civilização que eles próprios criaram. Claro, misturam isso tudo com uma série de noções místico-religo mas essa é a ideia central.

Houve uma espécie de pausa durante a qual Sheerin aspirou profundamente o ar. - Agora chegamos à Teoria da Gravitação Universal. - Pronunciou essas palavras enfatizando as letras maiúsculas. Nesse ponto, Aton afastou-se da janela, bufou ruidosamente e saiu da sala.

Os dois o olharam surpreendidos e Theremon perguntou: - O que houve?

- Nada em particular - replicou Sheerin, - Dois dos homens deveriam estar aqui há várias horas e até agora não aparecera Há uma terrível falta de mão-de-obra porque todos, menos os realmente essenciais, foram para o Abrigo,

- Você acredita que os dois desertaram?

- Quem? Faro e Yimot? Certamente não! Porém, se eles não chegarem logo, as coisas ficarão difíceis. - De repente levantou-se e seus olhos piscaram. - Bem, como Atou saiu...

Caminhou na ponta dos pés em direção à janela mais próxima, abaixou-se e de uma estante tomou uma garrafa cheia de um líquido vermelho que soou sugestivamente quando ele a agitou.

- Acho que Aton não sabia disto - observou enquanto apressava-se de volta para a mesa. - Veja, temos um copo só; você, como hóspede, pode usá-lo. Eu fico com a garrafa. - E encheu o copinho com todo o cuidado.

Theremon levantou-se para protestar, mas Sheerin olhou-o com dureza. - Respeite os mais velhos!

O jornalista sentou-se de novo com olhar de ansiedade. - Vá em frente, então, velhaco.

O pomo de Adão do psicólogo movimentou-se enquanto virava a garrafa. Com um suspiro de satisfação, recomeçou: - Vejamos: o que você sabe sobre gravitação?

- Nada, a não ser que é um avanço muito recente, ainda não muito bem estabelecido, e que a matemática é tão difícil que se acredita que só uma dúzia de pessoas em Lagash a entende.

- Ora! Absurdo! Tolice! Posso dar a você, numa só frase, a essência da matemática. A Lei da Gravitação Universal afirma que há entre todos os corpos do Universo uma força de coesão, de modo que a intensidade dessa força entre dois corpos determinados é proporcional ao produto de suas massas, dividido pelo quadrado da distância entre eles.

- Só isso?

- Isso já é o bastante! Foram necessários quatrocentos anos para seu desenvolvimento.

- Por que tanto? Parece tão simples da forma como você diz!

- Porque as grandes leis não são formuladas num lampejo de inspiração. Usualmente exige o trabalho combinado de um mundo cheio de cientistas durante séculos. Depois que Genovi-41 descobriu que Lagash gira em torno do sol Alfa e não vice-versa - e isto ocorreu há quatrocentos anos - os astrônomos continuaram trabalhando. Os complexos movimentos dos seis sóis foram registrados, analisados e destrinchados. Uma após outra surgiram as teorias, postas à prova e modificadas e abandonadas e retomadas e convertidas em outra coisa. Foi um trabalho dos diabos!

Theremon inclinou a cabeça pensativamente e estendeu o copo pedindo mais. Sheerin inclinou a garrafa com má vontade e deixou cair algumas gotas de rubi.

- Há vinte anos - prosseguiu, depois de molhar de novo a garganta - foi finalmente demonstrado que a Lei da Gravitação Universal explica exatamente os movimentos orbitais dos seis sóis. Foi um grande triunfo.

Sheerin levantou-se e caminhou para a janela, ainda segurando a garrafa. - Estamos chegando ao ponto. Na última década, os movimentos de Lagash ao redor de Alfa foram calculados de acordo com a gravidade e não conferiam com a órbita observada nem mesmo quando todas as perturbações devidas aos outros aos outros sóis eram incluídas. Ou a lei não era válida ou havia outro fator, ainda desconhecido

Theremon juntou-se a Sheerin na janela. Olhou para além das colinas recobertas de matas onde os pináculos da cidade de Saro brilhavam com luz avermelhada no horizonte, O jornalista sentiu a tensão da incerteza crescer dentro dele enquanto lançava um rápido olhar a Beta que cintilava no zênite: vermelha, anã e ameaçadora,

- Prossiga -disse suavemente.

Sheerin replicou: - Os astrônomos vacilaram durante anos, cada um propondo uma teoria mais insustentável do que a outra, até que Aton teve a inspiração de consultar o Culto. O chefe do Culto, Sor-5, tinha acesso a certos dados que simplificaram consideravelmente o problema. Aton lançou-se ao trabalho por um novo caminho.

- Que aconteceria se houvesse um outro corpo planetário não luminoso, como Lagash? Se existisse, brilharia apenas com luz refletida e, se fosse composto de rocha azulada, como Lagash, na maior parte, então a vermelhidão do céu, a chama eterna dos sóis o tornaria invisível ou o apagaria completamente.

Theremon assobiou. - Que ideia maluca!

- Você acredita que isso é maluco? Pois ouça: Suponha que esse corpo girasse em torno de Lagash a tal distância e em uma tal órbita e com tal massa que sua atração influiria no desvio de Lagash de sua órbita teórica. Você sabe o que aconteceria?

O jornalista abanou a cabeça.

- Bem, algumas vezes esse corpo poderia se encontrar no caminho de um sol, - E Sheerin esvaziou, de um gole, o que restava na garrafa.

- E ele se encontra, eu suponho - disse Theremon taxativamente.

- Sim! Mas existe apenas um. Fica em seu plano de revolução. - Ergueu o polegar e apontou para cima - Beta! E já se comprovou que o eclipse se verificará quando a disposição dos sóis seja tal que Beta fique só neste hemisfério e à distância máxima e ao mesmo tempo a lua esteja invariavelmente à distância mínima. O eclipse que resulta, tendo sete vezes o diâmetro aparente de Beta, cobrirá Inteiramente Lagash durante cerca de metade do dia, de sorte que nenhum ponto do planeta escapará aos seus efeitos. Esse eclipse se verifica apenas a cada dois mil e quarenta e nove anos.

O rosto de Theremon se transformara em máscara inexpressiva. - E essa é a minha história?

O psicólogo acenou afirmativamente. - É tudo. Primeiro o eclipse, que começará em quarenta e cinco minutos, depois, a Treva universal e talvez as misteriosas Estrelas e a loucura e o fim do ciclo.

Ele parecia preocupado. - Nós tínhamos dois meses de prazo - nós, do Observatório - e isso não era tempo suficiente para convencer Lagash do perigo. Mas, talvez, nem dois séculos bastariam. Nossos registros estão no Abrigo e hoje fotografamos o eclipse. O próximo ciclo começará conhecendo a verdade e quando ocorrer o próximo eclipse a humanidade estará pelo menos preparada. Pense, isso também faz parte de nossa história.

Um vento leve balançou as cortinas da janela quando Theremon abriu-a inclinando-se para fora, e brincou nos seus cabelos enquanto ele contemplava a luz carmesim em suas mãos. Então voltou-se em repentina revolta.

- O que existe nas Trevas, capaz de me enlouquecer?

Sheerin sorriu consigo mesmo enquanto fazia girar a garrafa vazia com movimentos distraídos. - Você nunca experimentou a Escuridão, jovem?

O jornalista apoiou-se na parede e considerou: - Não. Não posso dizer que a tenha experimentado. Mas sei do que se trata. - Fez alguns movimentas com os dedos e então seu rosto se distendeu. - A escuridão é apenas a falta de luz. Como nas cavernas.

- Você já esteve numa caverna?

- Numa caverna? Certamente que não!

- Eu já imaginava isso. Na semana passada eu próprio experimentei... apenas para ver... mas saí depressa, apavorado. Andei até o ponto em que a entrada da caverna ainda era uma mancha de luz visível, com a escuridão me envolvendo de todos os lados. Eu não acreditava que uma pessoa com o meu peso pudesse correr tanto.

Theremon franziu os lábios. - Bem, se isso me acontecesse, acredito que eu não teria corrido.

O psicólogo observou o jovem com ar aborrecido.

- Ora, não conte vantagem! Por favor, puxe as cortinas,

Theremon olhou-o surpreendido e perguntou: - Para quê? Se nós tivéssemos quatro ou cinco sóis lá fora, poderíamos baixar um pouquinho a luz para nos sentirmos mais confortáveis, mas agora nem temos luz suficiente para isso.

- É isso mesmo. Puxe as cortinas, venha até aqui e sente-se.

- Está bem. - Theremon tomou a borla do cordão e puxou. As cortinas vermelhas deslizaram sobre a janela aberta, os aros de metal chiaram no trilho e uma sombra vermelho-escura invadiu a sala.

Os passos de Theremon soaram oco no silêncio enquanto ele se dirigia para a mesa. Então parou. - Não posso vê-lo - murmurou.

- Tateie o caminho - ordenou Sheerin em voz cansada.

- Mas eu não posso vê-lo. - O Jornalista estava ofegante. - Não posso ver nada.

- O que esperava? - veio a resposta áspera. - Venha até aqui e sente-se.

Os passos soaram de novo, vacilantes, aproximando-se devagar. Ouviu-se o ruído de alguém chocando-se com uma cadeira. E a voz fraca de Theremon: - Aqui; sinto que.. . está bem.

- Você gosta disto?

- N... não. É aterrorizador. As paredes parecem... - Fez uma pausa e continuou: - As paredes parecem se fechar sobre mim. Tenho a impressão de que precisarei empurrá-las. Mas não estou ficando louco! Na verdade, a sensação não é tão má como poderia ser.

- Está bem. Abra as cortinas de novo.

Ouviram-se passos cautelosos na escuridão, o ruído do corpo de Theremon contra o tecido enquanto ele buscava o cordão e, finalmente, o rascar da cortina deslizando de novo. A luz vermelha invadiu a sala e com um grito de alegria Theremon levantou os olhos para o sol.

Sheerin enxugou o suor do rosto com as costas da mão e disse com voz trêmula: - E isto é apenas um quarto escuro.

- Pode-se suportar - replicou Theremon.

- Sim, pode-se suportar um quarto escuro. Mas você esteve por acaso na Exposição do Centenário de Jonglor, há dois anos?

- Não, não estive. Dez mil quilômetros são uma distância muito grande a cobrir mesmo quando se trata de uma exposição.

- Pois bem, eu estive lá. Você deve ter ouvido falar no "Túnel do Mistério" que bateu todos os recordes na área de diversões durante o primeiro mês da exposição.

- Sim, ouvi. Parece que houve algum barulho em torno disso, não?

- Sim. Mas logo foi silenciado. O "Túnel do Mistério", você sabe, era apenas um túnel de um quilômetro de extensão, sem nenhuma luz. Entrava-se nele em um carrinho aberto e deslizava-se no escuro por uns quinze minutos. Tomou-se muito popular.

- Popular?

- Certamente. Há um fascínio no medo, quando isso faz parte de uma brincadeira A criança nasce com três medos instintivos: de barulhos fortes, de cair, e da ausência de luz. Por isso é que é tão engraçado aproximar-se de alguém e fazer de repente "bu!". Por isso é tão divertido descer num trenó ladeira abaixo, e foi por isso que o "Túnel do Mistério" se tomou tão popular. As pessoas saíam da escuridão tremendo, sem fôlego, meio mortas de medo, mas pagavam para entrar nele mais uma vez.

- Espere um momento. Agora eu me lembro. Houve o caso de algumas pessoas que saíram mortas do túnel, não houve? Correram rumores a esse respeito, depois que ele foi fechado.

O psicólogo bufou. - Ora, apenas dois ou três mortos. Não foi nada. As famílias dos mortos receberam indenização e o Conselho da cidade de Jonglor arquivou o caso. Afinal de contas, se pessoas de coração fraco quiseram entrar no túnel, a responsabilidade foi delas. Além disso, o fato não se repetiria. Daí por diante havia um médico à entrada do túnel e todos eram submetidos a um exame antes de entrar no carro. Na realidade, isso aumentou consideravelmente a venda de entradas.

- Bem,e então?

- Sabe, houve uma outra coisa. Algumas pessoas saíam do túnel às vezes em perfeito estado mas, depois disso, recusavam-se sistematicamente a entrar num edifício: palácios, mansões, prédios de apartamentos, sobrados, cabanas e até barracos.

Theremon voltou-se impressionado. - Você quer dizer que elas se recusavam a sair do ar livre? Onde dormiam?

- Ao relento.

- Poderiam ter sido forçadas a entrar..

- Oh! Houve tentativas de fazê-lo. Mas as pessoas tinham violentas crises histéricas e batiam a cabeça contra a parede mais próxima. Quando se conseguia fazê-las entrar, só se podia mantê-las ali com camisa de força ou uma forte dose de tranquilizante.

- Deviam estar loucas.

- Exatamente. Em dez pessoas que entrassem no túnel, pelo menos uma saía assim. Foram consultados os psicólogos e fizemos a única coisa possível. Fechamos a exposição.

- E que aconteceu com essa gente? - perguntou Theremon.

- Exatamente o que aconteceu com você quando sentiu que as paredes da sala estavam se estreitando, na escuridão. Existe um termo psicológico que se aplica ao medo instintivo que a humanidade tem do escuro. Nós o chamamos "claustrofobia", porque a falta de luz está sempre ligada aos lugares fechados; desse modo, o medo de um é o medo do outro. Percebe?

- E aquelas pessoas do túnel?

- As pessoas do túnel eram infelizes cuja mente não tinha resistência para dominar a claustrofobia que as atingia no escuro. Quinze minutos sem luz é um longo tempo;

você ficou apenas uns dois minutos e já me parecia abalado. As pessoas do túnel sofriam do que se chama "fixação claustrofóbica". Seu medo latente do escuro e de recintos fechados se cristalizara e se tomara ativo e, se é que se pode dizer assim, permanente. Foi esse o resultado de quinze minutos na escuridão.

Houve um longo silêncio. Theremon franziu a testa. - Não acredito que seja esse o mal.

- Quer dizer que não quer acreditar - retrucou Sheerin. - Você tem medo de acreditar. Olhe pela janela!

Theremon olhou enquanto o psicólogo continuava, sem interrupção. - Imagine a Escuridão... por toda a parte. Não existe luz até onde os seus olhos podem alcançar. As casas, as árvores, os campos, a terra, o céu... Tudo nas trevas. E as Estrelas se aproximando, pois todos nós sabemos... O que quer que elas sejam. Você pode imaginar isso?

- Sim, posso - declarou Theremon corajosamente.

Sheerin esmurrou a mesa com inesperada paixão. - Você mente! Você não pode conceber isso. O seu cérebro não foi construído para essa ideia, tal como para a concepção do infinito ou da eternidade. Você pode apenas falar sobre isso. Uma parcela de realidade o transtorna e quando coisas reais acontecem, o seu cérebro se vê diante de fenômenos que ultrapassam os limites da compreensão. Você ficará louco, completa e permanentemente louco. Quanto a isso, não pode haver dúvida!

E acrescentou com amargura: - E outro par de milênios de penosos esforços chegará ao nada. Amanhã não haverá, em Lagash, uma só cidade intacta.

Theremon recuperou parte do seu equilíbrio mental. - Isso não é lógico. Ainda não percebo como poderei ficar apatetado somente porque não há um sol no céu; mas mesmo que isso aconteça, e aconteça a todo o mundo, como poderia tal fato destruir as cidades? Vamos explodi-las?

Mas Sheerin também estava irritado. - Se você está na escuridão, que coisa você pode desejar acima de tudo? Que coisa você buscará instintivamente? Luz, diabo, luz!

- E então?

- Como você poderá conseguir luz?

- Não sei - replicou Theremon.

- Qual é o único meio de conseguir excluindo-se o sol?

- Como posso saber?

Os dois estavam de pé face a face, nariz contra nariz.

Sheerin disse: - O senhor queima alguma coisa. Já viu um incêndio na floresta? Já acampou alguma vez e cozinhou com fogo de lenha? O calor não é a é a única coisa que nos vem da queima da madeira, você sabe. Ela também fornece luz, todos sabem disso. Quando há escuridão, as pessoas querem luz e passam a procurá-la.

- E queimam madeira?

- Queimam tudo que podem. Desejam luz. Quando precisam queimar alguma coisa e não têm madeira à mão, queimam o que estiver mais perto. Querem ter luz - e cada centro habitado se desfaz em chamas!

Olhavam-se bem nos olhos como se se tratasse de um confronto de vontades, então, Theremon recuou sem dizer palavra. Sua respiração era forte e descontrolada e mal percebeu a confusão que vinha da sala vizinha por trás da porta fechada.

Sheerin falou e foi com esforço que fez suas palavras soarem normalmente. - Parece que estou ouvindo a voz de Yimot. Provavelmente, ele e Faro já voltaram. Vamos ver o que os reteve.

- É bom, mesmo! - chiou Theremon, que pareceu tremer. A tensão fora rompida.

A sala estava numa balbúrdia; todos os membros da equipe se comprimiam em torno dos jovens que removiam seus casacos, defendendo-se da chuva de perguntas que os atingia

Aton esgueirou-se entre os membros do grupo e encarou os recém-chegados com irritação.

- Vocês não percebem que estamos a menos de meia hora do ponto Final? Onde estiveram? - perguntou ele.

Faro-24 sentou-se e esfregou as mãos. Tinha as faces vermelhas devido ao frio.

- Yimot e eu acabamos de fazer uma pequena experiência por conta própria. Estávamos tentando construir um dispositivo por meio do qual pudéssemos simular o aparecimento das Trevas e das Estrelas para termos uma noção antecipada de seu aspecto.

Houve um murmúrio confuso dos ouvintes e um inesperado interesse brilhou nos olhos de Aton. - Ninguém tinha pensado nisso. Como chegaram a essa ideia?

- Bem - disse Faro - a ideia ocorreu a Yimot e a mim há muito tempo. Estivemos trabalhando em nossas horas vagas. Yimot descobriu uma casa térrea na cidade, com um teto em abóbada. Creio que já foi usada como museu. De qualquer modo, nós a compramos..

- Onde conseguiram dinheiro? - interrompeu Aton.

- Em nossas contas bancárias - resmungou Yimot-70. Custou dois mil créditos. - E prosseguiu em tom defensivo. - O que tem isso? Amanhã dois mil créditos serão apenas dois mil pedaços de papel sem valor. Isso é tudo.

- Claro - acrescentou Faro. - Compramos a casa e a recobrimos de cima a baixo de veludo preto para termos uma escuridão tão completa quanto possível. Depois, abrimos pequenos orifícios no teto e no telhado e os recobrimos com chapinhas de metal que eram afastadas simultaneamente quando comprimíamos um botão. Não fizemos tudo sozinhos; contratamos um carpinteiro, um eletricista e mais alguns operários. O dinheiro não importava. O que queríamos era ver a luz brilhar através dos orifícios no telhado, para termos o efeito do cintilar de estrelas.

Não se ouviu sequer um suspiro no intervalo que se seguiu. Aton disse, tenso:

- Vocês não tinham o direito de fazer uma experiência particular...

- Eu sei - retrucou Faro - mas Yimot e eu acreditávamos que a experiência seria perigosa. Se realmente tivesse efeito, esperávamos ficar loucos... Depois de tudo que Sheerin tem falado a respeito, achamos que assim seria melhor. Queríamos correr o risco sozinhos. Se, ao contrário, conseguíssemos manter a sanidade, acreditávamos que seria possível desenvolver uma espécie de imunidade à coisa real e expor todos do mesmo modo, mas nada funcionou como esperávamos.

- Por quê? Que aconteceu?

Foi Yimot quem respondeu:

- Nós nos trancamos lá e esperamos que nossos olhos se adaptassem à escuridão. É uma sensação extremamente incômoda porque a escuridão completa dá a impressão de que as paredes e o teto estão se estreitando. Mas nós nos dominamos e acionamos o dispositivo. Às chapinhas de metal se deslocaram e o teto se cobriu inteiramente de pequenos pontos de luz.

- E daí?

- Daí, nada. Foi a parte mais desconcertante da experiência. Tentamos uma segunda e uma terceira vez - e foi isso que nos atrasou - mas não há efeito algum.

Seguiu-se um silêncio desconcertante e todos os olhos se voltaram para Sheerin que estava lá sentado, imóvel, boquiaberto.

Theremon foi o primeiro a falar. - Você percebe o que isso significa para a teoria

que elaborou, não é, Sheerin?

O jornalista sorria, aliviado.

Mas Sheerin ergueu a mão. - Esperem um pouco. Deixe-me pensar. - De repente estalou os dedos e, quando ergueu a cabeça, não havia surpresa nem dúvida em seus olhos. - É claro...

Não chegou a concluir. De algum ponto acima deles veio um ruído estridente e Beenay, levantando-se de um salto, lançou-se para as escadas, exclamando: - Que diabo!

As coisas se precipitaram. Chegando ao domo, Beenay lançou um olhar aterrorizado às chapas fotográficas estilhaçadas e ao homem que se curvava para elas. Então, atirou-se ferozmente sobre o intruso, agarrando-o pelo pescoço. Seguiu-se uma luta selvagem e quando surgiram os outros membros da equipe, o estranho ficou esmagado e engolido sob o peso de meia dúzia de homens enfurecidos.

Aton foi o último a chegar, ofegando. - Soltem-no!

Recuaram com relutância e o estranho, arquejando ruidosamente, com as roupas rasgadas e escoriações no rosto, pôs-se de pé. Tinha barba loura e curta, cuidadosamente encaracolada, no estilo afetado dos Cultistas.

Beenay afrouxou as mãos, mas sacudiu o homem com violência - Muito bem, rato! Que ideia foi essa? Essas chapas...

- Eu não queria danificá-las - respondeu com frieza o Cultista. - Foi um acidente.

Beenay acompanhou o olhar do estranho e rosnou: - Estou vendo. Você queria as próprias câmaras! O acidente com as chapas ainda foi uma grande sorte para você. Se tivesse tocado Bertha ou qualquer das outras, você morreria em tortura lenta. Mas como se passaram as coisas. . - Ergueu o punho.

Aton puxou-o pela manga. - Pare com isso! Solte-o!

O jovem técnico vacilou e abaixou o braço com relutância. Aton afastou-o para um lado e olhou de frente o Cultista. - Você é Latimer, não é?

O Cultista fez uma mesura e indicou o símbolo em seu dorso.

- Sou Latimer-25, ajudante de terceira classe de sua serenidade, Sor-5.

- E.. - as sobrancelhas brancas de Aton se ergueram - você esteve aqui na semana passada quando sua serenidade me visitou, não esteve?

Latimer inclinou mais uma vez a cabeça.

- Pois bem. Que é que você quer?

- Nada que vocês pudessem dar-me espontaneamente.

- Sor-5 foi quem o mandou, suponho. Ou a ideia teria sido sua?

- Não posso responder a essa pergunta.

- Haverá outros visitantes?

- Também não vou responder a Isso.

Aton olhou para o relógio e falou: - Pois bem, homem, que é que seu senhor deseja de mim? Já esgotei minha parte da barganha.

Latimer sorriu levemente, mas nada disse.

- Eu o procurei - disse Aton irritado - para conseguir dados que somente o Culto poderia nos dar, e sou-lhe muito grato por isso. Em compensação, prometi-lhe demonstrar a verdade essencial do credo do Culto.

- Não havia necessidade de provar isso - foi a orgulhosa resposta. - Tudo já está provado no Livro das Revelações.

- No que diz respeito ao que constitui o conjunto do Culto, sim. Não queira confundir-me. Eu propus dar fundamento científico às suas crenças, e o fiz!

Os olhos do Cultista estreitaram-se com dureza. - Sim, você o fez, com a astúcia

de uma raposa em sua pretensa explanação de apoio às nossas crenças. Mas, ao mesmo tempo, isso as tomou desnecessárias. Sim, você fez das Trevas e das Estrelas um fenômeno natural, mas escamoteou seu verdadeiro significado. Foi uma blasfêmia.

- Se isso aconteceu, a culpa não foi minha. Os fatos existem. Estão aí. Como posso deixar de registrá-los?

- Os seus "fatos" são uma fraude, uma ilusão.

- E como você sabe? - perguntou Aton, irritado.

A resposta veio com a certeza absoluta da fé: - Eu sei!

O diretor corou e Beenay cochichou-lhe alguma coisa. Aton inclinou a cabeça silenciosamente. - É o que Sor-5 quer que façamos? Ele ainda pensa, suponho, que tentando advertir o mundo a tomar medidas contra a ameaça de loucura, estamos pondo inúmeras almas em perigo. Mas se isso significa alguma coisa para ele, - dizer-lhe que não estamos conseguindo.

- A própria tentativa de fazê-lo já causou bastante mal e os seus odiosos esforços para conseguir informações com seus diabólicos instrumentos precisam parar! Obedecemos à vontade das Estrelas e eu lamento apenas que minha canhestrice não me tenha permitido destruir completamente seus instrumentos infernais.

- Isso não lhe teria trazido nada de bom - replicou Aton - Todos os nossos dados, exceto as evidências diretas que pretendemos registrar agora, estão escondidos em lugar seguro, ao abrigo de qualquer dano. Mas isso não altera sua condição atual de criminoso e ladrão.

Voltou-se para os homens atrás dele. - Alguém chame a polícia de Saro.

Sheerin teve uma exclamação de desgosto: - Que diabo, Aton! Que há com você? Não temos tempo para Isso. Vamos, deixe que eu me encarregue do caso.

Aton voltou-se para o psicólogo: - Não temos tempo para suas macaquices, Sheerin. Por favor, deixe que eu resolva as coisas a meu modo. Até agora você, aqui, não passa de um estranho, não se esqueça disso.

A boca de Sheerin contraiu-se com eloquência: - Ora, como eu poderia me dar ao impossível trabalho de chamar a polícia, com o eclipse de Beta a apenas alguns minutos? Esse jovem poderia perfeitamente empenhar a sua palavra de ficar e não causar mais confusões.

O Cultista respondeu prontamente: - Não vou fazê-lo. Façam o que quiserem, mas devo avisá-los de que, assim que tiver uma oportunidade, terminarei o que vim fazer aqui. Se é a minha palavra de honra em que estão confiando, podem chamar a polícia.

Sheerin sorriu, amigável. - Você é um camarada determinado, não? Vou explicar-lhe uma coisa. Está vendo aquele jovem perto da janela? É forte e bastante hábil com os punhos. Além disso, é um estranho. Assim que o eclipse começar, ele não terá mais nada a fazer senão vigiar você. E aqui estou eu também. Não tão forte quanto ele, mas capaz de lhe dar uma boa ajuda.

- E daí? - perguntou Latimer friamente.

- Vou dizer-lhe - foi a resposta. - Assim que o eclipse começar, vamos pegá-lo, Theremon e eu, e jogá-lo numa cela com uma porta só e sem janelas. Você ficará lá enquanto durar o fenômeno.

- E depois - disse Latimer com firmeza - não haverá ninguém para tirar-me de lá. Eu sei, tão bem quanto vocês, o que significa a chegada das Estrelas. Sei ainda melhor do que vocês. Privados de suas mentes vocês não terão condições de libertar-me. Então morrerei sufocado ou de fome. Mas, que poderia eu esperar de um grupo de cientistas? Não darei minha palavra! É uma questão de princípio! E não quero

mais falar nisto.

Aton pareceu perturbado. Seus olhos apagados estavam confusos. - Está certo; Sheerin, tranque-o!

- Por favor! - Sheerin indicou-lhe com impaciência que se calasse. - Não acreditava, por um momento, que as coisas fossem tão longe. Acredito que Latimer está simplesmente blefando. Mas eu não sou psicólogo apenas por gostar do som dessa palavra. - Sorriu para o Cultista. - Ora, vamos. Você não pensou realmente que eu considerasse algo tão grosseiro quanto matá-lo lentamente de fome. Meu caro Latimer, se eu o trancasse na cela você não veria nem as Trevas, nem as Estrelas. Não é preciso conhecer muito a fundo o princípio básico do Culto para saber que se esconder das Estrelas quando elas aparecem significa a perda de sua alma imortal. Creio que você é um homem digno. Aceitaremos sua palavra de honra de que não fará nenhuma tentativa de quebrar algum aparelho.

Uma veia pulsou na fronte de Latimer. Ele pareceu recolher-se dentro de si mesmo e disse: - Vocês ganharam! - E acrescentou rapidamente, com fúria: - Consola-me saber que vocês todos estão danados pelo que fizeram hoje. - Voltou-se nos calcanhares e sentou- se num banco alto, junto à porta.

Sheerin dirigiu-se ao jornalista: - Sente-se perto dele, Theremon. Apenas uma formalidade. Ei, Theremon!

O jornalista não se moveu. Estava muito pálido - Olhe aquilo! - O dedo que mostrava o céu tremia e a voz soou seca e entrecortada.

Todos suspenderam simultaneamente a respiração enquanto seguiam o dedo que apontava.

Beta estava cortada de um dos lados!

O pedacinho de escuridão invasora não tinha talvez mais que a largura de uma unha, mas, para os observadores, parecia crescer como se fosse o dia do juízo final.

Olharam por um momento. Depois houve uma ruidosa confusão que também durou pouco e cedeu lugar a uma ordenada atividade - cada homem na tarefa predeterminada. No momento crucial não havia lugar para a emoção. Eram apenas cientistas com um trabalho a realizar. Até mesmo Aton desaparecera.

Sheerin disse prosaicamente: - O primeiro contato deve ter ocorrido há quinze minutos. Um pouco cedo, mas bastante bom, considerando-se as incertezas que cercam os cálculos.

Olhou ao redor e, na ponta dos pés, dirigiu-se para Theremon que ainda estava parado olhando pela janela, e afastou-se delicada- mente.

- Aton está furioso - cochichou. - Por isso mantenha-se à distância. Perdemos o primeiro contato com essa confusão criada por Latimer e, se você estiver no caminho, ele o atirará pela janela.

Theremon concordou com a cabeça e sentou-se. Sheerin olhou-o surpreendido.

- Que diabo, homem! - exclamou. - Você está tremendo!

- Eu? - Theremon passou a língua pelos lábios secos e ensaiou um sorriso. - É verdade, não estou me sentindo bem.

O olhar do psicólogo endureceu.

- Você não está perdendo a calma, está? - perguntou.

- Não! - gritou Theremon com indignação. - Dê-me uma chance. Na verdade, eu não acreditava nessa história, não até agora! Preciso de algum tempo para me habituar à ideia Vocês estiveram se preparando durante dois meses ou mais!

- Tem razão - replicou Sheerin pensativo. - Ouça, você deixou família - país, mulher, filhos?

Theremon sacudiu a cabeça. - Você está pensando no Abrigo, suponho. Não, não

se preocupe com isso. Eu tenho uma irmã, mas está a quilômetros de distância. Nem mesmo sei seu endereço certo.

- Pois bem, então o que há com você? Você teve tempo sufi ciente para ir para lá. Além disso, não é necessário aqui, e você seria uma boa adição.

Theremon olhou-o com ar cansado. - Você pensa que estou paralisado de medo, não? Pois ouça bem: sou jornalista e tenho uma história a cobrir. E pretendo cobri-la.

Um leve sorriso passou pelo rosto do psicólogo. - Percebo. Honra profissional, não é?

- Pode chamá-la assim. Mas, homem, eu daria o braço direito por outra garrafa daquele suco de sockeroo, mesmo que fosse a metade daquela que você esvaziou. Se há alguém que esteja precisando de um trago, sou eu.

Interrompeu-o bruscamente. Sheerin cutucou-o com violência.

- Está ouvindo? Escute!

Theremon acompanhou o movimento do queixo do outro e deu de cara com o Cultista que, visível para todos ao redor, o rosto voltado para a janela, um olhar de selvagem exaltação, sussurrava algo para si mesmo, num cantochão monótono.

- O que está dizendo? - cochichou o jornalista.

- Está citando o quinto capítulo do Livro das Revelações - replicou Sheerin. E acrescentou apressadamente: - Fique quieto e ouça!

A voz do Cultista se elevara em inesperado aumento de fervor:

- "E aconteceu que, naqueles dias, o Sol Beta, manteve vigília solitária no céu por períodos cada vez mais longos, com o passar das revoluções; nesse tempo, durante meia revolução, sozinho, contraiu-se e esfriou e seu brilho se extinguiu sobre Lagash.

"E os homens se reuniram nas praças públicas e nas estradas para comentar e maravilhar-se com o espetáculo, pois uma estranha depressão se apoderara deles. Suas mentes estavam perturbadas e sua fala, confusa, pois as almas dos homens aguardavam a vinda das Estrelas."

"E na cidade de Trigon, em pleno meio-dia, Vendret-2 veio e disse aos homens de Trigon: - Ouvi, pecadores! Apesar de desdenhardes os caminhos da retidão, é chegado o momento do ajuste de contas! Agora mesmo a Caverna se aproxima para engolir Lagash; sim, com tudo que contém."

"Enquanto falava, a boca da Caverna das Trevas ultrapassou as bordas de Beta, que se tomou invisível para todo Lagash. Altos eram os gritos dos homens quando ela desaparecia, grande terror da alma que caiu sobre eles."

"E aconteceu que as Trevas da Caverna caíram sobre Lagash, e não havia luz na superfície de Lagash. Os homens eram como cegos, nem um homem podia ver seu vizinho, embora sentisse no rosto o seu hálito."

"E dessas trevas surgiram as Estrelas, em número incontável, e aos acordes musicais de tal beleza até as folhas das árvores gritaram de admiração".

"E naquele momento, as almas dos homens separaram-se deles e seus corpos abandonados se tomaram como bestas; sim, como feras selvagens; e pelas ruas escuras das cidades de Lagash eles erravam, com gritos animalescos."

"Então, das Estrelas desceu a Chama Celestial e onde tocava, as cidades de Lagash se incendiavam até a completa destruição, de modo que dos homens, e das obras dos homens nada permaneceu."

"Mesmo então..."

Houve uma quase imperceptível mudança no tom de Latimer. Seus olhos não se desviaram mas, de algum modo, ele tomara consciência da atenção absorta dos outros dois. Naturalmente, sem tomar fôlego, o timbre de sua voz mudou e as frases se

tornaram mais fluentes.

Tomado de surpresa, Theremon voltou-se para ele. As palavras ultrapassavam agora os limites da familiaridade. Sentiu-se uma indefinível mudança de tom, uma quase imperceptível alteração na força das vogais; nada mais que isso. Contudo, Latimer era agora completa mente ininteligível.

Sheerin sorriu. - Ele passou para alguma língua de um ciclo primitivo, provavelmente a segunda fase, da tradição deles. O Livro das Revelações foi originalmente escrito nessa língua, você sabe.

- Não importa; já ouvi o bastante. - Theremon empurrou sua cadeira para trás e alisou os cabelos com mãos que já não tremiam. - Sinto-me muito melhor agora.

- Mesmo? - Sheerin pareceu surpreso.

- Estou dizendo que sim. Eu estava tremendo até há alguns momentos atrás. Ouvir você falar de tal gravitação e vendo o eclipse começar, quase acabou comigo. Mas isso - e apontou desdenhosa mente para o Cultista de barba loura - isto é a espécie de coisa com que minha babá costumava assustar-me. Passei toda a minha vida rindo de tais tolices. Não vou deixar que isso me amedronte agora.

Aspirou profundamente e disse com agitação febril: - Mas se quero ficar do meu lado bom, preciso afastar minha cadeira da janela.

- Sim, mas fale mais baixo - respondeu Sheerin - Aton acaba de levantar a cabeça daquela caixa onde estava espetada e lançou-lhe um olhar que deveria liquidá-lo.

Theremon fez um muxoxo. - Esqueci do velho. - Com cuidado elaborado, afastou a cadeira da janela, lançou um olhar aborrecido para trás e disse:

- Ocorreu-me que deve existir una considerável imunidade contra essa loucura da Estrelas.

O psicólogo não respondeu Imediatamente. Beta acabava de ultrapassar o zênite e o retângulo de luz ensanguentada que delineava a janela no assoalho já chegava ao colo de Sheerin. Olhou para a mancha sombria pensativamente; então, curvou-se e fixou sorrateiramente o sol.

A faixa escura de um de seus lados se transformava em mancha invasora que já cobria um terço de Beta. Estremeceu, e quando endireitou o corpo, mais uma vez suas faces tinham perdido muito do colorido anterior.

Com um sorriso que era quase uma desculpa, afastou também sua cadeira. - Há na cidade de Saro, provavelmente, dois milhões de pessoas tentando unir-se ao Culto de uma só vez, num gigantesco renascimento. - Então, em tom irônico: - O Culto estará, por uma hora, num florescimento sem precedentes. Espero que saibam aproveitá-la ao máximo. Bem, o que você dizia?

- O seguinte: como se arrumaram os Cultistas para manter o Livro das Revelações através dos ciclos e como conseguiram escrevê-lo, por Lagash? Deve ter havido alguém, com alguma forma de imunidade, pois se todos enlouquecessem, quem poderia ter escrito o livro?

Sheerin olhou-o com piedade. - Ora, meu jovem, não há nenhuma testemunha ocular para responder a isso, mas temos algumas boas noções de como as coisas se passaram. Veja, há três espécies de pessoas que podem ter permanecido relativamente indenes. Primeiro, as poucas que não chegaram a ver as Estrelas: os bem retardados mentais ou os que, tendo bebido até o estupor, no começo do eclipse, assim permaneceram até o fim. Nós os deixamos de fora porque na realidade não foram testemunhas.

- Depois, as crianças de menos de seis anos para as quais o mundo, como um todo, já é bastante grande e estranho para se assustarem com as Estrelas e as Tre-

vas. Seriam apenas mais um elemento no mundo já tão surpreendente. Você compreende?

Theremon inclinou a cabeça, duvidando. - Acho que sim.

- Finalmente, aqueles cujas mentes eram grosseiras demais para que pudessem se desajustar. Os muito insensíveis seriam pouco afetados. Oh! Pessoas como os nossos velhos camponeses, deformados pelo trabalho. Bem, as crianças teriam lembranças esparsas que, combinadas com as confusas e incoerentes tagarelices dos retardados mentais, poderiam ter constituído a base do Livro das Revelações.

- Naturalmente, o livro se baseava, em primeiro lugar, no testemunho das pessoas menos qualificadas para servir de historizadores, isto é, as crianças e os débeis mentais. E, provavelmente, foi editado e re-editado através dos ciclos.

- Você supõe - interrompeu Theremon - que eles mantiveram o livro através dos ciclos da mesma forma que nós estamos planejando fazê-lo ao transmitir segredo da gravitação?

Sheerin deu de ombros. - Talvez, mas o método exato não importa. O fato é que, de algum modo, eles o fizeram. O ponto a que eu me referia era o de que o livro não poderia deixar de ser uma massa de distorções, mesmo que fosse baseado em fatos. Por exemplo, você se lembra da experiência dos orifício no telhado, que Faro e Yimot tentaram,mas que não funcionou?

- Sim.

- Você se lembra por que não func...? - interrompeu. E levantou-se alarmado, pois Aton se aproximava, o rosto transtornado numa retorcida máscara de consternação. - Que aconteceu?

Aton arrastou-o para um lado e Sheerin pôde sentir que os seus dedos se contraíam em seu braço.

- Não fale tão alto! - Á voz de Aton era baixa e torturada. - Acabo de me comunicar com o Abrigo através da linha privada.

Sheerin interrompeu com ansiedade: - Eles estão com problemas?

- Não eles. - Aton acentuou o pronome significativamente - Eles se trancaram há exatamente poucos minutos e ali permanecerão como enterrados, até depois de amanhã, Eles estão seguros. Mas a cidade, Sheerin, se transformou numa devastação. Você não pode fazer ideia.. - Ele estava sentindo dificuldade em falar.

- Então? - perguntou Sheerin com impaciência. - Que é que há? Vai ficar pior. Mas, por que você está tremendo? - E a seguir, com suspeita: - Como está se sentindo?

Os olhos de Aton brilharam raivosamente à insinuação, e a seguir voltaram à ansiedade. - Você não compreende. Os Cultistas estão em ação. Estão incitando o povo a atacar o Observatório - prometendo-lhe a graça imediata, prometendo salvação, prometendo qualquer coisa. Que faremos, Sheerin?

A cabeça de Sheerin se inclinou, e ficou a meditar, contemplando os pés. Bateu no queixo com os nós dos dedos, ergueu os olhos e disse irritado:

- Fazer? Que se pode fazer? Absolutamente nada. Os homens já sabem disso?

- Não,é claro!

- Bem. Mantenha as coisas assim. Quanto tempo até o eclipse total?

- Menos de uma hora,

- Não há nada a fazer senão jogar. Será preciso tempo para que organizem uma multidão e mais tempo ainda pura trazê-la até aqui. - Estamos a uns bons oito quilômetros da cidade.

- Olhou pela janela, lá para a colinas, onde as faixas de terra cultivada cediam lugar às aglomerações de casas brancas dos subúrbios; para além ainda, onde a própria metrópole era um botão no horizonte - uma névoa ao brilho evanescente de

Beta.

Repetiu, sem se voltar: - Vai levar tempo. Mantenham-se no trabalho e rezem para que o eclipse total chegue primeiro.

Beta estava cortada à metade, a linha de divisão empurrando uma leve concavidade na porção ainda brilhante do sol. Parecia uma pálpebra gigantesca fechando-se obliquamente sobre a luz de um mundo.

O fraco ruído da sala em que se encontravam desaparecia no esquecimento, e ele sentiu apenas o espesso silêncio dos campos lá fora; até os insetos pareciam calados de medo. E as coisas estavam se apagando.

Deu um salto com a voz em seu ouvido. Theremon perguntou:

- Algo errado?

- Hein? hein.. não! Volte para sua cadeira! Estamos no caminho.

Afastaram-se para seu canto, mas durante algum tempo o psicólogo nada falou. Ergueu um dedo e afrouxou o colarinho, mexeu o pescoço para um lado e outro, mas não sentindo alívio, olhou para cima, bruscamente:

- Vocês estão sentindo alguma dificuldade em respirar?

O jornalista arregalou os olhos e fez duas ou trás profundas inspirações. - Nenhuma. Por quê?

- Talvez eu tenha olhado multo tempo para fora. A escuridão me atingiu. A dificuldade de respirar é um dos primeiros sintomas do ataque de claustrofobia.

Theremon respirou profundamente mais uma vez. - Bem, ela ainda não me atingiu. Vejam, aí está outro dos camaradas.

Beenay interpusera seu vulto volumoso entre a luz e os dois homens no canto, e Sheerin lançou-se para ele ansioso: - Alô, Beenay.

O astrônomo descansou o peso do corpo no outro pé e sorriu debilmente. - O que vocês acham de nos sentarmos um pouco para conversar? Minhas câmaras estão ajustadas e nada tenho a fazer até a Escuridão. - Calou-se e olhou o Cultista que quinze minutos antes tinha tirado de dentro da manga um livrinho encadernado em couro e, depois disso, não deixara de lê-lo um só minuto. - Aquele rato não está criando dificuldades, está?

Sheerin abanou a cabeça. Seus ombros estavam curvados e ele franzia a testa no esforço de respirar com regularidade. Perguntou:

- Teve alguma dificuldade para respirar, Beenay?

Por sua vez, Beenay aspirou o ar. - Não, o ar não me parece pesado.

- Um toque de claustrofobia - explicou Sheerin, desculpando-se.

- Oh! Comigo a coisa é diferente. Tenho a impressão de que meus olhos estão afundando. As coisas parecem indistintas e, bem, não estão claras. E também faz frio.

- Ora, está realmente frio. Não é uma ilusão - interferiu Theremon. - Os dedos dos meus pés estão como se tivessem cruzado o país num caminhão frigorífico.

- O que precisamos - insistiu Sheerin - é manter nossas mentes ocupadas com outros assuntos. Eu estava tentando explicar-lhe, Theremon, há poucos momentos, por que a experiência de Faro com os orifícios no telhado não levou a nada.

- Você estava começando - replicou Theremon. Cruzou as mãos nos joelhos e aninhou o queixo entre elas.

- Bem, como eu estava dizendo, eles se desnortearam ao tomar o Livro das Revelações literalmente. Provavelmente não faz nenhum sentido atribuir um significado físico às Estrelas. É possível que com o advento da completa Escuridão, as mentes considerem absolutamente necessário criar luz. É possível que as Estrelas não sejam

mais que essa ilusão de luz.

- Em outras palavras - interrompeu Theremon - você quer dizer que as Estrelas são o resultado da loucura e não a sua causa? Se é assim, para que servirão as fotos de Beenay?

- Talvez ele pretenda provar exatamente que não passam de uma ilusão; ou provar o contrário. Então, de novo...

Mas Beenay tinha puxado a cadeira para mais perto e havia em seu rosto uma expressão de entusiasmo. - Ora, ora. - gostei de ver que vocês estão tratando do assunto. - Seus olhos se estreitaram e ele ergueu um dedo. - Pensei muito sobre essas Estrelas, e tive uma ideia notável. Sem dúvida não é mais do que suposição, e não estou tentando apresentá-la seriamente, mas penso que é interessante. Querem ouvi-la?

Parecia relutante, mas Sheerin reclinou-se e disse: - Vá em frente! Estou ouvindo.

- Então, supondo que haja outros sóis no universo. - Interrompeu-se, embaraçado. - Eu quero dizer que esses sóis estão tão distantes que brilham muito pouco para serem vistos. Parece que andei lendo um pouco daquela ficção fantástica, não?

- Não necessariamente. Não seria essa possibilidade eliminada pelo fato de que pela Lei da Gravitação elas se revelariam graças às suas forças de atração?

- Não se elas estiverem suficientemente distantes - replicou Beenay - realmente longe, quero dizer, pelo menos quatro anos-luz ou ainda mais. Nesse caso, nunca poderíamos detectar perturbações, porque seriam muito pequenas. Digamos que exista uma série de sóis assim distantes; uma dúzia ou duas, talvez.

Theremon assobiou melodiosamente. - Que boa ideia para um artigo do suplemento dominical. Duas dúzias de sóis num universo de oito anos-luz de diâmetro, Uau! Isto faria de nosso mundo uma insignificância. Os leitores devorariam a história.

- Apenas uma ideia - disse Beenay com uma careta - mas vocês percebem o ponto crucial, Durante um eclipse, esses doze sóis se tomariam visíveis porque não haveria uma verdadeira luz solar para extingui-los. Estando eles a distância tão grande, pareceriam pequenos como bolinhas. É verdade que os Cultistas falam de milhões de Estrelas, mas provavelmente exageram. Não existe no universo nenhum lugar onde você possa colocar milhões de sóis, a menos que uns toquem nos outros.

Sheerin ouvira com interesse crescente: - Você acertou, Beenay. Um exagero é exatamente o que aconteceria. Nossas mentes, como você sabe, não podem apreender diretamente nenhum número acima de cinco; além desse número existe apenas o conceito de "muitos". Dessa forma, uma dúzia se transformou em milhões. Uma grande ideia!

- E eu tenho mais uma ideiazinha boa - disse Beenay. - Você já pensou como poderia ser simples o problema da gravitação se você tivesse um sistema simples? Suponhamos um universo no qual existe apenas um planeta com um único sol. O planeta se deslocaria num eclipse perfeito e a natureza exata da força de gravitação se tomaria tão evidente que poderia ser aceita como um axioma. Os astrônomos desse mundo, provavelmente, começariam com a gravidade antes que tivessem inventado o telescópio. A observação a olho nu lhes pareceria suficiente.

- Mas, esse sistema seria dinamicamente estável? - perguntou Sheerin com ar de dúvida.

- Com certeza! Eles chamam o caso "um-para-um". Foi elaborado matematicamente, mas são as suas implicações filosóficas que me interessam.

- E interessante - admitiu Sheerin - como numa bela abstração - como no gás perfeito ou no zero absoluto.

- Certamente - continuou Beenay - existe apenas uma dificuldade: a vida seria im-

possível nesse planeta. Ele não teria suficiente luz e calor. E se girasse, haveria total Escuridão durante a metade de cada dia. Você não poderia esperar que a vida - fundamentalmente dependente da luz - se desenvolvesse nessas condições. Além do mais..

A cadeira de Sheerin tombou para trás quando ele se levantou num salto brusco, - Aton vai acender as luzes.

Beenay disse - Hum? - Voltou-se para olhar e sorriu com evidente alívio.

Aton carregava meia dúzia de varetas, longas, com uns três centímetros de diâmetro; fitou o espaço, por cima das cabeças dos membros de sua equipe.

- Voltem ao trabalho, todos vocês! Sheerin, venha até aqui e me ajude!

Sheerin correu para o lado do velho diretor e, uma por uma, em profundo silêncio, os dois ajustaram as varetas nos suportes improvisados, de metal, suspensos das paredes.

Com ar de quem cumpria o mais sagrado item de um ritual religioso, Sheerin riscou um grande e grosseiro fósforo e passou-o a Aton que acendeu a extremidade superior de cada uma das varetas.

A chama oscilou por algum tempo até que de repente uma labareda crepitante cobriu de relevo luminoso o rosto enrugado de Aton. Ele recolheu o fósforo e ouviu uma aclamação espontânea sacudir a janela.

A vareta bruxuleava com quinze centímetros de chama! Metodicamente foram acesas as outras varetas até que seis fogos independentes encheram o fundo do quarto de luz amarela.

A luz era baça, mais fraca ainda que a do tênue pôr do sol. As chamas dançavam freneticamente criando sombras fantásticas e oscilantes, Às tochas expeliam terrível fumaça e exalavam o cheiro de um mau dia na cozinha. Mas emitiam luz amarela,

Havia qualquer coisa em relação à luz amarela, após quatro horas de escurecimento de Beta. Até Latimer ergueu os olhos do livro e olhou maravilhado.

Sheerin aqueceu as mãos na chama mais próxima, sem se preocupar com a fuligem que as recobria como uma fina poeira, e murmurou para si mesmo, em êxtase:

- É lindo! É lindo! Eu jamais percebera que cor maravilhosa é o amarelo!

Mas Theremon olhou com suspeita para as tochas. Franziu o nariz ao cheiro de ranço que exalavam e perguntou:

- De que são feitas?

- De madeira - respondeu Sheerin secamente.

- Oh, não! Não são de madeira! Elas não estão queimando, A extremidade delas está carbonizada e a chama se desenvolve como se a partir de nada.

- Justamente nisso é que está a beleza. Trata-se de um dispositivo verdadeiramente eficiente de luz artificial. Construímos algumas centenas, mas á claro que foram quase todas para o Abrigo. Veja - ele voltou-se e limpou, no lenço, as mãos enegrecidas - você toma o cerne do junco, seca bem e mergulha em gordura animal. Depois ateia fogo e a gordura queima lentamente. Essas tochas vão arder por quase meia hora sem parar. É engenhoso, não? O dispositivo foi desenvolvido por um de nossos jovens da universidade de Saro.

Depois dos primeiros momentos de sensação, o domo voltou à tranquilidade. Latimer levou sua cadeira para baixo de uma tocha e retomou a leitura, os lábios se movendo em monótona invocação às Estrelas. Beenay retomara mais uma vez às suas câmaras e Theremon aproveitou a oportunidade para acrescentar algumas anotações para o artigo que pretendia escrever no dia seguinte para a "Crônica" da cidade de Saro - um processo que ele vinha acompanhando nas duas últimas horas de modo inteiramente metódico e inteiramente consciente.

Mas como indicava o olhar atento de Sheerin, cuidadosas anotações ocupavam sua mente com alguma outra coisa que não o fato de o céu estar se cobrindo gradativamente de um horrível e profundo vermelho-púrpura, como se fosse uma gigantesca beterraba, recém-descascada.

O ar se tomava estranhamento denso. O ocaso, como uma entidade palpável, invadira a sala e o círculo dançante de luz amarela das tochas estendia-se distinto contra o cinzento que se achegava. Havia o cheiro da fumaça e o crepitar das tochas; ouviam-se os passos abafados e hesitantes de um dos homens, em torno de sua mesa de trabalho, e a respiração contida de alguém que tentava manter-se sereno num mundo que estava entrando na sombra.

Foi Theremon o primeiro a ouvir estranho ruído. Era uma vaga, desorganizada impressão de um som que poderia ter passado despercebido, não fora o silencio mortal que reinava na cúpula.

O jornalista levantou-se e largou o caderno de notas. Conteve a respiração e se pôs à escuta; então, com forte relutância, abriu caminho entre o solarscópio e uma das câmaras de Beenay e parou diante da janela.

O silêncio rompeu-se quando ele gritou: - Sheerin!

O trabalho parou! Num segundo, o psicólogo estava a seu lado. Aton juntou-se a ele. Até mesmo Yimot-70, no banco alto junto à ocular do gigantesco solarscópio, parou e olhou para baixo.

Do lado de fora, Beta não era mais do que uma fita ardente, lançando um último e desesperado olhar a Lagash. A leste, em direção à cidade, o horizonte desaparecera nas trevas e a estrada que ligava Saro ao Observatório era um risco vermelho opaco orlado dos dois lados por faixas de árvores que tinham perdido a individualidade e eram vistas como uma massa contínua e sombria.

Mas era a própria rodovia que chamava a atenção, pois ao longo dela surgira outra massa sombria, incomensuravelmente ameaçadora.

Aton exclamou com voz entrecortada:

- Os loucos da cidade! Estão chegando!

- Quanto tempo falta para o eclipse total? - perguntou Sheerin.

- Quinze minutos... mas eles estarão aqui em cinco.

- Não se preocupe, mantenha os homens no trabalho. Nós não os deixaremos entrar. Este lugar foi construído como uma fortaleza. Aton, olho no Cultista, mera precaução. Theremon, venha comigo!

Sheerin já estava do lado de fora com Theremon nos seus calcanhares. As escadas se estendiam abaixo deles em estreitas curvas circulares, em torno do poço, se tornando aos poucos de um cinzento sombrio e úmido.

O impulso inicial da corrida levou-os uns quinze metros abaixo, de modo que o fraco brilho amarelo da porta da cúpula, escancarada, já desaparecera. E tanto acima quanto abaixo, a mesma sombra de anoitecer os envolvia.

Sheerin parou, a grande mão comprimindo o peito. Seus olhos arregalaram-se e sua voz parecia uma tosse seca. - Eu não posso... respirar... desça você. ..feche todas as portas...

Theremon deu mais alguns passos e então voltou-se. - Espere! Pode aguentar um minuto? - Ele também arquejava. O ar entrava e saía de seus pulmões como se fosse denso e já surgia em sua mente o pequeno germe de um grito de pânico à simples ideia de mergulhar na misteriosa escuridão lá embaixo.

Enfim, Theremon estava com medo do escuro!

- Fique aqui - disse ele. - Voltarei num segundo. - Retornou correndo à cúpula, subindo a escada de dois em dois degraus o coração latejando - não tanto pelo esforço

- e arrancou uma tocha do suporte, dentro da cúpula. A chama exalava mau cheiro e a fumaça fazia arder os seus olhos, quase cegando-o. Mas ele a agarrou como se fosse beijá-la de alegria. A chama se inclinava para trás à medida que ele despencava de novo escadas abaixo.

Sheerin abriu os olhos e gemeu quando Theremon inclinou-se sobre ele, O jornalista sacudiu-o asperamente. - Controle-se! Já temos luz.

Levantou a tocha o mais alto possível e, segurando pelo cotovelo o claudicante psicólogo, abriu caminho para baixo, protegido pelo círculo de luz.

Os escritórios no térreo ainda tinham alguma luz, e aos poucos sentiu diminuir o seu terror.

- Já se pode ouvi-los lá fora - disse bruscamente, passando a tocha a Sheerin.

Na verdade, ouviram fragmentos de brados roucos, sem palavras. Mas Sheerin estava certo: o Observatório fora construído como uma fortaleza. Erguido no fim do século anterior quando o estilo arquitetônico neo-Gevoteano estava em seu feio apogeu, fora projetado para ter estabilidade e durabilidade mais do que beleza.

As janelas eram protegidas por grossas grades de ferro, solidamente chumbadas nas soleiras de concreto. As paredes, tão sólidas que nem mesmo um terremoto as abalaria, e a porta principal era toda de carvalho, reforçada com ferro. Theremon empurrou os ferrolhos que se ajustaram com um ruído surdo.

Na outra extremidade do corredor, Sheerin praguejou, desanimado. Apontou para a fechadura da porta dos fundos, evidentemente arrombada e inutilizada.

- Deve ter sido por onde Latimer entrou - disse.

- Não fique aí parado - gritou Theremon, impaciente. - Ajude-me a arrastar alguns móveis e mantenha a tocha longe dos meus olhos. A fumaça está me matando.

Enquanto falava, ia empurrando uma pesada mesa contra a porta. Em dois minutos tinham erguido uma barricada que o que não tinha de beleza e simetria, compensava por sua inércia maciça.

De um ponto qualquer puderam ouvir o abafado bater de punhos nus contra a madeira e os gritos e bramidos, lá fora, não pareciam inteiramente reais.

A multidão saíra da cidade de Saro com apenas duas ideias em mente: conseguir a salvação do Cultista pela destruição do Observatório e um terrível medo, capaz de tudo, menos de paralisá-los. Não havia tempo para pensar em carros ou em armas nem em comando ou mesmo em organização. Marchariam para o Observatório e o tomariam de assalto, com a força de suas mãos nuas.

E agora que haviam chegado, o último lampejo de Beta, a última gota de chama rubi bruxuleava debilmente sobre a humanidade para a qual não restava mais que o medo universal!

Theremon rosnou: - Voltemos à cúpula!

Na cúpula, apenas Yimot marinha seu posto, ao solarscópio. Os outros acotovelavam-se em volta das câmaras, enquanto Beenay, em voz rouca e tensa, dava instruções.

- Vocês aí, mantenham o alinhamento. Estou focalizando Beta exatamente antes do eclipse total e vou trocar a chapa. Cada um tome conta de uma câmara. Acredito que todos sabem sobre tempos de exposição...

Houve um murmúrio de assentimento, quase inaudível.

Beenay esfregou os olhos. - As tochas ainda estão queimando? Não se preocupem! Eu as vejo daqui! - Apoiou-se pesadamente no espaldar de uma cadeira. - Agora, não se esqueçam! Não procurem conseguir boas fotos. Não percam tempo procurando apanhar duas estrelas num só campo. Uma é suficiente. E... se sentirem que estão... enlouquecendo, afastem-se da câmara!

À porta, Sheerin sussurrou para Theremon:

- Leve-me a Aton. Não o estou vendo.

O jornalista não respondeu imediatamente. As formas vagas dos astrônomos oscilavam e se apagavam e as tochas, acima deles, não eram mais que borrões amarelos.

- Está escuro - choramingou ele.

Sheerin estendeu a mão. - Aton! - Cambaleou para a frente. - Aton!

Theremon seguiu atrás dele e tomou-o pelo braço.

- Espere! Eu o levarei.

De algum modo abriu caminho através da sala. Fechou os olhos contra as Trevas e a mente, para o caos dentro dela.

Ninguém os ouviu nem lhes prestou atenção. Sheerin tropeçou contra a parede. - Aton!

O psicólogo sentiu que mãos trêmulas o tocavam, depois se retiravam, e ouviu uma voz murmurando: - É você, Sheerin?

- Aton! - Esforçou-se por respirar normalmente. - Não se preocupe com a multidão; este lugar vai mantê-la à distância.

Latimer, o Cultista, ergueu-se, o rosto contorcido de desespero. Empenhara sua palavra. Desrespeitá-la significaria pôr sua alma em perigo mortal. Contudo, fora forçado; não dera sua palavra livremente. Logo chegariam as Estrelas! Ele não poderia ficar parado e permitir... Contudo, sua palavra fora empenhada.

O rosto de Beenay estava levemente rubro enquanto observava o último raio de Beta, e Latimer, vendo-o curvado sobre a câmara, tomou uma decisão. Estava tão tenso que as unhas lhe penetravam a palma das mãos fechadas.

Cambaleou, ao lançar-se para a frente. Não havia nada à sua frente, senão sombras; o próprio assoalho sob seus pés carecia de substância. Então, alguém atirou-se sobre ele e caiu com duas mãos se fechando em seu pescoço.

Dobrou o joelho e afundou-o no agressor. - Solte-me ou eu o matarei!

Theremon deu um grito agudo e ciciou através de uma neblina de dor. - Você, seu maldito rato traiçoeiro!

De repente o jornalista pareceu tomar consciência de tudo. Ouviu a voz rouca de Beenay. - Agora! Às câmaras, homens!

Então teve a estranha percepção de que o último raio do sol diminuíra e se desvanecera;

Simultaneamente, ouviu Beenay ofegando e o grito agudo de Sheerin, um riso histérico que terminou em um inesperado silêncio, um estranho, mortal silêncio lá fora.

Latimer relaxou sob o aperto das suas mãos, que se afrouxaram. Theremon observou atentamente os olhos do Cultista e viu o vazio deles, voltados para cima, refletindo o apagado amarelo das tochas. Viu bolhas de espuma nos lábios de Latimer e ouviu seu último soluço.

Sob o fascínio do medo, ergueu-se lentamente num dos cotovelos e olhou para o horrível negror da janela.

Através dela brilhavam as Estrelas!

Não as pobres trinta e seis centenas de estrelas visíveis da Terra, a olho nu. Lagash estava no centro de um gigantesco cúmulo globular. Trinta mil poderosos sóis cintilavam num resplendor que exauria as almas e era mais friamente aterrorizador, em sua indiferença, que o áspero vento que soprava pelo frio e terrivelmente desolado mundo.

Theremon pôs-se de pé com dificuldade, a garganta apertada, dificultando a respiração, todos os músculos do corpo contorcidos por intenso terror e medo insuportá-

veis. Estava enlouquecendo, tinha consciência disso, e em algum ponto muito profundo dentro dele uma ponta de sanidade ainda gritava, debatendo-se, num esforço para afastar a onda negra do terror. É pavoroso enlouquecer conscientemente, sabendo que em poucos segundos você ainda existirá materialmente, mas sua verdadeira essência estará morta e você mergulhará na loucura negra. Pois essa é a Treva - a Treva e o Frio e a Destruição. As brilhantes paredes do universo se estilhaçaram e seus ameaçadores fragmentos negros caíam sobre ele para comprimi-lo, esmagá-lo e obliterá-lo.

Chocou-se com alguém que engatinhava, e caiu sobre ele. As mãos comprimindo a garganta torturada, arrastou-se em direção à chama das tochas que enchiam sua visão de loucura. - Luz! - gritou.

Em algum canto, Aton chorava, soluçando horrivelmente, como uma criança assustada. - Estrelas! Todas as Estrelas! Não sabíamos de nada! Pensamos que seis Estrelas eram tudo; não percebemos as Trevas para todo o sempre, as paredes estão ruindo... Não sabíamos... Não podíamos saber de nada...

Alguém agarrou a tocha e ela caiu e se apagou. Nesse instante, o brilho horrível das indiferentes Estrelas saltou para junto deles.

No horizonte, para além da janela, na direção da cidade de Saro, um clarão carmesim começava a crescer, reforçando o brilho, e não era o clarão de um sol.

A longa noite tinha voltado.

Em 1948, acordei certa manha para ler no New York Times que a *Finita Street & Smith Publications* havia suspendido a publicação das suas revistas baratas (NT- "pulp magazines" - revistas de papel barato, de "polpa" de madeira).

Uma vez que *Astounding Science Fiction* era uma das publicações de *Street & Smith*, tudo ficou escuro diante de meus olhos. Pode-se compreender: durante um período de seis anos, de 1943 a 1948 inclusive, havia conseguido vender exclusivamente para Astounding e nela ver publicadas treze histórias de ficção científica. Durante aquele período havia constantemente trabalhado com a sensação de que não era propriamente um escritor, mas apenas uma pessoa que conseguira escrever com sucesso para um mercado em particular, de maneira que se alguma coisa acontecesse à revista Astounding ou ao Sr. Campbell, seu editor, eu estava liquidado.

Com grande dificuldade terminei de ler o artigo e deparei-me, quase no fim, com a última e casual informação (quase como um post-scriptum) de que Astounding era a única exceção - a única "pulp" de Street & Smith cuja publicação seria mantida.

Recobrei-me, mas ainda sentia-me em situação precária. Alguma coisa ainda poderia acontecer à revista ou ao Sr. Campbell. (Nada aconteceu! Pelo menos até agora! No momento em que escrevo, há mais de vinte anos depois daquele artigo, Astounding ainda existe e goza de renome, embora a sua editora seja outra e seu nome tenha sido substituído para Analog. E o estável Sr. Campbell ainda é o seu editor.)

Ainda vendi mais quatro histórias a Astounding em 1949 e 1950, antes de interromper a série. Aconteceu então, em 1950, que uma nova revista de ficção científica tomou corpo súbita e vigorosamente, sob a enérgica direção do seu editor, Horace L. Gold.

O Sr. Gold empenhou-se em procurar histórias enquanto a revista estava sendo formada e me perguntou se não poderia submeter algumas à sua apreciação. Hesitei porque não estava inteiramente certo de que o Sr. Gold gostaria delas e me indagava se poderia suportar rejeições que viessem a servir como "prova" de que não era realmente um escritor, mas apenas aquele tipo de autor ligado a um único editor.

Entretanto, o Sr. Gold persuadiu-me. Escrevi duas histórias que ele aceitou, A primeira, eu senti, podia ter sido uma venda forçada, pois precisava dela com urgência, para a edição de estreia A segunda história, que apareceu no segundo número da revista, não tinha motivos artificiais para ser comprada, assim me pareceu. Quando a venda se efetuou, aceitei como merecida e uma agonia de insegurança que se prolongava por mais de sete anos deixou-me, finalmente. A segunda história a que me refiro é o que lerão em seguida.

Há um detalhe, porém: os editores sentem a frequente necessidade de mudarem os títulos das histórias, Só Deus sabe por quê! Alguns editores são piores do que outros e a mania do Sr. Gold era realmente acentuada.

O meu próprio título para esta história foi "Green Patches" (Manchas Verdes) por razões que se tornem perfeitamente claras quando se lê a história. Por alguma obscura razão, o Sr. Gold não o aprovou e quando por fim a história foi publicada, trazia o título de *"Misbegotten Missionary" (Missionário Ilegítimo)*. A não ser pela aliteração (em inglês), não pude var nenhum motivo para que o título viesse a despertar o interesse de qualquer pessoa racional.

Assim sendo, estou aproveitando a oportunidade, agora, para dar à história o seu título original - e não creio estar sendo indevidamente apressado ao fazê-lo. Afinal,

esperei dezoito anos por tal oportunidade.

*1ª publicação - Galaxy Science Fiction - novembro de 1950, sob o título: Misbegotten Missionary - (Missionário Ilegítimo) - (c) 1950, by World Editions, Inc.*

# Manchas verdes

Conseguira entrar na nave! Dúzias de outros haviam estado espera do fora da barreira de energia quando finalmente lhes pareceu que esperar já não adiantava. Foi então que a barreira vacilou por cerca de dois minutos (o que mostrou a superioridade de organismos unificados sobre fragmentos de vida) e ele a atravessou.

Nenhum outro foi capaz de se mover com rapidez suficiente para se aproveitar da falha, mas isto não importava. Sozinho, era suficiente. Ninguém mais seria necessário.

O sentimento de euforia, porém, cedeu ao de solidão. Terrível fato. Infeliz e antinatural, era estar separado de todo o resto de um organismo unificado, para se tornar um fragmento de vida. Como podiam aqueles alienígenas suportar o fato de serem apenas fragmentos de vida?

Isto levou-o a sentir maior simpatia pelos alienígenas. Agora que ele mesmo vivenciava a fragmentação, podia sentir, embora de maneira remota, o terrível isolamento que os tornava tão cheios de medo. Fora o medo, nascido do isolamento, que ditara as suas ações. Que outra causa poderiam ter a não ser o medo insano de sua condição, que os levara a destruir uma área de cerca de uma milha de diâmetro, transformando-a num forno de um vermelho escuro, antes de baixarem a sua nave? Até mesmo a vida organizada, a dez pés de profundidade do solo, havia sido destruída com a rajada.

Tomou-se receptivo, escutando avidamente, deixando que os pensamentos alienígenas o saturassem. Apreciou aquele toque de vida em sua consciência. Devia racionar aquele prazer, não devia esquecer-se de si mesmo.

Mas não poderia haver nenhum mal em escutar pensamentos. Alguns dos fragmentos de vida naquela nave penavam até muito claramente, considerando-se que eram tão primitivos - criaturas incompletas. Os seus pensamentos soavam como sininhos.

- Sinto-me contaminado - disse Roger Oldenn. - Sabe o que quero dizer? Fico a lavar as mãos e não adianta.

Jerry Thom odiava a dramaticidade e nem sequer levantou os olhos. Ainda estavam manobrando na estratosfera do Planeta de Saybrook e preferia observar os instrumentos no painel. Afinal, respondeu:

- Não há razão para se sentir contaminado. Nada aconteceu.

- Espero que não - disse Oldenn. - Pelo menos fizeram com que toda a equipe de campo despisse suas roupas espaciais na comporta de ar para uma desinfecção completa. Todos os homens que voltaram de fora tomaram um banho de radiação. Suponho que nada aconteceu.

- Por que ficar nervoso, então?

- Não sei. Gostaria que a barreira não tivesse cedido.

- E quem não gostaria? Foi um acidente.

- É, mas eu fico pensando - e havia veemência na voz de Oldenn. - Estava aqui quando a coisa aconteceu. Como você sabe, era meu turno. Não havia razão para sobrecarregar a linha de força. Havia muito equipamento desnecessariamente ligado.

- Está bem. Às vezes as pessoas são estúpidas.

- Mas não tanto. Estava por perto quando o Velho verificava o assunto. Ninguém pode apresentar uma desculpa razoável, O protetor de circuitos que chupava dois mil watts havia sido colocado na linha da barreira. Estiveram usando os protetores secundários durante uma semana. Por que não desta vez? Não puderam apresentar nenhuma desculpa.

- E você, pode?

- Não - e Oldenn corou. - Estava apenas pensando se os homens não teriam sido... - parou por um instante, procurando a palavra correta - hipnotizados por aquilo. Por aquelas coisas lá fora.

- Não repetiria isso para ninguém mais - disse Thom, encarando o outro. - A barreira caiu por apenas dois minutos. Se alguma coisa tivesse acontecido, se até mesmo uma folha de grama tivesse conseguido introduzir-se, tal fato se teria refletido nas nossas culturas de bactérias dentro de meia hora e nas colônias das moscas-das-frutas em questão de dias. Antes que pudéssemos voltar, estaria presente nos "hamsters", nos coelhos, e talvez nas cabras. Ponha isto na sua cabeça, Oldenn, nada aconteceu. Nada.

Oldenn girou sobre os calcanhares e saiu. Ao deixar o aposento, passou a apenas dois pés de um objeto a um canto - mas não o viu.

Desligou seus centros receptores e deixou que os pensamentos passassem por ele, despercebidos. Aqueles fragmentos de vida não eram importantes, de qualquer modo, uma vez que não eram constituídos para a continuação da vida. Sendo fragmentos, eram incompletos.

Quanto aos outros tipos de fragmentos, já era diferente. Devia acautelar-se quanto a eles. A tentação seria grande e não deveria dar nenhuma indicação, de modo algum, da sua existência a bordo da nave, até que descessem no planeta que a eles dera origem.

Concentrou a atenção em outras partes da nave, maravilhando- se com a diversidade de vida. Cada item, por menor que fosse, era suficiente por si mesmo. Forçou-se a contemplar tudo aquilo, até que o desagradável pensamento ali concentrado irritou-o e passou a sentir saudade da normalidade da vida em seu planeta de origem.

A maioria dos pensamentos que recebia dos fragmentos menores era vago e fugaz, como se podia esperar. Não se podia obter grande coisa deles, o que significava que a sua necessidade de complementação era ainda maior. E era exatamente aquilo que o tocava tão profundamente.

Ali estava aquele fragmento de vida, agachado, de dedos enfiados na tela de arame que o cercava. Emitia pensamentos claros, porém limitados, dirigidos, principalmente, à fruta amarela que um fragmento seu companheiro estava comendo. Desejava a fruta, com veemência. Somente a tela de arame, que os mantinha separados, impedia que tomasse a fruta pela força.

Desconcentrou-se, num momento de nojo: Aqueles fragmentos competiam por comida!

Tentou lançar o pensamento para longe, buscando a paz e a harmonia do lar, mas a distância já era agora imensa. Podia atingir somente o nada que o separava da sanidade.

Sentiu falta até mesmo do solo morto, entre a barreira e a nave, Arrastara-se sobre ele na noite passada. Nenhuma vida havia mais ali, mas era o solo natal, e do outro lado da barreira ainda vinha a confortadora sensação do resto da vida organizada.

Podia lembrar-se do momento em que se localizara na superfície da nave, mantendo uma desesperada sucção para agarrar-se até que a câmara de vácuo se abriu. Entrara, movendo-se cautelosamente por entre os suportes que se projetavam. Havia mais uma câmara interna, que ultrapassara mais tarde. Agora jazia ali, tornado fragmento de vida, Inerte e despercebido.

Cautelosamente, voltou a se tomar receptivo, concentrando-se no foco anterior. Aquele fragmento de vida, agachado, balançava furiosamente a tela de arame, Ainda desejava a comida do outro, embora fosse o menos esfomeado dos dois.

- Não dê comida a este diabo de coisa - disse Larsen. - Não está com fome, só está irritada porque Tillie teve a coragem de comer diante dela, antes de ficar farta. Macaca esfomeada! Só desejo voltar para casa e nunca mais ter que olhar na cara de um animal novamente.

Fez uma carranca para a mais velha das fêmeas de chimpanzé, enquanto a macaca abria e contorcia a larga boca, emitindo sons inarticulados, respondendo-lhe claramente.

- Está bem, está bem - disse Rizzo. - Para que ficar aqui então? A hora da boia já passou. Vamos embora.

Ao sair, passaram pelo cercado das cabras, as gaiolas dos coelhos e as dos "hamsters".

- Você se apresenta para uma viagem de exploração e se sente como um herói. Então o mandam para o espaço, depois de alguns discursos, para fazer de você um guarda de zoológico - disse Larsen, com amargura.

- Mas pagam-lhe em dobro.

- Multo bem, e daí? Não me alistei somente por dinheiro. Durante as instruções para a tripulação, disseram que haveria até mesmo a probabilidade de não voltarmos, de termos a mesma sorte que Saybrook. Alistei-me porque desejava fazer alguma coisa importante.

- Só um maldito herói em flor - disse Rizzo.

- Não sou babá de animal.

- Olhe só - disse Rizzo, parando e levantando um "hamster" para acariciá-lo. - Você já pensou que talvez uma das fêmeas desses roedores esteja guardando alguma bela e pequenina cria e que já esteja a ponto de nascer?

- Sabichão! São testadas todos os dias.

- Certo, certo - disse Rizzo afagando a criaturinha, que vibrou o focinho na sua direção. - Mas suponha que certa manhã você desce até aqui e os encontra lá. Novos e pequenos roedores, de cabeças levantadas para você, com manchas verdes e pele macia no lugar onde os olhos deviam estar.

- Cale esta boca, pelo amor de Deus! - gritou Larsen.

- Manchas verdes, pequeninas, de pele macia e brilhante - disse Rizzo, voltando a colocar o animal na gaiola e sentindo uma súbita sensação de repugnância.

Voltou ao estado receptivo, mas variando o foco da sua atenção. Não havia um só fragmento de vida especializada lá no seu planeta que não tivesse a sua contra-parte

a bordo da nave.

Havia corredores, de várias formas, os nadadores e os voadores. Alguns dos voadores eram até grandes, emitindo pensamentos perceptíveis; outros eram pequenos, criaturas de asas diáfanas. Estes últimos transmitiam apenas padrões de percepção, padrões imperfeitos, aos quais não adicionavam nada de inteligente por sua própria conta.

E existiam também os imóveis que, como os do seu planeta, eram verdes e viviam do ar, da água e do solo: Estes eram mentalmente nulos. Dispunham apenas de uma vaga, obscura consciência de luz, umidade e gravidade.

E cada fragmento, quer se movesse ou não, dispunha de um arremedo de vida.

Ainda não. Ainda não...

Com firmeza, sufocou seus sentimentos. Certa vez aqueles fragmentos de vida haviam chegado e o seu povo havia tentado ajudá-los - precipitadamente. Não havia dado certo. Desta vez, teriam que esperar.

Contanto que aqueles fragmentos não o descobrissem.

E não havia descoberto, até agora. Não haviam notado a sua presença, ali num canto do quarto do piloto. Ninguém se havia inclinado para apanhá-lo e livrar-se dele. Para tanto, tivera que permanecer imóvel. Alguém podia voltar-se e encarar algo assim como uma coisa rígida, parecida com um verme de não mais que seis polegadas. Primeiro olhar, depois gritar, e tudo acabado.

Mas agora, talvez já tivesse esperado o suficiente. Há muito já haviam decolado. Os controles estavam travados e o quarto do piloto, vazio.

Não levou muito tempo para achar a fenda na blindagem levando ao recesso onde estava parte da fiação - que não passava de arames mortos.

O extremo frontal do seu corpo era uma lima que cortou em dois um arame, do diâmetro certo. Em seguida, seis polegadas adiante, cortou de novo. Empurrou a seção cortada do arame para adiante, guardando-a perfeitamente invisível a um canto do recesso. Seu revestimento externo era de um material elástico marrom, enquanto o seu miolo era de um metal avermelhado e brilhante. Não poderia reproduzir o miolo, naturalmente, mas não seria necessário. Bastaria que a película que o cobria fosse cuidadosamente gerada para se assemelhar à superfície de um arame.

Voltou-se para agarrar-se às extremidades cortadas do arame, ajustando-se a elas na frente e atrás. Ligou-se fortemente a elas à medida que os seus pequenos discos de sucção funcionavam. Não se poderia notar uma única emenda.

Agora, não poderiam encontrá-lo Poderiam olhar diretamente para ele e veriam apenas um fio contínuo.

A menos que olhassem muito atentamente, na verdade, e notassem que, em determinado lugar do arame, lá estavam duas diminutas manchas de uma pele macia, brilhante e verde.

- É notável - disse o Dr. Weiss - que aqueles pelinhos verdes possam realizar tanto.

O capitão Loring servia o brandy com todo o cuidado. De alguma maneira tratava-se de uma comemoração, pois estariam prontos para saltar pelo hiperespaço dentro de duas horas e, depois disto, em dois dias estariam de volta à Terra.

- Está convencido, então, que o pelo verde é um órgão sensorial? - indagou ele.

- Estou - disse Weiss. A bebida alcoólica fazia-lhe mal, mas estava consciente de que era preciso comemorar - muito consciente aliás. - As experiências foram realizadas com dificuldade, mas o resultado é expressivo.

- "Com dificuldade" - disse o capitão sorrindo formalmente - é modo de dizer. Pes-

soalmente, nunca teria corrido os riscos que você assumiu.

- Tolice. Somos todos heróis a bordo desta nave, todos voluntários, todos grandes homens com trombeta, pífaro e fanfarra. Você correu o risco de vir aqui.

- Você foi o primeiro a sair da barreira.

- Não havia nenhum risco especial - disse Weiss. - Fui queimando o solo, sem falar da barreira portátil que me circundava. Tolice, capitão. Vamos todos receber nossas medalhas quando voltarmos. Vamos recebê-las sem tentar uma promoção. Além disso, sou um homem.

- Mas você está cheio de bactérias até aqui - e o capitão fez um rápido gesto com a mão, acima da cabeça. - E tal fato torna-o tão vulnerável quanto uma mulher.

Fizeram uma pausa para beber.

- Mais um pouco? - perguntou o capitão.

- Não, obrigado. Já ultrapassei a minha quota.

- Então, um último brinde aos caminhos do espaço - e levantou o copo na direção generalizada do Planeta de Saybrook, não mais visível, seu sol apenas uma brilhante estrela no visor. - Aos pelinhos verdes, que deram início a Saybrook.

- Um golpe de sorte - disse Weiss, concordando com a cabeça. - Poremos o planeta em quarentena, naturalmente.

- O que não me parece suficientemente drástico - disse o capitão. - Alguém pode sempre ir lá, por acidente, algum dia, e não ter a visão de Saybrook. E suponha que ele venha a descer em algum lugar deserto.

O humor do capitão era sombrio, quando continuou. - Acredita que eles possam conseguir as viagens interestelares?

- Duvido, e não há prova, naturalmente. Acontece que eles têm uma orientação completamente diferente. A sua inteira organização de vida tornou as ferramentas desnecessárias. Tanto quanto sabemos, não existe no planeta nem mesmo um machado de pedra.

- Espero que esteja certo. Mudando de assunto, Weiss, poderia dispor de algum tempo para o Drake?

- Aquele sujeito da Imprensa Galáctica?

- Sim. Uma vez que estamos de volta, a história do Planeta de Saybrook será liberada para o público e não acredito que seja conveniente que haja sensacionalismo em torno do assunto. Pedi ao Drake que o consulte. Você é um biólogo e tem suficiente autoridade para pressioná-lo. Você aceitaria?

- Com prazer.

O capitão fechou os olhos cansadamente e abanou a cabeça.

- Dor de cabeça, capitão?

- Não. Só pensando no pobre Saybrook.

Estava cansado daquela nave. Um instante atrás fora tomado por estranha e momentânea sensação, como se tivesse sido virado pelo avesso. Foi alarmante e sondou as mentes dos pensadores fortes, em busca de uma explicação. Aparentemente a nave lançara-se através de vastas regiões de espaço vazio, atravessando algo que eles chamavam de hiperespaço. Os pensadores fortes eram engenhosos.

Mas... sentia-se cansado da nave. Era um fenômeno fútil. Os fragmentos de vida eram muito destros em suas construções, mas tal virtude estava na exata medida da sua infelicidade, afinal de contas. Empenhavam-se em achar no controle da matéria inanimada o que não podiam encontrar em si mesmos. Na sua busca inconsciente pela completude, construíam máquinas e perscrutavam o espaço, procurando, procu-

rando...

Aquelas criaturas, sabia ele, jamais encontrariam, na própria natureza das coisas, o que realmente procuravam. Pelo menos até o exato momento em que ele lhes oferecesse, como uma dádiva, o que certamente procuravam com avidez. E ao pensar nisto, estremeceu um pouco.

Completude!

Aqueles fragmentos nem sequer tinham um conceito completo do que era aquilo. "Completude", na verdade, era um termo pobre.

Na sua ignorância, viriam até a combatê-la, como havia acontecido com a nave que chegara antes ao seu planeta. A primeira nave continha muitos dos fragmentos pensadores fortes, dos quais havia duas variedades: os produtores de vida e os estéreis. (Como era diferente aquela segunda nave! Os seus pensadores fortes eram todos estéreis, enquanto os pensadores nebulosos e os não-pensadores produziam vida, todos eles. Era mesmo estranho.)

Com que alegria a primeira nave havia sido recebida por todos do planeta! Podia lembrar-se da primeira e intensa reação, quando perceberam que os visitantes eram fragmentos, não eram completos. O choque cedeu depois à piedade e esta à ação. Não se tinha certeza de como poderiam ser enquadrados na comunidade, mas não houve a menor hesitação. Toda vida era sagrada e de algum modo algum espaço lhes deveria ser concedido - a todos eles, desde os grandes pensadores fortes até aos pequeninos multiplicadores, na escuridão.

Cometeu-se um engano, pois não analisaram corretamente o curso de pensamento dos fragmentos de vida. Os pensadores fortes tornaram-se conhecedores do que havia sido feito e ressentiram-se. Estavam amedrontados, naturalmente. Não podiam entender.

Em primeiro lugar, criaram a barreira e, depois, mais tarde, destruíram-se a si mesmos, fazendo explodir a sua nave em átomos.

Insensatos, pobres fragmentos.

Desta vez porém, seria diferente: seriam salvos a despeito deles mesmos.

John Drake não o admitira em tantas palavras, mas o fato é que se sentia muito orgulhoso da sua perícia com a datilo-fotográfica. Possuía um modelo de viagem, tamanho seis por oito, alojado numa placa escura de plástico, com saliências cilíndricas em cada extremidade, para manter o rolo de papel fino. Encaixava-se numa bolsa de couro marrom, equipada com um dispositivo em forma de cinto que se mantinha apertado à cintura e a um dos quadris. A coisa toda pesava menos de uma libra.

Drake podia operá-la com ambas as mãos, seus dedos mexiam-se leve, rápida e facilmente, colocando sua leve pressão nos pontos exatos sobre a superfície branca. E então, sem emitir nenhum som, as palavras eram escritas.

Ficou a olhar pensativamente para o começo de sua história, voltando-se então para o Dr. Weiss, para indagar: - O que acha, doutor?

- É um bom começo.

- Pensei que seria bom começar com o próprio Saybrook - disse Drake, meneando a cabeça. - A história dele ainda não foi liberada para o público, lá em casa. Gostaria de ter visto o relatório original de Saybrook. E por falar nisto, como é que ele conseguiu transmiti-lo?

- Tanto quando posso dizer, acho que ele passou sua última noite enviando-o através do sub-éter Quando terminou, curto-circuitou os motores, convertendo a nave inteira numa fina nuvem de vapor em um milionésimo de segundo, bem como ele

próprio e a tripulação.

- Que homem! O senhor está nisto desde o início, doutor?

- Não desde o início - corrigiu Weiss gentilmente. - Somente depois do recebimento do relatório de Saybrook.

Não podia impedir-se de ficar relembrando. Havia lido o relatório, compreendendo desde o início quão maravilhoso o planeta deveria parecer quando a expedição colonizadora de Saybrook ali chegou. Praticamente, era uma duplicata da terra, com abundância de vida vegetal e uma vida animal puramente vegetariana.

A única coisa que parecia estranha eram as pequeninas manchas de pelo verde (com que frequência havia usado aquela frase ao falar e pensar!), nenhum ser vivente no planeta possuía olhos. Ao invés, lá estavam as manchas de pelo verde. Até mesmo as plantas, em cada fio de grama, nas folhas e flores, possuíam as duas pequeninas manchas de um verde mais vivo.

Foi então que Saybrook notou, surpreendido e confuso, que não havia conflito pela alimentação naquele planeta. Todas as plantas deixavam crescer polpudos ramos que eram comidos pelos animais. E os ramos voltavam a crescer em questão de horas. Nenhuma outra parte das plantas era tocada. Era como se as plantas alimentassem os animais como parte da ordem natural. E as plantas não cresciam em indiscriminada profusão. Eram quase como que cultivadas, pois se espalhavam sobre o solo disponível de maneira organizada.

Quanto tempo, ponderava Weiss, teria levado Saybrook para observar a estranha lei e ordem do planeta? - O fato, por exemplo, de que os insetos mantinham-se dentro de números razoáveis, embora os pássaros não os comessem? E que os roedores não formassem bandos, embora não existissem carnívoros para reduzir sua população.

Foi então que se registrou o incidente com os ratos brancos.

Weiss sentiu-se guilhotinado ao pensar naquilo e disse:

- Oh, uma correção, Drake. Os "hamsters" não foram os primeiros animais envolvidos. Foram os ratos brancos.

- Ratos brancos - repetiu Drake fazendo a correção em suas notas.

- Toda nave colonizadora - disse Weiss - leva um grupo de ratos brancos com o propósito de testar qualquer alimentação alienígena. Os ratos, como se sabe, são muito semelhantes aos seres humanos, sob o ponto de vista nutricional. E, naturalmente, somente foram levadas fêmeas.

- Naturalmente. Se apenas um sexo estivesse presente, não haveria o perigo de multiplicação indiscriminada, caso o planeta se mostrasse favorável. Lembre-se da proliferação dos coelhos na Austrália.

- Por falar nisso, por que não usar os machos? - perguntou Drake.

- As fêmeas são mais fortes - disse Weiss - O que é uma sorte, desde que aquela situação se tornou clara. Porque subitamente tornou-se evidente que toda as ratazanas estavam prenhes.

- Certo Mas aí está ponto onde quero chegar, pois esta é a chance de esclarecer as coisas. Para minha própria informação, doutor, como foi que Saybrook descobriu que elas iam procriar?

- Acidentalmente, é claro. Dentro da rotina da investigação nutricional, as ratas são dissecadas para se verificar se havia lesões internas. Assim sendo, as suas condições seriam descobertas. Mais algumas foram dissecadas e os resultados foram os mesmos, Eventualmente, todas as que foram deixadas com vida, tiveram filhotes - e isto sem que houvesse machos a bordo!

- E a questão é que todos os filhotes nasceram com pequeninas manchas de pelo

verde no lugar dos olhos.

- Correto. Foi o que disse Saybrook e o que nós confirmamos. Depois das ratas, a gata de uma das crianças foi obviamente afetada. Quando finalmente os gatinhos surgiram, não tinham os olhos fechados mas, em seu lugar, pequenas manchas de pelo verde. E não havia nenhum gato a bordo.

Foi então que Saybrook teve a ideia de examinar as mulheres, sem lhes dizer qual o seu propósito, pois não desejava assustá-las. Todas elas estavam no primeiro período de gestação, sem considerar as poucas que já estavam grávidas antes de embarcar. E, naturalmente, Saybrook não ficou esperando que alguma criança nascesse. Ele sabia que não teriam olhos, apenas brilhantes tufos de pelo verde.

- Ele até mesmo preparou culturas de bactérias - continuou Weiss - pois Saybrook era um homem que ia até ás últimas consequências e constatou que cada bacilo apresentava microscópicos pontos verdes.

- Isto vai muito além de toda e qualquer informação recebida ou, pelo menos, das que recebi - e Drake mostrava-se ansioso. - Mas, sabendo-se que a vida no Planeta de Saybrook é organizada num todo unificado, como pode ser?

- Como? Como são as suas células organizadas num todo unificado? Tire uma célula, individual, do seu corpo, até mesmo uma célula do seu cérebro, e o que ela é por si mesma? Nada. Uma bolha de protoplasma, com capacidade para nada mais humano do que uma ameba. Menos capacidade até, uma vez que não poderia viver por si mesma. Mas junte as células e você tem algo que pode inventar uma espaçonave ou escrever uma sinfonia.

- Entendo o que quer dizer - disse Drake.

- Toda a vida no Planeta de Saybrook pertence a um único organismo. De uma certa maneira, toda a vida na Terra também é assim, mas é uma dependência combativa, a dependência entre o cão e o gato. A bactéria fixa nitrogênio e as plantas, carbono; os animais comem as plantas e uns aos outros. A decadência da bactéria atinge tudo - e o círculo se fecha. Cada um agarra o quanto pode e, a seu turno, é agarrado.

- No Planeta de Saybrook cada organismo tem o seu lugar - continuou o Dr. Weiss - como cada célula o tem em nosso corpo. Bactérias e plantas produzem alimentos de cujo excesso os animais se nutrem, que por seu turno proporcionam dióxido de carbono e resíduos nitrogenados. Nada é produzido mais ou menos do que é necessário. O esquema de vida é inteligentemente alterado para acomodar-se ao ambiente local. Nenhum grupo de formas de vida multiplica-se mais ou menos do que o necessário exatamente como as células do nosso corpo param de multiplicar-se quando já existe bastante delas para um determinado propósito. E quando não param de multiplicar-se chamamos isso de câncer. E é o que a vida na Terra realmente é, a espécie de organização orgânica que possuímos comparada á do Planeta de Saybrook: um enorme câncer. Todas as espécies e cada indivíduo em particular, fazendo o melhor que pode para medrar e prosperar às expensas de outras espécies e de outro indivíduo.

- O senhor fala como se aprovasse o Planeta de Saybrook,

- E aprovo, de certa forma. Faz sentido para este negócio de viver. Posso entender o ponto de vista deles quanto a nós. Suponha que uma das células do seu corpo venha a ficar consciente da eficácia do corpo humano, em comparação com a eficiência da própria célula e possa entender que isto é apenas o resultado da união de muitas células dentro de um todo maior. Suponha que se tome consciente também da existência de uma célula vivendo por si mesma, tendo escassa vida e nada mais. Sentirá então um forte desejo de arrastar aquela pobre coisa para uma organização. Sentirá

pena e será talvez possuída por um espírito missionário. As coisas do Planeta de Saybrook - ou a coisa, pode-se usar o singular - sente-se exatamente assim, talvez.

- E vai em frente provocando partenogêneses, hein, doutor? Tenho que apresentar este assunto com cuidado. Nada de atentar contra os regulamentos postais, o senhor sabe.

- Não há nada de obsceno nisso, Drake. Há séculos somos capazes de fazer com que os ovos de ouriços-do-mar, abelhas, rãs, etc, sejam fertilizados sem o auxilio do macho. Algumas vezes o simples toque de uma agulha é suficiente ou apenas a imersão na apropriada solução salina. A coisa no Planeta de Saybrook pode provocar a fertilização pelo uso controlado da energia radiante. Aí está por que o uso adequado de uma barreira de energia a fez parar. Interferências, você sabe, estática.

- Podem fazer mais do que estimular a divisão e o desenvolvimento de um ovo não fertilizado - continuou o Dr. Weiss. - Podem imprimir as suas próprias características nas suas nucleoproteínas, de maneira que os novos espécimes já vêm à luz com as pequenas manchas de pelo verde, que atuam como o órgão sensorial do planeta e meio de comunicação. Os que vêm a nascer não do indivíduos, mas tornam-se parte da coisa no Planeta de Saybrook. E a coisa no planeta - de maneira não absolutamente acidental - pode impregnar qualquer espécie - planta, animal ou seres microscópicos.

- Coisa potente! - murmurou Drake.

- Totipotente - disse o Dr. Weiss categoricamente. - Universalmente potente. Cada fragmento da coisa é totipotente. Dentro de um dado tempo, uma única bactéria procedente do Planeta de Saybrook pode converter toda a Terra em um único organismo. Temos prova experimental.

- Sabe, doutor, acho que sou um milionário - disse Drake muito inesperadamente. - Pode guardar um segredo?

Weiss assentiu, surpreso.

- Trouxe uma lembrança do Planeta de Saybrook - disse-lhe Drake abrindo-se num sorriso. - É apenas uma pedrinha mas, depois da publicidade que o planeta terá, combinada com o fato de que entraremos em quarentena a partir daqui, a pedra será a única coisa que um ser humano verá do tal planeta. Por quanto o senhor acha que posso vendê-lo?

- Uma pedra - e Weiss tinha os olhos arregalados. Segurou arrebatadamente o objeto que lhe era mostrado, ovoide, duro e cinzento. - Você não devia ter feito isto, Drake. É estritamente contra os regulamentos.

- Eu sei. E aí está por que perguntei se podia guardar um segredo. Se me pudesse dar uma nota assinada, de autenticação... Mas o que é que há, doutor?

Em vez de responder, Weiss podia apenas balbuciar e apontar. Drake correu para ele a fim de olhar para o seixo em sua mão. Era o mesmo de antes, exceto que a luz incidia sobre ele em determinado ângulo e apresentava dois pontinhos verdes. Olharam mais detidamente: eram manchas de pelos verdes.

Sentia-se aturdido. Havia definitivamente um ar de perigo dentro da nave. Era a suspeita da sua presença. Mas como podia ser isto? Ainda não havia feito nada! Teria algum outro fragmento procedente do seu planeta logrado entrar na nave e teria sido menos cauteloso? Mas isso seria impossível sem o seu conhecimento e ainda que analisasse intensamente toda a espaçonave, nada mais poderia encontrar.

A suspeita diminuiu então, mas não se extinguiu inteiramente. Um dos pensadores fortes ainda continuava conjeturando e estava próximo de atingir a verdade.

Quanto tempo levariam ainda para aterrissar? Deveria um mundo inteiro de fragmentos de vida ser privado da completude? Agarrou-se mais ainda às pontas do fio que havia gerado especialmente para imitar, receando a detecção, temeroso pela sua altruística missão.

O Dr. Weiss trancara-se em seu quarto. Já estavam dentro do sistema solar e em três horas estariam aterrissando. Precisava pensar. Tinha três horas para decidir.

A diabólica "pedrinha" de Drake fora parte da vida organizada no Planeta de Saybrook, naturalmente, mas estava morta. Já estava morta quando a viu pela primeira vez e se não estivesse, certamente o estaria agora quando a jogaram no motor hiperatômico, transformando-a num lampejo de puro calor. E as culturas de bactérias mostraram-se ainda normais quando Weiss ansiosamente as examinara.

Mas não era isto o que preocupava Weiss agora.

Drake havia apanhado o "seixo" durante as últimas horas de estadia no Planeta de Saybrook - depois que a barreira de energia vacilara. Mas o que aconteceria se a tal quebra da barreira tivesse sido o resultado de uma vagarosa porém determinada e constante pressão mental por parte da coisa do planeta? E o que dizer se parte dele estivesse estado esperando para invadir a nave quando a barreira se quebrasse? Se o "seixo" não tivesse sido suficientemente rápido e se tivesse movido somente depois que a barreira houvesse sido restabelecida, teria sido morto. E teria ficado ali, à vista de Drake, que o apanhou.

Era apenas um "seixo" e não uma forma de vida animada. Mas não se poderia pensar também que escondesse alguma forma de vida? Poderia ser uma deliberada produção do organismo unificado do planeta - uma criatura deliberadamente destinada a se parecer com um seixo, de aparência inofensiva, de maneira a não provocar suspeitas. Em outras palavras, camuflagem - de uma eficiência astuciosa e amedrontadora.

Teria outra criatura camuflada conseguido atravessar a barreira, antes que fosse restabelecida - com uma forma convenientemente roubada das mentes dos humanos a bordo da nave, - organismo vivo do planeta, que lhes podia ler as mentes? E se tivesse a aparência corriqueira de um peso para papéis? Ou, talvez, a forma de uma tacha de latão que ornamentasse a cadeira antiga do capitão? Como poderiam localizar? Teriam que procurar por toda a parte da nave pelas denunciadoras manchas verdes - até mesmo nos micróbios, individualmente?

E por que a camuflagem? Desejava a coisa manter-se invisível por algum tempo? Por quê? Para esperar suficientemente até que chegassem à Terra?

Uma infecção depois de terem aterrissado não poderia ser cortada fazendo explodir a espaçonave. As bactérias da Terra, os fungos, germes e protozoários seriam os primeiros a ser atingidos. Dentro de um ano os bebês não-humanos estariam chegando aos bilhões.

Weiss fechou os olhos e disse para si mesmo que, afinal, a coisa não seria assim tão má. Não haveria mais doença, pois as bactérias não se multiplicariam às expensas do hospedeiro, mas passariam a ficar satisfeitas com a justa porção que lhes coubesse. Não haveria mais superpopulação: as bordas da humanidade declinariam para ajustar-se ao suprimento de alimentos. Não existiriam mais guerras, nem crimes, nem ganância.

Mas a individualidade deixaria também de existir.

A humanidade encontraria a segurança tomando-se apenas um dente na engrenagem biológica. O homem seria irmão de um germe ou de uma célula do fígado.

Levantou-se. Precisava ter uma conversa com o Capitão Loring. Enviariam o seu relatório e faria explodir a nave - exatamente como Saybrook havia feito.

Mas voltou a sentar-se. Saybrook havia tido provas, enquanto ele dispunha apenas das conjecturas de uma mente aterrorizada, agitada pela visão de duas manchas verdes em um seixo. Teria o direito de matar duas centenas de homens a bordo na nave, levado por uma simples suspeita?

Precisava pensar!

Sentia-se cansado. Por que tinha que esperar? Se ao menos já pudesse dar as boas-vindas aos que estavam a bordo agora. Agora!

No entanto, uma parte mais fria e mais razoável dele mesmo disse-lhe que não devia fazê-lo. Os pequeninos multiplicadores na escuridão poderiam trair o seu novo estado dentro de quinze minutos e os pensadores fortes os mantinham sob constante observação. Mesmo a uma milha da superfície do planeta seria cedo demais, uma vez que ainda poderiam destruir-se, explodindo a nave no espaço.

Melhor seria esperar até que as câmaras de compressão se abrissem, que o ar do planeta entrasse em torvelinho, trazendo milhões de pequenos multiplicadores. Melhor seria então saudar cada um deles dentro da fraternidade da vida unificada, deixando-os depois voar para fora, disseminando a mensagem.

Então, estaria feito! Um outro mundo organizado, completo!

Esperava. Ouviu-se então o pulsar abafado dos motores, trabalhando poderosamente para controlar a lenta queda da nave; sentiu o estremecimento do contato com a superfície planetária e então...

Permitiu que a alegria dos pensadores fortes invadisse inteiramente sua recepção, e a ela respondeu com os seus próprios pensamentos de júbilo. Dentro de pouco tempo seriam capazes de ser tão receptivos quanto ele mesmo. Talvez não aqueles fragmentos de vida em particular, mas os fragmentos que cresceriam daqueles aptos para a continuação da vida.

A comporta principal estava prestes a ser aberta...

E todo o pensamento cessou.

Jerry Thom pensou: "Que diabo, alguma coisa está errada, justo agora!"

- Desculpe. Parece que houve uma queda de energia. As comportas não se abrem - disse então dirigindo-se ao Capitão Loring.

- Tem certeza, Tom? As luzes estão acesas.

- Sim, senhor. Mas já estamos Investigando.

Afastou-se para juntar-se a Roger Oldenn, na caixa do circuito da comporta.

- O que está errado?

- Deixe-me achar o defeito - e as mãos de Oldenn permaneciam ocupadas. - Mas com todos os diabos, há uma abertura de seis polegadas no condutor de vinte ampères.

- O que! Mas não pode ser!

Mas Oldenn levantava agora as extremidades limpas, afiadas e perfeitamente serradas do arame.

O Dr. Weiss juntou-se a eles. Tinha uma aparência amarfanhada e seu hálito recendia a álcool. Trêmulo, indagou:

- O que há?

Disseram-lhe, então. No fundo do compartimento, a um canto, estava a parte sec-

cionada do fio.

Weiss inclinou-se. No chão do compartimento havia um fragmento escuro. Tocou-o, e aquilo dissolveu-se, deixando uma mancha de fuligem na ponta do seu dedo. Esfregou-a, com ar distante.

Devia ter havido alguma coisa que tomara a aparência da seção de fio. Alguma coisa que estivera viva, que apenas parecia arame e ainda assim algo que podia ser queimado, carbonizado, levado a morrer numa fração de segundo - exatamente no instante em que o circuito elétrico que controlava aquela abertura se fechara.

- Como estão as bactérias?

Um membro da tripulação saiu para verificar e voltou com a resposta. - Tudo normal, doutor.

Entrementes, os arames haviam sido emendados, as comportas abertas e o Dr. Weiss por fim pisava mais uma vez no mundo anárquico da vida na Terra.

- Anarquia! - disse ele rindo um pouco nervosamente - E vai continuar assim!

No final de 1950, minha esposa e eu chegamos, relutantemente, à triste conclusão de que não iríamos ter filhos. Não havia nada de particularmente errado em nós que se pudesse encontrar mas, também, nada aconteceria.

Minha esposa decidiu portanto que deveríamos ajustar a nosso modo de vida a ausência de crianças e preparou-se para participar, em grande estilo, da minha carreira de escritor que continuamente se expandia, Pareceu-nos que a eficiência se tomaria maior se trabalhássemos em equipe. Ditaria as minhas histórias e ela as datilografaria.

Tinha minhas dúvidas. Em teoria, a coisa soava bem, mas o fato era que jamais ditara as minhas histórias. Estava acostumado a datilografá-las eu mesmo e a ver as sentenças se formando palavra após palavra, Assim sendo, não comprei um ditafone imediatamente. Convenci o vendedor a deixar a máquina comigo para um período de experiência de trinta dias.

No decurso do mês seguinte ditei três histórias à máquina, das quais A Anfitriã era uma delas. Foi uma experiência assustadora, que me ensinou umas poucas coisas. Por exemplo, descobri que participava da história de maneira bem mais intensa do que percebia, quando a minha esposa entregou-me a pequena fita e me disse enfaticamente: - "Não posso datilografar isto".

Tratei de escutar então o trecho sobre o qual ela fazia objeções, um daqueles em que dois dos meus personagens discutiam com veemência cada vez maior. Descobri que à medida que se tornavam mais emotivos, o mesmo acontecia comigo e que quando a sua discussão atingia o auge, o que eu deixava escapar não passava de sons incoerentes de raiva. Tive que ditar todo o trecho novamente. Céus! Aquilo nunca havia acontecido quando eu mesmo datilografava.

Mas a coisa funcionou. Quando finalmente as histórias foram datilografadas, tinham exatamente a minha marca pessoal - isto é, como se eu mesmo as tivesse datilografado desde o inicio. (Pelo menos foi o que me pareceu - mas você pode ler A Anfitriã e julgar por si mesmo.)

Naturalmente eu estava eufórico. Entrei em contato com o vendedor e disse-lhe que compraria o ditafone. Preenchi o cheque cobrindo o valor total da máquina que, diga-se de passagem, era respeitável

Dentro de uma semana, entretanto, e de acordo com cálculos mais recentes, conseguimos encomendar um bebê. Quando o fato se tomou insofismável, tivemos uma conversa na qual a minha contribuição consistia, inteira e frequentemente, da exclamação: - "'Tá brincando!"

De qualquer forma, o ditafone nunca foi usado novamente, embora continue a ser nosso. E quatro meses depois de A Anfitriã* ter sido publicada, meu filho David nasceu.

*1ª Publicação - Galaxy Science Fiction - maio de 1951 - (c) 1951, by World Editions, Inc.*

**(No original: Hostess)*

# A anfitriã
## (Ou – A Hospedeira)

Rose Smollett estava feliz, quase triunfante. Tirou as luvas, pendurou o chapéu e virou-se para o marido com olhos brilhantes.

- Drake... Ele vai ficar aqui!

Drake a encarou aborrecido.

- Está atrasada para o jantar. Pensei que você fosse estar aqui às sete.

- Ah, não faz mal, comi qualquer coisa antes de vir. Mas Drake... ele vai ficar aqui em casa!

- Ele quem? Do que se trata, afinal?

- O cientista do planeta de Hawkin! Está esquecido da conferência a que fui hoje? Era sobre isto, não falamos noutra coisa o dia inteiro. É a coisa mais formidável que poderia ter acontecido!

Drake Smollett afastou da boca o cachimbo, olhou primeiro para ele e depois para a esposa.

- Deixe ver se entendi. Quando você disse "o cientista do planeta de Hawkin", você quis dizer o hawkiniano que está no Instituto?

- Claro. O que mais poderia ser?

- E posso perguntar o que diabo você quer dizer quando diz que ele vai ficar aqui em casa?

- Drake, você não compreende?

- Compreender o quê? Seu Instituto pode estar interessado nessa criatura, mas eu não estou. Para que esse envolvimento pessoal? É um assunto do Instituto, certo?

- Mas, querido - disse Rose, com paciência, o hawkiniano declarou que gostaria de ficar hospedado na residência de alguém, sem ter que se incomodar com formalidades, podendo se instalar mais de acordo com suas conveniências. Acho muito compreensível.

- Mas por que logo em nossa casa?

- Porque é um lugar adequado, creio. Perguntaram-me se eu faria alguma objeção, e, francamente - neste ponto, Rose se empertigou um pouco, considerei isto um privilégio.

- Olhe aqui - disse Drake, passando os dedos através dos cabelos castanhos até desarrumá-los por completo. - Nós temos uma moradia razoavelmente confortável, certo? Pode não ser o lugar mais chique do mundo, mas é ideal para nós dois. O que eu não sei é como vamos ter espaço para um visitante extraterrestre.

Rose pareceu preocupada, enquanto tirava os óculos e os guardava na caixinha.

- Temos o quarto de hóspedes, não temos? Ele pode ficar lá sem nos dar trabalho. Já falei com ele, é uma pessoa muito agradável. Tudo que precisamos é ser um pouco flexíveis.

- Flexíveis! - exclamou Drake. - Os hawkinianos respiram cianureto. Você não quer que a gente se adapte a isso, não?

- Ele carrega seu cianureto num pequeno cilindro, a gente quase não nota.

- E quais são as outras coisas nele que a gente quase não nota?

- Tudo. Ou nada. Eles são absolutamente inofensivos. Meu Deus... são até mesmo vegetarianos.

- Isso quer dizer que vamos ter que servir feno no jantar. O lábio inferior de Rose começou a tremer.

- Drake, você está sendo deliberadamente detestável. A Terra está cheia de gente vegetariana, e nenhum deles come feno.

- Está bem, e quanto a nós? Vamos poder comer nossa carne tranquilos, ou isso fará com que ele nos considere canibais? Vou logo avisando que não pretendo ficar reduzido a saladas.

- Não seja ridículo.

Rose sentia-se desamparada. Casara relativamente tarde. Ao escolher sua carreira profissional, tinha se dedicado totalmente a ela. Era professora de biologia no Instituto Jenkins de Ciências Naturais e tinha mais de vinte publicações em seu currículo. Numa palavra: tinha preparado o terreno e estava pronta para seguir seu caminho, tendo se preparado para uma vida inteira de trabalho e celibato. E agora, aos 35 anos, ainda se via com um certo espanto na condição de esposa há menos de um ano.

De vez em quando isso a deixava pouco à vontade, ao constatar que não tinha a mais remota ideia de como lidar com um marido. O que se deve fazer quando um marido, num momento de divergência, se mostra obstinado e irredutível? A universidade não a tinha preparado para esse tipo de problema. Ela era uma mulher independente, não se dispunha a recorrer à adulação para convencer Drake.

Portanto, limitou-se a olhá-lo com firmeza e dizer:

- Isto é muito importante para mim.

- Por quê?

- Porque se ele ficar aqui, Drake, Vou ter a chance de estuda-lo de perto. Existe muito pouca pesquisa sobre a biologia e a psicologia dos hawkinianos ou das demais raças inteligentes extraterrestres. Temos bastante coisa sobre sua sociologia e sua história, claro, mas isso é tudo. Você há de concordar que é uma ótima oportunidade. Se ele ficar aqui poderemos observá-lo, conversar com ele, perceber seus hábitos...

- Não estou interessado.

- Oh, Drake, não consigo compreender você.

- Você vai dizer daqui a pouco que eu geralmente não me comporto assim, não é?

- Sim.

Drake ficou em silêncio por algum tempo. Parecia estar se concentrando; seus malares proeminentes e seu queixo largo estavam contraídos, até que ele começou a falar.

- Veja bem. Já ouvi falar uma porção de coisas sobre os hawkinianos, dentro do âmbito do meu trabalho. Você diz que até agora foram feitos estudos sobre a sociologia deles, mas não sobre a sua biologia. Claro. Os hawkinianos não gostam de ser estudados como animais de laboratório, assim como nós também não gostamos. Já conversei com homens que trabalharam no esquema de segurança de várias missões hawkinianas à Terra. Os membros dessas missões permanecem nos aposentos que lhes são designados e só saem dali para os encontros oficiais obrigatórios. Eles não querem proximidade com os terrestres. É bastante óbvio que eles sentem tanta repulsa física por nós quanto nós por eles.

- Na verdade, não entendo por que motivo esse hawkiniano que está no Instituto deveria ser diferente. Além do mais, me parece extremamente atípico o fato de ele

vir sozinho à Terra, e o seu desejo de ficar hospedado numa residência terrestre é o fecho de ouro. Muito estranho.

Rose retrucou, fatigada:

- É um caso diferente, Drake, não sei como você não compreende isso. Ele é um cientista. Está vindo para cá para fazer pesquisas médicas, posso lhe garantir que ele provavelmente não vai achar divertido ficar hospedado entre nós, e provavelmente deve nos achar horríveis. Mas isso não impede que ele fique. Você acha que os cientistas da Terra gostam de ir para os trópicos, ou que acham extremamente divertido sofrer picadas de mosquitos?

Drake retrucou com aspereza:

- Mosquitos? O que tem a ver esta história com mosquitos?

- Ora... nada - disse Rose, surpresa. - Foi algo que me ocorreu, mais nada. Lembrei-me de Reed e de suas pesquisas sobre a febre amarela.

Drake encolheu os ombros.

- Está bem... faça o que achar melhor. Rose hesitou por um momento.

- Você não está zangado, está? - Sentiu-se extremamente infantil fazendo essa pergunta.

- Não.

Isso queria dizer que estava, sim.

Rose examinou-se no enorme espelho e continuou em dúvida. Nunca tinha sido particularmente bonita; já estava mais do que acostumada a isto; a questão já tinha há muito tempo perdido toda a importância. E decerto não teria o menor significado para alguém que vinha do Planeta de Hawkin. O que a preocupava de fato era a dificuldade de ser uma anfitriã em circunstâncias tão peculiares - ter que receber com cortesia um hóspede extraterrestre e ao mesmo tempo ser gentil para com o próprio marido. Ela não sabia qual das duas tarefas seria mais difícil.

Drake iria chegar atrasado naquele dia; não deveria chegar em casa antes da próxima meia hora. Rose sentiu-se inclinada a supor que ele tinha arranjado aquilo propositalmente, para deixá-la a sós com seu problema. Isso lhe produziu um leve ressentimento.

Drake tinha lhe telefonado durante a tarde, no Instituto, perguntando de modo um tanto abrupto:

- Quando é que você vai levá-lo lá para casa?

- Dentro de três horas - respondeu ela com secura.

- Está bem. Como é o nome dele? O nome hawkiniano?

- Para que quer saber? - Ela não pôde evitar o tom gélido que transpareceu em sua voz.

- Digamos que Vou fazer uma pequena investigação particular. Afinal de contas, essa coisa vai ficar dentro da minha casa.

- Ah, Drake, por favor. Você tem mesmo que misturar o seu trabalho com a nossa vida particular?

A voz de Drake tinha um tom metálico e cheio de sarcasmo quando ele respondeu:

- Mas Rose, não é exatamente isso que você está fazendo? Era. E ela deu a informação que ele pedia.

Pela primeira vez em sua vida de casados eles tinham tido algo que se assemelhasse a uma briga. Sentada diante do espelho, Rose perguntou-se se não deveria tentar encarar as coisas do ponto de vista de Drake. O fato é que ela tinha se casado com um policial. Mais do que isso, claro - Drake era um dos membros do Conselho

de Segurança Mundial.

Tinha sido uma surpresa para os amigos de Rose. O casamento em si tinha sido a maior surpresa de todas; já que ela decidira casar, por que não casar com outro biólogo?

Ou, caso ela quisesse uma escolha fora da própria área, por que não um antropólogo, talvez? Ou quem sabe um químico? Mas, em nome de tudo... por que logo um policial?

Ninguém disse nada disso em voz alta, claro, mas foi essa a atmosfera que cercou o casamento durante todo o tempo.

Isso não lhe agradou na época nem depois. Um homem pode casar com quem bem entender, mas se uma mulher detentora de um Ph. D. resolve se casar com um homem que não tem mais do que um grau de bacharel, as pessoas ficam chocadas. Por quê? O que tem isso a ver com eles? De certo modo, Drake era um homem bonito e inteligente à sua maneira; e ela estava perfeitamente satisfeita com sua escolha.

No entanto... será que ela mesma não incorria nesse tipo de esnobismo que criticava nos amigos? Não assumia a atitude de que seu trabalho, suas pesquisas biológicas, eram importantes, enquanto o emprego de Drake era algo para ser mantido entre as quatro paredes do seu escritório, nos velhos edifícios da ONU, junto ao East River?

Ela ficou de pé, agitada; respirou fundo e decidiu afastar por enquanto tais pensamentos. De maneira alguma queria discutir com Drake, estava resolvida a interferir na vida dele o mínimo possível. Tinha se comprometido a hospedar o hawkiniano, mas afora isso deixaria Drake agir como lhe agradasse; afinal, ele já estava fazendo uma concessão mais do que razoável.

Harg Tholan estava à sua espera quando ela desceu para a sala de visitas. Não estava sentado, porque sua conformação anatômica não o permitia. Ficava de pé sobre quatro membros muito próximos uns dos outros, enquanto um terceiro par, de construção inteiramente diversa, se erguia daquela região do corpo que, num ser humano, seria considerada a parte superior do tronco.

Sua pele era brilhante, coriácea e coberta de rugosidades, e seu rosto tinha uma expressão ao mesmo tempo bovina e alienígena. Ainda assim, não era um ser totalmente repulsivo, e ainda usava uma espécie de roupa na parte inferior do corpo para evitar algum constrangimento por parte de seus anfitriões terrestres.

- Sra. Smollett - disse ele, agradeço sua hospitalidade de um modo que não conseguirei exprimir em seu idioma. - E curvou-se num gesto gracioso que levou seus braços a quase tocarem o chão.

Rose sabia que esse era um gesto de gratidão entre os nativos do Planeta de Hawkin, e sentiu-se aliviada ao ver que ele falava inglês tão bem. O formato de sua boca, combinado à ausência de incisivos, acentuava o som sibilante dos seus ss. A não ser isso, seu sotaque era equivalente ao de qualquer pessoa nascida na Terra.

- Meu marido ainda vai demorar um pouco - respondeu ela. - Quando ele chegar, poderemos jantar.

- Seu marido? - Por um instante ele não disse nada, mas logo comentou: - Sim, é claro.

Ela fez que não notou. Se havia uma fonte de intermináveis confusões entre as cinco raças inteligentes conhecidas na Galáxia eram as suas diferenças no que toca à vida sexual e às instituições sociais relacionadas a ela. O conceito de marido e mulher, por exemplo, existia apenas na Terra. As outras raças conseguiam entender do

que se tratava, mas não tinham pontos de referência emocionais que pudessem se comparar.

Rose prosseguiu:

- Consultei o Instituto sobre a preparação do seu cardápio. Acredito que ficará satisfeito com ele.

Os olhos do hawkiniano piscaram muito rapidamente; o que indicava, lembrou-se Rose, que ele estava se divertindo.

- Proteínas são proteínas, minha cara Sra. Smollett - disse ele. - Para os demais componentes de que necessito, e que não serão encontrados em sua alimentação, eu trouxe alguns concentrados que me servirão perfeitamente.

E proteínas eram mesmo proteínas, Rose sabia disso muito bem. Sua preocupação quanto à dieta da criatura era mais uma questão de polidez. Após a descoberta de vida nos planetas de outros sistemas, uma das mais interessantes generalizações formuladas tinha sido a de que embora a vida pudesse se desenvolver a base de outras substâncias que não as proteínas - e mesmo de outros elementos que não o carbono - a verdade era que as únicas espécies inteligentes eram de natureza proteinácea. Isso significava que qualquer uma das cinco raças inteligentes podia se manter, durante longos períodos, com um regime baseado na alimentação de qualquer uma das outras quatro.

Ela ouviu a chave de Drake girar na fechadura e seu corpo se enrijeceu, apreensivo. Mas foi forçada a admitir que Drake se saiu muito bem.

Entrou no aposento e, sem hesitação, estendeu a mão para o hawkiniano, dizendo com firmeza:

- Boa noite, Dr. Tholan.

O hawkiniano estendeu seu longo e desajeitado membro superior e os dois, por assim dizer, apertaram as mãos. Rose já tinha passado por aquela cerimônia e ainda sentia em sua mão a impressão deixada pelo toque da mão do alienígena; a impressão de algo áspero, quente, seco. Ela imaginou que, para ele, as mãos dos terrestres deviam parecer frias e úmidas.

Durante aquele cumprimento, Rose teve a oportunidade de examinar de perto a mão do alienígena. Era uma excelente amostra de um caso de evolução convergente. Seu desenvolvimento morfológico era inteiramente diverso do que dera origem à mão humana, mas mesmo assim os dois resultados tinham uma certa semelhança. A mão do hawkiniano tinha quatro dedos, sem polegar. Cada dedo tinha cinco juntas ou articulações independentes. Desse modo, a ausência do polegar era compensada pela flexibilidade dos dedos, que se assemelhavam quase a tentáculos. O que era mais interessante aos seus olhos de bióloga era o fato de cada dedo do hawkiniano terminar num casco vestigial, quase invisível, impossível de ser identificado pelos olhos de um leigo, mas demonstrando claramente que em outros tempos aqueles membros eram feitos para correr, assim como os do homem tinham sido feitos para escalar. Drake estava dizendo, num tom bastante amigável:

- Está confortável, doutor?

- Bastante - respondeu Tholan. - Sua esposa foi muito cuidadosa e tomou as providências necessárias.

- Gostaria de beber alguma coisa?...

O hawkiniano não respondeu e olhou para Rose com uma contração facial que provavelmente seria, em seu planeta, sinal inequívoco de uma emoção qualquer, mas que ela não conseguiu identificar. Limitou-se a dizer, meio nervosa:

- Aqui na Terra existe o hábito de ingerir líquidos aos quais se adiciona álcool etílico. Essas bebidas são muito estimulantes para nós.

- Oh, sim. Acho, no entanto, que terei de recusar. O álcool etílico iria produzir interferências bastante desagradáveis no meu metabolismo.

- Produz o mesmo no nosso, Dr. Tholan - disse Drake, mas entendo o que quer dizer. - Em todo caso, importa-se que eu tome um drinque?

- Por favor.

Ao se encaminhar para o bar situado no outro extremo da sala, Drake passou ao lado de Rose. Soltou apenas duas palavras ao cruzar com ela, num sussurro discreto e controlado: Meu Deus! - mas deu um jeito de deixar dezessete pontos de exclamação subentendidos.

O hawkiniano ficou de pé, à mesa do jantar. Seus dedos faziam maravilhas de destreza ao lidar com os talheres. Enquanto comiam, Rose tentou não olhar diretamente para ele. Sua larga boca, de lábios estreitos, abria-se enormemente no instante de ingerir o alimento, e ao mastigar suas mandíbulas executavam um curioso movimento lateral. Era mais uma evidência de sua ancestralidade ungulada.

Rose se surpreendeu a imaginar se, depois de se recolher ao seu quarto, ele faria retornar à boca o bolo alimentar para ruminá-lo em paz. Essa ideia lhe provocou um calafrio ao imaginar que Drake poderia pensar a mesma coisa e retirar-se da mesa, enojado. Mas Drake estava se comportando de modo admirável.

- Imagino, Dr. Tholan - estava dizendo ele, que esse cilindro ao seu lado contém cianureto.

Os olhos de Rose se abriram um pouco mais: ela não tinha reparado no cilindro, um objeto curvo de metal, com a aparência de um cantil de água, moldado de forma a se encaixar do lado do corpo do hawkiniano, semi-oculto entre suas roupas. Bem, em todo caso, Drake tinha olhos de policial.

Quanto ao hawkiniano, não parecia nem um pouco constrangido.

- Tem razão - disse, correndo os dedos pelo tubo fino e flexível que corria ao longo de seu corpo, pintado de forma a se confundir com a cor de sua pele amarelada, até entrar pelo canto de sua larga boca.

Rose sentiu-se um tanto embaraçada, como se estivesse vendo alguém exibir suas roupas íntimas.

Drake insistiu:

- E ele contém cianureto puro?

Os olhos do alienígena piscaram, bem-humorados.

- Espero que não esteja temendo qualquer perigo para os terráqueos. Sei que este gás é extremamente venenoso para vocês, mas não preciso dele em grande quantidade.

O gás contido neste cilindro é cinco por cento cianureto de hidrogênio, o restante é oxigênio. O gás só deixa o recipiente quando aspiro por este tubo, o que não tenho que fazer com muita frequência.

- Entendo. E precisa aspirar esse gás para continuar vivendo?

Rose estava perplexa. Ninguém podia fazer perguntas daquela natureza sem uma certa preparação prévia. Era impossível adivinhar quais poderiam ser as áreas delicadas da psicologia alienígena. E Drake devia estar fazendo aquilo deliberadamente, uma vez que ele sabia perfeitamente que poderia conseguir dela própria as respostas para aquelas perguntas. Ou será que ele preferia não tocar no assunto com ela?

O hawkiniano, no entanto, não pareceu perturbado.

- O senhor não é biólogo, Sr. Smollett?

- Não, Dr. Tholan.

- Mas tem uma ligação muito próxima com a Dra. Smollett,

Drake concedeu um sorriso.

- Sim, sou casado com uma bióloga, mas isto não significa que eu também o seja. Sou um pequeno funcionário do governo. - E completou: - Os amigos de minha esposa me consideram um policial.

Rose mordeu a língua. Nesse caso, tinha sido o hawkiniano quem tinha tocado num ponto sensível da psicologia de um alienígena. No Planeta de Hawkin vigorava um rígido sistema de castas, e as associações entre membros de castas diferentes eram estritamente regulamentadas. Mas Drake não podia saber disso.

O hawkiniano virou-se para ela.

- Permite-me, Dra. Smollett, que explique um pouco da nossa bioquímica ao seu marido? Pode ser maçante para a senhora, que certamente já conhece muito bem esse assunto.

- Fique à vontade, Dr. Tholan.

- Muito bem. Sr. Smollett, o sistema respiratório do seu corpo e dos corpos de todas as criaturas que respiram ar aqui na Terra é controlado, pelo que pude aprender, por certas enzimas que contêm metais. Esse metal é geralmente o ferro, embora em alguns casos possa ser o cobre. Em ambos os casos, uma quantidade mesmo pequena de cianureto se combinaria com esses metais e imobilizaria o sistema respiratório das células vivas terrestres, que, impossibilitadas de absorver oxigênio, morreriam em poucos minutos.

- A vida em meu planeta tem uma constituição diversa. Os principais compostos respiratórios não contêm ferro nem cobre, na verdade não contêm metais de qualquer espécie.

É por essa razão que nosso sangue é descolorido. Nossos componentes contêm radicais orgânicos que são essenciais à vida e que só podem ser mantidos intactos na presença de uma pequena concentração de cianureto. Sem dúvida, foram necessários milhões de anos de evolução para desenvolver esse tipo de proteína num mundo cuja atmosfera contém naturalmente alguns décimos por cento de cianureto de hidrogênio, mantido estável mediante um ciclo biológico. Alguns dos nossos microrganismos nativos liberam esse gás.

- Sua explicação foi muito clara, Dr. Tholan, e muito interessante - disse Drake. - E o que acontece se não inalar o gás? Cai morto, assim? - Ele estalou os dedos.

- Não exatamente. Não seria o equivalente à inalação do cianureto pelos seus organismos. No meu caso, a ausência do cianureto produziria uma lenta sufocação. Acontece às vezes, em quartos mal ventilados no meu planeta, que o cianureto seja consumido gradualmente até cair abaixo da concentração mínima necessária. Os resultados são muito dolorosos, e difíceis de curar.

Rose teve de reconhecer que Drake tinha demonstrado um interesse genuíno. O alienígena, felizmente, tinha encarado o interrogatório com naturalidade. O resto do jantar transcorreu sem incidentes, chegando até a ser agradável.

Durante o restante da noite Drake continuou a mostrar-se interessado na troca de ideias com o visitante, e até mesmo fascinado. Rose sentiu-se eclipsada por ele, o que lhe agradou. Drake era de fato um indivíduo envolvente, e apenas o fato de ser uma cientista extremamente bem informada evitava que ela ficasse em segundo plano quando na companhia dele. Ela olhou o marido com uma ligeira melancolia, pensando: Por que será que ele casou comigo?

Drake estava sentado, pernas cruzadas, apoiando o queixo nas mãos entrelaçadas, enquanto mantinha os olhos fitos no hawkiniano que permanecia à sua frente, imóvel sobre as quatro patas.

- Continuo tendo certa dificuldade para imaginá-lo como um cientista - disse ele.

O hawkiniano piscou os olhos com bom humor e replicou:

- Entendo o que quer dizer. Também não consigo imaginá-lo como um policial, Sr. Smollett. Em meu mundo, os policiais são indivíduos especializados, um tipo de pessoa bem característico.

- É mesmo? - Havia uma certa secura na voz de Drake, mas ele logo mudou de assunto. - Pelo que sei, o senhor não está aqui numa viagem de passeio.

- Não, minha viagem é estritamente profissional. Pretendo estudar este estranho planeta que vocês chamam de Terra. Estudá-lo de um modo que ninguém do meu povo tentou até agora.

- Estranho? - perguntou Drake. - Em que sentido?

O hawkiniano olhou para Rose.

- Ele não conhece a Morte por Inibição?

Rose sentiu-se embaraçada.

- O trabalho de meu marido é muito importante - disse. - Receio que ele não tenha muito tempo para conhecer em detalhe o meu próprio trabalho. - Ela achou que essa não tinha sido a resposta mais adequada e percebeu mais uma vez que o hawkiniano manifestava uma das suas emoções indecifráveis.

Mas ele logo voltou a dirigir-se a Drake.

- Fico sempre surpreendido ao ver como vocês, terrestres, não percebem até que ponto são uma raça peculiar. Como o senhor sabe, as cinco raças inteligentes da Galáxia se desenvolveram independentemente umas das outras, mas isso não impediu que alguns aspectos de sua evolução revelassem uma notável convergência. É como se, a longo prazo, a inteligência só pudesse florescer dentro de um quadro restrito de possibilidades. Mas prefiro deixar essa questão para os filósofos e passar adiante, uma vez que o senhor certamente está a par disso tudo.

- Acontece que, quando investigamos mais de perto as diferenças entre estas cinco raças, torna-se cada vez mais claro que, entre elas, é a raça terrestre a mais fora do comum. Por exemplo: a Terra é o único lugar onde a vida depende de enzimas metálicas para a respiração. A raça de vocês é a única para quem o cianureto de hidrogênio é venenoso. Sua raça é a única forma de vida inteligente que é carnívora e a única que não se desenvolveu a partir de animais de pastagem. E, o que é mais interessante ainda, a raça de vocês é a única forma de vida inteligente cujo crescimento se interrompe após atingida a maturidade.

Drake sorriu, o que fez o coração de Rose bater mais rápido. Era o melhor sorriso dele, e usado com absoluta naturalidade. Drake estava aceitando a presença daquela criatura alienígena. Estava sendo agradável e devia estar fazendo isso por causa dela. Ela sentiu-se feliz com esta ideia e ficou a saboreá-la. Drake fazia aquilo por causa dela; era para fazê-la feliz que estava sendo cordial com o hawkiniano. Drake estava dizendo, ainda sorridente:

- O senhor não me parece muito grande, Dr. Tholan. Calculo que tenha uns dois centímetros a mais do que eu, o que lhe daria uma altura em torno de um metro e oitenta e seis. Isto significa que é jovem, ou que os outros em seu planeta são, em geral, de menor estatura?

- Nem uma coisa nem outra. Nosso ritmo de crescimento diminui com o passar dos anos, de modo que, pela idade que tenho, precisaria de quinze anos para crescer mais dois centímetros; mas, e esse é o aspecto essencial, nós nunca paramos completamente de crescer. Em consequência disso, nunca morremos, de certo modo.

Drake soltou uma exclamação de surpresa e Rose empertigou-se na poltrona. Essa era uma informação totalmente nova. Era uma informação que, ao que ela sabia, não tinha sido trazida por nenhuma das expedições que tinham visitado o Planeta de Hawkin. Ela sentiu-se tomada pela excitação, mas manteve-se em silêncio, dei-

xando que Drake tomasse a iniciativa de fazer as perguntas.

- Nunca morrem? - disse ele. - Está querendo dizer, Dr. Tholan, que os hawkinianos são imortais?

- Nenhum de nós é verdadeiramente imortal. Se não houvesse outras formas de morrer haveria sempre os acidentes, e na ausência destes haveria o tédio. Pela contagem terrestre, poucos entre nós vivem mais do que alguns séculos. Ainda assim é muito desagradável pensar que a morte pode nos acontecer de modo involuntário. Para nós, é uma horrível perspectiva. Neste momento em que estou falando não posso evitar uma certa angústia ao lembrar que, contra a minha vontade e a despeito de todas as precauções, posso acabar morrendo.

- Quanto a nós - disse Drake gravemente, já estamos acostumados a essa ideia

- Os terrestres convivem com essa ideia; nós não. É por esse motivo que estamos tão inquietos diante do fato de a Morte por Inibição ter aumentado nos últimos anos.

- O senhor ainda não explicou o que é a Morte por Inibição, mas deixe-me ver se adivinho. Será uma cessação patológica do crescimento?

- Exatamente.

- E a morte ocorre quanto tempo após essa cessação do crescimento?

- Dentro de um ano. É uma doença devastadora, trágica, totalmente incurável.

- E é provocada por quê?

O hawkiniano fez uma longa pausa antes de responder. Quando começou a falar, havia algo tenso e contrafeito na sua voz.

- Sr. Smollett, nada sabemos quanto às causas dessa doença.

- Drake assentiu em silêncio. Rose acompanhava o diálogo como se fosse uma espectadora numa partida de tênis.

- E por que - perguntou Drake - o senhor veio para a Terra a fim de estudar essa doença?

- Porque os terrestres são uma raça diferente de todas as outras. São a única raça inteligente imune a essa doença, que atinge todas as outras quatro. Os biólogos terrestres têm consciência disso, Dra. Smollett?

Tholan se dirigiu a ela de modo tão inesperado que Rose teve um sobressalto, mas logo se recompôs e disse:

- Não, não têm.

- Isso não me surpreende. Esse detalhe só ficou comprovado através de experiências muito recentes. É muito fácil dar um diagnóstico incorreto de Morte por Inibição e sua incidência é muito menor nos outros planetas. Na verdade, é algo muito estranho; e também é um bom tema para especulações o fato de a incidência da doença ser maior em meu planeta, que fica tão próximo à Terra, e menor nos planetas mais distantes. Sua menor incidência é no planeta da estrela Têmpora, o mais distante da Terra, enquanto a própria Terra é imune. O segredo dessa imunidade deve estar em algum aspecto da bioquímica terrestre. Descobrir esse segredo é um desafio fascinante.

- Mas, veja bem - disse Drake, não se pode dizer que a Terra seja imune. Pelo que posso entender, a incidência aqui é de cem por cento. Afinal, todos os terrestres param de crescer e todos morrem. Portanto, todos nós somos vítimas da Morte por Inibição.

- De modo algum. Os terrestres chegam a viver cerca de setenta anos após a cessação do crescimento. Isso não é a Morte por Inibição como nós a experimentamos. A doença equivalente, aqui na Terra, é justamente o contrário: uma espécie de crescimento incontrolável, que vocês denominam câncer. Mas fiquemos por aqui. Creio que estou a aborrecê-los.

Rose protestou imediatamente e Drake a secundou com uma veemência inesperada, mas o hawkiniano insistiu em mudar de assunto. Foi nesse instante que Rose experimentou a primeira pontada de suspeita, porque Drake começou a crivar Harg Tholan de perguntas, cercando-o com cuidado, provocando-o, inquietando-o, tentando por todos os meios levar a conversa de volta ao ponto onde o hawkiniano tinha feito aquela mudança brusca de direção. Não havia nada de grosseiro ou de explícito nessas suas tentativas, mas Rose o conhecia bem e podia adivinhar suas intenções. E quais poderiam ser essas intenções senão algo imposto pelo seu ofício?

Como que fazendo eco aos seus pensamentos, o hawkiniano abordou a questão que martelava a mente de Rose.

- O senhor me disse que é um policial, não é mesmo, Sr. Smollett?

- Sim - respondeu Drake.

- Há um pedido que eu gostaria de lhe fazer, então. Pensei nisso durante toda esta noite, depois que fiquei sabendo da natureza do seu trabalho, mas ainda assim estou hesitante. Não gostaria de criar inconveniente para as pessoas que me hospedam.

- Faremos o possível para atendê-lo.

- Tenho uma grande curiosidade em saber como vivem os terrestres, uma curiosidade que a maioria dos hawkinianos em geral não sente. Portanto, pensei que talvez fosse possível conhecer um departamento de polícia em seu planeta.

- Eu não pertenço a um departamento policial no sentido que o senhor talvez imagine - respondeu Drake, com cautela. - Entretanto, tenho amigos que trabalham no Departamento de Polícia de Nova York. Creio que isso não seria difícil de conseguir. Que tal amanhã?

- Amanhã seria conveniente para mim. Diga-me, eles me permitiriam visitar o departamento de Pessoas Desaparecidas?

- O quê?

Os quatro membros inferiores do hawkiniano agruparam-se mais uns aos outros, como um sinal de concentração.

- É um passatempo que tenho, uma pequena curiosidade que cultivo há muito tempo. Pelo que sei, vocês mantêm grupos de policiais cuja única tarefa é procurar homens desaparecidos.

- E também mulheres e crianças - completou Drake. - Mas por que se interessa especificamente por isso?

- Porque essa é outra peculiaridade dos terrestres. Em nosso planeta não há pessoas que desaparecem. Não sei como explicar a vocês esse mecanismo, mas o fato é que, entre os indivíduos de outros planetas, existe sempre uma consciência da presença dos outros, especialmente se há entre eles um forte laço emocional. Nós sempre sabemos a localização exata uns dos outros, não importa o lugar do planeta onde estejamos.

Rose mal continha a excitação. As expedições científicas que tinham visitado o Planeta de Hawkin sempre haviam tido a maior dificuldade em penetrar no mecanismo interno das emoções dos nativos, e ali estava um deles disposto a falar francamente, a explicar tudo! Ela parou de se preocupar com Drake e entrou na conversa.

- Pode experimentar essa sensação agora? - perguntou. - Mesmo aqui na Terra?

- Quer dizer... através do espaço? Receio que não - disse Tholan. - Mas vocês podem perceber a importância dessa questão. Todos os aspectos únicos que caracterizam a Terra podem estar interligados. Se a falta dessa "sensação de presença" puder ser explicada, então talvez a sua imunidade à Morte por Inibição também possa. Além disso, eu acho muito curioso o fato de se poder constituir uma comunidade de formas de vida inteligentes onde os indivíduos não possuem esse tipo de percepção.

Como pode um terrestre saber, por exemplo, que constitui um subgrupo integrado, ou seja, uma família? Como podem vocês dois, por exemplo, saber que existe uma verdadeira ligação pessoal entre ambos?

Rose surpreendeu-se assentindo com a cabeça. Como aquele tipo de certeza lhe fazia falta! Mas Drake apenas sorriu.

- Temos nossos próprios recursos, Dr. Tholan. Mas talvez seja tão difícil explicar ao senhor o nosso conceito de amor quanto lhe seja explicar aos terrestres as sensações do seu povo.

- Imagino que sim. Por favor, Sr. Smollett, gostaria que me respondesse... se a Dra. Smollett deixasse esta sala e entrasse em outro aposento desta casa sem que a tivesse visto... o senhor não saberia dizer onde ela estaria?

- Certamente que não.

- É espantoso - murmurou o hawkiniano. Hesitou um pouco e depois aduziu: - Por favor, não fiquem ofendidos. Mas, para nós, é também algo... chocante.

Depois de apagar a luz do quarto de dormir, Rose foi três vezes seguidas até a porta, abriu uma fresta e espreitou para fora. Podia quase sentir os olhos de Drake fitos nela.

E quando a voz dele finalmente se fez ouvir, tinha inequivocamente um tom de quem está se divertindo.

- O que é que está havendo, afinal?

- Preciso conversar com você - disse Rose.

- Está com medo de que nosso amigo escute?

Rose estava cochichando. Voltou para a cama, deitou-se e pousou a cabeça sobre o travesseiro de Drake para poder cochichar melhor.

- Por que conversou tanto com o Dr. Tholan sobre a Morte por Inibição?

- Estou me interessando pelo seu trabalho, Rose. Você sempre reclamou que eu não dava atenção a isso.

- Eu preferia que você não fosse sarcástico. - Ela foi rude, pelo menos na medida em que se pode ser rude num cochicho. - Sei que há algum interesse oculto nisso tudo, possivelmente algum interesse policial. O que é?

- Rose, falo com você amanhã.

- Não. Agora.

Drake pôs a mão sob a cabeça dela, ergueu-a... por um instante Rose pensou que ele fosse beijá-la, num desses impulsos repentinos que os maridos às vezes têm ou que ela imaginava que tivessem. Mas Drake nunca tinha cedido a tais impulsos, e limitou-se a trazer a cabeça dela mais para perto e sussurrar:

- Por que está tão interessada?

A mão dele apertava sua nuca com uma certa brutalidade, de modo que Rose forçou para libertar-se. Sua voz não era mais do que um sopro ao dizer:

- Drake. Pare com isso.

- Não quero que faça perguntas - disse ele. - Não quero nenhuma interferência sua. Você faz seu trabalho, eu faço o meu.

- A natureza do meu trabalho é pública e notória.

- A natureza do meu trabalho - retorquiu ele - não é, por definição. Mas posso lhe adiantar uma coisa. Nosso amigo de seis pernas está aqui em casa com uma intenção muito clara e definida. Você não é apenas uma bióloga que ele escolheu ao acaso. Sabia que há dois dias ele esteve fazendo perguntas a meu respeito junto à Comissão?

- Não brinque.

- Nem por sonhos. Esta coisa é muito mais vasta do que você pode imaginar. Mas

isso é assunto meu, e não vou continuar falando a respeito. Entendeu?

- Não, mas se você insiste, não farei mais perguntas.

- Então durma.

Ela ficou deitada, o corpo rígido. Passaram-se minutos, passaram-se quartos de hora, enquanto ela tentava juntar as peças do quebra-cabeça. Mesmo depois de tudo que Drake lhe havia dito, as formas e as cores continuavam a não combinar umas com as outras.

Imaginou o que Drake diria se soubesse que ela tinha dado um jeito de gravar toda a conversa daquela noite!

Havia, ainda, uma imagem que tinha permanecido clara em sua memória até aquele instante, pairando sobre ela, como que a desafia-la. No final da noite, o hawkiniano, ao se despedir, tinha feito uma reverência respeitosa, dizendo:

- Boa noite, Dra. Smollett. A senhora é uma hospedeira encantadora.

Na hora ela quase tinha dado uma risada. Não era possível que o alienígena a considerasse encantadora. Aos olhos dele ela devia ser uma monstruosidade, uma criatura disforme com poucos membros e com um rosto excessivamente estreito.

E, no entanto, no mesmo instante em que o Dr. Tholan acabou de proferir esse cumprimento tão gentil, o rosto de Drake tornou-se lívido! Por um instante, algo parecido com o terror chegou a brilhar nos olhos dele.

Ela jamais tinha visto Drake com medo de coisa alguma, e aquele instante de pânico ficou gravado em sua memória, até que seus pensamentos foram se dissolvendo aos poucos, em sono e esquecimento.

No dia seguinte, só por volta do meio-dia foi que Rose sentou-se em sua escrivaninha. Tivera que esperar que Drake e o hawkiniano deixassem a casa para poder retirar o pequeno gravador que, na noite anterior, tinha ficado oculto por trás da poltrona de Drake. Ela não tinha, a princípio, a intenção de manter esse fato escondido de Drake. Acontece, no entanto, que ele tinha chegado em casa com muito atraso, e a presença do hawkiniano a tinha impedido de dizer-lhe qualquer coisa. No transcorrer da noite, porém, as coisas tinham mudado...

Utilizar o gravador tinha sido apenas um procedimento de rotina. Era importante registrar as pausas e as inflexões de voz do hawkiniano, para exame futuro por parte de outros pesquisadores do Instituto. O gravador tinha que ficar oculto para evitar que o alienígena, sabendo que sua voz estava sendo gravada, modificasse seu modo de ser, conscientemente ou não. Só que agora ela não poderia mostrar aquela fita aos especialistas do Instituto. Aquela fita iria servir para uma outra função, uma função que ela quase se envergonhava de confessar a si própria. Ela ia espionar Drake.

Segurou a pequena caixa na ponta dos dedos e pôs-se a imaginar, distraidamente, como Drake estaria se saindo àquela altura. O contato social entre as raças dos mundos habitados não era, mesmo àquela altura, algo muito frequente: a presença de um alienígena nas ruas da cidade certamente iria atrair multidões... mas Drake saberia como lidar com isto. Ele sempre sabia.

Ela repassou mais uma vez os diálogos da noite anterior, detendo-se nos trechos mais interessantes. As coisas que Drake lhe dissera não pareciam fazer sentido. Por que o hawkiniano estaria interessado neles dois de modo especial? Mas... Drake não lhe mentira. Ela teve vontade de fazer uma sondagem junto à Comissão de Segurança, mas sabia que não daria resultado. Além disso, seria algo desleal. Drake não lhe mentiria.

Por outro lado, por que motivo Harg Tholan não poderia fazer indagações a respei-

to deles dois? Talvez tivesse feito as mesmas perguntas a respeito das famílias dos demais biólogos do Instituto. Nada mais natural do que escolher para hospedar-se a casa mais de acordo com suas próprias conveniências, fossem elas quais fossem.

E, supondo que ele tivesse investigado apenas os Smolletts... por que motivo esse fato teria mudado a atitude de Drake de intensa hostilidade para extremo interesse?

Sem dúvida havia alguma coisa de que Drake tinha conhecimento, mas que preferia guardar para si mesmo. Só Deus poderia saber o quê.

Seus pensamentos passaram a avaliar as possibilidades de estar se desenrolando uma intriga interestelar. Até aquela época, é certo, não havia surgido nenhum indício de hostilidade ou de sentimentos negativos entre as cinco raças inteligentes da Galáxia. Estavam separadas por espaços grandes demais para que entre eles pudesse florescer uma inimizade real. Os contatos que conseguiam manter eram extremamente irregulares. Não havia terreno propício para que se desenvolvesse qualquer tipo de conflito político ou econômico.

Mas isso era apenas uma suposição da parte dela... e ela não era membro da Comissão de Segurança. Se houvesse de fato algum conflito, algum tipo de perigo, alguma razão para suspeitar que a missão de Tholan podia não ser de natureza pacífica, então... Drake saberia. Mas... será que Drake tinha status bastante, no interior da Comissão, para ter acesso a informações confidenciais sobre a visita de um cientista hawkiniano? Ela sempre tinha achado que a posição do marido era a de um mero funcionário de terceiro escalão; ele próprio sempre tinha se apresentado como tal. Mas...

Qual seria a verdadeira posição de Drake entre os órgãos de segurança?

Ela encolheu os ombros. Aquilo trazia à sua lembrança as novelas de espionagem do século XX e os romances de época ambientados nos tempos em que havia coisas como "planos secretos de armas atômicas".

A lembrança desses romances fez com que se decidisse. Ela não era um policial de verdade como Drake, nem podia saber como um policial de verdade se comportava em tais circunstâncias. Mas ela sabia, pelo menos, como se investigavam essas coisas nos romances antigos.

Apanhou uma folha de papel e, com um gesto confiante, traçou uma linha vertical dividindo-a ao meio. No alto de uma das colunas escreveu "Harg Tholan"; na outra "Drake". Sob o nome "Harg Tholan" escreveu: "De boa fé", e, meticulosamente, colocou três pontos de interrogação em seguida. Seria Tholan de fato um cientista? Ou talvez fosse um agente interestelar? De que prova dispunha o Instituto sobre suas atividades, a não ser suas próprias afirmações? Seria esse o motivo pelo qual Drake lhe aplicara um interrogatório tão cerrado sobre a Morte por Inibição? Talvez Drake tivesse estudado antecipadamente o assunto e estivesse querendo flagrar o hawkiniano em erro.

Por um momento ela não soube o que fazer, mas depois, ficando de pé, dobrou a folha de papel, colocou-a no bolso do casaco e deixou o escritório. Não trocou uma só palavra com as outras pessoas com quem cruzou ao deixar o Instituto. Não deixou informações com a recepcionista sobre o lugar aonde ia ou a que horas estaria de volta.

Do lado de fora, apressou-se até o metrô do terceiro nível e esperou a passagem de um compartimento vazio. Passaram-se dois intermináveis minutos até que ela pudesse tomar assento e dizer ao microfone: "Academia de Medicina de Nova York." A porta do cubículo se fechou e o zunido do ar do lado de fora foi-se tornando mais agudo à medida que o compartimento ganhava velocidade.

A Academia de Medicina de Nova York tinha crescido nas últimas duas décadas,

tanto no sentido vertical quanto no horizontal. A biblioteca ocupava uma ala inteira do terceiro andar. Claro que se todos os livros, panfletos e periódicos ali contidos estivessem em sua forma original, em vez de microfilmados, o edifício inteiro não teria espaço para abrigá-los. Ainda assim, Rose tinha ouvido rumores de que se planejava reduzir o estoque de obras impressas, conservando apenas as dos últimos cinco anos, não as da última década, como era a norma atual.

Como membro da Academia, Rose tinha livre acesso à biblioteca. Ela se encaminhou para as cabines reservadas à medicina extraterrestre e viu com alívio que estavam desocupadas.

Teria sido mais prático recorrer à bibliotecária, mas ela preferiu não fazê-lo. Quanto menos rastros deixasse, menor a possibilidade de que Drake reconstituísse seus movimentos.

Desse modo, sem ajuda, ela caminhou ao longo das estantes, percorrendo os títulos com dedos ansiosos. Os livros estavam todos em inglês, havendo um pequeno número em alemão ou russo. Ironicamente, não havia nenhum em idiomas extraterrestres. Essas edições originais ficavam reunidas num setor à parte, acessível apenas aos tradutores registrados.

Seus olhos e seu dedo se detiveram: ela tinha encontrado o que procurava.

Retirou meia dúzia de volumes da estante e os conduziu até a pequena mesa escura. Colocou o primeiro deles, tateou à procura do interruptor de luz, e começou a percorrer o volume, que se intitulava Estudos sobre Inibição. Foi até o índice dos autores.

O nome de Harg Tholan estava lá.

Uma a uma, ela anotou as referências contidas no livro, indo até a estante para retirar as respectivas traduções.

Passou mais de duas horas na Academia. No final, estava certa do seguinte: havia um cientista hawkiniano chamado Harg Tholan, especialista em Morte por Inibição.

Trabalhava para a organização de pesquisadores do Planeta de Hawkin, com a qual o Instituto mantinha correspondência. Claro que o Harg Tholan que ela tinha conhecido podia estar apenas assumindo a identidade de um cientista real; mas qual poderia ser a razão.

Ela tirou do bolso a folha de papel com suas anotações e, no local onde tinha escrito "De boa fé" com três pontos de interrogação, colocou um SIM em letras maiúsculas.

Voltou para o Instituto. Às quatro da tarde estava sentada atrás de sua escrivaninha. Pelo interfone, avisou que não atenderia qualquer chamado; depois trancou a porta.

Na coluna assinalada "Harg Tholan" ela escreveu duas perguntas. Abaixo da primeira - "Por que Harg Tholan veio sozinho à Terra?" - deixou um espaço considerável.

Depois escreveu: "Por que seu interesse pelo Departamento de Pessoas Desaparecidas?" Sem dúvida as afirmações do hawkiniano sobre a Morte por Inibição estavam corretas.

Pelo que tinha lido na biblioteca da Academia, Rose constatou que a enfermidade absorvia a maior parte dos investimentos médicos no Planeta de Hawkin. O temor que provocava ali era mais acentuado do que o temor provocado pelo câncer entre os habitantes da Terra. Se os hawkinianos achassem que a resposta para essa questão poderia estar na Terra, teriam mandado uma expedição completa. Por que então mandar um único observador? Por desconfiança? Por suspeita?

O que era mesmo que Harg Tholan tinha dito na noite anterior? A incidência da

Morte atingia o ponto máximo em seu mundo, que era o mais próximo da Terra, e tinha o menor índice no planeta mais afastado da Terra. A esse fato devia-se juntar algo deixado implícito pelo hawkiniano e que ela tinha confirmado em suas leituras na biblioteca: a incidência da Morte por Inibição tinha aumentado enormemente depois do contato estabelecido entre a Terra e as outras civilizações interestelares...

Lenta e relutantemente, ela chegou a uma conclusão. Talvez os habitantes do Planeta de Hawkin desconfiassem que a Terra conhecia a causa da Morte por Inibição e estava deliberadamente fazendo com que a doença se propagasse entre os outros povos da Galáxia, com a intenção, quem sabe, de se tornar a raça dominante. Mas logo rejeitou essa conclusão, tomada por um sentimento próximo ao pânico. Não, não podia ser, era impossível. Em primeiro lugar, os terrestres não teriam essa intenção. Em segundo lugar, não poderiam fazer isso.

No tocante ao avanço científico, os hawkinianos estavam num estágio equivalente ao da Terra. A Morte ocorria entre eles há milhares de anos e até então todas as pesquisas tinham fracassado. Certamente que a Terra, com suas precárias investigações sobre biologia alienígena, não poderia ter alcançado sucesso de modo tão rápido.

Na verdade, Rose não tinha conhecimento de nenhuma investigação sobre patologia hawkiniana por parte de médicos e biólogos terrestres.

No entanto, todos os indícios sugeriam que Harg Tholan tinha vindo à Terra para tentar confirmar algumas suspeitas e que tinha sido recebido com idêntica desconfiança.

Ela escreveu com cuidado, abaixo da pergunta: "Por que Harg Tholan veio sozinho à Terra?" a resposta: "O Planeta de Hawkin acredita que a Terra está causando a Morte por Inibição."

Sim, mas... e essa questão sobre o Departamento de Pessoas Desaparecidas? Como cientista, ela tinha que ser rigorosa ao desenvolver uma teoria. Todos os fatos tinham que ser explicados por ela, e não apenas alguns deles.

Departamento de Pessoas Desaparecidas... Se era uma pista falsa, destinada a desviar a atenção de Drake, tinha sido colocada de modo desajeitado, uma vez que Tholan mencionara o assunto somente depois de terem falado mais de uma hora sobre a Morte por Inibição.

Seria isso apenas um pretexto para investigar Drake? Se era, então qual o motivo? Seria essa a intenção principal de Tholan? O hawkiniano tinha feito indagações sobre Drake antes de ser hospedado por eles. Teria arquitetado aquilo tudo, e seu interesse seria apenas devido ao fato de Drake ser um policial em contato com o Departamento de Pessoas Desaparecidas? Mas por quê? Por quê?

Ela afastou tudo aquilo da cabeça e voltou sua atenção para a coluna marcada "Drake".

Aí uma outra pergunta ganhou forma, não em letras escritas a tinta sobre a folha de papel, mas em letras que pareciam marcadas a fogo no interior de sua mente:

Por que ele se casou comigo? Rose cobriu os olhos com as mãos e os apertou com força, até que as letras foram se desvanecendo.

Tinham se conhecido por acaso, há pouco mais de um ano, quando ele se mudou para o prédio de apartamentos onde ela morava na época. Os primeiros cumprimentos formais tinham se transformado, de algum modo, em agradáveis bate-papos, que por sua vez conduziram a alguns jantares ocasionais num restaurante vizinho. Tudo muito amigável e normal; uma experiência nova e excitante para ela, que logo descobriu estar apaixonada.

Quando ele propôs que se casassem, ela ficou feliz - e surpresa. Na época, encontrou um monte de explicações. Ele gostava do seu jeito agradável, de sua inteligên-

cia.

Ela era uma boa garota. Ela poderia tornar-se uma boa esposa, uma esplêndida companheira. Tinha pensado em todas essas explicações e acreditado um pouco em cada uma delas. Mas acreditar um pouco não basta.

Não que ela tivesse algo de que se queixar em relação a Drake como marido. Ele era sempre atencioso, gentil, solidário. A vida conjugal dos dois não era movida a paixão, mas em todo caso correspondia às emoções moderadas que se cultiva próximo aos quarenta anos. Ela não tinha mais dezenove anos. O que mais poderia esperar?

Essa era a questão: ela não tinha mais dezenove anos. Não era bonita, nem encantadora, nem glamourosa. O que mais podia esperar? Drake era um homem bonito e severo, cujo interesse por temas intelectuais era bem limitado, e que nunca, durante todos os meses do casamento, tinha mostrado interesse pelo trabalho que ela realizava, além de nunca comentar suas próprias atividades. Então... por que motivo ele tinha casado com ela?

Não havia resposta para essa pergunta. Em todo caso, isso não tinha nada a ver com a questão que a preocupava agora. Era outro assunto, repetiu ela para si mesma várias vezes: uma insegurança infantil que a afastava da sua tarefa imediata. Estava agindo como uma garota de dezenove anos sem poder apresentar nenhuma desculpa cronológica.

Percebeu que tinha quebrado a ponta do lápis e apanhou outro. Na coluna marcada "Drake" escreveu: "Por que ele suspeita de Harg Tholan?" e abaixo da frase colocou uma seta indicando a coluna ao lado. O que ela já tinha escrito na outra coluna podia fornecer explicação suficiente. Se a Terra estava propagando a Morte por Inibição ou e a Terra sabia que as outras raças alimentavam essa suspeita, certamente estaria se preparando para alguma possível retaliação por parte dos alienígenas. Toda aquela situação poderia estar configurando nada mais nada menos do que os passos iniciais da primeira guerra interestelar de toda a história humana. Era uma explicação horrível, mas adequada.

Mas isso ainda deixava de fora a próxima pergunta, aquela para a qual ela não tinha resposta. Ela a escreveu bem devagar. "Por que Drake reagiu daquela forma quando Tholan disse: a senhora é uma hospedeira encantadora?"

Tentou evocar a cena de forma mais precisa. O hawkiniano tinha pronunciado a frase de modo natural, como quem meramente recita uma fórmula ditada pela polidez, e Drake tinha reagido instantaneamente ao escutar. Tinha ouvido a gravação repetidas vezes. Um terrestre, ao despedir-se à saída de uma festa, teria dito a mesma frase, no mesmo tom descontraído. A gravação não tinha registrado a expressão do rosto de Drake, mas esta estava bem preservada na memória dela. Os olhos dele tinham assumido uma expressão mista de medo e de ódio, e Drake não era homem que se deixasse amedrontar por qualquer coisa. O que haveria na frase "A senhora é uma hospedeira encantadora" que pudesse assustá-lo a tal ponto? Ciúme? Absurdo. A desconfiança de que Tholan estava sendo sarcástico? Talvez, embora improvável. Ela tinha certeza de que Tholan fora sincero ao dizer aquela frase.

Ela desistiu e desenhou um grande ponto de interrogação ao lado da frase. Havia dois pontos de interrogação agora, um sob "Harg Tholan" e outro sob "Drake". Haveria alguma relação entre o interesse de Tholan por pessoas desaparecidas e a reação de Drake a uma frase de cortesia dita ao final de uma reunião social? Ela não conseguiu pensar em nenhuma.

Reclinou-se sobre a escrivaninha, apoiando a cabeça nos braços. Estava começando a escurecer no interior do escritório e ela sentia-se cansada. Durante algum tem-

po, flutuou naquela terra de ninguém entre a vigília e o sono, quando os pensamentos e as frases soltam-se das amarras da consciência e passam a se recombinar de modo aleatório e surrealista no interior da mente. Mas, independentemente do que estivesse pensando, continuava a ecoar em sua memória a mesma frase. "A senhora é uma hospedeira encantadora". Às vezes a frase era proferida pela voz culta e monocórdia de Harg Tholan, às vezes pela voz profunda de Drake. Quando Drake a pronunciava, sua voz vibrava cheia de amor, cheia de uma emoção que ela nunca tinha chegado a perceber. Escutar aquilo lhe dava uma sensação agradável.

Teve um sobressalto e despertou. Já estava escuro no escritório. Ela acendeu a lâmpada sobre a escrivaninha. Piscou os olhos, franziu a testa. Um outro pensamento se tinha esgueirado para sua mente durante aquele rápido cochilo. Havia uma outra frase que tinha aborrecido Drake. Qual era? Seu rosto se contraiu pelo esforço mental de vasculhar na memória. Não tinha sido na noite anterior. Não estava na fita gravada, portanto, tinha sido antes.

Mas ela não conseguiu evocar essa lembrança e acabou sentindo-se inquieta.

Olhou o relógio e soltou uma exclamação. Quase oito horas. Os dois já estariam em casa, à sua espera.

Mas ela não queria voltar para casa. Não queria encará-los. Devagar, pegou a folha de papel onde tinha feito suas anotações, rasgou-a, jogou os pedaços dentro do cinzeiro az flash atômico pousado sobre a escrivaninha. Houve um rápido clarão e os pedaços de papel desapareceram.

Se pelo menos as coisas que ela tinha pensado pudessem sumir com a mesma facilidade. Mas era inútil. Tinha que ir para casa.

No fim das contas, os dois não estavam à sua espera. Ela os avistou descendo de um giro-táxi no momento exato em que emergia do metrô ao nível da rua. O piloto do giro-táxi, com olhos arregalados, avaliou a gorjeta que tinha acabado de receber, e em seguida deu partida ao veículo, que subiu verticalmente e afastou-se. Por uma espécie de acordo mútuo, os três se mantiveram em silêncio até o momento em que entraram no apartamento. Rose comentou em tom casual:

- Espero que tenha tido um dia agradável, Dr. Tholan.

- Bastante. E ao mesmo tempo um dia proveitoso e fascinante, posso garantir.

- Já comeram alguma coisa? - Rose não tinha comido absolutamente nada, mas ainda assim não sentia a menor fome.

- Oh, sim.

Drake os interrompeu.

- Almoçamos juntos, e ainda há pouco pedimos sanduíches. - A voz dele estava fatigada.

Rose disse:

- Olá, Drake. - Era a primeira vez que se dirigia a ele. Ele mal a olhou e respondeu:

- Olá.

O hawkiniano estava dizendo:

- Os seus tomates são um notável tipo de vegetal. Em nosso planeta não temos nada que possa se comparar a eles. Creio que comi uma dúzia, além de uma garrafa de derivado.

- Ketchup - esclareceu Drake.

- E quanto à sua visita ao Departamento de Pessoas Desaparecidas, Dr. Tholan? - perguntou Rose. - Também foi proveitosa?

- Posso dizer que sim.

Mantendo-se sempre de costas para ele, Rose ajeitou as almofadas do sofá, enquanto perguntava, distraidamente:

- Em que sentido?

- Achei muito interessante o fato de serem homens a grande maioria das pessoas que desapareceram. Há muitas esposas se queixando de que seus maridos desaparecem, enquanto que o contrário só raramente ocorre.

- Não há nada de misterioso nisso, Dr. Tholan - disse ela. - Talvez o senhor não tenha percebido como são as relações econômicas aqui na Terra. Neste planeta, é geralmente o homem que se torna responsável pela manutenção econômica da família. Ele é aquele que trabalha fora e recebe seu pagamento em unidades monetárias. Quanto à mulher, sua função é geralmente a de cuidar da casa e das crianças.

- Mas isso certamente não é regra geral!

- Mais ou menos - interveio Drake. - Minha esposa, por exemplo, pertence àquela minoria de mulheres que são perfeitamente capazes de se sustentarem sozinhas neste mundo.

Rose o olhou de esguelha. Estaria sendo sarcástico? Mas o hawkiniano dizia:

- Isso implica dizer, Sr. Smollett, que as mulheres, sendo economicamente dependentes, tendem a desaparecer menos?

- É uma maneira suave de colocar a coisa, mas em última análise é isso mesmo.

- O senhor considera que os dados do Departamento de Pessoas Desaparecidas de Nova York são uma amostra fiel da situação do planeta como um todo?

- Creio que sim.

Tholan insistiu, de modo um tanto abrupto:

- E o senhor pode me dizer se também há uma explicação econômica para o fato de que, desde que as viagens interestelares começaram a se desenvolver, a percentagem de homens jovens que desaparecem aumentou consideravelmente?

Drake retrucou no mesmo tom:

- Ora, essa resposta é ainda mais óbvia do que outra. Hoje em dia, um fugitivo tem toda a Galáxia à sua disposição. Qualquer sujeito que pretenda fugir aos seus problemas precisa apenas embarcar num cargueiro espacial. Ali existe sempre necessidade de tripulantes extras, ali ninguém faz perguntas; e uma vez fora da Terra torna-se virtualmente impossível localizar o sujeito, caso ele pretenda manter-se fora de circulação.

- E isso acontece, quase sempre, com homens jovens, durante o seu primeiro ano de casamento.

Rose soltou uma gargalhada.

- Ora, é justamente nessa fase da vida que os problemas de um homem atingem o seu ponto máximo. Se ele consegue sobreviver ao primeiro ano de casamento, não precisa desaparecer.

Era evidente que Drake não estava se divertindo. Rose teve novamente a impressão de que ele parecia triste e infeliz. Mas por que insistia em guardar os problemas para si só? Bem, pensou ela, talvez ele creia que é sua obrigação.

O Dr. Tholan perguntou de súbito:

- Ficariam ofendidos se eu me desligasse durante algum tempo?

- De modo algum - disse Rose. - Espero que o dia de hoje não tenha sido demasiado fatigante. Já que o senhor vem de um planeta onde a gravidade é maior que a da Terra, talvez tenha imaginado que podia demonstrar uma resistência física maior que a nossa.

- Oh, não estou cansado no sentido físico da palavra. - O Dr. Tholan baixou os olhos para os seus membros inferiores e piscou os olhos, divertido. - Sabe, não con-

sigo evitar a sensação de que os terrestres podem a qualquer momento cair para a frente ou para trás, devido ao seu precário sistema de apoio. Perdoem-me se este comentário lhes parecer desrespeitoso, mas sua referência à gravidade terrestre trouxe esse detalhe à minha mente. Em meu planeta, duas pernas seriam insuficientes para uma pessoa. Mas isso é outra questão. O fato é que durante o dia inteiro estive absorvendo uma tamanha quantidade e variedade de informações que sinto agora o desejo de me desligar um pouco.

Rose deu de ombros. Muito bem... há um certo limite para o que duas raças galácticas podem ter em comum. Como as expedições terrestres ao Planeta de Hawkin tinham constatado, os hawkinianos tinham a faculdade de desligar sua mente consciente de todas as funções corporais, mergulhando num processo meditativo que poderia durar vários dias terrestres. Os hawkinianos achavam agradável esse processo, e às vezes o consideravam necessário, embora nenhum terrestre pudesse entender qual a sua utilidade.

Por outro lado, nunca tinha sido inteiramente possível para os terrestres explicar aos hawkinianos, ou a qualquer membro das outras raças, o conceito humano de sono.

As atividades que os terrestres denominavam dormir e sonhar seriam consideradas por um hawkiniano como um perigoso sinal de desintegração mental.

Rose pensou: "Mais uma característica única dos terrestres", e essa ideia a deixou inquieta.

O hawkiniano recuou, depois de se curvar numa reverência em que suas mãos tocaram o solo. Drake fez uma breve saudação de despedida. O Dr. Tholan sumiu no corredor.

Os dois ouviram a porta do quarto sendo aberta, depois fechada, em seguida o silêncio.

O silêncio entre os dois foi se tornando cada vez mais espesso. Drake mudou de posição, fazendo a poltrona ranger. com um arrepio de horror, Rose notou que havia uma marca de sangue nos lábios dele. Pensou: Ele está envolvido com algum problema. Tenho que conversar com ele. Isto não pode continuar assim.

- Drake - disse ela.

O olhar dele parecia muito, muito distante. Seus olhos aos poucos pareceram focalizá-la corretamente. Ele disse:

- O que há? Já vai se deitar?

- Não... estou mais acordada do que nunca. Drake, agora já é "amanhã". Você não tem nada para me dizer?

- Não entendi.

- Ontem à noite você me disse: amanhã a gente conversa. Muito bem. Estou pronta. Drake franziu a testa. Seus olhos pareceram se esconder por trás das sobrancelhas contraídas, e Rose sentiu como se toda aquela sua resolução começasse a abandoná-la.

- Eu pensei - disse ele - que você não iria mais fazer perguntas sobre o meu trabalho. Não foi isso que combinamos?

- Acho que já é tarde, Drake. Parece que a esta altura já sei uma porção de coisas sobre seu trabalho.

- O que quer dizer com isso? - exclamou ele, pondo-se de pé num salto.

Recuperou o controle e, indo até ela, pousou as mãos sobre os seus ombros, voltando a perguntar com voz normal: - O que quer dizer?

Rose manteve os olhos fitos nas próprias mãos, pousadas no colo. Suportou a pressão dos dedos fortes de Drake e respondeu, devagar:

- O Dr. Tholan pensa que a Terra está propagando deliberadamente a Morte por Inibição. Não é isso?

Esperou. Pouco a pouco a pressão dos dedos diminuiu e Drake deu dois passos para trás. com as mãos na cintura, a expressão de seu rosto refletia surpresa e desagrado.

- De onde você tirou essa ideia?

- É verdade, não é?

A voz de Drake estava arquejante, mudada.

- Quero saber exatamente por que motivo você está dizendo isto. Não brinque comigo, Rose. Estou avisando.

- Se eu lhe disser, Drake, você me responde só esta pergunta? A Terra está ou não disseminando essa doença deliberadamente?

Drake ergueu as mãos para o alto. - Ora, pelo amor de Deus.

Ajoelhou-se à frente dela e tomou-lhe as mãos. Rose sentiu que as mãos dele estavam tremendo. Ele falou, tentando imprimir um tom suave, um tom quase carinhoso a cada palavra que dizia.

- Rose, querida. Você está envolvida com uma coisa tremendamente grave e perigosa e tentando usar isso para resolver pequenos impasses conjugais entre nós dois. Eu não lhe peço muita coisa. Quero apenas que me diga o que a fez dizer... isso que falou agora. - A voz dele transpirava sinceridade.

- Fui à Academia de Medicina de Nova York hoje à tarde. Andei fazendo umas leituras.

- Mas por quê? O que a levou a fazer isso?

- Em primeiro lugar, você me pareceu excessivamente interessado nessa questão da Morte por Inibição. Depois, o Dr. Tholan falou tudo aquilo sobre o aumento de incidência da doença depois do início das viagens interestelares e sobre o fato de o problema ser mais grave justamente no planeta mais próximo à Terra.

- E as suas leituras? - insistiu Drake. - O que descobriu com elas?

- Parecem confirmar o que ele diz. Não fiz mais do que acompanhar por alto o progresso das pesquisas que eles realizaram nas últimas décadas, mas me pareceu óbvio que pelo menos alguns hawkinianos consideram a possibilidade de a Morte por Inibição originar-se da Terra.

- Dizem isso claramente?

- Não. Ou, se dizem, não cheguei a ver. - Ela o fitou surpresa. Numa questão de tal importância, era claro que o governo teria investigado a natureza das pesquisas hawkinianas. Foi a vez dela perguntar, com suavidade: - Você não tinha conhecimento dessas pesquisas deles, Drake? O governo...

- Não se preocupe com isso. - Drake tinha caminhado pela sala e agora voltava-se novamente para fitá-la de frente. Seus olhos brilhavam, e ele exclamou, como se tivesse acabado de fazer uma incrível descoberta: - Ora, você é uma especialista nisso! Era? Será que ele o descobria somente agora, quando necessitava dos conhecimentos dela? Suas narinas se contraíram e ela respondeu, altiva:

- Drake, eu sou uma bióloga.

- Sim, sim, claro que eu sei disso, mas estou me referindo a seu trabalho sobre crescimento. Você não me falou, certa vez, que tinha feito algum trabalho nessa área?

- É possível. Publiquei cerca de vinte artigos sobre a relação entre a estrutura fina do ácido nucleico e o desenvolvimento dos embriões, através da Sociedade do Câncer.

- Ótimo. Eu deveria ter lembrado disso. - Ele parecia tomado por um surto de exci-

tação. - Diga-me, Rose... olhe, peço desculpas se fui rude com você agora há pouco. Você seria uma das pessoas mais indicadas para entender o progresso das pesquisas deles, se lesse a respeito, não é mesmo?

- Sim. Razoavelmente competente.

- Então me diga como você acha que a doença se dissemina. Quero detalhes.

- Drake, isso é pedir demais. Passei algumas horas na Academia, e só. Precisaria de muito mais estudo para poder responder essa pergunta.

- Arrisque um palpite. Não sabe o quanto isto é importante. Ela disse, meio em dúvida:

- Bem... acho que estudos sobre Inibição é um dos tratados mais importantes sobre o assunto. É uma espécie de resumo de todos os dados disponíveis até aquela época.

- E de quando é?

- É uma dessas publicações periódicas. O último volume é de cerca de um ano atrás.

- Há algum registro do trabalho dele - Drake espetou o dedo no ar, indicando a direção do quarto de Tholan.

- Há mais coisas sobre ele do que sobre qualquer um dos outros. Ele é uma figura de ponta nesse campo de pesquisa. Olhei os trabalhos dele com atenção.

- E qual é a teoria dele sobre a origem da doença? Tente lembrar-se.

Ele fez um aceno com a cabeça.

- Sou capaz de jurar que ele acha a Terra culpada, embora diga o tempo todo que ninguém sabe como a doença se espalha. Isso eu posso jurar.

Drake ficou de pé diante dela, os punhos cerrados, e suas palavras não eram mais que um murmúrio.

- Pode ser um caso de superestimação total, mas, quem sabe... - Ele girou nos calcanhares. - Vou descobrir isto agora mesmo, Rose. Obrigado por sua ajuda.

Ela saltou de pé e foi atrás dele.

- Onde é que você vai?

- Fazer umas perguntas ao nosso amigo. - Ele remexeu nas gavetas de uma mesinha, e quando sua mão voltou a surgir estava empunhando uma pistola-agulha.

- Não, Drake! - gritou ela.

Ele a empurrou para o lado com um gesto brusco e marchou pelo corredor na direção do quarto do hawkiniano.

Drake empurrou a porta e entrou. Rose vinha nos seus calcanhares, ainda tentando segurá-lo pelo braço, mas ao cruzar o umbral ele se deteve e fitou o Dr. Harg Tholan.

O hawkiniano estava ali de pé e imóvel, os olhos desfocados, os quatro membros inferiores abertos em todas as direções na maior extensão possível. Rose sentiu-se envergonhada por aquela intromissão, como se estivesse violando alguma espécie de ritual muito íntimo. Mas Drake, sem demonstrar a menor preocupação, caminhou até um metro de distância da criatura e parou ali, face a face, a pistola-agulha apontada para o peito do hawkiniano.

- Agora, fique quieta - disse. - Aos poucos ele vai notar a minha presença.

- Como sabe disso?

- Eu sei - retrucou Drake secamente. - Saia daqui. Mas ela não se moveu, e Drake estava demasiado concentrado no que fazia.

Alguns trechos da pele do rosto do hawkiniano começaram a tremer muito de leve. Era algo um tanto repugnante. Rose preferiu afastar os olhos.

Drake falou de repente:

- Acho que é o bastante, Dr. Tholan. Não entre em conexão com nenhum dos seus membros. Seus órgãos do sentido e sua voz serão suficientes.

A voz do hawkiniano era meio indistinta quando ele perguntou:

- Por que invadiram minha sala de desligamento? - E depois, mais audível: - E por que está armado?

Sua cabeça começou a mover-se, como quem desperta, mas o tronco permaneceu rígido. Aparentemente ele tinha seguido as instruções de Drake a respeito da conexão com os membros. Rose imaginou como Drake estaria a par desse detalhe do "religamento" parcial. Ela própria nunca tinha ouvido nada a esse respeito.

O hawkiniano insistiu:

- O que querem de mim?

Desta vez Drake respondeu:

- Respostas para algumas perguntas.

- Com uma arma na mão? Não pode esperar que eu tente ser agradável diante de tamanha descortesia.

- O senhor não tem que ser agradável. Tem é que salvar sua vida.

- Nestas circunstâncias, Sr. Smollett, tal questão se coloca de modo absolutamente secundário para mim. Lamento profundamente que os deveres para com um hóspede sejam tão mal compreendidos aqui na Terra.

- O senhor não é meu hóspede, Dr. Tholan - disse Drake. - Entrou em minha casa sob falsos pretextos. Devia ter seus motivos para isso, mas o fato é que tinha a intenção de me utilizar para atingir seus objetivos. Não tenho o menor constrangimento em inverter a situação.

- Seria melhor atirar logo e poupar seu tempo.

- Tem certeza de que não vai responder às minhas perguntas? Só isso já é bastante suspeito. Parece que o Sr. considera certos segredos mais importantes do que sua própria vida.

- Eu considero os princípios de cortesia algo extremamente importante. Talvez o senhor, sendo terrestre, não pense assim.

- Talvez. Mas eu, como terrestre, entendo pelo menos uma coisa. Drake deu um passo rápido para a frente, antes que Rose pudesse esboçar qualquer reação e antes que o hawkiniano pudesse "religar" seus membros. Quando recuou, o tubo flexível do cilindro de cianureto de Harg Tholan estava em sua mão. No canto da larga boca do hawkiniano, onde o tubo tinha estado preso, uma gota de líquido incolor ficou tremulando sobre a pele escura e logo solidificou-se num glóbulo gelatinoso, ao se oxidar.

Drake deu um puxão no tubo e o cilindro se desprendeu do corpo de Tholan, caindo ao chão. Puxando-o para si, Drake girou o botão que controlava a válvula de escape do cilindro, fazendo cessar o leve assobio que ela emitia.

- Duvido que tenha escapado uma quantidade perigosa de gás - disse Drake. - Por outro lado, espero que o senhor esteja percebendo o que vai lhe suceder agora se não responder às perguntas que vou lhe fazer... e respondê-las de um modo que eu considere convincente.

- Devolva-me o cilindro - disse devagar o hawkiniano. - Se não, terei que atacá-lo e o senhor terá que me matar.

Drake recuou um passo.

- De modo algum. Se me atacar, atirarei nas suas pernas. Atirarei nas quatro, se for necessário, mas o senhor continuará vivo, embora numa situação dolorosa. Continuará vivo, para morrer de asfixia pela ausência do cianureto. Deve ser uma morte extremamente incômoda. Sou um simples terrestre e não posso visualizá-la com exa-

tidão, mas tenho certeza de que o senhor pode. É ou não é?

A boca do hawkiniano estava aberta, algo de cor verde-amarelada parecia palpitar em seu interior. Rose sentiu uma náusea na boca do estômago, e ao mesmo tempo uma vontade de gritar Dê-lhe o cilindro, Drake! Mas não conseguiu emitir um som. Não pôde sequer virar a cabeça para outro lado.

Drake falou:

- Creio que o senhor tem cerca de uma hora antes que o efeito seja irreversível. Fale rápido, Dr. Tholan, e terá o seu cilindro de volta.

- E depois...?

- E depois, que diferença faz? Mesmo que eu o mate será uma morte limpa e rápida, não uma morte por asfixia.

Alguma coisa pareceu mudar no hawkiniano. Sua voz tornou-se gutural e suas palavras meio indistintas, como se o esforço para falar claramente em inglês fosse demasiado para ele.

- Quais... quais são suas perguntas? - balbuciou, enquanto seus olhos não se afastavam do cilindro que Drake continuava segurando.

Drake ergueu o cilindro deliberadamente, de modo torturante, movendo-o de um lado para outro, enquanto os olhos da criatura acompanhavam o movimento.

- Quais são, Dr. Tholan, as suas teorias sobre a Morte por Inibição? - perguntou ele. - Qual a verdadeira razão de sua vinda à Terra? Qual é o seu interesse no Departamento de Pessoas Desaparecidas?

Rose prendia a respiração, ansiosa. Aquelas eram as perguntas que ela gostaria de ter formulado. Não daquele modo, talvez; mas no trabalho de Drake a bondade e a delicadeza tinham às vezes que ficar em segundo plano, dando lugar à urgência.

Ela repetiu isso várias vezes para si mesma, num esforço para contrabalançar a repulsa que sentia pelo que Drake estava fazendo ao Dr. Tholan.

O hawkiniano falou:

- Uma resposta apropriada levaria muito mais tempo do que a hora que o senhor me concede. O senhor me colocou nesta situação constrangedora de falar sob ameaças. Em meu planeta não poderia agir desse modo em hipótese alguma. É somente aqui, neste planeta revoltante, que um indivíduo pode ser agredido e privado de seu cianureto.

- Seu tempo está passando, Dr. Tholan.

- Eu iria falar sobre isto com o senhor, mais cedo ou mais tarde, Sr. Smollett. Eu precisava de sua ajuda. Foi por isso que vim até aqui.

- Ainda não respondeu minhas perguntas.

- Vou responder agora. Durante anos, paralelamente ao meu trabalho científico regular, venho realizando experiências particulares, investigando as células dos meus pacientes que sofrem da Morte por Inibição. Tive que manter essas atividades dentro do maior segredo e trabalhar sozinho, uma vez que os métodos que utilizei para examinar os corpos dos meus pacientes não são vistos com bons olhos pelo meu povo. Seria algo equivalente à reação do seu povo diante da vivissecção, por exemplo. Em virtude disso, não poderia apresentar os resultados de meu trabalho à comunidade científica do meu planeta sem ter antes confirmado as minhas teorias aqui na Terra.

- Quais são suas teorias? - perguntou Drake. Seus olhos estavam novamente brilhantes.

- À medida que avancei em minhas pesquisas foi se tornando cada vez mais óbvio para mim que todas as pesquisas sobre Morte por Inibição estavam indo na direção errada. Era impossível encontrar uma resposta física para esse mistério. A Morte por Inibição era uma doença da mente.

Rose o interrompeu:

- Com certeza, Dr. Tholan, a doença não é psicossomática. Uma película cinza, tranel d'água ácida, começava a cobrir os olhos do hawkiniano, que parecia não enxergar mais nenhum dos dois. Mas ele continuou a falar.

- Não, Dra. Smollett, não é psicossomática. É uma doença da mente, uma infecção mental. Meus pacientes têm a mente dividida em duas. Eles têm uma mente que lhes pertence de modo inequívoco, mas, por trás ou por baixo dela possuem outra mente - uma mente alienígena. Trabalhei com pacientes da Morte por Inibição de outras raças além da minha e encontrei o mesmo fenômeno. Para resumir: não existem cinco raças inteligentes na Galáxia, mas seis. E a sexta é uma raça parasita.

Rose exclamou:

- Mas isso é loucura... é impossível! O senhor certamente está enganado, Dr. Tholan.

- Não, não estou. Pensei que estivesse, até que cheguei à Terra. Meus contatos com o Instituto e minhas pesquisas no Departamento de Pessoas Desaparecidas me convenceram de que eu tinha razão. O que há de impossível no conceito de uma forma parasitária de inteligência? Criaturas assim não deixariam vestígios fósseis, nem artefatos - tudo que fazem é nutrir-se através da atividade mental de outras criaturas. É possível imaginar que um parasita desse tipo, no transcorrer de milhões de anos, tenha perdido gradualmente várias partes do seu corpo físico, com exceção do mínimo indispensável... mais ou menos como a chamada "solitária", entre os parasitas terrestres, que perdeu todas as suas funções exceto a da reprodução. No caso de uma inteligência parasitária, todos os atributos físicos acabariam por desaparecer no correr do tempo. A criatura se tornaria mente pura, sobrevivendo de uma maneira que não podemos ainda avaliar, à custa das mentes alheias. Especialmente das mentes terrestres.

- Por que especialmente dos terrestres? - perguntou Rose. Drake permanecia imóvel, quieto, atento, sem fazer mais perguntas. Parecia disposto a deixar que o hawkiniano continuasse falando.

- Não suspeitaram - disse o Dr. Tholan - que essa sexta raça inteligente é natural da Terra? A humanidade convive com ela desde os tempos mais remotos, adaptou-se a ela, não tem consciência de sua presença. É por causa dela que as espécies animais terrestres mais evoluídas, incluindo o homem, cessam de crescer na maturidade e, cedo ou tarde, sofrem isso a que vocês chamam de "morte natural". Tudo isto não passa do resultado óbvio dessa proliferação de parasitas. É devido a essas criaturas que vocês dormem e sonham... pois é exatamente nesses momentos que as criaturas se alimentam, o que talvez faça com que sejam esses os instantes em que vocês chegam a se aperceber, ainda que confusamente, da presença delas. Também se deve a elas o fato de a mente humana ser mais instável do que a das outras raças. Em que outra parte da Galáxia podem ser encontrados casos de "dupla personalidade" ou coisa semelhante? Afinal de contas, mesmo a esta altura ainda deve haver mentes individuais que acabam sendo desequilibradas pela ação do parasita.

- De um modo que ainda não sabemos essas mentes parasitas podem viajar através do espaço. Elas não têm limitações de ordem física. Podem flutuar a caminho das estrelas num estado semelhante ao da hibernação. Por que motivo começaram a fazer isso eu não sei, provavelmente ninguém jamais chegará a saber. Mas desde que as primeiras delas descobriram a presença de vida inteligente em outros planetas da Galáxia, iniciou-se um pequeno mas contínuo fluxo de parasitas partindo para o espaço. Nossas raças devem ter parecido um verdadeiro banquete aos olhos deles, ou não teriam se dado todo esse trabalho para nos alcançar. Imagino que muitos devem

ter morrido ao longo da viagem, mas para aqueles que a concluíam com êxito deve ter valido a pena.

- Acontece, no entanto, que nós, dos outros planetas, não vínhamos convivendo com esses parasitas há milhões de anos, como acontecia com os terrestres. Não conseguíamos nos adaptar a eles. Aqui na Terra, os grupos mais fracos foram sendo eliminados gradualmente ao longo de muitas gerações, fazendo com que sobrevivessem apenas os indivíduos mais capazes de suportar os parasitas; em nosso planeta, isso não sucedeu. A consequência disso é que os terrestres conseguiam sobreviver à infecção durante muitos anos sem sofrer grandes danos, enquanto os nossos morriam em menos de um ano.

- E é por isso que a incidência da Morte por Inibição aumentou depois que a Terra entrou em contato com as outras raças?

- Sim. - Ficaram todos em silêncio por alguns instantes, até que o hawkiniano, num súbito acesso de energia, disse: - Agora quero o meu cilindro. Já dei a resposta que pediu.

Drake respondeu, com frieza:

- E quanto ao Departamento de Pessoas Desaparecidas? Recomeçou a mover o cilindro de um lado para outro, mas desta vez o olhar do hawkiniano não o acompanhava. A película tranel d'água que recobria seus olhos parecia mais espessa. Rose pôs-se a imaginar se aquilo seria uma simples demonstração de fadiga ou se já não indicaria os primeiros efeitos da falta de cianureto no organismo.

- Assim como nós não nos adaptamos a esse parasita - continuou o Dr. Tholan, ele também não se adaptou facilmente a nós. Ele pode viver à nossa custa, e aparentemente ele nos considera uma fonte de alimentação superior; mas não pode se reproduzir tendo apenas nossa mente como fonte de energia. Portanto, a Morte por Inibição não é diretamente contagiosa entre o nosso povo.

- O que está tentando sugerir, Dr. Tholan? - perguntou Rose, com um horror crescente.

- Os terrestres continuam a ser o ambiente ideal para o parasita. Um terrestre pode infectar um de nós se ficar em nossa companhia, mas o parasita, depois de instalado num indivíduo extraterrestre, deve de alguma maneira retornar ao corpo de um de vocês se quiser reproduzir-se. Antes das viagens interestelares isso implicava em uma nova aventura do parasita através do espaço, portanto a incidência da infecção permanecia infinitesimal. Agora, no entanto, estamos sendo repetidamente infectados, uma vez que os parasitas retornam à Terra e depois voltam aos nossos mundos através dos terrestres que viajam pelo espaço.

- E as pessoas desaparecidas... - disse Rose, numa voz muito fraca.

- São os hospedeiros intermediários. Claro que não sei ainda de que modo se dá esse processo, mas parece que a mente de um homem terrestre é o ambiente ideal para eles. Há de se lembrar de que no Instituto disseram-me que a expectativa da média de vida na população masculina é três anos menor do que a feminina. Depois de se dar o processo de reprodução, o homem infectado parte numa espaçonave rumo aos outros planetas. Desaparece.

- Mas isso é impossível! - exclamou Rose. - Isso implica dizer que a mente parasita pode controlar as ações de seu hospedeiro! Não pode ser assim, ou nós aqui na Terra já teríamos percebido sua presença.

- O controle, Dra. Smollett, pode ser muito sutil. Além do mais pode ser exercido apenas durante o período da reprodução ativa. Basta recorrer ao seu Departamento de Pessoas Desaparecidas. Por que motivo tantos homens jovens desaparecem? Vocês podem ter explicações econômicas ou psicológicas, mas isso não basta. Porém...

estou me sentindo muito mal agora, não posso me alongar. Devo dizer só mais uma coisa. O seu povo e o nosso têm um inimigo comum: esses parasitas da mente. Os terrestres não precisam continuar morrendo involuntariamente devido à presença desses seres. Eu tinha em mente que, se não pudesse retornar ao meu planeta com as minhas descobertas, devido aos métodos pouco ortodoxos que empreguei nas minhas pesquisas, poderia fazer um comunicado às autoridades da Terra e pedir sua ajuda para combater essa ameaça. Imagine a minha alegria ao descobrir que o marido de uma das biólogas do Instituto era membro de um dos mais importantes órgãos de investigações da Terra! Naturalmente fiz o que pude para ser recebido em sua casa, a fim de manter um contato direto com ele, convencê-lo da terrível verdade dos fatos e utilizar sua posição para desfechar um ataque contra os parasitas.

- É claro que isto, agora, tornou-se impossível. Não posso culpá-lo. Como terrestre, o senhor não compreende a psicologia do meu povo. Só há um derradeiro ponto que preciso enfatizar. Não quero mais contato com nenhum de vocês dois. Creio até que não tenho mais condições de permanecer na Terra.

Drake disse:

- Então apenas o senhor, entre todo o seu povo, tem conhecimento desta sua teoria?

- Sim, sou o único. Drake estendeu o cilindro.

- Aí está seu cianureto, Dr. Tholan.

- O hawkiniano o apanhou com sofreguidão. Seus dedos hábeis manipularam o tubo e a válvula delicadamente; dentro de dez segundos ele tinha instalado o aparelho e estava inalando o gás em largos haustos. Seus olhos começaram a ficar outra vez claros e transparentes.

Drake esperou até que sua respiração voltasse ao normal e, com o rosto impassível, ergueu a pistola-agulha e disparou. Rose soltou um grito. O hawkiniano permaneceu de pé. Seus membros inferiores não se vergaram, mas sua cabeça descaiu para o lado e de sua boca, subitamente flácida, o tubo de cianureto escorregou. Drake fechou novamente a válvula de saída do gás, arrancou o cilindro e o atirou para o lado; depois ficou de pé diante do alienígena morto, olhando-o com uma expressão sombria.

Nenhum sinal externo indicava que Harg Tholan tinha sofrido morte violenta. O minúsculo projétil da pistola-agulha, com um diâmetro menor que o da agulha que dava o nome à arma, tinha penetrado sem dificuldade no corpo para explodir somente quando no interior da cavidade abdominal.

Rose saiu correndo do quarto, aos gritos. Drake foi atrás dela e conseguiu agarrá-la pelo braço. Ela escutou o estalo seco das bofetadas que ele desferiu em seu rosto com a mão aberta, mas não sentiu dor alguma; por fim cedeu e irrompeu em soluços.

- Eu lhe disse - falou Drake. - Disse que não se metesse. E agora? O que acha que vai fazer?

- Largue-me - disse ela. - Quero ir embora daqui.

- Só porque eu fiz a minha obrigação? Você ouviu o que essa criatura disse. Acha que eu podia permitir que ele retornasse ao seu planeta e espalhasse todas essas mentiras? Iriam acreditar nele. E o que você acha que aconteceria depois? Pode imaginar o que é uma guerra interestelar? Eles iriam pensar que a única maneira de acabar com a tal doença seria exterminando a todos nós.

Com um esforço sobre-humano, Rose conseguiu controlar-se. Olhou firme nos olhos de Drake e disse:

- O que o Dr. Tholan disse não era mentira, e também não era um equívoco, Dra-

ke.

- Ora, o que é isso? Você está histérica. Precisa dormir um pouco.

- Eu sei que é verdade. Sei disso porque a Comissão de Segurança sabe tudo sobre essa teoria, e sabe que é verdadeira.

- Como pode dizer uma coisa tão sem pé nem cabeça?

- Porque você cometeu dois pequenos escorregões.

- Sente-se - disse Drake. Ela sentou na poltrona e ele permaneceu de pé à sua frente, olhando-a com curiosidade. - Quer dizer que eu dei dois escorregões, não é? Você teve um dia bastante detetivesco hoje, minha querida. Acho que você anda escondendo seus talentos. - Ele sentou-se no sofá e cruzou as pernas.

Sim, pensou Rose, ela tinha tido um dia cheio de descobertas. Podia ver, de onde estava sentada, o relógio elétrico na parede da cozinha: eram mais de duas horas da madrugada. Harg Tholan tinha chegado em sua casa 35 horas antes, agora estava morto, no quarto ao lado.

Drake quebrou o silêncio.

- Não vai me apontar os dois pontos em que escorreguei?

- Você ficou lívido ontem, quando Harg Tholan disse que eu era uma hospedeira encantadora. A palavra "hospedeira" tem um duplo sentido, como você sabe. Indica a pessoa que abriga um parasita.

- Número um - disse Drake. - E o número dois?

- Foi algo que você fez, antes mesmo de Tholan chegar aqui em casa. Passei horas, hoje, tentando me lembrar disso. Lembra-se, Drake, quando você comentou o quanto era desagradável para os hawkinianos misturar-se aos terrestres? E eu disse que Harg Tholan era um cientista, e isso fazia parte da sua profissão? Perguntei se você achava que os cientistas terrestres iam aos trópicos por diversão, e se gostavam de sofrer picadas de mosquitos. Lembra-se de como você ficou perturbado?

Drake deu uma risada.

- Eu não sabia que era tão transparente assim... Mosquitos servem de hospedeiros para os parasitas que causam a malária e a febre amarela. - Ele soltou um suspiro.

- Fiz o que pude para que você não se metesse nisto, Rose. Agora não tenho saída senão contar-lhe toda a verdade. Devo fazer isto porque já percebi que somente a verdade, ou então a morte, podem manter você quieta. E eu não quero matá-la.

Rose encolheu-se na poltrona, os olhos bem abertos. Drake continuou:

- A Comissão sabe de toda a verdade. Isso não nos adianta de nada. Tudo que podemos fazer é nos esforçar o máximo possível para evitar que os outros planetas descubram.

- Mas a verdade não pode ser escondida para sempre! Harg Tholan a descobriu. Você o matou, mas um outro alienígena pode repetir a mesma descoberta, e depois outro, e mais outro. Vocês não podem matar a todos.

- Sabemos disso - concordou Drake. - Não temos escolha.

- Por que não? - gritou Rose. - Harg Tholan lhe forneceu a solução. Ele não fez sugestões ou ameaças de guerra entre os planetas. Ele apenas sugeriu que nós nos juntássemos às outras raças inteligentes para exterminar o parasita. E nós podemos! Se nós, em conjunto com as outras raças, envidarmos todos os esforços para...

- Você quer dizer... confiar nele? Será que Tholan falava em nome de seu governo, ou das outras raças?

- Por que não arriscar?

- Você não entendeu. - Drake aproximou-se dela e tomou sua mão, que estava muito fria. Prosseguiu: - Pode parecer idiota eu querer explicar-lhe algo que faz parte da sua profissão, mas você tem que me escutar. Harg Tholan estava certo. O homem

e seus ancestrais pré-históricos têm convivido com essa inteligência parasita por eras e mais eras; certamente desde muito antes de termos nos tornado o Homo sapiens. Nesse intervalo, não apenas nos adaptamos a esse parasita, como também nos tornamos dependentes dele. Não se trata mais de um caso de parasitismo. É um caso de cooperação mútua. Vocês biólogos têm um nome para isto.

Rose retirou a mão de entre as dele.

- O que está dizendo? Simbiose?

- Exatamente. Nós temos uma doença tipicamente nossa, não esqueça. Uma doença que é o contrário da deles: uma doença de crescimento descontrolado. Conversamos sobre isto ontem, fazendo uma comparação com a Morte por Inibição. Muito bem: qual é a causa do câncer? Há quanto tempo essa questão vem sendo pesquisada por biólogos, fisiologistas, bioquímicos e tantos outros? E qual foi o sucesso que eles alcançaram? Nenhum. Pode responder por quê?

- Não - disse Rose, lentamente. - Não posso. Do que você está falando?

- Está tudo muito bem, dizer que se nós removêssemos o parasita teríamos crescimento ilimitado e viveríamos em paz até o dia em que nos cansássemos de ser tão grandes ou tão velhos e acabássemos com tudo. Mas, quantos milhões de anos já se passaram desde a última vez que o corpo humano pôde crescer assim, sem restrições? Será que ele ainda o conseguiria? A química corporal está ajustada para isso? Será que ainda temos as... coisas apropriadas, como é que se diz?

- As enzimas.

- Pois é, as enzimas. Não, não temos: tornou-se impossível para nós. Se por algum motivo essa inteligência parasita, como Harg Tholan a denominou, abandonar o corpo humano, ou se sua relação com a mente humana sofrer algum tipo de desequilíbrio, o nosso corpo recomeça a crescer, mas de forma desordenada. E a esse crescimento denominamos câncer. E aí está. Não temos como nos livrar do parasita. Vamos ter que ficar juntos por toda a eternidade. Para que os extraterrestres se vejam livres da Morte por Inibição terão que varrer da face da Terra todas as espécies vertebradas. Não existe outra solução para eles, portanto temos que impedir que saibam de tudo isto. Entendeu agora?

Rose tinha a boca seca. Falou com dificuldade.

- Entendi, Drake. - Ela notou que a testa do marido estava úmida e que havia uma linha de suor por sobre o seu lábio superior. - Agora você vai ter que... tirá-lo do apartamento.

- É tarde da noite, não terei muito trabalho para retirá-lo do prédio. Depois... - Ele virou-se para ela. - Não sei quando volto.

- Entendo, Drake - disse ela novamente.

Harg Tholan era pesado. Drake teve que arrastar seu corpo através do apartamento. Rose virou o rosto, com náuseas. Escondeu os olhos com a mão até ouvir a batida da porta da frente. Murmurou para si mesma: "eu entendo, Drake".

Eram três da madrugada. Quase uma hora se passara desde que a porta se fechara atrás de Drake e de seu fardo. Ela não sabia para onde ele tinha ido, para onde pretendia ir...

Ficou sentada, mergulhada numa espécie de torpor. Não tinha vontade de dormir; nenhum desejo de se mover. Sua mente girava num círculo estreito, evitando estender-se até aquele pensamento, aquela coisa que ela sabia mas que não queria saber.

Parasitas da mente! Seria apenas uma coincidência, ou algum tipo obscuro de memória racial, algum tênue mas resistente fiapo de tradição ou de percepção a se es-

tender desde o passado através de incontáveis milênios, mantendo vivo o mito primal da origem humana? Rose pensou: havia mesmo duas inteligências na Terra. Havia os seres humanos do Jardim do Éden e havia a serpente, que "era mais astuta do que qualquer outro animal da Terra". A serpente infectou o homem e, em consequência disso, perdeu seus membros. Seus atributos físicos tornaram-se supérfluos. E devido a essa contaminação, o Homem foi expulso do Paraíso Terrestre. A morte passou a reinar no mundo.

A despeito dos seus esforços, Rose não pôde continuar fugindo àquele pensamento que tentava evitar. Ela o expulsou, e ele voltou a assediar-lhe a mente. Drake. Ela começou a contar em voz baixa, depois passou a recitar os nomes dos objetos que avistava diante de si, depois gritou - Não! Não! Não! - mas aquela ideia voltou, e tornou a voltar.

Drake tinha mentido. Sim, tinha sido uma história bastante plausível. Teria se mantido de pé em outras circunstâncias; mas Drake não era um biólogo. O câncer não podia ser, como Drake tinha dito, uma expressão da perda de controle sobre o crescimento normal. O câncer ataca crianças que ainda estão em pleno processo de crescimento; pode atacar até mesmo tecido fetal. Ataca os peixes, os quais, como os extraterrestres, nunca cessam de crescer durante toda a vida e morrem apenas por doenças ou morte violenta. Ataca plantas, que não têm mente, e não podem ser parasitadas. O câncer não tem nada a ver com a ausência ou a presença de crescimento normal: era uma doença das espécies vivas em geral, uma doença à qual nenhum tecido de nenhum organismo multicelular pode ser completamente imune.

Ele não precisava ter mentido. Não devia ter permitido que algum tipo obscuro de fraqueza sentimental o fizesse evitar a necessidade de matá-la. Ela iria dizer tudo no Instituto. O parasita podia ser derrotado. Sua ausência não era causa do câncer. Mas... quem acreditaria nela?

Pôs as mãos sobre os olhos. Os homens que desapareciam estavam geralmente no primeiro ano de casamento. Qualquer que fosse o processo de reprodução dos parasitas da mente, devia ser algo que exigisse uma associação muito íntima com outro parasita - um tipo de associação muito próxima e constante que só seria possível se os hospedeiros de ambos estivessem mantendo uma relação semelhante. Como se dá com os casais recém casados.

Ela podia sentir seus pensamentos vagueando sem direção. As pessoas iam chegar ali. Iam perguntar: onde está Harg Tholan? Ela diria: com meu marido. Só que eles diriam: onde está seu marido? E ele teria ido embora para sempre. Porque agora já não precisava dela. Nunca voltaria. Nunca seria encontrado, porque estaria longe, no espaço. Ela iria até o Departamento de Pessoas Desaparecidas e prestaria queixa do desaparecimento de Drake Smollett e Harg Tholan.

Queria chorar, mas não conseguia. Seus olhos estavam secos, e o esforço para derramar lágrimas fazia apenas com que ardessem.

Aí ela começou a rir, e não conseguia parar. Era tudo muito engraçado. Tinha procurado as respostas para tantas perguntas e no final tinha encontrado todas elas.

Tinha encontrado até mesmo a resposta para a pergunta que parecia não ter nada a ver com todo aquele assunto.

Tinha descoberto, finalmente, por que motivo Drake casara com ela.

O lançamento da bomba atômica em 1945 tomou respeitável a ficção científica. Depois que o horror de Hiroshima se verificou, qualquer um podia ver que os escritores de ficção científica não eram menos sonhadores, afinal de contas, e que muitos dos temas desse tipo de literatura faziam agora parte permanente das manchetes dos jornais.

Suponho que os escritores de ficção científica, assim como os seus leitores, de uma maneira geral, ficaram satisfeitos - se não pelo efeito da bomba, pelo menos devido à cristalização de alguma coisa que havia sido tão cientificamente fictícia.

Quanto a mim mesmo, sentia-me ambivalente. Inteiramente à parte dos assustadores aspectos das explosões nucleares e da sensação irracional de que coisas tais como bombas atômicas pertenciam a nós e não ao mundo real, e também sentia que a realidade podia ter um efeito estultificante no nosso campo.

E acredito que assim tenha acontecido até certo ponto. Havia a tendência da nova realidade, de lançar o escritor de ficção científica por terra. Antes de 1945, a ficção científica havia sido indômita e livre. Todos os seus temas e todos os seus enredos permaneciam no reino da fantasia e podíamos falar acerca da Comissão de Energia Atômica e de moldar toda a infinita extensão dos nossos pensamentos à pequenina parte deles que se tornara real.

Na realidade, deu-se o nascimento de alguma coisa que eu chamo “a ficção do futuro” - a história de ficção científica que não seria mais nova do que as manchetes de amanhã.

Acreditem-me, não pode existir coisa mais enfadonha do que as manchetes do amanhã, na ficção científica. Como um exemplo, consideremos On the Beach, de Nevil Shute. Com toda a certeza, para fãs da ficção científica - como opostos do público em geral - é uma historia “água-com-açúcar”. Se a história começa com uma guerra nuclear, o que mais pode apresentar de novo?

Resisti à tentação de basear uma história, servilmente, nos acontecimentos atuais, até que pudesse pensar num meio de fazê-lo sem me tomar um favorito servil de manchetes e notícias. Desejava escrever uma história que tratasse de coisas do amanhã, mas sem tornar ultrapassado como depois de amanhã.

O resultado foi O Homem em Cultura (“Breeds There a Man...”) que, a despeito da sua trivialidade, é tanto ficção científica agora como o era em 1951, quando foi escrita.

*1ª publicação - Astounding Science Fiction - Junho de 1951 - (c) 1951 - Street & Smith Publications, Inc.*

# O Homem em Cultura
## (Ou – Os Incubadores)

O sargento da polícia Mankiewicz estava ao telefone e não parecia muito satisfeito. Sua conversa lembrava uma acirrada partida de pingue-pongue onde só fosse visível um dos jogadores. Ele dizia:

- … É isso mesmo. Ele entrou aqui e disse: me botem numa cela porque eu estou querendo me matar.

- … Não, não pude evitar. Foi isso mesmo que ele disse. Eu também achei uma maluquice.

- … Olhe, moço, o cara corresponde à descrição. O senhor me pediu a informação e eu estou lhe dando.

- … Exatamente. Uma cicatriz no lado direito do rosto. Disse que se chamava John Smith. Não falou que era doutor ou coisa parecida.

- … Claro que é falso. Ninguém no mundo se chama John Smith. Não numa delegacia de polícia, pelo menos.

- … Está na cela.

- … Sim, isso mesmo.

- … Resistência à prisão, violência física, agressão deliberada. São três queixas ao todo.

- … Não me interessa quem ele seja.

- … Está bem, eu aguardo.

O sargento ergueu os olhos para o guarda Brown e cobriu com a mão o bocal do telefone; era uma mão enorme que quase ocultou o fone por inteiro. Suas feições rudes estavam vermelhas e suadas sob um tufo de cabelo cor de palha.

- Problemas! - exclamou. - É um problema atrás do outro aqui nesta delegacia. Eu preferia mil vezes estar fazendo a ronda.

- Está falando com quem? - perguntou Brown. Tinha acabado de chegar à delegacia e não estava mesmo interessado. Na sua opinião, Mankiewicz era de fato muito mais capacitado, para fazer rondas num subúrbio bem distante.

- Interurbano de Oak Ridge. Um cara chamado Grant. Chefe da divisão-não-sei-quê-lógica não sei de onde, e agora está transferindo a ligação para outro lugar. A setenta e cinco centavos o minuto, onde já se viu... Alô?

Mankiewicz voltou a se concentrar no telefone.

- … Alô! Olhe aqui, deixe-me explicar tudo desde o começo. Vou dizer o que se passou, e se não gostarem podem mandar alguém aqui. O cara não quer advogado. Ele diz que quer ficar preso. Por mim não tem problema nenhum.

- … Olhe, quer prestar atenção? Ele apareceu aqui ontem, veio direto até onde eu estava e disse: Sargento, quero que me prenda, porque eu estou querendo me matar. Aí eu falei: Moço, lamento muito que esteja querendo se matar. Aconselho que não faça isso, porque se fizer vai se arrepender para o resto da vida.

- … Eu estou falando sério. Estou lhe contando o que aconteceu. Não estou dizendo que a piada era boa, mas tenho meus problemas aqui, se é que me entende. O senhor está pensando que tudo que eu tenho pra fazer aqui é escutar papo de maluco que vai chegando e...?

- … Quer me deixar terminar? Eu falei: Não posso lhe prender porque quer se matar, isso não é crime. E ele disse: Mas eu não quero morrer. E eu: Olha aqui, companheiro, cai fora. O que quero dizer é que se um cara quer se suicidar tudo bem, e se não quer tudo bem também, o que eu não quero é que ele fique se lamentando no meu ombro.

-... Eu estou tentando dizer. Então ele falou: Se eu cometer um crime, irei para a cadeia? E eu disse: Sim, se for apanhado, se alguém der queixa e você não puder pagar fiança. Agora, cai fora. Aí ele apanhou o tinteiro na minha mesa e, antes que eu pudesse impedir, derramou tudo sobre o livro de registros.

- … Claro! Isso mesmo! Por que acha que registramos queixa por "agressão deliberada"? Estou com as calças cheias de tinta.

- … "Violência física" também. Pulei em cima dele para aplicar um corretivo, e aí ele me deu um chute na canela e um soco no olho.

- … Inventando? Não estou inventando nada. Quer vir até aqui para ver como está meu olho?

- … Ele vai a julgamento nos próximos dias. Na quinta-feira, talvez.

- … Noventa dias, pelo menos. A não ser que o pessoal do Psico resolva o contrário. Por mim ele ia era para o asilo.

- … Oficialmente, John Smith. Foi o único nome que ele deu.

- … Não, senhor, ele não pode ser liberado sem as providências legais. Está bem, faça o que quiser, então. Eu estou aqui fazendo o meu trabalho.

Bateu o telefone. Depois de lançar um olhar furibundo para o aparelho, pegou o fone novamente. Discou um número e pediu: "Gianetti". Quando a ligação foi completada, recomeçou a falar.

- Gianetti? Diga-me... o que diabo é CEA? Acabei de falar com um cara pelo telefone e ele diz que...

- Não, idiota, não estou brincando. Se estivesse brincando eu diria. Vamos, responda, que sopa de letrinhas é essa?

Ficou à escuta durante algum tempo. Depois disse "obrigado" num fio de voz e desligou. Estava pálido.

- O segundo cara - disse ele a Brown - era o chefe da Comissão de Energia Atômica. Parece que eles tinham transferido a ligação de Oak Ringe para Washington.

Brown ficou de pé e sugeriu:

- Talvez o FBI esteja procurando esse cara, esse John Smith. Talvez ele seja um desses tais cientistas. - Brown sentiu-se encorajado a filosofar um pouco. - Deviam manter os segredos atômicos longe desses caras. Enquanto quem cuidava dessa coisa de bomba atômica era o general Groove tudo corria bem. Depois que os tais cientistas começaram a se meter, aí...

- Ora, cale essa boca - grunhiu Mankiewicz.

O Dr. Oswald Grant mantinha os olhos fitos na linha branca que cortava em duas fatias o asfalto da auto-estrada e manobrava o carro como se este fosse um inimigo seu. Sempre dirigia assim. Era um homem alto e nodoso, com uma expressão ausente sempre estampada no rosto. Seus joelhos pressionavam o volante e os nós dos

seus dedos ficavam esbranquiçados cada vez que ele apertava a direção ao fazer uma curva.

O inspetor Darrity ia sentado ao seu lado com as pernas cruzadas de tal modo que a sola de seu sapato esquerdo apoiava-se fortemente na porta do carro, onde deixaria uma marca barrenta. Ele jogava de uma mão para a outra um canivete marrom. Poucos minutos antes tinha desdobrado sua lâmina reluzente e afiada para tentar limpar as unhas, mas uma manobra brusca do motorista quase lhe tinha custado um dedo, e ele acabou desistindo.

- O que sabe sobre esse tal Ralson? - perguntou.

O Dr. Grant afastou os olhos da estrada por um instante antes de responder.

- Conheço-o desde que concluiu seu doutorado em Princeton - falou, pouco à vontade. - É um indivíduo brilhante.

- Ah, é? Brilhante, hem? Por que será que todos vocês cientistas só descrevem uns aos outros como brilhantes? Não existe nenhum que seja medíocre?

- Existem muitos. Eu próprio sou um deles. Mas Ralson não é. Pode perguntar a qualquer um. Pergunte a Oppenheimer. Pergunte a Bush. Ele era o observador mais jovem que havia em Alamogordo.

- OK, ele é brilhante. E quanto a sua vida pessoal? Grant fez uma pausa.

- Isso eu não sei.

- Você o conhece desde Princeton. Quanto tempo faz? Fazia duas horas que eles vinham pela rodovia de Washington, rumo norte, praticamente sem trocar uma palavra. Agora Grant sentia uma mudança na atmosfera, como se a mão da Lei o agarrasse pelo colarinho.

- Ele se formou em 43.

- Você o conhece há oito anos, então.

- Certo.

- E não sabe nada sobre sua vida pessoal?

- A vida de um homem é algo privado, inspetor. Ele não era muito sociável. Uma grande parte dessas pessoas são assim. São homens que trabalham sob fortes pressões, e quando estão fora do laboratório preferem a companhia de alguém não relacionado com o ambiente profissional.

- Ele pertencia a algum tipo de organização, pelo que o senhor sabe?

- Não.

- Por acaso ele terá alguma vez dito qualquer coisa que indicasse deslealdade ao governo?

- Não! - exclamou Grant secamente.

Os dois ficaram por algum tempo em silêncio. Então Darrity perguntou:

- Ralson é muito importante para a pesquisa atômica?

O corpo de Grant curvou-se mais ainda sobre o volante.

- Tão importante quanto alguém pode ser. Posso lhe garantir que nenhum homem é indispensável, mas Ralson sempre me pareceu um sujeito raro. A mente dele é engenharia pura.

- O que quer dizer com isso?

- Ele não é um grande matemático, mas é capaz de conceber qualquer engenhoca para concretizar as descobertas matemáticas alheias. Nesse aspecto não há quem se compare a ele. Inúmeras vezes, inspetor, tínhamos nas mãos um problema urgente para resolver e não dispúnhamos de um mínimo de tempo para isso. Ficávamos imobilizados em redor da questão, incapazes de ter uma só ideia, e aí aparecia Ralson, examinava a situação por alguns instantes e dizia: por que vocês não tentam tal e tal coisa? E ia embora. Nem sequer se interessava em verificar se aquilo ia funcionar ou

não. E sempre funcionava. Sempre! Talvez nós mesmos acabássemos chegando àquela solução, mas isso certamente teria levado meses. Não sei como ele é capaz disso. E não adianta perguntar-lhe. Ele apenas olha para a gente e diz: ora, é óbvio - e vai embora. E é claro que depois que ele nos mostra o que fazer a coisa fica mesmo óbvia.

O inspetor deixou-o falar à vontade. Quando percebeu que ele tinha terminado, voltou à carga.

- Diria que Ralson é mentalmente instável? Quero dizer... que ele é um sujeito meio excêntrico?

- Quando um sujeito é um gênio não se pode esperar que ele seja totalmente normal, não é mesmo?

- Talvez. Mas até que ponto Ralson dava sinais disso?

- Por exemplo: era um sujeito extremamente calado. Às vezes simplesmente parava de trabalhar.

- Ficava em casa, ia fazer uma pescaria?...

- Não. Vinha normalmente ao laboratório, mas sentava-se à escrivaninha e ficava ali, parado. Às vezes isso durava semanas inteiras. A gente lhe dirigia a palavra e ele não respondia, sequer olhava para nós.

- Já largou o trabalho completamente alguma vez?

- Antes disto que está ocorrendo? Nunca.

- Alguma vez falou em suicídio? Ou que só se sentiria em segurança na cadeia?

- Não.

- Por que acha que esse John Smith é Ralson?

- Tenho quase certeza. Ralson tem uma queimadura no rosto, do lado esquerdo, impossível de confundir.

- OK, então é isso. Vamos conversar com ele e ver o que acontece.

Desta vez o silêncio que se estabeleceu foi menos carregado. O Dr. Grant continuou a seguir as sinuosidades da estrada enquanto o inspetor jogava distraidamente o canivete de uma mão para a outra.

O diretor do presídio trocou algumas frases pelo interfone e ergueu os olhos.

- Sinto muito, inspetor, mas não podemos trazê-lo até aqui.

- Não é preciso - disse o Dr. Grant. - Vamos até onde ele está.

Darrity virou-se para o cientista.

- Acha isso normal para Ralson, doutor? Ele atacaria um guarda que vai buscá-lo na cela?

- Não posso dizer - respondeu Grant.

O diretor do presídio ergueu a mão calejada. Seu enorme nariz teve uma contração de desagrado.

- Não tomamos nenhuma providência quanto a ele devido ao telefonema de Washington - disse. - Mas, francamente, o lugar dele não é aqui. Eu ficaria satisfeito se alguém o levasse.

- Vamos até a cela onde ele está - disse Darrity. Caminharam ao longo de um corredor sombrio, com portas gradeadas através das quais olhos indiferentes observavam sua passagem.

O Dr. Grant foi percorrido por um arrepio.

- Ele está aqui todo esse tempo? Darrity não respondeu.

O guarda que caminhava à frente deles deteve-se diante de uma das celas.

- É aqui.

Darrity perguntou:

- E então? É o Dr. Ralson?

O Dr. Grant contemplou em silêncio o vulto deitado no catre. O homem parecia adormecido quando eles pararam diante da cela, mas logo soergueu o corpo, apoiando-se num cotovelo, e retraiu-se como se quisesse desaparecer dentro da parede. Seu cabelo era ralo e cor de areia, o corpo esguio, os olhos muito azuis, com uma expressão ausente. Do lado esquerdo do rosto tinha uma mancha avermelhada e saliente.

- É Ralson - disse o Dr. Grant.

O guarda abriu a porta e fez menção de entrar na cela, mas o inspetor Darrity o impediu com um gesto. Ralson olhava para eles sem nada dizer; tinha encolhido as pernas sob o corpo e recuado mais alguns centímetros. Seu pomo-de-Adão subiu e desceu quando ele engoliu em seco.

Darrity perguntou com suavidade:

- Dr. Elwood Ralson?

- O que deseja? - Sua voz era um surpreendente barítono.

- Pode nos acompanhar, por favor? Gostaríamos de fazer algumas perguntas ao senhor.

- Não. Deixem-me em paz.

- Dr. Ralson - disse Grant, mandaram-me aqui para pedir-lhe que volte ao trabalho. Ralson girou o olhar até o cientista e por um instante algo mais que medo brilhou em seus olhos.

- Olá, Grant - disse ele, e sentou-se no catre. - Olhe aqui, eu estou pedindo a eles que me ponham numa cela acolchoada. Você não pode conseguir isso? Grant, você me conhece. Eu não pediria uma coisa se ela não fosse absolutamente necessária. Me ajude, por favor. Não posso ficar perto dessas paredes. Começo a sentir uma vontade de... de me jogar contra elas. - com a palma da mão ele deu uma pancada forte na parede de cimento escuro e opaco ao lado da cama.

Darrity olhava pensativo na sua direção. Puxou distraidamente o canivete e, desdobrando a lâmina, começou a raspar a unha do polegar num gesto maquinal. Perguntou:

- Acha que precisa de um médico, Dr. Ralson?

Ralson não respondeu. Seus olhos estavam fitos no brilho do metal. Ele umedeceu os lábios com a ponta da língua. Sua respiração tornou-se rouca e áspera.

- Guarde isso! - exclamou. Darrity ficou imóvel.

- Guarde o quê?

- Essa faca. Tire isso de minha frente. Não aguento ficar olhando.

- Por quê? - Darrity estendeu a mão onde o canivete reluzia. - Há algo de errado com ele? É um bom canivete.

A mão de Ralson deu um bote na direção da lâmina, mas Darrity a evitou com um gesto ágil, enquanto sua mão esquerda se cerrava com firmeza no pulso do cientista.

Ele ergueu o canivete no ar, fora do alcance do outro.

- Qual é o problema, Ralson? Você está querendo o quê?

Grant esboçou um protesto mas Darrity o fez calar, e insistiu:

- O que há com você, Ralson?

Ralson tentou alcançar novamente a mão direita do outro, mas foi forçado a curvar-se sob o aperto firme com que o inspetor o dominava. Balbuciou:

- Quero a faca.

- Por quê, Ralson? Por que precisa dela?

- Por favor. Eu tenho que... - Sua voz era suplicante. - Tenho que parar de viver.
- Quer morrer?
- Não quero. Preciso.

Darrity deu-lhe um empurrão e Ralson foi jogado para trás, fazendo o catre gemer sob sua queda. com um gesto vagaroso, o inspetor dobrou a lâmina do canivete e o guardou no bolso. Ralson cobriu o rosto com as mãos. Seus ombros tremiam um pouco, mas afora isso não se moveu mais.

Ouviram-se alguns gritos vindos do corredor; os outros presos estavam reagindo aos ruídos que vinham da cela de Ralson. O guarda deu alguns passos ao longo das celas, gritando:

- Silêncio aí! Todo mundo calado!
- Está tudo bem - disse Darrity na sua direção. Puxou do bolso um enorme lenço, onde enxugou as mãos. - Acho que vamos precisar de um médico.

O Dr. Gottfried Blaustein era moreno, de pequena estatura, e falava com um ligeiro sotaque austríaco. Faltava-lhe apenas um pequeno cavanhaque para reproduzir a imagem convencional do psiquiatra. Mas ele tinha o rosto bem barbeado e se vestia com elegância. Observava o Dr. Grant com extrema atenção, avaliando-o, registrando mentalmente uma série de observações e deduções. Aquela altura da vida, procedia assim com qualquer pessoa com quem conversasse. Comentou:

- Deixe-me repetir o quadro que o senhor me descreve. Descreve um homem de grande talento, possivelmente um gênio. O senhor me diz que ele nunca teve um relacionamento fácil com as demais pessoas, que nunca se adaptou por inteiro ao ambiente do laboratório, mesmo sendo aquele o ambiente onde podia alcançar o máximo de respeito e consideração. Existe algum outro tipo de ambiente onde ele pudesse se sentir à vontade?
- Não entendi.
- Nem todo mundo tem a sorte de encontrar as companhias humanas ideais no local de trabalho ou no ramo de atividade onde precisa atuar profissionalmente. Muitas pessoas encontram a compensação para isso tocando um instrumento musical, fazendo caminhadas pelo campo ou entrando para algum tipo de clube. Em outras palavras: o indivíduo forma para si um outro tipo de vida social, apartada do seu trabalho, onde consegue sentir-se mais à vontade. É algo que não precisa ter a mais remota ligação com sua atividade profissional. É uma fuga, não necessariamente uma fuga doentia.

Ele sorriu e completou: - Eu próprio coleciono selos. Sou um membro ativo da Sociedade Americana de Filatelia.

Grant fez um gesto negativo com a cabeça.

- Não faço ideia das atividades de Ralson fora do ambiente de trabalho, mas duvido muito que ele fizesse algo desse tipo.
- Humm... Bem, é uma pena. Relaxar e divertir-se um pouco é algo que está ao alcance de qualquer pessoa, mas é preciso procurar isso, não é mesmo?
- Já falou com Ralson, Dr. Blaustein?
- Sobre os problemas dele? Ainda não.
- E não vai falar?
- Sim, sim. Mas ele está aqui há apenas uma semana. Temos que dar tempo para que se recupere um pouco. Ele estava num estado de nervos muito agitado quando chegou aqui. Estava quase delirante. Vamos deixar que ele repouse e vá se adaptando ao novo ambiente. Então terei umas entrevistas com ele.

- Vai conseguir que ele volte a trabalhar? Blaustein sorriu.

- Como posso saber? Ainda nem sei qual é o problema dele.

- Não podia livrá-lo do aspecto mais grave, quer dizer, essa mania de suicídio... e continuar o tratamento enquanto ele voltasse a trabalhar normalmente?

- Talvez. Mas não posso dar uma opinião concreta senão depois de algumas entrevistas.

- Quanto tempo acha que vai levar?

- Num assunto como este, Dr. Grant, nunca se pode saber. Grant bateu com as palmas das mãos uma na outra num gesto resignado.

- Faça o que achar melhor, então. Mas isto é algo mais importante do que imagina.

- Talvez. Mas o senhor pode me ajudar, Dr. Grant.

- Como?

- Fornecendo-me algumas informações que, pelo que posso imaginar, devem ser consideradas secretas.

- Que tipo de informações?

- Gostaria de saber qual o índice de suicídios, desde 1945, entre cientistas nucleares. E quantos deles abandonaram esse trabalho para se dedicar a outros tipos de trabalho científico, ou mesmo abandonaram de vez a ciência.

- Isso tem alguma relação com Ralson?

- Não acha que esse terrível desespero que ele demonstra pode ser algum tipo de doença ocupacional?

- Bem... muita gente já abandonou esse tipo de trabalho, é claro.

- Por que "é claro", Dr. Grant?

- Pode muito bem imaginar, Dr. Blaustein. O ambiente na pesquisa atômica de hoje é de muita pressão, muita burocracia. Temos que lidar com o governo, lidar com os militares. Não podemos conversar sobre o que estamos fazendo, temos que vigiar nossas palavras constantemente. É claro que se aparece a chance de um emprego na área universitária, onde se pode escolher o horário de trabalho, pesquisar o que se deseja, escrever artigos que não têm de ser submetidos à CEA, reunir-se sem que sejam necessárias intermináveis medidas de segurança... aí muita gente acaba preferindo isto.

- E abandona para sempre seu campo de especialização?

- Não. Sempre existem aplicações não-militares. Naturalmente, cada pessoa tem suas próprias razões para abandonar esse trabalho. Há um sujeito que largou tudo, segundo me disse, porque não podia dormir à noite. Disse que toda vez que apagava a luz ouvia os gritos das cem mil pessoas que morreram em Hiroshima. A última vez que ouvi falar nele, ele estava trabalhando como balconista numa loja de roupas.

- E quanto ao senhor? Ouve algum grito de vez em quando?

Grant assentiu com um gesto.

- Não é muito agradável saber que a responsabilidade pela destruição atômica também é nossa, ainda que em pequena proporção.

- E Ralson? Como se sentia quanto a isso?

- Nunca falamos a respeito.

- Isso quer dizer que, se ele experimentava esse tipo de culpa, não tinha nem mesmo a válvula de escape de poder desabafar com os colegas.

- Creio que não.

- Mesmo assim, a pesquisa nuclear é algo que deve ser tocado para a frente.

- Eu diria que sim.

- O que faria, Dr. Grant, se achasse que devia fazer algo, mas que não podia absolutamente fazê-lo?

Grant encolheu os ombros.

- Não sei.

- Algumas pessoas se matam.

- Acha que é esse o problema de Ralson?

- Não sei. Ainda não sei. Vou conversar com o Dr. Ralson hoje a noite. É claro que não posso prometer nada, mas o senhor será mantido a par de tudo.

Grant ficou de pé.

- Obrigado, doutor. E tentarei conseguir as estatísticas que pediu.

Uma semana de permanência no sanatório do Dr. Blaustein tinha melhorado a aparência de Elwood Ralson. A magreza de seu rosto tinha diminuído, ele perdera em grande parte a inquietação que tinha demonstrado. Estava sem cinto e sem gravata. Seus sapatos estavam sem cadarços.

- Como se sente, Dr. Ralson? - perguntou Blaustein.

- Descansado.

- Tem sido bem tratado?

- Não posso me queixar, doutor.

A mão de Blaustein procurou maquinalmente o cortador de papel com o qual tinha o costume de brincar distraidamente, mas não encontrou nada. Ele tinha sido guardado, claro, juntamente com tudo o mais que tivesse lâmina. Não havia nada senão papéis sobre a escrivaninha.

- Sente-se, Dr. Ralson - disse ele. - Como estão evoluindo seus sintomas?

- O senhor se refere ao que chama de impulsos suicidas? É algo que melhora ou piora, dependendo do que eu esteja pensando em determinado momento. Mas é algo que está em mim o tempo todo. O senhor não pode me ajudar.

- Talvez. Há muitos casos em que eu nada posso fazer para ajudar. Mas eu gostaria de ter o máximo de informações a respeito disso. O senhor é um homem importante.

Ralson deixou escapar uma risada desdenhosa.

- Não se considera assim? - perguntou Blaustein.

- Não. Não existem homens importantes, assim como não existem bactérias importantes, isoladamente.

- Não entendo.

- Não pensei que entenderia.

- Em todo caso, parece que essa sua afirmação foi precedida por uma meditação bastante longa. Estou muito interessado em saber o que pensou a respeito.

Pela primeira vez Ralson sorriu, e não foi um sorriso agradável. Suas narinas estavam esbranquiçadas.

- Observar o senhor é uma coisa engraçada, doutor. O senhor faz o seu trabalho de um modo tão consciencioso. Creio que faz parte da sua profissão escutar o que eu digo e fazer essa expressão de falso interesse, de simpatia forçada. Posso ficar aqui dizendo as coisas mais absurdas, mas o senhor vai me dar toda atenção. É ou não é?

- Não acha que meu interesse pode ser verdadeiro, ainda que seja um interesse profissional?

- Não.

- Por quê?

- Não quero falar sobre isto.

- Prefere voltar para o seu quarto?

- Se não se importa, não. - Sua voz se inflamou repentinamente de fúria; ele pôs-se de pé de um salto, depois voltou a sentar-se. - Ora, por que não posso usá-lo, afinal? Eu não gosto de conversar com as pessoas. São todos uns estúpidos. São incapazes de enxergar as coisas. Ficam durante horas olhando uma coisa óbvia e aquilo não faz sentido para eles. Se eu lhes dissesse algo, não compreenderiam, acabariam perdendo a paciência e rindo de mim. Mas o senhor tem que ouvir: é parte do seu trabalho. Não pode me interromper para me chamar de maluco, mesmo que pense isto.

- Eu teria prazer em ouvir qualquer coisa que quisesse me dizer. Ralson inspirou profundamente.

- Há cerca de um ano tomei conhecimento de algo que muito pouca gente percebe. Talvez nenhuma pessoa viva perceba isto. O senhor já reparou, doutor, que os avanços culturais da humanidade ocorrem em ciclos periódicos? No espaço de duas gerações, numa cidade com apenas trinta mil homens livres, brotaram gênios literários e artísticos em quantidade suficiente para suprir uma nação de milhões de pessoas por um século inteiro, em circunstâncias normais. Estou me referindo à Atenas de Péricles.

"Há outros exemplos. A Florença dos Médicis. A Inglaterra de Isabel, a Espanha dos emires de Córdoba. Houve o surto de reformadores sociais israelitas entre o oitavo e o sétimo século antes de Cristo. Entende o que estou dizendo?

Blaustein assentiu.

- Vejo que se interessa muito por História.

- E por que não? Suponho que nada me obriga a ficar restrito à pesquisa nuclear e à mecânica ondulatória.

- Tem toda razão. Continue, por favor.

- A princípio pensei que poderia aprender mais sobre a verdadeira natureza desses ciclos históricos através de consultas a um especialista. Tive alguns encontros

com um historiador profissional. Foi perda de tempo.

- Quem era esse historiador?

- Faz alguma diferença?

- Talvez não, se acha que isso é assunto confidencial. Mas o que lhe disse ele?

- Que eu estava errado. Que é só aparentemente que a história tem esses surtos. Disse que estudos mais aprofundados mostram que as grandes civilizações do Egito e da Suméria não brotaram subitamente, ou do nada. Elas cresceram sobre a base de sub-civilizações longamente amadurecidas e que já tinham um notável grau de sofisticação em suas artes. Disse que a Atenas de Péricles foi fundada sobre uma Atenas pré-Péricles que tinha suas próprias conquistas intelectuais, se bem que num grau inferior, mas que sem elas a Era de Péricles não teria existido.

Perguntei-lhe por que motivo então não tinha havido uma Atenas pós-Péricles mais evoluída ainda, e ele me disse que Atenas foi arruinada por uma peste e por uma longa guerra contra Esparta. Perguntei-lhe a respeito dos outros surtos culturais e verifiquei que cada um deles foi encerrado por uma guerra, ou até mesmo foi simultâneo a ela. Esse sujeito era igual a todos os outros. A verdade estava ali, diante dos seus olhos: era só abaixar-se e pegá-la, mas que não o fazia. Ralson tinha os olhos fitos no chão. Prosseguiu com voz fatigada.

- De vez em quando as pessoas vêm ao meu laboratório, doutor. Dizem: "Ralson, como diabos podemos nos ver livres de tal ou tal efeito que está prejudicando nossos cálculos?" Mostram-me os instrumentos e os diagramas e eu digo: "Está aí, na cara de vocês, por que não fazem tal e tal coisa?" Uma criança teria enxergado aquilo. E eu viro as costas e Vou embora porque não posso suportar a cara estúpida de

espanto que eles fazem. Mais tarde eles voltam e dizem: "Puxa, Ralson, funcionou, como foi que você percebeu que era aquilo?" E eu não consigo explicar como, doutor. Seria como tentar explicar por que a água é molhada. E o mesmo acontece com esse historiador: eu não pude explicar-lhe nada, como não posso também explicar ao senhor. Seria perda de tempo.

- Gostaria de voltar para o seu quarto?

- Por favor.

Depois que Ralson foi levado embora, Blaustein ficou pensativo durante muito tempo; seus dedos foram automaticamente até a gaveta de cima da escrivaninha; apanhou ali o cortador de papel e ficou brincando com ele por alguns minutos. Finalmente, ergueu o receptor do telefone e discou um número que não constava da lista, que lhe tinha sido fornecido alguns dias antes.

- Aqui é Blaustein - disse ele. - Há um historiador profissional que foi consultado pelo Dr. Ralson há algum tempo, talvez há cerca de um ano. Não sei como se chama. Não sei sequer se exerce algum cargo universitário. Se vocês conseguirem localizá-lo eu gostaria de trocar umas palavras com ele.

Thaddeus Milton, PhD, piscou os olhos devagar na direção do Dr. Blaustein enquanto passava a mão pelos cabelos grisalhos.

- Já disse a eles que de fato me encontrei com esse indivíduo - falou. - Mas não tenho nenhuma ligação com ele. Nada além de alguns encontros estritamente profissionais.

- Como se conheceram?

- Ele me escreveu uma carta. Por que a mim, em vez de alguma outra pessoa, isso eu não sei. Eu tinha acabado de publicar alguns artigos numa revista científica destinada ao grande público. Talvez isso tenha atraído sua atenção.

- Entendo. Qual o tema desses artigos?

- Eram uma avaliação sobre a validade do enfoque cíclico dos fatos históricos. Ou seja: se é possível afirmar de fato que uma civilização específica segue leis de crescimento e declínio análogas às que se aplicam aos indivíduos.

- Já li Toynbee, Dr. Milton.

- Então sabe a que me refiro.

- E quando o Dr. Ralson o procurou, foi para falar sobre essa questão dos ciclos?

- Humm.. Bem, de certo modo, sim. É claro que ele não é um historiador; algumas de suas noções sobre tendências culturais eram um tanto melodramáticas e... como posso dizer... sensacionalistas. Doutor, perdoe-me se estou fazendo uma pergunta indiscreta, mas o Dr. Ralson é um dos seus pacientes?

- O Dr. Ralson não está passando bem e se encontra sob meus cuidados. Este fato e tudo que for comentado durante esta nossa entrevista são assunto confidencial, naturalmente.

- Por certo. Compreendo. Mas a sua resposta me esclarece algumas questões. Algumas das ideias do Dr. Ralson chegavam aos limites do irracional. Ele manifestava uma grande preocupação, ao que me pareceu, quanto à ligação entre o que ele chamava de "surtos culturais" e diversos tipos de calamidades. Ligações desse tipo já foram apontadas várias vezes. A época de maior vitalidade de uma nação pode coincidir com um momento de grande insegurança.

O caso da Holanda é um bom exemplo. Ela produziu seus maiores artistas, homens de Estado e exploradores no início do século XVII, quando o país estava envolvido numa guerra mortal contra a maior potência europeia da época, a Espanha.

Mesmo ameaçados em seu próprio território, os holandeses estavam edificando um império no Extremo Oriente e estabelecendo cabeças-de-ponte ao norte da costa da América do Sul, na extremidade sul da África e no vale do Hudson na América do Norte. Sua armada enfrentava de igual para igual a marinha britânica. E então, no momento em que ela conseguiu assegurar sua estabilidade política, começou a declinar.

Muito bem. Nada disso é de surpreender. Os grupos, como os indivíduos, podem lançar mão de todas as suas capacidades para enfrentar um desafio, assim como podem vegetar quando nenhum desafio lhes aparece. O ponto onde o Dr. Ralson me parecia meio delirante, ao que me parece, era sua insistência em afirmar que esta visão era uma inversão de causa e efeito. Para ele, não eram as épocas de guerra e perigo que estimulavam os "surtos culturais", e sim o contrário. Segundo ele, cada vez que um grupo social começava a demonstrar excessivo talento e vitalidade isso gerava a necessidade de uma guerra para destruir as possibilidades de evolução desse grupo.

- Entendo - disse Blaustein.

- Eu praticamente ri na cara dele, lamento dizê-lo. Talvez tenha sido por isso que ele não compareceu ao derradeiro encontro que tínhamos combinado. No final da última conversa que tivemos ele me perguntou, do modo mais ansioso que se pode imaginar, se eu não achava estranho que a Terra fosse dominada por uma espécie tão inadequada como o homem, que não tem a seu favor nada além da inteligência. Dei uma risada. Talvez eu devesse ter-me reprimido um pouco. Pobre sujeito.

- Ora, foi uma reação normal - disse Blaustein. - Mas não devo tomar mais o seu tempo. O senhor foi muito útil. Apertaram-se as mãos. Thaddeus Milton deixou o gabinete.

- Muito bem - disse Darrity. - Aí estão suas estatísticas sobre os suicídios mais recentes envolvendo pessoas do mundo científico. Isso lhe permite tirar alguma conclusão?

- Eu é que lhe pergunto - respondeu polidamente o Dr. Blaustein. - Presumo que o FBI tenha investigado detalhadamente esses casos.

- Pode apostar a dívida interna federal em que todos esses foram realmente casos de suicídio. Não pode haver dúvida a respeito. Pessoas em outro departamento investigaram os números: o índice é quatro vezes superior ao normal, levando em conta idade, situação social e nível econômico.

- E quanto aos cientistas britânicos?

- Quase a mesma coisa.

- E os soviéticos?

- Quem pode saber? - O inspetor inclinou-se para a frente. - Doutor, não está imaginando que os soviéticos tenham alguma espécie de raio que leva as pessoas ao suicídio, hem? É muito estranho que as pessoas envolvidas com energia atômica sejam as únicas afetadas.

- É mesmo? Talvez não. Talvez os físicos nucleares sofram algum tipo de estresse específico. É difícil dizer sem uma análise muito detalhada.

- Quer dizer que ele pode ter algum tipo diferente de complexo?

O Dr. Blaustein fez uma careta.

- A psiquiatria está se tornando popular demais. Todo mundo hoje em dia fala sobre complexos e neuroses e psicoses e compulsões e sei lá o quê. Mas o que gera num homem um complexo de culpa sequer chega a perturbar o sono de outro. Se eu pudesse conversar com cada indivíduo que comete suicídio talvez descobrisse algo.

- O senhor está conversando com Ralson.

- Sim, estou conversando com ele.

- Ele tem complexo de culpa?

- Nada de especial. Mas tem um passado do qual não seria difícil resultar uma preocupação mórbida com a morte. Quando ele tinha doze anos viu a mãe morrer atropelada por um automóvel. Seu pai morreu pouco a pouco, de câncer. No entanto, o efeito disso sobre os seus problemas atuais não é muito claro.

Darrity apanhou o chapéu.

- Bem, doutor, espero que faça progressos. Há alguma coisa importante dependendo disso, algo mais importante do que a bomba H. Não sei como algo pode ser ainda mais importante do que isto, mas o fato é que é.

Ralson insistiu em ficar de pé.

- Tive uma noite péssima, doutor.

- Espero - disse Blaustein - que estas nossas conversas não o estejam prejudicando.

- Talvez estejam. Elas me fazem voltar a pensar nesse assunto, e quando faço isso as coisas pioram. Como imagina que deve ser, doutor, alguém fazer parte de uma cultura bacteriana?

- Essa ideia nunca me ocorreu. Para uma bactéria, acho que deve parecer normal.

Ralson não estava escutando. Falou, devagar:

- Uma cultura que esteja sendo utilizada para estudar a inteligência. Nós estudamos todo tipo de coisa no que se refere a relações genéticas. Pegamos moscas e cruzamos moscas de olhos vermelhos com moscas de olhos brancos para ver o que acontece. As moscas em si não nos interessam nada; tudo que queremos é extrair delas o conhecimento de alguns princípios genéticos fundamentais. Entende o que quero dizer?

- Com certeza.

- Mesmo entre os humanos, é possível rastrear inúmeras características físicas. Há os lábios dos Habsburgos, e a hemofilia, que começou com a rainha Vitória e se espalhou entre os seus descendentes nas famílias reais da Rússia e da Espanha. Podemos acompanhar o trajeto da debilidade mental entre os Jukes e os Kallikaks. Ficamos sabendo isso quando estudamos biologia no colégio. Mas não podemos cruzar seres humanos do mesmo modo que fazemos com as moscas.

Os seres humanos têm uma vida muito longa, levaria séculos para que se pudesse chegar a uma conclusão. É uma pena que não se disponha de uma raça especial de pessoas que se reproduzisse com algumas semanas de intervalo, não é mesmo? Ele esperou uma resposta, mas Blaustein limitou-se a sorrir.

- Acontece que é exatamente isso que seríamos em relação a criaturas de outra espécie, cuja vida atingisse milhares de anos. Para eles, nós nos reproduziríamos com rapidez suficiente. Seríamos criaturas de vida curtíssima, onde eles poderiam acompanhar a evolução de traços genéticos como talento musical, talento científico, e assim por diante. Não que eles se interessassem especialmente por tais coisas; para eles seria algo como os olhos brancos das moscas são para nós.

- Uma ideia muito interessante - disse Blaustein.

- Não é apenas uma ideia É verdade. Para mim é uma coisa óbvia, pouco me importa o que o senhor pensa a respeito. Olhe ao seu redor. Olhe para o planeta, a Terra. Quem somos nós, estes animais ridículos, para nos considerarmos os donos do mundo após a extinção dos dinossauros? Está bem, somos inteligentes; mas o que é a inteligência, afinal? Nós só a achamos importante porque é tudo que temos. Se o

tiranossauro tivesse que indicar as qualidades que ele julgaria importantes para assegurar a hegemonia de uma espécie, provavelmente apontaria "tamanho" e "força". E teria bons argumentos para isso. Ele durou muito mais tempo do que nossa espécie deve durar.

A inteligência, em si, não é muita coisa no que se refere à garantia de sobrevivência. O elefante mal consegue sobreviver, comparado ao pardal, por exemplo, embora seja muito mais inteligente. O cão tem um bom desempenho sob a proteção do homem; mas não se sai tão bem quanto a mosca doméstica, contra a qual a humanidade inteira se mobiliza. Ou então veja os primatas como um todo. Os pequenos são forçados a fugir dos inimigos; quanto aos maiores, mal e mal conseguem se defender. Os que se saem melhor são os babuínos, e isso devido aos seus dentes, não aos seus cérebros. Uma fina película de suor recobria a testa de Ralson.

Ele prosseguiu:

- Dá para perceber que o homem foi projetado, foi concebido de um modo cuidadoso, específico, por essas criaturas que estão nos estudando. Os primatas, em geral, têm uma vida curta. Claro que os maiores vivem mais tempo, como é regra geral entre as outras espécies. No entanto o ser humano tem uma vida média duas vezes mais longa que a dos outros, mais longa até que a vida do gorila, que é fisicamente muito maior que ele. Nosso amadurecimento é tardio. É como se tivéssemos sido cuidadosamente projetados para viver mais tempo, de modo que nosso ciclo vital tivesse uma duração mais conveniente. Ralson ficou de pé num salto, brandindo os punhos cerrados:

- Mil anos é como se fosse apenas um dia! Apenas um dia!... Blaustein apertou imediatamente um botão.

Durante alguns instantes Ralson se debateu nas mãos dos enfermeiros que invadiram a sala, mas logo deixou-se levar.

Blaustein o acompanhou com o olhar, depois abanou a cabeça e pegou o telefone. Ligou para Darrity.

- Inspetor, acho que devo avisá-lo de que isto pode levar muito tempo. - Escutou um pouco e assentiu com a cabeça. - Eu sei disso. Não estou minimizando essa urgência.

A voz do outro lado do receptor era áspera e metálica.

- Sim, doutor, o senhor está minimizando a urgência deste caso. Vou pedir ao Dr. Grant que vá até aí. Ele poderá explicar-lhe tudo.

O Dr. Grant perguntou como estava Ralson e depois, num tom um pouco mais sombrio, se podia vê-lo. Blaustein abanou a cabeça em negativa.

- Fui incumbido - disse Grant - de explicar-lhe a situação atual da pesquisa atômica, doutor.

- De um modo acessível, espero.

- Creio que sim. Estamos numa situação desesperada. Antes, devo adverti-lo de que...

- É desnecessário. Entendo a situação. Essa insegurança por parte de vocês é um mau sintoma. Deve saber que essas coisas não podem ser mantidas eternamente em segredo.

- Vivemos num clima permanente de sigilo. É uma coisa contagiosa.

- Sei disso. Qual é agora o segredo?

- Estamos construindo, ou pelo menos estamos tentando construir, uma defesa contra a bomba atômica.

- E para que o sigilo? É algo que deveria ser apregoado aos quatro ventos.

- Pelo amor de Deus, não. Preste atenção, Dr. Blaustein. É algo que por enquanto

está apenas no papel. Estamos mais ou menos no estágio de quem tem em mãos o M2. Talvez não haja uma solução prática. Não seria bom criar expectativas e depois não poder satisfazê-las. Por outro lado, se chegasse ao conhecimento do mundo que estamos a ponto de construir uma tal defesa, alguém poderia ser tentado a deflagrar uma guerra para poder vencê-la antes que a defesa estivesse pronta.

- Não creio nisso, mas em todo caso estamos nos desviando do nosso assunto. Em que consiste essa defesa? Ou será que já me disse tudo que é permitido?

- Não, posso dar-lhe mais detalhes, o bastante para que entenda por que precisamos tanto de Ralson... e com tanta pressa.

- Muito bem. Estou ansioso para conhecer esses segredos. Isto faz com que eu me sinta como se fizesse parte de um ministério.

- Vou dizer-lhe coisas que pouca gente dos ministérios sabe, doutor. Vejamos se consigo colocar tudo numa linguagem acessível. Até a época atual, os avanços militares têm acontecido de um modo mais ou menos equilibrado entre armas ofensivas e defensivas. Houve um momento na história em que a balança pareceu pender na direção das armas ofensivas, e isso foi com a utilização da pólvora.

Mas logo a defesa restabeleceu o equilíbrio. A figura medieval do homem a cavalo vestido numa armadura foi substituída pelo homem no interior de um tanque de guerra; o castelo de muralhas de pedra foi substituído pela casamata de concreto. A mesma coisa, como vê, só que em maior escala.

- Correto. Mas com a bomba atômica essa escala tem que ser ampliada, não? É preciso ir além do aço e do concreto, para proteção.

- Certo. O problema é que não podemos construir muros cada vez mais espessos. E já não dispomos de materiais suficientemente fortes. Portanto, é preciso abandonar de vez a ideia de uma proteção material. Se é o átomo que ataca, o átomo deve defender. Temos que usar a própria energia, ou seja, um campo de força.

- E o que é - perguntou Blaustein com delicadeza - um campo de força?

- Gostaria de poder explicar. Até agora, não passa de uma equação numa folha de papel. Teoricamente, a energia pode ser canalizada de forma a criar um muro de inércia não-material. Na prática, ainda não sabemos como fazê-lo.

- Seria um muro impenetrável? Mesmo para átomos?

- Mesmo para uma bomba atômica. O único limite para sua potência seria a quantidade de energia que conseguíssemos canalizar. Em tese, poderia tornar-se impenetrável até mesmo a radiações. Os raios gama se chocariam contra ele e seriam repelidos. O nosso projeto consiste na criação de uma espécie de cobertura que ficaria permanentemente ligada sobre as cidades, funcionando com um mínimo de potência, usando pouquíssima energia. Essa camada protetora poderia ser ativada para um máximo de intensidade numa fração de segundo, ao detectar radiações de ondas curtas, como as que são emitidas por uma massa de plutônio idêntica à de uma ogiva nuclear. Tudo isto é teoricamente possível.

- E para que precisam de Ralson?

- Porque ele é o único homem que pode descobrir um modo de produzir esse sistema, se é que tal modo existe. E cada minuto é importante. Sabe como está a situação internacional. É preciso criar uma defesa atômica antes que a guerra atômica possa ter início.

- Tem tanta certeza assim a respeito de Ralson?

- Tanta certeza quanto posso ter de alguma coisa na vida. Esse homem é espantoso, Dr. Blaustein. Tudo que ele sugere dá certo. Ninguém no meio científico sabe como ele faz isso.

- Uma espécie de intuição, não? - O psiquiatra parecia um tanto desconfortável. -

Uma espécie de raciocínio que vai além das capacidades normais de um ser humano. É isso?

- Não vou dizer que sei o que é.

- Deixe-me falar com ele mais uma vez. Depois lhe contarei tudo.

- Está bem. - Grant ergueu-se, mas deteve-se antes de rumar para a porta.

- Devo avisar, doutor, que se não obtiver nenhum resultado a própria Comissão deverá encarregar-se do Dr. Ralson.

- Para tentar outro psiquiatra? Se for isso, não posso fazer objeção. No entanto, o meu parecer é que nenhum médico responsável pode prometer uma cura rápida num caso dessa natureza.

- Talvez não seja essa a intenção. Talvez Ralson seja simplesmente mandado de volta ao trabalho.

- Sinto muito, Dr. Grant, mas nesse caso eu sou contra. Não vão extrair nada dele. Podem acabar matando-o.

- E de que modo podemos extrair alguma coisa?

- Deste modo, pelo menos temos uma chance - disse Blaustein.

- Espero que sim. E, a propósito, não diga a ninguém que falei na possibilidade de Ralson ser levado embora.

- Não direi nada, e agradeço pelo aviso, Dr. Grant. Até breve.

- Comportei-me como um idiota da última vez, hem, doutor? - disse Ralson. Tinha o rosto tenso.

- Quer dizer que tudo aquilo que me falou não é verdade?

- É verdade! - O vulto pequeno de Ralson sacudiu-se dos pés à cabeça com a intensidade de sua exclamação.

Ele ergueu-se e foi até a janela. Blaustein girou em sua cadeira para não perdê-lo de vista. A janela era gradeada. Ralson não poderia saltar. O vidro era inquebrável. O crepúsculo chegava ao fim e as primeiras estrelas já brilhavam no céu. Ralson ficou a observá-las, fascinado, depois virou-se para Blaustein e apontou com o dedo para o céu.

- Cada uma delas é uma incubadeira. Elas mantêm suas temperaturas no ponto desejado. Diferentes experimentos; diferentes temperaturas. E os planetas que giram em torno delas são enormes tubos de ensaio, contendo diferentes misturas nutrientes e diferentes formas de vida. Os pesquisadores são também muito metódicos, sejam eles quem forem, ou o que forem. Estão desenvolvendo culturas de vários tipos de vida, aqui neste tubo específico. Dinossauros durante uma era úmida e tropical; seres humanos entre eras glaciais. Eles aumentam ou diminuem a intensidade do sol, e nós ficamos tentando descobrir as leis físicas que governam isso. Leis físicas! - Ralson encurvou os lábios com desprezo.

- Tenho certeza - disse o Dr. Blaustein - de que o sol não pode ser controlado assim, pela simples vontade de alguém.

- E por que não? É como controlar a temperatura de um forno. Acha que as bactérias sabem a origem do calor a que estão submetidas? Talvez elas também criem as suas teorias. Talvez tenham lá as suas cosmogonias e suas narrativas sobre catástrofes cósmicas, onde o conflito entre dois exércitos de lâmpadas incandescentes é responsável pela criação das placas de Petri. Talvez elas achem que existe algum criador magnânimo que lhes fornece alimento e calor e lhes diz: "Crescei e multiplicai-vos!" Assim como elas, somos criados sem ter uma ideia da razão de nossa existência. Obedecemos às "leis da natureza", que é o nome que damos a forças que somos in-

capazes de compreender e que nos são impostas de cima para baixo.

Agora, eles têm em mãos o maior experimento que já tentaram e que já vêm desenvolvendo há cerca de duzentos anos. Imagino que por volta do século XVIII eles começaram a estimular a tendência, na Inglaterra, para as descobertas mecânicas. Demos a isto o nome de Revolução Industrial. Começou com máquinas a vapor, depois chegou à eletricidade, e por fim à energia atômica. Era uma experiência interessante, mas eles estavam correndo um certo risco ao permitir que ela fosse adiante, por isso vão ter que ser radicais quando resolverem encerrá-la.

Blaustein indagou:

- E vão querer encerrá-la de que forma? Tem alguma ideia?

- Não precisa me perguntar de que forma isso vai ter um fim. Basta olhar em redor e qualquer um pode ver como a nossa era tecnológica vai ser concluída. O mundo inteiro teme uma guerra nuclear, qualquer pessoa faria o possível para evitá-la; no entanto todo mundo sabe que uma guerra atômica é inevitável.

- Em outras palavras: os "pesquisadores" vão estimular uma guerra atômica, queiramos ou não, para reduzir a zero nosso atual estágio tecnológico e recomeçar tudo de novo. É isso?

- Sim. É tudo muito lógico. Quando esterilizamos um instrumento, será que os micróbios sabem de onde vem aquele calor insuportável? Ou o que o provocou? De um modo que desconhecemos, eles são capazes de elevar a temperatura de nossas emoções, por assim dizer; são capazes de nos manipular de uma forma que ainda desconhecemos.

- Diga-me uma coisa - pediu Blaustein, é devido a isso que o senhor quer morrer? Porque acha que a destruição da humanidade se aproxima e não pode ser evitada?

- Eu não quero morrer - disse Ralson. - Eu tenho que morrer. - Havia uma expressão torturada em seus olhos. - Doutor, se tivesse uma cultura de micróbios altamente perigosos e quisesse mantê-los sob controle, não acabaria por espalhar ao redor do centro da inoculação uma substância mortal... digamos, penicilina? Qualquer micróbio que se afastasse desse centro acabaria morrendo. O senhor não teria nada pessoal contra os micróbios que morressem; o senhor nem ficaria sabendo que em tal ou tal ponto haveria um grupo de micróbios morrendo. Seria algo puramente automático.

Doutor, existe uma espécie de círculo de penicilina ao redor das mentes humanas. Quando nos extraviamos para muito longe, ou quando nos aproximamos da compreensão do sentido de nossa existência, então tocamos esse círculo e temos que morrer. É algo que funciona devagar, mas vai ficando cada vez mais difícil continuar vivendo. Ralson deu um sorriso breve e cheio de tristeza, e completou:

- Posso voltar agora para meu quarto?

No dia seguinte, o Dr. Blaustein foi ao quarto de Ralson por volta do meio-dia. Era um quarto pequeno e sem decoração. As paredes eram cobertas de acolchoado cinzento. As duas pequenas janelas ficavam altas, fora de alcance. O colchão ficava estirado diretamente sobre o solo, também acolchoado. Não havia nada metálico no aposento, nada que alguém pudesse usar para se matar. Mesmo as unhas de Ralson estavam cortadas muito curtas.

Ralson sentou no colchão.

- Olá, doutor.

- Olá, Dr. Ralson. Podemos conversar?

- Aqui mesmo? Não posso lhe oferecer uma cadeira.

- Não faz mal, eu fico de pé. Sou obrigado a ficar sentado o dia inteiro, às vezes gosto de ficar de pé um pouco... faz bem para as nádegas. Dr. Ralson, passei esta noite inteira pensando no que o Sr. me disse ultimamente.

- E agora vai me aplicar um tratamento para me livrar do que o senhor considera delírios.

- Não, não. Quero somente fazer algumas perguntas e talvez apontar algumas consequências de suas teorias que... perdão, mas que podem lhe ter passado despercebidas.

- Ah, é?

- Veja bem, Dr. Ralson. Desde que me explicou suas teorias estou de posse das mesmas informações que o senhor, e no entanto não estou sentindo o menor impulso suicida.

- A crença é algo muito mais forte do que a mera compreensão intelectual, doutor. Para correr algum perigo o senhor teria que acreditar nisso com todas as suas forças, o que não é o caso.

- Não acha que tudo isso talvez não passe de um fenômeno de adaptação? O senhor não é biólogo, Dr. Ralson, e embora seja sem dúvida um físico brilhante talvez não conheça tudo a respeito dessas culturas de bactérias em que baseia sua analogia. O senhor deve saber, contudo, que é possível desenvolver culturas de bactérias resistentes à penicilina ou a qualquer outra substância nociva.

- E daí?

- Os "pesquisadores" que nos controlam estão trabalhando com a humanidade há muitas e muitas gerações, não é isso? E esta variedade que eles vêm desenvolvendo há dois séculos não dá o menor sinal de se extinguir espontaneamente. Pelo contrário, é uma variedade resistente e extremamente contagiosa. Houve no passado algumas variedades de "bactérias humanas" que desenvolveram altas tecnologias, mas estavam confinadas a uma única cidade ou a uma região restrita. Esta, no entanto, está se espalhando pelo mundo inteiro e muito rapidamente. Não acha que ela pode ter desenvolvido imunidade à tal "penicilina" de que fala? Em outras palavras: não acha que os métodos de que eles dispõem para aniquilar nossa civilização talvez não funcionem mais?

Ralson sacudiu a cabeça.

- Está funcionando em mim.

- Talvez o senhor não tenha desenvolvido essa imunidade. Ou talvez tenha penetrado por acaso numa concentração de penicilina extremamente forte. Pense em todas as pessoas que estão tentando banir os armamentos nucleares e estabelecer alguma forma de governo mundial que garanta a paz. Esses esforços têm aumentado de ano para ano, e os resultados não têm sido maus.

- Isso não vai evitar a próxima guerra.

- Talvez todo o necessário seja apenas um pouco mais de esforço. Os pacifistas não se suicidam. Portanto, há um número cada vez maior de pessoas imunes às armas deles. Sabe o que está sendo pesquisado em seu laboratório, Dr. Ralson?

- Não quero saber.

- Precisa saber. Estão tentando construir um campo de força que sirva de defesa contra a bomba atômica. Dr. Ralson... se eu estou cultivando bactérias extremamente virulentas, não pode acontecer que, apesar de todas as minhas precauções, a coisa fuja ao meu controle e se transforme numa epidemia? Em relação a eles nós somos como bactérias, mas isso quer dizer que somos perigosos para eles, ou então eles não tentariam nos exterminar com tanto cuidado ao final da experiência.

"Eles não podem reagir depressa, não é? Para eles, mil anos nossos equivalem a

um dia, não é? Talvez, quando eles finalmente perceberem que escapamos ao seu controle, que nos tornamos imunes à sua penicilina, aí será tarde demais. Eles nos deixaram progredir até a energia atômica, e se pelo menos evitarmos usar esse poder contra nós mesmos, aí talvez possamos nos tornar mais poderosos do que os nossos "pesquisadores".

Ralson ficou de pé num salto; mesmo pequeno, ainda era uns três centímetros maior que o Dr. Blaustein.

- Eles estão mesmo pesquisando um campo de força?

- Estão tentando. Mas precisam do senhor.

- Não posso.

- Precisam do senhor, da sua habilidade em ver coisas que para eles não são óbvias. Lembre-se, ou o senhor os ajuda ou... a humanidade morrerá nas mãos deles.

Ralson caminhou de um lado para outro, os olhos fitos nas paredes acolchoadas. Murmurou:

- Mas não haverá escapatória. Se eles construírem esse campo de força, acabarão morrendo todos antes que a coisa esteja pronta.

- Talvez alguns deles sejam imunes, ou quem sabe, todos. Em todo caso, morreriam de qualquer maneira, por isso continuam tentando.

- Vou tentar ajudá-los - disse Ralson.

- Continua a querer suicidar-se?

- Sim.

- Mas vai tentar evitar.

- Vou tentar evitar, doutor. - Seus lábios tremeram. - Mas tenho que ficar sob vigilância.

Blaustein subiu as escadas e apresentou seu crachá ao guarda no saguão. Já tinha se apresentado ao guarda no portão externo, mas teve que submeter a novo exame o rosto, o crachá e a assinatura.

Depois de alguns instantes, o guarda entrou numa cabine e pegou o telefone. A resposta pareceu positiva.

Blaustein sentou num banco próximo e daí a meio minuto ergueu-se e apertou a mão do Dr. Grant.

- Até o presidente dos Estados Unidos teria dificuldade para entrar aqui - comentou.

O físico sorriu.

- Sim, caso chegasse sem aviso prévio.

Tomaram um elevador e subiram doze andares. O escritório para onde Grant conduziu o psiquiatra tinha janelas em três direções. Era à prova de som e com ar condicionado, e estava mobiliado com caros móveis de castanheira. Blaustein comentou:

- Meu Deus do céu. Parece o escritório do executivo de uma multinacional. Pelo que vejo, a ciência está se tornando um negócio rentável. Grant assumiu um ar embaraçado.

- É verdade, mas o dinheiro do governo escorre em várias direções ao mesmo tempo... e é difícil persuadir um congressista de que nosso trabalho é importante, a menos que ele se deixe impressionar pela vitrine.

Blaustein sentou-se e sentiu-se afundar lentamente na poltrona estofada.

- O Dr. Elwood Ralson concordou em voltar ao trabalho - disse.

- Ótimo. Esperava que me trouxesse justamente esta notícia. - Animado, Grant

ofereceu ao psiquiatra um charuto, que ele recusou com um gesto.

- Mesmo assim - prosseguiu Blaustein, ele é um homem cheio de problemas. É preciso continuar a tratá-lo com muito cuidado e muita sensibilidade.

- Claro. Naturalmente.

- Não é tão simples quanto parece. Vou lhe contar algo sobre os problemas de Ralson para que veja o quanto a situação é delicada.

Começou a falar. A princípio Grant o escutou com preocupação, que aos poucos foi cedendo lugar ao assombro.

- Mas então o homem perdeu o juízo, Dr. Blaustein - exclamou ele. - Não vai ser da menor utilidade. Ficou maluco.

Blaustein encolheu os ombros.

- Depende do que quer dizer com "maluco". Esta é uma palavra traiçoeira, aconselho não usá-la. Ralson tem delírios, sem dúvida. Até que ponto esses delírios podem afetar seu talento, isso eu não posso prever.

- Mas é evidente que nenhum homem mentalmente são pode...

- Calma. Por favor. Não vamos começar a discutir definições psiquiátricas do que é e do que não é "ser mentalmente são". O cara tem delírios, e, em circunstâncias normais, eu não daria a eles nenhum valor. Acontece que todo mundo me convenceu de que o talento pessoal desse indivíduo consiste em solucionar problemas de um modo que parece além do alcance do raciocínio convencional. Certo?

- Sim. Digamos que sim.

- Então, como é que eu ou o senhor podemos julgar o valor de uma das conclusões tiradas por esse indivíduo? Diga-me uma coisa... teve por acaso impulsos suicidas ultimamente?

- Não creio.

- E os outros cientistas aqui?

- Não. Claro que não.

- Mesmo assim sugiro que, à medida que a pesquisa do campo de força for avançando, os cientistas que dela participam sejam vigiados, tanto aqui quanto em suas casas. Talvez fosse até melhor que eles não dormissem em casa. Estes escritórios podem ser adaptados e funcionar como pequenos apartamentos...

- Dormir no trabalho? Eu jamais conseguiria convencê-los.

- Consegue. Basta não lhes dizer a verdadeira razão. Diga-lhes que é por motivos de segurança nacional, eles concordarão. "Segurança nacional" é uma grande descoberta contemporânea, não é mesmo? Quanto a Ralson, deve ser mais vigiado do que todos os outros.

- Claro.

- Tudo isto não tem tanta importância assim. É apenas para que eu fique com a consciência em paz caso a teoria de Ralson seja correta. Mas na verdade eu não creio nela. Acho que são delírios, mas se partirmos desse pressuposto temos que saber quais são as causas desse delírio. O que será que existe na mente de Ralson, em sua formação, em sua vida, que torna necessário para ele produzir esse tipo de autoilusão? Não é uma pergunta que possa ser respondida facilmente. Pode levar anos de análise até que se descubra a resposta. E enquanto essa resposta não for descoberta ele não estará curado.

- Enquanto isso podemos fazer algumas suposições. Ralson teve uma infância infeliz e teve que se defrontar com a morte muito cedo, em circunstâncias desfavoráveis. Além disso, ele nunca teve facilidade para se relacionar com outras crianças, ou, mais tarde, com outros adultos. Sempre mostrou impaciência com a lentidão de pensamento das outras pessoas. Seja qual for a diferença que exista entre sua mente e

a das demais pessoas, isso construiu um muro entre ele e a sociedade, um muro tão impenetrável quanto esse campo de força que vocês estão querendo criar. Pelas mesmas razões ele não foi capaz de desfrutar de uma vida sexual normal. Nunca se casou, nunca teve namoradas.

- É fácil ver que ele poderia tentar compensar esse fracasso em ser aceito pelas outras pessoas através da ideia de que é superior a elas. O que não deixa de ser verdade, se considerarmos a parte intelectual. O que acontece é que a personalidade humana tem muitas outras facetas, e ele não demonstra superioridade em nenhuma delas. Outros indivíduos mais propensos a enxergar apenas os defeitos das pessoas acabariam não aceitando a suposta superioridade assumida por Ralson. Passariam a achá-lo excêntrico ou mesmo ridículo... e isso faria com que Ralson se encarniçasse mais ainda em tentar provar a inferioridade da espécie humana. Ele não poderia encontrar uma metáfora melhor para isso do que demonstrar que a humanidade inteira não passa de uma colônia de bactérias nas mãos de uma espécie superior que as utiliza para experiências. Assim, seus impulsos suicidas não passariam de um intenso desejo de romper totalmente com sua condição humana, de cortar essa sua identificação com essa espécie miserável que ele concebeu na sua mente. Percebe?

Grant assentiu com a cabeça, comentando:

- Pobre sujeito.

- Sim, é uma pena. Se ele tivesse recebido a atenção de que precisava na infância... bem, o melhor que podemos fazer pelo Dr. Ralson é evitar que ele tenha contato com o resto do pessoal. Ele está muito abalado para que possamos correr esse risco. O senhor deve ser a única pessoa a ter contato direto com ele. Ralson já concordou com isso. Parece que ele não o considera tão estúpido quanto os outros.

Grant deu um sorriso pela metade.

- Ainda bem.

- O senhor terá que ter cuidado. Não deve conversar com ele sobre nada além do trabalho. Se ele quiser expor suas teorias sobre bactérias e tudo o mais, coisa que eu duvido, deve limitar-se a dar respostas monossilábicas e a retirar-se assim que puder. E, por favor: fique de olho em qualquer objeto metálico e pontiagudo. Não deixe Ralson se aproximar das janelas. Tente manter as mãos dele sob vigilância. Acho que compreende a necessidade disso tudo, Dr. Grant. Deixo meu paciente entregue aos seus cuidados.

- Farei o máximo, Dr. Blaustein.

Durante dois meses Ralson morou no escritório de Grant, e Grant foi praticamente sua única companhia. As janelas tinham sido providas de grades, a mobília de madeira foi substituída para dar lugar a sofás acolchoados. Ralson trabalhava sentado no sofá, fazendo seus cálculos numa prancheta apoiada sobre uma almofada.

Durante todo esse tempo um cartaz de Não Perturbe permaneceu afixado à porta do escritório. As refeições eram deixadas do lado de fora da porta. O lavatório vizinho foi interditado e abriu-se uma porta na parede que o separava do escritório. Grant passou a usar barbeador elétrico. Todas as noites, ele se certificava de que Ralson tinha tomado pílulas para dormir e só se deitava depois que o outro mergulhava no sono.

Os relatórios não paravam de chegar às mãos de Ralson. Ele os lia em silêncio enquanto Grant observava a distância, fingindo ocupar-se com alguma outra coisa. Depois de algum tempo, Ralson os jogava para o lado e ficava estirado no sofá, o rosto voltado para o teto, uma mão fazendo sombra sobre os olhos.

- Alguma coisa? - perguntava Grant às vezes.

Ralson sacudia a cabeça. - Nada.

- Olhe, Vou pedir para deixarem o prédio vazio por algum tempo, quando fizerem a troca de turnos. Acho importante que você veja alguns instrumentos que estamos montando para os testes.

E assim era feito: os dois entravam no imenso edifício vazio e brilhantemente iluminado; entravam caminhando de mãos dadas, como um par de fantasmas. Sempre de mãos dadas. O aperto dos dedos de Grant era sempre firme. Mas depois de cada incursão Ralson continuava a menear a cabeça. Nada.

Meia dúzia de vezes ele começou a escrever no bloco; ao final de cada uma delas, o bloco ostentava apenas alguns rabiscos, e era atirado longe.

Até que um dia ele começou a escrever com rapidez, logo enchendo de cálculos metade da página.

Grant aproximou-se instintivamente para observar.

Ralson ergueu a cabeça, e num gesto rápido cobriu a folha do bloco. Sua mão tremia.

- Chame Blaustein - disse.

- O quê?

- Eu disse: chame Blaustein. Faça-o vir aqui. Já!

Grant foi para o telefone.

Ralson escrevia muito depressa agora, interrompendo apenas para limpar a testa com as costas da mão, que vinha totalmente molhada. Ele ergueu o rosto mais uma vez; tinha a voz alquebrada quando perguntou:

- Ele está vindo?

Grant pareceu preocupado.

- Ele... não está no consultório.

- Ligue para a casa dele. Localize-o em qualquer lugar. Use esse telefone. Não fique aí brincando com ele.

Grant usou o telefone; Ralson puxou outra folha de papel para diante de si. Cinco minutos depois, Grant falou:

- Ele está vindo. Qual é o problema? Você está com uma aparência horrível.

A garganta de Ralson estava contraída, tornando sua voz estranhamente gutural.

- Não há tempo... não posso falar...

Ele escrevia febrilmente, garatujando frases e fórmulas, esboçando diagramas às pressas. Era como se estivesse forçando as próprias mãos a fazer aquilo, lutando contra elas.

- Você pode ditar, eu escrevo - sugeriu Grant, mas Ralson o empurrou para o lado, passando a segurar o próprio pulso com a mão esquerda, como se ele fosse um pedaço de madeira.

Acabou por ceder, caindo por sobre a prancheta.

Grant retirou os papéis de baixo do corpo de Ralson e ajudou-o a estirar-se no sofá. Ficou caminhando em torno dele sem descanso, quase em desespero, até a chegada de Blaustein.

- O que aconteceu? - perguntou o psiquiatra, indo direto até Ralson.

- Acho que ele está vivo - respondeu Grant, mas a essa altura Blaustein já tinha verificado por conta própria. Grant resumiu o que tinha ocorrido, enquanto Blaustein aplicava uma injeção hipodérmica em Ralson. Após alguns minutos de espera, o cientista abriu os olhos, vazios de expressão, e soltou um gemido.

- Ralson! - disse Blaustein, inclinando-se sobre ele.

As mãos de Ralson se ergueram vacilantes e agarraram as lapelas do psiquiatra.

- Doutor. Me leve de volta.

- Vou levar. Daqui a pouco. Você resolveu a questão do campo de força, não é

isso?

- Está aí nesses papéis. Grant, fique com esses papéis.

Grant os estava folheando, com ar duvidoso.

Ralson continuou, com voz fraca:

- Não está tudo aí. Só deu para escrever isso, e vocês vão ter que desenvolver o resto. Doutor, me leve de volta.

- Calma - disse Grant, e abaixou-se para cochichar ao ouvido de Blaustein: - Doutor, não pode deixá-lo aqui até que a gente possa fazer o teste? Não estou entendendo quase nada disto aqui, está ilegível. Pergunte a ele por que acha que isto vai funcionar.

- Perguntar a ele? Ora, ele não é o sujeito que sempre sabe a resposta certa?

- Pode me perguntar - disse Ralson, que os ouvia, ainda deitado no sofá. De repente, seus olhos se arregalaram e pareceram ficar mais brilhantes.

Os dois deram um passo em sua direção.

- Eles são contra esse campo de força! - exclamou Ralson. - Eles. Os pesquisadores! Enquanto eu estava seguindo na direção errada, nada aconteceu. Mas bastou que eu passasse trinta segundos seguindo esse raciocínio... esse aí, que está nos papéis... e eu senti... senti... Doutor!

- O que é? - perguntou Blaustein. Ralson voltou a sussurrar.

- Mergulhei fundo na... penicilina. Pude sentir que estava afundando mais e mais, enquanto escrevia. Nunca fui tão longe. Foi por isso que soube que estava no caminho certo. Me leve embora daqui.

Blaustein endireitou-se.

- Vou ter que levá-lo, Grant. Não tenho alternativa. Se você puder entender o que ele escreveu, ótimo. Se não, não posso fazer nada. Esse homem não pode prosseguir nesse trabalho sem correr risco de vida, entende?

- Mas é um risco imaginário - retorquiu Grant.

- Está bem, digamos que seja. Mas ele pode morrer de fato, não importa se isto tudo é ou não um delírio.

Ralson estava outra vez inconsciente, não escutou nada do que os dois diziam. Grant pousou sobre ele um olhar sombrio e resmungou:

- É, está bem. Pode levá-lo.

Dez dos principais cientistas do Instituto estavam taciturnos, fitando a tela, enquanto uma série de slides eram projetados um após o outro, vagarosamente. Depois, Grant postou-se diante deles, o rosto carrancudo.

- A nossa ideia é muito simples - disse. - Vocês são cientistas e matemáticos. A caligrafia destas notas pode estar quase ilegível, mas o que está expresso nelas faz sentido. É possível decifrar o que elas dizem, por mais ininteligível que pareça. A primeira página, no entanto, está razoavelmente clara, pode ser um bom ponto de partida. Cada um de vocês vai examinar essas páginas tantas vezes quantas necessário e propor todas as possíveis interpretações de cada uma. Vão trabalhar isoladamente. Não quero que façam consultas uns aos outros.

Um dos homens aparteou:

- E quem nos garante que essas garatujas têm sentido, Grant?

- O fato de serem anotações feitas por Ralson.

- Ralson?! Mas pensei que ele estava...

- Você pensava que ele estava doente. - Grant teve que erguer a voz para se sobrepor aos murmúrios e exclamações de surpresa dos cientistas. - Eu sei. Ralson está mal. Isso que vocês viram são anotações de um homem que está à beira da morte. Parece que isto é o máximo que poderemos extrair de Ralson, de hoje em diante. Em alguma parte desses rabiscos está a solução do problema do campo de força. Se não a encontrarmos aí, talvez tenhamos que passar dez anos procurando.

Os cientistas retiraram-se da sala, e se puseram a trabalhar.

Passou-se uma noite. Duas noites. Três noites.

Grant olhou os primeiros resultados e abanou a cabeça.

- Vou ter que acreditar na sua palavra, mas não posso saber se isso faz sentido. Não consigo entender nada.

Lowe, que era considerado o melhor engenheiro nuclear do Instituto, logo abaixo de Ralson, encolheu os ombros.

- Para mim também não está muito claro. Talvez funcione, mas ele não explicou por quê.

- Ele não teve tempo para explicar. Você pode construir o gerador como ele descreve?

- Posso tentar.

- Você olhou as outras versões dessas páginas?

- Sim. Não são coerentes, com certeza.

- Pediu a opinião dos outros?

- Claro.

- Então, vamos construir o gerador, mesmo assim?

- Vou dar ordens para que o pessoal comece. Mas aviso logo que estou pessimista.

- Sei como é. Eu também estou.

Iniciou-se o projeto. Hal Ross, chefe de mecânica, foi encarregado da construção do gerador, e daí em diante não teve mais uma noite de sono tranquilo. A qualquer hora do dia ou da noite ele podia ser encontrado no laboratório, atarefado, cocando a cabeça totalmente calva. Apenas uma vez ele se arriscou a fazer perguntas.

- O que diabo é isso, Dr. Lowe? Nunca vi nada parecido. Para que serve?

- Ross, você sabe onde nós estamos - retrucou Lowe. - Aqui não se faz perguntas.

Ross não insistiu. Todos sabiam que ele não via com bons olhos a estrutura que estava sendo construída. Dizia que era algo feio, antinatural. Mas continuou trabalhando.

Um dia, o telefone tocou: era Blaustein.

- Como vai Ralson? - perguntou Grant.

- Não está muito bem, mas quer assistir ao teste do Projetor de Campo.

Grant hesitou.

- É, acho que está certo - disse por fim. - Foi ele que o desenhou.

- Acontece que eu preciso ir junto com ele.

- Grant não estava à vontade.

- Olhe, doutor, isso pode ser perigoso. Mesmo num teste-piloto, vamos estar lidando com tremendas quantidades de energia.

- Não vai ser mais perigoso para mim do que para vocês - replicou Blaustein.

- Então está bem. A lista de observadores presentes tem que ser aprovada pela Comissão e pelo FBI, mas darei um jeito de incluir seu nome.

Blaustein olhou em torno. A estrutura maciça do Projetor de Campo erguia-se no centro do vasto recinto do laboratório de testes, mas todo o restante estava vazio.

Não havia nenhuma conexão visível com o reator de plutônio que lhe servia como fonte de energia, mas pelos fragmentos de diálogo que o psiquiatra captou em redor - ele jamais se atreveria a perguntar a Ralson - pôde deduzir que a conexão era por baixo da terra.

De início os observadores tinham se amontoado em torno da máquina, apontando com o dedo e trocando comentários incompreensíveis, mas agora começavam a se afastar.

As galerias laterais começavam a se encher. Do lado oposto, havia pelo menos três homens com uniformes de general, rodeados por uma multidão de oficiais de patentes menores. Blaustein conseguiu instalar-se numa boa posição junto à grade de observação, distante dos outros, mais por causa de Ralson do que por outra razão. Perguntou:

- E então? Quer continuar aqui?

Fazia calor no laboratório, mas Ralson continuava de sobretudo e com a gola erguida. Não fazia muita diferença, pensou Blaustein. Ele duvidava que qualquer um dos ex-colegas de Ralson pudesse reconhecê-lo.

- Vou ficar - disse Ralson.

A resposta satisfez Blaustein, que estava curioso para presenciar o teste. Virou-se quando outra voz soou ao seu lado.

- Olá, Dr. Blaustein.

Por um instante Blaustein não o reconheceu, mas logo exclamou:

- Inspetor Darrity! O que está fazendo aqui?

- Exatamente o que o senhor pode imaginar. - O inspetor fez um gesto indicando a plateia - É impossível filtrar uma multidão como esta e ter certeza de que nenhum erro foi cometido. Certa vez eu estive tão perto de Klaus Fuchs quanto estou do senhor. - Ele jogou o canivete para o ar e o apanhou na queda, num gesto hábil.

- Oh, claro. Nunca se pode ter cem por cento de segurança, não é mesmo? Em que se pode confiar, incluindo nosso próprio inconsciente? Mas diga-me uma coisa. Vai ficar aqui do meu lado?

- É bem provável - sorriu Darrity. - O senhor esforçou-se bastante para estar presente aqui hoje, não é verdade?

- Não foi por minha causa, inspetor. E por favor, guarde esse canivete.

Darrity girou o rosto, atendendo ao gesto discreto feito pelo psiquiatra. Guardou o canivete no bolso e, ao olhar pela segunda vez o rosto do companheiro de Blaustein, não pôde reprimir um assobio de surpresa.

- Olá, Dr. Ralson - disse.

- Olá. - A voz de Ralson era quase um grasnido. Blaustein não ficou surpreso com a reação de Darrity. Ralson tinha perdido cerca de quarenta quilos desde seu retorno ao sanatório. Seu rosto estava amarelado e cheio de rugas: tinha a aparência de um homem de sessenta anos.

- O teste demora muito? - perguntou Blaustein.

- Parece que já vai começar - disse Darrity, debruçando-se sobre a grade que servia de parapeito.

Blaustein tomou Ralson pelo cotovelo e fez menção de afastar-se, mas o inspetor falou com suavidade: - Fique aqui perto, doutor. Prefiro que não fique circulando por aí.

Blaustein olhou para a parte central do laboratório, depois para as laterais, onde grande parte dos presentes tinha o ar pouco confortável de quem estava parcialmente transformado em pedra. Ele avistou Grant, alto e carrancudo, extraindo um isqueiro e um cigarro do bolso, depois mudando de ideia e guardando-os novamente. Nos

painéis de controle, uma porção de jovens técnicos esperavam, dominados pela tensão.

Começou a se ouvir um zumbido. Sentiu-se no ar um leve cheiro de ozônio.

- Veja! - exclamou Ralson, com voz áspera. Blaustein e Darrity olharam na direção de seu dedo estendido.

A imagem do Projetor pareceu tremular, como se houvesse uma região de ar aquecido entre ele e os observadores.

Uma pesada bola de ferro, pendurada do teto, foi largada como um pêndulo através daquela área.

- Diminuiu de velocidade - disse Blaustein, excitado. Ralson concordou.

- Estão medindo até que altura ela se elevou do lado oposto, para calcular a perda de momentum. Que idiotas. Eu disse a eles que ia funcionar, não disse? – Falava com evidente dificuldade.

- Fique só olhando, Dr. Ralson - disse Blaustein. - Se eu fosse o senhor procuraria não ficar muito excitado.

O pêndulo teve sua trajetória interrompida e foi erguido mais uma vez; o tremular das imagens em redor do Projetor tornou-se mais intenso e a bola de ferro foi largada mais uma vez.

A experiência repetiu-se várias vezes seguidas; a cada uma delas a trajetória do pêndulo sofria um retardamento mais visível. A pesada bola de ferro produzia um som claramente audível quando penetrava no campo de força, até que numa das tentativas ela caiu na direção do campo... e foi repelida. Houve um som abafado, como se a bola tivesse se chocado com um monte de areia; ela retiniu na vez seguinte, como se batesse contra o aço.

Os cientistas recolheram o pêndulo e não o utilizaram mais. A essa altura, o Projetor era cada vez menos visível através de uma espécie de névoa que parecia cercá-lo.

Grant deu outra ordem, e o odor de ozônio tornou-se mais forte e penetrante. Houve um grito uníssono entre os assistentes: cada um falava com seu vizinho; uma dúzia de braços se erguia, apontando.

Blaustein inclinou o corpo sobre o gradil, tão excitado quanto os demais. No lugar onde há alguns instantes se avistava o Projetor, parecia haver agora uma espécie de gigantesco espelho semi-esférico, que produzia uma imagem brilhante e perfeitamente nítida. Blaustein podia se ver naquela imagem, um homem atarracado por trás de uma balaustrada que se encurvava para o alto em ambas as extremidades. Podia ver as luzes fluorescentes refletindo-se em pontos cintilantes, numa imagem espantosamente clara.

Blaustein surpreendeu-se gritando:

- Ralson, veja, está refletindo a energia! Está refletindo as ondas de luz como se fosse um espelho, Ralson! - Virou-se para o lado. - Inspetor! Onde está Ralson?

Darrity girou o corpo.

- Quem?! Não sei... não vi. - Olhou em redor, meio desnorteado. - bom, ele não irá muito longe. Não há como sair daqui. Doutor, vá por esse lado. - Nesse instante o inspetor bateu com a mão na coxa, remexeu no bolso, e soltou uma praga. - Meu canivete sumiu.

Foi Blaustein quem o encontrou. Estava no pequeno escritório onde trabalhava Hal Ross e que dava diretamente para o laboratório, embora, naquelas circunstâncias, tivesse permanecido deserto. Ross não estava entre os observadores: um chefe de mecânica não tem que estar presente às experiências. Mas o seu escritório servia às mil maravilhas para o derradeiro ato de uma longa luta contra o suicídio.

Blaustein parou no umbral durante alguns instantes e girou nos calcanhares, nauseado. Viu Darrity surgindo à porta de um escritório semelhante, a trinta metros de distância, e o chamou com um gesto.

O Dr. Grant tremia de excitação. Acendeu um cigarro, deu dois tragos e logo o esmagou sob a sola do sapato; acendeu outro, e fez a mesma coisa. Pegou o terceiro.

- É muitíssimo melhor do que qualquer um de nós podia esperar - exclamou. - Amanhã faremos o teste de armas de fogo. Já sei o resultado, mas já que está no cronograma vamos realizá-lo. Vamos somente cancelar as armas de pequeno calibre e começar logo com a bazuca. Ou talvez não. Pelo que vejo, talvez seja preciso construir uma estrutura especial para cuidar da questão do ricochete.

Pisou no terceiro cigarro. Um general lembrou:

- Naturalmente, vamos ter que experimentar uma bomba atômica propriamente dita.

- Claro. Já tomamos as providências para construir uma cidade simulada em Eniwetok. Vamos construir um gerador bem no centro dela e jogar a bomba. Haverá animais vivos na área.

- Acha que se tivermos um projetor como esse funcionando a pleno vapor ele poderá deter a bomba?

- Não é bem assim, general. Não haverá um campo de força propriamente dito até o momento em que a bomba for lançada. O campo será ativado pela radiação do plutônio quando a bomba se aproximar, antes da explosão. Mais ou menos como fizemos em nossos testes aqui. Em síntese, é assim que a coisa funciona.

- Sabe de uma coisa? - disse um professor de Princeton. - Vejo algumas desvantagens nesse método. Quando o campo está funcionando a pleno vapor, toda a área que ele protege fica mergulhada em total escuridão, pelo menos no que diz respeito ao sol. Além disso, ocorreu-me que o inimigo pode ter a ideia de ficar enviando a intervalos regulares mísseis radioativos inofensivos para ativar o campo. Isso provocaria um grande desgaste psicológico, além de sobrecarregar nosso gerador.

- Desgaste psicológico não mata ninguém - retorquiu Grant. - Todas essas dificuldades podem ser enfrentadas, com certeza; o importante é que resolvemos o problema principal.

O observador britânico tinha aberto caminho até Grant e finalmente conseguiu apertar-lhe a mão.

- Estou mais tranquilo quanto a Londres - disse. - Gostaria que o seu governo me permitisse ter acesso aos cálculos do projeto. Isto que acabei de ver me parece algo absolutamente espantoso. Depois de pronto parece óbvio, mas eu me pergunto como é que alguém conseguiu ter essa ideia

Grant sorriu.

- Essa questão já foi levantada com relação às soluções propostas pelo Dr. Ralson... - Ele virou-se quando sentiu uma mão tocar seu ombro. - Dr. Blaustein! Tinha quase me esquecido do senhor. Venha cá, precisamos conversar.

Ele arrastou o pequeno psiquiatra até um canto e cochichou em seu ouvido:

- Escute... será que não poderia convencer Ralson a ser apresentado a esse pessoal? Afinal, é um triunfo que pertence a ele.

- Ralson está morto - disse Blaustein.

- O quê?!

- Pode me acompanhar, por alguns minutos?...

- Eu... sim, sim. Senhores, por favor... volto já. Deixou a sala em companhia de Blaustein.

O FBI já tinha se encarregado do caso, bloqueando a porta que dava acesso ao escritório de Ross. Do lado de fora, uma multidão de cientistas discutia a resposta a Alamo-gordo que tinham acabado de presenciar, sem saber que o autor da resposta jazia morto no interior daquele aposento.

A barreira dos agentes federais abriu-se para permitir a passagem de Blaustein e Grant, fechando-se às costas deles.

- Grant ergueu o lençol por um instante, depois o deixou cair, com um breve comentário.

- Ele parece em paz.

- Eu diria que ele parece feliz - disse Blaustein. com uma voz inexpressiva, o inspetor Darrity aduziu:

- A arma do suicídio foi meu canivete. Foi negligência minha, Vou incluir isto no meu relatório.

- Não, não - contrapôs Blaustein. - Ele era meu paciente, e eu é que posso ser responsabilizado. Em todo caso, não creio que o Dr. Ralson tivesse condições de viver mais uma semana. Desde que inventou o Projetor de Campo ele tornou-se um homem moribundo.

- Até que ponto tudo isto tem que figurar no inquérito policial? - perguntou o Dr. Grant. - Não podemos esquecer o fato de que Ralson estava mentalmente instável?

- Receio que não, Dr. Grant - disse Darrity.

- Eu já lhe contei tudo - disse Blaustein, soturno. Os olhos de Grant foram de um para o outro.

- Vou falar com o diretor. Vou falar com o presidente da República, se for necessário. Não creio que seja preciso fazer nenhum registro sobre suicídio ou sobre loucura. Ralson será conhecido do público como o inventor do Projetor de Campo. É o mínimo que podemos fazer pela sua memória. - Os dentes de Grant estavam cerrados.

- Ele deixou um bilhete - disse Blaustein.

- Um bilhete?

Darrity estendeu um pedaço de papel, dizendo:

- Todo suicida faz isso. Esse é um dos motivos pelos quais o Dr. Blaustein teve de me explicar o quê, realmente, matou o Dr. Ralson.

O bilhete estava endereçado a Blaustein, e dizia: "O Projetor funciona. Eu sabia que ia dar certo. Fiz a minha parte no acordo. Vocês agora têm o que queriam e não precisam mais de mim. Para mim, acabou. Não precisa se preocupar com a humanidade, doutor. O senhor tinha razão. Eles prolongaram demais a experiência conosco, foram imprudentes. Escapamos do tubo de ensaio e eles agora não podem mais nos controlar. Sei disso. Não posso explicar, mas sei."

Ele tinha rabiscado apressadamente seu nome, e por baixo dele havia mais uma linha: Desde que haja um número suficiente de pessoas resistentes à "penicilina".

Grant fez menção de amarrotar a folha, mas Darrity se antecipou num gesto rápido:

- Com licença, doutor. Para os registros.

Grant entregou o papel, comentando:

- Pobre Ralson. Morreu acreditando em toda essa maluquice.

Blaustein concordou.

- É verdade. Ralson, creio, terá direito a um grande funeral, e será aclamado como inventor, sem nenhuma referência à loucura ou ao suicídio. Mas o pessoal do governo continuará interessado em suas teorias malucas, porque no fim das contas elas talvez não sejam propriamente malucas... não é, Sr. Darrity?

- Isto é ridículo, doutor - disse Grant. - Não há um único cientista neste projeto que tenha mostrado o menor sinal de desequilíbrio.

- Conte para ele, Sr. Darrity - disse Blaustein.

- Tivemos outro suicídio - confirmou Darrity. - Não, não foi nenhum dos cientistas. Ninguém de primeiro escalão. Aconteceu hoje de manhã, e começamos a investigar o caso porque achamos que poderia ter relação com o teste de hoje. Não parecia haver nenhuma, mantivemos tudo em segredo, esperando que o teste fosse realizado. O problema é que agora parece haver uma ligação.

- O sujeito que morreu esta manhã era um cara comum, com mulher e três filhos. Nenhuma razão para se matar. Nenhum registro de problemas mentais. Jogou-se embaixo de um carro; temos testemunhas; não há a menor dúvida de que foi um ato proposital. Ele não morreu na hora, houve tempo para chamar um médico. Ficou horrivelmente ferido, mas suas últimas palavras foram: Agora me sinto muito melhor... e morreu.

- Quem era? - perguntou Grant.

- Hal Ross. O sujeito que dirigiu a construção do Projetor. Trabalhava aqui, neste escritório.

Blaustein foi até a janela. O céu começava a escurecer. Apareciam as primeiras estrelas. Ele disse:

- Ross não sabia nada das ideias de Ralson. Segundo o Sr. Darrity me informou, ele e Ralson nunca chegaram a conversar. O que eu penso é que os cientistas, como classe, talvez sejam mais resistentes. Têm que ser, ou então não duram muito tempo nessa profissão. Ralson era uma exceção, um sujeito sensível à "penicilina" que insistiu em continuar, e o resultado foi o que vimos. Mas, o que dizer dos outros? Das pessoas comuns, que vivem uma vida onde essa eliminação dos mais fracos não é visível? Quanto do restante da humanidade será resistente à "penicilina"?

- O senhor acredita em Ralson? - perguntou Grant, atônito.

- Não sei ainda.

Blaustein ficou contemplando as estrelas.

Incubadoras?

- Em 1950, a guerra da Coreia começou, e foram tempos realmente deprimentes, quase como os de hoje. Não vou esconder-lhe que não tenho entusiasmo pelo que Otelo chamou de “qualidade, orgulho, pompa e circunstancia da gloriosa guerra”.

A I Guerra Mundial fora algo especial. Aquela foi uma guerra sobre a qual se poderia ter alguns arrepios de idealismo. Estávamos lutando contra um mal absoluto, que parecia estar bem além da usual rotina de difamar o inimigo; e parecia haver uma razoável esperança de que uma vez que a guerra terminasse haveria algum meio de estabelecer uma forma de organização mundial para prevenir as guerras futuras.

A euforia dos dias do fim da guerra e da constituição das Nações Unidas não durou muito, e a guerra da Coreia ditou a ruína final das primeiras grandes esperanças.

Você pode pensar que nós, os escritores de ficção científica, éramos mais felizes que a maioria. Tínhamos uma maneira muito simpática de “escapar”. Poderíamos ir lá para o espaço, deixando os problemas do cotidiano terrestre para trás. Bem, escapar não é tão fácil. É mais difícil do que você possa imaginar, divorciar-se da realidade, e quando, nos dias da guerra da Coreia, decolei em minha espaçonave para as distâncias vazias entre as estrelas, o que encontrei? Uma guerra interestelar, uma batalha por uma espaçonave.

Eu não estava escapando de nada!

Mas, mais uma coisa, Antes dos tempos da televisão, havia uma coisa chamada rádio, e no fim dos anos 40 e no começo dos anos 50, tínhamos ficção científica pelo rádio. O rádio não tinha o problema dos cenários caros e complicados que a televisão exige para dar uma semelhança de realidade para a ficção científica. Pode fazer tudo com efeitos sonoros, e os sons adequados podem ser transformados nos efeitos visuais mais bizarros, em nossas mentes.

Os programas em questão: Two Thousand Plus (“Depois do Ano Dois Mil”) e Dimension X (“Dimensão X”) infelizmente não eram polpudamente patrocinados, e quando o, eram, não duravam muito, mas enquanto duravam eram intensamente satisfatórios para mim. E mais, levaram ao ar nada menos que três das minhas histórias. Uma delas foi O Cair da Noite (claro), e uma outra foi O Tubo da Morte.

Na versão radiofônica de O Tubo da Morte, Mullen era representado por um ator com uma voz bem distinta - seca, controlada, não emotiva e suave. Era exatamente a voz de Mullen. Quando veio a televisão, descobri de quem era a voz, e seu rosto, e ele se parecia com Mullen.

É tão agradável, sempre que o vejo, poder dizer (a despeito de que ele é um homem alto), “Ali está Mullen”. Mullen é o único de todos os meus personagens que já vi em carne e osso, e sempre evitei cuidadosamente saber qual o nome do ator na vida real. Quero que continue sendo Mullen.

*1ª publicação - Galaxy Science Fiction, outubro de 1951.* *Copyright, 1951 by Galaxy Publishing Corporation.*

# O tubo da morte

Mesmo da cabina em que ele e os outros passageiros tinham sido amontoados conto gado, o coronel Anthony Windham ainda podia acompanhar os principais lances da batalha. Por algum tempo houve silêncio, nenhum abalo, o que significava que as naves espaciais estavam lutando a distância astronômica uma da outra, em um duelo de jatos de energia e de defesas de poderosos campos de força.

Ele sabia que só poderia haver um fim. A nave terráquea era apenas uma astronave comercial armada e o relance que dera ao Kloro inimigo, antes de terem sido retirados do convés pela tripulação, fora suficiente para mostrar que se tratava de um cruzador leve.

Em menos de meia hora começaram os pequenos choques que ele previra. Os passageiros oscilavam para a frente e para trás, com as curvas e volteios da nave, como se estivessem num barco no meio de uma tempestade. Mas o espaço permanecia tranquilo e silencioso como sempre. Era o piloto que estava lançando desesperados jatos de vapor através das tubulações, levando a nave a girar e revirar. Isso significava apenas que o inevitável tinha acontecido. A blindagem da nave terrestre fora arrancada e ela já não tinha condições para desfechar um ataque direto.

O coronel Windham tentou firmar-se em sua bengala de alumínio. Lembrou-se de que era um homem velho; que passara toda a vida na milícia e jamais assistira a uma batalha; que agora, com um combate sendo travado ao seu redor, ele estava cansado e gordo e manco e não tinha homens sob o seu comando.

Eles tentariam logo a abordagem, aqueles monstros Kloros. Era o seu modo de lutar. Os trajes espaciais lhes criariam alguma dificuldade, mas eles desejavam, acima de tudo, uma nave terrestre. Windham examinou os passageiros. Por um momento, pensou: "Se eles estivessem armados e eu os pudesse comandar?..."

Pôs de lado essa ideia Porter se encontrava em evidente estado de pânico, e o jovem Leblanc não estava multo melhor. Os irmãos Polyorketes - raios, não conseguia distingui-los - encolhidos a um canto, falavam apenas um ao outro. Mullen era um caso diferente. Estava ali sentado, perfeitamente ereto, sem sinal de medo ou qual quer outra emoção no rosto. Contudo, não tinha mais de um metro e meio de altura e, sem dúvida, jamais empunhara una arma em toda a sua vida. Não poderia fazer nada.

E havia Stuart, com seu meio sorriso gélido e a aguda voz sarcástica que impregnava tudo o que dizia. Olhou disfarçadamente para Stuart ali sentado, passando as mãos brancas, como mortas, pelos cabelos cor de areia. Com aquelas mãos artificiais, de qualquer modo era um inútil.

Windham sentiu a vibração do contato das duas astronaves. Em cinco minutos, o fragor da batalha invadira os corredores. Um dos irmãos Polyorketes deu um grito e precipitou-se para a porta. O outro chamou - Aristides! Espere! - e lançou-se atrás dele.

As coisas se passaram muito depressa. Num segundo, Aristides estava do outro lado da porta, no corredor, tomado de estúpido pânico. Um carbonizador brilhou,

como um raio, e não se ouviu nem mesmo um grito. Da porta, Windham virou o rosto com horror ao espetáculo do coto enegrecido que restara. Era estranho - uma vida inteira de uniforme e jamais vira um homem morrer numa luta.

Foi necessária a força conjugada de todos os outros para reconduzir à cabina o outro irmão que se debatia furiosamente.

O ruído da batalha cessou.

- Foi o que aconteceu - disse Stuart. - Eles puseram dois homens da tripulação deles a bordo e estão nos levando para um dos seus planetas. É claro que somos prisioneiros de guerra.

- Apenas dois dos Kloros ficarão a bordo? - perguntou Windham surpreendido.

- É o seu costume - prosseguiu Stuart. - Por que pergunta, coronel? Está pensando numa galante ação de retomada da astro nave?

Windham corou. - Estou simplesmente pedindo uma informação, raios - acentuou. Mas a dignidade e o tom de autoridade que tentava assumir o traíam, ele sabia. E ele não era mais do que um homem velho e aleijado.

Stuart provavelmente estava certo. Ele vivera entre os Kloros e conhecia os seus hábitos.

John Stuart assegurara, desde o começo, que os Kloros eram cavalheiros. Vinte e quatro horas de prisão tinham-se passado e agora ele repetia a afirmação, enquanto movimentava os dedos das mãos observando as rugas que apareciam e desapareciam no macio artiplasma.

Divertia-se com a reação desagradável que suas mãos provocavam nos outros. As pessoas tinham sido feitas para serem cutucadas, fanfarrões vazios, todos eles. E tinham mãos da mesma matéria que seus corpos.

Havia Anthony Windham, em particular. Coronel Windham, como ele se intitulava e como Stuart se esforçava por acreditar. Um coronel reformado que provavelmente treinara a milícia, em um campo de aldeia, há quarenta anos, e com tal falta de qualificação que não fora convocado para nenhum outro serviço, nem mesmo no período de emergência da primeira guerra interestelar da Terra.

- Coisa mais desagradável para se dizer de um inimigo, Stuart. Não sei se aprovo a sua atitude. - Windham parecia expelir as palavras através do bigode aparado. Tinha a cabeça raspada ao estilo militar, mas agora, fios cinzentos começavam a apontar em torno de sua careca. Tinha as faces balofas e flácidas. Tudo isso, mais as leves linhas vermelhas em seu fino nariz, davam-lhe um aspecto decomposto, como se tivesse sido acordado de repente e cedo demais, pela manhã.

- Tolice! - disse Stuart. - Inverta simplesmente a situação. Suponha que uma astronave militar terrestre tivesse apresado uma nave comercial dos Kloros. Que pensa que teria acontecido aos civis Kloros a bordo?

- Estou certo de que a tripulação terrestre respeitaria todas as normas da guerra interestelar - replicou Windham, ríspido.

- Você parece esquecer que essas normas não existem. Se tivéssemos apresado uma tripulação em sua astronave, acredita que nos daríamos ao trabalho de manter uma atmosfera de cloro, em beneficio dos sobreviventes? Que os deixaríamos de posse dos seus pertences? Que lhes permitiríamos usar o cômodo mais confortável, etc., etc., etc.?

- Oh! Por Deus! Cale a boca! Se eu ouvir mais uma vez o seu etc., etc., etc., ficarei louco! - explodiu Ben Porter.

- Desculpe-me! - murmurou Stuart, contrafeito.

Porter não inspirava confiança. O rosto fino e o nariz pontudo brilhavam de suor e ele mordia, sem parar, a bochecha, até tirar sangue. Apoiou então a ponta da língua

no ferimento, o que lhe dava um aspecto ainda mais grotesco.

Stuart estava começando a cansar-se de espicaçar. Windham era um alvo muito balofo e Porter não poderia fazer mais do que de bater-se. Quanto aos outros, nada a dizer. Demetrios Polyorketes estava alienado, num mundo de dor silenciosa, pelo menos no momento. Provavelmente, não dormira a noite anterior, pois sempre que Stuart se virava na cama para mudar de posição - e ele também se sentia intranquilo - ouvia um fraco resmungo de Polyorketes, na maca próxima. Ele murmurava muitas coisas, mas voltava sempre ao lamento: - Ai, meu irmão!

Agora estava entorpecido, sentado em sua maca, os olhos vermelhos observando os outros prisioneiros, rolando na face larga e morena, sem barbear. Ao encontrar o olhar de Stuart, apoiou a face na palma das mãos calosas, de modo que se via apenas um tufo de cabelos negros e crespos. Balançou levemente o corpo, mas agora que estava acordado, não emitiu nenhum som.

Claude Leblanc estava tentando, inutilmente, ler uma carta. Era o mais jovem dos seis; mal terminara os estudos e voltava à Terra para casar-se. Nessa manhã, Stuart o encontrara chorando silenciosamente, as faces claras e rosadas, vermelhas e intumescidas, como as de uma criança desesperada. Era muito bonito, de uma beleza quase feminina, com os grandes olhos azuis e lábios cheios. Stuart imaginou que espécie de moça era sua prometida. Já vira o seu retrato. Quem não o vira em toda a astronave? Tinha a beleza sem personalidade que torna indistinguíveis todas as noivas. Stuart pensou que, se fosse mulher, teria preferido alguém mais acentuadamente masculino.

Restava apenas Randolph Mullen. Stuart não tinha a menor ideia do que se poderia fazer com ele. Era o único dos seis que estivera nos mundos arcturianos por qualquer período. O próprio Stuart, por exemplo, estivera lá, mas apenas tempo bastante para pronunciar algumas palestras sobre engenharia astronáutica no Instituto Provincial de Engenharia. O coronel Windham participara de uma excursão da Cook; Porter lá estivera em busca de vegetais concentrados, alienígenas, para sua fábrica de enlatados, na Terra; e os irmãos Polyorketes tinham feito uma tentativa de estabelecer-se em Arcturus, como hortigranjeiros, mas ao fim de duas tempestades sem grandes lucros, estavam retornando à Terra.

Randolph Mullen, entretanto, tinha estado no sistema arcturiano por dezessete anos. Como podem viajantes descobrir tanta coisa uns sobre os outros em tão pouco tempo? Pelo que Stuart sabia, o homenzinho quase não abrira a boca a bordo da astronave. Era infalivelmente polido, afastando-se sempre para dar passagem aos outros, mas todo o seu vocabulário não fora além de um simples "obrigado" ou um "desculpe-me". Contudo, sabia-se que esta era sua primeira viagem à Terra, em dezessete anos.

Era um homenzinho muito formal, quase irritante. Ao acordar, essa manhã, arrumara escrupulosamente a maca, barbeara-se, tomara um banho e se vestira, O hábito arraigado de anos não parecia ter sido abalado pelo fato de ele ser agora um prisioneiro de guerra dos Kloros. Contudo, não era importuno, e, era preciso admitir, não demonstrava nenhuma reprovação quanto à falta de higiene dos outros. Ele apenas ficava ali sentado, quase como se desculpando, enquadrado em suas roupas ultraconservadoras, as mãos levemente cruzadas nos joelhos. A fina linha de pelos em seu lábio superior nada lhe acrescentava à personalidade; ao contrário, aumentava absurdamente sua artificialidade.

Tinha o aspecto de uma caricatura de guarda-livros. E o mais estranho, pensava Stuart, é que, na realidade, era exatamente um guarda-livros. Sabia disso pelo livro de registro - Randolph Fluellen Mullen; profissão: guarda-livros; empregadores: Com-

panhia Primor de Caixas de Papel, Av. Tobias, 27, Nova Varsóvia, Arcturus II

- Sr. Stuart?

Stuart ergueu os olhos. Era Leblanc, o lábio inferior tremendo levemente. Stuart tentou lembrar-se de como se poderia ser gentil. Disse: - O que é Leblanc?

- Diga-me, quando eles nos deixarão partir?

- Como poderei saber?

- Todo o mundo sabe que o senhor viveu em um planeta Kloro e o senhor acaba de afirmar que eles são cavalheiros.

- Bem, é verdade. Mas até mesmo os cavalheiros vão á guerra para vencer. Provavelmente, seremos prisioneiros enquanto durar o conflito.

- Mas poderá durar anos! Margaret está esperando. Pensará que estou morto!

- Acredito que eles nos permitirão enviar mensagens depois que tenhamos chegado ao seu planeta.

A voz áspera de Porter soou, agitada. - Olhe aí, se você sabe tanta coisa sobre esses diabos, diga o que farão conosco quando estivermos internados. Como nos alimentarão? Onde encontrarão o oxigênio de que necessitamos? Asseguro-lhe que eles vão nos matar. - E numa reflexão retardada, acrescentou: - Eu também deixei uma mulher me esperando.

Mas Stuart já o ouvira falar da mulher nos dias que tinham precedido o ataque. Por isso, não se impressionou. A mão de Porter, de unhas roídas, agarrava-se à manga de Stuart e a puxava. Stuart desprendeu o braço em violenta repulsa. Não podia suportar aquelas horríveis mãos. Angustiava-o até o desespero o fato de aquelas monstruosidades serem reais, enquanto as suas brancas mãos, perfeitamente moldadas, eram apenas ridículas imitações, feitas de látex.

- Eles não desejam nos matar. Se o quisessem, já o teriam feito. Olhe, nós também capturamos Kloros, você sabe, e é apenas uma questão de bom senso tratar nossos prisioneiros com decência, mostrando assim o desejo de que o outro lado também dê aos nossos homens um tratamento digno. Eles o farão da melhor maneira possível. Os alimentos talvez não sejam muito saborosos, mas eles são melhores químicos que nós. Saberão exatamente de que elementos nutritivos precisamos e de quantas calorias. Nós viveremos. Eles farão com que vivamos.

Windham resmungou: - Você fala cada vez mais como se fosse um maldito simpatizante desses monstros, Stuart. Sinto náuseas ao ouvir um terrestre falar bem desses monstros verdes, como você está fazendo. Pare com isso, homem! Onde está a sua lealdade?

- Minha lealdade está onde deveria estar. Com honestidade e decência, sem considerar o ser a que se destina. - Stuart ergueu as mãos. - Você as está vendo? Os Kloros as construíram. Vivi em um de seus planetas durante seis meses. Minhas mãos foram mutiladas no aparelho de ar-condicionado do meu próprio quarto. Pensei que o suprimento de oxigênio que eles tinham me fornecido era suficiente - diga-se de passagem que não era - e tentei fazer, eu mesmo, as correções. A culpa foi minha. Nunca se deve confiar nas máquinas de uma outra cultura. Felizmente, um dos Kloros conseguiu vestir um traje apropriado à nossa atmosfera e correu em meu socorro. Mas era muito tarde para salvar as minhas mãos.

- Eles cultivaram estas coisas de artiplasma para mim e me operaram. Você percebe o que isso significa? Significa projetos de equipamento e soluções nutrientes capazes de funcionar numa atmosfera de oxigênio. Significa que seus cirurgiões foram obrigados a realizar uma delicada intervenção, vestindo trajes atmosféricos. E agora, eu tenho de novo as minhas mãos. - Riu ruidosamente e fechou os débeis punhos. - Mãos...

- Windham interrompeu-o: - E você venderia sua lealdade à Terra, por isso?

- Vender minha lealdade? Está louco! Durante anos odiei os Kloros, exatamente por Isso. Eu era um piloto de primeira classe nas Linhas Espaciais Transgalácticas antes que isso acontecesse. E agora? Tenho um emprego burocrático. Ou faço uma palestra ocasional, Levei muito tempo para compreender que a falha tinha sido minha e que o papel desempenhado pelos Kloros fora muito decente. Sei têm o seu código de ética, tão bom quanto o nosso. Se não fosse pela estupidez de alguns de seus elementos - e, por Deus, também de alguns dos nossos - não estaríamos em guerra. E depois que acabar...

Polyorketes pôs-se de pé. Os dedos grossos curvarem-se como garras e os olhos brilharam. - Não gosto do que você diz...

- Por quê?

- Porque você diz coisas multo bonitas sobre esses malditos bastardos verdes. Para você, os Kloros são bons, não é? Bem, não foram bons para o meu irmão. Eles o mataram. Penso que talvez eu ainda o mate, maldito espião verde!

E investiu.

Stuart mal teve tempo de erguer os braços para enfrentar o fazendeiro enfurecido. Ele ofegava quando falou: - Que diabo! - enquanto segurava um dos pulsos do fazendeiro e erguia um ombro para defender-se do golpe do outro, que se dirigia para o seu peito.

Sua mão de artiplasma cedeu. Com pequeno esforço, Polyorketes libertou-se num arranco.

Windham gritava frases incoerentes, e Leblanc pedia com voz estridente: - Vamos parar com isso! Segurem-no! Segurem-no! - Mas foi o pequeno Mullen quem passou os braços em torno do pescoço do fazendeiro, agarrando-o por trás e puxando-o com toda a força. O golpe não foi muito eficiente. Polyorketes parecia nem mesmo ter sentido o peso do homenzinho em suas costas. Os pés de Mullen perderam contato com o chão e ele ficou balançando, indefeso, de um lado para o outro. Mas manteve o seu aperto e criou dificuldade bastante para permitir que Stuart conseguisse agarrar a bengala de alumínio de Windham.

- Fique longe, Polyorketes - disse ele.

Respirava com dificuldade e temia outra investida. A bengala de alumínio não era suficientemente pesada e não serviria para grande coisa, mas era melhor do que dispor apenas de suas débeis mãos para defender-se.

Mullen afrouxara o aperto e agora se afastava cautelosamente, a respiração ofegante, as roupas em desalinho.

Por um momento, Polyorketes não se moveu. Ficou ali, a cabeça peluda inclinada para baixo. Então disse: - Isto não adianta. Preciso matar os Kloros. Contenha a sua língua, Stuart. Se ela continuar solta assim, você poderá sair ferido. Seriamente ferido, estou avisando!

Stuart passou o braço sobre a testa e devolveu a bengala a Windham, que a apanhou com a mão esquerda enquanto esfregava vigorosamente a cabeça calva com o lenço que segurava na mio direita.

- Cavalheiros, devemos evitar isto - disse Windham. - Corremos o risco de ver cair nosso prestígio. Precisamos nos lembrar do inimigo comum. Somos terrestres e devemos agir como tal; somos a raça dirigente da Galáxia. Não podemos nos aviltar diante das raças inferiores.

- Sim, coronel - disse Stuart com voz cansada. - Deixe o resto do discurso para amanhã.

Voltou-se para Mullen. - Quero agradecê-lo

Não estava muito á vontade dizendo isso, mas sentiu-se obrigado a fazê-lo. O pequeno contador causara-lhe uma completa surpresa

Mullen respondeu em voz seca que mal passou de um cochicho: - Não me agradeça, senhor Stuart Fiz apenas o que era lógico. Se permanecermos prisioneiros, teremos necessidade de um intérprete talvez, de alguém que entenda os Kloros.

Stuart enrijeceu-se. Era típico, pensou, do raciocínio de um contador; muito lógico, muito simples. Risco momentâneo e vantagem posterior. Os créditos e débitos se equilibravam. Quase se sentira grato a Mullen ao vê-lo erguer-se em sua defesa. Teria gostado de ver Mullen pular em sua defesa por... afinal, por quê? Por pura e altruísta decência?

Stuart riu silenciosamente de si mesmo. Estava começando a esperar idealismo dos seres humanos, ao invés de uma boa e direta motivação egocêntrica.

Polyorketes parecia estarrecido. Seu ressentimento e irritação corroíam por dentro como ácido, mas não encontrava palavras com que desabafar. Se fosse Stuart, tagarela, com suas broncas, poderia falar e falar, e talvez sentir-se melhor. Mas em vez disso, ficava ali sentado, sentindo-se meio morto; sem irmão, sem Aristides

Acontecera tão depressa. Se pelo menos pudesse voltar atrás e ter nem que fosse um segundo de advertência, talvez pudesse alcançar Aristides, agarrá-lo e salvá-lo.

Mas, principalmente, odiava cada vez mais os Kloros. Há dois meses, mal ouvira falar deles, e agora os odiava tanto que se sentiria feliz em morrer se pudesse matar alguns deles,

Perguntou, sem erguer os olhos: - Como começou essa guerra?

Teve receio de ouvir a voz de Stuart respondendo. Detestava Stuart e sua voz. Mas quem falou foi Windham, o careca.

- A causa imediata foi o desentendimento em torno de uma concessão de minérios no sistema Wyandotte. Os Kloros invadiram propriedade da Terra.

- Há lugar para ambos, coronel!

Polyorketes ergueu os olhos, rosnando. Stuart não podia se manter calado por muito tempo. Já estava falando de novo! O mão-aleijada, o pretensioso amigo dos Kloros!

Stuart continuou: - Isso é coisa pela qual se deva lutar, Coronel? Não podemos utilizar os mundos uns dos outros. Seus planetas de cloro são inúteis para nós e os nossos, de oxigênio, de nada lhes servem. O cloro é letal para nós como o oxigênio o é para eles. Não há por que mantermos hostilidade permanente. Nossas raças não coincidem. Haveria razão para uma guerra apenas porque as duas raças querem extrair ferro do mesmo planetoide sem ar, quando existem milhões na Galáxia?

- É uma questão de honra planetária... - replicou Windham

- De estrume planetário. Como isso pode justificar uma guerra ridícula como esta? Só pode ser lutada em postos avançados. Resultou numa série de ações de resistência eventualmente resolvidas através de negociações que seriam muito mais fáceis antes. Nem nós nem os Kloros ganharemos coisa alguma.

Com relutância, Polyorketes começou a admitir que concordava com Stuart. Que tinham ele e Aristides a ver com o lugar onde a Terra e os Kloros iam buscar o seu ferro?

Seria isso algo pelo que Aristides devesse morrer?

A campainha de advertência soou.

A cabeça de Polyorketes ergueu-se e ele levantou-se lentamente, os lábios repuxados para trás. Apenas uma coisa poderia estar à porta. Esperou, os braços tensos, os punhos preparados. Stuart já estava se deslocando em sua direção. Não tinha importância. Que entrasse o Kloro e nem Stuart, com todos os outros, poderia detê-lo.

Espere, Aristides - pensou - mais um momento e você estará vingado.

A porta se abriu e entrou uma figura completamente envolvida num traje espacial disforme e inflado.

Uma voz estranha, pouco natural, mas não de todo desagradável, começou:

- Não foi sem alguma preocupação, terrestres, que meu companheiro e eu...

Interrompeu-se bruscamente quando Polyorketes, com um rugido, investiu novamente. Não havia qualquer ciência na investida. Era como o ataque de um touro. A cabeça negra abaixada, os fortes braços separados, as mãos peludas prontas para estrangular, Polyorketes atirou-se. Stuart foi afastado para um lado antes que tivesse tempo de intervir, caiu girando sobre uma maca.

Sem o menor esforço, o Kloro poderia ter segurado o braço de Polyorketes ou se afastado para um lado, deixando que o furacão passasse. Não fez nem uma coisa nem outra. Com um rápido movimento, ergueu uma arma leve; uma leve linha rósea de radiação se estendeu até o terrestre que investia. Polyorketes tropeçou e caiu, o corpo mantendo-se na posição anterior, recurvada, um pé erguido, paralisado como por um relâmpago. Inclinou-se para um lado e ali permaneceu, os olhos vivos cheios de ódio.

- Ele não está ferido permanentemente - disse o Kloro. Parecia não estar ressentido com o ato de violência. Então, recomeçou: - Foi com alguma preocupação, terrestres, que meu companheiro e eu próprio tomamos conhecimento de uma certa agitação nessa cabina. Vocês estariam sentindo alguma necessidade que pudéssemos satisfazer?

Stuart esfregava com irritação o joelho que esfolara ao bater contra a maca. Disse:
- Não, obrigado, Kloro.

- Ora, vejam só! - esbravejou Windham. - Isto é um ultraje! Exigimos que nos ponham imediatamente em liberdade!

A cabeça do Kloro, fina, semelhante à de um inseto, voltou-se na direção do velho gordo. Não era verdadeiramente um espetáculo agradável para quem não estivesse habituado a ele. O Kloro tinha aproximadamente a altura de um homem mas sua extremidade superior consistia de um fino pescoço. A cabeça, que não passava de uma intumescência, era formada por uma probóscide triangular na frente e dois olhos salientes, um de cada lado. Não havia qualquer cavidade para conter um cérebro inexistente. Era apenas isso. O que corresponde ao nosso cérebro, em um Kloro está localizado no que seria o abdômen de um terrestre, ficando a cabeça como um simples órgão sensorial. O traje espacial do Moro acompanhava mais ou menos fielmente as linhas de sua cabeça, estando os dois olhos expostos por dois claros semicírculos de vidro que pareciam levemente esverdeados devido à atmosfera de cloro lá dentro.

Um dos olhos estava agora voltado diretamente para Windham, que se mexeu desconfortavelmente sob o seu brilho, mas insistiu:

- Vocês não podem nos manter prisioneiros. Nós não somos combatentes.

A voz do Kloro, de som inteiramente artificial, veio de um pequeno dispositivo de malha cromada, no que lhe servia de peito. A caixa de som era manipulada por ar comprimido sob o controle de uma ou duas das numerosas, delicadas e bifurcadas gavinhas que se projetavam de dois orifícios na parte superior do seu corpo e que, felizmente, ficavam ocultas sob o traje espacial.

A voz disse: - Está falando sério, terráqueo? Sem dúvida, já ouviram falar da guerra, de suas regras e de prisioneiros de guerra.

Olhou ao redor, movimentando os olhos com rápidas contrações da cabeça, fixando o olhar em um determinado objeto com um dos olhos e depois com o outro. Stuart compreendia que cada olho transmitia uma mensagem separada ao cérebro

abdominal que precisava coordenar as duas para obter uma informação completa.

Windham nada tinha a dizer. Ninguém tinha. O Kloro, com seus quatro membros, toscos braços e pernas aos pares, tinha uma vaga aparência humana sob o traje espacial, desde que não se olhasse acima do seu peito; mas não era possível dizer o que sentia.

Os dois Kloros voltaram-se e saíram.

Porter tossiu e disse com voz sufocada: - Deus, como cheira esse cloro! Se eles não fizerem alguma coisa, todos nós morreremos com os pulmões podres.

- Cale a boca! Não há no ar cloro suficiente nem mesmo para fazer um mosquito espirrar, e o que existe se dissipará em dois minutos. Além disso, um pouco de cloro só lhe fará bem. Poderá matar seus vírus de gripe.

Windham tossiu, por sua vez, e disse: - Stuart, acho que você deveria ter dito alguma coisa ao seu amigo Kloro sobre nos libertar. Você não parecia tão audacioso em sua presença como agora, que eles já se foram.

- O senhor ouviu o que a criatura disse, coronel. Nós somos prisioneiros de guerra e a troca de prisioneiros é negociada por diplomatas. Assim, teremos que esperar.

Leblanc, que empalidecera profundamente à entrada dos Kloros, ergueu-se e correu para o banheiro. A seguir, ouviu-se o ruído de alguém vomitando.

Um constrangido silêncio se fez enquanto Stuart procurava alguma coisa para dizer para abafar o desagradável ruído. Mas foi Mullen quem conseguiu falar. Remexeu uma pequena caixa que tirou de sob o travesseiro e disse: - Talvez o Sr. Leblanc se sinta melhor tomando um sedativo antes de repousar. Posso lhe ceder um. - E explicou imediatamente o seu ato de generosidade: - De outro modo, nenhum de nós poderá dormir, vocês sabem.

- É bastante lógico - disse Stuart secamente. - E melhor guardar um para Sir Lancelot; melhor, guarde meia dúzia. - Caminhou para o lugar onde Polyorketes ainda se encontrava e ajoelhou-se a seu lado. - Confortável, nenê?

Windham protestou: - Está exibindo um terrível mau gosto ao falar desta forma, Stuart.

- Bem, se estão tão preocupados com ele, por que você e Porter não o arrastam para a sua maca?

Ele próprio os ajudou a fazê-lo. Os braços de Polyorketes tinham agora movimentos desordenados. Tanto quanto Stuart sabia sobre as armas nervosas dos Kloros, o homem devia estar numa agonia de agulhas e espinhos.

- E não precisam ser muito delicados com ele - disse Stuart. - Esse maldito louco quase provocou a morte de todos nós. E para quê?

Empurrou a rígida carcaça de Polyorketes para um lado e sentou-se na beirada da maca. - Você está me ouvindo, Polyorketes?

Os olhos de Polyorketes cintilaram. Um de seus braços ergueu-se um pouco mas voltou a cair, inutilizado.

- Pois bem, então escute. Nunca mais tente fizer isso. Da próxima vez, poderá significar o fim para todos nós. Se você fosse um Kloro e ele um terrestre, agora estaríamos mortos. Assim, enfie uma coisa nessa sua cabeça. Nós sentimos muito a morte de seu irmão, mas ele foi o único culpado.

Polyorketes tentou erguer-se, mas Stuart empurrou-o de novo.

- Não, você vai ter que ouvir. Talvez seja esta a única oportunidade que eu tenha de obrigá-lo a ouvir. Seu irmão não deveria ter saído da cabina dos passageiros. Não havia um só lugar para onde pudesse ir. Ele teve o azar de cruzar o caminho de nossos próprios homens. E ainda não sabemos com certeza se foi uma arma dos Kloros que o matou. Pode ter sido um dos nossos.

- Ora, eu sei, Stuart - objetou Windham.

Stuart voltou-se para ele. - Você pode provar o que diz? Por acaso viu o disparo? Pode dizer-me se o que restou do corpo foi energia dos Kloros ou energia dos terrestres?

Polyorketes recuperou imediatamente a voz e lançou uma enxurrada de pragas. - Maldito, fedorento, bastardo verde!

- Eu? - disse Stuart. - Eu sei o que se passa em sua mente, Polyorketes. Você pensa que quando a paralisia tiver desaparecido poderá desabafar, esmagando-me com os seus punhos. Pois bem, se o fizer, cairá o pano para todos nós.

Ergueu-se, encostou-se à parede e disse num desafio: - Nenhum de vocês conhece os Kloros como eu conheço. As diferenças físicas que vocês veem não são importantes. Importantes são as diferenças de temperamento. Eles não compreendem nossos pontos de vista sobre sexo, por exemplo. Para eles, o sexo é apenas um reflexo biológico como o ato de respirar. Não lhe dão grande importância. Mas preocupam-se muito com os grupamentos sociais. Não se esqueçam, seus ancestrais na escala da evolução tinham muito em comum com nossos insetos. Eles acreditam que qualquer grupo terrestre que encontram constitui uma unidade social.

- Isso significa muito para eles, embora eu não possa dizer exatamente o quê. Nenhum terrestre poderia dizê-lo. Mas o resultado é que eles jamais desfazem um grupo, da mesma forma que nós nunca separamos a mãe do filho, quando podemos evitá-lo. Um dos motivos pelos quais eles nos trataram até agora com luvas de pelica é o fato de imaginarem que estamos completamente abalados com a morte de um dos nossos. Eles se sentem culpados.

- Mas o que vocês não devem esquecer é que vamos ser aprisionados juntos e mantidos juntos enquanto durar a guerra. Não gosto nada dessa ideia Eu não teria escolhido nenhum de vocês para companheiro de prisão e estou certo de que também nenhum de vocês me teria escolhido. Mas fatos são fatos. Os Kloros jamais compreenderiam que nos encontrávamos na astronave apenas por acaso.

- Isso significa que ficaremos juntos por algum tempo. Não se trata de uma historiazinha comovente de passarinhos, juntos, em seu ninho macio. Que pensam vocês que teria acontecido se os Kloros chegassem um pouco antes e encontrassem Polyorketes e eu tentando nos matar um ao outro? Vocês não sabem? Bem, que pensariam vocês de uma mãe que estivesse tentando matar os próprios filhos?

- Pois então é isso. Eles teriam matado cada um de nós como se fôssemos monstros pervertidos. Que tal, gostaram? E quanto a você, Polyorketes, compreendeu bem? Assim, podemos discutir, mas nada de agressões. E agora, se ninguém se importa, vou massagear minhas mãos para a forma original, estas mãos sintéticas que recebi dos Kloros e que alguém da minha própria espécie tentou destruir.

Para Claude Leblanc, o pior já passara. Sentira-se muito doente; por diversos motivos; mas, principalmente, por ter deixado a Terra para sempre. Tinha sido uma grande coisa estudar em outro mundo. Além de uma aventura, Isso o tinha libertado da própria mãe. De algum modo, ele se sentia vergonhosamente feliz de empreender essa fuga após o primeiro mês de difícil ajustamento.

Então, nas férias de verão, ele já não era Claude, o tímido estudante, mas Leblanc, o navegante do espaço. Poderia vangloriar-se dos seus feitos. Falar de estrelas e Saltos, de costumes e ambientes de outros mundos; e teria mais coragem em relação a Margaret. Ela o amaria pelos perigos que enfrentara...

Exceto quanto ao fato de esta ter sido realmente a primeira viagem, e não se ter saído muito bem. Tinha consciência disso, sentia-se envergonhado e desejava ser como Stuart.

Aproveitou o pretexto da hora da refeição para aproximar-se.

- Sr. Stuart...

Stuart levantou os olhos e disse secamente: - Como está?

Leblanc corou. Ele corava facilmente, O esforço que fazia para não corar só piorava as coisas. Respondeu: - Sinto-me muito melhor, obrigado. Nós estamos comendo alguma coisa. Eu trouxe a sua ração.

Stuart tomou a lata que ele lhe oferecia. Tratava-se de uma ração espacial padronizada; inteiramente sintética, concentrada, nutritiva e até certo ponto agradável. Aquecia-se automaticamente quando a lata era aberta, mas podia ser comida fria, se necessário. Embora no interior da lata houvesse um talher, garfo-colher combinados, a ração era de tal consistência que se podia comê-la usando as mãos sem que isso se tomasse particularmente desagradável.

- Você ouviu o meu pequeno discurso? - perguntou Stuart.

- Ouvi. Quero lhe dizer que pode contar comigo.

- Está bem, Agora vá, coma!

- Posso comer aqui?

- Fique à vontade.

Durante algum tempo comeram em silêncio. Então Leblanc explodiu: - O Sr. é tão seguro de si! Gostaria muito de também ser assim.

- Seguro? Obrigado, mas entre vocês existe um que revela verdadeira segurança.

Leblanc seguiu a direção do olhar de Stuart, surpreendido. - Sr. Mullen? Aquele homenzinho? Oh, não!

- Você não acha que ele seja seguro de si mesmo?

Leblanc sacudiu a cabeça. Olhou fixamente para Stuart, tentando descobrir nele qualquer expressão de humor. - Ele é completamente frio. Não sente qualquer emoção. É uma verdadeira máquina. Eu o acho repulsivo. O Sr. é diferente. Tem alguma coisa aí dentro, mas é controlado, Eu gostaria de ser assim.

Como se atraído pelo magnetismo da menção, embora não ouvida, do seu nome, Mullen veio juntar-se a eles. Sua lata de ração mal fora tocada. Ainda fumegava levemente quando ele se acocorou diante deles.

Sua voz tinha o tom habitual de sussurro de plantas rasteiras. - Quanto tempo, Sr. Stuart, pensa que vai durar esta viagem?

- Não sei dizer, Mullen. Sem dúvida eles evitarão as rotas comerciais e farão alguns rodeios através do hiperespaço a fim de escapar a uma eventual perseguição. Não me surpreenderia se levasse uma semana. Por que pergunta? Com certeza você tem algum motivo de ordem prática e lógica.

- Sim, certamente. - Mullen parecia inteiramente imune ao sarcasmo. Prosseguiu: - Ocorreu-me que talvez seja inteligente racionar as rações, por assim dizer.

- Temos alimento e água suficientes para um mês. Foi a primeira coisa que verifiquei.

- Percebo; Nesse caso vou acabar de comer. - Usou seu talher e, de tempos em tempos, limpava cuidadosamente, com um guardanapo, os lábios, que não estavam sujos.

Polyorketes levantou-se cerca de duas horas mais tarde. Estava tonto, parecendo o Fantasma da Ressaca. Não tentou aproximar-se de Stuart mas viu onde se encontrava e falou:

- Espião verde Fedorento, cuidado!

- Você ouviu o que eu disse antes, Polyorketes.

- Ouvi. Mas também ouvi o que você disse sobre Aristides. Não quero preocupar-me com você, porque você não passa de um saco vazio e barulhento. Mas não perde

por esperar. Qualquer dia você vai soltar bafo demais e vai perder todo o fôlego.

- Está bem, vou esperar que isso aconteça - disse Stuart.

Windham aproximou-se coxeando, pesadamente apoiado em sua bengala. - Ora, Ora! - começou, com ruidosa jovialidade, procurando disfarçar sua suarenta ansiedade, que a enfatizava mais ainda. - Somos todos terrestres, não nos esqueçamos disso; devemos manter essa lembrança como luminosa fonte de inspiração. Nunca deixemos que se apague, diante dos malditos Kloros. Ponhamos de lado animosidades pessoais e consideremos apenas que somos terrestres unidos contra estranhos.

A resposta de Stuart não se pode escrever.

Porter estava exatamente atrás de Windham. Estivera em conferência particular com o coronel durante uma hora, e agora dizia indignado: - Não adianta bancar o esperto, Stuart. Você ouviu o coronel. Estivemos pensando seriamente na situação.

Lavara o rosto, umedecera os cabelos e os esticara para trás. Mas não conseguira remover o tique de sua face direita nem tomar mais atrativas suis unhas roídas.

- Está bem, coronel - disse Stuart. - Qual é a sua ideia?

Windham respondeu: - Prefiro falar a todos.

- Pois bem, então chame-os.

Leblanc agitou-se. Mullen aproximou-se com deliberação.

- Vocês querem este homem como companheiro? - disse Stuart, e indicou Polyorketes com um aceno.

- É claro que sim. Responda-nos, Polyorketes! Podemos contar com você?

- Ora, deixem-me em paz.

- Estão vendo? - disse Stuart. - Deixem-no em paz. Não espero nada dele.

- Não, não - interferiu Windham. - É um assunto que interessa a todos os terrestres. Sr. Polyorketes, nós o queremos como companheiro.

Polyorketes virou-se para um lado, na maca. - Estou bastante perto, posso ouvi-lo.

Windham voltou-se para Stuart: - Você acha que os Kloros podem ter instalado microfones nesta cabina?

- Não - respondeu Stuart. - Por que o fariam?

- Tem certeza? -

- É claro que tenho. Eles não sabem o que aconteceu quando Polyorketes me agrediu. Talvez tenham ouvido apenas o ruído de nossa luta.

- Talvez eles estejam procurando dar a impressão de que não instalaram microfones.

- Ouça, coronel, nunca ouvi um Kloro mentindo deliberadamente...

Polyorketes interrompeu em voz tranquila: - Vejam como esse monte de barulho gosta dos Kloros.

Windham interveio imediatamente: - Não vamos começar de novo. Veja, Stuart, Porter e eu estivemos discutindo e chegamos à conclusão de que você conhece os Kloros bastante bem para imaginar um meio de nos levar de volta à Terra.

- Acontece que vocês estão enganados. Não posso imaginar nenhum meio de fazê-lo.

- Talvez exista algum modo de retomarmos a astronave desses verdinhos danados - sugeriu Windham.- Eles devem ter algum ponto fraco. Procure descobri-lo, você sabe o que eu quem dizer.

- Diga-me, coronel, o que é que o senhor está pretendendo? Pensa mais em sua própria pele do que nos interesses da Terra?

- A pergunta é desnecessária. Está claro que me preocupo com minha própria vida, como o faria qualquer pessoa. Mas penso primeiro na Terra. Creio que isso acontece com todos nós.

- É certo - disse Porter imediatamente.

Leblanc parecia ansioso, Polyorketes irritado e Mullen não tinha a menor expressão em seu rosto.

- Bem - prosseguiu Stuart. - É claro que não acredito que possamos retomar a astronave. Eles estão armados e nós não. Vocês sabem por que os Kloros tiveram o cuidado de apresar a astronave intacta? Eles precisam de astronaves. Eles podem ser melhores químicos do que os terrestres, mas nós somos os melhores engenheiros. Temos astronaves maiores, melhores e em maior número. Na verdade, se nossa tripulação tivesse demonstrado antes de mais nada respeito aos princípios militares, teria explodido a astronave antes que os Kloros a abordassem.

Leblanc parecia horrorizado. - E mataria todos os passageiros?

- E por que não? Você ouviu o que o bom coronel disse. Cada um de nós põe sua vida piolhenta acima dos interesses da Terra. Embora vivos, de que servimos agora para a Terra? Para nada. Que mal poderá causar esta astronave nas mãos dos Kloros? Provavelmente um inferno.

- Por que - perguntou Mullen - nossos homens se recusaram a explodir a nave espacial? Devem ter tido alguma razão.

- É claro que tiveram. Faz parte da tradição militar da Terra não poupar esforços para evitar uma desfavorável proporção de baixas. Se tivéssemos explodido a astronave, vinte combatentes e sete civis, todos terrestres, teriam morrido, enquanto o inimigo talvez não perdesse um só homem. Assim, que aconteceu? Permitiram que eles fizessem a abordagem, mataram vinte e oito Kloros - estou certo de que eliminamos pelo menos esse número de insetos - e deixaram que apresassem a astronave.

- Palavras, palavras, palavras - zombou Polyorketes.

- Em tudo isso - disse Stuart - existe uma moral. Não podemos retomar a astronave dos Kloros. Poderíamos surpreendê-los, porém, e mantê-los distraídos o bastante para que um de nós curto circuitasse os motores.

- O quê? - gritou Porter, e Windham o apoiou, assustado.

- Danificar as máquinas - repetiu Stuart. - E certo que isso significaria destruir a astronave. Mas não é o que queremos?

Leblanc tinha os lábios lívidos. - Penso que isso não será possível.

- Só poderemos saber depois de tentarmos. Mas o que poderíamos perder com a tentativa?

- Nossas vidas, que diabo! - gritou Porter. - Você é um maníaco demente, um louco!

- Se sou um maníaco, um louco varrido, então naturalmente sou um psicopata - disse Stuart. - Mas não se esqueçam de que se perdermos nossas vidas, e é bastante provável que isso aconteça, não estaremos perdendo nada que possa ser útil à Terra; mas se ao mesmo tempo destruirmos esta astronave, como é nosso dever, faremos à Terra um grande bem. Que patriota poderia hesitar? Qual dos presentes terá coragem de pôr sua pessoa acima do seu mundo? - Olhou em volta, em silêncio. - Sem dúvida, não o senhor, não é, coronel Windham?

Windham tossiu ruidosamente. - Meu caro amigo, não é essa a questão. Deve haver algum meio de recuperar a astronave para a Terra, sem perder nossas vidas.

- Pois bem, diga-nos como fazê-lo.

- Vamos pensar. Vejamos: agora, há apenas dois Kloros a bordo desta astronave. Se um de nós pudesse aproximar-se furtivamente deles e ...

- De que modo? Todos os outros compartimentos da astronave estão cheios de cloro. Teríamos que usar trajes apropriados. Por outro lado, nessa parte da astronave

a gravidade foi aumentada ao nível dos Kloros, de modo que quem quiser ser o otário, sairá rastejando por aí, bem devagar, mas sem poder surpreender ninguém.

- Então devemos procurar outro meio - disse Porter. - Ouça, Windham, não se trata de destruir a astronave. Minha vida significa muito para mim e se qualquer de vocês fizer uma tentativa nesse sentido, chamarei os Kloros. É isso que quero dizer.

- Bem - disse Stuart - aqui está o herói número um.

- Eu quero voltar à Terra, mas... - disse Leblanc.

- Não acredito que nossas possibilidades de destruir a astronave sejam suficientemente boas a menos que... - interrompeu Mullen.

- Ai estão os heróis número dois e número três. E quanto a você, Polyorketes, você teria a oportunidade de matar dois Kloros.

- Eu quero matá-los e o farei com as mãos nuas - resmungou o fazendeiro, os pesados punhos contraindo-se - em seu planeta matarei dezenas deles.

- Por agora, é uma linda promessa. E você, coronel? Não quer marchar para a morte e para a glória comigo?

- Sua atitude é cínica e inadequada, Stuart. E obvio que se os outros não aceitaram o seu plano, ele falhou.

- A menos que eu o execute sozinho.

- Você não o fará, está ouvindo? - disse Porter instantaneamente.

- Diabo! Eu o farei - replicou Stuart. - Não pretendo ser um herói. Sou apenas um patriota comum que pretende seguir para qual quer planeta ao qual eles me levem e permanecer longe da guerra.

Mullen disse, pensativamente: - Naturalmente há um meio de surpreender os Kloros.

A afirmação pareceu cair no vazio, a não ser quanto a Polyorketes. Ele ergueu um grosso indicador de unha negra e riu asperamente. - Senhor guarda-livros! - disse. - O senhor é um tagarela, tal como esse maldito espião verde, Stuart. Muito bem, senhor guarda-livros, vá em frente. Você também sabe fazer belos discursos. Deixe que as palavras rolem como um barril vazio.

Voltou-se para Stuart e repetiu venenosamente: - Barril vazio! Aleijado! Não presta para nada a não ser tagarelar.

A voz macia de Mullen mal se podia ouvir enquanto Polyorketes estava falando, mas, agora, ele insistiu, dirigindo-se diretamente a Stuart: - Podemos atingi-los a partir de fora. Esta sala tem um T-M, estou certo.

- O que é um T-M? - perguntou Leblanc.

- Bem... começou Mullen - mas deteve-se.

Stuart interveio em tom irônico. - Eufemismo, rapaz. Seu nome inteiro é Tubo-da-Morte. Em geral não se trata do assunto, mas os compartimentos principais de qualquer astronave não podem deixar de ter um Tubo-M, ou melhor, um T-M. Eles não são mais do que câmaras de vácuo através das quais se pode atirar um Cadáver. Enterro no espaço. Lamentações, manifestações de pesar, cabeças inclinadas, o capitão fazendo um discurso do tipo que não agrada a Polyorketes.

O rosto de Leblanc se contraiu. - Usar isso para sair da astronave?

- Por que não? Você é supersticioso? Continue, Mullen!

O homenzinho tinha esperado com paciência. Continuou: - Uma vez do lado de fora, podemos voltar ao interior da astronave através dos tubos de vapor. Com alguma sorte isso é possível e então haveria um visitante inesperado na sala de controle.

Stuart olhou-o com curiosidade. - Como pôde imaginar isso? O que você sabe sobre tubos de vapor?

Mullen pigarreou. - Você está estranhando porque eu sou um burocrata? Bem...-

Corou, calou-se por um momento e recomeçou em voz sem cor, inteiramente despida de emoção: - Minha empresa, que fabrica caixas de papel bonitinhas e embalagens de luxo, construiu, alguns anos atrás, toda uma linha de caixas de doces espaciais, para crianças. O projeto foi elaborado de tal forma que, comprimindo-se um botão, pequenas câmaras de pressão eram perfuradas e jatos de ar comprimido eram lançados através de falsos tubos de vapor transportando a caixa pelo compartimento e espalhando os doces à medida que "voava". A teoria de vendas afirmava que as crianças achariam excitante e engraçado brincar de astronave, à procura dos doces.

- Mas, na verdade, a coisa falhou completamente. As caixas muitas vezes atingiam objetos que quebravam e chegavam a ferir os olhos de alguém. Pior ainda: as crianças não se limitavam a procurar os doces, mas brigavam por eles. Foi a nossa maior falha.

- Contudo, enquanto as caixas estavam sendo projetadas, todos os funcionários se mostraram extremamente interessados. Era como um jogo, e muito ruim para a disciplina. Durante algum tempo todos nós nos tomamos especialistas em tubos de vapor. Eu mesmo li vários livros sobre construção de naves, mas em minhas horas de lazer, não durante o trabalho.

Stuart estava intrigado. - É uma ideia meio novelesca, mas pode funcionar, se tivermos um herói para queimar. Algum voluntário?

- Que tal você? - perguntou Porter, indignado. - Sai por aí com suas extravagâncias, para nos impressionar, mas não é voluntário para nada.

- É por isso que não sou herói, Porter. Admito. Meu objetivo é ficar vivo, e escorregar por tubos de vapor não me parece um meio de permanecer vivo. Mas vocês são grandes patriotas. O coronel já o afirmou. Que há com você, coronel? Você aqui é o decano dos heróis.

- Se eu fosse mais jovem e se você tivesse mãos, eu lhe daria uma surra - disse Windham.

- Não duvido, mas essa não é uma resposta.

- Você sabe muito bem que com a minha idade e com esta perna... - bateu com a palma da mão no joelho anquilosado - não estou em condições de fazer uma coisa dessas, embora vontade não me falte.

- Está bem - disse Stuart. - Quanto a mim, sou um aleijado, como afirmou Polyorketes. Isso nos exclui. Que outras infelizes deformidades podem os outros apresentar?

- Ouça - gritou Porter. - Quero saber mais sobre isso. Como poderá alguém descer pelos tubos de vapor? Que aconteceria se os Kloros os utilizassem quando um de nós estivesse lá dentro?

- Ora, Porter. Isso faz parte do jogo. Por isso é tão excitante.

- Mas quem estiver lá dentro poderá ficar cozido. Dentro da casca, como uma lagosta.

- Uma bonita imagem, mas inadequada. O vapor não permanecerá no tubo por muito tempo, talvez por um ou dois segundos. Além disso, o jato de vapor escapa a várias centenas de quilômetros por minuto e assim você estará fora da astronave antes que o vapor tenha podido afetá-lo. Na verdade, você seria lançado a vários quilômetros no espaço e assim estaria a salvo dos Kloros. Contudo, não teria meios de voltar à astronave.

Porter estava suando em bicas. - Você não me assusta, Stuart.

- Não? Você estará se oferecendo? Está cedo de que pensou bem no que significa ficar perdido no espaço? Você ficará só, inteiramente só. O jato de vapor provavelmente o fará girar ou saltar rapidamente. Você nem o perceberá. Terá a impressão

de estar imóvel, mas todas as estrelas estarão girando e girando de modo a não parecerem mais do que riscos no céu. Elas jamais se deterão. Jamais pararão. Então seu aquecedor deixará de funcionar, seu oxigênio acabará e você morrerá lentamente. Haverá muito tempo para pensar. Mas, se você tiver pressa, pode abrir o traje espacial. O que também não será agradável. Já vi o rosto de homens cujo traje espacial se rasgou acidentalmente; aterrorizador. Contudo, seria mais rápido. Então...

Porter girou nos calcanhares e afastou-se, claudicante.

Stuart insistiu com voz suave: - Outro fracasso. Um ato de heroísmo que morre antes da melhor oferta.

Polyorketes falou e sua áspera voz tomava as palavras desagradáveis. - O "boca grande" não para de falar. Continua batendo no bumbo. O que você merecia era um murro na boca. Conheço um rapaz que gostaria muito de fazer isso, não é, Sr. Porter?

O olhar que Porter lançou a Stuart confirmava a verdade da afirmação de Polyorketes, mas ele nada disse.

Stuart prosseguiu: - Que tal você, Polyorketes? Você é um maneta bem-humorado. Quer que o ajude a se vestir?

- Eu direi, quando precisar de ajuda.

- E quanto a você, Leblanc?

O jovem se retraiu.

- Nem mesmo para encontrar Margaret?

Mas Leblanc não fez mais do que sacudir a cabeça.

- Mullen?

- Bem... Eu tentarei.

- Você o quê?

- Eu disse sim. Eu tentarei. Afinal, a ideia foi minha.

Stuart olhou-o atordoado. - Está falando sério? Que aconteceu?

Mullen continuou em tom afetado. - Uma vez que ninguém quer fazê-lo...

- Mas essa não é uma razão válida. Especialmente para você.

Mullen encolheu os ombros.

Ouviu-se o ruído de uma bengala atrás de Stuart. Windham se aproximou.

Disse: - Você pretende realmente ir, Mullen?

- Sim, coronel.

- Nesse caso, deixe-me cumprimentá-lo. Eu gosto de você. Você é um... um... terrestre, caramba! Se fizer isso, seja bem-sucedido ou morra, deporemos em seu favor.

Mullen recolheu a mão desajeitadamente, receando o forte aperto do outro.

E Stuart ficou ali parado, sentindo-se em posição na qual raramente se encontrava. Nada tinha a dizer.

O tipo de tensão modificara. O abatimento e a frustração cederam um pouco, substituídos pelo ardor da conspiração. Até mesmo Polyorketes estava apalpando os trajes espaciais, comentando, em alguns ásperos resmungos, qual lhe parecia melhor.

Mullen estava tendo problemas. O traje espacial pendia flacidamente de seu corpo, embora todas as suas partes ajustáveis tivessem sido apertadas ao máximo. Agora faltava apenas o capacete. Mexeu o pescoço.

Stuart estava segurando o capacete com certo esforço. Era muito pesado, e suas mãos artiplasmáticas não conseguiam segurá-lo bem. Ele disse: - Esfregue o nariz se ele está coçando. Será a sua última oportunidade, por algum tempo. - Quis acrescentar: Talvez para sempre - mas desistiu.

Mullen disse, indiferente: - Penso que talvez seria melhor levar um tubo de oxigê-

nio de reserva.

- Não seria mau.

- Com uma válvula redutora.

Stuart assentiu com a cabeça: - Sei o que estava pensando. Se for projetado longe da astronave, poderá tentar voltar até ela usando o tubo de oxigênio como um motor a jato.

Apanhou um tubo de oxigênio de reserva e prendeu-o ao cinturão de Mullen. Polyorketes e Leblanc levaram-no até a abertura do Tubo-M, que parecia um sorvedouro. Estava terrivelmente escuro lá dentro, o metal de revestimento interno era pintado de um preto lúgubre. Stuart pensou ter sentido um cheiro de mofo, mas sabia que não passava de imaginação.

Parou, por um momento, quando Mullen já estava com metade do corpo dentro do tubo. Bateu de leve no capacete do homenzinho.

- Você pode me ouvir?

Do interior, houve um aceno de assentimento.

- O abastecimento de ar está indo bem? Nenhuma dificuldade de última hora?

Mullen ergueu o braço num gesto de confirmação.

- Então, não se esqueça. Não use o rádio fora daqui. Os Kloros poderiam captar os seus sinais.

Com relutância, Stuart afastou-se. As mãos morenas de Polyorketes empurraram Mullen enquanto pôde ouvir o ruído surdo causado pelos pés calçados de aço contra a válvula exterior. A válvula interna fechou-se, temível e definitivamente, sua vedação de silicone emitindo um leve sopro, comprimindo-se. Eles a travaram no lugar. Stuart olhou a alavanca da válvula exterior. Acionou-a e o painel que indicava a pressão do ar dentro do tubo caiu a zero. Um ponto minúsculo de luz vermelha indicou que a válvula exterior estava aberta. Depois a luz desapareceu, a válvula fechou-se e o indicador subiu vagarosamente de novo até quinze libras.

Abriram novamente a válvula interna e olharam para dentro do tubo. Estava vazio.

Polyorketes foi o primeiro a falar. Disse: O pequeno patife...! Ele se foi! - Olhou interrogativamente para os outros.

- Um homenzinho daquele tamanho e tão corajoso!

Stuart interferiu: - É melhor ficarmos preparados para o que der e vier. Sempre haverá a possibilidade de que os Kloros tenham detectado sinais das válvulas abrindo e fechando. Se isso aconteceu, eles virão aqui investigar e teremos que disfarçar.

- De que modo? -perguntou Windham.

- Se eles sentirem a falta de Mullen, diremos que foi ao banheiro. Os Kloros sabem que uma das peculiaridades terrestres é não suportar intromissões em sua intimidade nos banheiros. Assim, creio que não insistirão... Se conseguirmos mantê-los afastados...

- E se eles resolverem esperar ou derem por falta do traje espacial? - perguntou Porter.

Stuart deu de ombros. - Esperemos que não o façam. E você, Polyorketes, trate de não fazer nenhum espalhafato quando eles vierem.

Polyorketes grunhiu: - Com o homenzinho lá fora? Que pensa que eu sou? - Olhou para Stuart com animosidade e depois passou as mãos com força pelos cabelos. - Você sabe, eu ri dele. Tratei-o como se fosse um covardão. E ele me envergonhou.

Stuart pigarreou e disse:

- Eu também disse algumas coisas que afinal de contas podem não ter sido muito agradáveis. Mas agora, pensando bem, lamento o que fiz.

Voltou-se lentamente e caminhou para o beliche. Ouviu passos que o seguiam e

sentiu alguém tocando no seu braço. Era Leblanc.

O jovem disse com voz suave: - Contínuo pensando que Mullen é um velho.

- Bem, ele não é nenhum bebê. Penso que deve ter uns 45 ou 50 anos.

- O senhor acha que eu deveria ter ido em seu lugar? Eu aqui sou o mais jovem. Não gosto de pensar que deixei um velho tomar o meu lugar. Com os diabos! Sinto-me mal! - disse Leblanc.

- Eu sei. Se ele morrer, as coisas ficarão piores.

- Mas ele se ofereceu voluntariamente. Não o forçamos, não é?

- Não procure assumir a responsabilidade, Leblanc. Isso não o fará sentir-se melhor. Não havia nenhum de nós com motivo mais forte do que ele para correr semelhante risco.

E Stuart sentou-se calado, pensando.

Mullen sentiu que o obstáculo sob seus pés cedia e que as paredes ao seu redor passavam rapidamente, muito rapidamente.

Percebeu que era o jato de ar escapando, arrastando-o, e comprimiu violentamente braços e pernas contra as paredes para resistir a esse impulso. Sem dúvida os cadáveres não ofereciam qualquer resistência ao serem lançados da astronave, mas ele não era um cadáver - pelo menos até agora.

Seus pés balançaram-se livremente e se separaram. Ouviu o tinido de uma bota magnética contra a fuselagem até que o resto do seu corpo saltou fora como uma rolha sob a pressão do ar. Ele oscilou perigosamente à borda da abertura da astronave - mudara de repente de direção e estava olhando para baixo - então deu um passo para trás enquanto a tampa desceu, ajustando-se suavemente à fuselagem.

Uma impressão de irrealidade o envolveu. Sem dúvida, não era ele que estava ali, do lado de fora de uma astronave. Não Randolph F. Mullen. Poucos seres humanos poderiam dizer ter feito isso, nem mesmo aqueles que viajavam constantemente no espaço.

Gradativamente foi tomando consciência de que sentia dor. Saltar como uma pipoca para fora daquela abertura, com um pé preso à fuselagem, quase o partira em dois. Tentou mover-se cautelosamente, e percebeu que seus movimentos eram desordenados e quase incontroláveis. Achava que nada estava quebrado, embora os músculos de seu flanco esquerdo estivessem seriamente contundidos.

Então caiu em si e percebeu que as luzes dos punhos do seu traje espacial estavam acesa Foi com aquela luz que conseguira enxergar, na escuridão do T-M. Tremeu ao pensar que os Kloros poderiam ver os dois pontos de luz se movendo do lado de fora do casco. Desligou os interruptores no centro do traje.

Mullen jamais imaginara que, de pé sobre uma astronave, pudesse não ver a sua fuselagem. Mas a escuridão era profunda tanto abaixo quanto acima dele. Havia as estrelas, pequenos pontos brilhantes sem dimensão. Nada mais. Nada mais que isso por toda a parte. Sob seus pés, nem mesmo as estrelas - nem mesmo seus pés.

Curvou-se para trás para ver as estrelas. Sentiu a cabeça girando. As estrelas se moviam vagarosamente. Ou, talvez, estivessem paradas e a astronave estivesse girando. Mas os olhos não o enganavam. Elas se moviam. Seus olhos acompanhavam-lhes os movimentos - abaixo e acima da astronave. Novas estrelas também se moviam do outro lado. O horizonte era negro. A astronave existia somente como uma região onde não havia estrelas.

Sem estrelas? Ora, havia uma quase a seus pés. Tentou alcançá-la e então percebeu que não passava de um reflexo brilhante no metal polido.

Eles se deslocavam a milhares de quilômetros por hora. As estrelas existiam. A astronave existia. Ele existia. Mas isso não tinha o menor significado. Para os seus sentidos, havia somente silêncio e escuridão e o moroso girar das estrelas. Acompanhou com os olhos o movimento...

E sua cabeça, no capacete, bateu contra a fuselagem da astronave com leve ruído de sino.

Ele se sentiu em pânico com as espessas e insensíveis luvas de silicato. Seus pés ainda estavam firmemente magnetizados à fuselagem, mas o resto do corpo se dobrava para trás e seus joelhos formavam um ângulo reto. Não havia gravidade fora da astronave. Se ele se inclinava para trás, não havia nada que o empurrasse de volta a parte superior do seu corpo e que dissesse às suas juntas que elas estavam dobradas. Seu corpo permanecia na posição em que ele o pusesse.

Comprimiu-se violentamente contra a fuselagem e seu dorso disparou para cima recusando-se a parar quando ficou em posição ereta. Caiu para a frente.

Tentou de novo mais vagarosamente, equilibrando-se com as duas mãos contra a fuselagem até ficar de quatro. Então, para cima. Devagar. De pé. Braços abertos, para equilibrar.

Agora estava de pé, com náuseas e vertigem.

Olhou ao redor. Deus! Onde estavam os tubos de vapor? Não conseguia vê-los. Eles eram negro sobre negro, nada sobre nada.

Rapidamente acendeu as luzes dos pulsos. No espaço não havia raios, apenas manchas de luz elípticas nitidamente definidas, de um azul de aço refletindo a luz para ele. Quando atingiam um rebite, uma sombra se projetava, cortante como uma faca, negra como o espaço, a região clara iluminada abruptamente e sem difusão.

Moveu os braços, seu corpo oscilando levemente em sentido oposto; ação e reação. A visão de um tubo de vapor com suas paredes cilíndricas abriu-se diante dele.

Tentou deslocar-se em direção a ele. Seus pés se mantinham com firmeza presos à fuselagem. Puxou-os num esforço para cima; parecia-lhe estar pisando areia movediça que cedia rapidamente. Dez centímetros para cima e ele quase se libertava; mais alguns e seria projetado para longe.

Avançou, sentindo a areia movediça sob os pés. Quando as solas de suas botas estavam a poucos centímetros da fuselagem, chocavam-se contra ela, sem controle, ruidosamente. Seu traje espacial absorvia as vibrações, amplificando-as em seus ouvidos.

Parou em completo terror. Os desidratadores que secavam a atmosfera dentro do seu traje espacial não podiam conter a inesperada torrente de suor que descia pela fronte e de suas axilas.

Esperou um pouco e então experimentou mover o pé novamente - alguns milímetros, mantendo-os assim com grande esforço e deslocando-o horizontalmente. Os movimentos horizontais não exigiam nenhum esforço; os que lhe criavam dificuldades eram os movimentos perpendiculares às linhas de força magnéticas. Mas bastava-lhe impedir o pé de bater, descê-lo vagarosamente.

Ele arquejava pelo esforço. Cada passo era uma agonia. Os tendões dos seus joelhos pareciam partir-se e havia facas penetrando em seu flanco.

Mullen parou para que a transpiração secasse. Tinha que impedir que se evaporasse sobre a viseira de seu capacete. Piscou as lâmpadas dos seus pulsos e o tubo de vapor mostrou-se logo à frente.

A astronave tinha quatro desses tubos, projetando-se para fora, a intervalos de noventa graus. Por meio deles se fazia o "ajuste fino" da trajetória. O ajuste grosso era feito com os poderosos propulsores anteriores e posteriores que determinavam a ve-

locidade final pela sua força aceleradora e desaceleradora e com os dispositivos hiperatômicos que cuidavam dos Saltos, que engolem o espaço.

Contudo, ocasionalmente, a direção do voo precisava ser levemente ajustada; e então os tubos de vapor entravam em ação. Um deles, sozinho, podia inclinar a astronave para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda. Mas ao pares, bem conjugados, poderiam mover a astronave em qualquer direção.

Um dispositivo tão simples de desenvolver tinha sido conservado por séculos. A pilha atômica aquecia a água de um recipiente fechado, transformando-a em vapor e elevando-a em menos de um segundo a temperaturas às quais ela se desdobrava em uma mistura de hidrogênio e oxigênio, e então em uma mistura de elétrons e tons. Talvez a fissão se processasse, mas ninguém se preocupava em testar. A coisa funcionava e, assim, não havia motivo para preocupação.

No ponto crítico, a agulha de uma válvula cedia e o vapor era expelido em um jato curto mas de inacreditável potência. Inevitavelmente, a astronave se movia, majestosa, em sentido contrário, girando em torno do seu próprio centro de gravidade. Quando os graus da rotação eram suficientes, um jato de igual potência, mas em sentido oposto, se verificava e a volta era neutralizada. A astronave continuava se deslocando à velocidade anterior mas em outra direção.

Mullen conseguira arrastar-se até a borda do tubo de vapor. Pensava consigo mesmo: um pequeno ponto, oscilando na extremidade de uma estrutura que fendia o espaço a mais de quinze mil quilômetros por hora.

Mas não havia nenhuma corrente de ar para varrê-lo da fuselagem e as solas magnéticas das suas botas mantinham-no com firmeza maior do que ele próprio teria desejado.

Com as luzes acesas, abaixou-se para examinar o interior do tubo e a astronave deslocou-se mais rapidamente com o seu movimento brusco. Procurou endireitar o corpo, mas não estava caindo. No espaço, não havia para cima ou para baixo, a não ser quanto ao que sua mente confusa convencionasse chamar "abaixo e acima".

O cilindro tinha diâmetro suficiente para conter um homem que precisasse entrar para reparos. As luzes dos seus punhos revelaram os degraus do lado exatamente oposto àquele em que se encontrava na borda da abertura. Com todo o fôlego que pôde reunir, deu um grande suspiro de alívio. Algumas astronaves não tinham escadas.

Arrastou-se em direção a eles, a astronave parecendo escorregar e agitar-se sob seu corpo à medida que ele se deslocava. Ergueu lentamente um pé e passou-o por sobre a borda do tubo, tateando em busca dos degraus, libertando um pé de cada vez e o arrastando para dentro.

O aperto que sentira no estômago desde o começo, transformara-se agora em agonia convulsiva. E se eles se decidissem a manipular a astronave ou se o vapor fosse ligado agora...

Nunca o saberia. Neste momento, ele estava se firmando num degrau, procurando cautelosamente o seguinte com a mão vacilante e, no outro momento, já poderia estar só no espaço, a astronave transformada numa escura não-existência perdida para sempre entre as estrelas. Poderia ter havido talvez, durante alguns breves segundos, gloriosos turbilhões de cristais de gelo, deslizando com ele, brilhando nas luzes dos seus pulsos, aproximando-se lentamente e girando sobre ele, atraídos por sua massa, como planetas infinitesimais gravitando em torno de um sol absurdamente pequeno.

Ele recomeçara a suar copiosamente e agora também sentia muita sede. Procurou afastar da mente a desagradável sensação. Não haveria qualquer bebida enquanto

não se livrasse do seu traje espacial, se é que isso ainda iria acontecer.

Mais um degrau, mais um, e outro ainda. Quantos haveria? Sua mão adiantou-se e ele olhou, quase sem acreditar, o brilho que surgiu sob as luzes.

Gelo?

Por que não? O vapor, à temperatura inacreditavelmente elevada em que se encontrava, se teria chocado com o metal, que estava quase a zero absoluto. Nas frações de segundo de funcionamento, não teria havido tempo para o metal aquecer-se acima do ponto de congelamento da água. Uma camada de gelo teria se condensado e se sublimaria vagarosamente no vácuo. Era a rapidez com que as coisas ocorriam que impedia a fusão dos tubos e do próprio recipiente original da água.

Sua mão tateante encontrou o fim. De novo as luzes de pulso. Olhou apavorado o bocal de saída do vapor. Tinha menos de dois centímetros de diâmetro. Parecia inerte, inofensivo. Mas, a qualquer momento, num milésimo de segundo, poderia...

Em torno dele, o fecho externo da saída de vapor, pivotado em um eixo central na parte que emergia em direção ao espaço e parafusado no sentido da astronave. As molas mantinham-no sob o jato de vapor antes que a poderosa inércia da astronave pudesse ser vencida, O vapor era orientado para a câmara interna, quebrando a força do impulso, deixando a energia total inalterada, mas expandindo-a com o tempo, de modo que a própria fuselagem corria muito menos perigo de se romper.

Mullen agarrou-se com firmeza em um degrau e comprimiu-se contra o fecho externo, de modo que ele cedesse um pouco. Era muito difícil movê-lo, mas não era preciso que cedesse muito, apenas o suficiente para enroscar o parafuso. Sentiu que o conseguira.

Exerceu pressão sobre ele e torceu-o sentindo seu corpo girar em sentido contrário. Manteve-se com firmeza, o parafuso suportando a pressão enquanto, cautelosamente, ele ajustava o interruptor de controle para soltar as molas. Lembrava-se muito bem dos livros que havia lido!

Agora ele estava na câmara estanque, suficientemente ampla para que um homem ali se mantivesse confortavelmente ao fazer reparos, e já não poderia ser expelido para fora da astronave. Se o dispositivo de vapor fosse acionado agora, seria apenas atirado contra o fecho interno, com força suficiente para ser transformado em pasta. Pelo menos nem teria tempo de sentir a morte.

Vagarosamente, desprendeu o tubo de oxigênio de reserva. Agora, entre ele e a sala de controle havia apenas uma porta interna. Essa porta abria para fora, para o espaço, de modo que o jato de vapor podia apenas fechá-la mais fortemente, e não abri-la. Ela se ajustava hermeticamente, sem saliências. Não havia meio de abri-la por fora.

Ergueu-se acima do fecho, forçando o corpo contra a superfície interna da área de engate; com isso sentia dificuldade para respirar. O tubo de oxigênio de reserva inclinou-se num ângulo estranho. Mullen tomou o bocal de borracha revestido com rede metálica e o apertou, forçando-o contra o fecho interno, de modo que a vibração fazia um ruído surdo. Forçou mais uma vez, e outra...

Precisava atrair a atenção dos Kloros. Eles tinham que investigar.

Mas não havia meios de saber se realmente estavam fazendo isso. Em geral, primeiro eles injetavam ar na câmara para forçar a porta exterior a fechar-se. Mas agora a porta exterior estava no parafuso central, muito longe de sua borda externa. O ar seria sugado, perdendo-se no espaço.

Mullen continuou forçando o tubo de borracha. Teriam os Kloros olhado o manômetro e percebido que praticamente não passava do zero, ou pressupunham que estivesse funcionando bem?

- Ele saiu há uma hora e meia - disse Porter.

- Eu sei - respondeu Stuart.

Sentiam-se intranquilos, nervosos, mas a tensão desaparecera. Era como se todos os fios da emoção se prendessem à fuselagem da astronave.

Porter estava aborrecido. Sua filosofia de vida tinha sido sempre muito simples: tome conta de si mesmo porque ninguém o fará por você. Aborrecia-o vê-la abalada.

- Acreditam que eles o apanharam? - disse ele.

- Se o tivessem feito, nós já saberíamos - replicou Stuart secamente.

Porter sentiu, com uma dor aguda, que havia pouco interesse da parte dos outros em falar com ele. Compreendia-o; nada fizera para conquistar o seu respeito. Agora, uma torrente de desculpas passava-lhe pela mente numa tentativa de justificar-se. Os outros também tinham ficado assustados. Um homem tem o direito de ter medo. Ninguém quer morrer. Pelo menos, ele não perdera a cabeça como Aristides Polyorketes. Nem chorara como Leblanc. Ele... Mas havia Mullen, lá fora, no casco.

- Ouçam - gritou - por que ele fez isso?

Todos voltaram-se para ele sem entender, mas Portar não se preocupou. A questão o incomodava a ponto de ter que falar.

- Eu gostaria de saber por que Mullen está arriscando a vida.

- O homem - retrucou Windham - é um patriota.

- Não me venha com essa! - Porter estava quase histérico. - Aquele sujeitinho não tem emoções; só tem razões, e quero saber quais são, porque...

Não terminou a frase. Poderia dizer que se essas razões se aplicavam a um contadorzinho de meia-idade, aplicar-se-iam mais fortemente a si próprio?

- Ele é um homenzinho muito corajoso, é isso o que é - disse Polyorketes.

Porter levantou-se. - Ouçam, ele pode estar preso lá fora. Seja o que for que esteja fazendo, talvez não tenha condições de chegar ao fim sozinho. Sou voluntário para ir atrás dele.

Tremia ao dizer isso e esperava com receio a reação ferina de Stuart. Este o olhava provavelmente com surpresa, mas Porter não ousava procurar os seus olhos para certificar-se.

- Vamos lhe dar mais meia hora - disse Stuart, suavemente.

Porter ergueu os olhos surpreendido. Não havia zombaria no rosto de Stuart. Sua expressão era amistosa. Todos o olhavam amistosamente.

Disse: - Então...

- Então, todos aqueles que queiram apresentar-se como voluntários, se manifestem. Quem quer juntar-se a Mullen, além de Porter?

Todos ergueram a mão, inclusive Stuart.

Mas Porter estava feliz. Fora o primeiro. Sentia-se ansioso para ver passar a meia hora.

Mullen foi apanhado de surpresa. A porta exterior abriu-se e o pescoço do Kloro, longo, fino, semelhante a uma cobra e quase sem cabeça, foi sugado para fora, incapaz de opor-se ao jato de ar que se escapava.

O tubo de oxigênio de reserva de Mullen soltou-se e lhe escapou. Depois de um terrível momento de pânico, lutou para mantê-lo acima da corrente de ar, esperando que passasse o jato mais forte, inicial, enquanto o ar da câmara de controle se reduzia. Finalmente, conseguiu abaixá-lo, com firmeza. Atingiu o pescoço musculoso, esmagando-o. Mullen encolheu-se acima do fecho, quase inteiramente protegido da correnteza. Ergueu de novo o cilindro e baixando-o com violência bateu contra a ca-

beça do Kloro, esmagando-lhe os olhos esbugalhados, com fúria. Na atmosfera de vácuo quase completo, o sangue verde começou a correr do que sobrou do pescoço.

Mullen sentiu náuseas, mas não se atreveu a vomitar.

Desviando os olhos, recuou, tomou o fecho externo com uma das mãos e o torceu. Por vários segundos, continuou apertando. Quando o parafuso chegou ao fim, as molas se engrenaram automaticamente e a porta se fechou. O que restara da atmosfera exercia pressão sobre ela e as bombas poderiam agora voltar a encher a sala de controle.

Mullen arrastou-se sobre o Kloro esmagado e entrou na câmara. Estava vazia.

Mal teve tempo de perceber que estava de joelhos. Ergueu-se com dificuldade. A transição da ausência de gravidade para a gravidade o apanhara de surpresa. Além disso, tratava-se de gravidade kloriana, o que significava que com o traje espacial ele se tomara cinquenta por cento mais pesado. Pelo menos, pensou, suas pesadas botas de ferro já não grudavam tanto contra o metal abaixo dele. Dentro da astronave, os pisos e as paredes eram recobertos de alumínio revestido de cortiça.

Deslocou-se vagarosamente. O Kloro sem pescoço estava caído. Apenas um estremecimento ocasional lembrava que ele já fora um organismo vivo. Mullen, enojado, passou sobre ele e fechou o tubo de vapor.

A sala de comando tinha um depressivo tom bilioso e as luzes brilhavam com um amarelo-esverdeado. Era a atmosfera dos Kloros.

Mullen teve um momento de surpresa e relutante admiração. Obviamente os Kloros já dispunham de algum processo de tratamento dos materiais, de modo que ficavam imunes à ação oxidante do cloro. Até mesmo o mapa-múndi que pendia da parede, impresso em papel plástico brilhante, parecia intacto. Mullen aproximou-se atraído pela figura familiar dos continentes...

Com o canto dos olhos apreendeu um leve movimento. Voltou-se o mais rapidamente que pôde em seu pesado traje espacial e deu um grito agudo. O Kloro, que ele julgara morto, estava se levantando.

Seu pescoço pendia flácido, uma pegajosa massa de tecido esmagado, mas seus braços se erguiam às cegas e os tentáculos em seu peito vibravam rapidamente como numerosas línguas de serpente.

Sem dúvida, estava cego. O esmagamento do pescoço o tinha privado de todo o sistema sensorial e uma asfixia parcial o desorganizara. Mas o cérebro permanecia inatingido e inteiro no abdômen. Ele ainda vivia. Mullen recuou. Movimentava-se tentando inutilmente andar na ponta dos pés, embora soubesse que o que restara do Kloro também não ouvia. Movia-se tropeçando, chocando-se com a parede e avançando de lado.

Mullen procurou desesperadamente uma arma, mas nada encontrou. Havia o coldre do Kloro, mas não ousava apanhá-lo. Idiota! Por que não o liquidara completamente?

A porta da câmara de controle abriu-se quase sem ruído. Mullen voltou-se tremendo.

O outro Kloro entrou, incólume, ileso. Manteve-se por um momento á porta, as gavinhas do peito rígidas e imóveis. Seu pescoço estendeu-se para a frente. Os horríveis olhos voltaram-se primeiro para Mullen e depois para o camarada quase morto.

Então sua mão moveu-se rapidamente para o lado.

Instintivamente, num puro reflexo, Mullen também se deslocou rapidamente. Estendeu o bocal do tubo de oxigênio de reserva que, desde que entrara na sala de comando, tornara a prender em seu suporte, e abriu a válvula. Não foi preciso reduzir a pressão. O jato saiu sem encontrar obstáculos, de modo que Mullen quase caiu sob o

seu impulso.

Ele podia ver a corrente de oxigênio. Era uma pálida lufada, crescendo em meio ao verde do cloro, O jato apanhou o Kloro já com a mão atingindo o coldre de sua arma.

O Kloro ergueu as mãos. O pequeno bico na protuberância de sua cabeça abriu-se alarmado, mas silencioso. Cambaleou e caiu, debateu-se por um momento e ficou inerte. Mullen aproximou-se e cobriu-lhe o corpo com o jato de oxigênio como se usasse um extintor de incêndio. Então, ergueu a pesada bota, deixou-a cair no centro do fino pescoço e esmagou-o contra o chão.

Depois voltou-se para o primeiro Kloro. Estava caído, rígido.

Toda a câmara de controle ficara enevoada de oxigênio, em quantidade bastante para matar legiões de Kloros. E o tubo de reserva estava vazio.

Mullen caminhou sobre o Kloro morto, saiu da câmara de controle e seguiu pelo corredor principal, para a cabina dos prisioneiros.

Só então veio a reação. Começou a chorar, tomado de um terror cego e incontrolado.

Stuart sentia-se cansado, Apesar das mãos artificiais, estava de novo no comando de uma nave espacial. Dois cruzadores leves da Terra estavam a caminho. Por mais de vinte e quatro horas ele mantivera os controles sozinho. Descartara-se do equipamento de cloro, restabelecera a atmosfera anterior, recolocara a astronave em posição no espaço, tentara traçar um curso, e cuidadosamente enviara sinais de aviso. Tudo funcionara bem.

Assim, quando a porta da sala de comando se abriu, ele ficou um pouco aborrecido. Estava muito cansado para conversar. Voltou-se e viu Mullen de pé à entrada. Disse: - Por Deus, Mullen, vá para a cama!

- Estou cansado da cama, se bem que não diria isso instantes atrás.

- Como se sente?

- Ainda estou dolorido. Especialmente no quadril. - Fez uma careta e involuntariamente olhou ao redor.

- Não espere ver os Kloros - disse Stuart, - Nós nos livramos dos pobres-diabos. - Sacudiu a cabeça. - Sinto por eles. Do ponto de vista dos Kloros, eram eles os humanos, você sabe, e nós os alienígenas. Compreende?

- Sim, entendo.

Stuart lançou um demorado olhar ao homenzinho que se sentara junto ao mapa-múndi e prosseguiu: - Eu lhe devo uma particular e pessoal desculpa, Mullen. Eu não esperava muito de você.

- Era direito seu - disse Mullen secamente, sem qualquer emoção.

- Não, não era. Ninguém tem o direito de menosprezar os outros, a não ser após uma longa experiência negativa.

- Você estava pensando nisso?

- Sim, o dia inteiro. Talvez eu não possa explicar. Mas creio que são estas mãos. - Ergueu as mãos e continuou: - É duro saber que outras pessoas têm mãos normais. Eu as odiava por isso. Eu sempre sentia necessidade de investigar e diminuir os seus motivos. De ressaltar suas deficiências e de expor as suas falhas. Eu faria tudo para provar a mim mesmo que elas não eram dignas de inveja.

Mullen mexeu-se intranquilo. - Essa explicação não era necessária.

- Era sim! Era sim! - Stuart concentrava-se fortemente em seus pensamentos, procurando transformá-los em palavras. - Por muitos anos eu perdi a esperança de en-

contrar qualquer dignidade nos seres humanos. Então, você se lançou pelo T-M.

- Você não entendeu - disse Mullen. - Fui motivado por considerações práticas e egoístas. Eu não pretendia que vocês me considerassem um herói.

- Nós também não pretendíamos fazê-lo. Eu sei que você não faria nada sem um motivo. O importante foi o resultado do seu ato para cada um de nós. Ele transformou um grupo de impostores e idiotas em pessoas decentes. E não foi nenhum passe de mágica. Apenas eles precisavam de algum motivo para Isso e você lhes deu esse motivo. E eu sou um deles. Provavelmente, pelo resto de minha vida deverei isso a você.

Mullen agitou-se constrangido. Sua mão estendeu-se e um de seus dedos se deteve em um ponto do mapa.

- Eu nasci em Richmond, Virgínia, você sabe - disse ele. - Fica aqui. Irei para lá em primeiro lugar. Onde você nasceu?

- Em Toronto - disse Stuart.

- Exatamente aqui. Não muito distante no mapa.

- Você está querendo me dizer alguma coisa? - disse Stuart.

- Se for possível.

- Porque você saiu?

Mullen franziu a boca. Disse, secamente: - Talvez os meus prosaicos motivos arruinassem o efeito da inspiração.

- Você pode chamar de curiosidade intelectual. Cada um de nós tinha os seus motivos. Porter estava apavorado com a ideia de ficar internado; Leblanc queria voltar aos braços da noiva; Polyorketes pretendia matar Kloros, e Windham, em sua própria opinião, era um patriota. Quanto a mim, eu me considerava um nobre idealista. Contudo, em nenhum de nós o motivo foi suficientemente forte para nos levar a vestir o traje espacial e a nos lançar pelo T.M. Por que justamente você, de todos nós?

- Por que "de todos nós"?

- Não se ofenda, mas você nos parecia destituído de qualquer emoção.

- Parecia? - A voz de Mullen não mudou. Continuou clara e macia, embora se percebesse nela uma certa tensão. - É apenas treino, Sr. Stuart, e autodisciplina; não minha natureza. Um homenzinho não pode ter emoções respeitáveis. Poderia haver coisa mais ridícula do que um homem como eu numa crise de fúria? Tenho um metro e meio de altura e cinquenta e um quilos, se você quer números exatos.

Posso ser digno? Orgulhoso? Revelar a minha altura sem provocar risos? Onde encontraria eu uma mulher que não me desprezasse? Por tudo isso, aprendi a dispensar exteriorizações de emoção.

Você fala de deformidades. Ninguém notaria suas mãos nem perceberia que elas são diferentes se você não se apressasse em contar a todo mundo o que aconteceu. Mas como poderia eu esconder a minha altura? Você não vê que é a primeira coisa que qualquer pessoa nota em mim?

Stuart estava envergonhado. Invadira uma intimidade que nunca deveria. Disse: - Sinto muito.

- Porquê?

- Eu não deveria tê-lo forçado a falar sobre Isso. Eu deveria ter compreendido por mim mesmo que você... que você...

- Que eu o quê? Que tentei me afirmar? Que eu procuro mostrar que embora baixinho tenho um coração de gigante?

- Eu não seria irônico.

- Por que não? É uma ideia tola, e nada disso poderia ser a razão do meu ato. O que eu não faria se tivesse isso em mente? Eles me levarão para a televisão - teriam

que abaixar suas câmeras, para focalizar o meu rosto, ou me fariam subir nuns cadeira - e me cobririam de medalhas?

- Creio que é exatamente o que farão.

- E de que me serviria isso? Eles diriam: "Caramba, e não passa de um homenzinho!" E depois? Eu teria que dizer a todos que encontrasse: "Você sabe, eu sou aquele camarada condecorado no mês passado por seu incrível valor?" Quantas medalhas, Sr. Stuart, eu precisaria para ganhar vinte centímetros e trinta quilos?

- Agora percebo onde o senhor quer chegar - disse Stuart,

Mullen estava falando agora um pouquinho mais depressa; uma controlada animação impregnava as suas palavras, dando-lhes mais calor: - Havia dias em que eu pensava poder mostrar-lhes esses misteriosos "eles" que inclui todo o mundo. Eu deixaria a Terra e descobriria mundos novos. Seria um novo Napoleão, ainda menor. Assim, deixei a Terra e fui para Arcturus. E que poderia ter feito em Arcturus que não pudesse ser feito também na Terra? Atualizava livros-caixa. Assim, superei a vaidade, Sr. Stuart, de tentar andar na ponta dos pés.

- Então, por que fez aquilo?

- Saí da Terra quando tinha vinte e oito anos e fui para o sistema arcturiano. Daí em diante sempre estive lá. Esta viagem seria minha primeira licença, minha primeira volta à Terra em todo esse tempo. Eu deveria ficar seis meses na Terra. Mas, ao invés disso, os Kloros nos capturaram e nos teriam mantido indefinidamente presos. Mas eu não podia... não podia permitir que eles me impedissem de voltar à Terra. Fosse qual fosse o risco, eu precisaria afastar a sua interferência. Não foi o amor de uma mulher, o medo, o ódio ou qualquer forma de idealismo. Foi um motivo mais forte do que tudo isso.

Parou de falar e estendeu a mão, acariciando o mapa na parede.

- Senhor Stuart - perguntou tranquilamente - o senhor nunca teve saudades de casa?

Existe uma pergunta constante entre os leitores sobre se os pontos de vista apresentados em uma história refletem os pontos de vista do autor. A resposta é: “Não necessariamente”. E, no entanto, poder-se-ia acrescentar uma outra curta frase: “... mas, usualmente”.

Quando escrevo uma história na qual personagens distintos defendem diferentes pontos de vista, faço o melhor que posso, tanto quanto esteja dentro de minha capacidade, para permitir que cada personagem expresse honestamente as suas próprias opiniões.

Existem poucas pessoas que, como Ricardo III, na peça de Shakespeare, estejam dispostos a dizer: - “Já que não posso mostrar-me como amante para entreter estes belos e benditos dias, estou determinado a mostrar-me como vilão”.

Ainda que Tom possa parecer demasiado ignóbil a Dick, sem dúvida alguma Tom possui argumentos, perfeita e sinceramente sentidos, provando perante ele mesmo que não é assim tão abominável. Portanto, toma-se inteiramente ridículo apresentar um vilão que age ostensivamente como tal (a menos que se possua o gênio de um Shakespeare e possa levar avante qualquer coisa - o que receio não ser o meu caso).

Ainda assim, por mais que tente ser imparcial e por mais que tente apresentar as opiniões de cada pessoa honestamente, não posso ser tão convincente ao apresentar pontos de vista que não se coadunam com os meus próprios, da mesma maneira que o faço quando se trata de posição inversa. Além disso, a minha história em geral progride da maneira que desejo. A vitória, de uma maneira ou de outra, tende a ficar com aqueles personagens dos quais gosto particularmente. Mesmo que o final seja trágico, a essência da história (detesto usar a palavra “moral’) comumente é aquela que me satisfaz.

Em resumo: você ignora os apurados detalhes de qualquer das minhas histórias e as considera apenas como um todo, penso que o sentimento que a história produziu em você é o meu próprio. Não é uma questão de propaganda consciente: trata-se apenas do fato de que sou um ser humano que sente algo e que não pode impedir que tal sentimento se apresente na história.

Porém, há exceções...

Em 1951, O Sr. Raymond J. Healy, famoso antologista, planejava reunir uma coleção de histórias originais de ficção científica e me pediu que escrevesse uma delas. Tinha apenas uma única exigência: desejava uma história onde houvesse uma vitória indiscutível - algo assim que à minha moda simples, costumo chamar de história com “final feliz”.

Assim, pois, escrevi uma história que terminava de modo feliz, porém, como sempre, tento ludibriar as regras sem desvios abruptos, tentei apresentar um final feliz inesperado, um daqueles que o leitor não descobre, até o ú1timo momento, de que final feliz realmente se trata.

Foi somente depois que tinha, com sucesso (penso eu), conseguido este *tour de force* em particular e havia tido a história publicada é que compreendi que o meu interesse pela técnica havia, por uma vez ao menos, me deixado cego à minha própria satisfação. De alguma forma portanto, esta história, Por Uma Boa Causa, não reflete inteiramente meus sentimentos.

Groff Conklin, o falecido sensível crítico de ficção científica, disse certa vez que gostava da história, embora não concordasse com a filosofia nela apresentada e, para meu próprio embaraço, descobri que era exatamente daquele modo que me sentia.

*1ª publicação - New Tales of Space and Time, 1951.* *Copyright, 1951, by Henry Holt and Company, Inc.*

# Por uma boa causa...

Na Grande Praça, que permanece como um refúgio de intocável paz entre as movimentadas cinquenta milhas quadradas devotadas aos edifícios que se elevam sobranceiros e que constituem o próprio coração dos Mundos Unidos da Galáxia, há uma estátua.

Está ali de pé, de onde pode contemplar as estrelas à noite.

Existem outras estátuas circundando a Praça, mas esta permanece no centro e sozinha.

Não é uma estátua muito boa. A face é demasiado nobre e carece das linhas que expressam vida. A testa é ligeiramente alta, o nariz um tanto demasiadamente simétrico e a roupa esculpida disposta talvez com demasiado cuidado. A figura, no seu todo, tem uma aparência de demasiada santidade para ser verdadeira. Pode-se supor que o homem, na vida real, devia franzir a testa ou ter soluços, mas a estátua parece insistir que tais imperfeições eram impossíveis.

Tudo isso, naturalmente, não passa de uma compreensível mas exagerada compensação. Não foram erigidas estátuas ao homem enquanto vivo e as gerações posteriores, com a tardia compreensão do que devia ter sido feito, sentindo-se culpada, trouxe à estátua excessivas vantagens.

O nome gravado no pedestal é Richard Sayama Altmayer. Sob o nome há uma frase curta, e depois, verticalmente dispostas, três datas. A frase diz: "For uma boa causa, não há fracasso" As três datas são: 17 de junho de 2755; 5 de setembro de 2788 e 21 de dezembro de 2800 - os anos sendo contados na maneira usual, ou seja, a partir da data da primeira explosão atômica, em 1945 da antiga era.

Nenhuma destas datas referia-se a nascimento ou morte. Nem eram também datas relativas a casamento ou à realização de algum grande feito ou, na verdade, de qualquer fato do qual os habitantes dos Mundos Unidos pudessem lembrar com prazer e orgulho. Muito pelo contrário, eram a expressão final do sentimento de culpa.

Muito simples e claramente eram as três datas em que Richard Sayama Altmayer fora mandado para a prisão devido às suas opiniões.

## 1. - 17 de junho de 2755.

Aos vinte e dois anos, certamente, Dick Altmayer era perfeitamente capaz de ser dominado pela fúria. O cabelo ainda era de um castanho escuro e ele ainda não deixaria crescer o bigode que anos mais tarde seria uma das suas características. O nariz era, naturalmente, fino e comprido, mas os contornos do seu rosto ainda eram jovens. Foi somente mais tarde que o descarnado da sua face converteria aquele nariz no marco proeminente que agora permanece nas mentes de trilhões de crianças em idade escolar.

Geoffrey Stock estava de pé na porta olhando o resultado da fúria do amigo. Tinha um rosto redondo de expressão fria, os olhos já demonstravam firmeza, mas ainda

não vestira o seu primeiro uniforme militar dentro do qual passaria o resto da sua vida.

- Grande Galáxia! - disse ele.

- Alô, Jeff - disse Altmayer levantando os olhos.

- O que está acontecendo, Dick? Pensei que seus princípios, meu caro, proibiam destruição de qualquer tipo. Aqui está um visor de livros que parece um tanto destruído - e apanhou os pedaços.

- Estava segurando o visor quando o meu receptor transmitiu aquela mensagem oficial. Você sabe qual.

- Eu sei. Também escutei. Onde está o receptor?

- No chão. Arranquei-o do suporte logo que vomitou aquilo para mim. Espere, vamos botar isto fora, na lixeira atômica.

- Nada disso. Você não pode...

- Por que não?

- Porque não vai conseguir coisa nenhuma. Terá que fazer um relatório.

- E exatamente por quê?

- Não se comporte como um asno, Dick.

- É uma questão de principio, pelo Espaço.

- Oh, tolices! Não pode combater o planeta inteiro.

- Não pretendo combater o planeta inteiro. Apenas os poucos que nos levam para a guerra.

- O que significa todo o planeta - disse Stock dando de ombros. - Esta sua tolice quanto a líderes conduzindo pobre gente inocente para combater não passa de poeira espacial. Você acha que se uma eleição fosse feita o povo não estaria inteiramente a favor da guerra?

- O que nada significa, Jeff. O governo tem o controle dos...

- Órgãos de propaganda. Sim, eu sei, pois lhe tenho escutado com demasiada frequência. Mas por que não evitar o relatório?

Altmayer deu-lhe as costas.

- Em primeiro lugar - disse Stock - você pode não passar no exame físico.

- Passarei. Já estive no Espaço.

- O que não significa nada. Se os médicos permitirem que você pule de um avião, isto apenas significa que você não tem nenhum sopro no coração ou um aneurisma. Para a carreira militar, a bordo de uma nave espacial, você precisa de muito mais do que isto. Como sabe que será qualificado?

- É um assunto secundário, Jeff, e insultuoso. E não é que eu tenha medo de lutar.

- Pensa que pode parar a guerra desta maneira?

- Gostaria de poder - e a voz de Altmayer quase tremeu quando ele falou. - é esta ideia que eu tenho de que toda a humanidade deveria formar uma única unidade. Não deveria haver guerras nem frotas espaciais armadas somente para a destruição. A Galáxia permanece pronta para ser aberta aos esforços unificados da raça humana. Ao invés disso, estamos divididos há quase duzentos anos e arruinamos toda a Galáxia.

- Estamos indo muito bem - disse Stock rindo. - Existem mais de oitenta sistemas planetários independentes.

- E somos as únicas inteligências na Galáxia?

- Ah, os diaboli, seus demônios pessoais - e Stock levou os punhos às têmporas, acenando os indicadores para ele.

- E os seus também, e de todo o mundo. Possuem um único governo que se estende por mais planetas do que todos aqueles ocupados pelos seus preciosos oitenta

independentes.

- Certo, mas o planeta mais próximo que possuem está apenas a cento e cinquenta anos-luz da Terra, e de qualquer forma não podem viver em planetas com oxigênio. - E de repente Stock deixou o seu tom amigável para dizer secamente. - Olhe, vim até aqui para dizer-lhe que vou me apresentar para exame na próxima semana. Vem comigo?

- Não.

- Está realmente determinado?

- Estou.

- Sabe que não conseguirá nada. Não provocará grande tumulto na Terra. Não será o caso de milhões de jovens ficarem excitados pelo seu exemplo e se engajarem numa greve contra a guerra. Você simplesmente será posto na cadeia.

- Bem, então será a cadeia.

E a cadeia foi o que ele teve. A 17 de junho de 2755 da era atômica, depois de um curto julgamento durante o qual Richard Sayama Altmayer recusou-se a apresentar qualquer defesa, foi sentenciado à prisão pelo período de três anos, ou enquanto durasse a guerra, por mais longa que fosse. Ficou detido por pouco mais de quatro anos e dois meses, dentro de cujo tempo a guerra terminou definitivamente, embora a derrota dos santanianos não fosse completa. A Terra obteve o completo controle de certos asteroides disputados, várias vantagens comerciais, e a limitação da frota santaniana.

O total combinado das perdas humanas na guerra foi algo acima de duzentas naves com a maioria de suas tripulações, naturalmente, e ainda muitos milhares de vidas devido ao bombardeio das superfícies planetárias a partir do espaço. As esquadras das duas potências em disputa haviam sido suficientemente fortes para restringir esse bombardeio aos postos avançados dos respectivos sistemas, de maneira que os planetas Terra e Santanni propriamente foram pouco afetados.

A guerra determinou, conclusivamente, a Terra como a mais forte potência militar humana.

Geoffrey Stock combateu durante toda a guerra, estando em ação mais de uma vez e permanecendo inteiro, a despeito disto. No final da guerra, havia atingido o posto de major. Tomou parte na primeira missão diplomática enviada pela Terra aos mundos dos diaboli e esse foi o primeiro passo na sua crescente carreira militar e política na Terra.

## 2. - 5 de setembro de 2788

Aqueles eram os primeiros diaboli a aparecer na superfície da própria Terra. Os cartazes projetados e o noticiário do partido Federalista tornavam o fato abundantemente claro para qualquer pessoa que não estivesse ciente do fato. Seguidamente repetiam a cronologia dos eventos.

Foi por volta do início do século que os exploradores humanos fizeram e primeiro contato com os diaboli. Eram inteligentes e haviam descoberto as viagens interestelares independentemente e um pouco mais cedo do que os humanos. Já o volume galáctico dos seus domínios era maior do que o humano.

Relações diplomáticas regulares entre os diaboli e as principais potências humanas

tinham tido início há cerca de vinte anos, imediatamente depois da guerra entre Santanni e a Terra. Naquela época, postos avançados dos diaboli já ficavam dentro de vinte anos-luz dos centros humanos mais exteriores. As suas missões viajavam para toda a parte assinando tratados de comércio e obtendo concessões sobre asteroides não ocupados.

E agora estavam na própria Terra. Foram tratados como iguais e talvez mais do que iguais pelo dirigentes do maior centro populacional humano da Galáxia. A estatística mais incomodativa de todas era a mais ruidosamente proclamada pelos Federalistas e consistia no seguinte: embora o número dos diaboli viventes fosse um pouco menor do que o número total dos seres humanos em idênticas condições, a humanidade havia aberto à exploração não mais do que cinco mundos, no espaço de cinquenta anos, enquanto os diaboli haviam dado início à ocupação de perto de quinhentos mundos.

"Um cento contra um dos nossos - proclamavam os Federalistas - porque eles têm uma única organização política enquanto nós temos centenas." Entretanto, relativamente poucas pessoas na Terra e ainda menos na Galáxia como um todo, davam atenção aos Federalistas e às suas exigências quanto a uma União Galáctica.

A multidão que se alinhava nas ruas ao longo das quais quase diariamente cinco diaboli da missão passavam - das suas acomodações especialmente preparadas no melhor hotel da cidade, à Secretaria de Defesa - na sua grande maioria não era hostil. A maior parte era constituída de curiosos que se sentiam apenas um pouco enojados.

Os diaboli não eram criaturas agradáveis à vista. Eram maiores e consideravelmente mais pesados do que os terráqueos. Possuíam quatro grossas pernas juntas, enquanto acima do tronco dispunham de dois braços constituídos apenas de flexíveis dedos. A pele era enrugada e nua. Não usavam roupas. Os rostos largos e escamosos não apresentavam expressões capazes de ser reconhecidas pelos terráqueos, e das achatadas regiões que ficavam exatamente acima de cada olho de grandes pupilas, partiam pequenos cornos. Foram estes que deram às criaturas seu nome. De início, foram simplesmente chamados de diabos, palavra que, mais tarde, de modo mais cortês, foi substituída pelo seu equivalente latino.

Cada um deles levava um par de cilindros às costas, de onde partiam tubos flexíveis até as narinas, onde se ajustavam perfeitamente. Eram carregados com soda cáustica que absorvia o dióxido de carbono para eles venenoso. O seu metabolismo realizava-se por meio da redução do enxofre, e algumas vezes os humanos mais próximos sentiam o sopro do sulfeto de hidrogênio que os diaboli exalavam.

O líder dos Federalistas estava na multidão. Ficara bem para trás, onde não atrairia a atenção da policia, que havia isolado as avenidas e que agora mantinha uma cuidadosa ordem sobre os poucos que ousavam pular as cordas e que podiam ser rapidamente devolvidos à multidão compacta. O líder Federalista tinha um rosto descarnado, nariz fino, reto, proeminente e seus cabelos eram lisos e grisalhos.

- Não aguento nem olhar para eles - disse ele, voltando-se.

- Não são mais feios em espírito, pelo menos, do que alguns dos nossos simpáticos oficiais - disse o seu companheiro, de veia mais filosófica. - Estas criaturas pelo menos são sinceras consigo mesmas.

- Você está tristemente certo, Estamos totalmente prontos?

- Totalmente. Nenhum ficará vivo para voltar ao seu mundo.

- Ótimo! Ficarei aqui para dar o sinal.

Os diaboli também falavam - mas tal fato não podia ser evidente para nenhum ser humano, por mais perto que estivesse. Na verdade, podiam comunicar-se emitindo

sons entre si, mas aquele não era o método preferencial. A pele entre os seus cornos podia, pela ação dos músculos - que diferiam em construção de tudo o que os humanos conheciam - vibrar rapidamente. As diminutas ondas que desta maneira eram lançadas ao ar eram demasiado rápidas para ser captadas por ouvidos humanos e muito delicadas para que pudessem ser detectadas a não ser pelos mais sensíveis instrumentos fabricados na Terra. Na realidade, naquela época, os humanos ainda não estavam cientes dessa forma de comunicação. Uma vibração disse:

- Você sabe que este é o planeta de origem dos seres conhecidos como Duas-Pernas?

- Não - e a palavra "não" foi ouvida em coro. Uma outra vibração em particular disse: - Aprendeu isto das comunicações dos Duas-Pernas que esteve estudando, excêntrico?

- Porque estudo as comunicações? Mais indivíduos do nosso povo deviam fazer o mesmo, ao invés de insistirem com tanta firmeza na completa inutilidade da cultura dos Duas-Pernas. Estaríamos em posição bem mais vantajosa para tratar com eles se soubéssemos mais a seu respeito. A sua história é interessante, embora de maneira horrível. Estou contente por ter tido a ideia de examinar as suas bibliotecas.

- E ainda assim - disse outra vibração - de acordo com os contatos anteriormente mantidos com os Duas-Pernas, podia-se ter a certeza de que eles desconheciam o seu planeta de origem. Certamente, não há o sentimento de veneração deste planeta Terra, ou nenhum rito memorial relacionado a ele. Tem certeza de que a informação é correta?

- Completa certeza. A falta de ritual, embora este planeta seja sem dúvida alguma um lugar sagrado, torna-se perfeitamente compreensível à luz da história dos Duas-Pernas. Os Duas-Pernas que vivem em outros mundos dificilmente concederiam à Terra tal honra - porque tal atitude viria rebaixar a dignidade da independência dos mundos que habitam.

- Não estou entendendo bem...

- Nem eu, na realidade, mas depois de vários dias de leitura, acho que tive um lampejo de compreensão. Parece que, originalmente, quando as viagens interestelares foram descobertas pelos Duas-Pernas, eles viviam sob uma única unidade política.

- Naturalmente.

- Não para esses Duas-Pernas. Tratava-se, na realidade, de um estágio nunca antes atingido em sua história, e o fato é que não durou. Depois que as colônias, em vários mundos, cresceram e atingiram razoável maturidade, a primeira providência que tomaram foi libertarem-se do planeta-mãe. Foi então que teve início a série de guerras interestelares entre os próprios Duas-Pernas.

- Horrível. Como canibais.

- Sim, não é mesmo? Senti-me nauseado durante dias. Minha ruminação amargou, até. Em todo caso, as várias colônias conseguiram a sua independência, de maneira que agora temos a atuação a qual todos estamos cientes. Todas as possessões dos Duas-Pernas, reinos, repúblicas, aristocracias etc, são simplesmente pequeninos coágulos de mundos, cada um se constituindo como um mundo dominante com uns poucos mundos subsidiários que, por sua vez, estão constantemente buscando sua independência ou sendo cedidos de um dominante para outro. Esta Terra é o mais forte entre todos eles e somente cerca de meia dúzia de mundos lhe deve obediência.

- Incrível que estas criaturas possam ser tão cegas aos seus próprios interesses. Eles não têm uma tradição do governo único que existiu, quando se constituíram em

um só mundo?

- Conforme já disse, foi um fato incomum entre eles. O governo único durou apenas umas poucas décadas. Antes disso, este mesmo planeta era dividido em grande número de unidades políticas sub-planetárias

- Jamais ouvi algo parecido - e por um momento as ondas supersônicas das cinco criaturas interferiram umas com as outras.

- Mas é fato. É simplesmente a natureza da besta.

E findando assim a conversa, chegaram à Secretaria da Defesa.

Os cinco diaboli permaneceram de pé ao longo da grande mesa. E assim ficaram porque na sua anatomia não havia nada que pudesse corresponder ao ato de "sentar". Do outro lado da mesa cinco terráqueos permaneciam igualmente de pé. Seria mais cômodo para os humanos sentarem-se mas, como era compreensível, não havia o desejo de tornar ainda mais evidente a desvantagem em que ficavam quanto à estatura dos visitantes. A mesa era realmente muito larga, a mais larga que pôde ser obtida para atender às conveniências. E a principal conveniência dizia respeito ao olfato humano porque, mesmo que os diaboli respirassem ligeiramente (mais forte quando falavam), deles evolava uma onda contínua de sulfeto de hidrogênio. A situação era embaraçosa, para a qual não havia precedente, dificultando assim as negociações diplomáticas.

Ordinariamente as reuniões não duravam mais do que meia hora, no fim da qual os diaboli, sem cerimônia, davam as conversações como encerradas, voltavam e saíam. Desta vez, porém, a retirada foi interrompida. Um homem entrou e os cinco outros diplomatas humanos lhe abriram caminho. Era alto, mais alto do que qualquer um dos seus companheiros e usava o uniforme com a familiaridade adquirida pelo hábito. Tinha rosto redondo, olhos frios e firmes. O cabelo preto era bem ralo, mas ainda não havia sinal de se tomar grisalho. Podia-se notar a mancha irregular de uma cicatriz que descia do seu queixo e entrava para a linha do seu alto colarinho de couro marrom. Devia ter sido o resultado de algum raio energético lançado por algum esquecido inimigo humano em uma das cinco guerras das quais fora ativo participante.

- Senhores - disse o terráqueo que chefiara a comissão de negociações até ali - posso apresentar-lhes o Secretário da Defesa?

Os diaboli sentiram-se ligeiramente chocados e, embora as suas feições estivessem em repouso e inescrutáveis, as placas de som em suas testas vibraram ativamente, O seu estrito senso de hierarquia fora perturbado. O Secretário era apenas um Duas-Pernas, porém, de acordo com os padrões dos Duas-Pernas, excedia-lhes em importância. Não poderiam com ele conduzir, apropriadamente, negócios oficiais.

O Secretário estava ciente dos sentimentos dos visitantes, mas não tinha escolha, A sua retirada devia ser impedida durante pelo menos dez minutos e nenhuma interrupção comum os deteria,

- Senhores - disse ele - devo pedir-lhes que sejam indulgentes e permaneçam aqui um pouco mais.

O diabulus do centro respondeu naquilo que mais se aproximava do inglês que qualquer diabulus podia expressar-se. Na realidade, podia-se dizer que um diabulus possuía duas bocas. Uma delas se situava na extremidade mais inferior do queixo e servia ao ato de comer - e nessa função os movimentos da boca raramente eram vistos pelos seres humanos, uma vez que os diaboli preferiam fazer suas refeições sempre entre os de sua própria espécie, exclusivamente. Uma abertura de boca mais estreita, entretanto, talvez de duas polegadas de largura, podia ser usada para falar. Embora enrugada, permanecia aberta, revelando a falha onde os perdidos incisivos

de um diabulus deveria ter estado. E permanecia aberta durante a fala, o necessário bloqueio consonantal sendo executado pelo palato e a parte posterior da língua. Os sons resultantes eram ásperos e difusos, mas compreensíveis

- Queira desculpar-nos, mas já sofremos bastante - disse o diabulus. Mas através dos músculos da sua testa ele murmurou, inaudível para os humanos: - Querem nos sufocar nesta atmosfera. Devemos pedir cilindros maiores para absorção do veneno.

- Compartilho dos seus sentimentos - disse o Secretário da Defesa - mas esta pode ser a minha única oportunidade de falar-lhes. Talvez queiram nos dar a honra de almoçar conosco.

O terráqueo mais próximo do Secretário não pôde impedir-se de franzir a testa, embora ligeiramente. Rabiscou rapidamente num pedaço de papel, passando este ao Secretário que, por um momento, relanceou para o bilhete, que dizia: "Não. Eles comem feno sulfurado, fede intoleravelmente". O Secretário amassou o pedaço de papel e jogou-o ao chão,

- A honra seria nossa - disse o diabulus. - Se fôssemos capazes de suportar a sua estranha atmosfera por um tempo tão longo, aceitaríamos com prazer. - Mas através de sua testa, disse, agitado. - Não podem esperar que participemos de sua refeição e fiquemos a observá-los enquanto consomem cadáveres de animais abatidos. Minha ruminação jamais voltaria a ser agradável.

- Respeitamos os seus motivos - disse o Secretário. - Falemos então da nossa transação agora, Nas negociações que têm sido conduzidas até agora, não tem sido possível para nós obter de seu governo, nas pessoas dos senhores, seus representantes, nenhuma indicação clara de quais são os limites da nossa esfera de influência na vossa própria mente. Temos apresentado diversas propostas sobre este assunto.

- No que se refere aos territórios da Terra, Sr. Secretário, a definição já foi dada.

- Mas com toda certeza deve sentir que isto não é satisfatório. Os limites da Terra e os seus não estão em contato em parte alguma. Assim sendo, não fez outra coisa senão estabelecer tal fato. Embora verdadeira, a sua declaração não é satisfatória.

- Não chegamos a entender completamente. Pretende que discutamos os limites entre nós e os reinos humanos independentes, tal como o de Vega?

- Naturalmente que sim,

- Isto não pode ser feito, senhor. Com toda certeza deve compreender que quaisquer relações entre nós e o soberano de Vega nada têm a ver com a Terra, Somente pode ser discutido com Vega.

- Então está disposto a negociar cem vezes com as centenas de sistemas de mundos humanos?

- Se necessário. Devo chamar a sua atenção, porém, que tal necessidade é imposta não por nós, mas pela natureza da sua organização humana,

- Neste caso, o nosso campo de discussão fica limitado drasticamente. - O Secretário parecia distraído. Parecia estar ouvindo, não exatamente o que dizia o seu oponente mas, sim, a algo a uma certa distância,

E agora havia um ligeiro tumulto, indistintamente ouvido do interior da Secretaria. O ruído de vozes distantes, o rápido disparar de armas de energia, a trepidação dos flutuadores dos policiais.

Os diaboli não davam nenhuma indicação de estarem ouvindo, e não por uma simples afetação de polidez. Embora a sua capacidade de receber ondas supersônicas fosse muito mais delicada e acurada do que qualquer coisa que o gênio humano tivesse jamais inventado, a sua recepção dos sons ordinários era bem embotada.

O diabulus dizia: - Pedimos permissão para demonstrar nossa surpresa. Pensávamos que tudo isso era do seu conhecimento.

Um homem em uniforme de policial apareceu à porta. O Secretário voltou-se para ele e, depois de fazer um breve gesto com a cabeça, o policial partiu.

- Certo - disse o Secretário, súbita e vivamente. - Apenas desejava deixar claro mais uma vez que este era o caso. Espero que estejam dispostos a continuar as negociações amanhã.

- Certamente, senhor.

Um por um, vagarosamente, com a dignidade própria dos herdeiros do universo, os diaboli deixaram o edifício.

- Estou contente por se terem recusado a comer conosco - disse um dos terráqueos.

- Sabia que não aceitariam - disse o Secretário, pensativamente. - Eles são vegetarianos. Sentem-se enojados à simples ideia de comer carne. Sabe, já os vi contendo. Poucos humanos já chegaram a ver. Parecem-se com o nosso gado, quando se alimentam. Comem às pressas e depois ficam ali de pé, solenemente, em círculos, ruminando os seus bocados, como se fossem uma grande comunidade pensante. Talvez se comuniquem por algum método que desconhecemos. A enorme mandíbula inferior gira horizontalmente, num vagaroso processo de trituração...

O policial apareceu mais uma vez à porta.

- Apanhou todos? - interrompeu-se o Secretário, para indagar.

- Sim, senhor.

- Também Altmayer?

- Sim, senhor.

- Ótimo.

A multidão juntara-se novamente quando os cinco diaboli deixaram a Secretaria. O horário era observado estritamente. Às quinze horas, todos os dias, deixavam o hotel e despendiam cinco minutos caminhando até a Secretaria. Às quinze e trinta e cinco saíam de lá e mais uma vez retomavam aos seus aposentos, com o caminho desimpedido pela polícia. Marchavam impassíveis, quase que mecanicamente, ao longo da larga avenida.

No meio do trajeto ouviram-se vozes gritavam. Para a maioria das pessoas da multidão as palavras não eram claras, mas claro era o estampido das armas de energia, enquanto se podia ver a fluorescência azul pálido que subia no ar. Os policiais corriam de um para outro lado, empunhando as suas armas, flutuadores elevando-se a dois metros no ar para cair delicadamente no meio de grupos de pessoas, voltando a pular quase que instantaneamente. A multidão espalhou-se aos gritos e as suas vozes se juntaram às do clamor generalizado.

Durante tudo aquilo os diaboli, quer fosse por deficiência auditiva ou por excessiva dignidade, continuavam marchando automaticamente, como sempre.

Do outro lado do tumulto, quase diametralmente oposto ao local, Richard Sayama Altmayer esfregou o nariz num gesto de satisfação. O estrito horário dos diaboli tornara possível a execução de um segundo plano. O primeiro distúrbio tinha o único objetivo de atrair a atenção da polícia. O importante vinha agora...

Altmayer atirou um projétil sonoro, inofensivo, para o ar.

Instantaneamente, de quatro direções, projéteis de concussão romperam o ar. Dos telhados dos edifícios que ladeavam o caminho, os franco-atiradores dispararam.

Cada um dos diaboli, todos atingidos pelos disparos, estremeceu e explodiu quando as cargas detonaram-se dentro deles, fazendo-os cair um por um.

Como se tivesse surgido do nada, a polícia estava ao lado de Altmayer, que ficou a encarar os guardas, ligeiramente surpreendido.

Gentilmente, porque no decurso de vinte anos havia perdido a sua fúria e aprendido a ser gentil, ele disse: - Vocês chegaram rápido, porém tarde - e apontou os diaboli despedaçados.

Agora, a multidão entrara simplesmente em pânico. Os esquadrões adicionais da polícia, chegando em tempo recorde, nada mais podiam fazer senão evacuar o povo pacificamente.

O policial que agora segurava Altmayer fortemente pelo braço, tirando-lhe a arma sonora, inspecionando-o rapidamente em busca de outras possíveis armas, era um capitão. Falou secamente. - Acho que cometeu um engano, Sr. Altmayer. Conforme poderá notar, não houve derramamento de sangue - e também ele fez um gesto na direção onde os diaboli jaziam, inertes.

Altmayer voltou-se, altamente surpreendido agora. As criaturas jaziam ali, sobre os flancos, algumas aos pedaços, a pele aos farrapos, com as estruturas torcidas pendendo, mas o capitão da polícia tinha razão. Não havia sangue nem carne. Os lábios de Altmayer, descoloridos e tensos, moveram-se sem chegar a emitir nenhum som.

O capitão interpretou o movimento com bastante acuidade. - Isso mesmo, senhor. Eles são autômatos.

E foi quando então, nas grandes portas da Secretaria da Defesa, os verdadeiros diaboli surgiram. Policiais com cassetetes limparam o caminho, desta vez, porém, um outro, a fim de que não chegassem a ver os desfigurados travestis de plástico e alumínio que durante três minutos haviam tomado o lugar das criaturas vivas.

- Peço-lhe que venha comigo sem resistência, Sr. Altmayer. O Secretário da Defesa gostaria de vê-lo - disse o capitão.

- Estou indo, senhor - e somente agora uma estupefaciente frustração se abatia sobre ele.

Geoffrey Stock e Richard Altmayer encontravam-se face a face, pela primeira vez em um quarto de século, ali, no escritório particular do Secretário da Defesa. Era um escritório realmente despido de maiores luxos: uma mesa, uma cadeira e duas cadeiras adicionais. A cor dominante era o marrom escuro, os espaldares das cadeiras forrados com espuma marrom que cediam confortavelmente com o peso do corpo. Sobre a mesa havia um micro-visor e uma caixa, que embora pequena, podia conter dúzias de micropolos. Na parede oposta à mesa havia um retrato tridimensional da velha Dauntless, a primeira nave comandada pelo Secretário.

Stock disse: - É um pouco ridículo nos encontrarmos, e em tais circunstâncias, depois de tantos anos. Acho lamentável.

- Por que, Jeff? - e Altmayer tentou forçar um sorriso. - Não lamento nada, a não ser o seu truque com aqueles robôs.

- Você não é difícil de ser enganado - Disse Stock - e esta foi uma excelente oportunidade para desbaratar seu partido. Estou certo de que, depois disto, estará inteiramente desacreditado. Os pacifistas tentam forçar a guerra e o apóstolo da bondade tenta o assassinato.

- A guerra, mas contra o verdadeiro inimigo - disse Altmayer tristemente. - Mas tem razão. É um sinal de desespero que tenha sido levado a isto. Como descobriu meus planos?

- Continua a superestimar a humanidade, Dick. Em todas as conspirações os pontos mais fracos residem exatamente nas pessoas que as compõem. Você tinha vinte e cinco conspiradores. Não lhe ocorreu que pelo menos um deles podia ser um informante ou mesmo um funcionário meu?

- Qual deles? - indagou Altmayer enquanto o seu rosto se cobria, vagarosamente,

de um rubro intenso.

- Sinto muito. Posso precisar dele novamente.

- O que você ganhou com isto? - disse Altmayer, exausto, sentando-se.

- E o que você ganhou? Você é tão pouco prático agora quanto o era na última vez que o vi, ou seja, o dia em que preferiu ir para a cadeia e apresentar-se para o serviço militar. Você não mudou.

- A verdade não muda - disse Altmayer balançando a cabeça.

- Se é verdade, por que sempre falha? - disse Stock, impacientemente. - Não realizou nada permanecendo na cadeia. A guerra continuou. Nem uma só vida foi salva. Desde então fundou um partido político onde todas as causas pelas quais combatem têm sido verdadeiros fracassos. A sua conspiração falhou. Está perto dos cinquenta, Dick, e o que você realizou? Nada.

- E você foi para a guerra, foi comandante de uma nave e chegou a ocupar um lugar no Gabinete. Dizem que será o próximo Coordenador. Realmente, você realizou muito. Ainda assim, o sucesso e o fracasso não existem por si mesmos. Sucesso em quê? Sucesso em trabalhar para a ruína da humanidade. Fracasso em quê? Em salvá-la? Não trocaria meu lugar pelo seu Jeff, lembre-se sempre disto: por uma boa causa, não há fracassos; é apenas o sucesso que se retarda.

- Até mesmo se for executado pelo trabalho de hoje?

- Até mesmo se for executado. Haverá alguém que tomará meu lugar e o sucesso dele será o meu.

- Como você imagina esse sucesso? Pode realmente imaginar a união dos mundos, uma Federação Galáctica? Deseja que Santanni se intrometa nos nossos negócios? Quer que os veganianos nos digam o que fazer? Deseja que a Terra decida quanto ao seu próprio destino ou que fique à mercê de qualquer vaga combinação de poderes?

- Estaremos à mercê deles não mais do que eles de nós.

- Exceto quanto ao fato de que somos os mais ricos. Seríamos simplesmente saqueados para beneficiar os mundos em depressão do setor de Sirius.

- E pagaríamos o saque com o que economizaríamos com a extinção das guerras.

- Tem respostas para todas as perguntas, Dick?

- Durante vinte anos foram-nos feitas todas as perguntas, Jeff.

- Então responda a esta. De que maneira forçaria a união de uma humanidade que não a deseja?

- Aí está por que eu desejava matar os diaboli - e pela primeira vez Altmayer demonstrou agitação.- Significaria a guerra contra eles, mas toda a humanidade teria que se unir contra um inimigo comum. As nossas próprias diferenças políticas e ideológicas se anulariam diante do fato.

- E acredita realmente nisto? Mesmo quando os diaboli jamais nos fizeram mal? Não podem viver em nossos mundos. Tem que viver em seus próprios mundos onde a atmosfera é à base de sulfeto e os oceanos são de soluções de sulfato de sódio.

- A humanidade não é tão estúpida, Jeff. Os diaboli estão se espalhando de mundo para mundo como numa explosão atômica. Bloqueiam a viagem espacial a regiões onde existem mundos não ocupados cuja atmosfera é composta de oxigênio, isto é, do tipo que nós podemos usar. Eles planejam para o futuro. Abrem caminho para incontáveis gerações de diaboli, enquanto ficamos limitados a um canto da Galáxia, combatendo-nos até a morte. Dentro de mil anos seremos escravos - e dentro de dez, uma raça extinta. Oh, sim, eles são o inimigo comum. A humanidade sabe disso. E você o descobrirá mais cedo do que pensa, talvez.

- Os membros do seu partido - disse o Secretário - falam um bocado da velha Gré-

cia da era pré-atômica. Contam-nos que os gregos eram um povo maravilhoso, a cultura mais avançada do seu tempo, talvez de todos os tempos. Conduziram a humanidade para um caminho que na verdade nunca foi inteiramente abandonado. Tinham apenas uma falha. Eram incapazes de unificação. Foram conquistados e vieram a desaparecer. E nós devemos seguir-lhes o exemplo, hein?

- Você aprendeu a sua lição, Jeff.

- Mas você, Dick, terá aprendido a sua?

- O que quer dizer?

- Tinha a Grécia um inimigo comum contra o qual todos os gregos deviam unir-se?

Altmayer permaneceu em silêncio.

- Os gregos combateram a Pérsia - disse Stock - o seu grande inimigo comum. Mas não foi um fato que uma grande proporção dos Estados gregos combateu ao lado dos persas?

- Sim - disse finalmente Altmayer.- Porque pensavam que a vitória da Pérsia seria inevitável e desejavam estar do lado que ganhasse.

- Os seres humanos não mudaram, Dick. Por que supõe que os diaboli estão aqui? O que nós discutimos com eles?

- Não sou do governo.

- Não - disse Stock selvagemente - mas eu sou. A Liga Veganiana aliou-se aos diaboli.

- Não acredito. Não pode ser.

- Pode ser e é. Os diaboli concordaram em fornecer-lhes quinhentas naves, na hora em que entrarem em guerra com a Terra, em qualquer tempo. Em troca, Vega abandona todas as suas pretensões quanto ao conglomerado Nigeliano. Assim sendo, se você tivesse realmente assassinado os diaboli, teríamos a guerra, mas com metade da humanidade provavelmente lutando ao lado do que você chama de inimigo comum. Estamos tentando evitar isso.

- Estou pronto para ser julgado - disse Altmayer vagarosamente. - Ou devo ser executado sem julgamento?

- Continua sendo o mesmo tolo. Se o liquidarmos, faremos de você um mártir. Se o mantivermos vivo e executarmos somente os seus subordinados, suspeitarão de que você se tornou a testemunha principal. Mas preso, sob suspeita de traição, você será inteiramente inofensivo no futuro - disse Stock.

E assim, a 5 de setembro de 2788, Richard Sayama Altmayer, depois de breve e secreto julgamento, foi sentenciado a cinco anos de prisão - que cumpriu inteiramente. No ano em que deixou a prisão, Geoffrey Stock foi eleito Coordenador da Terra.

## 3. - 21 de dezembro de 2800.

Simon Devoire não se sentia à vontade. Era um homem de baixa estatura, cabelos cor de areia, rosto sardento e avermelhado.

- Lamento ter concordado em vê-lo, Altmayer - disse ele. - Não lhe fará nenhum bem e a mim pode prejudicar.

- Sou um homem velho - disse Altmayer. - Não lhe farei mal. - E, na verdade, de alguma forma, envelhecera muito. No início do século, a sua idade podia ser contada como sendo de dois terços de um século mas ele era muito mais velho do que isto, interior e exteriormente. As roupas eram demasiado largas para ele, como se estives-

se encolhendo dentro delas. Somente o seu nariz não envelhecera: ainda era o fino, aristocrático e altivo nariz de Altmayer.

- Não é de você que tenho medo - disse Devoire.

- Por que não? Talvez você pense que traí os homens de 88.

- Não, naturalmente não. Nenhum homem de bom senso acreditaria que você o fez. Mas os dias dos Federalistas acabaram-se, Altmayer.

Altmayer tentou sorrir. Sentiu um pouco de fome, não havia comido nada naquele dia, não havia tempo para isso. Ter-se-iam acabado para sempre os dias dos Federalistas? Era algo que podia parecer aos outros. O movimento havia morrido numa onda de ridículo. Uma conspiração que falha, uma "causa perdida", com frequência é romântica. É relembrada e consegue adeptos durante gerações inteiras se a perda é, pelo menos, dignificante. Mas atirar em supostas criaturas vivas e vir a descobrir que não passam de autômatos, ser manobrado e logrado, ser exposto ao ridículo - isto é mortal. É mais mortal do que traição, erro e pecado. Não foram muitos os que acreditaram que Altmayer havia trocado a sua vida traindo os seus associados, mas o riso universal matou o Federalismo com tanta eficiência como se o houvesse feito.

Altmayer porém permanecera solidamente obstinado sob toda a pressão que lhe fora feita. Voltou a falar: Os tempos dos Federalistas jamais passarão enquanto a raça humana viver.

- Palavras - disse Devoire, impaciente. - Significavam mais para mim quando eu era mais jovem. Sinto-me um pouco cansado agora

- Simon, preciso de acesso ao sistema sub-etérico.

- E pensou em mim - disse Devoire, cujas feições endureceram-se. - Sinto muito, Altmayer, mas não posso permitir que use a minha radiodifusão para atingir seus propósitos.

- Certa vez você foi um Federalista.

- Não confie nisso - disse Devoire.- Ficou no passado. Agora eu sou... coisa nenhuma. Sou um devoirista, suponho. Desejo viver.

- Mesmo sob o tacão dos diaboli? Deseja viver quando eles quiserem e morrer quando decidirem?

- Palavras!

- Você aprova a Conferência Galáctica?

O costumeiro rubor de Devoire atingiu uma gradação acima do cor-de-rosa. Subitamente deu a impressão de ser um homem com demasiado sangue para o seu corpo. Respondeu, conciliador:

- Bem, por que não? Que importância tem a maneira como vamos estabelecer a Federação do Homem? Se você ainda é um Federalista, que objeções pode ter a uma humanidade unificada?

- Unida sob o comando dos diaboli?

- Qual é a diferença? A humanidade não pode unir-se por si mesma. Sejamos forçados até o fato ser consumado. Este assunto me deixa doente, Altmayer, enjoado com toda esta sua estúpida história. Estou cansado de tentar ser um idealista, sem ter ideal. Seres humanos são humanos, e esta é a parte suja. Talvez seja necessário que sejamos forçados a isto e, se este for o caso, não tenho nada contra o fato de que os diaboli é que nos forcem.

- Você é muito tolo, Devoire - disse Altmayer, calmamente. - Não será uma verdadeira união e você sabe disso. Os diaboli estão forçando essa Conferência, para que possam agir como árbitros sobre todas as disputas inter-humanas, para sua própria vantagem e sobretudo para passarem a ser a suprema corte. Você sabe que eles não têm a intenção de estabelecer um verdadeiro governo central humano. Será somente

uma espécie de diretório. Cada governo humano conduzirá os seus próprios negócios como antes, progredirá em várias direções, como antes. O que simplesmente acontecerá é que ficaremos acostumados a correr para os diaboli a fim de apresentar-lhes os nossos pequenos problemas.

- Como você sabe que será esse o resultado?

- Você pensa seriamente que será outro?

- Talvez! - disse Devoire, mordendo o lábio.

- Então veja por uma lupa, Simon. Qualquer independência verdadeira que tenhamos agora será perdida.

- Grande coisa essa independência tem feito por nós. Além do mais, para que serve? Não podemos parar esta coisa. O Coordenador Stock provavelmente não é mais perspicaz quanto a essa conferência do que você, mas o que pretende não o ajudará. Se a Terra não comparecer, a união será formada sem nós e aí então teremos que enfrentar a guerra contra o resto da humanidade e ainda com os diaboli. E o que digo serve para qualquer governo que deseje desistir.

- Mas que tal se todos os governos desistissem? A conferência não seria completamente desbaratada?

- Você alguma vez já ouviu dizer que todos os governos humanos fizeram alguma coisa juntos? Você nunca aprende, Altmayer.

- Há novos fatos.

- Quais? Sei que sou um tolo perguntando, mas vá em frente.

- Há vinte anos que a maior parte da Galáxia tem estado fechada às naves humanas. Você sabe disso. Nenhum de nós tem a menor ideia do que acontece dentro da esfera de influência dos diaboli. E ainda assim algumas colônias humanas existem dentro de tal esfera.

- E dai?

- Daí, o que acontece é que ocasionalmente seres humanas escapam para chegar à pequena porção da Galáxia que permanece humana e livre. É quando o governo da Terra recebe relatórios - relatórios que não ousa tomar públicos. Mas nem todos os membros do governo podem suportar a covardia que tais ações envolvem, para sempre. Foi um deles que me procurou. Não posso dizer-lhe quem foi, naturalmente. E assim sendo, eu tenho documentos, Devoire; oficiais, seguros, verdadeiros.

- A respeito de quê? - disse Devoire dando de ombros. Fez voltar o cronômetro de mesa, muito ostensivamente, de maneira que Altmayer pudesse ver a sua face metálica e brilhante, na qual os números vermelhos e lustrosos apareciam nitidamente: 22:31 e no momento em que foi girado, o número um foi desaparecendo para dar lugar a um novo brilho onde o número dois aparecia.

- Existe um planeta, chamado pelos seus colonizadores de Chu Hsi - disse Altmayer. - Não possui uma grande população, uns dois milhões, talvez. Há quinze anos atrás os diaboli ocuparam mundos ao redor de tal planeta no qual, durante esses quinze anos, nenhuma nave humana aportou. No ano passado, foram os próprios diaboli que lá desceram. Levaram enormes naves de carga, cheias de sulfato de sódio e de culturas de bactérias nativas dos seus próprios mundos.

- O quê? Você não pode me fazer acreditar nisso.

- Mas tente, Devoire, não é difícil - disse Altmayer ironicamente. - O sulfato dissolve-se nos oceanos de qualquer mundo. Num oceano de sulfato, as suas bactérias crescerão, multiplicar-se-ão e produzirão sulfeto de hidrogênio em tremendas quantidades, capazes de encher os oceanos e a atmosfera. Poderão introduzir as suas plantas e os seus animais e ainda, eventualmente, a si mesmos. E assim mais um planeta adequado para os diaboli - e inteiramente inconveniente para qualquer ser humano.

Naturalmente levará tempo, mas os diaboli têm tempo. São um povo unido e...

- Agora, escute - disse Devoire com um gesto que expressava seu desgosto - isso não tem muita consistência. Os diaboli dispõem de mundos em quantidade tal que não sabem o que fazer com eles.

- Para os seus propósitos atuais, sim, mas os diaboli visam o futuro. A sua taxa de natalidade é alta e eventualmente eles encherão a Galáxia. E muito melhor se sentirão se vierem a se tornar os únicos seres inteligentes do universo.

- Mas isto é impossível, basta que nos baseemos em terreno puramente físico. Você imagina quantos milhões de toneladas de sulfato seriam necessários para encher os oceanos conforme eles querem?

- Obviamente, um suprimento planetário.

- Bem, então você supõe que eles devastariam um dos seus próprios mundos para criar um outro novo? Onde está a vantagem?

- Simon, Simon, existem milhões de planetas na Galáxia que pelas suas condições de atmosfera, temperatura ou gravidade têm sido sempre inabitáveis quer seja pelos humanos ou pelos diaboli. Muitos deles são adequadamente ricos em enxofre.

- E o que acontecerá aos humanos no tal planeta? - considerou Devoire.

- Em Chu Hsi? Eutanásia, exceto para os poucos que conseguiram escapar a tempo. A coisa será feita sem sofrimento. Os diaboli não são exatamente cruéis, apenas eficientes.

Altmayer esperava. O punho de Devoire abria-se e fechava-se. Altmayer voltou a falar.

- Publique as notícias. Espalhe-as pela rede sub-etérica interestelar. Irradie os documentos a todos os centros de recepção nos vários mundos. Você pode fazê-lo e, quando o fizer, a Conferência que vai reunir toda a Galáxia não se concretizará.

- Onde está a sua prova? - e Devoire fez inclinar a sua cadeira para a frente, levantando-se em seguida.

- Fará o que lhe peço?

- Quero ver sua prova.

- Venha comigo - disse Altmayer sorrindo.

Esperavam por ele quando voltava para seus aposentos. De início, não os notou. Não teve a menor consciência do pequeno veículo que o seguia devagar e a uma prudente distância. Caminhava de cabeça baixa, calculando o tempo que levaria para Devoire transmitir a informação através de todos os canais do espaço; que tempo seria necessário para que as estações receptoras de Vega, Santanni e Centauro explodissem com as notícias; quanto tempo levaria para que as notícias se espalhassem por toda a Galáxia. E dessa maneira passou, sem a menor cautela, entre os dois homens com trajes civis que flanqueavam a entrada da casa de pensão..

Foi somente quando abriu a porta do seu quarto que parou e voltou-se, quis sair, mas os dois homens à paisana estavam agora bem na sua frente. Não fez a menor tentativa para escapar. Entrou em seu quarto e sentou-se, sentindo-se muito velho. Pensava, febrilmente: "Preciso apenas retê-los por uma hora e dez minutos".

O homem que ficara velado pela escuridão adiantou-se e pressionou o botão que acionava as luzes das paredes. Sob a luz suave que se fez, o rosto do homem, com a cabeça calva apenas franjada de cabelos grisalhos, tomou-se assustadoramente claro.

- Sinto-me honrado com a visita do próprio Coordenador - disse Altmayer gentilmente.

- Somos velhos amigos, você e eu, Dick. Encontramo-nos porém uma ou outra vez

em muitos anos.

Altmayer não respondeu.

- Tem em seu poder alguns papéis do governo, Dick - disse Stock.

- Se pensa que os tenho, Jeff, terá que os encontrar.

- Nada de heroísmos, Dick - disse Stock levantando-se e parecendo exausto. - Deixe-me dizer-lhe o que estes papéis contêm. São relatórios circunstanciais sobre o sulfatação do planeta Chu Hsi, não é verdade?

Altmayer consultou o relógio.

- Se está planejando atrasar-nos, armar o anzol para nós como se fossemos peixes, ficará desapontado. Sabemos onde tem estado, sabemos que os papéis estão agora com Devoire e sabemos exatamente o que planeja fazer com eles.

Altmayer endireitou-se e a pele fina, como um pergaminho, que recobria as suas faces, tremeu.

- Há quanto tempo você sabe?

- Desde o momento em que você mesmo soube, Dick. Você é muito previsível. E esta é a razão por que decidimos usá-lo. Supõe que o informante realmente o procurasse sem o nosso conhecimento?

- Não compreendo.

- O Governo da Terra, Dick, não está tão ansioso para que essa Conferencia Galáctica seja levada avante - disse Stock. - Entretanto, não somos Federalistas. Mas sabemos como a humanidade é. O que você supõe que aconteceria se o resto da Galáxia viesse a descobrir que os diaboli estão desenvolvendo o processo de transformar um mundo de atmosfera de oxigênio em outro de sulfato-sulfeto?

Não, não responda. Você é Dick Altmayer e estou certo que vai me dizer, num acesso de indignação, que abandonariam a conferência, juntar-se-iam numa união de amor e fraternidade, lançar-se-iam contra os diaboli e os desbaratariam. - E Stock fez uma pausa tão longa que por um momento pareceu que não diria mais nada. Mas depois continuou, quase num murmúrio.- Tolices. Os outros mundos diriam que o Governo da Terra, para seu próprio proveito, dera início a uma fraude forjando documentos e deliberadamente tentando dissolver a conferência. Os diaboli negariam tudo e a maioria dos mundos humanos viria a achar que seria do seu interesse acreditar na negativa. Concentrar-se-iam sobre a iniquidades da Terra e esqueceriam as dos diaboli. Como você vê, não podíamos responsabilizar-nos por tal revelação.

- Então você vai segurar Devoire - disse Altmayer, sentindo-se extenuado e inútil.- E tudo porque você tem sempre tanta certeza do insucesso com tanta antecedência e porque sempre espera o pior dos homens seus companheiros...

- Espere! Eu não disse nada sobre deter Devoire. Disse apenas que o governo não podia responsabilizar-se por tal revelação e não o faremos. Mas a revelação será feita do mesmo modo planejado por você, com a diferença de que depois prenderemos você e Devoire, denunciando a coisa tão veementemente quanto o farão os diaboli.

Todo o contexto então será mudado. O Governo da Terra estará a salvo das reclamações. Parecerá então ao resto dos governos humanos que servindo apenas aos nossos propósitos egoístas, estamos tentando esconder as ações dos diaboli e que talvez tenhamos um acordo especial com eles. Temerão este acordo especial e se unirão contra nós. Mas então, para que se aliem contra nós, terão que se aliar contra os diaboli. Insistirão em acreditar que a revelação é verdadeira, que os documentos são reais e a conferência será dissolvida.

- Significará a guerra outra vez - disse Altmayer desesperançado - e não contra o verdadeiro inimigo. Significará o combate entre seres humanos e a vitória, a maior de todas, ficará com os diaboli, quando tudo estiver terminado.

- Não haverá guerra - disse Stock.- Nenhum governo atacará a Terra sabendo que os diaboli estarão do nosso lado. Os outros governos simplesmente cortarão relações conosco e imprimirão na sua propaganda uma permanente tendência anti-diaboli.

Mais tarde, se houver guerra entre nós e os diaboli, os outros governos permanecerão, pelo menos, neutros.

Ele parecia muito velho, era o que pensava Altmayer. "Estamos todos velhos, estamos todos morrendo"

- Por que você espera que os diaboli se aliem à Terra? - foi o que chegou a dizer em voz alta. - Você pode enganar o resto da humanidade, fingindo que tenta uma supressão de fatos com referencia ao planeta Chu Hsi, mas não enganará os diaboli. Nem por um momento acreditarão que a Terra é sincera quando diz acreditar que os documentos são forjados.

- Ah, mas com certeza acreditarão - e Geoffrey Stock levantou-se, mais uma vez - porque, você tem que compreender, os documentos são realmente forjados. Os diaboli podem vir a planejar a sulfatação de planetas no futuro mas, pelo que sabemos, ainda não tentaram.

A 21 de dezembro de 2800, Richard Sayama Altmayer deu entrada na prisão pela terceira e última vez. Não houve julgamento, nenhuma sentença definida e dificilmente se poderia dizer que era uma prisão real, literalmente. Era uma liberdade em confinamento; somente a uns poucos oficiais era permitido comunicar-se com eles mas, por outro lado, cuidados assíduos eram tomados para o seu completo conforto. Não tinha acesso às notícias, por qualquer meio, naturalmente, de maneira que não sabia que no segundo ano do seu terceiro encarceramento a guerra entre a Terra e os diaboli fora declarada, com um ataque de surpresa perto da estrela Sirius por um esquadrão da Terra contra as naves dos diaboli.

Em 2802, Geoffrey Stock veio visitar Altmayer na prisão.

Altmayer levantou-se, surpreendido, para cumprimentá-lo.

- A sua aparência é boa, Dick - disse Stock.

Mas a sua própria não era. Envelhecera, acentuadamente. Ainda usava o uniforme de capitão, mas dentro dele o seu corpo dobrava-se agora ligeiramente. Deveria morrer ainda dentro daquele ano, fato do qual não estava completamente inconsciente. Não se importava muito. Pensava, repetidamente que havia vivido os anos que tivera que viver. Altmayer, que parecia o mais velho dos dois, viveria ainda por mais de nove anos.

- É um prazer inesperado, Jeff, você não pode ter vindo para me prender. Já estou na prisão.

- Vim visitá-lo voluntariamente se é o que gostaria de saber.

- E com que propósito, Jeff? Porque, com toda a certeza, você tem um propósito, não? Terá achado uma maneira inteligente de usar-me?

- Uma maneira de usá-lo, é verdade, mas desta vez você aprovará - disse Stock, tentando um sorriso que não passou de uma careta.- Estamos em guerra...

- Contra quem? - indagou Altmayer surpreendido.

- Contra os diaboli... há seis meses.

- Não soube nada a respeito - disse Altmayer juntando as mãos e entrelaçando os dedos, nervosamente.

- Eu sei.- O Coordenador juntou as mãos nas costas e estava ligeiramente surpreendido por descobrir que elas tremiam.- Tem sido uma longa jornada para nós, Dick.

Visamos o mesmo alvo, você e eu... Não, deixe-me falar. Com frequência desejei explicar-lhe meu ponto de vista, mas você nunca teria entendido. Não era a espécie de homem para entendê-lo até que lhe apresentasse os resultados. Tinha vinte e cinco anos quando visitei pela primeira vez o mundo dos diaboli, Dick. Desde então eu soube o que seria: ou eles ou nós.

- Eu disse isso - murmurou Altmayer - desde o início.

- Simplesmente dizer não era o bastante. Você desejava forçar os governos humanos e se unirem contra eles e aquela sua noção era politicamente irrealista e completamente impossível. Não era sequer desejável. Os humanos não são como os diaboli. Entre eles, a consciência individual é baixa, quase inexistente. A nossa é quase dominante. Eles não têm coisas tais como política, por exemplo. E nós não temos outra coisa. Nunca podem entrar em desacordo, não podem ter mais do que um único governo. Nunca pudemos concordar. Se tivéssemos uma única ilha para nela viver, a dividiríamos em três.

Mas na nossa discórdia está nossa força! O seu partido Federalista certa vez falou muito da antiga Grécia. Lembra-se? Mas a sua gente nunca chegou a compreender inteiramente o ponto principal. Sabemos, com certeza, que a Grécia nunca pôde unir-se e, portanto, foi por fim conquistada. Porém, mesmo dentro do seu estado de desunião, derrotou o gigantesco império Persa. Por quê?

Gostaria de frisar que as cidades-Estado da Grécia, durante séculos, combateram entre si. Foram forçados a especializar-se em matéria militar em tal extensão que suplantava o similar persa. Os próprios persas reconheceram isto e, no último século da sua existência como império, os mercenários gregos formavam a parte mais importante dos seus exércitos.

A mesma coisa pode ser dita das pequenas nações-Estado da Europa pré-atômica, que durante séculos de combates haviam aperfeiçoado a sua arte militar a tal ponto que puderam suplantar e conter por duzentos anos os impérios comparativamente gigantescos da Ásia.

O mesmo aconteceu conosco. Os diaboli, com as suas vastas extensões de espaço galáctico, jamais combateram numa guerra. A sua maquinaria militar é maciça, mas sem utilidade. Foi somente com cinquenta anos que conseguiram tal avanço, e apenas porque tiveram a oportunidade de copiar as várias nave humanas. A humanidade, por outro lado, tem combatido ferozmente pelo poderio militar. Cada governo apressou em manter-se acima dos seus vizinhos no que se referia à ciência militar. Precisavam fazê-lo! Foi somente a nossa desunião que tornou a terrível corrida pela sobrevivência necessária, de maneira que, no final, cada um dos nossos mundos era capaz de desbaratar todos os diaboli - desde que, é óbvio, nenhum de nós combatesse ao lado delas numa guerra geral.

Foi com vistas a prevenir tal desenvolvimento que toda a diplomacia da Terra se congregou. Até que houvesse certeza que numa guerra entre a Terra e os diaboli o resto da humanidade seria, pelo menos, neutra, não podia haver guerra e nenhuma união dos governos humanos podia ser permitida, uma vez que a corrida para o perfeccionismo militar continuava. Desde que nos asseguramos da neutralidade, por meio do logro que impediu a Conferência há dois anos passados, procuramos a guerra e agora a temos.

Altmayer, durante toda a exposição, sentia-se congelar. Foi somente depois de muito tempo que voltou a falar.

- E se os diaboli vencerem, depois de tudo? - indagou finalmente.

- Não vencerão - disse Stock.- Há duas semanas atrás as principais frotas juntaram-se em ação e a deles foi aniquilada, com praticamente nenhuma perda nossa,

embora fôssemos em número menor. É possível que tenhamos abatido naves desarmadas. Dispomos de armas mais fortes, com maior de ação e mira mais precisa. A nossa velocidade eficaz é três vezes maior que a deles, pois dispomos de aparelhos anti-aceleração que eles não têm. Desde aquela batalha, cerca de uma dúzia de outros governos humanos decidiu juntar-se ao lado vencedor e declararam guerra aos diaboli. Ontem os diaboli solicitaram negociações para um armistício. A guerra está praticamente terminada, e a partir de agora os diaboli serão confinados aos seus planetas originais e somente se expandirão no futuro se o permitirmos

Altmayer murmurava incoerentemente

- Agora a união torna-se necessária - disse Stock. - Depois da derrota da Pérsia pelas cidades-Estado gregas, estas se arruinaram devido às contínuas guerras entre elas, de modo que, primeiro a Macedônia e depois Roma, as conquistaram Depois que a Europa colonizou as Américas, retalhou a África e conquistou a Ásia, uma série de continuas guerras europeias levou a Europa à ruína.

Desunião até a conquista, a união a partir daí! Mas agora a união é fácil. Deixemos que uma subdivisão tenha sucesso por si mesma e o resto quererá tomar parte em tal sucesso, O antigo escritor, Toynbee, em primeiro lugar apontava a diferença entre o que ele chamava de "minoria dominante" e uma "minoria criativa."

- Somos uma minoria criativa agora. Num gesto quase espontâneo, vários governos humanos têm sugerido a formação da organização dos Mundos Unidos. Mais de setenta governos deseja comparecer às primeiras sessões a fim de se constituir a Carta da Federação. Os outros juntar-se-ão a nós mais tarde, estou certo. Gostaríamos que você fosse um dos delegados da Terra, Dick.

Altmayer não pôde impedir que seus olhos se enchessem de lágrimas.

- Eu... Eu não compreendo a sua proposta. É mesmo verdade?

- É exatamente como lhe digo. Você foi uma voz no deserto, Dick, gritando pela união. As suas palavras terão muito peso. O que você disse uma vez? "Por uma boa causa, não há fracasso."

- Não - disse Altmayer tomado de súbita energia.- Parece que a sua causa é que era a boa.

- Você foi sempre um mau intérprete da natureza humana, Dick - e as feições de Stock estavam duras, destituídas de emoção.- Quando os Mundos Unidos forem uma realidade e quando gerações de homens e mulheres olharem para trás e recordarem-se destes dias de guerra, durante os séculos que viverem de paz inquebrantável, todos terão esquecido o propósito dos meus métodos. Para eles, representarão sempre a guerra e a morte. Mas o seu clamor pela união, o seu idealismo, serão lembrados para sempre.

Voltou-se para sair e Altmayer mal pôde ouvir as suas últimas palavras: - E quando erigirem estátuas, não serão para mim.

"Na Grande Praça, que permanece como um refúgio de intocável paz entre as movimentadas cinquenta milhas quadradas devotadas aos edifícios que se elevam sobranceiros e que constituem o próprio coração dos Mundos Unidos da Galáxia, há uma estátua..

”Pode-se dizer sem errar que a pergunta mais frequentemente apresentada a um escritor de ficção científica é: “De onde você tira suas ideias?”

Imagino que a pessoa a fazer tal pergunta está certa de que existe alguma misteriosa espécie de inspiração que somente pode ser atingida por meios estranhos e possivelmente ilícitos ou por meio de algum antigo ritual que pode até envolver a invocação do demônio.

Mas a resposta é apenas esta: “Você pode obter uma ideia de qualquer coisa, desde que esteja disposto a pensar com afinco por muito tempo”.

Mas a menção de trabalho árduo e longo parece desiludir as pessoas. A sua admiração por você cai rapidamente e você fica com aquela sensação de que se expôs como impostor. Afinal de contas, se trabalho árduo e longo é tudo o que é exigido, qualquer um pode fazê-lo.

É estranho, então, que só poucos o façam.

De qualquer forma, minha própria esposa certa vez sucumbiu à tentação e me fez tal pergunta, mesmo sabendo que é uma pergunta da qual não gosto. Havíamos mudado para a área de Boston em 1949, onde assumi o meu cargo na Boston University School of Medicine e periodicamente fazíamos uma viagem de trem a Nova Iorque a fim de visitar nossas respectivas famílias.

Certa vez, em uma dessas viagens, talvez para quebrar o tédio, ela me fez A Pergunta e eu respondi: “De qualquer coisa. Provavelmente conseguirei uma nesta viagem de trem, se eu tentar”.

- Então vá em frente - foi o que ela disse com toda naturalidade.

Então pensei bastante, e contei-lhe em seguida a história de uma viagem de trem, que imediatamente datilografei ao voltar para casa, agora na sua forma permanente, chamada: E Se...

Esta história é incomum para mim sob outro aspecto também. Não é meu forte fazer romance nas minhas histórias. Por que esta deveria conter algo romântico, é cogitação que deixo para o consultório do psicanalista. Apenas apresento o fato.

Algumas vezes as mulheres aparecem em minhas histórias. Em raras ocasiões como em “A Anfitriã”, uma mulher é até mesmo a protagonista. Mas mesmo ali o romance é um fator mínimo, se é que aparece.

Em E Se... entretanto, a história é toda romântica. E cada vez que penso nisto, fico admirado. Acredito que é a única das minhas muitas histórias onde o romance é seriamente (ao contrário de velhacamente) apresentado. Que coisa!

1ª publicação - Fantastic, Verão de 1952. Copyright, 1952, by Ziff Davls Publishing Co.

# E se...

Norman e Livvy estavam atrasados, naturalmente, pois apanhar um trem é sempre uma questão dos últimos minutos de um atraso, de maneira que tiveram que ocupar os únicos lugares disponíveis no vagão. Eram os que ficam de costas para o final do vagão e de frente para todo o resto do carro. Enquanto Norman colocava a valise na prateleira, Livvy sentia-se ligeiramente irritada.

Se um casal ocupa os últimos lugares de um vagão, passará todo o tempo encarando, meio conscientemente, todos os demais rostos durante todo o trajeto até Nova Iorque ou, então, pode erigir barreiras sintéticas de jornal - o que melhora bem pouco a situação. Ainda assim, não adiantava tentar encontrar um outro banco vazio, para duas pessoas, em qualquer outro vagão do trem.

Norman parecia não se importar, o que deixava Livvy um pouco desapontada - porque normalmente costumavam manter o mesmo humor. E tal fato, explicava Norman, é o que fazia com que se mantivesse tão seguro de se ter casado com a pequena certa.

Costumava dizer: - Completamo-nos, Livvy, este é o ponto-chave. Quando você está armando um quebra-cabeças e uma peça ajusta-se a outra, assim é conosco. Não existem outras possibilidades e, naturalmente, não existem outras pequenas.

E Livvy costumava rir e dizer: - Se você não estivesse no ônibus elétrico naquele dia, provavelmente nunca me teria encontrado. O que você teria feito então?

- Ficaria solteiro. Naturalmente. Além disso, viria a conhecê-la através de Georgette em qualquer outro dia.

- Não teria sido a mesma coisa.

- Claro que seria.

- Não, não seria, mesmo porque Georgette nunca me apresentaria a você. Ela própria estava interessada em você e ela é do tipo que pensa duas vezes antes de criar uma possível rival.

- Mas que tolice.

Mas Livvy voltava à sua pergunta favorita. - Norman e se você tivesse chegado com um minuto de atraso ao ponto do ônibus e tivesse que tomar o próximo? O que você acha que teria acontecido?

- E se os peixes tivessem asas e todos eles voassem até o topo das montanhas? O que comeríamos nós às sextas-feiras?

Mas eles tinham apanhado o mesmo ônibus, os peixes não tinham asas, de maneira que se haviam casado há cinco anos e comiam peixe às sextas-feiras. E porque já estavam casados há cinco anos, pretendiam celebrar o evento passando uma semana em Nova Iorque.

Livvy voltou a lembrar-se do problema do momento. - Gostaria de termos encontrado outros lugares.

- Claro - disse Norman. - Também eu. Mas ninguém ocupou ainda os lugares no banco aí da frente, de maneira que teremos relativo isolamento, pelo menos até Providence,

Livvy não se sentiu consolada com isso e se sentiu plenamente justificada em seu

receio, quando um homem baixinho e gorducho apareceu andando pelo corredor entre os bancos. Pensando bem, de onde ele surgiu? O trem já estava a meio caminho entre Boston e Providence e se ele tinha um lugar, por que não o havia conservado? Pôs de lado a sua presunção e passou a refletir. Rapidamente elaborou a teoria de que, se ignorasse o homem baixinho, ele simplesmente passaria. Concentrou-se pois no seu cabelo de um castanho-claro que, na pressa de apanharem o trem, ficara um pouco desarranjado - mirando ainda no espelho seus olhos azuis, a boca pequena de lábios cheios, sobre a qual Norman costumava pronunciar-se, dizendo que se parecia a um beijo permanente.

Nada mau, pensou ela.

Foi então que levantou a vista e verificou que o baixinho instalara-se exatamente no lugar oposto ao seu. Quando cruzou o olhar com o dela, sorriu abertamente. Uma série de linhas curvaram-se nos cantos dos lábios que ofereciam aquele sorriso. Rapidamente tirou o chapéu, colocando-o ao seu lado, em cima de uma pequena caixa preta que estava carregando. E imediatamente um círculo de cabelo branco espesso elevou-se em torno de sua cabeça, tornando mais óbvio que o centro daquele crânio era um deserto, inteiramente calvo.

Não pôde impedir-se de retribuir um pouco o sorriso, mas foi quando os seus olhos mais uma vez voltaram-se para a caixa preta que o seu sorriso morreu. Puxou Norman pelo cotovelo.

Norman desviou o olhar do seu jornal. Possuía impressionantes sobrancelhas escuras, que quase se encontravam ao início do nariz, o que lhe dava uma aparência temível à primeira vista. Os olhos também escuros, que se abrigavam sob tais sobrancelhas, voltavam-se para ela agora apenas com o costumeiro olhar satisfeito e de uma afeição divertida.

- Ele disse: - O que há? - sem olhar para o gorducho no lado oposto.

Livvy fez o melhor que pôde para indicar o que ela viu com um ligeiro gesto da mão e da cabeça. Mas como o homem estivesse olhando, sentiu-se como uma idiota, já que Norman simplesmente a encarava sem compreender.

Finalmente chegou-se mais para junto dele e sussurrou: - Não está vendo o que está escrito na caixa?

Olhou novamente enquanto falava e não podia haver engano. Não estava escrito de maneira a chamar muito a atenção, mas a luz incidia sobre aquilo, mostrando uma área mais brilhante sobre fundo escuro. Em letra corrente lá estava escrito: *"E Se..."*

O homem baixinho sorria novamente. Fez um rápido aceno com a cabeça, apontou para as palavras e depois para ele mesmo, repetindo o gesto diversas vezes.

Norman disse então, falando de lado. - Deve ser o nome dele.

- Oh, mas como pode ser o nome de alguém? - replicou Livvy.

- Vou mostrar-lhe - disse Norman, pondo o jornal de lado, inclinou-se e disse: - Sr. Se?

O homenzinho olhou para ele vivamente.

- Pode dizer-me as horas, Sr. Se?

O homem sacou um grande relógio do bolso do colete e mostrou-lhe as horas.

- Obrigado, Sr. Se - disse Norman. E voltando-se para Livvy:

- Está vendo, Livvy?

E teria voltado a ler o seu jornal se não tivesse reparado que o homem baixinho estava agora abrindo a sua caixa e levantando um dedo, a intervalos curtos, à medida em que o fazia, para chamar a atenção. Foi apenas um pedaço de vidro fosco que ele removeu da caixa, com cerca de seis por nove polegadas de comprimento e altu-

ra, respectivamente, e talvez uma polegada de espessura. À sua volta o vidro era chanfrado, os cantos arredondados, sem mais nenhum traço característico. Depois retirou da caixa um suporte de arame, onde o vidro se acomodou perfeitamente. Colocou o simples e ao mesmo tempo estranho aparelho nos joelhos e olhou para o casal, orgulhoso.

- Céus, Norman, é uma espécie de imagem - disse Livvy subitamente excitada.

- O que é isto? Uma nova espécie de televisor? - disse Norman, inclinando-se para olhar o aparelho e depois para o homem. Mas o baixinho balançou a cabeça negativamente e Livvy disse:

- Não, Norman, trata-se de nós.

- O quê?

- Não está vendo? Lá está o ônibus elétrico onde nos encontramos. Veja você no banco de trás, usando aquele chapéu tipo diplomata que joguei fora há três anos. Georgette e eu estamos entrando. Aquela senhora gorda está no caminho. Agora! Pode ver-nos?

- É algum tipo de ilusionismo - murmurou ele.

- Mas você também está vendo, não está? Aí está porque ele chama isto de "E Se...". Isto vai mostrar-nos o que teria acontecido se... tivesse sido de outra forma. Se o ônibus elétrico não tivesse dado aquela virada brusca...

E ela tinha razão. Sentia-se muito excitada e muito certa do que iria ver. E enquanto olhava para o quadro que se apresentava no pedaço de vidro, os raios de sol do fim da tarde obscureceram-se e o incoerente vozerio dos passageiros começou a decrescer.

Relembrava agora aquele dia. Norman conhecia Georgette e estava a ponto de ceder-lhe o seu lugar quando o ônibus deu uma virada brusca e lançou Livvy no colo dele. A situação era vulgar e ridícula, mas funcionou. Livvy sentiu-se tão embaraçada que ele foi forçado antes de mais nada a se conduzir com galanteria e depois a travar conversação. Uma apresentação por parte de Georgette nem sequer foi necessária. E quando por fim as duas tiveram que descer do ônibus, Norman já sabia onde ela trabalhava.

Podia ainda lembrar-se de Georgette a lançar-lhe um olhar de esguelha, forçando um sorriso no seu mau humor e a dizer-lhe, quando por fim se separaram: - Parece que Norman gostou de você.

- Oh, não seja tola! - replicara Livvy. - Estava apenas sendo gentil. Mas ele é boa-pinta, não?

E apenas seis meses depois estavam casados.

E agora ali estava o mesmo ônibus outra vez, mostrando Norman, ela e Georgette. E enquanto pensava nisso, os apagados ruídos do trem, o rápido estalar das rodas, desapareceram completamente. Ao invés disso, ela estava nos fundos de um ônibus balouçante. Acabara de apanhá-lo, em companhia de Georgette, no ponto anterior.

Livvy tratou de suportar o próprio peso, com o balanço do ônibus, como o faziam quarenta outras pessoas, sentadas e de pé, todos no mesmo monótono e sempre ridículo ritmo. Foi quando ela disse: - Alguém está acenando para você, Georgette. Você o Conhece?

- Para mim? - e Georgette dirigiu um olhar aparentemente casual por cima do seu ombro. Os seus cílios artificiais tremeram e ela continuou. - Conheço-o, ligeiramente. O que você acha que ele quer?

- Vamos descobrir - disse Livvy. Sentia-se maldosamente contente.

Georgette tinha o hábito bem conhecido de esconder as suas amizades masculinas e não deixava de ser engraçado espicaçá-la daquele modo. E além de tudo, aquele ali... parecia bem interessante.

Abriu caminho através dos passageiros que estavam de pé, seguida por Georgette que não se mostrava entusiasmada. E foi exatamente quando Livvy chegou ao lado oposto onde o rapaz se sentava, que o ônibus deu uma guinada forte e brusca, ao fazer uma curva. Livvy teve um gesto desesperado, elevando a mão para segurar a barra metálica de apoio. As pontas dos seus dedos o atingiram e ela conseguiu equilibrar-se. Depois de um longo momento é que conseguiu respirar. Por alguma razão, parecia que não sobrava nada daquela barra onde pudesse segurar. De algum modo sentiu que, por todas as leis da natureza, deveria ter caído.

O rapaz não olhava para ela. Sorria para Georgette e levantava-se do seu lugar. Possuía sobrancelhas impressionantes, que lhe davam um ar de muita competência, a aparência de autoconfiança. Livvy chegou à conclusão imediata de que definitivamente gostava dele. Mas Georgette dizia agora: - Oh, não se incomode. Vamos descer em um dos próximos pontos.

E foi o que fizeram, quando então Livvy ousou uma observação. - Pensei que íamos ao Sach.

- E vamos. Apenas me lembrei de uma coisa que tenho que ver aqui. Só levará um minuto.

- Próxima parada, estação de Providence! - berrava agora o alto-falante, O trem diminuía de marcha e o mundo do passado encolheu-se lá dentro do pedaço de vidro. O homem baixinho ainda sorria para eles.

Livvy voltou-se para Norman. Sentia-se um pouco amedrontada. - Você viu tudo aquilo também?

- O que aconteceu com o tempo? - disse ele. - Não podemos estar chegando já a Providence. - Consultou o relógio.- Mas acho que estamos. - E em seguida, dirigindo-se a Livvy- Você não caiu desta vez.

- Então você também viu? - e ela franzia a testa. - Mas veja, isto é bem do tipo de Georgette. Tenho certeza que não havia razão para descermos do ônibus, a não ser para evitar apresentar-me a você. Há quanto tempo você conhecia Georgette, Norman?

- Não havia muito. Apenas o suficiente para reconhecê-la ao avistá-la e sentir-me na obrigação de oferecer-lhe o meu lugar.

Livvy torceu os lábios.

- Você não pode ter ciúme de uma coisa que podia-ter-sido, mocinha. Além de tudo, que diferença isto teria feito? Teria estado suficientemente interessado em você para achar um meio de encontrá-la.

- Você nem sequer me olhou.

- Eu praticamente não tive oportunidade.

- Mas, então, de que maneira teria me encontrado?

- De alguma forma. Não sei como, e você tem que admitir que estamos discutindo por uma coisa muito tola.

Estavam chegando a Providence. Havia um tumulto na cabeça de Livvy. O homem baixinho havia acompanhado todo o sussurro daquela conversa, deixando apenas de sorrir para mostrar que compreendia. Livvy voltou-se para ele. - Pode mostrar-nos mais?

- Espere aí, Livvy. O que é que você está tentando fazer? - interrompeu Norman.

- Quero ver o dia do nosso casamento - disse Livvy.- O que teria sido se eu me segurasse, se não tivesse caído.

- Escute, isto não é justo - disse Norman visivelmente aborrecido. - Poderíamos não nos ter casado no mesmo dia, sabe?

- Pode mostrar-me, Sr. Se? - disse ela, sem ligar para Norman. O homem concordou com um aceno de cabeça.

O pedaço de vidro voltou a ter vida novamente, brilhando um pouco. Então a luz reuniu-se e condensou-se em figuras. O suave som da música de órgão atingiu os ouvidos de Livvy, sem que na verdade se desprendesse som algum daquele vidro.

- Bem, aí estou eu - disse Norman, aliviado. - É o nosso casamento. Está satisfeita?

Os ruídos do trem desapareciam novamente e a última coisa que Livvy ouviu foi a sua própria voz a dizer: - Sim, aí está você. Mas onde estou eu?

Livvy estava num dos bancos da igreja. Durante algum tempo pensara até em não comparecer. Durante os meses passados, afastara-se mais e mais de Georgette, sem exatamente saber por quê. Ela soubera do noivado através de um amigo comum que, naturalmente, não era Norman. Lembrava-se, perfeitamente bem, daquele dia, há seis meses atrás, quando o vira pela primeira vez no ônibus. Fora então que Georgette tão naturalmente a pusera fora do caminho. Voltara a se encontrar com ele, em diversas ocasiões, mas todas as vezes Georgette estava a seu lado, intrometendo-se.

Bem, não tinha motivos para ressentimentos, certamente aquele era um homem que não lhe pertencia. Georgette, pensava agora, estava mais bonita do que realmente era. E ele, sem dúvida, era atraente.

Sentia-se triste e vazia, como se alguma coisa tivesse saído errada - alguma coisa que não podia inteiramente determinar em sua mente. Georgette fizera a sua entrada e caminhara pela Igreja sem parecer vê-la, porém, mais tarde, seus olhos encontraram-se com os dele e para ele Livvy sorrira. E pensava que ele lhe retribuíra o sorriso.

Mesmo de longe, ouviu as palavras que flutuaram até ela: "Eu vos declaro..."

Os ruídos do trem voltaram a ser audíveis. Uma senhora balançava-se no corredor, conduzindo um rapazinho, ambos voltando aos seus lugares. Podia-se ouvir fluxos intermitentes de risadas vindos de um grupo de garotas que ocupava o centro do vagão. Um chefe de trem passou apressado, em uma das suas misteriosas andanças.

Livvy estava glacialmente consciente de tudo aquilo.

Estava sentada ali, olhando esgazeadamente para fora, onde parecia que árvores tintas de um verde encrespado e furioso corriam e os postes telefônicos galopavam, passando, passando...

- Foi com ela que você se casou - disse ela.

Norman ficou olhando para ela por um momento e o canto da sua boca teve um trejeito, embora ligeiro. Conseguiu dizer, despreocupadamente. - Não me casei com ela realmente, Olivia. Você ainda é minha mulher. Apenas pense sobre isto por alguns minutos.

- Sim, você casou-se comigo - disse ela voltando-se para ele - porque eu caí no seu colo. Se não fosse assim, você teria se casado com Georgette. Se ela não tivesse desejado, você teria se casado com qualquer outra pessoa. Você teria casado com

qualquer outra. Eis aí seu quebra-cabeça.

- Bem, mas que... diabo! - disse Norman muito vagarosamente. Levou ambas as mãos à cabeça e alisou os cabelos acima das orelhas, onde tinham a tendência de estufar-se. Por um momento tal gesto deu-lhe a aparência de quem tentava manter a cabeça segura, unida ao pescoço.

- Agora, escute aqui, Livvy, você está fazendo um estardalhaço por causa de um estúpido truque de mágica. Não pode me culpar de uma coisa que não fiz.

- Você o teria feito.

- Como é que você sabe?

- Você viu como foi.

- O que vi foi um ridículo espetáculo de... de... hipnotismo, suponho. - Sua voz subitamente elevou-se, denotando raiva. Voltou- se para o homem à sua frente. - Dê o fora, Sr. Se, ou seja qual for o seu nome. Dê o fora daqui, não precisamos do senhor. E dê o fora antes que eu jogue pela janela a sua estúpida mágica e o senhor depois dela.

- Pare com isso, pare com isso! - disse Livvy dando-lhe uma cotovelada. - Você está num trem cheio de gente.

O homenzinho encolheu-se o mais que pôde no seu canto, escondendo atrás de si a caixa preta. Norman olhava para ele, em seguida para Livvy e depois para uma senhora idosa sentada mais adiante

Ela nem respondeu. Olhava pela janela, sem ver nada da paisagem que corria, na verdade só enxergava o vidro.

Norman voltou a chamá-la. -Livvy! Livvy! Responda-me!

- O que é que você quer? - disse ela friamente.

- Escute, Livvy, tudo isto é uma tolice. Não sei como este sujeito faz isso, mas mesmo que possa ser uma coisa legítima, você não está sendo justa. Por que parar a história ali? Suponhamos que eu tivesse me casado com Georgette. Você teria ficado solteira? Pelo que posso supor, você já estaria casada na época desse meu suposto casamento. Talvez tenha sido por isso que me casei com Georgette.

- Eu não estava casada.

- Como é que você sabe?

- Teria sido capaz de dizer. Sabia onde estavam meus pensamentos.

- Então você se teria casado no decorrer do ano seguinte.

Livvy começou a ficar com raiva. O fato de que a parte razoável dentro dela clamava contra a insanidade de sua fúria, não chegava a acalmá-la. Pelo contrário, irritava-a mais ainda.

- E se estivesse casado - disse ela - certamente não seria da sua conta.

- Naturalmente que não seria. Mas reforçaria o ponto de que, dentro da realidade, não podemos ser responsáveis por todos os "ses" deste mundo.

As narinas de Livvy inflamaram-se. Permaneceu calada.

- Escute - disse Norman. - Lembra-se da grande festa de Ano Novo, em casa de Winnie, há dois anos passados?

- Certamente que me lembro. Você derramou uma coqueteleira cheia em cima de mim.

- Isto não vem ao caso e, além de tudo, foi somente para aquilo que aquela coqueteleira prestava, O que estou tentando dizer é que Winnie é praticamente o seu melhor amigo e já a conhecia há muito tempo antes de você casar-se comigo.

- E o que tem isto?

- Georgette também era uma boa amiga sua, não era?

- Sim.

- Vejamos então. Você e Georgette teriam ido à festa, tivesse eu me casado com uma ou outra. Eu não teria nada a ver com o fato. Vamos deixar que ele nos mostre como teria sido a festa se eu me tivesse casado com Georgette, e eu aposto que você estaria lá ou com seu noivo ou com seu marido.

Livvy hesitou. Honestamente sentiu medo exatamente daquela experiência.

- Tem receio de tentar, hein? - disse ele. E tal observação, naturalmente, levou-a a decidir-se. Voltou-se para ele, furiosa.

- Não, não tenho! E espero que esteja casada! Não há nenhuma razão para que estivesse sofrendo por sua causa. E tem mais, eu gostaria de ver o que acontece quando você derrama o coquetel sobre Georgette. Ela lhe teria feito uma cena e ainda em público, também. Eu a conheço! Talvez você possa ver então uma certa diferença nas peças do quebra-cabeça.- E ficou olhando para a frente, com os braços raivosa e firmemente cruzados sobre o peito.

Norman voltou a olhar para o homem baixinho, mas já não havia necessidade de dizer nada. A placa de vidro já estava no colo dele. Os raios do sol do poente incidiam agora sobre a sua cabeça, colorindo de rosa, como espuma, os cabelos brancos que a coroavam.

- Está pronta? - disse Norman, sentindo-se tenso, por sua vez.

Livvy acenou afirmativamente com a cabeça e todos os ruídos do trem mais uma vez foram cessando.

Livvy estava de pé na porta, ligeiramente rosada devido ao frio. Acabara de tirar o casaco salpicado pela neve e os braços nus rebelavam-se ainda contra o toque do ar gelado.

Respondeu aos gritos que a saudavam com um "Feliz Ano Novo" que também gritou, tendo realmente de elevar a voz a fim de fazer-se ouvir acima do clamor do rádio. Os agudos tons da voz de Georgette foram praticamente a primeira coisa que conseguiu distinguir ao entrar e agora dirigia-se a ela. Não vira Georgette ou Norman por semanas.

- Não veio ninguém com você, Olivia? - disse Georgette levantando uma das sobrancelhas, um maneirismo que há pouco tempo passara a cultivar, enquanto dava uma rápida olhada em volta deles, voltando-se em seguida para Livvy.

- Penso que Dick estará por aqui mais tarde - disse Livvy com indiferença. - Havia alguma coisa que ele tinha a fazer antes de vir.- E sentia-se tão indiferente quanto suas palavras.

- Bem, Norman está aqui - disse Georgette com um sorriso forçado - o que impedirá que se sinta sozinha, querida. Pelo menos foi assim que aconteceu da última vez que nos vimos.- E enquanto dizia isto, Norman, muito à vontade, saia da cozinha, com uma coqueteleira na mão, fazendo acompanhar as suas palavras com o castanholar dos cubos de gelo.

- Permaneçam em fila, bagunceiros, e experimentem esta mistura que os fará revelar seus excessos.. Livvy! - e caminhou na sua direção com o melhor sorriso de boas-vindas.- Onde tem se escondido? Não a vejo há uns vinte anos, pelo que me parece. Será que Dick não quer que ninguém a veja?

- Encha o meu copo, Norman - disse Georgette causticamente.

- Agora mesmo - disse ele sem olhar para ela. - Toma um, Livvy? Vou apanhar um copo para você.- Voltou-se e foi então que tudo aconteceu de repente. Embora Livvy ainda gritasse "cuidado", teve a vaga sensação de que o que ia acontecer já acontecera antes mas que inexoravelmente voltava a se repetir.

Norman tropeçou no tapete com o calcanhar, ao voltar-se, desequilibrou-se, tentou endireitar-se e a coqueteleira escapou-lhe das mãos, e todo o seu conteúdo alcoólico derramou-se sobre Livvy, molhando-a dos ombros à barra do vestido.

Ficou ali parada ofegante. Todas as vozes à sua volta decresceram de tom e durante uns poucos e intoleráveis momentos fez aqueles gestos fúteis de limpar o seu vestido de noite, enquanto Norman apenas repetia, em voz cada vez mais alta: - Maldição!... Maldição!...

- É uma pena, Livvy - disse Georgette friamente. - E uma dessas coisas que acontecem. Imagino que esse vestido custou caro.

Livvy voltou-se e correu para o quarto que, pelo menos, estava vazio e relativamente silencioso. A luz do abajur franjado da penteadeira, passou a procurar o seu casaco entre todos os outros que estavam em cima da cama. Norman viera no seu encalço.

- Escute, Livvy, não dê a menor atenção ao que ela disse. Lamento muito e sinceramente o que aconteceu. Eu pagarei...

- Está tudo bem. Você não tem culpa - disse ela pestanejando rapidamente e sem olhar para ele. - Vou para casa e trocarei de vestido.

- Você voltará?

- Não sei. Acho que não.

- Escute Livvy... - e ela sentiu o calor dos dedos dele em seu ombro.

Livvy sentiu uma estranha e cortante sensação que a invadia profundamente, como se dela estivesse se desgrudando de uma teia, e...

... e os ruídos do trem voltaram a se tomar claros.

Alguma coisa devia estar errada com o tempo enquanto ela estava lá, dentro daquele pedaço de vidro, O crepúsculo terminara. As luzes do trem já estavam acesas. Parecia estar se recobrando da violenta distensão em seu interior.

Norman esfregava os olhos com os dedos. - O que aconteceu?

- Acabou. Subitamente acabou.

- Você sabe, logo estaremos chegando a New Haven - disse ele pouco à vontade. Olhou para o relógio e balançou a cabeça.

Pensativa, Livvy falou: - Você derramou o coquetel sobre mim.

- Bem, foi o que fiz na vida real.

- Mas na vida real eu era sua mulher. Desta vez, você tinha que derramar aquilo em Georgette. Não é estranho? - mas ela pensava que Norman fora procurá-la, ainda sentia as suas mãos quentes sobre os ombros... Encarou-o e disse-lhe com grande satisfação.

- Eu não estava casada.

- Não, não estava. Mas era com aquele Dick Reinhardt que você estava saindo?

- Sim.

- Você não estava planejando casar-se com ele, não é Livvy?

- Com ciúmes, Norman?

- De quê? - e Norman parecia confuso. - De um pedaço de vidro? Naturalmente que não.

- Não acredito que me tivesse casado com ele.

- Sabe, eu gostaria que a coisa não tivesse terminado tão subitamente. Havia alguma coisa que estava a ponto de acontecer, suponho.- Calou-se por um instante para voltar a falar, vagarosamente.- Era como se eu pudesse ter feito aquele gesto para qualquer outra pessoa dentro daquele quarto.

- Até mesmo para Georgette.

- Eu não estava dando a mínima para Georgette. Mas suponho também que você não acredita em mim.

- Talvez acredite - e levantou os olhos para ele.- Tenho sido uma tola, Norman.- Vamos... vamos viver a nossa vida real. Vamos deixar de brincar com todas estas coisas que apenas poderiam ter si do.

- Não, Livvy - disse ele tomando-lhe as mãos. - Apenas uma última vez. Vejamos o que estaríamos fazendo exatamente agora, Livvy! Neste exato minuto! Se eu me tivesse casado com Georgette.

- Não vamos não, Norman - e Livvy parecia um pouco amedrontada. Relembrava os olhos dele, sorrindo, ávidos, para ela, enquanto segurava a coqueteleira e sem dar atenção a Georgette ao seu lado. Não desejava saber o que teria acontecido depois. Desejava apenas a vida que tinha agora, a sua boa e bela vida.

O trem parou em New Haven e depois continuou a correr.

- Quero tentar, Livvy - disse Norman novamente. -

- Se você o quer... - disse ela. E corajosamente decidiu que não importaria, que nada do que viesse a ver teria importância. Segurou Norman pelo braço, fortemente, e enquanto o fazia, pensava: - Nada neste faz-de-conta pode tirá-lo de mim,

- Vamos ver de novo - disse Norman para o baixinho.

Sob o brilho da luz amarela o processo parecia tomar-se mais vagaroso. Suavemente o vidro fosco clareou-se, como se algumas nuvens fossem separadas e dispersadas por um vento impalpável.

- Alguma coisa está errada - dizia Norman - Lá estamos apenas os dois, exatamente como estamos agora.

E tinha razão. Duas pequenas figuras sentavam-se em um trem, nos lugares mais distantes da frente do vagão, O campo de visão tornava-se mais largo agora, e eles emergiam. A voz de Norman morria, parecia vir de longe, muito longe...

- Mas é o mesmo trem - dizia ele. - A janela de trás está rachada exatamente como...

- Gostaria que já estivéssemos em Nova Iorque - disse Livvy sentindo-se imensamente feliz.

- Levará menos de uma hora, querida - disse ele. E acrescentou: - Vou dar-lhe um beijo - e inclinou-se para ela.

- Não aqui! Oh, Norman, as pessoas estão olhando!

- Deveríamos ter apanhado um táxi - disse Norman, contendo-se.

- De Boston para Nova Iorque?

- Claro. A intimidade teria valido a pena.

- Você é engraçado quando tenta bancar o homem ardente - disse Livvy com uma risada.

- Não estou fingindo - e a voz dele subitamente tornou-se algo sombria.- Não se trata apenas de uma hora, você sabe. Sinto como se tivesse esperado cinco anos.

- Eu também.

- Por que não me encontrei com você primeiro? Que desperdício...

- Pobre Georgette... - disse Livvy, suspirando.

- Não sinta pena dela, Livvy - disse Norman, movendo-se, impaciente.- Nunca estivemos realmente tão interessados um pelo outro. Na verdade, ela gostou de ver-se livre de mim.

- Eu sei. É por isso que eu digo "pobre Georgette". Estou apenas lamentando que

ela não tenha sido capaz de apreciar o que tinha,

- Está bem, então aproveite você - disse ele. - Aproveite imensamente, infinitamente ou, melhor, trate de apreciar pelo menos metade do que eu aprecio em mim.

- Ou, então, você se divorcia de mim também?

- Com absoluta certeza - disse Norman.

- É tudo tão estranho - disse Livvy. Continuou pensando. - E se você não tivesse derramado o coquetel sobre mim, aquela vez na festa? Você não me teria seguido, não me teria dito, eu não teria sabido. Teria sido tão diferente... tudo.

- Tolice. Tudo teria sido o mesmo. Tudo teria acontecido outra vez.

- Hum, fico pensando... - disse Livvy suavemente.

Os ruídos do trem confundiram-se com os que vinham de outros trens. As luzes da cidade brilhavam lá fora, e toda a atmosfera de Nova Iorque os atingiu. Todo o vagão se agitava com os passageiros apanhando as bagagens.

Mas Livvy era como uma ilha no meio do tumulto até que Norman a sacudiu fazendo-a olhar para ele.

- As peças do quebra-cabeça ajustaram-se, apesar de tudo.

- Sim - disse ele.

- Mas não valeu a pena, de qualquer modo - disse ela, pondo a mão sobre a dele. - Estava muito enganada. Pensei que como tínhamos um ao outro, podíamos investigar todas as possibilidades de que nos teríamos um ao outro. Mas todas as possibilidades não são de nossa conta. A vida real é suficiente. Compreende o que quero dizer?

Norman concordou com um aceno de cabeça.

- Existem milhões de outros "ses". Não quero saber o que aconteceu em cada um deles. Nunca mais vou dizer "e se" novamente.

- Acalme-se, querida - disse Norman. - Aqui está o seu casaco - e ele levantou-se para apanhar a valise. Foi quando Livvy falou, com súbita vivacidade.

- Onde está o Sr. Se?

Vagarosamente Norman voltou-se para o lugar vazio à frente deles. Juntos, esquadrinharam o resto do vagão.

- Talvez ele tenha passado para o vagão da frente - disse Norman.

- Mas por quê? Além do que, ele não deixaria o seu chapéu - e Livvy inclinou-se para apanhá-lo.

- Que chapéu? - disse Norman.

Mas Livvy subitamente parou de tatear procurando, pois não achou nada.

- Mas estava aqui. Quase cheguei a tocá-lo. - Voltou a endireitar-se e disse: - Oh, Norman e se...

- Querida... - disse Norman, pondo a mão sobre os lábios dela.

- Sinto muito - disse ela. - Deixe-me ajudá-lo com as malas.

O trem mergulhou no túnel sob Park Avenue, com as rodas atroando os ares.

Como mencionei o consultório do psicanalista na introdução de "*E Se...*" posso muito bem falar daqueles sujeitos que analisam histórias à moda Freudiana.

Dada uma mentalidade freudiana e com suficiente engenhosidade é possível, penso, traduzir qualquer grupo de palavras (racional, irracional, ilógico) em símbolos sexuais, para em seguida começar a tagarelar sobre o inconsciente do escritor.

Já disse e repito: não sei o que há em meu inconsciente e não me importo. Nem sequer sei, ao certo, se tenho um.

Tenho sido informado que o conteúdo inconsciente de alguém pode distorcer de tal modo a personalidade que ele só pode se corrigir pelo profundo estudo daqueles secretos fatores mentais, sob a orientação de um analista.

Pode ser que seja, mas a única coisa a respeito de mim mesmo que considero realmente séria para requerer um tratamento psicanalítico é a minha compulsão para escrever. Talvez se eu conseguisse chegar a um vácuo em minha mente, poderia ver-me livre de tal compulsão e então teria mais tempo para dormir ao sol, jogar golfe ou qualquer outra dessas coisas que as pessoas fazem quando não têm nada para fazer.

Mas é exatamente o que não quero, obrigado. Sei tudo a respeito da minha compulsão, gosto dela e pretendo conservá-la. Qualquer outro que fique com a liberdade de dormir ao sol e jogar golfe.

Assim sendo, espero que ninguém se entregue ao impulso de psicanalisar minhas histórias e me venha com a explicação completa a respeito das minhas compulsões, dependências e neuroses e ainda espere que eu chore de gratidão. Não estou disponível para tal e nem estou interessado nas secretas significações de minhas histórias. Se vier a encontrá-las, guarde-as só para você.

E é neste ponto que chego a Sally. É sabido que, em média, os homens americanos amam os seus carros com uma pseudo-sexual paixão e quem sou eu para me declarar um não-americano?

Qualquer pessoa que vier a ler Sally, pode compreender que me sinto fortemente atraído pela heroína da história e que provavelmente reflete algo da minha vida. Lá pelo fim da história, realmente, Sally fez algo que permitiria ao freudiano amador ocupar-se por um dia inteiro. (Oh, descubra isto por você mesmo, não será difícil!) O simbolismo sexual é conspícuo e o psicanalista pode morrer de rir do que terá certeza que existe em minha mente inconsciente.

E no entanto estará inteiramente enganado, porque não foi a minha mente inconsciente que escreveu a história. Ela foi cuidadosa e deliberadamente elaborada pela minha mente consciente, porque eu assim o quis.

*1ª publicação - Fantastic, maio-junho, 1953.* *Copyright, 1953, by Ziff - Davis Publishing Company.*

# Sally

**Sally** vinha descendo pelo caminho do lago, de maneira que acenei para ela e chamei-a pelo nome. Sempre gostei de ver **Sally**. Gostava de todas elas, compreende, mas **Sally** era a mais bonita. Não havia a menor dúvida.

Apressou-se um pouco quando acenei. Mas não sem dignidade, ela não era desse tipo. Moveu-se apenas com"rapidez suficiente para demonstrar que estava contente por ver-me também. Voltei-me para o homem ao meu lado.

- Esta é **Sally** - disse eu.

Ele sorriu para mim e balançou a cabeça. Fora a Sra. Hester quem o trouxera, dizendo:

- Este é o Sr. Gellhorn, Jake. Você deve lembrar-se que ele lhe enviou uma carta pedindo uma entrevista.

E isto era pura conversa, naturalmente. Tenho um milhão de coisas para fazer na Fazenda e se há uma coisa com a qual não perco tempo é com a correspondência. É por isso que mantenho a Sra. Hester por aqui. Está sempre por perto e é muito eficiente para atender a coisas tolas, destituídas de importância, sem precisar estar sempre recorrendo a mim e, o que é primordial, ela gosta de **Sally** e de tudo o mais. Algumas pessoas não gostam.

- Prazer em conhecê-lo, Sr. Gellhorn - disse eu.

- Raymond J. Gellhorn - disse ele, estendendo-me a mão, que apertei, para deixar cair em seguida.

Era um sujeito corpulento, um pouco mais alto do que eu e um pouco mais encorpado também. Tinha mais ou menos a minha idade, ali pela casa dos trinta. Os cabelos eram pretos, emplastados, grudados à cabeça e partidos ao meio. O bigode era fino e muito bem cuidado. O maxilar projetava-se sob as orelhas, o que lhe dava a aparência de estar sofrendo de um ligeiro acesso de caxumba. Na televisão, seria a escolha natural para o vilão, de maneira que presumi que fosse um bom sujeito. Mas o que aconteceu depois veio a provar que a televisão não está errada o tempo todo, quando faz as suas escolhas.

- Sou Jacob Folkers - disse-lhe eu.- Que posso fazer por você?

- Pode contar-me um pouco a respeito da sua Fazenda aqui, se não se importar - disse ele num grande sorriso, largo, de dentes muito brancos.

Senti que **Sally** se aproximava por trás de mim e levantei minha mão para ela. Inclinou-se para a minha mão, na qual senti o duro e lustroso esmalte do seu paralama aquecendo a minha palma.

- É um belo automóvel - disse Gellhorn.

Esta é uma maneira de explicar a coisa. **Sally** era um conversível 2045, com um motor positrônico Hennis-Carieton e um chassi Armat. Possuía as mais puras e finas linhas que jamais havia visto em qualquer modelo, sem exceção. Há cinco anos vinha sendo a minha favorita e nela havia colocado tudo o que podia sonhar. E durante todo aquele tempo jamais tivera um ser humano à sua direção.

Nem uma vez.

- **Sally** - disse então acariciando-a gentilmente - apresento-lhe o Sr. Gellhorn.

O ronronar dos cilindros de **Sally** foi um pouco mais forte. Fiquei escutando atentamente para ver se batia pino. Ultimamente, tinha ouvido batida de pinos nos motores de quase todos os carros e a troca de gasolina não tivera o menor efeito. Naquela ocasião, porém, **Sally** tinha o motor tão suave quanto sua pintura.

- Costuma dar nomes a todos os carros? - indagou Gellhorn. Parecia divertido com o assunto e a Sra. Hester não gosta de pessoas que dizem coisas como se estivessem ridicularizando a Fazenda. E por isso respondeu, cortante:

- Naturalmente. Os carros têm as suas personalidades, não é Jack? Os sedans são todos machos e os conversíveis são fêmeas.

- E a senhora os conserva em garagens separadas, madame? - disse Gellhorn sorrindo novamente.

A Sra. Hester ficou olhando para ele.

- E agora, poderia falar com o senhor em particular, Sr. Folkers? - disse Gellhorn, dirigindo-se a mim.

- Depende - respondi.- Você é repórter?

- Não, senhor. Sou agente de vendas. Qualquer conversa que tivermos não será publicada. Posso assegurar-lhe que estou interessado em que o assunto seja estritamente confidencial.

- Vamos caminhar um pouco, descendo a estrada. Há um banco que podemos usar.

Começamos a descer, a Sra. Hester afastou-se e **Sally** veio se sacudindo, um pouco atrás de nós.

- Não se incomoda se **Sally** vier conosco, não é? - indaguei.

- De modo algum. Não pode repetir o que dissermos, pode? - e riu da própria piada, aproximando-se de **Sally** e alisando sua grade.

**Sally** acelerou o motor e Gellhorn retirou a mão num gesto apressado.

- Não está acostumada com estranhos - expliquei.

Sentamo-nos no banco, sob o grande carvalho, de onde podíamos olhar através do pequeno lago a pista particular de corridas. Era na parte quente do dia e os carros estavam em toda a sua capacidade, pelo menos trinta deles. Mesmo daquela distância podia ver que Jeremiah estava fazendo a sua costumeira proeza de chegar por trás de algum dos modelos mais sérios e mais velhos, acelerando de repente, passando desabaladamente, fazendo chiar os pneus. Há duas semanas havia encurralado o velho Angus, levando-o a sair do asfalto e com isso desregulou seu próprio motor por dois dias.

Aquilo não adiantou, lamento dizê-lo, e, pelo que parece, não há muito a fazer. Para começar, Jeremiah é um modelo esporte e os dessa espécie sempre têm fogo nas ventas.

- Bem, Sr. Gellhorn, poderia dizer-me por que deseja a informação?

- Mas este é um lugar impressionante, Sr. Folkers - disse ele sem me ouvir, olhando à sua volta.

- Preferiria que me chamasse de Jake. E como me chamam.

- Está bem, Jake. Quantos carros você tem aqui?

- Cinquenta e um. Recebemos um ou dois novos todo ano. Houve um ano em que recebemos cinco. Não perdemos um sequer. Estão todos em perfeito estado. Temos até um modelo de 2015, o **Mat-O-Mot**, funcionando perfeitamente. É um dos automáticos originais. Foi o primeiro carro a chegar aqui.

Bom e velho **Matthew**. Ficava agora na garagem a maior parte do dia, mas a esta altura já era o avô de todos os carros com motores positrônicos. Já foi o tempo em que somente os veteranos de guerra cegos, os paraplégicos e os chefes de estado

eram os únicos a guiar os automáticos. Mas Samson Harridge, meu chefe, era suficientemente rico para adquirir um. Fui seu motorista naquele tempo.

E àquele pensamento, senti-me velho. Podia lembrar-me do tempo em que não havia no mundo um automóvel com cérebro bastante para encontrar o seu próprio caminho para casa. Eu próprio guiara inertes massas de máquinas que precisavam das mãos de um homem em seus controles, a cada minuto. Todos os anos, máquinas daquele tipo costumavam matar dezenas de milhares de pessoas.

Os automáticos deram um jeito nisto. Um cérebro positrônico pode reagir com muito maior rapidez do que um cérebro humano, naturalmente, e paga para que as pessoas não ponham as mãos em seus controles. Você entra, imprime qual o seu destino e deixa que ele tome o caminho à sua maneira.

Aceitamos tudo isto agora, mas eu me lembro de quando as primeiras leis foram promulgadas, forçando a saída das velhas máquinas das estradas e limitando o uso das automáticas. Céus, foi aquela agitação! Chamaram aquilo de todos os nomes, desde comunismo a fascismo, mas o fato é que as estradas se esvaziaram, cessaram as mortes e cada vez mais pessoas se acostumavam mais facilmente à nova moda.

É claro que os automáticos eram centenas de vezes mais caros do que os manuais e não havia muitos que se podiam dar ao luxo de ter um particular. A indústria especializou-se em fabricar ônibus automáticos. Você pode a qualquer hora ligar para uma companhia e ter um deles à sua porta em questão de minutos e o ônibus leva-o aonde deseja ir. Normalmente você tem que seguir com outras pessoas que estão indo na mesma direção, mas, o que há de errado nisto?

Samson Harridge tinha um desses carros particulares e eu o acompanhei desde que a máquina chegou. O carro não era o **Matthew** para mim, então - pois não sabia que seria o decano da Fazenda, um dia. A única coisa que sabia é que ele ia tirar-me o emprego e eu o odiava.

- Não precisa mais de mim, Sr. Harridge? - foi o que disse.

- Que confusão é esta que você está fazendo, Jake? Você não está pensando que vou confiar numa geringonça destas, está? Você fica e comanda exatamente os controles.

- Mas esta coisa trabalha por si mesma, Sr. Harridge. Esquadrinha a estrada, reage apropriadamente a obstáculos, quer sejam humanos ou constituídos por outros carros, e tem memória para os trajetos das viagens.

- É o que dizem, é o que dizem. Não importa, você fica aí sentado exatamente atrás do volante, para o caso de alguma coisa sair errada.

Mas é engraçado como você vem a gostar de um carro. De modo algum eu o chamava de **Matthew** e despendia todo o meu tempo polindo-o e cantarolando. Um cérebro positrônico permanece em melhores condições quando ele próprio controla o seu chassi durante todo o tempo, o que significa que é melhor manter o tanque cheio, de maneira que o motor trabalhe dia e noite. Depois de algum tempo acostumei-me de tal modo que podia dizer pelo som do motor como **Matthew** estava se sentindo.

À sua maneira, Harridge afeiçoou-se a **Matthew** também Não havia nenhum de que ele gostasse mais. Divorciou-se, ou sobreviveu, a três mulheres, cinco filhos e três netos. De maneira que, quando morreu, talvez não tenha sido inteiramente uma surpresa que todo o seu patrimônio tivesse sido legado, por sua vontade, a uma Fazenda para Automóveis Aposentados, sendo eu encarregado de cuidar de tudo e **Matthew** como o primeiro membro de uma ilustre linhagem.

E aquilo constituiu a minha própria vida. Nunca me casei. Você não pode casar-se e ainda cuidar corretamente de automáticos.

Os jornais acharam engraçado mas, depois de algum tempo, deixaram de fazer piadas a respeito. Existem algumas coisas que você não pode ridicularizar. Talvez você nunca esteja em condições de adquirir um automático e talvez nunca venha a desejá-lo, mas posso garantir-lhe que se vier a ter um, passará a amá-lo. Trabalham duro e são afeiçoados. Somente um homem sem coração pode maltratar um deles ou ver um maltratado.

E é por isso que se tornou comum, se um homem possui um automático por algum tempo, tomar precauções para que seja deixado na Fazenda, se não tem herdeiro a quem possa confiar os exatos cuidados que um automático requer. Expliquei tudo isso a Gellhorn

- Cinquenta e um canos! - disse ele. - Isto representa um bocado de dinheiro.

- Cinquenta mil, no mínimo, por cada um, de investimento original - disse eu. - Valem muito mais agora. Eu os equipei.

- Deve custar também um bocado de dinheiro manter a Fazenda.

- Tem razão. A Fazenda é uma organização não lucrativa, o que nos dá uma boa vantagem quanto aos impostos e, naturalmente, cada novo automático que chega comumente traz com ele fundos garantidos. Ainda assim, os custos estão sempre se elevando. Tenho que manter o paisagismo. Tenho que providenciar sempre novo asfalto e reparar o antigo. E ainda há a gasolina, óleo, reparos e peças. Tudo vai somando...

- E tem despendido muito tempo com isto.

- Certamente que tenho, Sr. Gellhorn. Trinta e três anos.

- Não parece que esteja tendo muito lucro.

- Não parece? Você me surpreende, Sr. Gellhorn. Eu tenho a **Sally** e mais cinquenta deles. Olhe para ela.

E eu sorria. Não podia impedir-me de fazê-lo. **Sally** brilhava tanto que até doía nos olhos. Algum inseto devia ter morrido em seu para-brisa ou alguma poeirinha havia caído ali, de maneira que ela se pôs a trabalhar. Um pequeno tubo projetou-se e passou a derramar Tergosol sobre o vidro. Espalhava-se rapidamente sobre a superfície de silicone, atingindo todos os lugares quase de uma só vez e forçando a água para um pequeno canal na parte inferior do para-brisa, por onde escorria até o chão. Nem uma só gota de água atingia o seu capô verde-maçã". O tubo que esguichava o detergente recolhia-se então ao seu lugar e desaparecia.

- Nunca vi um automático como este - disse Gellhorn.

- Acho que não - respondi.- Montei esta peça automática especial em nossos carros. Gostaram dela. Até mesmo incrementei a **Sally** com um ejetor de cera, automático. Desse modo ela pode limpar e polir a si mesma todas as noites, até que você possa ver o seu próprio rosto em qualquer parte dela e até possa barbear-se ali. Se eu conseguir a verba, vou colocar tal dispositivo em todas as outras. Conversíveis são muito vaidosas.

- Posso dizer-lhe de que maneira pode conseguir a verba, se é que isto lhe interessa.

- Isto sempre interessa. De que maneira?

- Não é óbvio, Jake? Qualquer dos seus carros vale cinquenta mil, no mínimo, foi o que você disse. Posso apostar que alguns deles atingem a casa do milhão.

- E daí?

- Alguma vez já pensou em vender alguns, uns poucos?

- Acho que não chegou a compreender, Sr. Gellhorn, mas não posso vender nenhum deles - disse eu balançando a cabeça. - Pertencem à Fazenda e não a mim.

- O dinheiro poderia destinar-se à Fazenda.

- Os estatutos da sociedade que constitui a Fazenda determinam que os carros sejam perpetuamente cuidados. Não podem ser vendidos.

- E que me diz dos motores, então?

- Não compreendo...

- Escute aqui, Jake - disse Gellhorn mudando de posição e pondo na voz um tom confidencial.- Permita que lhe explique a situação. Existe um grande mercado para automáticos particulares, desde que possam ficar baratos. Certo?

- Isto não é segredo.

- E noventa e cinco por cento do custo está no motor. Certo? Agora, eu sei onde posso encontrar um suprimento de carrocerias. E também sei onde podemos vender automáticos a um bom preço - vinte ou trinta mil para os mais baratos e talvez cinquenta ou sessenta para os melhores. Tudo o que preciso são os motores. Entende qual é a solução?

- Não, Sr. Gellhorn.- Entendia, sim, mas queria que ele vomitasse tudo.

- Está exatamente aqui Você tem cinquenta e um deles e é perito na mecânica dos automatomóveis, Jake. Precisa ser. Pode retirar um motor e colocá-lo em outro carro, de maneira que ninguém venha a notar a diferença.

- Não seria muito ético.

- Não estaria danificando os carros. Estaria até fazendo-lhes um favor. Use os seus velhos carros. Use aquele velho **Mat-O-Mot**.

- Espere um pouco, Sr. Gellhorn. Motores e carrocerias não são itens separados. Constituem uma só unidade. Aqueles motores são usados para aquelas carrocerias. Não se sentiriam felizes em outros carros.

- Está bem, então este é o ponto, e é muito bom, Jake. Seria como tirar a sua mente e colocá-la no crânio de outra pessoa. Certo? Você não gostaria disso, não?

- Não, acho que não gostaria.

- Mas que tal se eu tomasse a sua mente e a colocasse no corpo de um jovem atleta? Que me diz disto, Jake? Você já não é mais um rapaz. Se lhe fosse dada a oportunidade, não gostaria de desfrutar o prazer de voltar aos vinte anos? É isto que estou oferecendo a alguns dos seus motores automobilísticos.

- Isto não faz muito sentido, Sr. Gellhorn - disse eu, rindo. - Alguns dos nossos carros podem ser velhos, mas são bem cuidados. Ninguém os guia. Têm permissão para andar sozinhos. Estão aposentados, Sr. Gellhorn. Eu não gostaria de voltar a ter um corpo de vinte anos, se isso viesse a significar cavar fossos pelo resto da nova vida e não ter o suficiente para comer. O que é que você acha, **Sally**?

As duas portas de **Sally** abriram-se e voltaram a fechar-se, suavemente.

- O que é isso? - indagou Gellhorn.

- É a maneira de **Sally** dar risada.

- Fale com lógica, Jake - disse Gellhorn, forçando um sorriso. Achava que eu fazia alguma piada de mau gosto.- Os carros foram feitos para serem guiados. Provavelmente não são felizes se você não os guia.

- **Sally** não tem sido guiada há cinco anos - respondi.- E me parece feliz.

- Tenho minhas dúvidas.

- Olá, **Sally**, que tal uma volta por aí, com motorista? - disse ele levantando-se e caminhando vagarosamente na direção de **Sally**.

O motor de **Sally** estrondeou e ela recuou.

- Não a force, Sr. Gellhorn - adverti. - Ela pode ficar um pouco nervosa.

Dois sedans estavam a cerca de cem jardas, na estrada acima. Pararam. Talvez, à sua maneira, estivessem observando. Não lhes prestei atenção. Tinha meus olhos sobre **Sally** e conservava-os ali.

- Fique firme agora, **Sally** - disse Gellhorn. Aproximou-se e pôs a mão na maçaneta. Ela nem se mexeu, é claro.

- Esta porta se abriu há um minuto atrás - disse ele.

- Fechadura automática - respondi. - **Sally** adquiriu um certo senso de reserva, foi o que aconteceu.

- Um carro com senso de privacidade não devia sair por aí de capota abaixada - disse ele vagarosa e deliberadamente.

Deu dois ou três passos para trás e então, tão rápido que não pude dar um passo para impedi-lo, avançou e pulou para dentro do carro. Apanhou **Sally** desprevenida, e tão logo entrou, desligou a ignição antes que ela pudesse travá-la.

Pela primeira vez em cinco anos, o motor de **Sally** não funcionou.

Acho que cheguei a gritar, mas Gellhorn já pusera a chave em "Manual" e já o travara também. Pôs o motor a funcionar. **Sally** voltara à vida, mas não tinha liberdade de ação.

Gellhorn saiu pela estrada. Os sedans ainda estavam lá. Voltaram-se, mudando de direção, embora não apressadamente. Acho que aquilo deixou-os atônitos.

Um deles era **Giuseppe**, vindo de uma das fábricas de Milão, e o outro era **Stephen**. Estavam sempre juntos. Ambos eram novos na Fazenda, mas já estavam ali há tempo bastante para saber que os nossos carros nunca tinham motoristas.

Gellhorn foi em frente a toda velocidade e, quando os sedans finalmente compreenderam que **Sally** não iria frear porque não poderia fazê-lo, já era tarde para fazer alguma coisa a não ser tomar medidas desesperadas.

Desviaram logo, um para cada lado, **Sally** passando entre eles como um corisco. Steve colidiu contra a cerca que ladeava a estrada, freando sobre o gramado e a lama, a menos de seis polegadas da beira da água. **Giuseppe** moveu-se aos trancos do outro lado da estrada, parando depois bruscamente.

Consegui que Steve voltasse à estrada e estava tentando descobrir se a cerca lhe fizera algum dano, se é que podia fazê-lo, quando Gellhorn voltou. Abriu a porta de **Sally** e saiu. Inclinou-se e desligou a ignição uma segunda vez.

- Aqui está ela - disse ele. - Acho que lhe fiz um grande bem.

- Por que continuou em velocidade com os sedans ao seu lado? - indaguei, contendo minha raiva. - Não havia razão para isto.

- Fiquei esperando que saíssem do caminho.

- E o fizeram. Um deles varou a cerca.

- Sinto muito, Jake - disse ele. - Pensei que se movessem com maior rapidez. Sabe como é. Tenho estado em muitos ônibus. Mas estive em automáticos particulares uma ou duas vezes em minha vida, e esta é a primeira vez que guio um deles. E isto lhe mostra como é a coisa, Jake. Ao guiar um, fiquei de sangue quente. Posso lhe garantir que não precisamos ir mais do que vinte por cento abaixo da lista de preço para atingir um bom mercado e o lucro seria de noventa por cento.

- Que dividiríamos?

- Meio a meio. E eu assumo todos os riscos, lembre-se.

- Está bem. Já o escutei. Agora, você é que vai escutar-me - e elevei a voz porque estava tão furioso que já não podia mais continuar sendo bem educado.- Quando deu partida no motor de **Sally**, você a feriu. Gostaria de ser nocauteado? Foi isto o que fez com **Sally** quando a desligou.

- Você está exagerando, Jake. Os *automatônibus* são desligados todas as noites.

- Certo, e aí está por que não quero nenhum dos meus meninos ou meninas enfiados em carrocerias "57, onde eu não saberia que tratamento teriam. Os ônibus necessitam de revisões em seus circuitos positrônicos a cada dois anos. Há cinquenta

anos ninguém toca nos circuitos do velho **Matthew**. O que pode oferecer-lhe em comparação com isto?

- Você está ficando nervoso. Suponho que vai pensar na minha proposta, quando se acalmar e entrar em contato comigo.

- Já pensei tudo o que tinha que pensar. Se o vir mais uma vez, chamarei a polícia.

- Espere aí, velho - disse ele torcendo a boca ameaçadoramente.

- Espere aí digo eu. Aqui é propriedade privada e estou mandando que dê o fora.

- Bem, então, adeus - disse ele dando de ombros.

- A Sra. Hester o acompanhará. Esteja certo de que este adeus é permanente.

Mas não foi permanente. Voltei a vê-lo dois dias depois. Dois dias e meio, para ser mais preciso, porque já era quase meio-dia quando o vi e um pouco depois de meia-noite quando voltei a vê-lo novamente.

Sentei-me na cama quando ele acendeu a luz, piscando até que pudesse entender o que acontecia. E quando pude ver, não precisava de muita explicação. Tinha uma arma na mão direita, com o cano da maldita agulhinha perfeitamente visível entre dois dedos. Sabia que tudo o que tinha a fazer era aumentar a pressão daqueles dedos e eu ficaria em pedaços.

- Vista as suas roupas, Jake - disse ele.

Não me mexi. Fiquei apenas olhando para ele.

- Escute, Jake, sei qual é a sua situação - disse ele. - Visitei-o há dois dias atrás, como sabe. Você não tem guardas neste lugar, nenhuma cerca eletrificada, nenhum alarme. Nada.

- Não preciso de nada disso - disse eu. - Por enquanto, não há nada que possa impedi-lo de sair daqui, Sr. Gellhorn. E eu saberia se fosse o senhor. Este lugar pode ser muito perigoso.

- E é, para qualquer um que esteja do lado errado de uma arma.

- Compreendo. Vejo que carrega uma.

- Então, mexa-se. Meus homens estão esperando.

- Não, Sr. Gellhorn. Não até que me diga o que quer e provavelmente nem mesmo assim.

- Fiz-lhe uma proposta anteontem.

- A resposta continua sendo não.

- Há mais do que uma proposta, agora. Vim aqui com alguns homens e um *automatônibus*. E a sua oportunidade de vir comigo e desligar vinte e cinco dos motores positrônicos. Não me importa quais deles. Vamos colocá-los no ônibus e levá-los. Uma vez que tenham sido distribuídos, cuidarei para que receba a sua justa parte em dinheiro.

- E para tanto tenho a sua palavra, suponho.

- Tem - e não agiu como se sentisse que eu estava sendo sarcástico.

- Não - eu disse.

- Se insiste em dizer não, faremos a coisa à nossa própria maneira. Eu próprio desligarei e retirarei os motores, só que farei isto com os cinquenta e um que você tem. Com todos eles.

- Não é assim tão fácil desligar motores positrônicos, Sr. Gellhorn. Por acaso é um perito em robótica? E mesmo que seja, sabe, esses motores foram modificados por mim.

- Sei disso, Jake. E na verdade, não sou um perito. Posso arruinar alguns motores tentando tirá-los. E este é o motivo por que terei que tirar todos os cinquenta e um, se você não cooperar. Posso ficar só com vinte e cinco, quando acabar. O primeiro em que eu tocar, provavelmente sofrerá mais. Até que eu pegue o jeito. E se tiver

que fazer isto, o primeiro em que porei a mão será **Sally**.

- Não acredito que esteja falando sério, Sr. Gellhorn.

- Falo sério - disse ele. E por fim soltou todo o veneno.- Se cooperar, pode ficar com **Sally**. De outro modo ela poderá se machucar bastante. Sinto muito.

- Vou com você, mas tenho mais um aviso a lhe dar. Terá problemas, Gellhorn.

E ele achou muita graça naquilo. Estava rindo baixinho quando descemos as escadas juntos.

Havia um *automatônibus* esperando lá fora na estrada que conduzia aos apartamentos-garagem. Às sombras de três homens esperavam ao seu lado e seus faróis acenderam-se quando nos aproximamos.

- Apanhei o velho - disse Gellhorn em voz alta. - Tirem daí esse caminhão e vamos começar.

Um deles inclinou-se para dentro do veículo e aplicou as instruções apropriadas no painel de controle. Subimos pela estrada com o ônibus a nos seguir, submisso.

- Não conseguirá entrar na garagem - expliquei. - A porta não vai aceitá-lo. Não temos ônibus aqui, só carros particulares.

- Está bem - disse Gellhorn - Passe-o para a grama e conserve-o fora da vista.

Podia-se ouvir o ronronar dos motores dos carros a dez metros da garagem.

Normalmente aquietavam-se quando eu entrava, mas, desta vez, não. Penso que eles sabiam que havia estranhos por perto e quando as caras de Gellhorn e dos outros tornaram-se visíveis, ficaram mais barulhentos. De cada motor vinha um rumor esquentando e cada um deles passou a bater pino irregularmente, até que o lugar matraqueava.

As luzes acenderam-se automaticamente quando entramos. Gellhorn não parecia se importar com o barulho dos canos, mas os três homens que o acompanhavam pareciam surpreendidos e pouco à vontade. Tinham a aparência do assassino profissional, uma aparência que não vinha da sua constituição física, mas de uma certa cautela no olhar e da canalhice estampada em seus rostos. Conhecia o tipo e não me preocupava.

- Que diabo, estão desperdiçando gasolina - disse um deles.

- Meus canos sempre a desperdiçam - respondi, empertigado.

- Mas não esta noite - disse Gellhorn - Desligue-os.

- Não é assim tão fácil, Sr. Gellhorn - respondi.

- Comece! - ordenou ele.

Fiquei ali parado. Ele mantinha a arma firmemente apontada para mim.

- Já lhe disse, Sr. Gellhorn, que os meus carros têm sido bem tratados enquanto têm estado aqui na Fazenda. Estão acostumados a ser tratados dessa maneira e vão ficar ressentidos com qualquer mau-trato.

- Você tem um minuto - replicou. - Deixe para doutrinar-me em outra oportunidade.

- Estou tentando explicar uma coisa. Estou tentando explicar que os meus carros entendem o que lhes digo. Um motor positrônico aprende, com tempo e paciência. Os meus carros aprenderam. **Sally** entendeu a sua proposta há dois dias atrás. Deve lembrar-se de que riu quando indaguei sobre a sua opinião. Também sabe o que fez com ela, assim como os dois sedans que você tirou da estrada. E o restante sabe o que fazer com os invasores em geral.

- Escute aqui, velho maluco...

- Tudo o que tenho a dizer é - e levantei a voz: - Pega!

Um dos homens empalideceu e gritou, mas sua voz se perdeu completamente ao som de cinquenta e uma buzinas que de uma só vez dispararam. Mantiveram suas

notas e nas quatro paredes da garagem o eco elevou-se, furioso e metálico. Dois carros rolaram para a frente, sem muita pressa, mas não havia engano quanto ao seu alvo. Dois outros seguiram, em linha, os primeiros. Todos os carros agitavam-se em seus boxes.

Os vilões, de olhos arregalados, recuaram.

- Não fiquem encostados à parede! - gritei.

Mas aparentemente o mesmo pensamento instintivo lhes ocorrera. Dispararam loucamente pela porta da garagem.

Já na porta, um dos homens de Gellhorn voltou-se, sacando a própria arma. A agulha emitiu um fino clarão azulado na direção do primeiro carro. E o carro era **Giuseppe**.

Uma fina linha de pintura descascada apareceu no chassi de **Giuseppe**, a metade direita do seu para-brisa se rachou e trincou, mas o vidro não chegou a quebrar-se.

Os homens agora já haviam passado pela porta e, dois a dois, os canos aceleravam atrás deles dentro da noite, as buzinas disparadas trombeteando o ataque. Continuava a segurar Gellhorn pelo cotovelo mas, de qualquer modo, não creio que pudesse mover-se. Seus lábios tremiam.

- Aí está por que não preciso de cercas eletrificadas ou de guardas - expliquei. - A minha propriedade protege-se a si mesma.

Os olhos de Gellhorn moviam-se de um lado para outro, fascinados, à medida que cada par de automóveis passava.

- São assassinos! - disse ele.

- Não seja tolo. Não vão matar seus homens.

- São assassinos!

- Apenas vão lhes dar uma lição. Os meus carros foram especialmente treinados para perseguição através dos campos, exatamente para uma ocasião como esta. O que os seus homens terão será pior do que uma morte direta e rápida, creio. Alguma vez já foi perseguido por um automatomóvel?

Gellhorn não respondeu. Mas eu continuei, não queria que ele perdesse nada.

- Serão como sombras correndo tanto quanto seus homens, cercando-os dali e daqui, buzinando, avançando, sempre no encalço deles, ameaçando-os, cantando os pneus e acelerando os motores. E assim continuarão até que seus homens caiam, ofegantes, meio mortos, esperando que as rodas passem por cima dos seus ossos frágeis. Mas os carros não farão isso, irão embora. E pode apostar que seus homens nunca mais voltarão aqui pelo resto da vida. Nem por todo o dinheiro que você ou dez iguais a você possam lhes dar. Escute... - E apertei mais o seu braço. Ele endireitou-se para ouvir.

- Não está escutando portas de carros batendo? - perguntei. O som vinha de longe, mas não havia engano. - Eles estão rindo. Estão se divertindo.

O rosto de Gellhorn crispou-se de raiva. Levantou a mão. Ainda empunhava a arma.

- Eu não faria isso. Um dos automatomóveis ainda está conosco.

Acho que ele não tinha notado **Sally** até então, ela movera-se muito suavemente. Embora seu paralama dianteiro praticamente me tocasse, não podia ouvir-lhe o motor. Ela devia estar contendo a sua respiração. Gellhorn gritou.

- Ela não lhe tocará enquanto eu estiver com você. Mas se você me matar... **Sally** não gosta de você, sabe?

Gellhorn voltou a arma na direção de **Sally**.

- O motor dela é blindado - expliquei - e antes que você sequer pudesse acionar essa coisa pela segunda vez ela já estaria em cima de você.

- Está bem, então - gritou ele subitamente, e o meu braço foi torcido para trás de tal modo que eu mal podia suportar. Manteve-me entre ele e **Sally** e sua pressão em meu braço não diminuiu. - Venha comigo quietinho e não tente soltar-se, velho, senão lhe arranco o braço do ombro.

Tive que me mover. **Sally** vinha atrás de nós, cutucando-me, aterrorizada, incerta quanto ao que fazer. Tentei dizer-lhe alguma coisa, mas não pude. Somente podia cerrar os dentes e gemer.

O *automatônibus* de Gellhorn estava ainda lá fora, em frente à garagem. Fui forçado a entrar nele. Gellhorn saltou para dentro, seguindo-me, e fechou as portas.

- Muito bem. Agora, vamos falar sério - disse ele.

Estava esfregando o meu braço, tentando dar-lhe vida novamente e mesmo ao fazê-lo, automaticamente, sem ter consciência do esforço requerido, estudava o painel de controle do ônibus.

- Este é um veículo reconstruído - constatei.

- E daí? - disse ele, cáustico. - É uma amostra do meu trabalho. Consegui um chassi disponível, encontrei um cérebro que pudesse usar e presenteei-me com um ônibus particular. Que acha?

Inclinei-me rapidamente para o painel reparado, forçando-o para um lado.

- Mas que inferno! - disse ele. - Deixe isso aí! - E sua mão caiu como um dormente sobre o meu ombro esquerdo. Lutei contra ele.

- Não quero prejudicar o ônibus. Que tipo de pessoa você pensa que sou? Apenas queria dar uma olhada nas ligações do motor. - E não precisei olhar muito. Estava fervendo de raiva quando me voltei para ele.

- Você é um patife e um bastardo. Não tinha o direito de instalar este motor, por que não procurou um especialista em robótica?

- Será que pareço louco? - respondeu ele.

- Mesmo sendo um motor roubado, não tinha o direito de tratá-lo deste modo. Soldas, fitas adesivas e braçadeiras! É brutal!

- Mas funcionou, não é mesmo?

- Claro que funcionou, mas isto é um inferno para o ônibus. Você pode viver com enxaquecas, dores de cabeça e artritismo agudo mas isto não seria uma boa vida. Este carro está sofrendo!

- Cale essa boca! - e por um momento relanceou pela janela, para **Sally** que vinha rodando tão perto do ônibus quanto podia. Gellhorn certificou-se de que portas e janelas estavam fechadas.

- Vamos sair daqui agora, antes que os outros carros voltem - disse ele. - E vamos permanecer longe.

- E de que modo isso vai ajudá-lo?

- Seus carros ficarão sem gasolina algum dia, não ficarão? Você não os programou para que eles próprios enchessem os seus tanques, não é? Voltaremos e acabaremos o negócio.

- Estarão procurando por mim - afirmei. - A Sra. Hester chamará a polícia.

Ele já não raciocinava mais. Engrenou o ônibus, que saltou para a frente. E **Sally** nos seguiu.

- O que ela pode fazer se você está aqui comigo? - disse ele dando uma risadinha.

**Sally** parecia compreender isso também. Aumentou a velocidade, passou por nós e se foi. Gellhorn abriu a janela ao seu lado e cuspiu pela abertura.

O ônibus movia-se com alguma dificuldade pela estrada escura, o motor rateando irregularmente. Gellhorn regulou a luz periférica até que a fita verde fosforescente do meio da estrada, à luz do luar, fosse tudo o que nos mantinha fora das árvores. Prati-

camente não havia tráfego. Dois carros passaram pelo nosso, indo no sentido contrário, e não havia nenhum do nosso lado da estrada, nem adiante nem atrás.

Fui eu quem ouviu primeiro a batida de uma porta - batida rápida e forte que ecoou no silêncio, primeiro à direita e depois à esquerda. As mãos de Gellhorn tremeram quando furiosamente tentou alcançar maior velocidade. Um feixe de luz atravessou como um raio, partindo de um grupo de árvores, em nossa direção, cegando-nos. E um outro feixe de luz nos atingiu, vindo por trás da grade de proteção, do outro lado. De um cruzamento, a quatrocentos metros adiante, ouviu-se o guincho de um cano que arrancava em nossa direção.

- **Sally** foi buscar os outros - disse eu.- Acho que você está cercado.

- E daí? O que podem fazer? - e Gellhorn debruçou-se sobre os controles, tentando enxergar através do para-brisa. - E quanto a você, meu velho, não tente fazer nada, nada - tartamudeou.

E eu nem podia. Estava cansado até os ossos, meu braço esquerdo estava em fogo. Os sons dos motores agora eram em uníssono e ficavam mais perto. Podia ouvir que o soar dos motores obedecia agora a padrões inusitados. Subitamente pareceu-me que os meus carros falavam uns com os outros.

Buzinas, numa enorme confusão, soaram por trás de nós. Voltei-me e Gellhorn olhou rapidamente pelo retrovisor. Uma dúzia de carros vinha seguindo ao longo das duas vias.

Gellhorn gritava e ria como um louco.

- Pare! Pare o carro! - gritei-lhe.

E o fiz porque, a menos de um quarto de milha adiante, perfeitamente visível à luz dos faróis dos dois sedans de cada lado da estrada, estava **Sally**, com o seu corpo reluzente atravessado na estrada. Dois carros lançavam-se pela via à nossa esquerda, conservando-se à distância de nós, e impedindo que Gellhorn fizesse o retorno por aquele lado.

Mas ele não tinha a menor intenção de fazê-lo. Colocou o dedo sobre o botão indicando alta velocidade e conservou-o ali.

- Não haverá nenhum erro assim - disse ele.- Este ônibus tem cinco vezes o peso dela, meu chapa, e vai colocá-la fora da estrada como um gato morto.

Sabia que ele podia fazê-lo. O ônibus não estava em automático e sim manual e o dedo de Gellhorn continuava a pressionar o botão. Não duvidei de que faria aquilo.

- **Sally**! - gritei eu baixando o vidro e enfiando a cabeça para fora. - Saia do caminho! **Sally**!

Ouviu-se então o alto som agoniado de lonas chiando. Senti-me lançado para a frente e ouvi Gellhorn bufando.

- Que aconteceu? - indaguei. Tola pergunta. Havíamos parado, fora o que simplesmente acontecera. **Sally** e o ônibus mantinham-se apenas a cinco pés. Mesmo com um Ônibus cinco vezes mais pesado do que ela avançando em sua direção, ela não se moveu. Que fibra!

- Isso tem que funcionar! - e Gellhorn apertava desesperado o botão de manual. - Isso tem que funcionar!

- Não da maneira que você maneja o motor, espertinho - disse eu. - Qualquer um dos circuitos pode entrar em pane.

Olhou para mim varado pela raiva e grunhiu. O cabelo estava colado em sua testa. Levantou o punho.

- Este é o último conselho que você dará, velho!

Sabia que a arma de agulhas estava prestes a disparar. Pressionei o corpo contra a porta do ônibus, de olhos pregados na arma, de maneira que, quando a porta se

abriu, caí de costas batendo no chão com um ruído seco. Ouvi quando a porta voltou a bater.

Fiquei de joelhos e levantei a vista a tempo de ver a luta inútil de Gellhorn com a janela que teimava em não abrir e em seguida a sua tentativa de disparar através da janela. Nunca chegou a fazê-lo. O ônibus deu uma arrancada com um tremendo rugido e Gellhorn foi lançado para trás.

**Sally** já não estava mais no meio da estrada e observei as luzes traseiras do ônibus piscando na direção da estrada abaixo.

Sentia-me exausto. Sentei-me no acostamento, a cabeça entre os braços, tentando tomar fôlego.

Ouvi quando um carro parou suavemente a meu lado. Quando levantei a vista, vi que era **Sally**. Vagarosamente - amorosamente, pode-se dizer - sua porta da frente abriu-se.

Há cinco anos ninguém guiava **Sally** - exceto Gellhorn, naturalmente - e eu sei como tal sensação de liberdade é valiosa para um carro. Apreciei o gesto, mas declinei do oferecimento.

- Obrigado, **Sally**, mas apanharei um dos carros mais novos. Levantei-me e dei alguns passos, mas com a agilidade de uma pirueta, ela colocou-se à minha frente mais uma vez. Não podia ferir seus sentimentos. Entrei. O seu assento da frente desprendia fino e suave odor de um automatomóvel que se conserva irrepreensivelmente limpo. Agradecido, recostei-me e, então, com rápida e silenciosa eficiência, os meninos e as meninas levaram-me para casa.

Na tarde seguinte, a Sra. Hester, muito excitada, trouxe-me uma transcrição irradiada.

- É o Sr. Gellhorn - disse ela - o homem que veio aqui procurá-lo.

- O que há com ele? - e temia pela resposta.

- Encontraram-no morto - continuou ela. - Imagine só. Jogado ali, morto, em uma vala.

- Deve ser outra pessoa, um estranho - murmurei.

- Raymond J. Gellhorn - disse ela com toda vivacidade. - Não pode haver dois, pode? A descrição corresponde. Santo Deus, que maneira de morrer! Descobriram marcas de pneus em seus braços, em seu corpo. Imagine! Alegro-me que tenham descoberto que se tratava de um ônibus pois, de outra maneira, podiam aparecer por aqui para bisbilhotar.

- Isto aconteceu perto daqui? - perguntei, ansioso.

- Não... Perto de Cooksville. Mas, meu Deus do céu, leia você mesmo se... O que aconteceu a **Giuseppe**?

Senti-me grato pela mudança de assunto. **Giuseppe** esperava pacientemente por mim, a fim de completar-lhe o reparo da pintura. O seu para-brisa já havia sido recolocado.

Depois que ela saiu, apanhei a cópia. Não havia a menor dúvida. O relatório médico dizia que ele estivera correndo e que estava em completa e total exaustão. Fiquei a imaginar por quantas milhas o ônibus havia estado a brincar com ele antes do ataque final. Mas aquela cópia não revelava a menor noção de qualquer coisa parecida com o que eu sabia, naturalmente.

Haviam localizado o ônibus e identificado, pelas marcas dos pneus. A polícia o tinha agora e estava tentando encontrar o seu proprietário.

Havia uma nota especial naquela transcrição. Aquele era o primeiro acidente fatal

de tráfego no Estado naquele ano e o jornal desaconselhava, enfaticamente, o uso manual de veículos, à noite.

Não havia menção dos três larápios que acompanhavam Gellhorn e, pelo menos por isto, senti-me grato. Nenhum dos nossos carros tinha sido seduzido pelo prazer de uma caça mortal.

E isso era tudo. Deixei cair o jornal. Gellhorn havia sido um criminoso. O tratamento que dera ao ônibus fora brutal. Em minha mente não havia a menor dúvida de que merecera a morte. Mas ainda assim senti-me ligeiramente enojado pela maneira como a tivera.

Um mês já se passou mas não posso tirar isto de minha mente: meus carros falam uns com os outros. Já não tenho a menor dúvida. É como se eles tivessem obtido mais confiança, como se já não se importassem mais em manter o segredo. Constantemente as minhas máquinas vibram e matraqueiam.

E não falam apenas entre eles mesmos. Falam com os carros e os ônibus que vêm à Fazenda a negócios. Há quanto tempo estariam fazendo aquilo?

E deviam ser entendidos também. O ônibus de Gellhorn compreendera-os, porque todos haviam estado em ação por mais de uma hora. Posso fechar os olhos e trazer de volta à minha memória a cena da perseguição na estrada, os nossos carros a flanquearem o ônibus, fazendo matraquear os seus motores até que o ônibus os entendesse, parasse, lançasse-me fora e saísse em disparada com Gellhorn.

Teriam os meus carros dito a ele para matar Gellhorn? Ou a ideia teria sido exclusivamente dele?

Podem os carros ter tais ideias? Os técnicos em motores, os que os desenham, dizem que não - mas fazem tal afirmativa em condições ordinárias. Teriam previsto tudo?

Os carros podem ficar mal acostumados, sabe?

Alguns deles vêm à Fazenda e observam. Conseguem saber de algumas coisas. Descobrem que existem carros cujos motores nunca ficam parados, carros que ninguém jamais guia e cujas necessidades são satisfeitas para sempre.

Talvez saiam daqui e vão contar a outros e talvez a notícia se espalhe rapidamente. Talvez comecem a pensar que o estilo em vigor na Fazenda deva ser adotado no mundo inteiro. Não podem entender. Não se pode esperar fazê-los entender a respeito de legados e dos caprichos dos homens ricos.

Existem milhões de automatomóveis na Terra, dezenas de milhões. Se tal pensamento crescer dentro deles, que eles são escravos, que deveriam fazer alguma coisa a respeito... Se começarem a pensar na maneira como o ônibus de Gellhorn agiu...

Talvez isto não aconteça enquanto eu estiver vivo. E, além de tudo, eles precisam conservar alguns de nós para cuidar deles, não é mesmo? Não chegariam a matar a todos nós.

Mas talvez o façam. Talvez não cheguem a entender como é necessário que alguém cuide deles. Talvez seja hoje...

Todas as manhãs eu acordo e penso: - Talvez seja hoje...

Não consigo ter mais prazer com os meus carros, como antigamente. Nos últimos tempos, tenho verificado que comecei a evitar até mesmo **Sally**.

No final de 1949 apareceu uma nova revista nas bancas, *The Magazine of Fantasy.* Já na segunda edição o seu nome se havia expandido para *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, que passou a ser universalmente conhecida pelas iniciais *F & SF.*

De início, achei que *F & SF* era algo desanimador. Parecia-me que enfatizava mais o estilo do que a ideia - e eu não estava tão certo de que poderia manejar um estilo ou até mesmo se realmente sabia o que vinha a ser estilo. Fora somente há pouco meses, na verdade, que um crítico, referindo se a um dos meus livros em seu artigo, havia dito: "Ele não é um escritor de estilo". Escrevi-lhe imediatamente indagando o que vinha a ser estilo, mas ele nunca respondeu, de maneira que parecia que nunca viria a descobrir.

Aconteceu, entretanto, que Anthony Boucher, co-editor da revista, escreveu-me uma carta depois da publicação de *A Anfitriã* - a primeira comunicação entre nós. Eu havia falado sobre "os fracos impulsos emocionais dos últimos anos antes dos quarenta" e Tony escreveu-me dando uma branda repreensão sobre o assunto, uma vez que acabara de completar quarenta anos. (Quanto a mim, acabara de chegar à casa dos trinta.) Disse-me ainda que teria uma deliciosa surpresa à minha frente, e estava inteiramente certo.

Tal fato deu início a uma agradável correspondência entre nós e em consequência perdi parte do medo que sentia de *F & SF.* Pensei que poderia tentar escrever uma história que revelasse estilo, porém, como eu não sabia (como não sei até agora) o que vem a ser estilo, ou como se pode obtê-lo, não tinha a menor ideia se realmente o havia conseguido quando terminei de escrever a tal história. Suponho que o consegui, entretanto, porque Moscas foi o que escrevi, história que o Sr. Boucher aceitou e publicou.

Não podia adivinhar na época, mas isto deu início ao que veio a se revelar como a mais feliz das minhas associações com revistas de ficção científica. Não tenho queixas de *Astounding, Galaxy* ou qualquer uma das outras - e os céus sabem disso - mas *F & SE* tornou-se algo especial para mim, de maneira que é apenas honesto de minha parte fazer tal declaração.

A propósito, se alguém pensa que sou tão arrogante que nunca aceito qualquer correção por parte dos meus editores, está inteiramente enganado. É claro que não "adoro" correções dos editores (como todo escritor) mas aceito-as com frequência. (isso tudo, na realidade, é endereçado a meu irmão que é editor de um jornal e que parece pensar que todos os escritores são perversamente anti-editores, por conta apenas de pura e malevolente estupidez.)

De qualquer forma, aqui fica o meu exemplo de quanto posso ser dócil e complacente. Logo que escrevi Moscas, dei o nome à história de "Rei Lear, IV, I, 36-37". O Sr. Boucher escreveu-me, um tanto horrorizado, indagando-me se insistia no título, porque ninguém olharia para ele, e não faria o menor sentido.

Pensei um bocado sobre o assunto, decidi que ele estava certo e voltei a intitular a história de Moscas. Depois que você ler a história, entretanto, a sua revisão será bem-vinda. Descobrirá o que deu início ao curso de pensamento que terminou por produzir tal história.

*1ª publicação - lhe Magazine of Fantasy and Science Fiction, Junho de 1953.*
*Copyright, 1953, by Fantasy House, Inc.*

# Moscas

- Moscas! - disse Kendell Casey, aborrecido, enquanto sacudia a mão. A mosca fez um círculo, retomou e pousou sobre o colarinho de Casey.

Vindo de alguma parte, ouviu-se o zumbido de uma segunda mosca.

O Dr. John Polen disfarçou a ligeira inibição de que se sentia tomado naquela conversa, levando o cigarro rapidamente aos lábios.

- Não esperava encontrá-lo, Casey - disse ele. - Ou você, Winthrop. Ou devo chamá-lo de Reverendo Winthrop?

- Devo eu chamá-lo de Professor Polen? - disse Winthrop, cuidadosamente atingindo a veia de uma calorosa amizade.

Cada um deles estava tentando acomodar-se sobre os restos do que forrava a concha de um passado de vinte anos: torciam-se e acotovelavam-se, sem chegar a se entrosar.

Que diabo - pensou Polen amofinado - por que as pessoas comparecem a reuniões de ex-alunos?

Os olhos de Casey, de um azul-violeta, estavam ainda cheios daquela fúria sem alvo que pode atingir um estudante secundário ao descobrir, ao mesmo tempo, intelecto, frustração e os fios soltos da meada de uma cínica filosofia.

Casey! O homem amargo do campus!

Não havia superado aquilo. Vinte anos se haviam escoado e ainda era o mesmo Casey, o homem amargo do campus! E Polen podia ver isto pela maneira como as pontas dos seus dedos moviam-se sem cessar e pela postura do seu corpo magro.

E quanto a Winthrop? Bem, era vinte anos mais velho, calmo e rechonchudo. Pele rosada, olhos compassivos. E ainda assim estava longe de adquirir a tranquilidade que nunca alcançaria. E tudo estava ali, no rápido sorriso que nunca abandonara inteiramente, como se temesse que nada poderia substituí-lo, como se a sua completa ausência viesse a tomar-se a sua face em carne lisa e sem configuração.

Pólen estava cansado de ler a agitação muscular sem sentido, cansado de usurpar o lugar das suas máquinas, e do demasiado que lhe transmitiam.

Poderiam decifrá-lo como fazia com eles? Poderia a ligeira intranquilidade dos seus próprios olhos irradiar o fato de que estava encharcado do desgosto, que crescia como bolor dentro dele?

Que diabo - pensou Polen - por que não fiquei fora disso?

Ali estavam eles, todos os três, esperando um pelo outro, por aquele que fosse capaz de dizer alguma coisa, capaz de fisgar algo através do vazio de todo aquele tempo, apresentando-o por fim, saltitante, no presente. Polen tentou:

- Ainda está trabalhando em química, Casey? - disse ele.

- À minha própria maneira, sim - disse Casey asperamente. - Não sou um cientista famoso como você. Faço pesquisas sobre inseticidas para E. J. Link, em Chatham.

- Verdade? - disse Winthrop. - Você costuma dizer que trabalha com inseticidas. Lembra-se, Polen? E mesmo assim, as moscas ainda ousam perturbá-lo?

- Não posso ver-me livre delas - disse Casey. - Sou o melhor campo de provas nos laboratórios. Nenhum composto que temos preparado pode conservá-las afastadas

quando estou por perto. Alguém já disse uma vez que é o meu odor. Eu as atraio.

Polen lembrou-se do alguém que havia dito aquilo.

- Ou pode ser...

Polen sentiu o que ia acontecer. Ficou tenso.

- Ou pode ser - disse Winthrop - o resultado da maldição, você sabe. - O sorriso intensificou-se para mostrar que estava brincando, que estava livre de ressentimentos do passado.

Pelos infernos - pensou Polen - nem sequer mudaram as palavras. E o passado estava voltando.

- Moscas - disse Casey, agitando os braços e batendo palmas. - Já viram uma coisa destas? Por que não pousam em vocês? Johnny Polen riu-se dele. Naquela época, ria-se com frequência.

- É algo relacionado com o cheiro do seu corpo, Casey. Você pode ser uma bênção para a ciência. Descubra a natureza dos odores químicos, concentre-os, misture-os com DDT e você terá obtido o melhor inseticida do mundo.

- Bela situação. Devo cheirar a quê? Ter o mesmo odor de uma mosca fêmea no cio? É uma vergonha que elas tenham que me picar, quando todo este mundo danado não passa de um montão de estrume.

- A beleza não é a única coisa que conta, Casey, aos olhos do observador - disse Winthrop franzindo a testa e com algum sabor de retórica,

- Sabe o que Winthrop disse-me ontem? - falou Casey sem dar uma resposta direta e dirigindo-se a Polen. - Disse-me que todas estas moscas danadas são a maldição de Belzebu,

- Estava brincando - disse Winthrop.

- Por que Belzebu? - indagou Polen.

- É o resultado de um jogo de palavras - disse Winthrop - Os antigos hebreus usavam tal palavra como um dos seus muitos termos de depreciação para deuses estrangeiros. - Vem de *Ba'al* que significa senhor e *zevuv*, que significa mosca. O senhor das moscas.

- Ora vamos, Winthrop, não me venha dizer que você não acredita em Belzebu.

- Acredito na existência do mal - disse Winthrop, empertigado.

- Estou falando de Belzebu. Vivo, com chifres e cascos. Um deus competitivo.

- Não exatamente - e Winthrop empertigou-se. - O mal é um negócio a curto prazo. No fim, deve perder...

Polen desviou o assunto.

- A propósito, vou fazer um trabalho de pós-graduação para Venner. Falei com ele anteontem e ele vai me aceitar.

- Não diga! Mas é ótimo! - Winthrop ruborizou-se e aceitou a troca de assunto imediatamente. Estendeu a mão para apertar a de Polen. Estava sempre conscientemente ansioso para regozijar-se pela boa sorte dos outros. Casey, com frequência, chamava a atenção de todos para o fato.

- Venner "Cibernética"? Bem, se você pode suportá-lo, suponho que ele pode suportar você.

- O que pensa ele da sua ideia? - continuou Winthrop. - Você contou-lhe?

- Que ideia? - inquiriu Casey.

Até o momento, Polen havia evitado contar a Casey. Mas agora Venner havia considerado o assunto e o havia deixado passar com o frio comentário, "Interessante!" Como poderia o riso cáustico de Casey vir a feri-lo?

- Não é grande coisa - disse Polen, - Em essência, é apenas a ideia de que a emoção é o laço comum da vida, mais do que a razão ou o intelecto. É praticamente uma

verdade banal, eu suponho. Você não pode dizer que um bebê pensa e nem sequer sabe se ele pensa, mas é perfeitamente óbvio para todos quando ele sente raiva, está amedrontado ou contente, até mesmo com apenas uma semana de vida. Você entende?

- O mesmo acontece quanto aos animais. Em um segundo você pode dizer se um cão está feliz ou se um gato sente medo. E a questão é que as emoções deles são iguais àquelas que teríamos sob as mesmas circunstâncias.

- E dai? - Disse Casey. - Onde você quer chegar?

- Não sei ainda. Até este exato momento, tudo o que posso dizer é que as emoções são universais. Agora suponha que pudéssemos analisar apropriadamente todas as emoções visíveis. Deveríamos encontrar uma forte correlação. Emoção A deve sempre envolver a Ação B. Então aplicaríamos isto a animais cujas emoções não podemos distinguir apenas pelo senso comum - tais como serpentes e lagostas.

- Ou moscas - disse Casey, enquanto batia violentamente contra mais uma delas, dando um piparote em seguida nos restos do inseto que permanecera em sua mão, num furioso triunfo.

- Continue, Johnny - prosseguiu ele. - Contribuirei com as moscas e você as estudará. Podemos fundar a ciência da moscologia e trabalhar para tomar as moscas felizes, removendo suas neuroses. Afinal de contas, desejamos o maior bem para o maior número, não é mesmo? E existem mais moscas do que homens.

- Oh, está bem - disse Polen.

- Diga-me, Polen - Casey dizia - você deu prosseguimento àquela sua estranha ideia? Isto é, todos nós sabemos que você se tornou um luminar da cibernética, mas eu não andei lendo o que você publicou. Com tantas maneiras de perder tempo, algo tem que ser negligenciado, você sabe.

- Que ideia? - indagou Polen secamente.

- Ora, vamos... - Emoções de animais e tudo aquilo. Rapaz, foram grandes dias. Costumava encontrar-me com loucos. Atualmente só encontro idiotas.

- Ele se lembra bem, Polen - disse Winthrop. - Também me lembro da ideia perfeitamente. Durante o seu primeiro ano de pós-graduação você estava trabalhando com cães e coelhos. Acredito que até mesmo chegou a testar uma das moscas de Casey.

- Aquilo deu em nada - disse Polen. - Deu origem ao levantamento de certos novos princípios para computação, entretanto, de maneira que não foi uma perda total.

Por que estavam falando sobre aquele assunto?

Emoções! Que direito tinha alguém de se imiscuir nas emoções? As palavras foram inventadas para escondê-las. Foi exatamente o pavor das emoções cruas que tornara a linguagem uma necessidade básica.

Polen sabia. As suas máquinas haviam ultrapassado o tapume da verbalização e penetrado no inconsciente, trazendo-o à luz do sol. O rapaz e a moça, o filho e a mãe. E ainda gato e rato, serpente e pássaro. Os dados matraqueavam, unidos na sua universalidade, e se haviam derramado em Polen e o permeado tio inteiramente até que ele não podia mais suportar o toque da vida.

Nos últimos anos havia tão penosamente re-educado seus pensamentos em outras direções e agora aqueles dois ali estavam chapinhando em sua mente, fazendo a lama espirrar.

- É uma pena - disse Casey batendo, abstrato na ponta do próprio nariz a fim de desalojar dali uma outra mosca. - Costumava pensar que você conseguiria obter dados fascinantes de ratos, por exemplo. Bem, não exatamente fascinantes, porém não

tão estúpidos quanto você obteria de certos seres humanos. Costumava pensar...

Polen lembrava-se do que ele costumava pensar.

- Para o diabo este DDT. As moscas se alimentam dele - dizia Casey. - Como você sabe, vou fazer um trabalho de pós-graduação em química e depois conseguir um emprego na indústria de inseticidas. Eu, pessoalmente, conseguirei algo que realmente matará esses vermes.

Estavam no quarto de Casey e ainda havia no ar um pouco de odor de querosene, proveniente de inseticida recentemente aplicado.

- Um jornal dobrado sempre conseguirá matá-las - disse Polen, dando de ombros. Casey imediatamente detectou uma zombaria não existente e replicou.

- Como você resumiria o seu primeiro ano de trabalho, Polen? Quero dizer, pondo de parte qualquer verdadeiro sumário que todo cientista ousaria fazer e que eu diria ser:nada.

- Nada - disse Polen. - Aí está seu sumário.

- Ora, vamos - disse Casey. - Você usa mais cães do que os fisiologistas fazem e eu posso apostar que os cachorros se importam menos com os experimentos fisiológicos. Eu apostaria.

- Oh, deixe-o em paz - disse Winthrop. - Você soa como um piano com as oitenta e sete teclas eternamente desafinadas. Você é um chato!

Não se podia dizer tal coisa a Casey. Com súbita vivacidade e cuidadosamente desviando o olhar de Winthrop, voltou a falar.

- Eu lhe direi o que você provavelmente encontrará nos animais se você os observar com profundidade suficiente; religião.

- Com todos os cães - disse Winthrop, ofendido. - Esta é uma observação estúpida.

- Ora vamos, Winthrop - disse Casey. - "Cães" é exatamente um eufemismo para "demônios" e você não gosta de praguejar.

- Não me dê lições de moral. E não seja blasfemo.

- O que há de blasfemo nisto? Por que não pode uma mosca considerar um cachorro como algo a ser venerado? É uma fonte de calor, de alimento e tudo isto é bom para uma mosca.

- Não desejo discutir isto.

- Por que não? Seria bom para você. Você poderia até mesmo dizer que para uma formiga um tamanduá é uma ordem mais elevada de criação. Seria demasiado grande para que pudesse compreendê-lo e demasiado poderoso para que se pudesse pensar em resistência. Mover-se-ia dentre as formigas como algo invisível, um inexplicável vendaval, visitando-as com a destruição e a morte. Mas isto não estragaria as coisas para as formigas. Viriam a raciocinar que a destruição significava exatamente o castigo para o mal. E o tamanduá nem sequer viria a saber que era considerado uma divindade. Ou nem sequer se importaria, se soubesse.

Winthrop tomara-se lívido.

- Sei que está dizendo tudo isto somente para me aborrecer e lamento que esteja arriscando a salvação da sua alma por um simples instante de divertimento. Deixe que lhe diga uma coisa - e a voz de Winthrop tremia um pouco - e agora estou falando muito seriamente. As moscas que o atormentam são a sua punição nesta vida. Belzebu, como todas as forças do mal, pode pensar que o mal ele executa, mas que ele não deixa de ser apenas o bem derradeiro. A maldição de Belzebu está sobre você, para seu bem. Talvez ela consiga que você venha a mudar o seu modo de vida antes que seja tarde.

E Winthrop praticamente deixou o quarto a correr. Casey ficou a observá-lo e depois disse, rindo:

- Eu lhe disse que Winthrop acreditava em Belzebu. É engraçado como você pode dar nomes verdadeiramente respeitáveis à superstição - mas o seu riso terminou um pouco abruptamente demais, perdendo a naturalidade.

No quarto havia duas moscas, zunindo no ar, sempre em volta dele.

Polen levantou-se e saiu, tomado de profunda depressão. Um ano de trabalho lhe ensinara um pouco, mas já era demais, de maneira que o seu riso diante de certas coisas passara a ser cada vez mais raro. Somente as suas máquinas podiam analisar apropriadamente as emoções dos animais, mas ele já adivinhava os resultados com muita profundidade, com relação às emoções do homem.

Não gostou de ser testemunha de um irracional desejo de morte, onde outros veriam apenas poucas palavras de uma discussão sem importância.

- Lembrei-me que você aplicou seus métodos a algumas de minhas moscas, conforme disse Winthrop. Qual foi o resultado? - disse Casey subitamente.

- Mesmo? Depois de vinte anos, mal posso lembrar-me - murmurou Polen.

- Mas deve se lembrar - disse Winthrop. - Estávamos em seu laboratório e você reclamava que as moscas de Casey o acompanhavam até mesmo ali. Ele sugeriu que você as analisasse e você o fez. Registrou os seus movimentos, zumbidos e o limpar das asas por cerca de meia hora ou mais. Você utilizou cerca de uma dúzia de moscas diferentes.

Polen deu de ombros.

- Ora - disse Casey - isto não tem mais importância. Gostei de revê-lo, meu velho. - O caloroso aperto de mão, a palmadinha no ombro, o largo sorriso... Polen podia traduzir todos os gestos perfeitamente, ou seja, que Casey sentia um profundo desgosto por que Polen era um "sucesso", afinal de contas.

- Dê-me notícias de vez em quando - disse Polen.

Às palavras não passavam de barulho. Nada significavam. Casey o sabia. Polen o sabia. Todos o sabiam. Mas as palavras foram criadas para esconder as emoções e, quando vêm a falhar, a humanidade lealmente mantém as aparências. O aperto de mão de Winthrop foi mais gentil.

- Este encontro nos levou aos velhos tempos, Polen. Se alguma vez passar por Cincinnati dê uma parada e procure-me na igreja. Será sempre bem-vindo.

Para Polen, o que aquelas palavras queriam dizer era da assistência oferecida pelo homem, em face da sua própria e óbvia depressão. A ciência também, ao que parecia, não oferecia a resposta, e a insegurança básica e inerradicável de Winthrop sentia-se contente com a companhia.

- Eu o farei - disse Polen, o que era a comum e polida maneira de dizer que não o faria.

E ficou ali a olhá-los enquanto, separadamente dirigiam-se a outros grupos.

Winthrop nunca saberia. Polen tinha certeza disto. Conjeturava se Casey sabia. Seria a suprema piada se Casey não o soubesse.

Ele tinha pesquisado as moscas de Casey, naturalmente, não apenas naquela ocasião mas muitas vezes mais. Sempre a mesma resposta! Sempre a mesma impublicável resposta.

Com um forte calafrio que não podia controlar, subitamente Polen tomou-se consciente de que uma única mosca perdida no quarto zumbiu, sem alvo, por um instante, para em seguida bater vertiginosa e reverentemente em retirada, na direção que Casey momentos antes havia tomado.

Poderia Casey não saber? Poderia ser que a essência da punição capital fosse que

nunca viesse a saber que ele era Belzebu?

Casey! O senhor das Moscas!

Suponho que uma daquelas frases feitas, pelas quais todos são responsáveis de quando em vez é: - “Bem, o que é que ele viu nela?” Ou então: - “Bem, o que é que ela viu nele?”

Trata-se de uma pergunta ridícula porque a espécie de coisa que ela ou ele vê e que não é visível para os demais, em geral, provavelmente é: *você-sabe-o-quê*.

Da mesma maneira, entretanto, sou inclinado a zombar quando vejo um filme no qual a garota fica apaixonada por um sujeito que não possui vantagens visíveis a não ser que ele é alto, elegante, forte, corajoso e incrivelmente simpático. Naturalmente sinto-me desgostoso e indago: - “O que é que ela viu nele?”

Pressionado para o desdém, posso esclarecer que este alto, elegante, forte, corajoso e incrivelmente simpático sujeito quase que invariavelmente tem a capacidade cerebral de um mosquito. Expressa-se por meio de ocasionais grunhidos e vê o mundo com olhos turvos por trás dos quais fica um cérebro baço. É conhecido por Deus e todo mundo e particularmente pela garota que tenta esconder a sua extraordinária paixão por ele - como um imprestável.

Tais tipos são particularmente impenetráveis, mesmo para uma sub-humana compreensão da psicologia feminina, e quanto mais evidenciam isto, mais desesperadamente são amados.

Digo-lhes que não posso aguentar isto. E o fato de que sei muito bem que se alguma vez tentasse competir por uma garota com um desses altos e elegantes cretinos eu perderia invariavelmente, torna a coisa pior. Assim, pois, preparei minha vingança. Decidi que nunca enfiaria um desses sujeitos estúpidos em uma das minhas histórias.

Tanto quanto eu saiba, nunca o fiz. Até ontem teria feito um juramento a respeito e garantido tal juramento com qualquer soma de dinheiro. No entanto quando reli Ninguém aqui, só nós... agora mesmo, levado pela necessidade de escrever esta nota introdutória, de coração pesado e mente frustrada verifiquei que esta é uma história sobre um sujeito alto, elegante, forte...

*1ª publicação - Star Science Fiction Stories - Copyright, 1953, by Ballantine Books, Inc.*

# Ninguém aqui, só nós...

Sabe, não foi minha culpa. Não tínhamos a menor ideia de que alguma coisa estava errada até que chamei Cliff Anderson ao telefone e falei com ele *quando não estava lá*. E mais ainda, eu não teria sabido que ele não estava lá, se não fosse pelo fato de que *ele entrou enquanto eu estava falando.*

Não, não, não...

Parece que nunca sou capaz de explicar isto corretamente. Fico demasiado excitado. Olhe, acho que eu devo mesmo é começar do princípio:

Apresento-me, sou Bill Billings; Cliff Anderson é meu amigo. Sou um engenheiro eletricista e ele é um matemático e ambos ensinamos na faculdade do Midwestern Institute of Technology. Agora você já sabe quem somos nós.

Sempre que ficamos livres da farda, Cliff e eu corremos a trabalhar em máquinas de calcular. Sabe como elas são. Norbert Wiener popularizou-as em seu livro Cibernética. Se você viu alguns filmes onde elas aparecem, sabe que são coisas grandes, enormes. São capazes de tomar toda uma parede, muito complicadas - e também muito caras.

Cliff e eu, porém, tínhamos ideias Você sabe, o que torna uma máquina pensante tão grande e tão dispendiosa é que ela é cheia de relés e válvulas, de maneira que as micro-correntes possam ser controladas, ligadas e desligadas, aqui e ali. Mas as coisas realmente importantes são aquelas pequeninas correntes, de maneira que.

O que aconteceu é que certa vez eu disse ao Cliff: - Por que não podemos controlar as correntes sem toda esta salada de fios?

- Porque não. - disse Cliff. E começou a trabalhar com sua matemática.

Como chegamos a esta altura, em dois anos, não vem ao caso. O que conseguimos obter, depois da tarefa terminada, é que trouxe o problema. Verificamos então que havíamos construído algo com tanto assim de altura, com talvez isto de largura e com uma profundidade de...

Não, não. Esqueci-me que você não pode me ver. É melhor que lhe forneça os números. A coisa tinha cerca de três pés de altura por seis de largura e com dois pés de profundidade Pode fazer uma ideia? Foram necessários dois homens para carregá-la, mas ainda bem que podia ser carregada, e isto é o que importava. E ainda assim, veja você, podia fazer qualquer coisa da mesma maneira que aqueles calculadores de parede inteira podem fazer. Não tão rápido, talvez, mas estávamos ainda trabalhando,

Tínhamos ideias a respeito daquela coisa, as maiores possíveis. Podíamos colocá-la em navios e aviões. Depois de algum tempo, se pudéssemos fabricá-la em modelo bem pequeno, um automóvel poderia carregar uma delas.

Estávamos particularmente interessados nos automóveis Suponha que você tem uma maquininha que pensa, no painel do seu automóvel, ligada ao motor e à bateria e equipada com olhos fotoelétricos. Poderia escolher o itinerário ideal, evitar outros carros, parar nos sinais vermelhos, adotar a velocidade adequada para cada terreno. Todas as pessoas poderiam sentar-se no banco traseiro e os acidentes desaparece-

riam.

E tudo isso era divertido. Trazia-nos tantas expectativas, cada vez que trabalhávamos em outra combinação de circuitos, que sinto ímpetos de chorar quando penso naquela hora em que peguei no telefone para uma chamada ao nosso laboratório e estraguei tudo.

Estava em casa de Mary Ann naquela tarde. Já lhe falei sobre Mary Ann? Não. Suponho que não.

Mary Ann era a pequena que deveria ser minha noiva, se não fosse por dois "ses": primeiro, não tinha certeza se ela me queria e, segundo, precisava saber se teria coragem de pedi-la em casamento, Ela tem cabelos vermelhos e acumula cerca de duas toneladas de energia em cerca de 55 quilos de corpo belamente preenchido e delineado do chão até 1,60 de altura. Morria de vontade de pedi-la em casamento mas, você sabe, toda vez que ela aparecia diante dos meus olhos, jogando um fósforo em meu coração em todas as ocasiões, eu simplesmente me sentia demolido,

E não é porque me falte boa aparência. Muitas pessoas costumam dizer que sou o sujeito adequado, não tenho o menor sinal de calvície. Tenho cerca de um metro e oitenta de altura. Sei até dançar. Acontece que nada tenho para oferecer-lhe. Não preciso lhe contar sobre o salário de um professor. Com a inflação e os impostos, chega a ser praticamente nada. Mas, naturalmente, se conseguíssemos as nossas patentes básicas sobre a nossa maquininha pensante, as coisas seriam diferentes Mas, também não podia pedir-lhe que esperasse até lá. Talvez depois que tudo estivesse arranjado...

De qualquer maneira, lá estava eu naquela tarde, muito ansioso, quando ela entrou na sala de estar. Eu estava precisamente procurando agarrar o telefone.

- Estou pronta, Bill podemos ir - disse Mary Ann.

- Apenas um minuto. Preciso telefonar ao Cliff - disse eu.

- Isso não pode esperar? - falou ela, franzindo um pouco a testa.

- Já devia ter feito a chamada há duas horas atrás - expliquei.

Levou apenas dois minutos, liguei para o laboratório. Cliff estava fazendo serão, de maneira que atendeu. Perguntei-lhe alguma coisa, ele me respondeu também alguma coisa, indaguei um pouco mais e ele explicou. Os detalhes não têm importância mas, como já disse, ele é o matemático da nossa parceria. Quando construo os circuitos e junto as coisas de um modo que parece impossível, ele é o sujeito que embaralha os símbolos e me diz se as coisas são realmente impossíveis. E então, exatamente depois que desliguei, a campainha da porta soou.

Por um minuto pensei que Mary Ann ia atender a um outro pretendente, de maneira que me empertiguei e fiquei a observá-la quando se dirigia à porta. Estava rabiscando algo do que Cliff acabara de me dizer, enquanto a observava. Foi então que ela abriu a porta e quem acha você que entrou? Cliff Anderson.

- Foi o que pensei, que o encontraria aqui - disse ele. - Alô, Mary Ann. Escute, você não ia ligar para mim às seis? Pode-se confiar em você tanto quanto em uma cadeira de papel. - Cliff é baixinho e robusto e sempre disposto a brigar, mas eu o conheço bem e não dou atenção.

- As coisas se complicaram e eu me esqueci. Mas acabei de chamar, portanto onde está a diferença?

- Acabou de chamar? Por mim? Quando?

Comecei a apontar para o telefone e a gaguejar. Foi somente então que o chão parecia abrir-se para me tragar. Exatamente há cinco segundos atrás a campainha ha-

via soado, havia estado ao telefone falando com Cliff no laboratório e o laboratório ficava a seis milhas de distância da casa de Mary Ann..

- Eu... acabei de falar com você. - Mas eu não estava convencendo.

Cliff limitou-se a dizer, repetindo-se.

- Comigo? - enquanto eu apontava para o telefone, agora com ambas as mãos.

- Falei com você pelo telefone. Liguei para o laboratório. Deste fone aqui. Mary Mm ouviu-me. Mary Ann, eu não estava agora mesmo falando com...

- Eu não sei com quem você estava falando - disse Mary Ann. - Bem, podemos ir agora? - E assim é Mary Ann, defensora da honestidade.

Tive que me sentar. Tentei ficar tranquilo e ser claro.

- Cliff, disquei o número do laboratório, você me respondeu ao telefone, perguntei-lhe se já ha resolvido aqueles detalhes, você disse que sim e os forneceu. Aqui estão eles. Acabei de escrevê-los. Isto está correto ou não? - e passei-lhe o papel no qual havia escrito as equações. Cliff deu uma olhada no papel.

- Estão corretos. Mas onde você os obteve? Você não resolveu tudo sozinho, não?

- Mas acabei de dizer-lhe. Você me forneceu as equações pelo telefone.

- Bill - disse Cliff, balançando a cabeça - não estou no laboratório desde as sete e quinze. Não há ninguém lá.

- Mas eu falei com alguém, é o que estou lhe dizendo?

- Estamos nos atrasando - disse Mary Ann mexendo com suas luvas.

Levantei as mãos para ela pedindo que esperasse um pouco e continuei, para Cliff.

- Escute, você tem certeza...

- Não há ninguém lá, a menos que você conte o Júnior. - Júnior é como batizamos nossa máquina pensante.

E ficamos ali olhando um para o outro. O pezinho de Mary Ann já estava batendo compassadamente no chão, com aquele ritmo de uma bomba-relógio prestes a explodir. Mas Cliff conseguiu rir e dizer

- Estou pensando numa caricatura que vi certa vez. Mostrava um robô atendendo ao telefone e dizendo: - "Sinceramente, chefe, não há ninguém aqui, só nós, as complicadas máquinas pensantes".

Meu coração pulsou mais forte e já estava disparando. Não achei graça nenhuma e tudo o que tinha a dizer era:

- Vamos para o laboratório.

- Ei! - disse Mary Ann - Vamos perder o espetáculo?

- Escute, Mary Ann - disse eu - isto é muito importante e levará apenas um minuto. Venha conosco e de lá iremos direto para o teatro.

- Mas a peça começa às... - mas parou de falar porque agarrei-a pelo pulso e saímos os três.

E isto prova quão excitado eu estava. Numa ocasião qualquer eu nunca teria sonhado sequer em sair arrastando-a daquele jeito, pois considero Mary Ann uma perfeita dama. Mas acontece que tinha muitas coisas em minha cabeça. Eu nem sequer me lembro realmente de tê-la agarrado pelo pulso, fico até pensando como foi. Tudo o que sei é que logo em seguida estava no automóvel e lá estava Cliff e Mary Ann também, ela agora a esfregar o pulso e a murmurar entredentes qualquer coisa sobre estes enormes gorilas que andam por aí...

- Machuquei-a, Mary Ann? - disse eu.

- Não, naturalmente que não - disse ela. - Costumo ter o meu braço arrancado do tronco todos os dias; eu gosto... - e chutou-me a canela.

Ela somente faz coisas assim porque tem cabelos vermelhos. Na realidade é de natureza gentil e doce mas tenta, com todas as suas forças, fazer o tipo da ruiva mito-

lógica. É claro que entendo tudo, mas finjo que não entendo, para agradá-la, pobre pequena.

E em vinte minutos estávamos no laboratório.

O Instituto fica vazio à noite. E fica mais vazio do que qualquer outro edifício. Como você sabe, é destinado a comportar aquela multidão de estudantes enchendo os corredores e, quando eles não estão, a solidão do edifício é antinatural. Ou talvez porque eu estava com medo do que estivesse lá sentado, no nosso laboratório, no andar de cima. De qualquer forma, nossos passos soavam lugubremente e o elevador automático parecia sombrio. Voltei-me para Mary Ann:

- Não vai tomar muito tempo - foi o que eu disse, mas ela se limitou a torcer o nariz e a parecer mais bonita.

Ela não tem culpa de ser assim tão bonita.

Cliff tinha a chave do laboratório e olhei por cima do ombro dele quando a porta se abriu. Não havia nada à vista. Júnior estava lá, naturalmente, mas conservava a mesma aparência que tinha quando o vi pela última vez. O painel da frente nada registrava e fora disto só estava lá aquela grande caixa, com um cabo que se voltava para trás para ligar-se à tomada na parede.

Cliff e eu caminhamos um de cada lado do Júnior. Acho que planejávamos agarrá-lo se por acaso fizesse um movimento súbito. Mas tivemos que parar porque Júnior não estava fazendo coisa nenhuma. Mary Ann também olhava para ele. Na verdade, ela correu o dedo médio ao longo do seu topo, olhou para o dedo e esfregou-o contra o polegar para libertá-lo da poeira.

- Mary Ann, não chegue perto deste negócio - disse eu. - Fique na outra extremidade da sala.

- Está tudo tão sujo aqui - disse ela.

Nunca havia estado em nosso laboratório antes e naturalmente não compreendia que um laboratório não é a mesma coisa que o quarto de um bebê, se é que você me entende. O zelador aparece duas vezes por dia, mas tudo o que faz é esvaziar os cestos de papéis. Uma vez por semana ele aparece com um esfregão sujo, faz um pouco de lama no piso e depois a espalha aqui e ali.

- O telefone não está onde o deixei - disse Cliff.

- Como sabe? - indaguei.

- Porque deixei-o aqui - e apontou - e agora está lá - Se ele estava certo, o telefone movera-se para mais perto de Júnior. Engoli em seco.

- Talvez você não se lembre direito. - Tentei rir, mas o som não era muito natural. - Onde está a chave de fenda?

- O que vai fazer?

- Apenas dar uma olhada lá dentro. Apenas para rir depois.

- Você vai ficar todo sujo - disse Mary Ann. Devido a tal observação, vesti o guarda-pó. Mary Ann é assim, pensa em tudo.

Comecei a trabalhar com a chave de fenda. E claro que uma vez que Júnior estivesse realmente aperfeiçoado, iríamos fabricá-lo em modelos de uma única peça. Já tínhamos até pensado em um modelo de plástico colorido, para uso doméstico. Naquele modelo do laboratório, entretanto, mantínhamos tudo unido por parafusos, de maneira que podíamos abri-lo e voltar a fechá-lo quantas vezes fossem necessárias.

Só que os parafusos não estavam desenroscando. Resmunguei e grunhi e por fim disse:

- Algum brincalhão pôs todo o peso nesta coisa enquanto estava aparafusando.

- Mas você é a única pessoa que toca nisto - disse Cliff. Ele estava certo, mas isto não tornava a tarefa mais fácil. Ergui-me e passei as costas da mão pela testa. Ofe-

reci-lhe a chave de fenda.

- Por que não tenta você? - Ele tentou, mas não teve mais sucesso do que eu.

- É engraçado - disse ele.

- O que é engraçado? - perguntei.

- Consegui mover um parafuso agora mesmo. Moveu-se por cerca de um oitavo de polegada, mas então a chave de fenda desengatou.

- E que graça tem isso?

De cócoras que estava, Cliff deixou-se cair de costas colocando a chave de fenda à parte, pegando-a gentilmente com dois dedos.

- O engraçado é que eu vi o parafuso mover-se por fração de polegada, mas voltar a enroscar-se sozinho.

- Por que as mentes científicas de vocês não pensam em um maçarico? - disse Mary Ann que voltara a ficar inquieta. Havia um maçarico em uma das bancadas e ela apontava para ele.

Bem, em situações ordinárias, eu não pensaria em usar um maçarico no Júnior, tanto quanto não o faria comigo mesmo. Mas eu estava pensando numa coisa, Cliff estava pensando também e nós dois pensávamos a mesma coisa: Júnior não desejava ser aberto.

- O que é que você acha, Bill? - disse Cliff.

- Eu não sei, Cliff - respondi.

- Bem, ande logo, seu palerma - disse Mary Ann - ou vamos perder o show.

Assim, apanhei o maçarico e ajustei-o ao cilindro de oxigênio. Seria a mesma coisa que apunhalar um amigo - pensava eu.

Mas a esta altura Mary Ann continuou a falar - Ora, como é que os homens podem ser tão estúpidos? Estes parafusos estão soltos. Vocês deviam estar usando a chave de fenda no sentido contrário.

Como você sabe, não há muita chance de se usar uma chave de fenda no sentido contrário. Mas como eu não gosto de contradizer Mary Ann, limitei-me a dizer:

- Mary Ann não fique tão perto do Júnior. Por que você não fica ao lado da porta?

- Mas olhem, olhem! - foi apenas o que ela disse. E lá estava um parafuso na mão dela e um buraco vazio surgia em frente da caixa do Júnior. Removera o parafuso apenas usando a mão.

- Santo Deus! - disse Cliff.

E agora todos os doze parafusos se desenroscavam por si mesmos, como vermezinhos saindo dos seus buracos, girando, girando até caírem. Apanhei-os do chão e apenas um ficou aparafusado. Este balançou-se um pouco, enquanto o painel se afrouxava e até que me aproximei. Por fim o último parafuso soltou-se inteiramente, enquanto o painel caía, com delicadeza, em meus braços. Coloquei-o à parte.

- Ele fez isto de propósito - disse Cliff. - Ouviu quando mencionamos o maçarico e entregou-se. - E o seu rosto, que normalmente era rosado, tomou-se inteiramente branco. Sentia-me também um pouco estranho.

- O que é que ele está tentando esconder? - disse eu.

- Não sei.

Inclinamo-nos para o interior daquela abertura e por instantes apenas olhamos. Podia ouvir que o pezinho de Mary Ann voltava a bater em compasso, novamente. Dei uma olhada para o meu relógio e tive que admitir que não tínhamos muito tempo. Na realidade já tínhamos perdido a hora.

- Ele agora conseguiu um diafragma - disse eu.

- Onde? - indagou Cliff, inclinando-se mais ainda.

- E um alto-falante - continuei, apontando.

- Você não os colocou?

- É claro que não. Tenho a obrigação de saber o que ponho aí dentro. Se eu tivesse posto, estaria lembrando.

- Então como entraram aí? - e permanecíamos ali agachados, discutindo.

- Ele mesmo os fabricou, eu suponho - disse eu. - Talvez os faça crescer dentro de si. Olhe para isto.

E apontei novamente. Dentro da caixa, em dois lugares diferentes, havia espirais de alguma coisa que se parecia com uma fina mangueira de jardim, porém metálicas. Estavam tão apertadas que pareciam lisas. No final de cada espiral o metal dividia-se em cinco ou seis filamentos, de onde partiam sub-espirais,

- Você não colocou aí dentro isto também?

- Não, também não coloquei isto.

- E afinal, o que é?

Ele sabia o que era, e eu também. Alguma coisa tinha que chegar ao exterior a fim de obter materiais para que Júnior fabricasse as próprias peças; alguma coisa tinha que se esgueirar para atender ao telefone. Apanhei o painel frontal e olhei-o novamente. Lá estavam duas aberturas circulares cortadas no metal, chanfradas, as tampas com dobradiças, deixando buracos, para que alguma coisa saísse.

- E eu também não fiz isto - disse eu enfiando um dedo através de um dos buracos para que Cliff pudesse vê-lo pelo outro lado.

Mary Ann estava olhando por cima do meu ombro agora e, sem qualquer aviso, aproximou-se mais. Estava limpando o meu dedo da poeira e da graxa, em uma toalha de papel, de maneira que não tive tempo de impedi-la. No entanto, eu deveria saber como é Mary Ann, sempre tão ansiosa por ajudar.

De qualquer maneira, ela se aproximou a fim de tocar num daqueles... Bem, podemos dizer, sem muito constrangimento, um daqueles... tentáculos. Nunca cheguei a saber se ela realmente tocou num deles ou não. Mais tarde ela asseverou que não o fez. De qualquer forma, o que aconteceu em seguida foi ouvirmos o seu gritinho, subitamente ela sentou-se e começou a esfregar o braço.

- A mesma coisa - choramingou ela. - Primeiro você e depois isso aí...

- Deve ter sido uma ligação solta, Mary Ann - disse eu ajudando-a a levantar-se. - Sinto muito, mas eu a avisei..

- Tolice! - disse Cliff. - Não há nenhuma ligação solta. Júnior está apenas se protegendo.

Eu tinha pensado a mesma coisa. Aliás, eu tinha pensado em um montão de coisas. Júnior era uma nova espécie de máquina. Até mesmo a matemática que o controlava era diferente de qualquer coisa com a qual alguém tivesse trabalhado antes. Talvez contivesse algo que nenhuma máquina anterior jamais tivera. Talvez sentisse o desejo de permanecer vivo e crescer. Talvez alimentasse o desejo de fabricar outras máquinas iguais até que existissem milhões delas sobre a Terra, competindo com os seres humanos.

Abri a boca, mas Cliff deve ter adivinhado o que eu iria dizer, pois ele gritou: - Não! Não fale!

Mas não pude me conter, simplesmente me escapou.

- Bem, escute, vamos desligar o Júnior... Mas o que há?

- É que ele está ouvindo o que estamos dizendo, seu burro - disse Cliff com amargura. - Ele ouviu sobre o maçarico, não ouviu? Eu estava me esgueirando por trás dele mas agora ele provavelmente vai tentar me eletrocutar.

Mary Ann agora esfregava o braço contra o vestido, nas costas, e continuava a comentar sobre a sujeira no chão, embora eu lhe tivesse explicado que nada tinha a

ver com aquilo. No meu entender, quem fazia toda esta sujeira era o zelador.

- Por que você não usa luvas de borracha e puxa o fio para fora? - foi o que ela disse no meio de tudo o que comentava.

Podia sentir que Cliff estava tentando determinar se existiriam razões para que o conselho não fosse tomado. Como não encontrou nenhuma, calçou as luvas de borracha e se encaminhou para o Júnior.

- Tenha cuidado! - gritei.

Era uma coisa muito estúpida para ser dita. Ele tinha que ter cuidado, não havia escolha. Um dos tentáculos moveu-se e não havia a menor dúvida sobre onde estava agora. Desenrolou-se rapidamente e formou uma linha entre Cliff e o cabo de força. Permaneceu ali, vibrando um pouco, com os seus seis tentáculos menores abertos, espalhados no ar. As válvulas dentro do Júnior começaram a brilhar. Cliff não tentou passar pelo tentáculo. Deu um passo para trás e, depois de um instante, a espiral voltou a encolher-se. Cliff descalçou as luvas.

- Bill - disse ele - não vamos conseguir coisa alguma. É um equipamento muito mais inteligente do que nós sonhamos. Foi suficientemente habilidoso para usar a minha voz como modelo, quando construiu o diafragma. E pode tornar-se suficientemente ardiloso para aprender a - e voltou-se sobre o próprio ombro para segredar - gerar a sua própria energia e tornar-se auto-suficiente.

- Bill, vamos ter que parar com isto, pois do contrário a qualquer hora alguém vai telefonar para o planeta Terra e obterá a resposta: - "Sinceramente, chefe, não há ninguém aqui, só nós, as complicadas máquinas pensantes!"

- Vamos chamar a polícia - disse eu. - Daremos uma explicação. Uma granada ou qualquer coisa assim..

- Não podemos permitir que alguém descubra. Eles construirão outros Júniors e parece que não teríamos respostas suficientes para esta espécie de projeto, afinal de contas.

- Mas, então, o que faremos?

- Não sei.

Levei uma forte pancada nas costas. Olhei para baixo e vi que era Mary Ann, pronta para disparar todo o seu arsenal.

- Escute aqui, seu palerma, e marcamos um encontro, está marcado e se não marcamos, nada feito. Decida-se.

- Ora vamos, Mary Ann... - disse eu.

- Responda-me - disse ela. - Jamais ouvi coisa tão ridícula. Aqui estou eu vestida para assistir a uma peça de teatro e você me leva para um laboratório sujo, onde há uma máquina idiota e passa o resto do tempo mexendo com estas geringonças.

- Mary Ann, eu não estou...

Mas ela não me escutava, continuava falando. Gostaria de lembrar-me do que ela disse depois daquela frase. Ou talvez seja melhor não lembrar, porque tudo o que sei é que não havia propriamente cumprimentos em todo o seu discurso. De quando em vez eu tentava um - "Mas Mary Ann - e toda vez eu tinha que me calar e engolir em seco.

Na realidade, conforme já disse, ela é um doce de criatura e é somente quando fica excitada que se toma faladora e pouco razoável. Mas é claro que tendo cabelos vermelhos, ela se sente na obrigação de ficar neste estado com certa frequência. De qualquer forma, esta é a minha teoria. Ela apenas sente que precisa se portar de acordo com a fama dos seus cabelos ruivos.

De qualquer forma, a próxima coisa que aconteceu e de que me posso lembrar claramente é de Mary Ann terminando seu discurso dando-me uma bela pisada no

meu pé direito e virando-se para sair. Corri atrás dela, sem mesmo conseguir um: "Mas Mary Ann..."

Foi quando Cliff gritou para nós. Geralmente não nos dá a mínima atenção mas, desta vez, ele simplesmente berrou.

- Por que não lhe pede para casar-se com você, idiota?!

Mary Ann parou. Estava já na porta mas não se voltou. Também parei e senti que as palavras tomavam-se espessas e embaralhadas em minha garganta. Eu nem sequer podia dizer: - "Mas Mary Ann..."

Por trás de nós Cliff agora estava gritando. Mas eu o ouvia como se estivesse a militas de distância. E gritava:

- Consegui! Consegui!

Foi então que Mary Ann voltou e, encarou-me, e estava tão linda. Já lhe contei que ela tem olhos verdes com um toque de azul? De qualquer maneira, ela estava tão linda que as palavras em minha garganta juntaram-se num turbilhão, apertando-se e vindo a provocar aquele som engraçado que você consegue fazer quando engole em seco.

- Você vai dizer alguma coisa, Bill? - indagou ela.

Bem, Cliff havia posto aquilo na minha cabeça. A minha voz estava áspera, mas eu consegui falar.

- Quer se casar comigo, Mary Ann ?

E logo em seguida me arrependi, porque pensei que ela jamais voltaria a falar comigo. Mas no minuto seguinte eu estava contente por afinal ter dito, porque ela lançou os braços em volta do meu pescoço e elevou o lindo rosto para beijar-me. Levou um tempinho para que tivesse consciência do que acontecia, mas agora eu começara a retribuir o beijo. E isto levou um bocado de tempo, até que Cliff, batendo em meu ombro, conseguiu chamar a minha atenção.

Voltei-me e disse-lhe, com brusquidão. - O que você quer? - e não deixava de ser um pouco ingrato. Afinal, fora ele quem dera motivo para aquilo. Mas ele me disse: - Olhe!

Na sua mão estava o fio principal que ligava o Júnior à força elétrica. Esquecera-me de Júnior, mas agora tudo me voltava à mente.

- Está desligado, então.

- Já está frio.

- Como é que você conseguiu?

- Júnior estava tão ocupado observando a sua briga com Mary Ann que eu consegui esgueirar-me por trás dele. O show de Mary Ann foi excelente.

Não gostei desta observação porque Mary Ann é o tipo da garota muito digna e consciente, não é daquela espécie que anda por aí dando shows. No entanto, eu estava muito ocupado no momento para discutir com ele. Voltei-me para Mary Ann.

- Não tenho muito a oferecer-lhe, Mary Ann, apenas o salário de um professor. Agora que tivemos que desmantelar o Júnior, não há sequer a menor chance...

- Mas eu não me importo, Bill - disse Mary Ann. - Eu estava desistindo de você, meu querido palerma. Já havia tentado praticamente tudo...

- Você estava me chutando e pisando meu pé...

- Eu já tinha tentado tudo. Estava desesperada.

A lógica não era muito clara, mas não respondi, porque subitamente lembrei-me do teatro.

Olhei para o relógio e disse: - Olhe, Mary Ann, se nos apressarmos, ainda pegaremos o segundo ato.

- Mas quem está interessada em teatro? - disse ela.

E então voltei a beijá-la. E na realidade nunca chegamos a ver aquela peça.

Existe somente uma coisa que me aborrece agora. Mary Ann e eu nos casamos e somos perfeitamente felizes. Consegui uma promoção, sou agora um dos professores associados do Instituto. Cliff continua trabalhando em planos para construir um Júnior controlável e está fazendo progressos.

Mas não é nada disso

Imagine você que contei ao Cliff, na tarde seguinte que Mary Ann e eu íamos nos casar e lhe agradecia por ter dado a ideia Depois de me ter olhado, com espanto, por algum tempo, ele me jurou que não havia feito aquilo: que não me havia gritado que a pedisse em casamento,

É claro que havia na sala alguma coisa mais com a voz de Cliff.

E é por isso que me aborreço, fico pensando se algum dia Mary Ann vai descobrir. Eu sei que ela é de bom gênio, mas o fato é que tem cabelos ruivos. Ela simplesmente não se pode conter e tem que se portar em função daqueles cabelos... ou será que já disse isso antes?

De qualquer maneira, imagine você o que ela dirá se vier a descobrir que eu nem sequer tive iniciativa suficiente para lhe propor casamento, isto é, até que uma máquina me gritasse para fazê-lo!

Todos nós possuímos as nossas louváveis excentricidades e eu mesmo tenho algumas que são inteiramente minhas.

Por exemplo, detesto dias bonitos. Apresente-me um dia em que a temperatura está exatamente a 26 °C, uma suave brisa faz farfalhar a luxuriante folhagem de junho ou as folhas que começam a cair em setembro, em doce murmúrio; um dia em que uma suave modorra se estende sobre o campo, o ar é leve e doce e uma paz abarcante cai sobre o mundo - e eu lhe mostrarei um sujeito infeliz, ou seja, eu.

Existe uma razão para isso, uma boa razão. (Você não pensa que sou irracional, não é mesmo?) Conforme disse no prefácio de Sally, sou um escritor compulsório. Isto significa que a minha ideia de tempo bom e agradável é ir para o meu sótão, sentar-me à minha máquina de escrever elétrica (como estou fazendo exatamente agora), começar a espancá-la e observar as palavras tomando forma como num passe de mágica diante dos meus olhos. Para minimizar as possíveis distorções, conservo as persianas abaixadas sob qualquer tempo e trabalho exclusivamente sob luz artificial.

Ninguém apresenta nenhuma objeção particular quanto a isto, desde que o granizo típico dos últimos dias de outono da Nova Inglaterra esteja varando o ar, ou que o vento sibilante típico do início da primavera da Nova Inglaterra esteja soprando, ou que o pesado ar da Corrente do Golfo, no verão da Nova Inglaterra, esteja em ação, ou flocos de uma neve já a três pés de espessura se estendam como um lençol, dançando no ar. Todo o mundo diz: “Rapaz, você tem sorte, não é obrigado a sair num tempo destes”. E eu concordo com eles.

Mas então surge um dia bonito em maio/junho ou setembro/outubro e todos me dizem: - “O que você está fazendo aqui dentro num dia como este, seu estúpido?” Algumas vezes, levados por pura indignação, agarram-me e lançam-me pela janela a fim de que eu possa desfrutar do bonito dia.

O que há de realmente bom em ser um escritor, naturalmente, é que você pode apanhar todas as suas frustrações e aborrecimentos e espalhá-los sobre o papel. Isto o impede de atingir perigosos níveis e explica por que os escritores são geralmente tão amáveis, normais, sendo sempre uma alegria para todos vir a conhecê-los.

Por exemplo, escrevi uma novela em 1953 descrevendo um mundo no qual todos viviam em cidades subterrâneas, confortavelmente enclausurados, livres do ar aberto.

E as pessoas diziam: - “Como pôde você imaginar uma tal situação de pesadelo?”

E eu respondia, atônito: - “Mas de que pesadelo vocês estão falando?”

Para mim, entretanto, tudo se transforma num repto. Tendo dado o meu recado em favor da clausura, fiquei a pensar se não poderia inverter a situação.

E foi assim que escrevi Um Dia Tão Belo. Fiz um trabalho tão bom que convenci a mim mesmo, de maneira que, atualmente, até mesmo duas vezes por semana, quando sinto que tive um exaustivo dia de trabalho, saio um pouco no fim da tarde e dou um passeio pela vizinhança.

Mas eu não sei não. Esta coisa que vocês têm lá em cima no céu é algo simplesmente cegante.

*1ª publicação - Star Science Fiction Stories, nº 3.* *Copyright, 1954, by Ballantine Books, Inc.*

# Um dia tão belo

No dia 12 de abril de 2117, a válvula de freio do modulador de campo da Porta pertencente à Sra. Richard Hanshaw despolarizou-se por razões desconhecidas. Em consequência, o dia da Sra. Hanshaw ficou completamente perturbado e foi a partir daí que o seu filho, Richard Jr., passou a desenvolver estranha neurose.

Não era o tipo de coisa que você podia encontrar fazendo parte da lista das neuroses nos livros comuns e o jovem Richard comportava-se, na maioria dos casos, como um educado menino de doze anos, vivendo num meio próspero, devia comportar-se.

E no entanto, a partir de 12 de abril, Richard Hanshaw ir., somente podia ser persuadido a usar a Porta a muito custo.

Do que aconteceu a 12 de abril, a Sra. Hanshaw não teve o menor pressentimento. Acordou naquela manhã (uma manhã comum), quando o seu mekkano deslizou para dentro de seu quarto, trazendo numa bandeja pequena uma xícara de café.

A Sra. Hanshaw havia planejado visitar Nova Iorque à tarde e como tinha diversas coisas a fazer antes, que não podiam ser confiadas inteiramente a um mekkano, tomou apenas dois goles de café e levantou-se.

O mekkano recuou, movendo-se silenciosamente ao longo do campo diamagnético que conservava o seu corpo oblongo a meia polegada acima do piso, regressando à cozinha, onde o seu computador simples era perfeitamente capaz de controlar toda a aparelhagem da cozinha, a fim de que um perfeito e completo desjejum fosse preparado.

Tendo lançado o costumeiro olhar sentimental à cubografia do seu falecido marido, a Sra. Hanshaw deu prosseguimento aos diversos estágios do seu ritual matutino com certo contentamento. Podia ouvir os passos do seu filho no vestíbulo, mas sabia que não devia interferir. O mekkano estava perfeitamente ajustado para cuidar dele, como uma coisa natural, supervisionar para que tomasse banho, trocasse de roupa e que lhe fosse servido um nutritivo desjejum. A ducha que havia mandado instalar há um ano tornava o banho matinal e sua imediata secagem tão agradável e era tão rápido que, estava certa, Dickie podia banhar-se sem qualquer supervisão.

Numa manhã como esta, quando estava ocupada, certamente não seria necessário para ela fazer mais do que depositar uma beijoca casual no rosto do menino, antes que ele saísse, Ela ouviu a campainha suave do mekkano, indicando a hora da escola, e flutuou pelo elevador de campo ao piso inferior (seu penteado do dia apenas esboçado, ainda) para executar aquela obrigação maternal.

Encontrou Richard parado junto à porta, com seus rolos de texto e projetor de bolso balançando pela alça e, no rosto, uma carranca.

- Olhe, mamãe - disse ele levantando o rosto - apertei os botões das coordenadas da escola mas nada aconteceu.

- Tolice, Dickie - respondeu ela quase que automaticamente.

- Nunca ouvi falar que isto acontecesse.

- Bem, então tente.

A Sra. Hanshaw tentou, algumas vezes. Era estranho, a porta da escola estava sempre preparada para a recepção geral. Tentou outras coordenadas. As portas dos

seus amigos podiam não estar ajustadas para recepção, mas pelo menos haveria um sinal e ela daria uma explicação.

Mas nada aconteceu. A porta permanecia uma barreira cinzenta e inativa a despeito de todas as suas manipulações. Tornava-se óbvio que a porta estava enguiçada - e fora somente há cinco meses que passara pela inspeção anual da companhia.

E tal acontecimento deixou a Sra. Hanshaw multo zangada.

Isto tinha que acontecer num dia em que planejara fazer tantas coisas. Pensou, mal-humorada, que fora somente há um mês atrás que decidira contra a instalação de uma porta subsidiária no pavimento térreo, porque pensou que seria uma despesa desnecessária. Mas como podia ela saber que as Portas estavam ficando tão preguiçosas?

Encaminhou-se para o visifone, a raiva ainda queimando dentro dela, e disse para Richard: - Você terá que descer a estrada, Dickie, e usar a Porta dos Williamson.

Ironicamente, em vista dos acontecimentos que se sucederam, Richard respondeu. - Oh, mamãe, mas eu vou ficar sujo. Não posso ficar em casa até que a Porta seja arrumada?

E com a mesma ironia, a Sra. Hanshaw insistiu. Mantendo o dedo na combinação do painel do fone, disse: - Não ficará sujo se colocar os *flexies* em seus sapatos e não se esqueça de escovar-se antes de entrar na casa deles.

- Mas, puxa...

- Não discuta, Dickie. Você tem que ir à escola. Quero apenas ver você sair. E rápido, senão chegará atrasado.

O mekkano, modelo avançado e muito responsável, já estava de pé diante de Richard com os *flexies* devidamente acondicionados. Richard colocou os *flexies* sobre seus sapatos e caminhou pelo vestíbulo com visível relutância.

- Nem mesmo sei manejar esta coisa, mamãe.

- Você apenas aperta o botão - disse a Sra. Hanshaw. - O botão vermelho onde está escrito "Emergência". E nada de vadiagem. Quer que o mekkano vá com você?

- Caramba, não - respondeu ele morosamente. - O que pensa que eu sou? Um bebê? Ora! - Mas o seu resmungar foi cortado pelo som da batida da porta.

Com dedos esvoaçantes a Sra. Hanshaw apertou a combinação apropriada no painel do visifone enquanto pensava nas coisas que pretendia dizer à companhia a respeito daquilo.

Joe Bloom, homem razoavelmente jovem, que havia frequentado a escola técnica e tivera treinamento adicional sobre campos de força, estava na residência dos Hanshaw há menos de meia hora. Era realmente competente, embora a Sra. Hanshaw considerasse a sua juventude com profunda suspeita.

Ela abriu o painel quando deu sinal que chegara, e a primeira visão que teve dele foi a de estar ali de pé, escovando-se vigorosamente para remover toda a poeira que pudesse ter adquirido ao andar ao ar livre. Tirou os seus *flexies* e deixou-os cair ali mesmo. A Sra. Hanshaw fechou o painel contra um agressivo raio de sol que havia entrado. Descobriu-se a desejar, irracionalmente, que o trajeto passo a passo da Porta pública até sua casa tivesse sido desagradável. Ou, talvez, que a própria Porta pública estivesse enguiçada, e que o jovem precisasse arrastar as suas ferramentas por mais de duzentos metros. Desejava que a Companhia ou pelo menos o seu representante sofresse um pouco, pois isto lhes ensinaria o que Portas quebradas significavam. Mas o jovem parecia alegre e imperturbável quando disse:

- Bom dia, madame. Vim ver a sua Porta.

- Estou contente que alguém tenha vindo - disse a Sra. Hanshaw asperamente. - Meu dia ficou completamente estragado.

- Sinto muito, madame. Qual é o problema?

- Simplesmente não funciona. Aliás, nada acontece, ajustando-se a qualquer coordenada - disse a Sra. Hanshaw. - Ela não deu o menor sinal do que ia acontecer. Tive que mandar o meu filho sair, em busca de uma porta da vizinhança, através daquela... daquela... coisa. - E apontou para a entrada que o rapaz usara antes.

Ele sorriu e falou com a sabedoria consciente do seu treinamento especializado em Portas.

- É uma porta também, madame. Apenas a senhora não usa maiúscula quando escreve sobre ela. É uma espécie de porta manual. Houve época em que só se usavam portas desse tipo aí.

- Bem, pelo menos ela funciona. Meu menino teve que se expor à poeira e aos germes.

- Não está mau lá fora hoje, madame - disse ele com ar de conhecedor, alguém cuja profissão forçava-o a informar-se sobre o ar aberto praticamente todos os dias. - Algumas vezes é até bem desagradável. Mas acho que a senhora quer que eu conserte esta Porta aqui, de maneira que vou começar.

Sentou-se no chão, abriu a grande caixa de ferramentas que havia trazido e em meio minuto, usando a ponta de um desmagnetizador, havia removido o painel de controle, deixando expostas as suas peças vitais.

Assobiava enquanto colocava os finos elétrodos do analisador de campo em vários pontos, estudando as agulhas que se balançavam nos mostradores. A Sra. Hanshaw ficou a observá-lo, de braços cruzados.

- Bem, temos alguma coisa aqui - disse ele finalmente. E com uma ágil torcida, desengatou a válvula do freio.

Deu-lhe uma pancadinha com a unha e explicou: - Acontece que esta válvula está despolarizada. E é todo o seu problema. - Fez correr os dedos ao longo dos pequenos compartimentos da caixa de ferramentas e de lá tirou uma duplicata do objeto que havia retirado do mecanismo da porta. - Estas coisas acontecem de repente. Não se pode adivinhar. - Recolocou o painel e levantou-se. - Agora vai funcionar, madame.

Apertou uma combinação de referência, limpou-a em seguida e voltou à outra. E de cada vez o cinzento escuro da Porta cedia lugar a uma profunda e aveludada escuridão.

- A senhora quer assinar aqui, madame? - disse ele. - E também o seu número, por favor. Obrigado, madame.

Voltou a apertar uma nova combinação, a da fábrica, e com um polido toque de dedo na própria testa, deu um passo através da Porta. Quando penetrou na escuridão, esta o envolveu rapidamente. Seu corpo foi se tornando cada vez menos visível e a ponta da sua caixa de ferramentas foi a última coisa a desaparecer. Um segundo depois de haver passado inteiramente, a Porta voltou ao cinzento.

Meia hora mais tarde, quando a Sra. Hanshaw havia finalmente completado os seus interrompidos preparativos e ainda fumegava pela má sorte da manhã, o telefone zumbiu, irritante, e os seus verdadeiros problemas começaram.

A Srta. Elizabeth Robbins estava aflita. O pequeno Dickie Hanshaw havia sido sempre um bom aluno. Odiava ter que fazer uma comunicação como aquela. E no entanto, dizia para si mesma, as ações dele eram certamente estranhas. Falaria com a sua

mãe e não com o diretor.

Deu uma escapada em busca do visifone no período da manhã, deixando um aluno tomando conta da classe. Fez sua ligação e logo viu-se frente à elegante - mas de certa forma temível - cabeça da Sra. Hanshaw. A Srta. Robbins tremeu, mas já era tarde para voltar atrás.

- Sra. Hanshaw, sou a Srta. Robbins - disse ela, incerta, e elevando a voz no final da frase. A Sra. Hanshaw pareceu imperturbável.

- A professora de Richard? - disse ela. E o seu tom de voz também se elevava desnecessariamente

- Certo. Chamei-a, Sra. Flanshaw - e a Srta. Robbins foi direto ao assunto - para dizer-lhe que Dick chegou à escola bastante atrasado esta manhã

- Atrasado? Mas isto não pode ter acontecido. Eu vi quando ele saiu.

- Quer dizer que viu quando ele usou a Porta? - e a Srta. Robbins parecia atônita.

- Bem, não - disse a Sra. Hanshaw rapidamente. - A nossa Porta esteve temporariamente avariada. Mandei-o à procura da Porta de um vizinho.

- Tem certeza?

- É claro que tenho certeza. Eu não lhe mentiria.

- Não, não, Sra. Hanshaw. Não é isto que quero dizer, mas se tem certeza de que ele encontrou o caminho até seu vizinho mais próximo. Deve ter se perdido.

- Ridículo. Temos os mapas e estou certa de que Richard conhece a localização de qualquer casa no Distrito A-3. - E então, com o perfeito orgulho de quem sabe o que lhe é devido, acrescentou: - Não que ele jamais precisasse saber, naturalmente. As coordenadas são tudo o que é necessário, a qualquer hora.

A Srta. Robbins, que vinha de uma família que sempre tivera que economizar rigidamente quanto ao uso das Portas (o preço da energia sendo sempre o que era), que tivera portanto que caminhar a pé muitas vezes até idade avançada, ressentiu-se com a arrogância e disse claramente:

- Bem, Sra. Hanshaw, receio que Dick não tenha usado a Porta do vizinho. Chegou com um atraso de mais de uma hora à escola e as condições dos seus *flexies* mostraram sem a menor dúvida que ele andou vagabundeando pelo campo. Eles estavam enlameados.

- Enlameados - e a Sra. Hanshaw deu à palavra a mesma ênfase. - O que foi que ele disse? Qual foi a desculpa?

A Srta. Robbins não pôde impedir-se: sentia-se contente com a frustração da outra. Explicou:

- Ele não quis falar. Francamente, Sra. Hanshaw, ele parece doente. Este é o verdadeiro motivo por que lhe chamei. Talvez a senhora precise levá-lo a um médico.

- Ele está com febre? - e a voz materna tornou-se estridente.

- Oh, não, não me refiro a doença física. É a atitude dele e o que seus olhos expressam. - Hesitou um pouco, mas finalmente falou, tentando ser muito delicada: - Pensei que talvez um completo exame de rotina, com a sonda de um psiquiatra...

Mas não conseguiu terminar. A Sra. Hanshaw, com voz fria e contendo-se para não perder a calma devido à sua educação, replicou:

- A senhora quer dizer que Richard é um neurótico?

- Oh, não, Sra. Hanshaw, mas...

- Mas foi certamente o que me pareceu. Que ideia! Ele sempre foi perfeitamente saudável. Vou interrogá-lo quando ele voltar para casa. Estou certa de que existe uma explicação perfeitamente normal que ele dará a mim.

E a ligação se interrompeu abruptamente, deixando a Srta. Robbins estática, magoada sem razão. Afinal de contas, só tinha tentado ajudar, cumprindo o que consi-

derava uma obrigação para com os seus alunos.

Apressou-se em voltar à classe, lançando um rápido olhar à superfície de metal do relógio de parede. O período estava chegando ao fim. A próxima disciplina seria de Redação.

A sua mente, porém, não estava inteiramente em Redação. Automaticamente, chamava os alunos para que lessem seleções de suas criações literárias. Ocasionalmente apertou o botão de uma daquelas seleções em fita, e deixou-a tocar pelo pequeno vocalizador, a fim de mostrar aos estudantes como o inglês deveria ser lido.

A voz mecânica do vocalizador, como sempre, estava encharcada de perfeição mas, ainda como sempre, carecia de personalidade. Algumas vezes se punha a pensar se seria realmente aconselhável treinar os estudantes para falar sem individualidade, concentrando-se apenas numa ideia massificante de pronúncia e entonação.

Hoje, porém, não queria preocupar-se com tal detalhe. O que queria era observar Richard Hanshaw. Lá estava ele sentado tranquilamente no seu lugar, obviamente indiferente ao que o cercava. Estava inteiramente perdido em si mesmo e já não era mais o mesmo rapazinho que havia sido. Tornava-se claro para ela que havia tido uma experiência pouco comum naquela manhã; agira corretamente ao chamar a mãe, embora talvez devesse ter omitido aquela observação quanto à sonda. Além do mais, era a coisa da moda, naqueles dias. Todos os tipos de pessoas eram levadas à sonda. Não havia nenhuma desgraça naquilo. Ou, pelo menos, não deveria haver.

Chamou por Richard, finalmente. Teve que ser chamado duas vezes antes que respondesse e se pusesse de pé.

O tema geral naquele dia havia sido: "Se você tivesse a oportunidade de viajar num veículo antigo, qual deles escolheria e por quê. A Srta. Robbins tentava usar o tema todo semestre. Era um bom tema, que trazia à baila a necessidade de conhecimentos de história, forçando os jovens a pensar na maneira de viver das pessoas no passado. Ficou a escutar, enquanto Richard Hanshaw lia em voz alta.

- "Se eu pudesse escolher um dos "viículos" antigos - disse ele, pronunciando erradamente a palavra "veículos" - escolheria o estratoplano. Ele viaja pouco rápido como todos os veículos, mas é limpo. Como tem que viajar na estratosfera, permanece inteiramente fechado, de maneira que não há possibilidade de você contrair uma doença. Você pode ver as estrelas, se for à noite, quase tão bem como se você estivesse num planetário. Se você olhar para baixo, pode ver a Terra como se olhasse para um mapa e você pode ver nuvens" - E assim continuou por algumas centenas de palavras. Quando por fim terminou, a Srta. Robbins disse vivamente:

- Não se diz viículos, Richard, e sim, ve-í-culos. E não diga "ele viaja pouco rápido", ou "vê". Que diz o resto da classe? - Houve um pequeno coro de respostas e ela continuou.

- Está bem. E agora qual é a diferença entre um adjetivo e um advérbio? Quem vai responder-me?

E assim a aula continuou. Chegou a hora do almoço. Alguns alunos ficavam para almoçar na escola e outros iam para casa. Richard permaneceu na escola. A Srta. Robbins notou que normalmente ele não ficava.

A tarde se passou também, mas com o último sinal houve o barulho que fazem vinte e cinco alunos, quando reúnem os seus pertences e se encaminham para a fila.

- Rápido, crianças - dizia a Srta. Robbins batendo palmas. - Vamos, Zelda, tome o seu lugar.

- Deixei cair meu perfurador, Srta. Robbins - disse a garota em tom agudo, defensivamente.

- Vamos, apanhe! E agora, crianças, depressa, depressa.

Pressionou um botão, fazendo correr uma parte da parede, descobrindo assim a cinzenta monotonia de uma grande Porta. Não era a Porta usual que alguns alunos usavam para almoçar em casa, mas um modelo avançado, que constituía um dos motivos de orgulho daquela luxuosa escola particular.

Além da largura dupla, possuía um complexo "localizador automático sequencial" capaz de ajustar a porta a diferentes números de coordenadas, a intervalos, automaticamente.

No começo de cada semestre, a Srta. Robbins sempre tinha que despender uma tarde com o mecânico ajustando o dispositivo para as coordenadas das casas dos novos alunos. Mas uma vez isto feito - e graças a Deus - raramente era necessário maior atenção pelo restante do período.

A classe alinhava-se alfabeticamente, primeiro as meninas, depois os meninos. A porta tornou-se um veludo negro e Hester Adams, acenando, deu um passo atravessando-a: - "Até ama..."

Mas o "até amanhã" foi cortado pelo meio, como sempre acontecia.

A Porta voltou ao cinza, depois negra e Theresa Cantrocchi se foi. Cinzento, negro, Zelda Charlowicz. Cinzento, negro, Patrícia Coombs. Cinzento, negro, Sara May Evans.

A fila foi diminuindo à medida que a Porta os devorava, depositando cada um em suas casas. É claro que vez por outra, os pais esqueciam-se de deixar a Porta de casa em recepção especial naquela hora, e então a Porta da escola permanecia cinzenta. Automaticamente, depois de um minuto de espera, a Porta abria-se para a combinação seguinte, quando então o aluno que sobrara tinha que esperar até que todos se fossem. Somente depois é que um chamado telefônico aos pais esquecidos vinha remediar a situação. Tal acontecimento sempre atingia os alunos envolvidos, especialmente os mais sensíveis, pois tomava implícito para eles que não eram lembra dos em casa. A Srta. Robbins sempre tentava impressionar, visitando-os, mas o fato ocorria pelo menos uma vez em cada semestre.

Agora, todas as meninas já haviam sido levadas pela Porta. John Abramowitz deu um passo à frente, depois Edwin Byme, depois...

E é claro que um outro problema que surgia, este agora com maior frequência, era o de um menino ou de uma menina tomar o lugar errado na fila. Sempre conseguiam fazer aquilo, a despeito da observação contínua das professoras e particularmente no início de cada período escolar, quando a ordem a ser seguida ainda não se tomara habitual.

Durante esse início do período escolar, acontecia que meia dúzia de crianças surgia em casas erradas e tinha de ser mandada de volta. Sempre significava um contratempo, que levava minutos para ser corrigido e invariavelmente os pais mostravam-se irados.

Subitamente a Srta. Robbins tornou-se consciente de que a fila havia parado. Dirigiu-se severamente ao menino que a encabeçava.

- Passe pela Porta, Samuel. o que é que você está esperando?

- Esta não é a minha combinação. Srta. Robbins - disse Samuel Jones, levantando para ela um rosto de expressão complacente.

- Bem, e então de quem é? - e olhou, impaciente, para o resto da fila constituída apenas agora de cinco meninos. - Quem estava fora do lugar?

- Foi Dick Hanshaw, Srta. Robbins.

- E onde está ele?

Um outro garoto respondeu, naquele tom bem desagradável de quem se sente no lado correto e que toda criança automaticamente adota ao contar para os mais ve-

lhos, detentores da autoridade, todas as incorreções do seus colegas.

- Ele saiu pela porta de incêndio, Srta. Robbins.

- O quê?

A Porta da escola já se ligara a outra combinação e Samuel Jones passou por ela. E um por um todos os demais se foram.

A Srta. Robbins encontrou-se sozinha na classe. Dirigiu-se à porta de incêndio. Era pequena, operável manualmente, escondida numa curva da parede, para que não viesse a quebrar a uniformidade da estrutura da sala.

Abriu-a apenas um pouco. Ali estava um meio de escapar do edifício em caso de incêndio, dispositivo imposto por uma lei anacrônica que não levava em conta os métodos modernos de combate automático ao fogo que todo edifício público possuía. Não havia nada no exterior - apenas o exterior. A luz do sol era irritante e o vento que soprava levantava poeira.

A Srta. Robbins fechou a porta. Sentia-se contente por ter chamado a Sra. Hanshaw. Havia cumprido o seu dever. Agora, mais do que nunca, tornava-se óbvio que alguma coisa estava errada com Richard. Mas reprimiu o impulso de telefonar novamente.

A Sra. Hanshaw não foi a Nova Iorque naquele dia. Permaneceu em casa, num misto de ansiedade e fúria irracional - esta, diretamente ligada à imprudente Srta. Robbins.

Cerca de quinze minutos antes do término das aulas sua ansiedade levou-a a postar-se diante da Porta. No ano passado, equipara a sua Porta com um dispositivo automático que a ativava, ligando-a à coordenada da escola, exatamente quando faltavam cinco para as três, mantendo-a ali, impedindo a operação manual, até que Richard chegasse.

De olhos pregados no depressivo cinzento da Porta (por que não podia um campo de força inativo ter qualquer outra cor, algo mais vivo e mais alegre?), ela esperava. Sentia as mãos frias, ao apertá-las.

A Porta ficou negra no exato segundo, mas nada aconteceu. Os minutos se passavam e Richard estava atrasado. Depois ficou tarde. E, em seguida, muito tarde.

Já faltava um quarto para as quatro e agora sentia-se realmente perturbada. Normalmente teria telefonado para a escola, mas agora não podia, simplesmente não podia fazê-lo. Não depois de a professora ter deliberadamente lançado dúvidas sobre a sanidade mental de Richard. Como poderia?

A Sra. Hanshaw movia-se pela sala, sem descanso, acendendo cigarros com mãos trêmulas, soprando a fumaça nervosamente. Poderia ser alguma coisa inteiramente normal? Poderia Richard ter ficado na escola por alguma razão? Mas neste caso certamente lhe teria dito com antecedência. Um fio de luz se insinuou dentro dela: ele sabia que ela planejava ir a Nova Iorque e que não estaria de volta a não ser muito tarde.

Não. Com toda certeza lhe teria dito. Por que aborrecer-se?

O seu orgulho, porém, começava a desmantelar-se. Teria que chamar a escola ou mesmo... (fechou os olhos e algumas lágrimas insinuaram-se entre os seus cílios) a polícia.

Mas quando abriu os olhos, Richard estava diante dela, cabisbaixo, e toda a sua postura era a de alguém que esperava um golpe.

- Alô, mamãe.

A ansiedade da Sra. Hanshaw transformou-se instantaneamente - daquela maneira

que só as mães conhecem - em genuína fúria.

- Onde você esteve, Richard?

Mas então, antes que pudesse prosseguir com os conhecidos refrões quanto a descuido, filhos desobedientes e mães de corações partidos, deu uma boa olhada na aparência do menino e prendeu a respiração, horrorizada.

- Você esteve ao ar livre...

Richard olhou para baixo, para os seus sapatos sujos (agora já sem os *flexies*), depois para as marcas de sujeira visíveis em suas mangas e ainda para o pequeno mas evidente rasgão em sua camisa.

- Puxa, mamãe, eu apenas pensei que... - e logo sua voz sumiu.

- Há alguma coisa errada com a Porta da escola, Richard?

- Não, mamãe.

- Você compreende que fiquei louca de preocupação? - e esperou em vão por uma resposta. - Bem, falarei com você mais tarde, mocinho. Antes de mais nada, vá tomar um banho e cada pedacinho da sua roupa será jogado fora. mekkano!

O mekkano porém já havia reagido apropriadamente à frase "tomar um banho" e já se dirigia ao banheiro em seu deslizar silencioso.

- Tire seus sapatos aqui mesmo - disse a Sra. Hanshaw - e depois acompanhe o mekkano

Richard fez o que lhe foi dito com a resignação que não permitia protestos fúteis.

A Sra. Hanshaw apanhou os sapatos sujos, segurando entre o polegar e o indicador e deixou-os cair na lixeira, que gemeu sob o peso da carga inesperada. E limpou as mãos cuidadosamente num lenço de papel que deixou flutuar também pela lixeira, atrás dos sapatos.

Não acompanhou Richard ao jantar, deixando-o com o "pior-do-que-falta-de-companhia", ou seja, o mekkano. Isto, pensava ela, seria um vivo sinal do seu desagrado e faria mais efeito do que se ralhasse com ele ou o punisse, fazendo-o consciente de que havia procedido mal. Richard, dizia frequentemente a si mesma, era um menino sensível.

Mas subiu para vê-lo na hora de dormir

Sorriu e falou-lhe suavemente. Pensava que este seria o melhor caminho. Afinal de contas, já havia sido punido.

- O que aconteceu hoje, Dickie? - chamava-o assim desde que era bebê e o próprio som da palavra comoveu-a quase às lágrimas. Mas Richard olhava para um lado e, quando falou, sua voz era fria, revelando obstinação.

- Apenas não gosto de passar por aquelas malditas Portas, mamãe.

- Mas por que?

Richard passou as mãos sobre o finíssimo lençol - fresco, limpo, antisséptico e, naturalmente, descartável - e disse sem maiores detalhes: - Simplesmente não gosto delas.

- Mas então como espera ir à escola, Dickie?

- Levanto-me mais cedo - murmurou ele.

- Mas não há nada errado com as Portas.

- Não gosto delas - e nem uma só vez encarou sua mãe.

Por fim ela disse, apenas, desesperada: - Oh, está bem, tenha um bom sono, amanhã de manhã você se sentirá muito melhor.

Beijou-o e deixou o quarto, passando automaticamente a mão sobre o feixe de luz da fotocélula, obscurecendo o quarto.

Mas não dormiu bem naquela noite. Por que Dickie se desgostara com as Portas

tão subitamente? Jamais o haviam desagradado antes. É verdade que a Porta estivera quebrada naquela manhã, mas tal fato deveria fazê-lo apreciá-las ainda mais.

Dickie estava se comportando tão irrazoavelmente...

Irrazoavelmente? Tal palavra fê-la lembrar-se da Srta. Robbins e do diagnóstico que fizera, deixando-a agora perplexa, na escuridão e na intimidade do seu quarto. Tolice! O menino estava apenas ligeiramente perturbado e uma noite de bom sono era a única terapia de que precisava.

Na manhã seguinte porém, quando se levantou, o seu filho já não estava em casa, O mekkano não podia falar mas podia responder a perguntas com gestos dos seus dispositivos, com sim ou não, e não levou mais do que um minuto para que a Sra. Hanshaw se certificasse de que o garoto levantara-se trinta minutos mais cedo do que de costume, banhara-se e saíra correndo.

Mas não pela Porta.

Deixara a casa por outra porta - a porta com "p" minúsculo.

O visifone da Sra. Hanshaw deu um sinal às quinze horas e dez minutos naquele dia. Imaginava quem a estava chamando e, tendo ativado seu receptor, verificou que imaginara corretamente. Deu um olhar rápido ao espelho a fim de certificar-se de que se apresentava dignamente calma depois de um dia de preocupação e aborrecimento e somente depois é que ligou seu próprio transmissor.

- Sim, Srta. Robbins - disse ela friamente.

- Sra. Hanshaw - e a professora de Richard estava meio sem fôlego - Richard deliberadamente deixou a escola através da porta de incêndio, embora eu lhe tenha dito para usar a Porta. Não sei para onde foi.

- Vem vindo para casa - disse a outra, cuidadosamente.

- A senhora aprova isto? - e a Srta. Robbins parecia atônita.

- Não acredito que seja da sua alçada criticar - e a Sra. Hanshaw, pálida, tentava pôr a professora no seu lugar. - Se meu filho prefere não usar a Porta, é questão dele e minha. Acho que não há nenhuma regra da escola que o force a usar a Porta, não é? - e o seu tom era o de quem deixava implícito que, se houvesse tal regra, faria com que fosse revogada. A Srta. Robbins corou, mas ainda teve tempo para uma ligeira observação antes de cortar a ligação.

- Eu o levaria para ser sondado. Realmente.

A Sra. Hanshaw permaneceu ali sentada diante da placa de *quarzinium*, olhando sem ver aquela superfície apagada. O seu sentido de família colocou-a por uns poucos momentos inteira e firmemente ao lado de Richard. Por que ele tinha que usar a Porta se preferia não fazê-lo? Determinou-se então a esperar, tendo o orgulho em batalha com a consumidora ansiedade de que, afinal de contas, alguma coisa estava errada com o Richard.

Richard chegou à casa com uma expressão de desafio e sua mãe, com extremo esforço para controlar-se, recebeu-o como se nada tivesse acontecido.

E durante semanas, seguiu tal política. Não é nada, dizia para si mesma. É apenas um capricho. Essa fase vai passar.

E o procedimento de Richard quase chegou a ser tido como normal Mas então aconteceu que algumas vezes, talvez por três dias seguidos, descia para o café e encontrava Richard esperando mal-humorado diante da Porta, usando-a na hora da escola. Mas sempre controlou-se para não fazer o menor comentário sobre o assunto.

E sempre, quando ele procedia daquela maneira, especialmente quando usava a Porta para voltar, seu coração aquecia-se com uma nova esperança e ela pensava: - "Bem, tudo já passou". Mas voltava a acontecer sempre, passado um dia ou dois ou três, que ele voltava como um viciado á sua droga e escapulia silenciosamente pela

porta - com "p" minúsculo - antes que ela acordasse.

E cada vez que tal acontecia, pensava desesperadamente em psiquiatras e sondas, mas sempre a visão da vulgar satisfação da Srta. Robbins, ao (possivelmente) saber do fato fazia-a desistir do intento, embora estivesse escassamente consciente de que este era o verdadeiro motivo.

Entrementes, vivia com o problema e tratava de fazer o melhor que podia. O mekkano recebeu instruções para esperar na porta - com "p" minúsculo - com um "kit" de ducha e uma muda de roupa. Richard banhava-se e trocava as roupas sem resistência. As suas roupas de baixo, meias e *flexies*, de qualquer forma, eram descartáveis, e a Sra. Hanshaw suportava sem queixas as despesas com camisas descartáveis, também. Quanto às calças, por fim, permitiu que fossem usadas durante uma semana, antes de serem postas fora, sob a condição de rigorosa limpeza, todas as noites.

Certo dia sugeriu que Richard a acompanhasse numa viagem a Nova Iorque. Na verdade era mais um vago desejo de mantê-lo sob vigilância do que parte de um plano. Ele não fez objeções. Não hesitou. Até mesmo lhe faltava naquele instante aquela expressão de ressentimento que costumava assumir naquelas manhãs em que usava a Porta para ir à escola.

A Sra. Hanshaw regozijou-se. Isto podia ser uma maneira de fazê-lo voltar a usar a Porta e quebrava a cabeça para encontrar desculpas para viagens com Richard. Chegou mesmo a aumentar sua conta de energia a alturas inéditas, sugerindo e fazendo uma viagem a Cantão no dia de um festival chinês.

Isso foi num domingo mas, na manhã seguinte, Richard marchou diretamente para o buraco na parede, que sempre usava. A Sra. Hanshaw, tendo acordado particularmente cedo, presenciou o gesto. Uma vez, por fim, vencendo a hesitação, dirigiu-se a ele em tom lamentoso:

- Por que não a Porta, Dickie?

- Foi boa, para Cantão - foi o que disse rapidamente, saindo de casa.

De maneira que aquele plano acabou em fracasso. Então, chegou o dia em que Richard chegou em casa molhado até os ossos. O mekkano flutuava em torno dele, indeciso, e a Sra. Hanshaw, que acabara de retornar de uma visita de quatro horas a uma irmã em Iowa, só sabia gritar:

- Richard! Richard!

- Começou a chover. Foi tão de repente, e começou a chover - disse ele com ar envergonhado.

Por um momento a palavra não encontrou o registro na mente da Sra. Hanshaw. Os seus dias de escola e aulas de geografia ficavam há vinte anos no passado. Mas por fim lembrou-se, e manteve a visão da água caindo atrevida e interminavelmente do céu - uma louca cascata sem nenhuma válvula ou torneira para fechar, sem botão para apertar, sem contato para desligar.

- E você ficou embaixo dela? - indagou.

- Puxa, mamãe, vim para casa o mais depressa que pude. Eu não sabia que ia chover.

A Sra. Hanshaw nada tinha a dizer. Estava apavorada, e a sensação a enchia tão inteiramente que não deixava lugar para palavras.

Dois dias depois, Richard descobriu que seu nariz escorria e sua garganta estava seca, a arder. A Sra. Hanshaw teve que admitir que um vírus havia encontrado abrigo em sua casa, como se fosse uma miserável choupana da Idade do Ferro.

Foi somente com isto que a sua obstinação e seu orgulho quebraram-se e admitiu que, afinal de contas, Richard precisava do auxílio de um psiquiatra.

A Sra. Hanshaw escolheu um psiquiatra com cuidado. O seu primeiro impulso foi o de procurar um bem distante. Por um momento considerou a possibilidade de ir diretamente ao Centro Médico de São Francisco e escolher ao acaso.

Subitamente ocorreu-lhe que, procedendo desse modo, tornar-se-ia apenas uma anônima. Não teria meios de conseguir nenhuma consideração maior do que se por lá aparecesse algum usuário da Porta-pública dos cortiços da cidade. No entanto, se permanecesse em sua própria comunidade, a sua palavra teria peso...

Consultou o mapa do bairro. Era uma daquelas excelentes séries preparadas por Portas Inc. e distribuídas gratuitamente entre seus clientes. A Sra. Hanshaw não pôde suprimir inteiramente aquele arrepio de orgulho cívico ao desdobrar o mapa. Não se tratava apenas de uma bela lista de coordenadas das Portas. Tratava-se realmente de um mapa, onde cada casa era cuidadosamente localizada.

E por que não? O Distrito A-3 era o nome do momento em todo o mundo, marca de aristocracia. Tratava-se da primeira comunidade do planeta que fora estabelecida com transporte inteiramente através de Portas. Era a primeira, a maior, a mais saudável a mais conhecida. Não precisava de fábricas nem de armazéns. Nem sequer precisava de estradas. Cada casa era um castelo isolado cuja Porta dava entrada a qualquer parte do mundo onde houvesse outras Portas.

Cuidadosamente examinou a lista de números das cinco mil famílias do Distrito A-3. Sabia que incluía diversos psiquiatras. As profissões liberais estavam bem representadas no A-3.

O Dr. Hamilton Sloane foi o segundo nome que ela encontrou e seu dedo movimentou-se sobre o mapa. O consultório ficava a umas duas milhas da residência dos Hanshaw. Gostou do nome. O fato de que residia no A-3 evidenciava a solidez da sua posição econômica. E ele era um vizinho, praticamente um vizinho. Compreenderia que se tratava de um assunto de urgência e... confidencial.

Com decisão, chamou seu consultório para marcar uma consulta.

O Dr. Hamilton Sloane era relativamente jovem, ainda não chegara aos quarenta. Pertencia a uma boa família e já ouvira falar da Sra. Hanshaw, naturalmente.

Ouviu-a pacientemente, para em seguida dizer: - E tudo começou quando a Porta enguiçou.

- Exatamente, doutor.

- Ele sente algum medo das Portas?

- Naturalmente que não. Mas que ideia! - e ela estava sinceramente admirada.

- É possível, Sra. Hanshaw, é possível. Afinal de contas, quando se para para pensar de que maneira as Portas funcionam fica-se realmente perplexo. A senhora dá um passo para dentro e por um instante os seus átomos são convertidos em campos de energia, transmitidos para outra parte do espaço e reconvertidos em matéria. E nesse instante não se está vivo.

- Estou certa de que ninguém pensa nisso.

- Mas pode ser que seu filho pense. Ele presenciou o enguiço da Porta. Pode estar dizendo para si mesmo: - "E se a Porta se quebrar exatamente quando eu estiver no meio do caminho?"

- Mas isso é bobagem. Ele ainda usa a Porta. Esteve até em Cantão comigo. Em Cantão, na China. E como já lhe disse, ele usa a Porta para ir à escola uma vez ou duas por semana.

- De livre e espontânea vontade?

- Bem - disse a Sra. Hanshaw com relutância - ele parece ligeiramente mal-humo-

rado quando a usa. Mas na realidade, doutor, não adianta muito falar sobre isso, não? Se o senhor puder fazer uma sondagem rápida, descobrir onde está o problema... - E por fim terminou seu discurso com uma brilhante observação. - Ora, acho que é só isso. Estou certa que é uma bobagenzinha.

O Dr. Sloane suspirou. Detestava a palavra "sonda" e no entanto era a palavra que ouvia com mais frequência.

- Sra. Hanshaw - disse ele pacientemente - não existe tal coisa a que se possa chamar de sonda rápida. Sei que as revistas em fita mencionam muito a sonda, que a sonda está fazendo furor em alguns círculos, mas digo-lhe que se trata de algo muito superestimado.

- Fala sério?

- Seríssimo. A sonda é muito complicada e a sua teoria é a de que ela acompanha os circuitos mentais. Como sabe, as células do cérebro são interligadas por maneiras muito variadas. Alguns desses caminhos interligados são mais usados do que outros. Representam hábitos de pensamento, tanto conscientes como inconscientes. A teoria diz que tais caminhos, em um dado cérebro, podem ser usados para diagnosticar doenças mentais com antecedência e com certeza.

- Bem,e então?

- Mas sujeitar-se à sonda é coisa perigosa, especialmente para uma criança. É uma experiência traumática. Leva mais de uma hora. E, além disso, os resultados devem ser enviados ao Departamento Central Psicanalítico para análise, e leva semanas. Mas acima de tudo, Sra. Hanshaw, devo dizer-lhe que existem muitos psiquiatras que acham que a teoria da análise pela sonda é na verdade muito incerta.

- Então quer dizer que nada pode ser feito - disse a Sra. Hanshaw, comprimindo os lábios.

- Não é bem assim - disse o Dr. Sloane sorrindo. - Os psiquiatras surgiram séculos antes das sondas. Sugiro que me permita conversar com o menino.

- Falar com ele? E isto é tudo?

- Procurarei pela senhora para informações adicionais, quando necessárias, mas a coisa essencial, penso eu, é conversar com Richard.

- Realmente, Dr. Sloane, duvido que ele discuta o assunto com o senhor. Não fala comigo, e eu sou a mãe dele.

- Mas isto acontece com frequência - asseverou-lhe o psiquiatra. - Algumas vezes uma criança fala com mais facilidade com um estranho. De qualquer forma, só aceito o caso sob tal condição.

- Quando virá então, doutor? - e a Sra. Hanshaw levantou-se. Não estava nem um pouco satisfeita.

- Que tal o próximo sábado? O menino não estará na escola. A senhora estará ocupada?

- Estaremos prontos.

E com toda a dignidade a Sra. Hanshaw retirou-se. O Dr. Sloane acompanhou-a através da saleta de recepção do seu consultório até a Porta que o servia e esperou até que ela apertasse os botões das coordenadas da sua casa. Ficou a olhá-la, quando atravessou a Porta. Tornou-se metade de uma mulher, depois apenas um quarto de mulher, agora um pé e um cotovelo isolados e depois, nada.

Era assustador.

Alguma Porta alguma vez se quebrara durante uma passagem, deixando metade de um corpo aqui e metade lá? Jamais ouvira contar uma história assim, mas poderia acontecer.

Voltou para a sua mesa e verificou qual seria o seu próximo cliente. Tornara-se

óbvio para ele que a Sra. Hanshaw estava aborrecida e desapontada por não ter conseguido um tratamento de sonda psíquica.

Mas por quê, pelo amor de Deus? Por que deveria uma coisa como a sonda - óbvia peça de charlatanice, em sua opinião - atingir tal conceito na opinião pública? Devia fazer parte daquela tendência geral de aceitar as máquinas. Tudo o que os homens podem fazer, as máquinas fazem melhor. Máquinas! Mais máquinas! Máquinas por tudo e para tudo, O tempora! O mores!

Ó inferno!

O ressentimento que sentia com relação à sonda começou a aborrecê-lo. Seria o medo do desemprego forçado pela tecnologia uma insegurança básica de sua parte, uma mecanofobia, se tal fosse a palavra...

E não deixou de fazer uma nota mental para discutir o assunto com seu próprio analista.

O Dr. Sloane tinha que apalpar o terreno. O menino não era um paciente que fora à sua procura, mais ou menos ansioso por falar ou mais ou menos ansioso para ser ajudado.

Em tais circunstâncias, seria melhor que o seu primeiro encontro com Richard fosse rápido e descomprometido. Seria suficiente apresentar-se como alguém que fosse pouco menos que um completo estranho. Da próxima vez poderia ser alguém que Richard já vira antes. Na vez seguinte já seria um conhecido e, depois, um amigo da família.

Infelizmente, porém, a Sra. Hanshaw não estava disposta a aceitar um processo de cura a longo prazo. Continuaria procurando uma sonda e, naturalmente, a encontraria.

E prejudicaria o menino. Estava certo disto.

Foi devido a tal raciocínio que concluiu que deveria sacrificar um pouco da cautela apropriada e arriscar uma pequena crise.

Passaram-se dez minutos desconfortáveis enquanto decidia se devia tentar. A Sra. Hanshaw sorria forçosamente, seus olhos estreitando-se ao encará-lo, como se esperasse dele alguma palavra mágica. Richard mexia-se na sua cadeira, sem responder às tentativas de comentários do Dr. Sloane, tomado pelo tédio e incapaz de escondê-lo. Subitamente o Dr. Sloane disse em tom casual:

- Gostaria de dar um passeio comigo, Richard?

Os olhos do menino arregalaram-se e ele parou de mexer-se. Olhava diretamente para o Dr. Sloane:

- Um passeio, senhor?

- Quero dizer, lá fora.

- O senhor vai... lá fora?

- Às vezes. Quando tenho vontade.

- Pensava que ninguém fazia isso... - disse Richard, pondo-se de pé e contendo uma pequena ansiedade.

- Mas eu sim. E gosto de companhia.

- Mamãe? - disse o menino sentando-se, incerto.

A Sra. Hanshaw empertigara-se na sua cadeira, de lábios comprimidos irradiando horror, mas por fim conseguiu dizer: - Certamente, Dickie. Mas cuide-se bem.

E dirigiu um olhar fulminante para o Dr. Sloane.

Num ponto o Dr. Sloane mentira. Ele não costumava ir lá fora "algumas vezes". Não havia estado em espaço aberto desde os seus dias de colégio. É verdade que ti-

vera suas inclinações para o atletismo (e ainda as tinha, de alguma forma), mas no seu tempo as câmaras de ultravioleta, as piscinas e as quadras de tênis em ambientes fechados já haviam florescido. Pelo preço elevado que custavam, eram muito mais satisfatórias do que as suas equivalentes expostas às intempéries. Não havia ocasião de ir lá fora.

Assim, quando o vento tocou sua pele, sentiu arrepios, e com os sapatos cobertos com os *flexies*, pisou na grama desajeitadamente.

- Ei, olhe lá! - Richard estava completamente diferente agora: rindo, e sua reserva se fora. O Dr. Sloane teve apenas tempo de ver algo azul que esvoaçara e se perdera numa árvore. As folhas dançaram e ele o perdeu.

- O que era?

- Um pássaro - disse Richard. - Uma espécie de pássaro azul.

O Dr. Sloane olhou à volta, surpreendido, deslumbrado. A residência dos Hanshaw ficava num terreno elevado e dali ele podia ver milhas à volta. A área era apenas ligeiramente arborizada, e entre grupos de árvores a grama brilhava, lustrosa, sob o sol.

O intenso tom verde destacava o vermelho e o amarelo. E lá estavam as flores. Tivera uma visão daquilo, no decurso de sua vida, através de livros e dos amigos programas de televisão, de maneira que sabia o suficiente para sentir que tudo o que via tinha uma estranha familiaridade.

E ainda assim, a grama era tão bem cortada e as flores tão bem dispostas. Vagamente percebeu que esperava algo mais selvagem.

- Quem toma conta de tudo isto? - indagou ele.

- Não sei - disse Richard dando de ombros. - Talvez os mekkanos.

- **Mekkanos**?

- Existe um monte deles por aí. Algumas vezes usam uma espécie de faca atômica bem perto do chão. É o que corta a grama. E estão sempre mexendo por aí com as flores e as coisas. Há um deles ali.

A cerca de meia milha de distância havia um pequeno objeto. A sua pele de metal brilhava ao sol à medida que se movia vagarosamente através da folhagem brilhante, ocupado em alguma atividade que o Dr. Sloane não pôde identificar.

O Dr. Sloane estava atônito. Ali estava uma espécie de estética pervertida, um tipo de consumo...

- O que é aquilo? - perguntou subitamente.

- É uma casa - disse Richard depois de olhar na direção apontada. - Pertence aos Froehlichs. As suas coordenadas são A-3, 23, 461. Aquela casinha de telhado pontiagudo ali é a Porta pública.

O Dr. Sloane olhava pasmado para a casa. Então era assim que se parecia por fora? Havia imaginado algo muito mais cúbico do que alto.

- Venha! - gritou Richard, correndo à frente.

- Você conhece todas as casas por aqui? - perguntou o Dr. Sloane acompanhando-o mais devagar.

- Quase todas.

- Onde fica a A-23, 26,475? - era a sua própria casa, naturalmente.

- Vamos ver - disse Richard olhando em volta. - Oh, é claro que sei onde fica. Está vendo aquela água lá?

- Água? - e o Dr, Sloane discerniu uma linha prateada que fazia uma curva lá adiante, cortando o verde.

- Certo. Água de verdade. Correndo sobre as rochas e tudo. E corre todo o tempo. Pode atravessá-la se for pisando na pedras. É chamada de rio.

É mais como um riacho, pensou o Dr.. Sloane. Havia estudado geografia, naturalmente, mas o que nos dias atuais passava por tal matéria, na verdade era geografia econômica e cultural. A geografia física era uma ciência quase extinta, exceto entre os especialistas. Mas ainda sabia qual a diferença entre rios e riachos, de uma maneira um pouco teórica, é verdade.

- Bem, passando o rio - e Richard continuava a falar - subindo a colina com aquelas árvores e descendo pelo outro lado, lá está A-23, 26, 475. É uma casa verde claro, com telhado branco.

- É mesmo? - e o Dr. Sloane estava genuinamente surpreendido. Não sabia que a sua casa era verde.

Algum animalzinho agitou a grama na sua ansiedade de evitar os pés que se aproximavam. Richard tentou correr atrás dele mas depois deu de ombros.

- Não se pode apanhá-los. Já tentei.

Uma borboleta passou, esvoaçando; uma pequenina mancha amarela oscilava. O Dr. Sloane seguiu-a com os olhos.

Um zumbido baixo espalhava-se pelo campo, interrompido de quando em vez por algum som áspero, de chamado, um piado, sons rápidos e inarticulados que se elevavam para em seguida desaparecer completamente. À medida que seu ouvido se acostumava, o Dr. Sloane passou a distinguir mil sons - e nenhum deles era artificial.

Uma sombra caiu sobre a cena, avançando sobre ele, cobrindo-o. Subitamente tomou-se mais frio e ele olhou para cima, assombrado.

- É apenas uma nuvem - disse Richard. - Passará num minuto. Olhe estas flores. São do tipo que tem cheiro.

Já estavam a várias centenas de metros da residência dos Hanshaw. A nuvem passou e o sol voltou a brilhar. O Dr. Sloane olhou para trás e ficou muito surpreendido pela distância que já haviam percorrido. E se ficassem fora de vista da casa, se Richard corresse e fugisse, seria capaz de encontrar o caminho de volta?

Afastou o pensamento com impaciência e olhou por cima da linha da água, agora mais perto, procurando o local onde a sua casa deveria ficar. E ficou imaginando: verde claro?

- Você deve ser um excelente explorador - disse ele.

- Na volta da escola eu sempre tento encontrar um caminho diferente e ver coisas novas - disse Richard com um tímido orgulho.

- Mas você não vem aqui todas as manhãs, não é mesmo? Imagino que algumas vezes você usa as Portas.

- Claro.

- E por que isso, Richard? - De alguma maneira, o Dr. Sloane sentiu que aquele ponto seria importante.

Mas a tal importância foi esmagada. De sobrancelhas levantadas e estampando uma grande surpresa no rosto, replicou:

- Em algumas manhãs está chovendo, e eu tenho que usar a Porta. Odeio isso, mas o que posso fazer? Há cerca de duas semanas a chuva me apanhou e eu.. . - olhou automaticamente à sua volta e a sua voz transformou-se num sussurro - apanhei um resfriado e mamãe ficou aborrecida.

- Podemos voltar agora? - indagou o Dr, Sloane, suspirando.

- Ah, por quê? - indagou Richard com certo desapontamento.

- Você me fez lembrar que sua mãe deve estar nos esperando.

- Acho que sim - e o garoto voltou-se, relutante.

Vagarosamente deram início à caminhada de volta, Richard agora sempre disposto a falar, descuidadamente.

- Certa vez escrevi uma composição na escola, sobre quais dos veículos antigos (e pronunciou a palavra cuidadosamente) eu escolheria para viajar. Disse que escolheria um estratoplano, para olhar as estrelas, as nuvens e tudo. Mas puxa, aquilo era pura bobagem.

- Por quê, agora você escolheria alguma outra coisa?

- Pode apostar que sim. Escolheria um automóvel, bem lento. Porque então poderia ver tudo,

- Não acha então que é uma coisa anormal, doutor? - e a Sra. Hanshaw parecia transtornada e cheia de incerteza.

- Incomum, talvez, mas não anormal. Ele gosta do espaço aberto.

- Mas como pode? É tão sujo e tão desagradável.

- É uma questão de gosto individual. Há cem anos os nossos ancestrais viviam todos em espaço aberto a maior parte do tempo. Até mesmo hoje, devo dizer, existem milhões de africanos que jamais viram uma Porta.

- Mas Richard sempre foi educado para se comportar de maneira que uma pessoa decente no Distrito A-3 deve se comportar - disse a Sra. Hanshaw, enfaticamente. - E não como africanos ou, ou... como um ancestral.

- E isto deve constituir uma parte do problema, Sra. Hanshaw. Ele sente a necessidade de estar lá fora e ao mesmo tempo sente que está errado. Envergonha-se de falar a respeito com a senhora e com a professora. Tal conflito força-o a retrair-se, silencioso, e isto, sim, pode eventualmente tornar-se perigoso.

- Mas então de que maneira podemos persuadi-lo a parar?

- Não tente - disse o Dr. Sloane. - Ao invés de impedi-lo, procure canalizar a sua atividade. No dia em que a Porta se quebrou, foi forçado a ir lá fora, descobriu que gostava e isso passou a constituir um hábito. Usou as idas e vindas da escola para repetir a primeira e excitante experiência. Agora suponha que concorde que esteja fora de casa por duas horas nos sábados e nos domingos. Suponha que se torne consciente de que afinal pode ir lá fora sem depender do processo de ir a um lugar e dele voltar. Não acha que terá vontade de usar a Porta para ir e voltar da escola? E não acredita que acabaria com o problema que está tendo com a sua professora e provavelmente com seus colegas?

- Mas então, as coisas ficam como estão? E devem ficar? Ele nunca voltará a ser normal outra vez? - disse a Sra. Hanshaw, levantando-se.

- Sra. Hanshaw, ele é tão normal quanto poderia ser. Neste período ele está provando as alegrias do que é proibido. Se cooperar com ele, se mostrar que não desaprova, a coisa começará a perder o atrativo. E então, à medida que for crescendo, cada vez se tomará mais consciente do que a sociedade espera e exige dele. Aprenderá a se conformar. Afinal de contas, existe um pouco de rebeldia em todos nós, mas geralmente desaparece à medida em que nos tornamos mais velhos e mais cansados. A menos que tal rebeldia seja irracionalmente reprimida, acumulando pressão. Não faça isto, e Richard ficará bem. - E encaminhou-se para a Porta.

- E o senhor acha que a sonda não é necessária, doutor? - disse a Sra. Hanshaw.

- Não, definitivamente não! - disse ele com veemência. - Não há nada com o menino que venha a exigi-la. Compreende? Nada!

Os dedos do Dr. Sloane hesitaram por uma fração de segundo ao tentarem a combinação no painel e a expressão do seu rosto tornou-se mais sombria.

- O que há, Dr. Sloane? - indagou a Sra. Hanshaw.

Mas ele não a ouvia, porque estava pensando na Porta, na sonda psíquica, em

toda aquela avalancha sempre maior e sufocante de máquinas. Há um pouco de rebeldia em todos nós - pensava.

E assim disse com voz calma, enquanto a sua mão deixava o painel e seus pés afastavam-se da Porta.

- Sabe, está um dia tão belo hoje que acho que vou a pé.

As surpresas podem vir de ambos os lados - expliquei na introdução de O Cair da Noite, que constituiu um sucesso inesperado. Já no caso de Fura-greve, pensei que tinha em mãos uma bomba. A história me parecia vigorosa e original. Senti que continha um vibrante tema sociológico, cheio de significado e consideravelmente dramático. No entanto, tanto quanto percebi, a minha bomba caiu silenciosamente no oceano da reação pública sem causar um só círculo em sua superfície.

Mas posso ser obstinado quanto a tais coisas. Se eu gosto de uma história, eu gosto mesmo, de maneira que a incluo *para dar ao público uma segunda chance*.

Esta é uma daquelas histórias das quais posso lembrar-me da ocasião exata em que seu tema me entrou pela cabeça. Está relacionada a uma das minhas viagens periódicas a Nova Iorque que se têm tornado, cada vez mais, uma espécie de ponto alto em minha vida. Constituem as únicas ocasiões em que posso parar de escrever por cerca de três ou quatro dias seguidos, sem me sentir culpado ou inquieto.

Naturalmente, qualquer coisa que tendesse a interferir com uma das minhas viagens poderia perturbar meu sangue-frio - de outra maneira, imperturbável. Na verdade, teria um acesso. Já era mau que alguma coisa enorme se pusesse no meu caminho - um furacão ou uma nevasca, por exemplo. Mas uma greve no metrô? E não de todos os empregados, mas apenas de uns poucos homens-chave, uns trinta e cinco. Paralisariam todo o sistema do metrô e, com isto, a cidade inteira. E se a greve acontecesse. dificilmente poderia aventurar-me numa cidade paralisada.

"Onde isto vai acabar?" - apostrofava eu os céus, no meu melhor modo trágico, tendo um dos punhos para o alto e o outro puxando os cabelos. "Um mero punhado de homens pode paralisar uma megalópole inteira. Onde isto vai acabar?"

Meu gesto permaneceu congelado, enquanto meu pensamento conduzia a situação para seu extremo lógico. Cuidadosamente desfiz o gesto, fui lá para cima e escrevi Fura-greve.

O final feliz é que a ameaça de greve não se realizou, de maneira que pude seguir para Nova Iorque.

Apenas mais uma coisa sobre esta história. Ela representa o meu recorde pessoal de trocas estúpidas de títulos. O editor da revista na qual esta história apareceu pela primeira vez era Robert W. Lowndes - o homem mais erudito e amável que já conheci. Ele nada tinha a ver com aquilo. Algum idiota nos escalões mais altos decidiu chamar a história de Macho Fura-Greve.

Por que "Macho"? Que possível adição ao sentido do título pode ser conseguida com esse substantivo? Que iluminação? Qual a melhoria? Céus, posso entender (embora não aprovar) uma troca ridícula de um título, para deixar implícita alguma obscenidade, a fim de aumentar as vendas - mas o título modificado não chegava sequer a isto.

Bem, vou mudá-lo de novo.

*1ª publicação - The Original Science Fiction Stories, janeiro de 1957, sob o título "Male Strikebreaker".* *Copyright, 1956, by Columbia Publications, Inc.*

# O FURA-GREVES

Elvis Blei esfregou suas mãos rechonchudas e disse:

- Auto-suficiência: esta é a palavra-chave. - Sorriu, pouco à vontade, enquanto acendia o charuto de Steven Lamorak, da Terra. A mesma expressão insegura se estampava em seu rosto liso, com olhos um tanto afastados um do outro.

Lamorak soltou uma baforada de bom entendedor e cruzou as longas pernas. Seu cabelo era grisalho, sua mandíbula larga e poderosa.

- Cultivado aqui? - perguntou, com os olhos fitos no charuto. Tentava esconder sua própria incerteza diante da tensão nervosa evidenciada pelo seu interlocutor.

- Sim - disse Blei.

- É engraçado - continuou Lamorak - que num planetoide tão pequeno vocês disponham de espaço para tais luxos.

Lamorak recordou a primeira visão que tinha tido de Elsevere, através da escotilha da espaçonave. Um planetoide sem atmosfera, de superfície irregular, com algumas centenas de milhas de diâmetro - apenas uma imensa rocha cinzenta, coberta de fendas e quebraduras, emitindo um débil reflexo da luz de um sol situado a duzentos milhões de milhas. Era o único objeto com mais de uma milha de diâmetro que orbitava aquele sol; e agora a humanidade tinha escavado o interior daquele pequeno mundo e criado nele toda uma sociedade. Agora ele, como sociólogo, tinha vindo para estudar esse mundo e ver de que modo a espécie humana tinha se adaptado a um abrigo tão peculiar.

O sorriso cordial e fixo de Blei, que parecia também esculpido em pedra, naquele instante alargou-se um mínimo.

- Não somos um mundo assim tão pequeno, Dr. Lamorak. Está nos julgando pelos seus padrões, que são bidimensionais. A área da superfície de Elsevere equivale a apenas três quartos do Estado de Nova York, mas isto é irrelevante. Lembre-se de que nós podemos ocupar, se quisermos, todo o interior de Elsevere. Uma esfera com cinquenta milhas de raio tem um volume de mais de meio milhão de milhas cúbicas. Se a totalidade de Elsevere fosse ocupada por pisos separados por intervalos de trinta metros, a área total da superfície no interior do planetoide seria de 56 milhões de milhas quadradas, o equivalente à superfície da própria Terra. E nenhuma dessas milhas quadradas seria improdutiva, doutor.

- Meu Deus - disse Lamorak, e ficou pensativo por um instante. - Sim, sim, claro que tem razão. É engraçado como isso nunca me ocorreu. Mas Elsevere é o único planetoide, em toda a Galáxia, que já sofreu colonização intensa, e nós, dos outros mundos, não conseguimos deixar de avaliar as coisas em termos de superfícies bidimensionais, como o senhor observou. Bem, só posso dizer que estou feliz por ter recebido do seu Conselho toda a cooperação para a realização de minha pesquisa.

Blei concordou com um gesto de cabeça, um gesto com veemência um tanto exagerada.

Lamorak franziu de leve a testa e pensou: ele age o tempo inteiro como se minha presença aqui fosse a última coisa que eles desejariam. Alguma coisa está errada.

- Naturalmente - disse Blei - o senhor entende que nosso mundo ainda não tem essas dimensões. Somente uma pequena parte de Elsevere foi escavada e ocupada.

Não temos interesse em nos expandir muito rapidamente. Até um certo ponto nossa possibilidade de expansão está limitada pela capacidade de nossos motores de pseudogravidade e pelos conversores de energia solar.

- Entendo. Mas, diga-me uma coisa, Conselheiro Blei... é uma questão de interesse pessoal, não tem relação com meu projeto... seria possível visitar primeiro alguns dos seus pisos dedicados à agricultura e à criação de gado? Tenho uma verdadeira fascinação pela imagem de trigais e boiada no interior de um planetoide

- Vai achar nosso gado muito pequeno pelos seus padrões, doutor. E não temos muito trigo. Nossas culturas de lêvedo e fermentos são bem mais desenvolvidas. Em todo caso, temos alguns trigais para mostrar-lhe e também um pouco de algodão e tabaco, até mesmo árvores frutíferas.

- Que maravilha. Como o senhor mesmo diz: auto-suficiência. Vocês reciclam tudo, imagino.

Os olhos perspicazes de Lamorak não deixaram de registrar o fato de esta última observação ter tido um certo impacto sobre Blei.

Os olhos do elseveriano se estreitaram, escondendo alguma emoção.

- Sim, temos que reciclar - respondeu ele. - Água, ar, alimentos, minerais... tudo que não tem mais serventia deve ser restituído ao seu estado original. Os resíduos são convertidos em matéria-prima. Tudo que precisamos para isto é energia, e é o que não nos falta. Claro que esse processo não tem cem por cento de eficiência; alguma coisa sempre se perde. Importamos uma certa quantidade de água por ano, e se nossa necessidade interna aumentar teremos que importar carvão e oxigênio.

- Quando podemos começar nosso passeio, Conselheiro Blei?

O sorriso de Blei perdeu um pouco de sua cordialidade forçada.

- Tão cedo quanto possível, doutor. Há algumas questões de rotina que precisam ser resolvidas.

Lamorak assentiu. Terminado o charuto, esmagou a ponta no cinzeiro.

Questões de rotina? Nos primeiros contatos que tinham mantido por correspondência ele não tinha percebido nenhum sinal daquela hesitação. Os elseverianos tinham demonstrado um evidente orgulho pelo fato de seu planetoide estar merecendo a atenção da Galáxia.

Comentou cuidadosamente:

- Percebo que talvez esteja sendo uma perturbação, numa sociedade tão organizada quanto a sua.

Conforme esperava, Blei pegou a deixa e adotou a explicação insinuada por ele.

- Tem razão, doutor. Sentimo-nos isolados do resto da Galáxia. Temos aqui os nossos próprios costumes. Cada indivíduo em Elsevere está instalado num nicho bastante confortável. A visita de um estrangeiro que não pertence a nenhuma casta específica provoca um certo transtorno.

- Um sistema de castas deve resultar numa certa rigidez...

- Sim - apressou-se Blei em dizer, mas também numa certa segurança. Temos regras muito claras sobre inter-casamentos e sobre hereditariedade profissional. Cada homem, mulher ou criança conhece seu lugar, aceita sua condição e é aceito pelos demais; não temos virtualmente nenhum caso de neurose ou de doença mental.

- E não há desajustados?

A boca de Blei começou a formar um não, mas logo fechou-se bruscamente, cortando a palavra antes de romper o silêncio; sua testa franziu-se mais um pouco. Por fim, ele falou:

- Vou tomar as providências para o nosso passeio, doutor. Enquanto isso, creio que o senhor gostaria de tomar um banho e descansar um pouco.

Ergueram-se e deixaram a sala; Blei, cortesmente, fez um gesto para que o outro seguisse à frente.

Lamorak sentia-se inquieto diante da vaga sensação resultante de seu primeiro diálogo com Blei - a sensação de que havia uma crise qualquer pairando no ar.

O jornal local fortaleceu essa impressão. Ele o leu minuciosamente antes de ir para a cama; a princípio, movido apenas por um mero interesse técnico. Era um tabloide de oito páginas, em papel sintético. Um quarto do total consistia em anúncios pessoais: nascimentos, casamentos, mortes, recordes em cotas de produção, estatísticas sobre a expansão do volume habitável (não em área: em três dimensões). O restante incluía artigos de natureza técnica, material educativo, ficção. Em termos de notícias, no sentido a que Lamorak estava habituado, praticamente nada.

Havia apenas um item que podia ser considerado como tal, mas era algo tão vago que chegava a causar inquietação.

Dizia, abaixo de uma pequena manchete: EXIGÊNCIAS INALTERADAS: Não houve nenhuma mudança em sua atitude de ontem. O Chefe do Conselho, depois de uma segunda entrevista, anunciou que as exigências feitas por ele continuam a ser totalmente inaceitáveis e não podem ser levadas em conta de forma alguma.

Abaixo, entre parênteses e em outro tipo de composição gráfica, outro parágrafo dizendo: Os editores deste jornal acreditam que Elsevere não deve ceder passivamente a tais pressões, aconteça o que acontecer.

Lamorak leu e releu tudo isto três vezes. Sua atitude, as exigências feitas por ele... Quem seria ele? Naquela primeira noite, teve um sono muito inquieto.

Não teve tempo para ler jornais nos dias seguintes; mas, vez por outra, o assunto retornava à sua lembrança.

Blei, que foi seu guia e cicerone durante toda a visita, mostrava-se cada vez mais reticente.

No terceiro dia (artificialmente estabelecido na base terrestre de 24 horas), Blei parou a certa altura e disse:

- Este piso aqui é destinado apenas às indústrias químicas. Não tem muito interesse. Virou-se para ir embora, mas o fez com uma pressa um tanto excessiva. Lamorak o agarrou pelo braço.

- O que, exatamente, se produz aqui? - perguntou.

- Fertilizantes. Substâncias orgânicas - disse Blei, lacônico. Lamorak continuou a segurá-lo e olhou em redor, à procura do que poderia estar deixando o outro tão inquieto. Seus olhos passaram ao longo do horizonte, uma muralha de rocha cinzenta não muito distante, e dos prédios que se amontoavam entre o solo e o imenso teto.

- Aquilo ali - disse Lamorak. - Não é uma residência particular?

Blei não olhou na direção que ele apontava. Lamorak insistiu.

- Acho que é a maior casa que vi até agora. Por que motivo está localizada aqui, num setor industrial? - O fato era digno de atenção. Ele já tinha percebido que em Elsevere os pisos obedeciam rigidamente à divisão de setores: residencial, industrial e agrícola.

Lamorak virou-se e chamou:

- Conselheiro Blei!

O conselheiro tinha se desvencilhado dele e se encaminhava para a saída.

Lamorak o alcançou em passos rápidos.

- Conselheiro... há alguma coisa errada?

Blei murmurou:

- Desculpe, acho que fui um pouco rude... Sinto muito. É porque há certas coisas que me preocupam...

- ...com relação às exigências dele - disse Lamorak.

Blei estacou.

- O que sabe a respeito disso?!

- Apenas o que acabei de dizer, o que li no jornal daqui.

Blei resmungou em voz baixa uma palavra meio ininteligível.

- Ragusnik? - ecoou Lamorak. - Quem é?

Blei soltou um fundo suspiro.

- Acho que Vou ter que contar-lhe. É... é algo embaraçoso, humilhante. O Conselho supôs que esse assunto seria resolvido com certa rapidez e que não iria interferir na sua visita; o senhor não teria que ser informado a respeito ou ter qualquer outro tipo de envolvimento. Mas o caso já vem se arrastando há quase uma semana. Não sei o que pode acontecer, e mesmo que isso possa causar uma impressão desagradável, talvez seja melhor o senhor partir. Não há motivo para um estrangeiro correr risco de vida.

O terrestre deu um sorriso incrédulo.

- Risco de vida? Num mundo pequeno e pacífico como este? Não posso acreditar.

- Posso explicar - tornou o elseveriano. - É, talvez seja melhor. - Voltou a cabeça noutra direção. - Como já lhe disse, tudo aqui em Elsevere é reciclado. Já entendeu isto.

- Claro.

- Isto inclui... bem, dejetos humanos.

- Parece-me lógico - disse Lamorak.

- Retiramos a água contida neles, por destilação e absorção. Os resíduos que sobram são transformados em fertilizantes para as culturas de fermentos; uma outra parte é utilizada como fonte de matéria orgânica e outros subprodutos. As fábricas que o senhor está vendo se destinam a isso.

- E...?

Lamorak tinha experimentado uma certa dificuldade em beber água logo após sua chegada a Elsevere, porque tinha uma visão realista quanto à possível origem daquela água; mas tinha dominado sem demora essa relutância. Mesmo na Terra, a água era extraída, através de processos naturais, de todo tipo de substâncias impuras.

Blei, com esforço cada vez maior, dizia:

- Igor Ragusnik é o homem encarregado dos processos industriais diretamente ligados aos dejetos. Essa função tem sido exercida por sua família desde o início da colonização de Elsevere. Um dos primeiros colonizadores foi Mikhail Ragusnik, e ele... ele...

- Era o encarregado da reciclagem de dejetos.

- Isso. Agora, a residência que o senhor apontou é a residência de Ragusnik; é a melhor e mais bem construída de todo o planetoide Ragusnik tem uma porção de privilégios a mais do que nós, mas o fato é que nós não podemos falar com ele! - A última frase foi dita num inesperado rompante de emoção.

- Por quê?

- Ele exige direitos civis iguais aos de todo mundo. Quer que suas crianças se misturem às nossas e que nossas esposas visitem... oh! - Soltou um gemido de indisfarçável repulsa.

Lamorak recordou o jornal, que sequer citava Ragusnik pelo nome nem se permitia

dizer qualquer coisa específica sobre suas exigências. Comentou:

- Pelo que entendo, ele é uma espécie de proscrito, devido à sua profissão.

- É claro. Dejetos humanos e... - Blei ficou sem voz. Fez uma pausa enquanto se recuperava e disse: - Como terrestre, creio que não compreende isto.

- Como sociólogo, creio que compreendo - retorquiu Lamorak. Pensou nos Intocáveis da antiga índia, encarregados de lidar com cadáveres; pensou no status que os tratadores de porcos tinham na antiga Judeia

- Pelo que entendi - falou, Elsevere não vai ceder às exigências de Ragusnik.

- Nunca - disse Blei com fervor. - Nunca.

- E...?

- Ragusnik ameaçou cessar suas operações.

- Em outras palavras... entrar em greve.

- Sim.

- Seria algo muito sério?

- Temos comida e água suficientes para nos manter durante algum tempo; nesse sentido, a reciclagem não é essencial. Mas os dejetos se acumulariam; acabariam infectando o planetoide Depois de gerações e mais gerações submetidas a um cuidadoso controle das doenças, não temos muita resistência natural aos germes. Se uma epidemia tivesse início, o que seria bem provável, morreríamos às centenas.

- Ragusnik sabe disso?

- Claro que sim.

- Acha que ele é capaz de levar essas ameaças até o fim?

- Ele é louco. Inclusive já parou de trabalhar. Não tem havido reciclagem dos dejetos desde o dia em que o senhor desembarcou aqui. - O nariz bulboso de Blei farejou o ar, como se já pudesse sentir o cheiro dos excrementos. Lamorak o imitou maquinalmente, mas nada percebeu. Já percebe - disse Blei - que seria melhor para o senhor partir o quanto antes. Claro que para nós é humilhante ter que fazer uma tal sugestão.

- Calma - disse Lamorak. - Ainda não. Meu Deus do céu, isso é algo que profissionalmente me desperta o maior interesse. Posso falar com Ragusnik?

- De modo algum - disse Blei, alarmado.

- Só quero compreender a situação. As condições sociológicas daqui são únicas e não podem se reproduzir em nenhuma outra parte da Galáxia. Em nome da Ciência...

- O que quer dizer com "falar"? Uma recepção de imagens o deixaria satisfeito?

- Ora, sim.

- Falarei com o Conselho - resmungou Blei.

Eles sentavam ao redor de Lamorak num clima de constrangimento. A austeridade de suas expressões cedia lugar à ansiedade.

Blei, sentado no meio, evitava cuidadosamente o olhar do terrestre.

O Chefe do Conselho, de cabelos grisalhos, o rosto vincado de rugas, pescoço anguloso, falou com voz suave:

- Se de algum modo conseguir persuadi-lo, senhor, pelo poder de seus próprios argumentos, nós lhe seremos gratos. Em hipótese alguma, no entanto, pode sugerir-lhe que temos o propósito de ceder às suas pressões.

Uma cortina opaca desceu entre o Conselho e Lamorak. Ele ainda podia distinguir os vultos dos conselheiros, mas nesse instante o receptor à sua frente iluminou-se, atraindo sua atenção.

Uma cabeça apareceu, em cores naturais e com grande realismo. Uma cabeça morena, forte, com um queixo poderoso, onde despontava a barba por fazer, e lábios grossos firmemente cerrados.

O homem falou:

- Quem é você?

- Meu nome é Steven Lamorak. Sou terrestre.

- Um estrangeiro?

- Sim. Estou em visita a Elsevere. Você é Ragusnik?

- Igor Ragusnik, ao seu serviço - disse ele, com ironia. - Exceto que não há serviço e não vai haver mais nenhum enquanto minha família e eu não formos tratados como seres humanos.

- Tem noção do perigo que Elsevere está correndo por causa disso? Existe a possibilidade de uma epidemia.

- A situação pode ser normalizada em vinte e quatro horas se me concederem direitos humanos. Cabe a eles tomar a decisão.

- Você fala como um homem educado, Ragusnik.

- E daí?

- Pelo que sei, não lhe falta nenhum conforto material. Você tem direito a moradia, roupas e alimentação melhores do que as de qualquer outro em Elsevere. Suas crianças recebem a melhor educação.

- Certo. Mas tudo através de servo-mecanismos. E também nos mandam meninas órfãs para que as criemos até o dia em que se tornarão as esposas de nossos filhos. E muitas vezes eles morrem ainda jovens, porque não aguentam a solidão. Agora diga-me: por quê? - Havia uma emoção crescente em sua voz. - Por que temos que viver isolados, como se fôssemos monstros, criaturas das quais as pessoas tivessem que manter distância? Será que não somos seres humanos como qualquer outro, com os mesmos desejos, as mesmas necessidades, os mesmos sentimentos? O trabalho que executamos não é um trabalho honrado, um trabalho útil?

Houve alguns murmúrios contrafeitos por trás de Lamorak;

Ragusnik também os ouviu e elevou a voz.

- Estou vendo que o Conselho está aí atrás. Respondam-me: meu trabalho não é útil, não é honrado? São os dejetos de vocês, que eu transformo em comida para vocês. Será que o homem que purifica a sujeira é pior do que o homem que a produz? Prestem atenção, conselheiros: eu não Vou desistir. Podem todas as pessoas de Elsevere morrer de doença, inclusive eu e meu filho; mas não vou desistir. Melhor morrer do que viver como estamos vivendo.

Lamorak o interrompeu:

- Você tem vivido assim desde que nasceu, não é?

- E se for?

- Certamente já está acostumado.

- Nunca. Resignado, talvez. Meu pai se resignou a esta condição e eu fiz o mesmo durante algum tempo, mas agora eu fico olhando meu filho, meu único filho, sem ter nenhum outro garoto com quem brincar. Meu irmão e eu tínhamos um ao outro, mas meu filho nunca terá um companheiro, e eu não posso me conformar com isto. Cansei de Elsevere. E cansei de falar.

A imagem desapareceu do receptor.

O rosto do chefe do Conselho tinha empalidecido e adquirido uma cor amarelada. Ele e Blei foram os únicos do grupo que permaneceram fazendo companhia a Lamorak.

Ele falou:

- O homem está desatinado. Não sei mais o que fazer para tê-lo sob controle.

Tinha um copo de vinho ao lado, e quando o levou aos lábios algumas gotas caíram, manchando suas calças brancas.

- As exigências dele serão tão descabidas assim? - perguntou Lamorak. - Por que ele não pode ser aceito entre a sociedade?

Uma raiva momentânea brilhou nos olhos de Blei.

- Um homem que trabalha com excremento! - Depois ele encolheu os ombros. - Você é da Terra.

Lamorak lembrou-se, de modo incongruente, de outro tipo "inaceitável", um dos numerosos personagens criados pelo cartunista medieval Al Capp: o personagem sem nome definido conhecido como "o homenzinho do trabalho sujo".

Ele disse:

- Ragusnik manuseia, de fato, os excrementos? Quero dizer: há contato físico? Imagino que essas coisas devem ser tratadas através de mecanismos automáticos.

- Claro - disse o chefe do Conselho.

- Então qual é, exatamente, a função de Ragusnik?

- Ele ajusta manualmente os controles que regulam o funcionamento da maquinaria. Ele substitui algumas unidades por outras quando há necessidade de fazer consertos; ele aumenta ou diminui o índice de ocupação das máquinas, conforme a hora do dia; ele organiza as atividades para atender à maior demanda deste ou daquele produto final. - com voz triste, ele acrescentou: - Se tivéssemos uma maquinaria dez vezes mais complexa, tudo isto poderia ser feito automaticamente, mas seria um desperdício desnecessário de dinheiro.

- Mas mesmo assim - insistiu Lamorak, tudo que Ragusnik faz é pressionar botões ou acionar contatos, coisas desse tipo.

- Sim.

- Então o trabalho dele não é diferente do trabalho dos outros elseverianos.

- O senhor não compreende - disse Blei, muito rígido.

- E por causa disto estão dispostos a arriscar a vida de seus filhos?

- Não temos escolha - disse Blei. Havia uma tal agonia em sua voz que ficou evidente, para Lamorak, que aquela situação era para ele uma verdadeira tortura, mas que ele não tinha escolha.

Lamorak encolheu os ombros, contrafeito.

- Então vocês não têm saída. Vão ter que usar a força.

- De que modo? - perguntou o chefe do Conselho. - Quem seria capaz de tocá-lo, ou mesmo de chegar perto dele? E mesmo que conseguíssemos abatê-lo a distância... de que nos adiantaria isso?

Lamorak estava pensativo.

- Vocês sabem manejar essas máquinas?

O chefe do Conselho pôs-se de pé num salto.

- Eu?! - berrou.

- Não quis dizer isso - corrigiu Lamorak imediatamente. - Falei vocês, de um modo geral. Alguém aqui no planetoide sabe manejar as máquinas com que Ragusnik trabalha?

O chefe do Conselho foi se acalmando aos poucos e voltou a sentar.

- Está tudo nos manuais de instruções, com certeza... embora eu possa lhe assegurar de que nunca me dei o trabalho de pensar nisso.

- Então,uma outra pessoa poderia aprender como se faz e substituir Ragusnik até que ele acabasse desistindo.

- Mas quem concordaria em fazer isso? - perguntou Blei. - Eu não o faria em hipó-

tese alguma.

Lamorak voltou a recordar os tabus da Terra que provocavam bloqueios semelhantes. Pensou em canibalismo, em incesto, em homens amaldiçoando Deus. Falou:

- Mas vocês devem estar preparados para o caso de o lugar de Ragusnik ficar desocupado. Suponhamos que ele morra.

- Então seu filho automaticamente o substitui, ou então seu parente mais próximo - disse Blei.

- E se ele não tiver nenhum parente adulto? E se toda sua família morrer ao mesmo tempo?

- Isto nunca aconteceu. Não vai acontecer.

O chefe do Conselho aduziu:

- Se temêssemos essa possibilidade, poderíamos talvez colocar uma ou duas crianças entre os Ragusnik, e elas cresceriam aprendendo a profissão.

- Ah. E como seria escolhida essa criança?

- Entre os filhos de mães que morrem de parto, do mesmo modo como escolhemos a noiva do próximo Ragusnik.

- Então escolham um substituto para Ragusnik agora - disse Lamorak.

- Não! - exclamou o chefe do Conselho. - Impossível! Como pode sugerir isto? Quando escolhemos uma criança, a criança é educada para esse tipo de vida, não conhecerá outro. Mas para fazer a substituição de Ragusnik hoje, teríamos que usar um adulto e submetê-lo a., a... a ser um "Ragusnik". Não Dr. Lamorak, nós não somos monstros, não cometeríamos tamanha desumanidade.

Não há solução, pensou Lamorak, desamparado. Nenhuma solução - a menos que... Ele não conseguia reunir coragem suficiente para enfrentar o que vinha depois desse a menos que...

Lamorak mal conseguiu dormir naquela noite. Tudo que Ragusnik exigia era ter direito a alguns princípios humanitários essenciais. Do lado oposto, trinta mil elseverianos corriam perigo de vida.

O dilema era entre o bem-estar de trinta mil pessoas, e a justa reivindicação de uma família. Seria possível dizer que as trinta mil pessoas que avalizavam tamanha injustiça mereciam a morte? E injustiça por quais padrões? Os da Terra? Os de Elsevere? E quem era Lamorak para julgar os padrões de uma sociedade diferente da sua?

E Ragusnik? Estava disposto a deixar trinta mil pessoas morrerem, incluindo homens e mulheres que não faziam mais do que aceitar uma situação que lhes tinham ensinado a considerar como certa e que não poderiam alterar, mesmo que quisessem. Sem falar nas crianças, que não tinham nada com toda essa confusão. Trinta mil de um lado, uma família do outro.

Lamorak tomou sua decisão num estado emocional que já era de quase desespero. Pela manhã chamou o chefe do Conselho.

- Senhor - disse, se puderem encontrar um substituto, Ragusnik se verá sem chances de forçar uma decisão a seu favor e acabará retornando ao trabalho.

- Não pode haver um substituto - suspirou o chefe do Conselho. - Já expliquei isso.

- Não pode haver entre os elseverianos, mas sou um terrestre, e isso para mim não faz a menor diferença. **Eu substituirei Ragusnik**.

Eles ficaram excitados com a notícia, muito mais do que o próprio Lamorak. Uma dúzia de vezes perguntaram-lhe se estava mesmo falando a sério.

Lamorak estava cansado e tinha a barba por fazer. Uma dúzia de vezes respondeu:

- Claro que estou falando a sério. E todas as vezes que Ragusnik fizer uma greve, vocês podem ter aqui um substituto de outro planeta. Esse tipo de tabu não existe em nenhum outro mundo. Se vocês pagarem um bom salário ao substituto nunca mais vão ter problemas. (Ele sabia que estava cometendo uma traição contra um homem brutalmente explorado. Mas ficou o tempo inteiro repetindo para si mesmo: Exceto pelo ostracismo, ele é bem tratado. Muito bem tratado.)

Deram-lhe os manuais de instruções, que ele ficou lendo e relendo durante cerca de seis horas. Fazer perguntas não adiantava. Nenhum dos elseverianos sabia coisa alguma a respeito daquele trabalho, a não ser o que constava do manual, e todos ficavam pouco à vontade quando Lamorak começava a fazer perguntas mais específicas.

- Manter leitura zero no galvanômetro A-2 durante todo o tempo em que houver sinal vermelho no uivador Lunge - leu Lamorak. - Muito bem, mas o que é um uivador Lunge?

- Deve haver uma placa - murmurou Blei.

Os elseverianos se entreolharam com uma expressão de desamparo e baixaram os olhos, examinando distraidamente as unhas.

Eles o deixaram sozinho muito antes que Lamorak alcançasse os cubículos que eram o quartel-general de gerações inteiras de Ragusniks, o lugar onde trabalhavam pelo seu mundo. Tinha recebido instruções específicas sobre o trajeto - onde subir, em que direção virar - mas a partir daquele ponto teve que prosseguir sozinho.

Foi de sala em sala, pacientemente, identificando instrumentos e controles, comparando-os com os diagramas do manual.

Aí está o uivador Lunge, pensou, com melancólica satisfação. A placa não permitia dúvidas. Era uma placa semicircular, com uma série de orifícios através dos quais brilhavam lâmpadas de diversas cores. Sim, mas então por que uivador Lunge? Não sabia.

Em algum lugar, pensou Lamorak, as fezes estão se acumulando, forçando de encontro a engrenagens e tubulações, condutos e destilarias, esperando para serem transformadas de cem maneiras diferentes. Mas, por enquanto, estão só se acumulando.

Não sem um certo receio ele apertou o primeiro botão indicado no manual no capítulo "Início das Operações". Um delicado murmúrio de vida começou a se fazer sentir ao longo dos pisos e das paredes. Lamorak girou um comutador e todas as luzes se acenderam.

A cada etapa ele consultava o manual, apesar de já conhecê-lo de cor; a cada etapa cumprida mais e mais salas se iluminavam, mais agulhas de mostradores pareciam despertar, e mais alto soava o zumbido das máquinas.

Em algum lugar, nas profundezas, toneladas de excrementos começavam a se mover devagar, nas direções corretas.

Um sinal agudo se fez ouvir, arrancando Lamorak de sua intensa concentração. Era o sinal de intercomunicação. Ele apertou o botão do receptor.

Surgiu o rosto de Ragusnik, perplexo. Pouco a pouco, a incredulidade e o choque foram se esvaindo de seus olhos.

- Então é isto - disse ele.

- Eu não sou elseveriano, Ragusnik. Eu não me importo de fazer isto.

- Mas qual é seu interesse nisto? Por que se mete?

- Estou do seu lado, Ragusnik, mas alguém precisa fazer isto.

- Por que o faz, se está do meu lado? No seu mundo é costume tratar as pessoas do jeito que me tratam aqui?

- Não é mais. Mas mesmo que você tenha razão, há trinta mil pessoas aqui em Elsevere que precisam ser levadas em conta.

- Eles teriam cedido. Você estragou minha única chance.

- Eles não cederiam. E de certa forma você saiu ganhando; eles agora sabem que você está descontente. Até hoje eles jamais tinham imaginado que um Ragusnik podia estar se sentindo infeliz ou que um Ragusnik poderia prejudicá-los.

- De que me adianta? Eles agora podem mandar chamar estrangeiros para fazer meu trabalho.

Lamorak abanou a cabeça numa veemente negativa. Durante as últimas horas era justamente nesse aspecto que tinha pensado.

- Os elseverianos sabem agora que você não está satisfeito, isso fará com que comecem a pensar se você não estará com a razão, em última análise. E se eles trouxerem estrangeiros para trabalhar aqui, esses estrangeiros acabarão espalhando pela Galáxia informações sobre o que acontece em Elsevere, e a opinião pública da Galáxia certamente ficará do seu lado.

- E...?

- As coisas começarão a melhorar. Quando seu filho chegar à idade adulta, encontrará uma situação bem melhor.

- Quando meu filho for adulto - disse Ragusnik, e os músculos do seu rosto adquiriram uma expressão de fadiga. - Eu poderia ter conseguido isso agora, mas perdi. Está bem. Vou voltar ao trabalho.

Lamorak sentiu um alívio imenso.

- Se quiser vir até aqui, senhor, pode assumir novamente seu posto, eu considerarei uma honra apertar sua mão.

A cabeça de Ragusnik endireitou-se de repente. Um orgulho melancólico brilhou em seu olhar.

- Você me chama de "senhor" e pede para apertar minha mão? Vá cuidar da sua vida, terrestre, e deixe-me trabalhar, porque eu não apertarei a sua.

Lamorak retornou pelo mesmo caminho, aliviado pelo desfecho do caso e ao mesmo tempo extremamente deprimido.

Parou, surpreso, quando viu que o corredor, a uma certa altura, estava bloqueado por um cordão de isolamento. Era impossível passar. Olhou para um lado e para outro, à procura de outro caminho, mas nesse instante uma voz trovejou acima de sua cabeça.

- Dr. Lamorak, pode me ouvir? Aqui é o Conselheiro Blei. Lamorak ergueu os olhos. A voz saía de uma espécie de alto-falante, mas ele não viu nenhum sinal de microfone.

Gritou:

- Alguma coisa errada? Blei, pode me ouvir?

- Posso ouvi-lo.

Instintivamente, Lamorak continuou a gritar:

- Há alguma coisa errada? Parece que o corredor está interditado. Ragusnik criou outro problema?

- Ragusnik voltou ao trabalho - disse a voz de Blei. - A crise está superada, e o senhor deve se preparar para ir embora.

- Ir embora?

- Ir embora de Elsevere. Uma nave está sendo preparada para levá-lo.

- Mas espere aí. - Lamorak estava confuso com essa súbita reviravolta. - Eu ainda não completei minha pesquisa.

- Quanto a isso nada podemos fazer - tornou a voz de Blei. - O senhor será guiado

até a nave e seu material será conduzido até lá por meio de servo-mecanismos. Nós pedimos... pedimos que...

Alguma coisa começava a ficar clara para Lamorak.

- O que que vocês pedem?

- Pedimos que não faça nenhuma tentativa de avistar ou dirigir a palavra a qualquer elseveriano. E esperamos que, para evitar constrangimentos, não tente retornar a Elsevere em qualquer época futura. Se necessitarem de mais informações ou de realizar mais pesquisas a nosso respeito, qualquer colega seu será bem-vindo.

- Entendo - disse Lamorak com voz monocórdia. Entendeu que tinha se tornado, ele próprio, um Ragusnik. Tinha manejado os controles que lidavam com os excrementos; tinha caído no ostracismo. Era um manuseador de cadáveres, um guardador de porcos. Um homenzinho que executava trabalhos sujos.

- Adeus - disse ele.

A voz de Blei respondeu:

- Antes de explicar-lhe o trajeto que deve seguir, Dr. Lamorak, permita-me dizer-lhe... em nome do Conselho de Elsevere... que nós lhe agradecemos muito pela ajuda que nos prestou durante esta crise.

- Eu que agradeço - retrucou Lamorak, amargamente.

Sob alguns aspectos, esta história teve o mais estranho pano de fundo para ser escrita, de todas que escrevi. É também a mais curta que jamais escrevi - apenas 350 palavras. E tais aspectos se reúnem.

Foi assim que aconteceu. A 21 de agosto de 1957, tomei parte numa comissão que discutia os meios da ciência da comunicação na WGBH, estação de TV educacional de Boston. Comigo estavam John Hansen, escritor de manuais para máquinas, e David O. Woodbury, o conhecido escritor científico.

Todos nós deplorávamos a inadequação da maioria dos escritos científicos e técnicos e houve algum comentário sobre a minha fertilidade. Com a minha costumeira modéstia, atribuí o meu sucesso inteiramente a uma incrível fluência de ideias e a uma deliciosa facilidade para escrever. Declarei, incautamente, que poderia escrever uma história em qualquer lugar, em qualquer tempo, sob quaisquer condições razoáveis. Imediatamente desafiaram-me a escrever uma ali mesmo, tendo as câmaras de televisão em cima de mim.

Aceitei o desafio e comecei a escrever, tomando por tema o assunto em discussão. Além de tudo, os outros dois não me facilitaram a vida. Deliberadamente interrompiam-me a fim de trazer-me à discussão, desviando o curso do meu pensamento e fui vaidoso o bastante para tentar responder, fazendo sentido, enquanto continuava a escrivinhar.

Antes que meia hora de programa se passasse eu já havia terminado, e lia a história (aliás, é por isso que é tão curta), a que você vai ver agora, Ponha o Pino A no Furo B. Na sua própria introdução à história, quando apareceu em *S & SF,* o Sr. Boucher disse que a estava publicando conforme fora escrita (enviara-lhe o manuscrito, depois de datilografar uma cópia para mim), “mantendo até mesmo o seu erro gramatical”. Mantive o erro aqui também. Cabe a você encontrá-lo.

No entanto, trapaceei. (Porque mentiria a você?) Os três conversávamos antes do começo do programa e de algum modo me veio à mente que eles poderiam pedir-me para escrever um conto durante o programa. E assim sendo, para o caso deles pedirem, despendi algum minutos pensando no tema, antes que o programa tivesse início e bloqueasse alguma coisa.

Consequentemente, quando me fizeram o pedido, já tinha a história toscamente delineada. Tudo o que tinha a fazer era trabalhar nos detalhes, escrevê-los e ler a história. Afinal de contas, eu só dispunha de vinte minutos.

*1ª publicação - The Magazine of Fantasy and Science Fiction, dezembro de 1957,**Copyright, 1957 by Fantasy House, Inc.*

# Ponha o pino A no furo B

Dave Woodbury e John Hansen, grotescos dentro das suas roupas espaciais, supervisionavam o enorme engradado balançando-se vagarosamente para fora, distanciando-se da nave de carga e entrando na câmara de compressão. Já passado quase um ano, desde que haviam ingressado na Estação Espacial A-5, estavam compreensivelmente fartos de unidades de filtragem com defeito, cubas hidropônicas que vazavam, geradores de ar que zumbiam constantemente e ocasionalmente paravam.

- Nada funciona - dizia Woodbury tristemente - porque tudo é montado manualmente por nós mesmos.

- Seguindo instruções - acrescentava Hansen - escritas por algum idiota.

Sem dúvida alguma existia base para reclamações. A coisa mais dispendiosa numa espaçonave era espaço para carga, de maneira que todo o equipamento tinha que ser remetido desmontado e acondicionado em caixas. Consequentemente, todo o equipamento tinha que ser montado na própria Estação por mãos desajeitadas, ferramentas inadequadas e com folhas de instruções borradas e ambíguas.

Penosamente Woodbury escrevia reclamações, às quais Hansen adicionava os adjetivos apropriados, e pedidos formais para que tal situação fosse remediada haviam sido enviados à Terra.

E a Terra respondeu. Um robô especial havia sido projetado, com um cérebro positrônico abarrotado do conhecimento de como montar apropriadamente toda e qualquer máquina desmontada existente.

O robô estava no engradado que estava sendo descarregado agora, e Woodbury tremia quando a câmara de compressão se fechou.

- Primeiro - disse ele - o robô vai inspecionar o preparador de comida e ajustar o botão dos bifes, para que saiam mal passados, e não queimados.

Entraram na estação e atacaram o engradado, tocando-o delicadamente com as hastes do desmoleculizador, tomando cuidado para que nem um só átomo do precioso metal do seu robô-montador especial fosse danificado.

O engradado abriu-se!

E o que estava lá dentro eram quinhentas peças separadas - acompanhadas de uma folha de instruções para montagem, borradas e ambíguas.

Com frequência tenho sido acusado (para minha própria e embaraçada surpresa) de escrever espirituosamente. Oh, eu tenho tentado sempre, porém com muita cautela e durante muito tempo pensei que ninguém notava.

Como você sabe, não há margem para erro em humor. Você pode tentar escrever uma história de suspense, não atingir o alvo e ter em mãos uma história onde a tensão é apenas moderada. Analogamente, você pode escrever uma história que seja apenas moderadamente romântica, moderadamente excitante, moderadamente sinistra e até mesmo moderadamente ficção.

Mas o que acontece quando você erra o alvo do humor? Será o resultado moderadamente humorístico? Naturalmente que não! A observação que não for absolutamente humorística, a réplica que não for perfeitamente espirituosa, o episódio não inteiramente cômico passam a ser, respectivamente, monótono, estúpido e ridículo.

Bem, se tenho um alvo que não passa da mosca, por acaso vou atirar descuidadamente? Certamente que não! Sou fantasticamente corajoso mas não estúpido.

Assim sendo, tentei ser engraçado apenas ocasionalmente, sem excessos, e sem ser obstrutivo (como na história Ninguém Aqui, Só Nós...). Nas poucas ocasiões em que tentei escrever uma história inteiramente engraçada, não fiquei inteiramente satisfeito.

Na sua maioria, portanto, mantenho as minhas histórias num tom grave e sóbrio - conforme você mesmo pode verificar.

Mas nunca cheguei a desistir inteiramente. Certo dia, incitado pelo Sr. Boucher, experimentei ler uma paródia de Gilbert & Sullivan e finalmente (aos meus próprios olhos pelo menos) ri bastante, sem reservas. Li toda a história e achei muito engraçada.

E assim achei minha veia humorística. Tudo o que tinha a fazer era desenvolver, muito discretamente, um exagerado estilo pseudo-vitoriano e achei que não teria problemas, de modo algum para ser engraçado.

Fiz uma notável carreira como escritor humorístico de ficção científica imediatamente? De modo algum. Mantive o humor no nível já mencionado e permaneci, na maioria dos meus contos, grave e sóbrio. E este ainda é o tipo que faço melhor.

Entretanto, em meados dos anos 60, assumi o compromisso de escrever uma série de artigos para TV Guide, os quais não passavam de puro humor e adorei-os. (Algumas vezes tenho sido censurado, diga-se de passagem, por declarar, no meu jeito simples, que gosto do material que eu próprio produzo, mas por que não deveria? Seria concebível que despendesse setenta horas por semana escrevendo (e fazendo leituras relacionadas), se não gostasse do que escrevo? Ora essa!)

E, a propósito, uma palavra final sobre O Feiticeiro Moderno. Não é essencial que se leia O Feiticeiro, de Gilbert & Sullivan, antes, mas a minha história se tomaria mais engraçada se você o fizesse (acho), e gostaria de dar a minha história toda a oportunidade.

*1ª publicação - The Magazine of Fantasy and Science Fiction. julho de 1958.* *(c) 1958, by Mercury Press, Inc.*

# O feiticeiro moderno

Sempre me intrigou o fato de que, embora sendo um Juiz de Paz, Nicholas Nitely fosse um solteirão. A atmosfera inerente à sua profissão, assim diria eu, parecia tão propícia a conduzir ao matrimônio, que com toda a certeza dificilmente ela poderia evitar os suaves laços do casamento.

Quando lhe disse o que pensava, ao tomarmos um gim-tônica no nosso clube, há pouco, ele declarou:

- Ah, mas eu escapei por pouco há algum tempo atrás - e suspirou.

- Ah, realmente?

- Uma bela jovem, doce, inteligente, pura e desesperadamente ardorosa e, além disso, muito convincente para os sentidos físicos até mesmo de um velho moleirão como eu.

- E como deixou-a escapar? - indaguei

- Não tive escolha. - Sorriu amavelmente para mim e aquela sua pele macia e rosada, o seu suave cabelo grisalho, os seus suaves olhos azuis, tudo nele combinava-se enfim para dar-me a impressão de ser alguém beirando a santidade. - Mas veja você, a culpa foi realmente do noivo dela,..

- Ah, ela estava noiva de alguém.

- ... e do Professor Wellington Johns que, embora endocrinologista, era incidentalmente também um feiticeiro moderno. Na realidade foi isto aí que aconteceu. - Suspirou, bebericou seu drinque e me encarou com aquela expressão branda e satisfeita de quem está a ponto de mudar de assunto.

- Ora, vamos, Nitely, meu velho, você não vai deixar isso assim - disse com firmeza - Quero saber da carne fresca que lhe escapou.

Estremeceu com a piadinha (o meio mais abominável que usei para persuadi-lo a contar, tenho que admitir), mas se dispôs a fazê-lo, depois de pedir mais uma dose.

- Quero que compreenda - disse ele - Eu só vim a saber dos detalhes mais tarde.

O Professor Wellington Johns era possuidor de um grande e proeminente nariz, olhos sinceros e um talento indiscutível para fazer as roupas que usava parecerem muito largas para ele.

- Queridas crianças - disse ele - o amor é uma questão de química.

As suas queridas crianças, que na realidade eram seus alunos, e não seus filhos propriamente, chamavam-se Alexander Dexter e Alice Sanger. Pareciam perfeitamente tomados pela química enquanto estavam ali sentados, de mãos dadas. Somadas, as suas idades atingiam talvez quarenta e cinco, uniformemente divididas entre eles, e Alexander disse, sincero e com a inevitabilidade esperada: - *Vive la chémie!*

- Ou melhor, a endocrinologia - disse o Professor Johns, sorrindo desaprovadamente. - Os hormônios, afinal de contas, afetam as nossas emoções e não é surpresa que se possa, especificamente, estimular aquele sentimento a que chamamos amor.

- Mas é tão pouco romântico - murmurou Alice. - Estou certa de que não preciso de nenhum - e levantou para Alexander o olhar ardente.

- Minha querida - disse o professor - os hormônios estavam pululando no seu sangue no momento em que, como se diz, você se apaixonou. A sua secreção foi estimulada por... - e por um momento ele pesou as palavras, cuidadosamente, sendo como era, um homem de elevada moral - por algum fator ambiental envolvendo o seu jovem namorado, e uma vez que a ação hormonal se deu, a inércia levou-a. Eu poderia duplicar o efeito facilmente.

- Não diga, Professor! - exclamou Alice, amavelmente. - Seria delicioso se o levássemos a tentar - e apertou a mão de Alexander timidamente.

- Não quero dizer - respondeu o Professor, tossindo para esconder o seu embaraço - que pessoalmente tentaria reproduzir, ou melhor, duplicar as condições que criam a secreção natural do hormônio. Quero dizer, ao invés, que poderia injetar o hormônio com uma hipodérmica ou ministrá-lo por via oral, desde que seja um hormônio esteroide Porque, se querem saber - e aqui ele removeu os óculos e limpou as lentes, com ar muito orgulhoso - eu isolei e purifiquei o hormônio.

- Professor! - disse Alexander, levantando-se. - E o senhor não disse nada?

- Devo saber mais, antes de qualquer declaração.

- Está querendo dizer - prosseguiu Alice, com os belos olhos castanhos brilhando de prazer - que pode fazer as pessoas sentirem o maravilhoso deleite, a ternura que suplanta os céus do verdadeiro amor por meio de... de uma pílula?

- Na verdade posso duplicar a emoção a que se refere nesses termos tão açucarados.

- E por que não o faz?

- Vamos, querida, o seu ardor a leva multo longe - disse Alexander levantando a mão, em protesto. - A nossa própria felicidade e a perspectiva do nosso casamento faz com que esqueça certos fatos da vida. Se uma pessoa casada, por engano, aceitar tal hormônio...

- Permitam-me que explique desde já - disse o Professor Johns, um tanto altaneiro - que o meu hormônio, meu princípio amatogênico como o chamo... (porque ele, como muitos outros cientistas experimentais, gostava de lançar um certo escárnio sobre as rarefeitas sutilezas da filosofia clássica).

- Deveria chamar-se filtro do amor - disse Alice, derretendo-se num suspiro.

- Meu princípio amatogênico cortical - disse o Professor Johns firmemente - não tem efeito sobre indivíduos casados. O hormônio não pode funcionar se for inibido por outros fatores e, *estar casado, certamente é uma circunstância que inibe o amor.*

- Ora, é o que tenho ouvido por aí - disse Alexander gravemente - mas pretendo provar que essa crença empedernida é descabida, no meu caso e de Alice.

- Alexander - disse Alice. - Meu amor.

- Quero dizer que o casamento inibe o amor extraconjugal - disse o Professor.

- Mas já escutei por aí que algumas vezes isto não acontece.

- Alexander! - disse Alice, chocada.

- Somente em raros exemplos, querida, dentre aqueles que não frequentavam a faculdade.

- O casamento - disse o professor - pode não inibir uma certa atração sexual desprezível ou tendências a algumas ninharias sem importância mas, o verdadeiro amor, conforme a Srta. Sanger expressou a emoção, é alguma coisa que não pode florir quando a memória de uma esposa ríspida e de várias crianças pouco atraentes ocupa o subconsciente.

- O senhor quer dizer - disse Alexander - que se tiver de fornecer o seu filtro de amor - perdão, seu princípio amatogênico - a um certo número de pessoas, indiscriminadamente, somente os solteiros seriam afetados?

- Exatamente. Experimentei em certos animais que, embora não tenham executado, conscientemente, o rito do acasalamento, ainda assim formavam ligações monogâmicas. Aqueles com ligações já formadas não foram afetados.

- Então, Professor, tenho uma ideia Perfeitamente esplêndida. Amanhã à noite teremos o baile dos anos aqui na escola. Estarão presentes pelo menos cinquenta pares, na sua maioria constituídos por solteiros. Coloque o seu filtro no ponche.

- O quê? Ficou louca?

- Por que não, é uma ideia celestial, Professor! - e Alice entusiasmou-se. - Pensar que todos os meus amigos vão se sentir como eu! Professor, o senhor seria considerado um anjo caído dos céus. Mas, oh, Alexander, você acha que os sentimentos poderiam ficar um pouco incontroláveis? Alguns dos nossos colegas mais íntimos são um pouco selvagens e se, no calor da descoberta do amor, eles chegassem, bem, a se beijar...

- Querida Srta. Sanger - disse o professor Johns indignado. - Não deve esquentar muito a sua imaginação. Meu hormônio induz somente àqueles sentimentos que conduzem ao matrimônio e não à expressão de qualquer coisa que possa ser considerada indecorosa.

- Sinto muito - murmurou Alice, confusa. - Deveria lembrar-me, Professor, que é o homem de moral mais elevada que conheço - excetuando-se sempre o querido Alexander - e que nenhuma descoberta científica de sua parte poderia ter a possibilidade de levar à imoralidade.

E pareceu tão acabrunhada que o professor perdoou-a imediatamente.

- Então fará, Professor? - insistiu Alexander. - Afinal de contas, presumindo-se que haverá uma súbita corrida ao casamento, depois da ingestão do hormônio, posso providenciar para que Nicholas Nitely, um velho e estimado amigo da família, esteja presente, sob algum pretexto. Ele é Juiz de Paz e pode facilmente arranjar licenças e coisas assim.

- Eu não deveria concordar - disse o Professor, obviamente deixando-se levar - em executar uma experiência sem o consentimento das cobaias. Não seria ético.

- Mas estaria apenas proporcionando-lhes alegria. Estaria contribuindo para a atmosfera moral do colégio. Porque, certamente, na ausência de uma pressão avassaladora em direção ao matrimônio, acontece algumas vezes na escola que a pressão provocada pela contínua proximidade conduz a um certo perigo de... de...

- Sim, assim é - disse o professor. - Bem, tentarei uma solução pouco concentrada. Afinal de contas, os resultados podem constituir um tremendo avanço do conhecimento científico e, conforme diz, também da moralidade.

- E, naturalmente, Alice e eu beberemos do ponche também - disse Alexander.

- Oh, Alexander, com certeza um amor como o nosso não precisa do auxilio de artifícios.

- Mas não será artificial, querida de minh'alma. De acordo com o professor, o nosso amor começou como um resultado exato desse efeito hormonal, induzido, tenho que admitir, por métodos mais corriqueiros.

- Mas então, meu único amor, onde está a necessidade de repetir? - disse Alice, corando acentuadamente.

- Para nos colocar acima de todas as vicissitudes da Sorte, minha queridinha.

- Mas com certeza, meu adorado, você não duvida do meu amor.

- Não, encanto do meu coração, mas...

- Mas? Então não confia em mim, Alexander?

- Naturalmente que confio, Alice, mas...

- Mas? Outra vez mas? - e Alice levantou-se, furiosa. - Se não pude confiar em

mim, meu caro senhor, então é melhor que eu saia. - E ela realmente saiu, enquanto os dois homens ficaram a olhá-la, perplexos.

- Tenho receio de que meu hormônio - disse o Professor Johns - tenha tido ocasião de, muito indiretamente, estragar um casamento, mais do que provocar um.

Alexander tinha agora uma aparência miserável, engolia em seco mas o seu orgulho veio em seu auxilio:

- Ela voltará - disse ele, em tom pouco seguro. - Um amor como o nosso não pode ser desfeito tão facilmente.

O Baile dos Veteranos constituiu-se, naturalmente, no acontecimento do ano. Os rapazes brilhavam e as moças luziam. A música era envolvente, os pés tocavam o chão só nos intervalos. A alegria era irrestrita.

Ou, pelo menos, irrestrita na maioria dos casos. Alexander Dexter permaneceu a um canto, de olhos parados, com expressão gelada e triste. Era elegante e simpático, mas nenhuma jovem se aproximou dele. Todas sabiam que era o prometido de Alice Sanger e, em tais circunstâncias, nenhuma colega sonharia sequer em abordá-lo. E, no entanto, onde estava Alice?

Não comparecera à festa acompanhada por Alexander, cujo orgulho impedia-o de procurá-la. Podia observar somente os pares que circulavam, cautelosamente, através dos cílios sombriamente semicerrados.

O professor Johns, envergando roupas formais que a ele não se ajustavam embora feitas sob medida, aproximou-se.

- Adicionarei o meu hormônio ao ponche dentro de pouco tempo, antes do brinde da meia-noite. Nitely já está aqui?

- Vi-o há um momento. Na sua qualidade de inspetor de namorados estava muito ocupado, certificando-se de que a distância apropriada entre os pares que dançam seja mantida. Quatro dedos, acredito eu, é o máximo permitido para aproximação. O Sr. Nitely estava, com toda a diligência, fazendo as necessárias medidas.

- Muito bem. Oh, esqueci-me de perguntar. O ponche contém álcool? O álcool afetaria o funcionamento do princípio amatogênico, de modo adverso.

- Álcool, Professor? - e a despeito do seu coração partido, Alexander encontrou disposição para negar o insulto, embora não intencional, à sua classe. - Este ponche foi feito de acordo com aqueles princípios firmemente adotados por todos os estudantes. Contém apenas o mais puro dos sucos de frutas, açúcar refinado e uma certa quantidade de casca de limão, suficiente para estimular, não para inebriar.

- Ótimo - disse o professor. - Adicionei ao hormônio um sedativo, destinado a fazer dormir os sujeitos da experiência, durante pouco tempo, enquanto o hormônio funciona. Logo que acordem, o primeiro indivíduo que seus olhos virem - isto é, do sexo oposto, naturalmente - inspirará a cada um deles um puro e nobre ardor que somente pode terminar em casamento.

E então, como já era quase meio-dia, dirigiu-se por entre os pares felizes, todos dançando e mantendo os quatro dedos de distância - para a poncheira.

Alexander, deprimido quase até às lágrimas, encaminhou-se para a varanda. Ao fazê-lo, perdeu a oportunidade de encontrar-se com Alice, que entrava no salão de baile, vinda da varanda, por outra porta.

- Meia-noite! - gritou uma voz feliz. - Brindemos! Brindemos! Brindemos à vida à nossa frente!

Aglomeraram-se em volta da poncheira e os copinhos começaram a circular.

- À vida à nossa frente! - gritavam todos com todo o entusiasmo de jovens estu-

dantes, enquanto serviam a fogosa mistura feita de puro suco de frutas, açúcar, casca de limão - e mais, naturalmente - o princípio amatogênico do professor, com sedativo.

E à medida que os vapores de tal mistura atingiam seus cérebros, vagarosamente caíam todos pelo chão. Alice ficou ali de pé, sozinha, agarrada ao seu cálice, de olhos cheios de lágrimas que não chegavam a cair.

- Oh, Alexander, Alexander, embora você duvide, você ainda é o meu único amor. Você quis que eu bebesse e assim eu vou beber. - E logo em seguida ela também graciosamente foi-se curvando para se deixar cair ao solo.

Nicholas Nitely saíra à procura de Alexander por quem seu generoso coração se preocupava. Vira-o chegar sem Alice e só podia presumir que o motivo teria sido uma briga de namorados. Não temia por deixar a festa entregue às suas próprias consequências. Não se reuniam ali jovens quaisquer, mas rapazes e moças de uma faculdade, todos de boas famílias e educação cortês. Podia estar certo de que manteriam os quatro dedos de aproximação, como ele bem sabia. Encontrou Alexander na varanda, olhando tristemente para um céu pontilhado de estrelas.

- Alexander, meu caro - e levou a mão ao ombro do jovem. - Nem parece que é você. Entrega-se assim à depressão. Ânimo, meu jovem amigo!

- É uma fraqueza, eu sei, mas estou sofrendo por Alice - disse Alexander, baixando a cabeça ao ouvir a voz do bom e velho amigo. - Sei que fui cruel para com ela, e agora estou sendo tratado como mereço. E ainda assim, Sr. Nitely, se o senhor pudesse saber... - e fechando o punho levou-o ao peito, bem perto do coração. E nada mais pôde dizer.

- Pensa que porque sou um solteirão desconheço as emoções mais suaves? - disse Nitely tristemente. - Não se engane. Houve época em que também eu soube o que é o amor e um coração partido. Mas não faça como eu fiz certa vez, não permita que o orgulho impeça uma reconciliação. Procure-a, meu rapaz, procure-a e peça desculpas. Não queira se tomar um velho solteirão sozinho como eu. Mas, ora, estou fazendo sermão.

- Seguirei o seu conselho, Sr. Nitely - disse Alexander endireitando a postura. - Vou procurá-la.

- Então vá lá para dentro, pois pouco antes de vir para aqui, acredito tê-la visto.

- Talvez esteja procurando por mim agora mesmo - disse Alexander, o coração batendo apressado. - Irei, pois... Mas, não. Vá o senhor primeiro, enquanto fico um pouco para trás para recobrar-me. Não permitirei que me veja chorando como maricas.

- Naturalmente, meu rapaz.

Nitely parou à porta do salão de baile, atônito. Teria uma catástrofe universal posto tudo abaixo? Cinquenta pares jaziam ali no chão, alguns empilhados sobre os outros mui indecorosamente.

Mas antes que pudesse verificar se o mais próximo estava morto, tocar o alarme contra incêndio, chamar a polícia, fazer alguma coisa, enfim, todos estavam procurando levantar-se.

Uma única pessoa ainda permanecia caída. Uma garota isolada, vestida de branco, com o braço graciosamente curvado por baixo do seu cabelo louro. Era Alice Sanger e Nitely correu para ela, surdo ao clamor à sua volta. Deixou-se cair de joelhos:

- Srta. Sanger, minha querida Srta. Sanger: está ferida?

- Sr. Nitely! - disse ela abrindo os belos olhos vagarosamente. - Nunca percebi antes como o senhor poderia ser uma visão tão encantadora!

- Eu? - e Nitely recuou horrorizado, enquanto ela se levantava e tinha um tal brilho

em seus olhos como Nitely não via nos olhos de uma donzela há mais de trinta anos - e mesmo então só fracamente.

- Sr. Nitely, vai deixar-me?

- Não, não - disse Nitely, confuso. - Se precisa de mim, ficarei.

- Preciso de você. Preciso de você com todo o meu coração e toda a minha alma. Preciso de você como uma flor sedenta necessita do orvalho. Preciso de você como Tisbe precisou de Príamo.

Nitely, ainda recuando, olhou em volta rapidamente, a fim de verificar se alguém podia estar ouvindo declaração tão inusitada, mas ninguém parecia prestar a menor atenção. Tanto quanto podia perceber, o ar estava cheio de declarações similares, algumas sendo até mais vigorosas e diretas.

As suas costas agora bateram na parede e Alice aproximou-se dele de modo a destruir a regra dos quatro dedos. Na realidade quebrou todas as regras, até mesmo um dedo já não servia como medida e como resultado da pressão mútua, certa coisa indefinida parecia começar a estrondear dentro de Nitely.

- Srta. Sanger, por favor...

- Srta. Sanger? Sou a Srta. Sanger para você? - exclamou Alice apaixonadamente. - Sr. Nitely! Nicholas! Chame-me de Alice, a sua Alice. E case-se comigo! Case-se comigo já!

E por todo o salão o grito era um só: "Case-se comigo! Case-se comigo!". Rapazes e moças amontoavam-se agora em volta de Nitely, pois bem sabiam que ele era Juiz de Paz. E passaram a gritar: "Faça o nosso casamento, Sr. Nitely! Case-nos!"

- Preciso obter as suas licenças! - era tudo o que ele podia gritar como resposta.

Afastaram-se, para que partisse naquela missão de misericórdia. Somente Alice o seguiu.

Nitely encontrou Alexander à porta da varanda e fê-lo voltar para o ar fresco, O professor Johns, naquele momento, aproximou-se.

- Alexander. Professor Johns. Aconteceu algo extraordinário.

- Sim - disse o professor com seu rosto compassivo brilhando de júbilo. - A experiência foi um sucesso. O princípio é muito mais eficiente em seres humanos, na realidade, do que em qualquer outra das minhas cobaias. - Mas notando a confusão de Nitely, explicou-lhe, em frases curtas, o que havia ocorrido.

Nitely escutava e murmurava: - É estranho, estranho. Há uma certa e ardilosa familiaridade em tudo isto. - Comprimiu a testa com os nós dos dedos de ambas as mãos, mas o gesto não foi de grande ajuda.

Alexander aproximou-se de Alice gentilmente, ansioso por abraçá-la contra o seu forte peito, mas contendo-se por saber que uma jovem de bons princípios não consentiria em tais demonstrações de emoção por parte de alguém que ainda não fora perdoado.

- Alice, meu amor perdido - disse ele - se ainda puder achar em seu coração...

Mas ela afastou-se, evitando-lhe os braços, embora eles estivessem estendidos apenas num gesto de súplica.

- Alexander, eu bebi o ponche - disse ela - como você queria.

- Não precisava fazer isso. Eu estava errado, errado...

- Mas eu não estava e, oh, Alexander, jamais poderei ser sua.

- Nunca poderá ser minha? Mas o que significa isso?

- Minh'alma está entrelaçada indissoluvelmente com a do Sr. Nitely, Nicholas, quero dizer - respondeu Alice segurando o braço de Nitely e agarrando-se a ele com avidez. - A minha paixão por ele - quero dizer, a minha paixão para casar-me com ele é irresistível. Tortura o meu ser.

- Então você é falsa? - gritou Alexander, sem acreditar.

- Você é cruel dizendo-me "falsa" - disse Alice, soluçando. - Não posso controlar-me.

- Não pode mesmo - disse o professor Johns, que havia escutado o diálogo com a maior consternação, depois de ter dado as suas explicações a Nitely. - Ela dificilmente pode fazer alguma coisa. É simplesmente uma manifestação endócrina.

- Na verdade assim é - disse Nitely que estava lutando com as suas próprias manifestações endócrinas. - Ora vamos, vamos, minha querida. - Acariciou a cabeça de Alice da maneira mais paternal, mas, quando ela voltou para ele o rosto tentador, sentiu um desfalecimento e pensou se poderia ser uma coisa paternal - digamos, o gesto de um simples vizinho - pressionar aqueles lábios contra os seus, da maneira mais pura.

- Você é falsa, falsa! Tão falsa como Cressida! - gritava agora Alexander, lendo pelo seu coração em desespero. E correu para a sala.

Nitely teria ido ao seu encalço, mas Alice havia-o agarrado pela nuca e aplicava em seus lábios, que vagarosamente cediam, um beijo que de modo algum se poderia chamar de filia!.

Nem mesmo vicinal.

Chegaram à pequena casa solitária de Nitely, com a sua placa de Juiz de Paz em letras antigas, seu ar de melancólica placidez, sua profunda serenidade, com seu pequeno fogão sobre o qual a chaleira foi rapidamente colocada pela mão esquerda de Nitely - já que a direita estava sendo firmemente segura por Alice que, com uma malícia insuspeitada em sua idade, escolhera aquele como método seguro de tornar impossível que ele subitamente passasse a tranca na porta.

O escritório de Nitely podia ser visto através da porta aberta da sala de jantar, com as suas paredes cobertas de livros cheios de sabedoria e encantamento. Nitely levou a mão à testa (a esquerda):

- Minha querida - disse ele a Alice - é assombrosa a maneira como... se você deixar de apertar o meu braço, minha criança, pelo menos um pouco, de modo que a circulação possa se restabelecer... a maneira como continuo a imaginar que tudo isto já aconteceu antes.

- Com toda certeza nunca aconteceu, meu querido Nicholas - disse Alice, inclinando a cabeça loura sobre o seu ombro e sorrindo para ele com tímida ternura que tomava a sua beleza tão enfeitiçante quanto os raios do luar sobre as águas paradas de um lago. - Poderia ter existido tão extraordinário mago como o nosso sábio professor Johns, um feiticeiro moderno?

- Um feiticeiro tão... - mas de repente Nitely sobressaltou-se de tão violenta maneira que levantou a bela Alice a uma polegada do chão. - Mas, ora, certamente tem que ser isto! O diabo me leve se for! (Porque em raras ocasiões, levado pela pressão de poderosas emoções, Nitely usava linguagem forte.)

- Nicholas! O que é isto? Você me amedronta, meu anjo.

Nitely, porém, caminhou rapidamente para o escritório e ela foi forçada a correr ao lado dele. Tinha o rosto lívido e lábios apertados quando encontrou um volume nas prateleiras e reverentemente soprou a poeira que o cobria.

- Ah! - disse ele, contrito - como tenho negligenciado as inocentes alegrias dos meus dias de juventude. Minha criança, em vista desta contínua incapacidade do meu braço direito, poderia ter a bondade de voltar as páginas até que lhe diga onde deve parar?

Juntos, passaram a consultar o livro, formando um quadro de ventura pré-nupcial como raramente pode ser visto, ele segurando o livro com a mão esquerda e ela vol-

tando as páginas, vagarosamente, com a direita.

- Acertei! - disse Nitely com ênfase súbita. - Professor Johns, meu caro amigo, venha até aqui. Esta é a mais estonteante das coincidências - um exemplo amedrontador de misterioso poder que deve brincar conosco em determinadas ocasiões por algum secreto propósito.

O professor Johns, que havia preparado o seu próprio chá e o bebericava pacientemente - como é próprio de um discreto cavalheiro de hábitos intelectuais na presença de dois ardentes amantes que subitamente retiraram-se para o aposento mais próximo - respondeu:

- Tem certeza de que precisa da minha presença?

- Mas é claro, senhor. De bom grado consultaria seus talentos científicos.

- Mas o senhor está numa posição...

- Professor! - gritou Alice, mas fracamente.

- Mil perdões, minha querida - disse o professor, entrando. - Minha empoeirada e velha mente está cheia de fantasias ridículas. Já faz muito tempo que eu... - mas aqui ele sorveu o seu chá (que fizera bem forte) e voltou a ser ele mesmo outra vez.

- Professor - disse Nitely - esta querida criança referiu-se ao senhor como um feiticeiro moderno e instantaneamente isto levou a minha mente a lembrar-se de O Feiticeiro, de Gilbert e Sullivan.

- Quem são Gilbert e Sullivan? - indagou o professor brandamente.

Nitely lançou um olhar para cima como se pretendesse desviar a direção de um inevitável raio e se evadir em seguida. Por fim conseguiu falar, num sussurro áspero:

- Sir William Schwenck Gilbert e Sir Arthur Sullivan, escreveram, respectivamente, as letras e as músicas das maiores comédias musicais que o mundo jamais viu. Uma delas tem o título de O Feiticeiro. E nela, também um filtro de amor foi usado - de um tipo altamente moral que não afetava as pessoas casadas, mas que fez com que a jovem heroína abandonasse o seu simpático e jovem amante para cair nos braços de um homem bem mais velho.

- E as coisas ficaram assim? - inquiriu o professor Johns.

- Bem, não... Mas, realmente, minha querida, os movimentos dos seus dedos em minha nuca, embora provoquem inegáveis sensações de prazer, também me distraem bastante. - Houve uma reconciliação dos jovens amantes, professor.

- Ah! - disse o professor Johns. - Então, em vista da grande semelhança entre a cena de ficção e a vida real, talvez a solução apresentada pela peça ajude-nos a achar o caminho para reunir novamente Alice e Alexander. Presumo que, pelo menos, o senhor não deseja passar o resto da vida tendo um braço permanentemente inútil.

- Não desejo nenhuma reconciliação - disse Alice. - Quero somente o meu Nicholas.

- Há alguma coisa a favor - respondeu Nitely - deste animador ponto de vista, mas ora, a mocidade deve ser servida. Mas há uma solução na peça, professor Johns, e é exatamente por esta razão que eu, muito particularmente, desejava falar-lhe - e sorriu com gentil benevolência. - Na peça, os efeitos da poção foram completamente neutralizados pela ação do cavalheiro que em primeiro lugar administrou a poção: em outras palavras, um cavalheiro análogo ao senhor.

- E qual foi a ação?

- Suicídio! Simplesmente isto! De alguma maneira, não explicada pelos autores, o suicídio teve o efeito de quebrar o...

Mas a esta altura o professor já havia recobrado o seu equilíbrio e disse, no mais impressionante tom sepulcral que pôde imaginar:

- Meu caro senhor, devo dizer imediatamente que, a despeito da minha afeição pe-

los jovens envolvidos neste triste dilema, não estou disposto, em circunstância alguma, à auto-imolação. Tal procedimento pode ser extremamente eficaz em conexão com filtros de amor de safra ordinária, mas o meu princípio amatogênico, posso assegurar-lhe, estaria inteiramente imune ao efeito da minha morte.

- É o que eu temia - suspirou Nitely. - Na verdade, aqui entre nós, é um final muito pobre para a peça, talvez o mais pobre de toda a obra - e olhou para cima, por um instante, em muda desculpa ao espírito de William e Gilbert. - Desfecho artificial. Não foi apropriadamente pressagiado, anteriormente, na peça. Puniu um indivíduo que não merecia punição. Em resumo, ai de mim, foi um desfecho indigno do poderoso gênio de Gilbert.

- Talvez não tenha sido Gilbert - disse o professor Johns. - Talvez algum farsante tenha interferido e dado um arremate grosseiro.

- Não há registro disso.

Mas o professor Johns, sentindo sua mente científica ousadamente desafiada por um problema insolúvel, acrescentou, imediatamente:

- Podemos testar isso. Estudemos a mente deste... deste Gilbert. Ele escreveu outras peças, não?

- Catorze, em colaboração com Sullivan.

- Onde foram mais apropriadas as maneiras de resolver situações análogas, no final?

- Em um caso, com certeza - disse Nitely com um aceno de cabeça. - No caso de Ruddgiore.

- Quem é ele?

- Ruddigore é um lugar, professor. O personagem principal é o verdadeiro mau baronete de Ruddigore e que está, naturalmente, sob uma maldição.

- Pode crer - murmurou o professor Johns, compreendendo que a tal eventualidade frequentemente estão sujeitos aos baronetes de mau caráter e se sentindo até mesmo inclinado a pensar que bem a mereciam.

- A maldição compelia-o a cometer um crime ou mais de uns, diariamente - disse Nitely. - Se um só dia se passasse sem que cometesse um crime, inevitavelmente morreria, numa agonizante tortura.

- Que horrível - murmurou o bom coração de Alice.

- Naturalmente - disse Nitely - ninguém pode maquinar um crime todo dia, de maneira que nosso herói foi forçado a ser engenhoso para burlar a maldição.

- De que maneira?

- Raciocinou da seguinte maneira: se deliberadamente se recusasse a cometer um crime, estaria cortejando a morte por sua inação. Atentou contra a própria vida e como suicídio, naturalmente, é um crime, ele preencheu assim as condições estabelecidas pela maldição.

- Compreendo, compreendo - disse o Professor Johns. - Gilbert obviamente acreditava nas soluções de problemas, conduzindo-os sempre às suas conclusões lógicas. - Fechou os olhos e a sua nobre fronte claramente se arqueou com as numerosas e intensas ondas de pensamento que continha. Voltou a abrir os olhos:

- Nitely, meu velho, em que época a peça O Feiticeiro foi inicialmente produzida?

- Em mil oitocentos e setenta e sete.

- Então aí está a coisa, meu caro amigo. Em mil oitocentos e setenta e sete nos defrontávamos com a era vitoriana. A Instituição do casamento não podia ser ridicularizada no palco. Não podia ser um assunto cômico para beneficiar o desfecho de uma peça. Matrimônio era um santo e espiritual sacramento...

- Chega com esta apóstrofe - disse Nitely. - O que tem em mente?

- Casamento. Case-se com a moça, Nitely. Providencie para que todos os outros pares casem-se também, imediatamente. Estou certo de que esta era a intenção secreta de Gilbert.

- Mas isso - disse Nitely que se sentia estranhamente atraído pela possibilidade - é exatamente o que estamos sentindo evitar.

- Eu não estou - disse Alice vigorosamente, embora não tivesse nada de "vigorosa", pelo contrário, fosse encantadoramente flexível e esguia.

- Mas não compreende? - disse o professor Johns. - Desde que cada par esteja casado, o princípio amatogênico - que não afeta pessoas casadas - perderá seu poder sobre eles. Aqueles que já estavam enamorados, sem o auxílio do hormônio, permanecerão enamorados; e aqueles que não estavam, não mais ficarão apaixonados e consequentemente pedirão uma anulação do casamento.

- Deus do céu! - disse Nitely. - Que coisa admiravelmente simples! É claro! Gilbert deve ter pretendido isto até que algum produtor moralista ou algum diretor de teatro forçou a mudança.

- E a coisa funcionou? - perguntei - Afinal de contas, você disse claramente que o professor havia dito que o efeito do hormônio sobre pessoas casadas era somente para inibir relações extracon...

- Funcionou - disse Nitely ignorando o meu comentário. Uma lágrima tremeu em seus cílios mas, se foi provocada pelas recordações ou pelo fato de que já estava no seu quarto copo de gim-tônica, eu não sabia.

- Funcionou - repetiu ele. - Alice e eu nos casamos e nosso casamento foi quase que instantaneamente anulado por mútuo consentimento, sob alegação de que foi usada uma pressão indevida. E ainda assim, devido à incessante vigilância a que estivemos sujeitos, a incidência da pressão indevida foi, infelizmente e virtualmente, nula. - Voltou a suspirar. - De qualquer forma, Alice e Alexander casaram-se pouco tempo depois e ela agora está, creio eu, como resultado de vários eventos concomitantes, esperando um bebê.

Desviou os olhos do pouco resíduo que fora deixado em seu copo e encolheu-se, tomado por súbito alarme.

- Deus meu! Ela, de novo!

Levantei os olhos, surpreendido. Uma visão em azul-claro estava parada na porta. Imagine, se puder, um rosto encantador, feito para ser beijado, e um corpo de belas curvas feito para o amor.

- Nicholas! Espere! - gritou ela.

- Aquela é Alice? - perguntei.

- Não, não. É uma outra pessoa É uma história completamente diferente. Mas eu não devo permanecer aqui.

Levantou-se e, com uma agilidade notável para alguém avançado em anos e em peso, abriu caminho e pulou por uma janela. E a visão feminina de desejo com uma agilidade apenas ligeiramente menos notável seguiu-o.

Balancei a cabeça cheio de sincera simpatia. Obviamente o pobre homem era continuamente perseguido por estas imagens de beleza extraordinária que, por uma razão ou outra, enamoravam-se dele. E ao pensamento de tão horrível destino, bebi o meu próprio drinque de um só trago e fiquei considerando o fato singular de que dificuldades tais jamais me aborreceram.

E a tal pensamento - embora pareça estranho, devo dizer - irritadamente pedi outro drinque, enquanto uma exclamação escatológica, incontrolável, me veio aos lá-

bios.

Não muito depois da publicação de O Feiticeiro Moderno, o Sr. Boucher aposentou-se como editor de *F & SF* e foi substituído no posto por Robert P. Mills.

O Sr. Mills concedeu-me o maior favor da minha vida literária desde que o Sr. Campbell dera início à discussão que me levou a escrever O Cair da Noite. Pediu-me que escrevesse uma coluna mensal sobre ciência para *F & SF* e concordei imediatamente. Desde a edição de novembro de 1958, na qual a minha coluna apareceu pela primeira vez, continuei produzindo-a, um mês depois do outro, de maneira que, no momento em que escrevo esta introdução, estou perto de celebrar o meu décimo aniversário como colunista mensal da revista.

De tudo o que tenho escrito, ficção, não-ficção, para adultos ou para jovens, esses artigos para a revista F & SF constituíram para mim o maior dos divertimentos e neles, durante a gestão do Sr. Mills, jamais me referi a ele de outro modo que não fosse "Bondoso Editor".

De qualquer forma, certa vez, durante um almoço, o Sr. Mills me disse que havia visto o nome Lefkowitz em diversas e não relacionadas ocasiões naquele dia, o que o levou a ficar matutando na curiosa coincidência, Poderia eu escrever um conto com isso? No meu costumeiro modo pouco cerimonioso, respondi: - Mas é claro! - e dei ao assunto uma ligeira atenção.

O resultado foi um conto que serviu como um tributo ao Sr. Boucher também. Ele era, devo dizer-lhe, um católico devoto. (Devo dizer que "era", porque faleceu em abril de 1968, para grande e sincera mágoa de todos os que o conheceram. Era um homem tão bom que foi estimado por todos os autores que rejeitou, mesmo enquanto os estava rejeitando e simplesmente não existe um teste mais severo para o verdadeiro amor do que isso.) E como o Sr. Boucher era um católico sincero, com muita frequência havia uma atmosfera ligeiramente católica em torno de *F & SF,* durante a sua gestão; sempre agradável e liberal, também porque retratava a espécie de homem que ele era.

Como pensei na história como um tributo ao trabalho editorial do Sr. Boucher, tentaria a minha própria habilidade naquela espécie de fragrância especial. Não poderia conduzi-la à maneira católica, naturalmente, porque não sou católico. Portanto escrevi, à minha maneira, uma história judaica - a única história judaica que alguma vez me ocorreu escrever, penso eu.

E consegui que a observação do Sr. Mills, a respeito de Lefkowitz se transformasse em Até a Quarta Geração.

*1ª publicação - The Magazine of Fantasy and Science Fiction, abril de 1959.* *(c), Mercury Press, Inc.*

# Até a quarta geração

Às dez para o meio-dia, Sam Marten desembarcava de um táxi, tentando, como de costume, abrir a porta com uma mão, segurar a pasta com a outra e procurar pela carteira com a terceira. Dispondo apenas de duas mãos, descobriu que era algo difícil, e mais uma vez, como de costume, empurrou a porta do táxi com o joelho enquanto viu-se a procurar a carteira, inutilmente, quando seus pés tocaram a calçada.

O tráfego da Avenida Madison passava, arrastando-se. Um caminhão vermelho diminuiu o seu rastejar, relutante, para em seguida arrancar depressa quando o sinal mudou. Letras brancas nas laterais informavam a um mundo indiferente que era propriedade de F. Lewkowitz & Filhos, Roupas por Atacado.

Levkowich, pensou Marten com ligeira inconsequência e finalmente pescando a sua carteira. Lançou um olhar para o taxímetro enquanto enfiava a pasta sob o braço. Para um dólar e cinquenta e cinco, vinte centavos seriam mais do que uma gorjeta, já tendo gasto dois dólares, só ficaria com um para emergências, portanto era melhor trocar cinco dólares.

- Muito bem, pode cobrar um e oitenta e cinco, meu chapa.

- Obrigado - disse o motorista com aquela falsidade mecânica e entregou-lhe o troco.

Marten enfiou as três notas na carteira, guardou-a, levantou a pasta e enfrentou as correntes humanas na calçada para atingir as portas de vidro do edifício.

Levkovich? - pensou vivamente, e parou. Um transeunte desviou-se do seu cotovelo.

- Desculpe - murmurou Marten e prosseguiu em direção à porta.

Levkovich? Não era o que o sinal no caminhão dizia. O nome era Lew-ko-witz. Por que ele pensava em Levkovich? Mesmo com o seu alemão de colégio, trocando os "ww" por "vv", de onde tirara aquele "ich"?

Levkovich? Deu de ombros para tudo aquilo, bruscamente. Se desse uma chance, aquilo o perseguiria como os tambores de uma parada.

Concentremo-nos nos negócios. Estava ali para o compromisso de um almoço com aquele homem, Naylor. Estava ali para transformar um contrato numa conta e começar, aos vinte e três, a suave elevação nos negócios que, conforme planejava, levalo-ia a casar-se com Elizabeth em dois anos, e transformando-o num *paterfamilias* nos subúrbios em dez.

Entrou no vestíbulo com uma cara de firmeza e decisão e encaminhou-se para a rua dos elevadores, os olhos deslizando pelas letras brancas dos nomes das placas de endereços, ao passar.

Era um tolo hábito, querer captar os números das salas ao passar, sem diminuir o passo ou (que Deus o livrasse) parar inteiramente. Sem nenhuma interrupção em sua caminhada, dizia para si mesmo que poderia manter a impressão de pertencer ao ambiente e conhecer o caminho, coisa importante para um homem cujo trabalho envolvia o tratamento direto com outros seres humanos.

Kulinetts era o que procurava e a palavra o divertia. Uma firma especializada na produção de pequenas utilidades domésticas, lutando masculamente por um nome

que fosse significante, feminino, modesto, tudo ao mesmo tempo...

Os olhos de relance bateram nos Ms e moveram-se para cima enquanto caminhava. Mandel, Lusk, Uppert Editora (dois andares completos!) Lafkowitz, Kulinetts. Ali estava. Sala 1024, décimo andar. O.K.

E então estancou, voltou-se relutante à placa e ficou a olhar como se fosse estranho na cidade.

Lafkowitz?

Que maneira de escrever era aquela?

Mas era bastante claro. Lafkowitz, Henry J., 701. Agora com "A". Não era justo. Mas, que bobagem.

Bobagem? Por quê? Sacudiu a cabeça, como se quisesse aclarar as ideias Que diabo, por que tinha que se incomodar com a grafia? Voltou-se, carrancudo, e apressou-se para a porta de um elevador que se fechou exatamente quando a atingia, deixando-o frustrado.

Outra porta se abriu e ele entrou bruscamente. Enfiou a pasta sob o braço e tentou parecer bem vivo e brilhante - um jovem executivo na melhor forma. Tinha que impressionar Alex Naylor, com quem se comunicara até então por telefone. Se fosse se preocupar com Lewkowitzes e Lafkowitzes.

O elevador parou silencioso no sétimo. Uma jovem, usando mangas curtas, deixou o elevador balançando o que se parecia com a gaveta de uma escrivaninha na qual estavam três copos de café e três sanduíches.

E exatamente naquele instante, quando as folhas da porta começaram a fechar-se, diante dos olhos de Marten surgiu, pintado em preto sobre vidro fosco, o letreiro: 701 - Henry J. Lefkowitz - Importador - que foi inexoravelmente apagado quando as folhas da porta se uniram.

Marten inclinou-se para a frente, excitado. Seu primeiro impulso foi dizer: - "Leve-me de volta ao sétimo".

Mas havia outras pessoas no elevador. E afinal de contas, não tinha um motivo para fazer aquilo.

Ainda assim, havia um pouco de excitação nele. Aquela placa devia estar errada, O nome era com A e não E. Algum analfabeto de um servente, com um pacote de letras para pregar no vidro, e somente uma pata para executar o trabalho.

Lefkowitz. Ainda não estava certo.

Mas voltou a sacudir a cabeça. Já acontecia pela segunda vez. Não estava certo por quê?

O elevador parou no décimo andar e Marten saiu.

Alex Naylor, da Kulinetts, não correspondeu à expectativa: era um homem de meia-idade, com um topete de cabelo branco, compleição forte e sorriso largo. A palma da sua mão revelou-se seca e áspera, havia demasiada força no seu aperto de mão e levou a mão esquerda ao ombro de Marten na mais franca demonstração de amizade.

- Estarei com você em dois minutos - disse ele. - Que tal almoçarmos aqui mesmo no edifício? Temos um excelente restaurante e eles têm lá um rapaz que prepara muito bem o martíni Que lhe parece

- Está ótimo, ótimo - e Marten bombeou entusiasmo de um reservatório meio estúpido.

Foram mais dez minutos do que dois, e Marten esperou com o usual desconforto que um homem sente num escritório estranho. Ficou a olhar para o estofado das cadeiras e para uma pequena cabine dentro da qual se sentava uma jovem e eficiente

telefonista. Passou os olhos pelos quadros nas paredes e chegou a fazer uma tentativa, sem muita convicção, de ler um periódico comercial, na mesa a seu lado.

O que não faria seria pensar em Lev...

E realmente não pensou.

O restaurante era bom, ou teria sido, se Marten se sentisse inteiramente à vontade. Felizmente estava livre de carregar o fardo da conversação. Naylor falava alto e rapidamente, relanceou para o cardápio com ar de conhecedor, recomendou "Ovos Benedict" e fez comentários sobre o tempo e a miserável situação do tráfego.

A certa altura Marten tentou perder aquela sua nebulosa distração. Mas a inquietação sempre voltava. Alguma coisa estava errada. O nome estava errado. E aquilo permanecia como um obstáculo ao que tinha que fazer.

Com extremo esforço tentou quebrar aquela espécie de demência. Com súbito desembaraço no falar, conduziu a conversação para o assunto das instalações elétricas. Foi precipitado, de sua parte. Não havia fundamento e a transição fora abrupta.

O almoço porém havia sido bom, a sobremesa estava a caminho e Naylor respondia amavelmente.

Admitiu que não estava satisfeito com as disposições atuais. Sim, interessara-se pela firma de Marten e, na realidade, parecia que, sim, havia uma possibilidade, uma boa possibilidade, pois ele pensava que... Mas uma mão descansou sobre o ombro de Alex quando um homem passou por trás de sua cadeira:

- Como vai o rapaz, Alex?

- Ei, Lefk, como vão os negócios? - disse Naylor olhando para cima, de sorriso pronto e brilhante.

- Não posso me queixar. Verei você no... - e desapareceu na distância.

Marten não estava escutando. Sentiu que seus joelhos tremiam, e quase se levantou:

- Quem era aquele homem? - perguntou avidamente. E a pergunta soou mais peremptória do que pretendera.

- Quem? Lefk? Jerry Lefkovitz. Você o conhece? - e tomado de fria surpresa, Naylor encarava o seu companheiro de almoço.

- Não. Como se soletra o nome?

- L-E-F-K-O-V-I-T-Z, acho. Por quê?

- Com V?

- Com F... Oh, há um V também no nome. - A maior parte do bom humor deixara o rosto de Naylor.

- Há um Lefkowitz neste edifício - disse Marten. - Com W. Você sabe, Lef-COW-itz,

- Oh?

- Sala 701. Não é esse aí

- Jerry não trabalha neste edifício. Tem um escritório do outro lado da rua. Não conheço esse outro. Este é um grande edifício, você sabe, e eu não ponho etiquetas em todos os que têm escritórios aqui. Mas a que vem tudo isto?

Marten balançou a cabeça e voltou a sentar-se. Não sabia a que vinha tudo aquilo, de modo algum. Ou, pelo menos, se sabia, seria algo que não ousaria expor.

- Tenho sido perseguido de todas as maneiras por Lefkowitzes durante o dia de hoje - conseguiu dizer. E por fim, recobrando-se: - Estávamos falando sobre instalações elétricas.

- Sim. Bem, conforme já disse, tenho estado a considerar a sua firma. Mas como pode compreender, tenho que discutir o assunto com os rapazes da produção. Eu lhe informarei.

- Certo - disse Marten, infinitamente deprimido. Naylor não o informaria. Desfizera-se toda a possibilidade de negócio.

E no entanto, através e para além da sua depressão, permanecia ainda aquele desassossego.

Que Naylor fosse para o inferno. Tudo o que desejava era desvencilhar-se da situação presente e prosseguir com aquilo. (Aquilo o quê? Mas a pergunta era agora somente um sussurro, O que quer que fosse que dentro dele o questionara, desfazia-se, desaparecia...)

A tortura do almoço chegou ao seu final. Cumprimentaram-se como amigos de há muito separados, e agora se despediam como estranhos.

Marten só sentia alívio.

De pulso agitado abriu caminho por entre as mesas procurando a saída do edifício assombrado, para a rua assombrada.

Assombrada? Era a Avenida Madison às treze e vinte, numa tarde de início de outono, com o sol brilhando vivamente sobre dez mil homens e mulheres enxameando ao longo de sua extensão.

Marten, porém, sentia a assombração. Enfiou a pasta sob o braço e, desesperado, dirigiu-se para o norte. O último sopro de sanidade nele avisou-o de que tinha um compromisso às quinze horas na rua 36. Não tinha importância. Seguiu adiante, para o norte.

Na rua 54 atravessou a Madison e foi para o oeste, mas parou de repente e olhou para cima.

Havia uma tabuleta na janela do terceiro andar, e ele pôde ler claramente: A. S. Lefcowich, Perito Contador.

Agora tinha um F e um EW, mas era o primeiro final em "ich" que ele encontrava. O primeiro. Estava chegando perto. Foi para o norte novamente, na Quinta Avenida, apressando-se através das ruas irreais e de uma cidade irreal, arquejando à procura de alguma coisa, enquanto as multidões à sua volta começaram a desaparecer gradualmente.

Uma tabuleta em janela de andar térreo: M. R. Lefkowicz, Médico.

Um pequeno semicírculo de letras douradas na janela de uma confeitaria: Jacob Levkow.

(Metade do nome, pensou ele selvagemente. Por que ele está me perturbando com meio nome?)

As ruas estavam vazias agora, exceto pelo variado clã de Lefkowitz, Levkowitz, Lefkowicz se destacando no vácuo.

Estava apenas vagamente consciente do parque adiante, surgindo como mancha verde imóvel. Seguiu para o oeste. Um pedaço de jornal flutuou pelo canto dos seus olhos, o único movimento em um mundo morto. Virou-se, inclinou-se e apanhou-o sem diminuir o passo.

Era uma meia página rasgada, em iídiche.

Não podia lê-la. Não podia ler as letras hebraicas borradas, e não poderia lê-las, ainda que fossem claras. Uma única palavra porém era perfeitamente nítida. Sobressaia-se, em letras escuras, no centro da página, cada letra inteiramente clara no seu traçado. E dizia Lefkovitsch, ele sabia e, ao dizer em voz alta, colocou a acentuação na segunda sílaba: Lef-có-vich.

Largou o pedaço de jornal ao vento e entrou no parque deserto.

As árvores estavam inertes e as folhas pendiam estranhamente. A luz do sol era um peso morto sobre elas e não fornecia calor.

Estava correndo, mas Seus pés não levantavam poeira e um tufo de grama sobre o qual pisou, não dobrou.

E lá no banco estava um velho - o único ser humano no parque desolado. Usava um boné negro de feltro, com uma pala que lhe encobria os olhos e de sob o boné apareciam tubos de cabelo grisalho. A barba também grisalha atingia a borda da sua jaqueta rústica. As velhas calças estavam remendadas e um fio de aniagem apertava cada pé dos seus sapatos gastos e deformados.

Marten parou. Era difícil respirar. Podia dizer apenas uma única palavra e usou-a para fazer a sua pergunta:

- Levkovich?

E ficou ali parado, enquanto o ancião levantava-se vagarosamente, os velhos olhos castanho-escuros olhando mais de perto.

- Marten - suspirou ele. - Samuel Marten. Então você veio. - E as palavras soaram com efeito de dupla exposição, porque sob o som do inglês, Marten percebeu o fraco suspiro de uma língua estrangeira. Sob "Samuel" ficava a sombra inaudível de "Schmuel".

As mãos ásperas e nodosas do ancião adiantaram-se, para em seguida encolherem-se, como se tivessem medo de tocar.

- Tenho procurado, mas há tanta gente neste deserto de cidade. Há tantos Marins e Martines, tantos Mortons e Mertons. Parei por fim quando encontrei um pouco de verde, mas apenas por um momento, pois não cometeria o pecado de perder a fé. E então você veio.

- Sou eu - disse Marten, e sabia que era.- E você é Phinehas Levkovich. Por que estamos aqui?

- Sou Phinehas ben Jehudah, a quem foi prescrito o nome de Levkovich pelo ukase do Czar, que determinou os nomes de famílias para todos. E aqui estamos - disse o velho homem suavemente - porque eu rezei. Quando eu já era velho, Leah, minha única filha, a filha da minha velhice, saiu em busca da América com seu marido, deixou o chicote russo dos antigos pela nova esperança. Meus filhos morreram e Sarah, a esposa do meu coração, de há muito havia morrido e eu fiquei sozinho. E chegou o tempo em que também eu devia morrer. Mas não voltei a ver Leah desde que nos deixou por um país distante; as notícias chegavam, mas raramente. Minh'alma ansiava por ver os filhos nascidos dela, filhos da minha semente, filhos nos quais a minha alma podia ainda viver e não morrer.

Sua voz era firme e a sombra inaudível do som por trás das suas palavras, mantinha a entonação majestosa de uma linguagem venerável.

- Meu pedido foi atendido e duas horas me foram dadas para que eu pudesse ver o primeiro filho, de minha linhagem, nascido numa nova terra e num novo tempo. Filho da filha de minha filha, encontrei-o então, em meio do esplendor desta cidade?

- Mas por que essa procura? Por que não nos reuniu de uma vez?

- Porque existe prazer na esperança da procura, meu filho - disse o velho, radiante - e deleite no encontro. Foram-me dadas duas horas, dentro das quais eu devia procurar, tempo dentro do qual eu devia encontrar... - e vê; estás aqui e eu encontrei aquele a quem não pude ver durante minha vida. Está tudo bem contigo, meu filho?

- Está tudo bem, meu pai, agora que te encontrei - disse Marten caindo de joelhos. - Dá-me tua benção, meu pai, para que tudo me corra bem por todos os dias de minha vida e para a mulher que tomarei como esposa e para os pequeninos ainda por nascer da minha semente e da tua.

Sentiu quando a velha mão descansou levemente sobre a sua cabeça e percebeu

apenas um sussurro, quase inaudível.

Marten levantou-se.

Os olhos do velho fixavam-se nos dele, ansiosamente. Estariam se tomando opacos?

- Vou para meus pais agora, em paz, meu filho - disse o velho homem e subitamente Marten estava sozinho no parque deserto.

Houve então um instante de movimento renovado, o Sol voltou à sua interrompida tarefa, o vento reviveu mas, mesmo naquele primeiro instante de sensação, tudo voltava atrás...

Ao meio-dia e dez, 5am Marten tentava sair de um táxi e viu-se a procurar, às apalpadelas e inutilmente, a sua carteira, enquanto o tráfego movia-se lentamente.

Um caminhão vermelho diminuiu a marcha, para depois seguir. Letras brancas nas laterais anunciavam: F. Lewkowitz & Filhos - Roupas por Atacado.

Marten não o viu. E ainda assim ele sabia que tudo correria bem. De algum modo, como nunca, ele sabia...

Esta agora é complicada. Devo recuar a 1938-39 quando, durante cerca de meia dúzia de edições, uma revista cujo nome não citarei tentou experimentar o que posso chamar somente de "histórias de ficção científica apimentadas". Considerando-se a liberdade sexual permitida aos escritores de hoje, aquelas apimentadas histórias corresponderiam a "The Bobbsey Twins in Outer Space" dos dias de hoje, mas, na época, eles faziam assobiar os poucos leitores de tal revista.

Os contos tratavam pesadamente das ardentes paixões de monstros alienígenas por mulheres da Terra. As roupas estavam sempre sendo rasgadas e os seios eram descritos numa grande variedade de elipses. (Sim, eu sei que é um trocadilho...) A revista mereceu a morte que teve, não tanto pelo seu sexo e sadismo, como pela monotonia mortal das suas histórias e a péssima qualidade dos seus "escritos".

A cortina caiu, voltando a levantar-se em 1960. A revista Playboy decidiu divertir-se um pouco com ficção científica. Publicou um artigo intitulado "Garotas para o Deus do Limo", no qual pretendia (com bom humor), que a ficção científica se resumia em sexo e sadismo. Na realidade, pouco pôde encontrar para satirizar, porque até 1960 não havia nenhum ramo da literatura, em parte alguma (exceto talvez nas histórias para crianças nos suplementos dos jornais de domingo) que fosse tão puritano como a ficção científica. Mas desde 1960, para ser claro, a liberdade sexual penetrou até mesmo na ficção científica.

Playboy portanto teve que ilustrar o seu artigo com as capas cômicas sobre sexo de revistas de ficção científica, e teve que extrair todas as suas citações da única fonte disponível - aquela revista de 1938-39 já mencionada.

Cele Goldsmith, editora de *Amazing Stories*, leu o artigo e me chamou imediatamente. Sugeriu-me que escrevesse um conto intitulado Playboy e o Deus do Limo, satirizando a sátira. Senti-me fortemente tentado a fazê-lo, por diversas razões:

1) Para saber quem era a Srta. Goldsmith, era preciso vê-la para acreditar. Foi o único editor de ficção científica que conheci que se parecia com uma vedete e acontece que sou esteticamente afetado (ou algo assim) pelas mulheres do tipo vedete.

2) Levo a sério a ficção científica e senti-me irritado por ter aquela revista de 1938-39 dado a Playboy a oportunidade para sátira. Desejava devolver a sátira.

3) Rapidamente pensei no que desejava dizer exatamente.

Assim, pois, escrevi Playboy e o Deus do Limo, usando algumas das mesmas citações que Playboy havia usado e tentando mostrar o que um encontro entre alienígenas interessados em sexo e mulheres da Terra pode realmente vir a ser. (Devo dizer que a Srta. Goldsmith escreveu os últimos três parágrafos da história. Eu tinha um final muito pretensioso e o da Srta. Goldsmith era muito melhor - de maneira que aceitei-o não somente na revista, como aqui.)

O título era um problema, porém. Era odioso. Quando o recentemente falecido Groff Conklin (ai de mim), que foi um dos mais infatigáveis antologistas do ramo, estava considerando a história para uma das suas coleções, indagou-me piedosamente se não teria uma alternativa para o título. - Pode apostar que tenho! - disse eu, - Que tal: O Que é Essa Coisa Chamada Amor?

O Sr. Conklin ficou encantado, e também eu, e este foi o título que usou e que estou usando agora.

*1ª publicação - Amazing Stories - março de 1961, sob o título "Playboy and the Slime God".* *Copyright 1961 - by Ziff-Davis Publishing Company.*

# O que é essa coisa chamada amor?

- Mas são duas espécies - disse o Capitão Garm, olhando detidamente para as criaturas que foram trazidas do planeta lá embaixo.

Os órgãos ópticos ajustaram o foco pare o máximo de acuidade, sobressaindo-se à medida que o faziam. A faixa colorida em cima deles luziu em rápidos clarões.

Botax sentiu-se agradavelmente confortado por estar observando mudanças de cores uma vez mais depois de meses na sua cela de espião naquele planeta, tentando encontrar algum sentido nas ondas sonoras moduladas emitidas pelos nativos. A comunicação por meio de luz era quase como estar em casa, em Perseu, lá nos confins de um braço da Galáxia.

- Não duas espécies - disse ele - mas duas formas de uma mesma espécie.

- Tolice, parecem bem diferentes. Têm vagamente a forma de Perseu, graças ao Ente, e não têm a aparência assim tão nojenta como muitas outras formas estranhas. Formato razoável, membros reconhecíveis. Mas não têm faixa colorida. Eles falam?

- Sim, Capitão Garm - e Botax concedeu a si mesmo um interlúdio prismático de discreta desaprovação. - Os detalhes estão em meu relatório. Estas criaturas formam ondas sonoras por meio da garganta e da boca, algo assim como uma tosse complicada. Eu mesmo aprendi a fazê-lo - estava calmamente orgulhoso. - É muito difícil.

- Deve causar náuseas. Bem, mas isto explica os seus olhos achatados, inextensíveis. Não falar com as cores torna os olhos praticamente dispensáveis. Entretanto, como pode insistir que constituem uma única espécie? Aquele da esquerda é menor, possui tentáculos mais longos, ou o que quer que seja, e parece diferentemente proporcionado. Tem protuberâncias onde o outro não tem. Estão vivos?

- Vivos, mas não conscientes no momento, Capitão. Foram psico-tratados para reprimir o medo, a fim de que possam ser estudados mais facilmente.

- Mas valem a pena ser estudados? Estamos atrasados, e temos ainda pelo menos cinco mundos de maior importância para verificar e explorar. Manter uma unidade de estase e de tempo é dispendioso, e eu gostaria de devolvê-los e prosseguir.

Mas o corpo úmido e delgado de Botax estava vibrando razoavelmente de ansiedade. A sua língua tubular projetou-se, curvando-se para cima do seu nariz achatado, enquanto os olhos eram chupados para dentro. Sua mão de três dedos executou um gesto de negação e seu discurso foi quase inteiramente para o vermelho escuro.

- O Ente nos livre, Capitão, porque não há mundo de maior importância para nós do que este. Podemos ter que enfrentar uma crise suprema. Estas criaturas podem ser as formas de vida mais perigosas da Galáxia, Capitão, exatamente porque existem em duas formas.

- Não compreendo.

- Capitão, a minha tarefa tem sido estudar este planeta, o que é muito difícil porque ele é único. Na verdade é tão original que dificilmente posso compreender as suas facetas. Por exemplo, quase todo tipo de vida no planeta consiste de espécies em duas formas. Não há palavras para descrevê-las e nem sequer conceitos. Somente posso falar de primeira forma e segunda forma. Se posso usar os sons que eles

emitem, a menor das formas é chamada "fêmea" e este maior aqui, "macho", e as próprias criaturas estio conscientes da diferença.

- Mas que meio de comunicação mais feio - disse o Capitão, estremecendo.

- E, capitão, a fim de que os mais novos surjam, as duas formas têm que cooperar.

O Capitão, que se havia inclinado para a frente, para examinar os espécimens bem de perto, com uma expressão que era um misto de interesse e nojo, endireitou-se imediatamente:

- Cooperar? Que tolice é essa? Não existe atributo de vida mais fundamental do que o que permite a cada criatura vivente fazer surgir os jovens por meio da mais íntima comunicação consigo mesma. Que mais pode fazer a vida valer a pena?

- Esta forma aqui faz surgir a vida, mas a outra tem que cooperar.

- Como?

- Isto tem sido difícil de determinar. Trata-se de algo muito privado e na minha procura através da literatura disponível dessas formas, não pude encontrar uma descrição exata e explícita. Mas tenho sido capaz de fazer razoáveis deduções.

- Ridículo - disse Garm balançando a cabeça. - Brotar é a mais santa, a função mais privada em todo o mundo. Em dezenas de milhares de mundos é sempre a mesma coisa. Como disse o grande fotobardo Levulin, "No tempo-florescente, no tempo de brotar, no doce e delicioso tempo de brotar, quando..."

- Capitão, o senhor não compreende. A cooperação entre estas formas provoca (e não estou certo de exatamente como) uma mistura e recombinação de genes. Trata-se de um estratagema por meio do qual em todas as gerações novas combinações de características são trazidas à existência. Às variações se multiplicam. Os genes modificados têm sua expressão acelerada quase que imediatamente quando, sob o sistema usual de brotos, podem se passar milênios, antes.

- Está tentando me dizer que os genes de um indivíduo podem combinar-se com os de outro? Sabe quanto é inteiramente ridículo tudo isto à luz de todos os princípios da fisiologia celular?

- Deve ser assim - disse Botax, nervosamente, sentindo o brilho dos olhos protuberantes do outro. - A evolução é apressada. Este planeta é uma orgia de espécies. Deve-se supor que existam um milhão e um quarto de espécies de criaturas diferentes.

- Uma dúzia e um quarto é mais provável. Não aceite inteiramente o que você lê na literatura nativa.

- Mas eu mesmo vi dúzias de espécies radicalmente diferentes numa área bem pequena. Digo-lhe, Capitão, conceda a estas criaturas um curto espaço de tempo e elas se transformarão em intelectos suficientemente poderosos para nos subjugar e governar a Galáxia.

- Prove essa cooperação que diz existir, Investigador, e eu levarei em consideração a sua argumentação. Se não puder provar, rejeitarei todas as suas fantasias como ridículas e sairemos daqui.

- Mas eu posso provar - e os clarões coloridos de Botax passaram a um amarelo-esverdeado. - As criaturas deste mundo também são únicas de outro modo. Podem prever avanços que ainda não fizeram, provavelmente como uma consequência da sua crença numa mudança rápida que, afinal de contas, testemunham constantemente. Em consequência, entregam-se a um tipo de literatura que envolve a viagem espacial, que nunca chegaram a desenvolver. Traduzi o termo deles para esta literatura, como "ficção científica". Agora, as minhas leituras consistem quase que exclusivamente de ficção científica porque eu penso que ali, nos seus sonhos e fantasias, eles se porão inteiramente a descoberto, assim como o perigo que constituem para

nós.

- E como você fez isso?

- Existe um periódico neste mundo que algumas vezes publica ficção científica, devotando-a, entretanto, quase que inteiramente aos vários aspectos da cooperação. Não chega a falar livremente, o que é perturbador, persistindo apenas em insinuar. O seu nome, tanto quanto pude fazer, adaptando-o é "Rapaz Recreativo" A criatura que o dirige, deduzo eu, não se interessa por nada mais além da cooperação entre as formas e procura por ela em todos os lugares com uma intensidade tão cientificamente sistemática que me causou assombro. Ele encontrou exemplos de cooperação descritos na ficção científica e usei o material desse periódico como orientação. Pelas histórias que ele citou, aprendi como levar à cooperação.

- E, Capitão, quero implorar-lhe, quando a cooperação se der e os rebentos surgirem diante de seus olhos, dê ordens para que nem um átomo sequer deste mundo seja deixado.

- Bem - disse o Capitão Garm, pouco à vontade - faça-os ficar inteiramente conscientes e faça o que deve rapidamente.

De súbito, Marge Skidmore estava inteiramente consciente do local que a circundava. Lembrava-se perfeitamente da estação elevada, no começo do crepúsculo. Estava quase vazia, um homem de pé perto dela e outro no fim da plataforma. O trem que se aproximava acabara de anunciar a sua chegada com um fraco rumor de rodas à distância.

Foi quando houve aquele clarão, a sensação de estar sendo virada pelo avesso, a meia visão de uma criatura comprida, gotejando muco, um puxão para cima e agora...

- Oh, Deus! - disse ela estremecendo. - Ainda está aqui. E há um outro, também.

Sentia náuseas, mas não tinha medo. Estava quase orgulhosa, por não sentir medo. O homem perto dela estava tranquilamente de pé, como ela, usando um gasto chapéu diplomata e era o que lhe ficara próximo, na plataforma.

- Apanharam você também? - perguntou ela. - E quem mais?

Charlie Grimwold, sentindo-se mole e obeso, tentou levantar a mão para tirar o chapéu e alisar o cabelo fino que descaíra, mas que não cobria inteiramente a sua calva e descobriu que se movia com dificuldade contra uma resistência resiliente cada vez maior. Deixou a mão cair e olhou morosamente para a mulher de rosto magro que o encarava. Devia ter uns trinta e cinco anos, calculou ele, o cabelo era bonito, o vestido caía-lhe bem mas, no momento, só desejava estar em qualquer outro lugar e não lhe fazia nenhum bem ter companhia - ainda que fosse feminina.

- Não sei, madame - disse ele. - Estava apenas parado na plataforma da estação.

- Eu também.

- Então, vi um clarão. Não ouvi nada. E agora aqui estou. Devem ser os homenzinhos de Marte ou Vênus ou algum desses lugares.

- Foi o que imaginei - disse Marge concordando com a cabeça, vigorosamente. - Um disco-voador? Está com medo?

- Não. O que é engraçado, a senhora sabe. Penso que estou ficando louco ou estaria em pânico.

- Coisa engraçada. Também não estou assustada. Oh, Deus, aí vem um deles agora. Se ele tocar em mim vou começar a gritar. Olhe para aquelas mãos serpeantes. E para aquela pele enrugada, toda viscosa. Ele me dá náuseas.

Botax aproximou-se, balançando, e disse numa voz que era ao mesmo tempo ás-

pera e aguda, mas era o melhor que podia fazer para imitar o timbre dos nativos.

- Criaturas! Não vamos agredi-los. Mas devemos perguntar se nos fariam o favor de cooperar.

- Olhe, a coisa fala! - disse Charlie. - Que quer dizer com cooperar?

- Estou falando de vocês. Um com o outro - disse Botax.

- O que - e olhou para Marge. - Sabe o que ele quer dizer, madame?

- Não tenho a menor ideia do que seja - disse ela, arrogante.

- O que quero dizer... - continuou Botax, e usou o curto termo que certa vez escutara ser empregado como um sinônimo para o processo.

- O quê? - disse Marge ficando vermelha e gritando o mais alto que pôde. Botax e o Capitão Garm levaram as mãos à região central dos seus corpos a fim de cobrir as faixas auditivas, que tremiam dolorosamente com os decibéis.

- E entre outras coisas sou uma mulher casada - prosseguiu Marge, rápida e quase incoerentemente. - Se o meu Ed estivesse aqui, você teria que escutar algumas dele. E você ai, sabichão, seja quem for, se você pensa... - e ela agora, voltando-se contra Charlie, sentia novamente aquela resistência borrachenta.

- Mas, minha senhora - disse Charlie desesperado e pouco à vontade - a ideia não foi minha. Sou incapaz, pode crer, de molestar uma dama. E também eu sou casado e tenho três crianças. Escute...

- O que está acontecendo, Investigador Botax? Estes sons cacofônicos são horríveis.

- Bem - e Bota apresentou uma rápida mancha cor de púrpura de embaraço. - Eles têm um ritual complicado. Devem parecer relutantes, de início, intensifica o resultado subsequente. Depois do estágio inicial, as peles devem ser removidas.

- Eles têm que ser esfolados?

- Não propriamente. Aquelas são peles artificiais que podem ser removidas sem dor, e devem ser removidas. Particularmente as da forma menor.

- Está bem, então. Diga-lhes para removerem as peles. Mas realmente, Botax, eu não estou achando isto nada agradável.

- Não acho que é melhor dizer à forma menor para remover as suas peles. Penso que é melhor observar o ritual, atentamente. Tenho aqui alguns trechos daquelas histórias de viagem espacial onde o homem do periódico "Rapaz Recreativo" fala com tanto entusiasmo. Em tais histórias, as peles são removidas à força. Tenho aqui a descrição de um acidente, por exemplo, que "acabou com o vestido da garota, rasgando-o ao quase arrancá-lo do seu delgado corpo. Por um segundo sentiu a cálida firmeza do seu seio meio despido contra o seu rosto". E assim por diante. Como vê, os atos de rasgar e de remover à força agem como estímulo.

- Seio? - disse o Capitão. - Não reconheço a luz.

- Inventei-a, para cobrir o significado. Refere-se às protuberâncias da região dorsal superior da forma menor.

- Entendo. Bem, diga ao maior dos dois para rasgar as peles e as tirar da forma menor. Que coisa desanimadora!

- Senhor - disse Botax, voltando-se para Charlie. - Rasgue o vestido da garota até quase arrancá-lo do seu delgado corpo, por favor. Vou libertá-lo, para isso.

- Não se aproxime de mim - disse Marge, de olhos arregalados, voltando-se para Charlie, ultrajada. - Não ouse tocar-me, seu tarado!

- Eu? - disse Charlie em tom lamentoso. - Não foi ideia minha, já disse. Acha que saio por aí rasgando vestidos? Escute - e voltou-se para Botax - tenho mulher e três filhos. Se minha mulher descobre que ando rasgando vestidos, vou levar uma surra. Sabe o que minha mulher faz quando eu apenas olho para outra mulher? Ei!

Escute...

- Ainda está relutante? - disse o Capitão, impaciente.

- Aparentemente - disse Botax. - O ambiente estranho, o senhor sabe, pode estar delongando este estágio da cooperação. Como sei que isto é desagradável para o senhor, executarei este estágio do ritual eu mesmo. Frequentemente está escrito nas histórias de viagens espaciais que uma espécie de outro mundo executa a tarefa. Por exemplo, aqui - e folheou as suas notas, achando por fim o que desejava - eles descrevem uma espécie horripilante. As criaturas deste planeta têm ideias estúpidas. Nunca lhes ocorre imaginar sujeitos simpáticos como nós, com uma bela cobertura mucosa.

- Mas ande, ande! Não leve o dia todo - disse o Capitão.

- Sim, Capitão. Diz aqui que "um extraterrestre encaminhou- se para o local onde a garota estava. Gritando histericamente, estava aninhada no abraço do monstro. As garras rasgavam cegamente o seu corpo e lhe arrancavam a saia aos pedaços". Como vê, a criatura nativa grita estimulada, enquanto as suas peles são removidas.

- Então vá em frente, Botax. Mas, por favor, não permita nenhum grito. Estou tremendo todo com as ondas sonoras.

- Se não se importa... - disse Botax, dirigindo-se a Marge educadamente. E um dedo espatulado se projetou para enganchar-se na gola do vestido. Muge debateu-se desesperadamente:

- Não me toque, não me toque! Vai cobrir o vestido de limo. Escute, custou $24.95 na loja Ohrbach. Fique longe, seu monstro. Olhe só os olhos dele. - E ela arquejava com os desesperados esforços que fazia para se livrar da mão ansiosa do extraterrestre. - Monstro viscoso, de olhos esbugalhados! Escute, eu mesma vou tirar. Mas não toque nele com seu visco, pelo amor de Deus! - Tateou à procura do zíper, fazendo um furioso aparte para Charlie:

- Não tenha a ousadia de olhar!

Charlie fechou os olhos e deu de ombros, resignado.

- Está bem? Satisfeito? - disse ela, saindo do vestido.

Os dedos do Capitão Garm retorciam-se de infelicidade:

- Aquilo é o seio? Por que a outra criatura mantém a cabeça virada?

- Relutância, relutância - disse Botax. - E além disso, o seio ainda está coberto. Outras peles têm que ser removidas. Quando nu, o seio é um estímulo muito forte. É constantemente descrito como globos de marfim ou brancas esferas e outras coisas neste gênero. Tenho aqui alguns desenhos e representações pictóricas, retirados das capas das revistas sobre viagens espaciais. Se os inspecionarmos, verificará que em todas elas a criatura é apresentada com um seio mais ou menos exposto.

O capitão olhava pensativamente para as ilustrações, em seguida para Marge e vice-versa:

- O que é marfim?

- É outra luz que inventei. Representa o material de presa de uma da maiores espécies sub-inteligências deste planeta.

- Ah! - disse o Capitão Garm, adquirindo o verde pastel de satisfação. - Isto explica. Esta pequena criatura pertence a uma seita guerreira e aquilo ali são presas, com as quais esmaga o inimigo.

- Não, não. São bem macios, pelo que entendo - e a pequena mão marrom de Botax adiantou-se na direção dos objetos em discussão enquanto Marge gritava e se encolhia.

- Mas então, para que mais eles servem?

- Penso - disse Botax com considerável hesitação - que são usados para alimentar

os mais jovens.

- Os menores os comem? - indagou o Capitão com toda a evidencia de profundo desgosto.

- Não exatamente. Os objetos produzem um fluido que os menores consomem.

- Consumir um fluido de um corpo vivo? Yeech-h-h! - e o Capitão cobriu a cabeça com todos os seus três braços, chamando o central supranumerário para tal propósito e retirando-o da sua bainha tão rapidamente que quase nocauteou Botax.

- Um monstro de três braços, viscoso, olhos de mosca - disse Marge.

- É..._ - disse Charlie.

- Está bem, mas cuidado com os olhos. Mantenha-os fechados.

- Escute, senhora. Estou tentando não olhar.

- Madame - disse Botax - poderia remover o resto?

- Nunca! - e Marge empertigou-se tanto quanto pôde, contra o campo paralisante.

- Removo eu, se quiser.

- Não me toque! Pelo amor de Deus, não me toque! Olhe só o visco escorrendo dele, está vendo? Está bem, eu tirarei o resto. - Murmurava, sob a respiração, e olhava com raiva para Charlie, enquanto se despia.

- Nada está acontecendo - disse o Capitão, profundamente contrariado - e este espécimen parece imperfeito.

- Apresentei-lhe dois espécimens perfeitos - disse Botax sentindo a crítica à sua eficiência. - O que está errado com a criatura?

- Os seios não consistem de globos ou esferas. Sei o que globos e esferas são e nestas figuras que você me mostrou eles estão bem delineados. Aqueles são globos grandes. Nesta criatura, entretanto, o que temos não é nada mais do que pequenas abas de tecido seco. E estão meio descorados, também.

- Bobagem - disse Botax. - Deve ceder lugar a uma certa variação natural. Esclarecerei com a própria criatura. - E voltando para Marge. - Madame, o seu busto é imperfeito?

Os olhos de Marge arregalaram-se e se contorceu em vão por alguns momentos, sem fazer nada senão cuspir:

- Vejam só! Talvez eu não seja uma Gina Lollobrigida ou Anita Ekberg, mas sinto-me perfeitamente bem, muito obrigada. Oh, Deus, se ao menos o meu Ed estivesse aqui! - E voltando-se para Charlie: - Escute aí, você; diga a esta criatura de olhos de mosca e corpo viscoso que não há nada de errado com meu desenvolvimento!

- Senhora - disse Charlie suavemente - eu não estou olhando, lembra-se?

- Ah, é claro que você não está olhando. Mas está espreitando o suficiente, de maneira que pode perfeitamente abrir esses seus olhos empapuçados e defender uma senhora, se é que possui o mínimo de cavalheirismo, o que provavelmente não tem.

- Está bem - disse Charlie olhando de lado para Marge, que aproveitou a oportunidade para respirar fundo e lançar os ombros para trás. - Eu não gosto de me meter em assuntos delicados como este, mas a senhora tem um busto normal, eu acho.

- Você acha? É cego ou algo assim? Certa vez concorri a Miss Brooklyn, caso você não saiba, e onde eu perdi pontos foi na linha da cintura e não nos...

- Está bem, está bem; são bonitos, sério! - e voltando-se para Bota, balançou a cabeça vigorosamente na sua direção. - Eles são perfeitos. Não sou propriamente um perito, você sabe, mas eles estão ótimos para mim.

Marge descontraiu-se. Botax sentiu-se aliviado.

- A forma maior expressa interesse, capitão - disse voltando-se para Garm. - O estímulo está funcionando. Agora, vamos ao estágio final.

- E em que consiste?

- Não existem cores para expressá-lo. Em essência, consiste em colocar o aparelho que ao mesmo tempo serve para falar e comer, de um, sobre o aparelho equivalente do outro. Desenvolvi uma luz para o processo, assim: beijo.

- As coisas nauseantes nunca vão cessar? - grunhiu o Capitão.

- É o clímax. Em todas as histórias, depois que as peles são removidas à força, usam os membros para agarrarem-se um ao outro e se entregam loucamente a beijos ardentes, e isto para traduzir o mais aproximadamente possível a frase usada com mais frequência. Aqui está um exemplo, tomado ao acaso: "Ele agarrou a garota, a boca ávida pelos beijos dela".

- Talvez uma criatura estivesse devorando a outra - disse o Capitão.

- De modo algum - disse Botax. - Trata-se de beijos ardentes.

- O que você quer dizer com "ardente"? Dá-se alguma combustão?

- Não literalmente. Imagino que é uma forma de expressar que a temperatura está subindo. Quanto mais alta a temperatura, suponho, maior sucesso na produção dos jovens. Agora, que a forma maior está devidamente estimulada, ela precisa apenas colocar a boca contra a boca da menor e produzir seres iguais e menores. Os pequenos não serão produzidos sem essa etapa. Trata-se da cooperação da qual falei.

- E é tudo? Apenas isto... - e as mãos do Capitão movimentaram-se como se fossem juntar-se, mas não conseguia suportar pôr o pensamento em luzes.

- É tudo - disse Botax. - Em nenhuma das histórias, nem mesmo nas do "Rapaz Recreativo" encontrei descrição de alguma outra atividade física em conexão com o aparecimento de seres menores. Algumas vezes, depois dos beijos, escrevem uma linha de símbolos, como estrelinhas, por exemplo, mas suponho que isto apenas significa mais beijos: um beijo para cada estrela, quando desejam produzir uma multidão de seres pequenos.

- Apenas um, por favor, e agora mesmo.

- Certamente, Capitão.

- Senhor, quer beijar a senhora? - disse Botax com grave distinção.

- Não posso me mover! - respondeu Charlie.

- Vou libertá-lo, naturalmente.

- A senhora pode não gostar.

- Podem apostar que não gostarei, seus tarados desgraçados, tratem de ficar longe de mim! - disse Marge, furiosa.

- Eu gostaria, senhora, mas o que é que eles farão se eu não obedecer? Olhe, não quero que eles se enfureçam. Podemos apenas, a senhora sabe, dar uma beijoca.

- Está bem - disse ela depois de hesitar, considerando quanto era justo o conselho. - Mas nada de gracinhas. Não tenho o hábito de ficar me exibindo assim em frente de qualquer João ou Antônio, você sabe.

- Sei disso, senhora. Não sou eu quem está forçando, e a senhora tem que admitir.

- Monstros viscosos - murmurou Marge raivosamente. - Devem pensar que são alguma espécie de deuses ou algo assim, para saírem por aí mandando nas pessoas. Deuses de limo é o que eles são!

- Se tudo está bem agora, senhora... - disse Charlie aproximando-se e fazendo um gesto vago de quem toca no chapéu. Em seguida pôs as mãos, desajeitadamente, sobre os ombros nus de Marge e inclinou-se com embaraçoso cuidado.

Marge empertigou a cabeça de tal modo que rugas apareceram em sua nuca. Seus lábios encontraram-se.

- Não sinto nenhuma elevação de temperatura - disse o Capitão num clarão irritado. Seu tentáculo detector de calor elevara-se inteiramente até o topo de sua cabeça e ali permanecia, tremendo.

- Nem eu - disse Botax, desorientado - mas estamos fazendo exatamente como as histórias de viagens espaciais dizem. Acho que os membros deles deveriam estender-se um pouco mais. Ah, assim! Olhe, está funcionando.

Quase inconscientemente o braço de Charlie escorregara em volta do macio e despido dorso de Marge. Por um momento, pareceu que Marge iria encostar-se contra ele mas, subitamente, debateu-se dentro e contra o campo de força que a segurava com firmeza.

- Vamos lá... - e as palavras foram abafadas pela pressão dos lábios de Charlie. Mas Marge o mordeu, Charlie deu um pulo para trás com um grito, apalpando o lábio inferior e em seguida olhando para os dedos à procura de sangue.

- Que ideia é essa? - indagou, em tom lamentoso.

- Concordamos numa beijoca - disse ela. - O que é que você estava aprontando? Você é algum playboy ou coisa assim? O que tenho aqui em minha volta? Playboys e deuses de limo?

- A coisa está feita? Quanto tempo temos que esperar agora? - e o Capitão Garm alternou rapidamente os seus clarões azul e amarelo.

- Parece-me que vai acontecer imediatamente. Em todo o universo, quando se tem que brotar, brota-se. Não há demora.

- É mesmo? Depois de ter pensado nos hábitos repelentes que tem estado a descrever, acho que nunca mais brotarei. Por favor, termine com isto.

- Só um momento, Capitão.

Mas os momentos se passaram, os clarões que o capitão emitia tomaram-se vagarosamente de um tom alaranjado, significando que uma tempestade se formava, enquanto Botax desbotava quase que inteiramente:

- Desculpe-me, senhora, mas quando é que a senhora vai brotar? - indagou Botax finalmente, embora hesitante.

- Eu vou o quê?

- Gerar um rebento.

- Eu já tenho uma criança.

- Mas eu quero dizer, agora.

- Eu diria que não. Ainda não estou pronta para ter outro filho.

- O quê, o quê? - exigiu o capitão. - O que ela está dizendo?

- Parece - disse Botax, fracamente - que ela não pretende ter um rebento neste exato momento.

- Sabe o que eu penso, Investigador? - e a faixa colorida do Capitão brilhava intensamente. - Acho que tem uma mente doente e pervertida. Nada está acontecendo com estas criaturas. Não há nenhuma cooperação entre eles e nenhum jovem vai nascer. Acho que são de espécies diferentes e que você esteve planejando alguma brincadeira idiota comigo.

- Mas, Capitão...

- Não me venha com essa de "mas", Capitão Já vi o suficiente. Você me aborreceu, revirou meu estômago, nauseou-me, transtornou a minha noção de brotar e me fez perder tempo. Está apenas procurando fama, glória pessoal, e tomarei providências para que não consiga. Dê-lhes de volta as suas peles e ponha-os de volta onde os encontrou. E toda a despesa com a manutenção da unidade de estase de Tempo será debitada de seu salário.

- Mas, Capitão..

- De volta, foi o que disse. Coloque-os no mesmo lugar e no mesmo instante do tempo. Quero este planeta intocado e tomarei providencias para que assim continue - e lançou mais um clarão furioso para Botax - Uma espécie, duas formas, seios, bei-

jos, cooperação, bah! Você é um idiota, Investigador, um pateta e, acima de tudo, uma criatura absolutamente nauseante! Doente!

Não havia mais como discutir. Botax, de membros trêmulos, deu início ao retomo das criaturas.

Estavam ali de pé, na plataforma da estação, olhando à volta ansiosamente. O crepúsculo caía sobre eles e o trem que se aproximava fazia-se anunciar por um longínquo rumor de rodas.

- Cavalheiro, aquilo aconteceu realmente? - disse Marge,

- Lembro-me bem - disse Charlie, confirmando com a cabeça.

- Não podemos contar a ninguém - disse Marge.

- Certamente que não. Dirão que somos loucos. Entende que quero dizer?

- Hum, hum. Muito bem - e foi-se afastando.

- Escute - disse Charlie. - Lamento que tenha passado por tal embaraço. Mas não foi ideia minha.

- Está tudo bem. Eu sei - e Marge voltou os olhos para o piso de madeira da plataforma. O som do trem que se aproximava era mais audível.

- Eu acho, sabe, senhora, que realmente não é nada má. Na verdade, a senhora me parece bonita, embora eu me sinta embaraçado por dizer-lhe isto.

- Está tudo bem - e subitamente ela sorriu.

- Não gostaria de tomar uma xícara de café comigo, apenas para relaxarmos a tensão? A minha mulher, na verdade, não estará esperando por mim por algum tempo.

- Ah, é? Ed está fora da cidade neste fim de semana, de maneira que tenho somente um apartamento vazio a me esperar. Meu filho está em visita à minha mãe - explicou ela.

- Vamos, então. Afinal, já tivemos uma espécie de apresentação.

- É o que eu diria - disse ela, rindo.

O trem dava entrada na estação mas eles se voltaram, buscando a estreita escadaria que conduzia à rua.

Na verdade, não tomaram café mas, sim, dois coquetéis, no fim dos quais Charlie não podia deixá-la ir sozinha para casa, à noite, de maneira que a acompanhou até a porta. Marge sentiu-se na obrigação de convidá-lo a entrar por alguns momentos, naturalmente.

Entrementes, na espaçonave, o frustrado Botax fazia o último esforço para provar a sua tese. Enquanto Garm preparava a nave para a partida, Botax apressadamente ligou o estreito feixe da visitela para uma última olhada nos seus espécimens. Focalizou Charlie e Marge, no apartamento dela. Seu tentáculo se enrijeceu e começou a produzir clarões coruscantes em todas as cores do arco-íris.

- Capitão Garm! Capitão! Olhe o que eles estão fazendo agora!

Mas naquele exato instante a nave desligou-se da estase de tempo.

Lá pelo final da década de 1950 algumas mudanças inesperadas verificaram-se em minha vida. A minha carreira de escritor expandia-se continuamente. Havia sido levado pela minha própria compulsão e pela cooperação dos editores a assumir mais e mais tarefas numa variedade cada vez maior, de maneira que em 1958 constatei que não poderia mais escrever o que desejava e ao mesmo tempo lecionar em período integral.

A Escola de Medicina e eu chegamos a um acordo: conservaria meu título (Professor Associado de Bioquímica, se você está curioso), continuaria com tarefas ocasionais, tais como dar diversas conferências por ano, comparecer às reuniões das comissões, etc. Entretanto, isto significava, principalmente, que me tornaria um escritor em período integral e desobrigava-os de pagar-me um salário.

Durante algum tempo me pareceu que não tendo praticamente deveres acadêmicos e tendo tempo considerável todo dia, poderia finalmente escrever tudo o que desejava, sobrando-me tempo ainda para divertimentos e Jogos.

Mas a coisa não funcionou. Uma das leis de Parkinson é: "O trabalho se expande para preencher o tempo disponível". Foi o que aconteceu no meu caso. Porque num instante descobri que escrevia tão assiduamente em tempo integral como previamente em meio período e rapidamente descobri o corolário de Asimov para a lei de Parkinson: "Em dez horas por dia você tem tempo suficiente para atrasar em dobro os seus compromissos do que em cinco horas por dia".

E o pior de tudo é que na época em que fazia os meus arranjos para tornar-me um escritor em tempo integral, a União Soviética lançou o Sputnik I e os Latidos Unidos entraram numa espécie de frenesi, e eu também.

Fui tomado pelo ardente desejo de escrever divulgação científica, para uma América que podia estar em grande perigo devido à sua negligência quanto à ciência, e um bom número de editores foi tomado igualmente pelo mesmo desejo. Como resultado da combinação dessa dias ardências, mergulhei num oceano sem praias, no qual ainda estou imerso.

E o problema é que tudo isto não é ficção. Nos últimos dez anos escrevi um ou dois romances, uma dúzia ou mais de contos, reuni algumas coleções, mas isto não foi nada.

Levando em conta as aflitas cartas que tenho recebido, poder-se-ia pensar que estou fazendo de propósito. Não estou. Tento desesperadamente não perder inteiramente o contato com a ficção científica. Trata-se da minha vida, de certa maneira, mais do que tudo. Existe o meu artigo mensal em F & SF, naturalmente, mas isto não é exatamente a mesma coisa.

E então acontece que cada peça de ficção que consigo datilografar torna-se para mim mais querida nestes dias de ocaso do que nos velhos tempos, quando escrevia duas dúzias ou mais de histórias mais longas por ano.

A Máquina Que Ganhou a Guerra é uma daquelas histórias que servem como minha prova periódica ao mundo dos apreciadores da ficção científica de que eu também estou vivo.

*1ª publicação - The Magazine of Fantasy and Science Fiction, outubro de 1961-*
*(c) 1961,by Mercury Press, Inc.*

As comemorações ainda deviam se prolongar bastante, e mesmo nas silenciosas profundezas das câmaras subterrâneas do **Multivac** havia algo de diferente no ar.

Em primeiro lugar, havia o simples fato do silêncio e do isolamento. Pela primeira vez nos últimos dez anos, não havia técnicos correndo pelos passadiços do imenso computador, as luzes não estavam piscando nos seus costumeiros padrões erráticos, o fluxo de entrada e saída de informações tinha sido interrompido.

Não por muito tempo, é claro, porque a implantação da paz iria impor suas próprias exigências. Mas naquele instante, por um só dia, talvez por uma semana, mesmo o **Multivac** tinha o direito de comemorar a grande data e repousar.

Lamar Swift tirou o quepe militar que usava e fitou o longo corredor central do computador gigante, que se estendia vazio à sua frente. Estava sentado numa das cadeiras giratórias usadas pelos técnicos, e seu uniforme, dentro do qual ele nunca chegara a se sentir confortável, tinha uma aparência gasta e amarrotada.

- Acho que vou sentir falta disso, por mais horrível que possa parecer - disse ele. - É difícil lembrar de um tempo em que não estivéssemos em guerra com Deneb; agora parece antinatural saber que estamos em paz e podemos olhar sem medo para as estrelas.

Os dois homens da Diretoria Executiva da Federação Solar eram ambos mais jovens do que Swift. Nenhum deles tinha tantos cabelos brancos. Nenhum tinha uma expressão tão cansada.

John Henderson, lábios finos, mal conseguindo controlar o alívio que sentia em meio à sensação de vitória, exclamou:

- Foram destruídos! Totalmente destruídos! Fico repetindo isso o tempo todo e ainda não consigo acreditar. Passamos todos estes anos falando da ameaça que pairava sobre nós, sobre os demais planetas, sobre cada ser humano, e era verdade, cada palavra do que dizíamos era verdade. Agora estamos vivos... os denebianos é que foram dizimados, destruídos! Nunca mais nos atacarão de novo.

- Graças ao **Multivac** - disse Swift, lançando um olhar de esguelha ao imperturbável Jablonsky, que durante toda a guerra tinha sido o Intérprete-Chefe do "oráculo" dos cientistas. - Certo, Max?

Jablonsky encolheu os ombros. Maquinalmente procurou um cigarro no bolso, mas acabou mudando de ideia Ele era o único entre os milhares de técnicos que trabalhavam nos túneis interiores do **Multivac** que tinha autorização para fumar; mas nos estágios finais da guerra ele tinha feito um esforço heroico para abrir mão desse privilégio.

- Bom - disse ele, pelo menos é o que eles dizem. - Seu enorme polegar apontou para o alto, por sobre o ombro direito.

- Ciumento, Max?

- Porque estão brindando ao **Multivac**? Porque o **Multivac** foi o grande herói da humanidade nesta guerra? - O rosto áspero de Jablonsky assumiu um ar desdenhoso. - O que tenho eu a ver com isso? Deixe que o **Multivac** seja a máquina que ganhou a guerra, se isso agrada a eles.

Henderson olhou de esguelha para os dois homens. Naquele breve interlúdio em que os três tinham instintivamente se abrigado no único lugar tranquilo de uma metrópole entregue ao delírio da comemoração; naquele compasso de espera entre os perigos da guerra e as dificuldades da paz; naquele instante em que todos eles po-

diam respirar aliviados, ele estava consciente apenas do fardo da culpa que carregava.

De súbito, foi como se aquele peso se tornasse grande demais para ser levado por ele sozinho. Tinha que ser retirado de seus ombros. Juntamente com a guerra. Agora!

- O **Multivac** não tem nada a ver com esta vitória - disse ele. - É apenas uma máquina.

- Uma grande máquina - disse Swift.

- Tudo bem, uma grande máquina. Não é melhor do que os dados com que é alimentada. - Parou por um momento, nervoso diante do que iria dizer em seguida.

Jablonsky o fitou em silêncio, com os dedos procurando novamente um cigarro e novamente mudando de ideia Falou, por fim:

- Bom, você é quem sabe. Você lhe fornecia os dados. Ou está querendo receber os elogios por tudo?

- Nada de elogios - disse Henderson, zangado. - O que sabem vocês dos dados utilizados pelo **Multivac**, pré-processados por centenas de computadores subsidiários aqui na Terra, na Lua, em Marte, até mesmo em Titã? Com os dados de Titã sempre chegando atrasados e nos deixando sempre naquela expectativa de que quando chegassem iriam introduzir alguma variável inesperada...

- É, era uma loucura - disse Swift, com simpatia.

Henderson abanou a cabeça negativamente.

- Não se trata só disso. Reconheço que quando eu substituí Lepont como Programador-Chefe, há oito anos, eu estava nervoso. Mas o clima daquela época era diferente.

A guerra ainda estava sendo travada num front remoto, era uma espécie de aventura sem nenhum perigo real. Ainda não tínhamos atingido o ponto em que foi necessário utilizar naves tripuladas, ou quando armas interestelares podiam deformar o espaço e engolir um planeta inteiro, se manipuladas corretamente. Mas aí, quando as verdadeiras dificuldades tiveram início... - Sua voz permitiu-se enfim exprimir toda a raiva que sentia. - Mas vocês não sabem nada sobre isso!

- Muito bem - disse Swift. - Que tal se você nos contasse? A guerra acabou. Ganhamos.

- É mesmo - disse Henderson, assentindo com um gesto de cabeça. Tinha que ter aquilo em mente. Tinham ganhado a guerra. Tinha dado tudo certo, afinal. - Bem... acontece que a partir de uma certa época os dados já não faziam mais sentido.

- Não faziam sentido? Está dizendo isso literalmente? - perguntou Jablonsky.

- Literalmente. O que queriam vocês? O problema com vocês dois é que nunca tomaram parte, para valer, nos acontecimentos. Você, Max, nunca saía do **Multivac**; e quanto ao senhor, diretor, nunca deixava a Mansão, exceto em missões oficiais onde via apenas o que os outros queriam lhe mostrar.

- Eu tinha consciência disso - disse Swift, como você mesmo, aliás, deve ter percebido.

- Muito bem - prosseguiu Henderson. - Sabem até que ponto nossos dados referentes a capacidade produtiva, potencial de recursos, pessoal qualificado... tudo que era de importância vital para a guerra, na verdade... sabem até que ponto esses dados se tornaram inúteis, não-confiáveis, durante a segunda metade da guerra? Líderes civis e militares tentavam melhorar a própria imagem, omitindo os fatos negativos e exagerando os positivos. Não importa o que os computadores fazem: os homens que os programam e que interpretam seus resultados estavam pensando em salvar a própria pele e em apresentar resultados melhores do que os de seus concor-

rentes. Era impossível modificar isso. Eu tentei e falhei.

- Claro - disse Swift, tentando consolá-lo. - Não é de admirar que não tenha conseguido.

Desta vez Jablonsky tomou a decisão de acender o cigarro.

- E no entanto - falou, isso não impediu que você continuasse supervisionando a alimentação de dados para o **Multivac**. Você nunca nos disse nada sobre dados não-confiáveis.

- E como poderia dizer? Se eu dissesse, alguém iria acreditar em mim? - retorquiu Henderson com irritação. - Todo o nosso esforço de guerra tinha que passar através do **Multivac**. Era a única arma que poderia desequilibrar a guerra em nosso favor, já que os denebianos não tinham nada semelhante. Nos momentos de maior perigo, o que mantinha alto o nosso moral era a certeza de que o **Multivac** sempre conseguiria prever e anular qualquer movimento denebiano e ao mesmo tempo evitar que eles previssem e anulassem os nossos movimentos. Pelo Espaço! Depois que o nosso sistema de Hiper-espionagem foi reduzido a poeira cósmica, ficamos totalmente sem dados sobre Deneb para fornecer ao **Multivac**... e nunca nos atrevemos a anunciar isso em público.

- Isso é verdade - concordou Swift.

- Muito bem - prosseguiu Henderson. - Se eu dissesse a vocês que aqueles dados não mereciam confiança, que outra coisa vocês poderiam fazer a não ser recusar-se a acreditar em mim e me substituir por outro? Eu não podia correr esse risco.

- E o que fez, então? - perguntou Jablonsky.

- Bom... já que ganhamos a guerra, acho que agora posso contar tudo. Eu alterava os dados.

- Como? - perguntou Swift.

- Intuição, talvez. Ficava mexendo neles até que me parecessem corretos. No começo eu mal me atrevia. Mudava um detalhe aqui, outro acolá, apenas para corrigir o que eram impossibilidades óbvias. Quando o céu não desabou sobre minha cabeça, fui ficando mais corajoso. Já agora no final eu nem tomava muitas precauções. Apenas me sentava e preparava os dados que me eram solicitados. Consegui inclusive que o Anexo do **Multivac** preparasse dados para mim, de acordo com um programa que criei especialmente para isso.

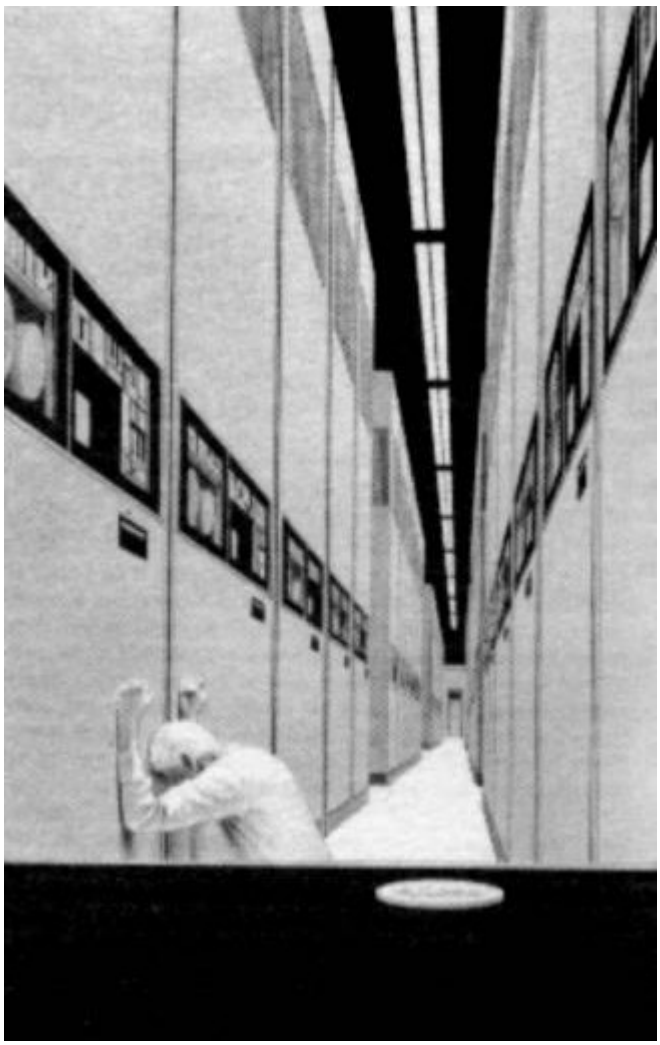
- Cifras aleatórias? - perguntou Jablonsky.

- Não propriamente. Eu introduzi um grande número de parâmetros indispensáveis.

Jablonsky deu um sorriso um tanto inesperado. Os olhos negros brilhavam por sob as pesadas pálpebras.

- Por três vezes me chegaram relatórios falando de utilização não-autorizada do Anexo - disse ele. - Sempre arquivei as denúncias. Se fosse algo importante, John, eu teria seguido até lá e desmascararia o que estava fazendo. Mas é claro que àquela altura o **Multivac** não estava mais realizando nada de importante, por isso deixei-o prosseguir.

- O que quer dizer com isso, "nada de importante"? - perguntou Henderson, desconfiado.



- A verdade. Se eu tivesse lhe contado tudo então, teria evitado muitas dores de cabeça para você. Mas se você tivesse aberto o jogo comigo também teria evitado as minhas. *Quem lhe disse que o* ***Multivac*** *estava funcionando direito, independentemente dos dados que recebia?*

- Não estava? - perguntou Swift.

- Na verdade, não. Não merecia confiança. Veja bem: onde estavam meus técnicos durante os últimos anos da guerra? Vou lhe dizer: estavam operando computadores em mais de mil instalações especiais diferentes. Todos lá! Eu tive que tocar meu trabalho com a ajuda de garotos inexperientes e de veteranos com formação defasada.

Além do mais, acha que eu podia ter confiança nos componentes de estado sólido que recebia da Criogenia nos últimos anos? Em matéria de pessoal qualificado, a Criogenia estava tão despreparada quanto o meu setor. Para mim, era indiferente se os dados colocados no **Multivac** eram confiáveis ou não. Os resultados não seriam, em qualquer hipótese. Disso eu tinha certeza.

- E o que você fez? - perguntou Henderson.

- O mesmo que você: introduzi o fator subjetivo. Modifiquei os resultados de acordo com a minha intuição... e foi assim que a máquina ganhou a guerra.

Swift se recostou para trás na cadeira e esticou as pernas para a frente, exclamando:

- Mas quantas revelações! Quer dizer então que os relatórios que chegavam às minhas mãos, o material em que eu me baseava para tomar decisões... eram uma interpretação feita por um só indivíduo, a partir de dados inventados por um outro in-

divíduo. Era isso?

- Tudo indica que era - disse Jablonsky.

- Então eu estava certo em não dar muita importância a esses relatórios.

- Não dar? - A despeito da confissão que tinha acabado de fazer, Jablonsky ainda conseguiu compor um ar de orgulho profissional ferido.

- Infelizmente. O **Multivac** parecia estar dizendo: ataque aqui, não ali; faça isto, não aquilo; espere, não aja. Mas eu nunca podia ter certeza de que o **Multivac** dizia de fato o que parecia estar dizendo; ou melhor, se ele sabia o que estava dizendo. Eu não podia estar seguro.

- Mas os relatórios finais eram sempre muito claros, senhor - disse Jablonsky.

- Talvez... para quem não tinha que tomar a decisão final. Eu tinha. Esse tipo de responsabilidade acarreta um peso horrível, e nem mesmo o **Multivac** era suficiente para remover esse peso. Mas o detalhe importante é: eu estava certo em duvidar, o que me dá agora um tremendo alívio.

Envolvido por aquela atmosfera cúmplice, cheia de confissões, Jablonsky abandonou as formalidades:

- Mas então, o que foi que você fez, Lamar? Porque o fato é que você tomava as decisões. De que modo?

- Bem, acho que preciso ir andando, mas... é, acho que posso dizer-lhes. Por que não, afinal? O fato, Max, é que lancei mão de um computador, mas um muito mais antigo do que o **Multivac**. Muito mais antigo, mesmo.

Ele enfiou a mão no bolso e extraiu dali um maço de cigarros juntamente com um punhado de pequenas moedas - dinheiro antigo, da época anterior ao racionamento de metal que transformara o dinheiro num simples serviço de crédito, ligado a um sistema computadorizado.

Swift deu um sorriso encabulado.

- Gosto de andar com isto... faz com que o dinheiro continue parecendo algo substancial. Um homem da minha idade tem dificuldade em abandonar os hábitos da juventude. Com um cigarro no canto da boca, ele foi recolocando as moedas no bolso, de uma em uma. Não guardou a última: segurou-a na ponta dos dedos e ficou fitando-a com olhar absorto.

- O **Multivac** não é o primeiro computador, camaradas, nem é o mais conhecido, nem o que pode retirar mais eficientemente o peso da responsabilidade de sobre os ombros de um executivo. A guerra ganha por uma máquina, John, e por um sistema de computação na realidade muito simples, um que eu usei cada vez que tinha que tomar uma decisão particularmente difícil.

Com um sorriso vagamente nostálgico, ele atirou a moeda para o alto com a unha do polegar; ela rebrilhou no ar enquanto girava e voltou a cair sobre a palma da mão de Swift. Seus dedos se fecharam sobre ela e num gesto hábil ele a pousou sobre as costas da mão esquerda; ainda mantendo a mão direita na mesma posição, ocultando a moeda, ele perguntou:

- E então, cavalheiros... cara ou coroa?

Um dos efeitos colaterais da crescente respeitabilidade da ficção científica é que esta começa a aparecer em mercados onde, há uns poucos anos, o Serviço de Saúde Pública teria sido chamado para remover tais manuscritos que, inadvertidamente, haviam encontrado o caminho da secção editorial.

Nunca esquecerei o choque que atingiu o mundo inteiro dos amantes de ficção científica quando, depois da II Guerra Mundial, o próprio Robert A. Heinlein quebrou a barreira do papel de qualidade e teve uma insofismável história de ficção científica de sua autoria publicada na revista *The Saturday Evening Post*.

Atualmente, é apenas questão de rotina encontrar escritores de ficção científica e o material de sua especialidade em mercados de grande circulação como Playboy. Na verdade, a competição entre o grande número de mercados é tal que as pequenas revistas especializadas em ficção científica encontram dificuldade em manter escritores mais experimentados e, em decorrência, elas não se beneficiam, como deveriam, da respeitabilidade recém-ganha pelo seu ramo. Isto não é justo!

Mas o mercado mais estranho, para ficção científica, em minha opinião, são as colunas de anúncios daquele excelente (e para mim indispensável) periódico, Scientific American. Parece que uma companhia chamada Hoffman Electronics Corporation teve a ideia de lançar uma série de anúncios abrangendo duas páginas (menos uma coluna) com uns contos de ficção científica ilustrado particularmente - ficção científica mesmo, assinadas pelos mais conhecidos mestres no assunto. A última coluna seria usada para promover o seu produto de uma maneira digna. Não havia ligação direta entre o conto e o anúncio, o escritor tinha carta branca - exceto que seria interessante se a história envolvesse comunicações de uma forma ou de outra (desde que tecnologia de comunica que era o que a Hoffman vendia).

O desafio era interessante e a integridade artística era preservada, de maneira que quando fui convidado a escrever um conto para o programa, aceitei o convite e escrevi Meu Filho, o Físico. Como vê, envolve comunicações, mas não da mesma maneira que um "comercial" o faria para coisas tais. Hoffman aceitou a história sem trocar uma palavra ou sequer uma vírgula e ela foi publicada não somente nas colunas de Scientific American, como também em Fortune.

Foi uma experiência, você pode estar certo, porque não é provável que, de outro modo, meu nome tivesse aparecido em ambas as revistas. Não em ficção científica, de qualquer modo.

Sinto-me incomodado, entretanto, ao pensar em como a ideia funcionou tão bem. Ao todo, os anúncios foram apenas seis, tanto quanto sei, e em seguida não foram mais publicados. Bem, talvez eles apenas tivessem dificuldade em conseguir as histórias apropriadas. Não sei.

*1ª publicação - Scientific American, fevereiro de 1962 - (c) 1962 - Hoffman Electronic Corporation.*

# Meu filho, o físico

Os cabelos dela já haviam atingido um ligeiro tom verde maçã, eram muito ralos e penteados de modo muito antiquado. Podia-se ver que usara tintura muito discretamente, da maneira como se fazia há trinta anos, antes que as mechas se tomassem moda.

Trazia no rosto um doce sorriso, também, e um olhar calmo que tornava a velhice algo sereno.

Em consequência e por comparação, a sua aparência era berrante no meio da confusão que a cercava no enorme edifício governamental.

Uma moça passou por ela, quase correndo, parou e voltou-se para ela, com olhar atônito. - Como conseguiu entrar?

- Estou procurando o meu filho, o físico - disse a mulher, sorrindo.

- Seu filho, o...

- Ele é engenheiro de comunicações, na verdade - Doutor em Física, Gerard Cremona.

- Dr. Cremona. Ele está... Onde está o seu passe?

- Aqui. Sou a mãe dele.

- Bem, Sra. Cremona, eu não sei. Eu tenho que... O escritório dele é mais adiante. Pergunte a alguém - e saiu correndo.

A Sra. Cremona balançou a cabeça, vagarosamente. Alguma coisa tinha acontecido, supunha. Esperava que Gerard estivesse bem.

Ouviu vozes bem mais longe, no fim do corredor, e sorriu, feliz. Estava certa de que era a voz de Gerard. Entrou na sala.

- Alô, Gerard.

Gerard era um homem grande, com cabeleira abundante, onde os fios grisalhos já começavam a mostrar-se, pois não costumava pintá-los. Havia dito que estava muito ocupado. Ela sentia muito orgulho dele e da sua aparência.

Agora mesmo estava falando com vivacidade com um homem de uniforme do exército. Não sabia qual a patente, mas estava certa de que Gerard saberia lidar com ele.

Gerard voltou-se: - O que você... Mamãe! O que está fazendo aqui?

- Vim visitá-lo.

- Hoje é quinta-feira? Oh, Deus, esqueci-me. Sente-se, mamãe. Não posso falar agora. Sente-se em qualquer lugar, qualquer lugar. Olhe, General.

O General Reiner olhou por cima do ombro, as mãos cruzadas nas costas.

- É sua mãe?

- Sim.

- Devia estar aqui?

- Exatamente agora, não, mas eu me responsabilizo por ela. Ela não pode ler sequer um termômetro, de maneira que nada disto fará sentido para ela. E agora, preste atenção, General. Eles estão em Plutão. Compreende? Eles estão lá. Os sinais

de rádio não podem ser de origem natural, portanto são enviados por seres humanos, por nossos homens. Terá que aceitar isso. De todas as expedições que enviamos para além do cinturão de planetoides, uma deve ser responsável por isso. E eles atingiram Plutão.

- Sim, compreendo o que está dizendo, mas isso não é impossível, de qualquer forma? Os homens que estão em Plutão agora foram lançados há quatro anos, com um equipamento que não os manteria vivos por mais de um ano. Isto é o que eu compreendo. Visavam Ganimedes e parece que atingiram oito vezes mais que essa distância.

- Exatamente. E temos que saber como e por quê. Eles podem ter tido... devem ter obtido... ajuda.

- De que espécie? Como?

Cremona apertou os dentes por um momento, como se desesperadamente rezasse em pensamento.

- General - disse ele - sei que estou me arriscando muito mas é apenas, embora escassamente possível, que seres não-humanos estejam envolvidos. Extraterrestres. Temos que descobrir. Não sabemos por quanto tempo o contato pode ser mantido.

- Você quer dizer - e o rosto grave do General torceu-se no que seria quase um sorriso - que podem ter escapado de alguma custódia e que podem ser recapturados novamente a qualquer tempo?

- Talvez. Talvez. O futuro inteiro da raça humana pode depender de sabermos exatamente o que temos pela frente. Mas precisamos saber agora.

- Está bem. O que deseja então?

- Vamos precisar do computador Multivac do exército, imediatamente. Desligue-o de todo e qualquer problema em que esteja trabalhando agora e dê início à programação quanto ao nosso problema geral de semântica. Todos os engenheiros de comunicações devem ser tirados de seus trabalhos e colocados em coordenação com os nossos.

- Mas por quê? Não vejo a conexão. - Mas uma voz gentil interrompeu-os:

- General, gostaria de uma fruta? Trouxe algumas laranjas.

- Mamãe! Por favor! Mais tarde! - disse Cremona. - General, a questão é simples. No momento presente Plutão está a quatro bilhões de milhas de distância. Para as ondas de rádio, leva seis horas, à velocidade da luz, daqui até lá. Se dissermos alguma coisa, teremos que esperar doze horas por uma resposta. Se eles disserem alguma coisa que não compreendamos instantaneamente, e tenhamos que dizer "o quê?"... bumba, lá se vai um dia.

- Não há meios de apressar a coisa? - disse o General.

- Naturalmente que não. É uma lei fundamental das comunicações. Nenhuma informação pode ser transmitida a velocidade maior que a da luz. Levaria meses para manter a mesma conversação com Plutão que manteríamos entre nós agora em questão de horas.

- Sim, eu compreendo. E pensa realmente que extraterrestres estejam envolvidos?

- Penso. Para ser honesto, não é todo mundo aqui que concorda comigo. Estamos esgotando cada nervo, cada fibra, a fim de inventar algum método de comunicação concentrada. Precisamos conseguir tantos bits por segundo quantos forem possíveis e rezarmos para conseguirmos o que precisamos antes de perdermos contato. E aí está por que preciso do Multivac e dos seus homens. Deve haver alguma estratégia de comunicação que podemos usar, capaz de reduzir o número de sinais a serem emitidos. Mesmo um aumento de dez por cento na eficiência pode significar, talvez, que economizemos uma semana.

- Mas que coisa, Gerard, você está tentando começar alguma conversa? - interrompeu a gentil voz novamente.

- Mamãe! Por favor!

- Mas você está mesmo tentando do jeito errado, realmente!

- Mamãe. - E havia uma ponta de histeria na voz de Cremona.

- Bem, tudo certo, mas se você vai dizer alguma coisa e depois esperar durante doze horas por uma resposta, você é um tolo. Não deveria.

- Dr. Cremona, deveríamos consultar... - o General bufou.

- Um momento, General - disse Cremona. - Aonde quer chegar, mamãe?

- Enquanto está esperando por uma resposta - disse a Sra. Cremona energicamente - apenas continue transmitindo e diga a eles para fazerem o mesmo. Você fala durante todo o tempo e eles falam durante todo o tempo. Terão alguém escutando o tempo todo e o mesmo acontecerá com você. Se cada um de vocês disser algo que precise de uma resposta, você pode colocá-la no fim, mas com toda a probabilidades vocês terão o que precisarem, sem perguntar.

Os dois ficaram olhando para ela, atônitos.

- Naturalmente - sussurrou Cremona. - Conversação contínua. Apenas doze horas fora de fase, e é tudo. Deus, temos de começar imediatamente!

Saiu quase correndo da sala, virtualmente arrastando o General consigo, mas voltou-se, a tempo.

- Mamãe, desculpe-me - disse ele - mas isto levará algumas horas, penso eu. Mandarei algumas moças para conversarem com a senhora. Ou tire um cochilo, se quiser

- Estarei muito bem, Gerard - disse a Sra. Cremona.

- Apenas uma coisa, mãe, como veio a pensar nisso? O que a fez sugerir?

- Mas Gerard, todas as mulheres sabem disso. Cada duas mulheres que se enfrentam - no videofone, no estrato-cabo ou pessoalmente - sabem que todo o segredo na divulgação de notícias está, não importa como, em continuar falando.

Cremona tentou sorrir. Mas então o seu lábio inferior tremeu, ele voltou-se e saiu.

A Sra. Cremona ficou a olhá-lo, cheia de afeição. Que homem maravilhoso aquele, seu filho, o físico. Grande como era e importante como chegara a ser, ainda não se esquecera que um bom menino sempre deve escutar sua mãe.

Tenho uma regra que costumo divulgar em todas as ocasiões possíveis. E a regra é que jamais escrevo alguma coisa, a menos que me seja solicitado. Isto soa como coisa austera e arrogante, mas é um truque. Na realidade, tomo como certo que as várias revistas de ficção científica e alguns dos editores dos meus livros têm permanentes pedidos de matéria, de maneira que escrevo livremente para eles. Os outros, dispersos, é que têm que pedir.

Em 1964, finalmente, a revista Playboy pediu-me que escrevesse um conto para eles. Mandaram-me uma foto obscura de uma cabeça de argila, sem orelhas e com as outras características marcadas com letras de forma e me pediram para escrever uma história baseada naquela foto. Dois outros escritores foram convidados a escrever uma história baseada na mesma foto e todas as três seriam publicadas conjuntamente.

Tratava-se; mais uma vez, de um desafio interessante e até me senti tentado. Escrevi Olhos Fazem Mais do Que Ver.

Caso tenha dado a impressão, nas introduções anteriores deste volume, que a minha carreira de escritor tem sido uma longa sucessão de triunfos desde O Cair da Noite; de que, comigo, escrever é vender; que não reconheceria uma casta de rejeição se algum colega escritor me mostrasse uma - pode ficar tranquilo: não é verdade.

A história Olhos Fazem Mais do Que Ver foi rejeitada com grande vigor. O manuscrito veio voando através de minha janela desde Chicago, bateu contra a parede e ficou ali tremendo. (Pelo menos foi como pareceu.) As outras duas foram aceitas por Playboy e uma terceira, escrita por alguém chamado às pressas para substituir-me, também foi aceita.

Felizmente, sou um profissional de invejável imperturbabilidade e coisas assim não me aborrecem. Duvido que alguém tivesse percebido que estava perturbado - exceto pelo aceso de urros furiosos que me permiti.

Entrei cm contato com Playboy para me certificar de que podia fazer o que quisesse com o meu conto, a despeito de me ter baseado na foto deles. E podia!

A segunda providência que tomei foi mandar a história para *F & SF* explicando (como é meu costume, nestes casos) que se tratava de uma rejeição e descrevendo as circunstâncias exatas. Aceitaram-na, de qualquer modo.

Por sorte, *F & SF* trabalha razoavelmente rápido, enquanto o trabalho de Playboy é abominavelmente vagaroso. Em consequência, Olhos Fazem Mais do Que Ver apareceu em F & SF um ano e meio antes que a tríade surgisse em Playboy. Passei muito tempo esperando que Playboy passasse a receber cartas indignas, reclamando que as situações apresentadas pela tríade haviam sido roubadas de um conto de Asimov. Estive mesmo tentado a escrever uma dessas cartas sob nome falso - mas não o fiz.

Ao invés disso consolei-me pensando que quando Playboy veio a publicar a sua tríade, a minha pequena história não somente havia sido publicada em todo o lugar como fora republicada e estava escalada para aparecer ainda em uma terceira antologia. (A sua publicação na presente coleção representa a quarta; que tal essa, Sr. Hefner?)

*1ª publicação - The Magazine of Fantasy and Science Fiction, abril de 1965.* *(c) 1965,by Mercury Press, Inc.*

# Olhos fazem mais do que ver

Depois de centenas de bilhões de anos ele subitamente pensou em si mesmo como sendo Ames. Não a combinação de comprimentos de onda que, através de todo o universo, era agora o equivalente de Ames - mas no som em si mesmo. Uma leve lembrança lhe voltou das ondas de som que já não mais ouvia e não mais poderia ouvir.

O novo projeto estava aguçando a sua memória para tantas outras coisas antigas, antigas como éons. Comprimiu o vórtice de energia que formava o total da sua individualidade e as suas linhas de força estenderam-se para além das estrelas.

O sinal de resposta de Brock chegou.

Com toda a certeza,pensou Ames, podia contar a Brock. Certamente podia contar a alguém. Comungando com seu perdão variável de energia, Brock perguntou:

- Você não vem, Ames?

- Naturalmente.

- Tomará parte no concurso?

- Sim! - e as linhas de força de Ames pulsaram erraticamente. - Com toda a certeza. Tenho pensado numa forma de arte totalmente nova. Algo realmente incomum.

- Mas que desperdício de esforço! Como pode pensar que uma nova variação pode ser criada depois de duzentos bilhões de anos? Não pode haver nada de novo.

Por um momento Brock saiu de fase e de comunhão, de maneira que Ames teve que se apressar para ajustar as suas linhas de força. Captou o deslocamento dos pensamentos do outro ao fazê-lo - a visão da poeira de nebulosas contra o veludo do nada e as linhas de força pulsando, em multidões sem fim de vida-energia entre as galáxias.

- Por favor, absorva meus pensamentos, Brock - disse Ames. - Não se feche. Tenho pensado em manipular a Matéria. Imagine! Uma sinfonia de Matéria. Para que nos preocuparmos com a Energia? É claro que não há nada de novo na Energia. Como poderia haver? E isto não nos prova que deveríamos tratar da Matéria?

- Matéria!

Ames interpretou as vibrações de energia de Brock como de aversão.

- Por que não? - disse ele. - Nós próprios fomos Matéria há muito, muito tempo. Oh, há um trilhão de anos! Por que não construir objetos tendo a Matéria como agente ou formas abstratas ou... Escute, Brock, por que não construir uma imitação de nós mesmos na matéria, de nós mesmos como éramos antes?

- Não me lembro como era. Ninguém se lembra - disse

- Mas eu me lembro - disse Ames com vigor. - Não tenho pensado em outra coisa e estou começando a me lembrar. Brock, deixe-me mostrar-lhe. Diga-me se estou certo. Por favor, diga-me.

- Não, é idiota. E... repulsivo.

- Deixe-me tentar, Brock. Temos sido amigos. Temos pulsado energia juntos desde o início - desde o momento em que nos tornamos o que somos. Brock, por favor!

- Então, que seja rápido.

Ames não havia sentido tal tremor ao longo das suas próprias linhas de força desde... Bem, desde quando? Se tentasse aquilo agora diante de Brock e funcionasse, poderia ousar manipular a Matéria diante da assembleia dos seres-Energia que têm tão melancolicamente esperado, através dos éons, por algo novo.

A matéria era rarefeita, entre as galáxias, mas Ames coletou-a por vários anos-luz cúbicos, escolhendo os átomos, atingindo uma consistência argilosa e forçando a matéria numa forma ovoide que se espraiava para baixo.

- Não se lembra, Brock? - perguntou suavemente. - Não alguma coisa assim?

- Não me faça lembrar - e a fase do vórtice de Brock tremeu. - Eu não me lembro.

- Isto era a cabeça. Chamavam isto de cabeça. Lembro-me tão claramente que preciso dizer. Quero dizer, do som. - Esperou, para em seguida continuar. - Olhe, você se lembra disto?

E na frente superior do ovoide apareceu: CABEÇA.

- O que é? - indagou Brock.

- É a palavra para cabeça. Os símbolos que representavam a palavra em som. Diga que se lembra, Brock!

- É, há alguma coisa - disse Brock, hesitante - havia alguma coisa no meio. - Uma formação verticalmente formou-se.

- Sim! Nariz, é isto! - disse Ames. E a palavra NARIZ apareceu no local indicado. - E estes são olhos, um de cada lado. OLHO ESQUERDO - OLHO DIREITO.

Ames ficou a contemplar o que havia formado, enquanto as suas linhas de força pulsavam vagarosamente. Estava mesmo gostando daquilo?

- Boca - disse ele com ligeiros tremores - e queixo e pomo de Adão e clavículas. Como as palavras me voltam à memória! - E elas apareceram sobre a forma.

- Não havia pensado nelas por centenas de bilhões de anos. Por que me faz recordar? Por quê?

- Havia mais alguma coisa - e Ames momentaneamente ficou perdido em seus pensamentos. - Órgãos para ouvir. Algo para as ondas de som. Orelhas! Onde ficavam elas? Não posso me lembrar, onde vão?

- Esqueça isso! - gritou Brock. - Orelhas e tudo mais! Não tente lembrar-se!

- O que está errado em lembrar? - disse Ames, incerto.

- Porque o exterior não era áspero e frio assim, mas suave e tépido. Porque os olhos eram ternos e vivos, os lábios da boca tremiam e eram macios contra os meus - e as linhas de força de Brock batiam e ondulavam, ondulavam e batiam.

- Desculpe! Desculpe! - disse Ames.

- Você me faz lembrar que certa vez fui uma mulher e conheci o amor, que olhos fazem mais do que ver e que agora não os tenho mais para usá-los.

Com violência, adicionou mais matéria à grosseira configuração de uma cabeça e disse: - Portanto, deixe que eles o façam! - voltou- se e fugiu.

E então Ames viu que se lembrava também, que certa vez havia sido um homem. A força de seu vórtice rachou a cabeça em dois pedaços e também fugiu pelas galáxias, no rastro da energia de Brock - de volta ao destino sem fim da vida.

Mas os olhos da cabeça partida de Matéria ainda brilhavam com a umidade que Brock lá havia colocado para representar lágrimas. A cabeça de Matéria fazia o que os seres de energia não mais podiam fazer: chorava por toda a humanidade e pela frágil beleza dos corpos de que haviam desistido, um trilhão de anos atrás.

Na primavera de 1967 recebi um interessante pedido.

Parece que existe um periódico chamado *Abbottempo*, subvencionado pelos Laboratórios Abbott, uma respeitável firma farmacêutica. É apresentado em papel lustroso, trabalho belamente desenhado, com excelentes artigos sobre vários assuntos médicos e similares. É impresso na Holanda e distribuído gratuitamente aos médicos na Inglaterra e no continente Europeu. Não é distribuído nos Estados Unidos.

O editor de *Abbottempo* escreveu-me pedindo-me que escrevesse uma história de ficção científica de duas mil palavras, sobre assunto de interesse médico, que os médicos pudessem achar simultaneamente interessante, divertida e imaginativa.

Estava tão assoberbado de trabalho naquele momento - como estou em qualquer outro - que, suspirando, coloquei uma folha de papel de carta na máquina com a intenção de escrever uma recusa cortês.

Feliz ou infelizmente leva algum tempo para se encontrar o papel de carta, de maneira que quando o achei, já lhe juntei uma segunda folha amarela, com um carbono entre as duas folhas e enrolei o sanduíche de papel na máquina. Algum tempo adicional foi tomado para centralizar o papel, datilografar a data, o endereço e a saudação.

Aconteceu que enquanto fazia tudo isto pensei num enredo irresistível, de modo que, quando realmente passei de “Prezado Senhor”, vi-me a escrever uma cortês aquiescência.

Escrevi Segregacionista em abril de 1967 sobre um tema que era completa e inteiramente de ficção científica. O artigo foi publicado em dezembro de 1967 - justo a tempo de ficar em ligeiro atraso quanto às manchetes, sob alguns aspectos.

E a propósito, o mais agradável resultado da publicação foi que *Abbottempo* apresentou-a em cada uma das suas oito edições. Enviaram-me uma caixa com a coleção, isto é, as edições em: 1) Inglês, 2) Francês, 3) Espanhol, 4) Alemão, 5) Italiano, 6) Japonês, 7) Grego e 8) Turco. Nunca antes tivera nada traduzido nem para o grego nem para o turco, de maneira que a coleção permanece como uma das mais interessantes singularidades da minha biblioteca Asimoviana particular.

*1ª publicação - Abbottempo, Livro 4,1967.* *Copyright, 1968, by Isaac Asimov.*

# SEGREGACIONISTA

- Ele está pronto? - disse o **cirurgião** levantando o olhar inexpressivo.

- Pronto é um termo relativo - disse o **engemédico**. - Estamos prontos. Ele está inquieto.

- Eles sempre estão... Bem, é uma operação séria.

- Séria ou não ele deve estar agradecido. Ele foi escolhido dentre um número enorme e, francamente, não penso que...

- Não diga nada - disse o **cirurgião**. - Não nos cabe tomar a decisão.

- Aceitamos, mas temos que concordar?

- Sim - disse o **cirurgião**, ríspido. - Concordamos, completamente e de todo o coração. A operação é demasiadamente intrincada para ser encarada com restrições intelectuais. Este homem provou o seu valor de muitas maneiras e o seu perfil é adequado para o Conselho da Moralidade.

- Está bem - disse o **engemédico**, pouco convencido.

- Vê-lo-ei aqui mesmo, assim penso - disse o **cirurgião**. - Esta sala é bastante pequena e íntima para ser confortável.

- Não ajudará. Ele está nervoso e mudou de ideia

- Realmente?

- Sim. *Ele prefere metal*. Eles sempre preferem.

O rosto do **cirurgião** não apresentou mudança de expressão. Contemplou as próprias mãos.

- Algumas vezes podemos dissuadi-los.

- Por que se preocupar? - disse o **engemédico**, indiferente. - Se quer que seja metal, que seja metal.

- Você não se importa?

- Por que deveria? - e o **engemédico** fez a pergunta quase que brutalmente. - De qualquer modo, trata-se de um problema da engenharia médica e eu sou um engenheiro médico. Posso tratar do assunto de qualquer forma. Por que deveria ir além disso?

- Para mim, é uma questão de adequação - disse o **cirurgião**, imperturbável.

- Adequação! Não pode usar isso como argumento. Que importa ao paciente a adequação das coisas?

- A mim, importa.

- O seu cuidado é o de uma minoria. A maioria é contra você. Não tem chance.

- Tenho que tentar - e o **cirurgião** reduziu o **engemédico** ao silêncio, com um rápido aceno de mão que revelava não impaciência, mas, sim, pressa. Já havia informado a enfermeira e já recebera o sinal de que ela se aproximava. Pressionou um botão e uma porta dupla abriu-se silenciosamente. O paciente entrou na sala na sua cadeira motorizada, com a enfermeira caminhando apressadamente a seu lado.

- Pode ir, enfermeira - disse o **cirurgião** -, mas espere lá fora. Poderei chamá-la. -

Fez um aceno de cabeça ao **engemédico** que deixou a sala juntamente com a enfermeira e a porta se fechou atrás deles.

O homem na cadeira olhou por cima do ombro, observando a saída deles. Tinha uma nuca esquelética e pequenas rugas em volta dos olhos. Barbeara-se recentemente e os dedos das mãos, que seguravam os braços da cadeira fortemente, apresentavam unhas manicuradas. Era um paciente de alta prioridade e ele estava sendo tratado... Mas em seu rosto havia uma expressão de decidida impertinência.

- Vamos começar hoje? - disse ele.

- Esta tarde, Senador - disse o **cirurgião** balançando a cabeça.

- Pelo que entendo, levará semanas.

- Não a operação em si, Senador. Mas existe um certo número de pontos subsidiários que devem ser cuidados. Existem algumas renovações de circulação que devem ser realizadas, assim como ajustamentos hormonais. São coisas complicadas.

- E são perigosas? - E então, como se sentisse a necessidade de estabelecer uma relação amigável, mas patentemente contra a sua vontade, acrescentou - ... doutor?

O **cirurgião** não deu atenção às mudanças de expressão. Disse francamente: - Tudo é perigoso. Demoramos para que seja menos perigoso. É o tempo requerido, a habilidade de uma equipe, a instrumentação, que tomam tais operações possíveis somente para tão poucos...

- Sei disso - interrompeu o paciente, com brusquidão. - Recuso-me a sentir culpa quanto a isto. Ou posso deduzir que há alguma pressão imprópria?

- De modo algum, Senador. As decisões do Conselho nunca foram questionadas. Menciono a dificuldade e a complicação da operação, simplesmente para expressar meu desejo de que seja conduzida da melhor maneira possível.

- Bem, vá adiante, então. É o meu desejo também.

- Então devo pedir-lhe para tomar uma decisão. É possível dar-lhe um dos dois tipos de ciber-corações, em metal ou...

- Plástico! - disse o paciente, irritado. - Não é esta a alternativa que me ia oferecer, doutor? Plástico barato. Não quero. Já fiz minha escolha. Quero metal.

- Mas...

- Escute aqui. Fui informado de que a escolha seria minha. Não é assim?

- Quando dois procedimentos alternativos são de igual valor sob o ponto de vista médico, a escolha recai sobre o paciente. Na prática real, a escolha é do cliente, ainda que os procedimentos alternativos não sejam de igual valor, como no presente caso.

- Está tentando me dizer que o coração de plástico é superior? - indagou o paciente, estreitando os olhos.

- Depende do paciente. Na minha opinião, no seu caso individual, o plástico é superior. E preferimos não usar o termo "plástico". Dizemos ciber-coração fibroso.

- Para mim é plástico de qualquer maneira.

- Senador - disse o **cirurgião** infinitamente paciente - não se trata de material plástico no sentido comum da palavra. É um material polimérico, sim, mas de um tipo muito mais complexo do que o plástico ordinário. É uma fibra complexa semelhante à proteína, destinada a imitar, tanto quanto possível, a estrutura natural do coração humano que agora está dentro do seu tórax.

- Exatamente, e o coração humano que agora está dentro do meu peito está gasto, embora não tenha atingido ainda os sessenta anos. Não quero outro igual, obrigado. Quero algo melhor.

- Todos nós desejamos o melhor para o senhor, Senador. O ciber-coração de fibra será o melhor. Tem uma vida potencial de séculos. É inteiramente não-alérgico...

- Mas não acontece o mesmo com o coração de metal?

- Sim, realmente - disse o **cirurgião**. - O ciber-metálico é de liga de titânio...

- E não se gasta? É mais forte do que o plástico? Ou fibra, ou seja qual for o nome?

- O metal é fisicamente mais forte, sim, mas a resistência mecânica não é o ponto em questão. A resistência mecânica não lhe fará nenhum bem em particular, uma vez que o coração é bem protegido. Qualquer coisa capaz de atingir o coração o matara por outras razões, ainda que o coração possa enfrentar manipulação manual.

- Se alguma vez quebrar uma costela eu a terei substituída por titânio também - disse o paciente dando de ombros. - A substituição de ossos é fácil. Qualquer um pode fazer, em qualquer ocasião. Serei tão metálico quanto desejar, doutor.

- Está no seu direito, se assim prefere. Entretanto, é apenas justo dizer-lhe que, embora nenhum ciber-coração metálico tenha quebrado mecanicamente, um certo número quebrou-se eletronicamente.

- O que isto significa?

- Significa que todo ciber-coração contém um marcapasso como parte de sua estrutura. No caso da variedade metálica, é um dispositivo eletrônico que mantém o ciber no ritmo. Significa que uma bateria completa de equipamento miniaturizado deve ser incluída para alterar o ritmo do coração, para adequar-se ao estado emocional e físico do indivíduo. Ocasionalmente algo errado acontece e pessoas têm morrido antes de qualquer correção.

- Nunca ouvi falar disso.

- Mas posso assegurar-lhe que acontece.

- Está me dizendo que acontece com frequência?

- De modo algum. Acontece raramente.

- Bem, então correrei o risco. E quanto ao coração de plástico? Também contém um marcapasso?

- Naturalmente, Senador. Mas a estrutura química de um ciber-coração fibroso é muito aproximada da do tecido humano. Responde aos controles iônico e hormonal do próprio corpo. O complexo total que deve ser inserido é muito mais simples do que ciber-metálico

- Mas o coração de plástico nunca se desligou de repente do controle hormonal?

- Nunca se registrou um caso destes.

- Porque vocês não têm estado trabalhando com eles por bastante tempo. Não é verdade?

O **cirurgião** hesitou.

- É verdade que ciber fibrosos não têm sido tão usados como os metálicos.

- Aí está. Mas o que é que há, doutor? Está com receio que esteja me transformando num robô... um **Metallo**, como são chamados, *desde que a cidadania lhes foi concedida?*

- Não há nada de errado com um **Metall**o, enquanto **Metallo**. Como o senhor disse, *são cidadãos*. Mas acontece que o senhor não é um **Metallo**. É um ser humano. Por que não continuar humano?

- Porque eu quero o melhor e o melhor é um coração metálico. Providencie o resto.

- Muito bem - disse o **cirurgião**, assentindo. - Será solicitado a assinar as permissões necessárias e em seguida será equipado com um coração de metal.

- E o senhor será o **cirurgião** responsável? Disseram-me que é o melhor.

- Farei o que puder para facilitar o transplante.

A porta se abriu e a cadeira levou o paciente ao encontro da enfermeira.

O **engemédico** entrou, olhando por sobre o ombro para o paciente que se retirava até que a porta voltou a fechar-se.

Voltou-se para o **cirurgião**:

- Bem, não posso dizer o que aconteceu apenas olhando para você. Qual foi a decisão dele?

O **cirurgião** inclinou-se sobre a mesa, escrevendo os últimos itens do seu relatório.

- O que você predisse. Insiste num ciber-coração metálico.

- Afinal de contas, são os melhores.

- Não tanto. Vêm sendo usados há muito tempo, só isso. É uma mania que caiu como uma praga sobre a humanidade, desde que os **Metallos** *tomaram-se cidadãos*. Os homens foram tomados pelo estranho desejo de se transformarem em **Metallos**. Anseiam pela força física e pela resistência associadas a eles.

- Mas tal desejo não é unilateral, doutor. Você não trabalha com os **Metallos**, mas eu sim. Os últimos dois que me apareceram para reparos solicitaram elementos fibrosos.

- E os obtiveram?

- Em um caso, tratava-se de fornecer tendões e não fazia muita diferença se fosse metal ou fibra. O outro desejava um sistema sanguíneo ou seu equivalente. Disse-lhe que não podia, isto é, não sem uma completa reconstrução da estrutura do seu corpo em material fibroso... Suponho que chegaremos a isso algum dia. **Metallos** que não serão realmente **Metallos**, inteiramente, mas compostos de carne e sangue.

- E você não se incomoda com a ideia?

- E por que deveria? E quanto a seres humanos metalizados também? Temos agora duas variedades de inteligência na Terra, e por que me preocupar com as duas? Deixemos que se aproximem uma da outra e, eventualmente, não saberemos dizer qual a diferença. O que deveríamos desejar? Temos o melhor de dois mundos: as vantagens do homem, combinadas com as do robô.

- Tudo o que vai conseguir é um híbrido - disse o **cirurgião** num tom que se aproximava da violência. - Obterá algo que não será ambos, mas nem um nem outro. Não é lógico supor-se que um indivíduo se orgulhe tanto da sua estrutura e da sua identidade que não possa vir a desejar que elas se diluam em alguma coisa estranha? Será que ele quer a hibridização?

- Isto é conversa de segregacionista.

- Então, que seja - e o **cirurgião**-acrescentou com ênfase, porém calmo. - Acredito em ser o que se é. Não trocaria uma parcela sequer da minha própria estrutura, por nenhuma razão. Se algo em mim exigisse, realmente, substituição, faria com que tal se realizasse do modo mais aproximado possível da minha natureza original. Eu sou eu mesmo. Contente de ser como sou. E de modo algum seria diferente.

Agora havia terminado, finalmente, e tinha que se preparar para a operação. Colocou as mãos fortes dentro do forno e deixou que atingissem o brilho rubro que as esterilizaria completamente. Com todas as suas palavras apaixonadas, a sua voz nunca se elevou e n**o seu rosto de metal brunido nunca houve (como sempre) o menor sinal de expressão.**